

A romantic couple in historical attire embracing. The woman is wearing a light-colored, possibly white, dress with a corset and a dark choker. The man is shirtless, showing his muscular build. They are in a close embrace, with the man's arms around the woman. The background is a soft, out-of-focus purple and pink hue.

GRH

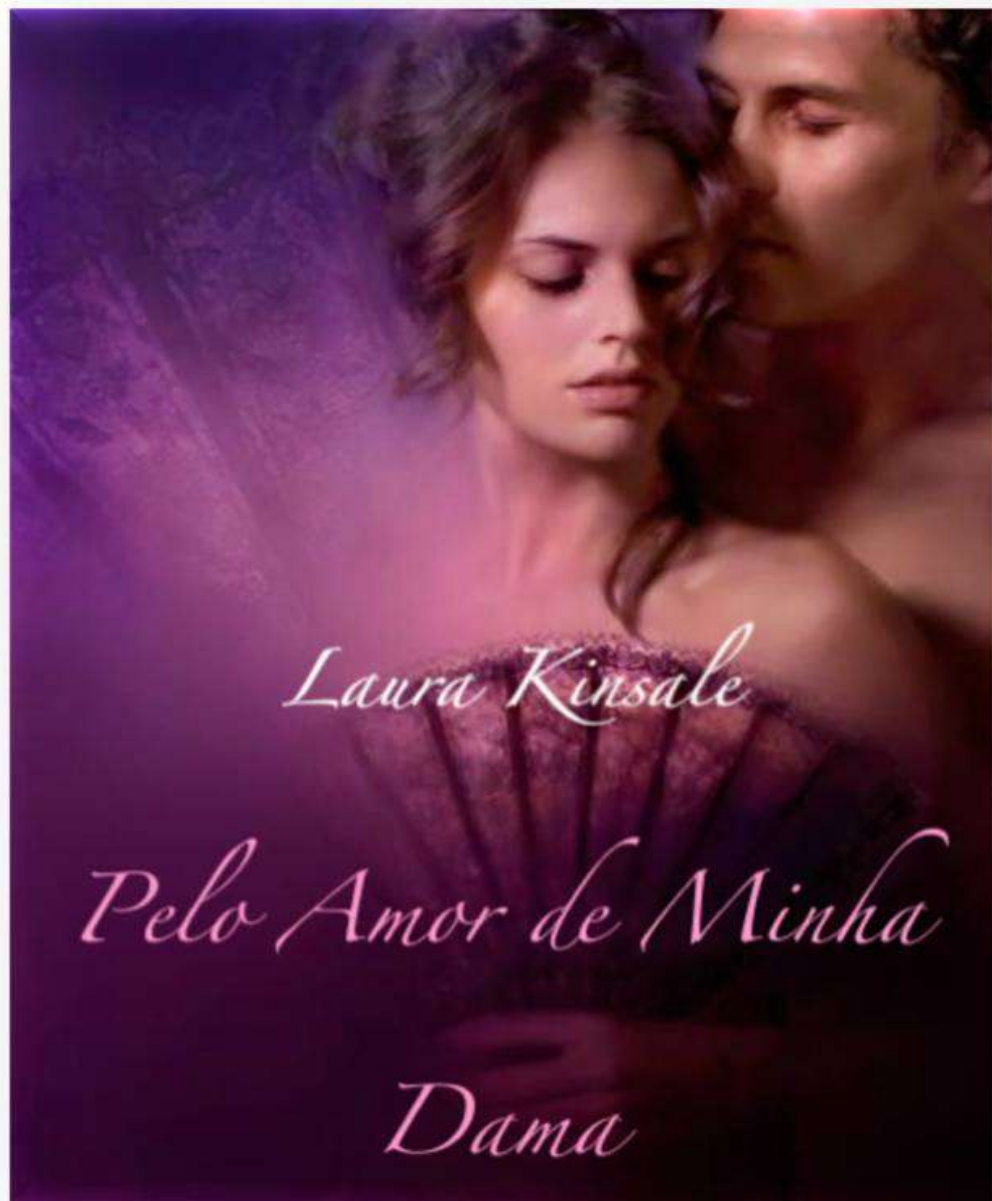
Romances Históricos

apresenta



Laura Kinsale
Medieval Hearts 1

Pelo Amor de Minha Dama



Tradução/Pesquisa: GRH
Revisão Inicial: Kelly
Revisão Final: Rosangela Breda
Leitura Final: Ana Júlia
Formatação: Ana Paula G.

Resumo

Um jovem cavaleiro empunhará sua espada para defender a honra de uma bela e misteriosa princesa – arriscando inclusive sua vida pelo amor que arde entre eles.

Ruck, um invencível cavaleiro inglês, esteve a ponto de perder a vida aos dezessete anos... Até que a princesa Melanthe, membro dos Monteverde, uma poderosa família italiana, resgatou-lhe. Desde esse dia prometeu a si mesmo que seria leal a sua salvadora. Mas Gian, o patriarca de outra poderosa família, os Navona, tinha planejado casar-se com Melanthe com o propósito de unir os dois reinos, e jurou matar a qualquer um que se interpusesse em seu caminho.

Treze anos mais tarde, Ruck volta a encontrar-se com Melanthe. Ela está fugindo de Gian e o belo cavaleiro jura protegê-la até que se encontre sã e salva. Muito em breve entre ambos nascerá um intenso amor que terá que superar muitos obstáculos para poder ter um final feliz.

Resenha Bibliográfica

Laura Kinsale

Cresceu em uma pequena cidade do sul do Arizona. Durante sua infância quis ser pintora, mas mais tarde se interessou pela geologia. Licenciou-se em ciências geológicas pela Universidade de Austen, Texas e trabalhou durante seis anos como geóloga. Converteu-se em escritora aos trinta e cinco anos. Atualmente ela, seu marido, David, e seus dois filhos vivem a cavalo entre a Santa Fé, Novo México e Texas.

A escritora Laura Kinsale foi galardoada com o prêmio que concede a Associação de Autores de Novela Romântica dos Estados Unidos -do qual foi finalista também em várias ocasiões- e é admirada pelas melhores escritoras deste gênero.

Esta assombrosa autora imprime em seus livros uma carga de emoção tão intensa que transpassa as páginas. Seus livros não são simples novelas românticas ao uso, a não ser autênticas joias. Seus personagens tão reais e vorazes, com suas virtudes e seus defeitos, acabam roubando o coração do leitor. Recria os cenários e as diversas épocas com tanta perfeição que nos inunda dentro da história sem esforço. Sem dúvida uma das melhores autoras que existem dentro da literatura.

Comentário Revisora Inicial Kelly

O enredo desse romance foi muito bem elaborado, com personagens que ou você ama ou você odeia principalmente a mocinha, que uma hora esnoba o mocinho, na outra ama, na outra foge dele, mas não a julguem, pois no final saberão o que ela sofreu e por que temia tanto amar a alguém. O mocinho é lindo, passa por maus bocados graças à mocinha com muito amor acaba espantando os fantasmas da mocinha e assim conquistando-a definitivamente.

Comentário Revisora Final Rosângela Breda

Eu achei este romance com um enredo muito bom no começo, ele é meio enrolado, mas você vai lendo e entendendo o mocinho é muito apaixonado pela mocinha chegou a fazer celibato por treze anos por ela. A mocinha foi muito sofrida, humilhada demais, mas sempre para protegê-lo e com medo de amar, mas no final tudo é amor com muito esforço dele. Eu gostei da leitura.

Comentário Leitura Final Carol

Bom, achei que o livro se enrolou e prolongou em alguns momentos, poderia ser menos em muitas partes, é um livro cansativo, dá muitas voltas, só no final é que te prende um pouco mais a atenção. Mas não deixa de ser uma história interessante. Não seria minha primeira escolha de leitura.

*Os bretões gentis daqueles tempos
De aventuras diversas fizeram contos.
Em primitiva língua rima lhes davam,
E ora ao som de instrumentos as recitavam,
Ou com sua leitura agradavam.
Gravada ficou uma em minha memória,
Em relatar a qual porei o empenho
Apesar de que eu, senhores, seja homem lerdo.
Para começar, suplico mostre clemência.
E com minha arruda língua tenham paciência.
Nunca aprendi retórica, é inegável;
O singelo de minha fala o fará evidente.*

Os contos de Canterbury de Geoffrey Chaucer

Prólogo

*... Onde luta e prodígio
aconteciam em qualquer parte,
alternavam sorte e pranto
de contínuo o acontecer.*

Sir Gawain e o Cavaleiro Verde

Os Peregrinos cravavam o olhar no céu e no arvoredo, ou uns nos outros. Onde fosse com tal de não fazê-lo na mulher da sarjeta. As companhias livres controlavam aqueles bosques e os chiados dela podiam despertar uma atenção não desejada. Enquanto a mulher se derrubava no sulco deixado pelos carros, esfregava o cabelo contra a terra e entre gritos e soluços recitava pias revelações, seus companheiros, com as costas apoiadas nas árvores, sentavam-se na sombra e compartilhavam uma terrina de cerveja morna.

Ouvia-se o remoto rugido de um trovão enquanto nuvens quentes cobriam os tenebrosos e intermináveis bosques da França. Estava em pleno verão do nono ano depois da Grande Mortandade, a Morte Negra. A umas varas de distância da chorosa mulher, sobre a elevação coberta de erva do centro do caminho, sentava-se um clérigo que se despojou das sandálias e sacudia o pó da planta dos pés; primeiro um e depois o outro.

De vez em quando, alguém olhava para o escuro arvoredo. A jovem tinha profetizado que seu grupo de peregrinos ingleses alcançaria Aviñón são e salvo e, apesar de que umas doze vezes ao dia caía prostrada em divino êxtase, e que o movimento de uma folha ou o brilho de um raio de sol eram suficientes para que caísse de joelhos entre lamentações, o certo era que não tinham visto o menor rastro nem tinham tido notícia dos bandos de malfeitores desde que ela se somou ao grupo em Reims.

—John Hardy! —chamou a jovem entre gemidos, e um homem a cujas mãos acabava de chegar à terrina olhou, consternado, a seu redor.

Bebeu um bom gole e disse:

—Não me incomode, irmã.

A mulher se incorporou até sentar-se.

—Pois claro que vou incomodá-lo, John Hardy! —passou a mão pelo bonito rosto juvenil, e seus olhos brilharam com fúria entre as poças de barro— Não tem moderação alguma com a cerveja, e Deus se sente ofendido.

John Hardy ficou de pé e bebeu outro gole longo.

—E você é uma juvenzinha ridícula, cheia de ridícula presunção. O que...

O estalo de um trovão e um alarido agudo e prolongado afogou suas palavras. A devota moça se deixou cair ao chão de novo.

—Aí o tem! —gritou— Não ouviste a voz de Deus? Eu sou a profetisa! Nosso Senhor te tem feito uma advertência: bebe algo que não seja água pura e você enfrentará à condenação eterna, John Hardy!

Nuvens baixas carregadas de chuva cobriram o céu e projetaram uma sombra esverdeada sobre o rosto da jovem, que se tornou para trás com sobressalto quando uma gota solitária a golpeou.

—É seu sangue! —beijou a palma de sua mão — Apreciado sangue!

—É só que nos alcançou a tormenta, mulher insensata! —John Hardy se voltou para o resto com veemência— «Sou profetisa!» — imitou zombador a voz da mulher em tom agudo e agitado— Que me crucifiquem se não temos uma herege entre nós! Vou procurar proteção, aqui acabaria me afogando. Quem está comigo?

Todos os presente ficaram fortemente ao seu lado. Enquanto se dispunham a partir, a jovem repetiu a gritos os pecados de cada um dos membros do grupo, segundo Deus lhe tinha revelado: a falta de moderação de John Hardy, as risadas e brincadeiras ímpias da senhora Parke, os desejos pecaminosos do clérigo, e o consumo de carne em sexta-feira de Thomas Ou'Linc.

Os acusados fizeram caso omissivo de suas palavras, agarraram os compridos extremos bicudos que rematavam seus capuzes e atearam os objetos à cabeça quando a chuva começou a cair com força. O grupo iniciou a marcha sob o repentino toró. A mulher poderia haver-se unido ao mesmo sem problemas, mas ficou na sarjeta e continuou lançando gritos.

Em meio da penumbra e os trovões, a cortina de chuva começou a formar regatos no caminho. Os gritos da jovem não cessavam e suas mãos se alargaram para o caminho vazio. A última silhueta cinza de um dos atrasados do grupo desapareceu após dobrar a curva.

Uma figura apareceu dentre as sombras das árvores. O jovem cavalheiro se aproximou da sarjeta e alargou a mão. A chuva lhe esmagava o negro cabelo e pregava a roupa folgada de peregrino a seus ombros e a suas costas, revelando a cota de malha metálica que levava debaixo.

—Não me escutaram — disse a jovem entre soluços— Não me fizeram conta!

—Afugentaste-os, Isabelle — disse o jovem em tom apagado.

—É por sua maldade! Não me prestam atenção! Eu estava tendo uma visão, como Santa Gertrudes.

O cavalheiro não afastou a mão coberta pela manopla, sobre a que brilhavam gotas de chuva.

—Terminou já?

—Certo, terminou — respondeu ela com irritação, e permitiu que a ajudasse a levantar-se.

Saiu da sarjeta, deixando atrás um dos sapatos. O cavalheiro se ajoelhou, sua malha rangeu fracamente, e resgatou o couro empapado do atoleiro que já estava se formando no meio do barro. A jovem se apoiou em seu ombro e retorceu com força o pé até introduzi-lo no escarpam. Alisou as úmidas rugas do couro sobre o tornozelo e sua mão repousou um momento sobre a panturrilha da jovem, que afastou a perna imediatamente.

—Disso nada, senhor!

O jovem levantou o rosto e a olhou. A chuva deslizava pelas escuras sobrancelhas bem desenhadas e salpicava de gotas as negras pestanas. Apesar de que contava tão só dezessete anos, já levava cicatrizes de batalha no corpo, embora nenhuma se apreciasse em seu rosto voltado para a jovem. A água escorregava pelo rosto e perfilava sua boca firme e o sombrio olhar de seus olhos verdes. A moça se separou dele com brutalidade.

—Se me olhar de forma tão vil, senhor, acreditarei que é mesmo o Satanás.

Sem pronunciar uma palavra, o jovem ficou em pé e ajustou a espada que levava no cinto, antes de afastar-se para seu cavalo baio que permanecia pacato sob as árvores. Depois aproximou o garanhão até onde se encontrava a jovem.

—Quer montar?

—O Senhor me ordenou que fosse a pé até Jerusalém.

—suba —insistiu ele— até que nos reunamos de novo com o grupo.

—Seria maldade de minha parte montar. Tenho que ir caminhando.

—Este bosque já esconde maldades suficientes — replicou ele com aspereza— Não quero que continuemos sozinhos por ele.

—«*Não sinta temor ao atravessar o vale das sombras e a morte*» — recitou a moça ao tempo que o agarrava pela mão. Caiu de joelhos sobre o chão empapado e sua roupa molhada desenhou o contorno feminino de seus seios— Ajoelhe-se comigo. Vejo a Virgem. Sua luz se derrama sobre nós. Ah... Doce luz divina! —Fechou os olhos e levantou o rosto. Suas lágrimas começaram a mesclar-se com as gotas da chuva.

—Isabelle! —gritou ele— Não podemos permanecer sozinhos aqui! Pelo amor de Deus, te mova já!

Agarrou-a pelo braço e a obrigou a levantar-se; logo, fazendo uso de toda sua força e apesar de que ela resistia, depositou-a sobre a cadeira de montar. A jovem começou a dar chiados e suas pernas molhadas ficaram ao descoberto ao deslizar-se entre as mãos enluvadas dele. O cavalo relinchou e a moça caiu ao chão ao outro lado. O jovem puxou as rédeas e evitou por muito pouco que o garanhão a pisoteasse quando tratou de fugir.

A moça jazia inerte sobre a erva. Quando ele se deixou cair de joelhos a seu lado, girou-se sobre as costas fracamente e começou a gemer.

—Senhora! —inclinou-se sobre ela— Isabelle, querida minha, está ferida?

A jovem abriu os olhos e dirigiu o olhar ao longe.

—Tão doce. Tão maravilhosa e doce é essa luz.

A chuva limpou o barro de seu rosto. Os belos olhos azuis tinham um olhar sonhador, as pestanas estavam pegadas pela umidade, um leve sorriso dançava em seus lábios. O capuz da capa de peregrino se abriu com a queda e mostrava a lisa curva do pescoço. O homem ficou imóvel um momento sobre ela, olhando-a.

Isabelle voltou os olhos imediatamente para ele. Separou-o de si de um tranco e ficou em pé de repente.

—Tem pensamentos pecaminosos! Meu amor é só para Deus nosso Senhor.

O jovem cavalheiro se levantou imediatamente. Agarrou o cavalo com uma mão e a jovem com a outra, e puxou ambos de uma vez.

—Suba! —ordenou e mostrou os dentes com tal ferocidade que a jovem, aterrorizada, agarrou o estribo.

—Não quero — disse tratando de afastar-se.

—Fá-lo-á tanto se quiser como se não! —Levantou-lhe o pé, pegando-a despreparada, e a subiu no arreio. A moça soltou um gemido ao cair de nádegas sobre o alto da sela de combate e se segurou freneticamente com as mãos enquanto ele fazia dar a volta ao cavalo, que parecia espantado. O garanhão, com o pescoço erguido e as negras crinas desordenadas sobre a pelagem, obedeceu-lhe. O cavalheiro puxou o animal pela borda do caminho, através da erva molhada e o barro. Deteve-se; com gesto tenso afastou seu rosto da moça e, olhando a chuva, disse— Eu não sou mesmo Satã. Sou seu marido em santo matrimônio, Isabelle.

—Eu estou desposada com Cristo — disse ela com tranquilidade— E frequentemente te revelei a verdade, senhor. Fez uso de mim contra minha vontade, e da vontade de Deus.

Ele ficou imóvel, com o olhar perdido na lonjura.

—Passaram seis meses — disse com frieza— E em todo esse tempo não foste uma verdadeira esposa para mim.

A voz da jovem se adoçou um pouco.

—Se com esse fim me utilize de novo, será sua morte, marido, tal como te profetizei uma vez.

O cavaleiro continuou a marcha. O cavalo escorregou, chapinhou em um atoleiro e a água salpicou a roupa folgada do jovem, que se pegou a malha metálica que lhe protegiam as pernas. A chuva começou a cair em grossas gotas. O granizo golpeou os ombros e pedrinhas do tamanho de ervilhas ricochetearam em sua negra cabeleira.

Da garganta do cavaleiro saiu um som inarticulado e puxou o cavalo até a borda do bosque, onde se deteve sob uma enorme árvore. Isabelle e o animal encontraram proteção sob um dos ramos de maior tamanho e ocuparam todo o espaço disponível; ele ficou só com as folhas empapadas que penduravam sobre sua cabeça por todo escudo frente ao granizo.

A jovem iniciou uma exortação sobre os pecados da carne e descreveu com toda minuciosidade uma visão do Inferno que recentemente tinha tido. Daí passou a falar de uma revelação de Jesus na Cruz; conforme assegurou, Deus lhe tinha feito saber que a sua era superior em nitidez a uma imagem similar descrita por Brígida da Suécia. Quando uma parte de granizo do tamanho de uma noz se estrelou contra seu crânio, o cavaleiro soltou uma maldição e arrancou o elmo da cadeira de um puxão.

Isabelle o reprovou aquela linguagem ímpia. Ele colocou o elmo cônico e deixou cair à viseira de repente. Apoiou-se no tronco com um lúgubre som metálico: tão só uma armadura sem rosto, imóvel e silenciosa, enquanto sua mulher relatava uma parábola de sua própria invenção em que um homem que fazia uso de maldições ímpias era condenado a permanecer no Inferno para sempre, em companhia de uns ferozes ratos que lhe devoravam a língua durante toda a eternidade. O som metálico do granizo ao cair sobre o aço compunha uma melodia desafinada.

Isabelle tinha terminado a parábola e tinha passado a predizer a classe de animálias com as que iam encontrar-se uma vez que estivessem entre os infiéis, quando a tormenta começou a dissipar-se, deixando o bosque e o campo de erva cobertos por vapores verdes e cinzas. A luz iluminou as sarjetas cheias de água com brilhos

chapeados. O granizo que cobria a folhagem começava já a fundir-se. O cavaleiro se despojou do elmo e tratou sem êxito de secá-lo com a túnica. Sem dizer uma palavra, separou-se da árvore e pôs-se a andar de novo, levando o cavalo através dos pequenos lagos formados na borda enquanto suas esporas se enredavam na erva enlameada.

Um ligeiro bafo desprendia das ombreiras de sua armadura. Isabelle se agarrou à túnica empapada e a separou da pele o quanto pôde sem deixar de falar. Estava descrevendo a estado de sua alma com considerável detalhe quando ele se deteve de repente e se voltou para ela.

Um raio de sol o iluminou e dissipou as sombras de tristeza de seu rosto. Olhou-a, jovem e sério, e pôs freio a sua eloquência.

—Isabelle, me diga uma coisa. —interrompeu-se e lhe dirigiu um intenso olhar— Se nos atacassem os bandidos neste momento e o preço que pusessem a minha vida fosse... —a juventude desapareceu de seu rosto e foi substituída por uma expressão grave— fosse este: que me aceitasse de novo em seu leito como marido, o que faria? Permitiria que me matassem?

A jovem contraiu os lábios.

—Que vão conto é esse?

—Diga o que de verdade sente seu coração — insistiu ele — Minha vida em troca de sua castidade expressa. O que terei que fazer?

A jovem o olhou com irritação.

—É um pecador, Ruck.

—A verdade! —gritou ele com paixão— É que não fica nem um mínimo de amor para mim?

O bosque devolveu o eco de suas palavras, chamariz mais que suficiente para os bandidos, mas ele ficou à espera, rígido, com a mão na brida.

A jovem começou a balançar-se brandamente e levantou os olhos para as brilhantes nuvens.

—Sinto-o — disse com doçura— Meu amor por você é inquebrável, esposo meu, mas seria preferível ter que contemplar como o matam ante mim que deixar-se arrastar de novo há algo tão repugnante aos olhos de Deus.

Ele não afastou o olhar da jovem. Cravava os olhos nela sem pestanejar, o corpo rígido como se fosse de pedra.

Isabelle sorriu e alargou a mão até tocar a sua.

—A Revelação chegará a ti.

Agarrou-lhe os dedos e os prendeu entre os seus, apertando-os com força com a mão coberta pela manopla.

—Isabelle — disse com voz quebrada.

A jovem se benzeu com a mão livre.

—Façamos voto de castidade os dois juntos. Amo-te encarecidamente, igual uma mãe ama a seu filho.

Ele a soltou. Por um momento, olhou aturdido ao seu redor, como se fosse incapaz de decidir o que fazer. Continuando, bruscamente, começou de novo a andar e puxou em silêncio o cavalo.

A fresca brisa depois da tormenta lhe revolia o cabelo, secando-o e alvoroçando-o sobre as orelhas. O ar se deteve um instante, brincalhão.

O cavalo ergueu a cabeça e as narinas se alargaram.

O cavaleiro ficou alerta. Deteve-se e levou a mão ao punho da espada. O animal plantou os cascos na terra e farejou agitado o vento, com o olhar cravado na curva diante deles, onde o caminho entrava no espesso bosque.

Só se ouviam o silêncio e a brisa.

—O Senhor está conosco — disse Isabelle em voz alta.

Não obteve resposta. Não voaram as flechas nem nenhum inimigo escondido se lançou sobre eles.

—Ponha-se atrás da sela

O cavaleiro cobriu a cabeça com o elmo e lançou as rédeas por cima das orelhas do cavalo. Quando Isabelle se afastou sobre a cadeira para lhe deixar lugar, ele montou. A

jovem rodeou sua cintura com os braços. Com a espada em alto, Ruck cravou as esporas no nervoso garanhão lançou à corrida com um grito de guerra que revelou entre as árvores. O cavalo galopou pelo caminho, levantando água com os cascos, e rodeou a curva quando o retumbante grito de batalha do cavaleiro alcançava seu ponto gélido.

A cena que apareceu ante seus olhos foi apenas uma chama de barro tingido de vermelho, a visão instantânea de um açougue quando o cavalo esquivou o primeiro cadáver com um grande salto. O animal tentou sair disparado dali, mas o cavaleiro o obrigou a deter-se entre cambalhotas em meio daquela quietude.

Não pronunciaram palavra alguma enquanto o cavalo, preso da agitação, descrevia círculos sem cessar. Os corpos inertes de seus anteriores companheiros de viagem giraram ante seu olhar outra vez, seus pálidos rostos destacavam entre uns sulcos de cor vermelha carmesim que eram mais recentes que a chuva.

Isabelle se atou contra ele.

—Deus nos salvou — disse com voz entrecortada— Promete imediatamente, ante Jesus nosso Salvador, que viverá em castidade!

O cavaleiro puxou com força as rédeas e se inclinou para procurar sinas de vida enquanto o animal saltava com ritmo nervoso e seus cascos chapinhavam na erva molhada e o sangue. Os saqueadores tinham feito um trabalho minucioso.

—Pelo sangue de Cristo, mataram-nos faz apenas um instante. —Sua voz soou tensa enquanto esquadrinhava o sombrio bosque que se abatia sobre eles— Os bandidos acabam de fugir.

Fez girar ao cavalo, mas ao chegar ao limite do claro o obrigou a voltar de novo para a horripilante cena, como se o momento que a tinha contemplado não tivesse sido suficiente para que lhe resultasse acreditável.

—Morreram sem confissão — sussurrou Isabelle e murmurou uma prece. Não lhe tinha soltado o braço em nenhum momento, nem sequer para benzer-se— Agora jura que, em agradecimento à Divina Misericórdia por ter preservado nossas vidas, manter-se-á casto para sempre.

O jovem cavalheiro respirava com dificuldade e teve que forçar o ar entre os dentes enquanto contemplava os restos da senhora Parke.

—Juro-o — disse.

Fez girar o cavalo com um puxão das rédeas e lhe fincou as esporas para obrigá-lo a sair ao galope caminho abaixo e salvar assim suas vidas.

Aviñón lhe resultou intimidante e repulsivo. Naquelas ruas sujas e sufocantes, ao pé do palácio do Papa, esperou com estoicismo a que Isabelle acabasse de rezar em voz alta ante uma relíquia da Cruz. A costas dela, uma rameira cheia de grãos o fazia gestos; adotava posturas licenciosas na soleira da porta, as mãos unidas em gesto de brincadeira, e umedecia os escuros lábios com a língua enquanto Isabelle chorava de joelhos naquele chão imundo. Sua esposa, como ele sabia por experiência, mal tinha iniciado suas amostras de devoção quando o desdentado portador da sagrada relíquia se impacientou e, em um inglês cruamente descritivo, exigiu-lhe que a comprasse ou se fosse dali. A rameira soltou uma gargalhada ao ver a expressão horrorizada de Isabelle; Ruck a olhou com cara de poucos amigos e apoiou a mão no ombro de sua esposa com mais delicadeza da que teria mostrado em outras circunstâncias.

—Não preste atenção a estes hipócritas —disse— Vem.

Isabelle ficou de pé a tropeções e se manteve pega a ele, em um estranho silêncio, enquanto abriam passo entre a multidão.

A sombra do palácio se projetou sobre eles; um muro enorme se elevava sobre as estreitas ruas pavimentadas, interrompido por frestas em forma de cruz pelas que se podiam disparar os arcos, e com ameias defensivas no alto das fortificações. O corpo de Isabelle se apertou contra o seu. Ele a rodeou com o braço e deu um tranco a um robusto frade que tentou afastá-la com o cotovelo ao passar.

Sentiu-a fresca e suave sob sua mão. Ele tinha um mormaço sob a cota de malha, mas não se atreveu a despojar-se da armadura e deixá-la sem vigilância enquanto acompanhava de uma capela a outra a Isabelle, que beijava ossos de Santos e se ajoelhava diante imagens da Virgem entre lágrimas e gritos que ressonavam nos

sepulcros. Agora, aquela nova atitude da jovem, que se aconchegava contra ele e se deixava rodear pelo círculo de seu braço, como acostumava a fazer antes, fazia que lhe resultasse mais difícil manter uma atitude piedosa.

Tratou de reprimir os pensamentos lascivos. Embora não tinha tanta facilidade para fazê-lo como Isabelle, ficou a rezar enquanto se uniam ao rio de devotos que subiam pela costa que levava até a entrada do palácio. Ela sempre tinha sido muito faladora; aquela sua voz era o primeiro que lhe tinha chamado a atenção no mercado de Coventry: a bonita voz da preciosa filha de um burguês, de risada contagiosa, cujo sorriso tinha feito que fraquejassem as pernas. Ficou atônito quando conseguiu ganhá-la sem outra coisa que aqueles planos e sonhos dos que ele se alimentava como se de carne e pão se tratasse.

Mas tão só desfrutaram do leito e dos beijos durante umas poucas semanas, nas que Isabelle se mostrou tão amorosa e disposta como estava ele, antes que o exército do rei o reclamasse e o enviasse a França. Quando retornou, depois de ter sido renomado cavaleiro no campo de batalha de Poitiers, com um prometedor futuro ante si, triunfante e desejoso de esquecer de si mesmo e daquele açougue entre os tenros e puros braços de sua esposa, descobriu que Deus tinha permutado em profecias aquele incessante falatório da jovem.

Durante sete noites conseguiu seus propósitos, face aos choros, face às rezas e as súplicas, face aos protestos, mas quando ela recorreu aos gritos, Ruck se deu conta de que aquilo era mais do que podia suportar. Ocorreu-lhe que talvez devesse lhe pegar como tinha aconselhado seu sogro. Não tinha faltado vontade de açoitá-la e inclusive de estrangulá-la quando ela se entregava a exortações pias... Mas então, lhe implorou que a levasse de peregrinação através daquele montão de ruínas que agora era a França. E aqui estava sem saber muito bem se era assim pela vontade de Deus ou pela da jovem, mas com a única certeza de ter o coração transbordante de lascívia e o corpo inflamado de desejo.

Entraram no palácio através de um arco, debaixo de duas torres cônicas, e passaram a um imenso pátio, muito maior que o de qualquer outro palácio que ele nunca tinha

visto, cheio a transbordar de mendigos, clérigos e viajantes encapuzados. Os clérigos e as pessoas de mais categoria pareciam saber aonde encaminhar-se; os simples peregrinos como eles ou perambulavam sem rumo, desconcertados, ou se somavam a uma procissão que dava a volta duas vezes ao perímetro do pátio e terminava em um grupo de clérigos e escrivães.

Isabelle começou a tremer entre seus braços. Sentiu que os ossos da jovem se dissolviam até livrar-se de seu abraço para cair sobre o pavimento a seus pés, enquanto centenas de pares de pés passavam sem cessar a seu lado. Quando o lamento da jovem se elevou por cima do ruído, a gente começou a deter-se.

Ruck estava se voltando imune a aquilo. Até começava a apreciar as vantagens que lhes proporcionava: não tinha transcorrido nem um quarto de hora quando uma das autoridades eclesiásticas lhes tinha aberto passo através dos fiéis de inferior categoria até uma grande estadia abobadada, cheia de colunas, que se encontrava abarrotada de gente.

O eco ensurdecedor de um discurso o ensurdeceu. O teto sobre ele era arqueado, estava coberto de brilhantes estrelas douradas sobre um fundo azul e decorado com figuras que sustentavam manuscritos nas mãos. Ruck reconheceu a San Juan e aos vinte profetas. Seus olhos não se separavam das alturas, atraídos pelo resplendor dourado e as vivas cores. De repente, o clérigo o empurrou e foi cair sobre um banco. Isabelle lhe dirigiu um olhar por cima do ombro, com a mão estendida para ele e a boca aberta, enquanto ela e seu acompanhante desapareciam engolidos pela multidão.

—Isabelle! —Ruck se levantou de um salto e abriu caminho a empurrões atrás deles. Em mais de uma ocasião a tinham acusado de herege por seus sermões. Tinha que permanecer a seu lado para explicar o comportamento da jovem aos suspicazes e desconfiados.

Depois de abrir passo com tropicções, chegou até um espaço grandioso e se encontrou em meio de um círculo de clérigos com elegantes vestimentas. O escriba, com hábito, levantou o olhar de seu posto no suporte de livro com cara de poucos amigos; o demandante, de joelhos ante o pódio, interrompeu sua petição e se voltou para ele.

Entre reverências, Ruck se afastou a toda pressa do improvisado tribunal, deu a volta, ergueu-se em toda sua altura (tirava uma cabeça à maioria) e esquadrinhou a lotada assembleia, mas Isabelle tinha desaparecido. Um guardião o obrigou a deter-se junto a uma das portas laterais; fingiu que não entendia o francês do jovem e com insolência assinalou os bancos. Ruck o olhou com expressão segura e repetiu suas palavras em um tom que foi subindo cada vez mais até acabar em um grito. O guardião fez um gesto obsceno com um dedo e de novo assinalou os bancos com um movimento de queixo.

Com a extremidade do olho, Ruck vislumbrou uma brilhante explosão de cor. Inconscientemente voltou o rosto, como se lhe tivesse alcançado o resplendor de um espelho. A seu redor se abriu um espaço e a borda do mesmo, a uma distância de duas lanças, deteve-se uma dama.

Seu olhar posou sobre ele e o sentinela como se fossem dois cães de ruas em plena briga. Uma princesa, ou inclusive possivelmente uma rainha, a julgar pela riqueza de seus adornos e das joias que usava, rodeada de um séquito de homens e mulheres, isolada em meio da multidão como um resplendor silencioso que cintila entre as sombras.

Fria... E quando o percorreu com o olhar, Ruck sentiu em todo o corpo uma labareda que era cálida e gélida de uma vez.

Ruck fincou um joelho e inclinou a cabeça. Quando a levantou de novo, o espaço aberto se fechou, mas ainda podia vê-la rodeada de seus cortesões, que davam a impressão de encontrar-se à espera, como todos os outros, enquanto conversavam entre eles. Um dos homens olhou Ruck e arqueou uma sobrancelha com desprezo antes de lhe dar as costas.

Ruck se recuperou e se sentou no banco junto ao guardião, mas foi incapaz de afastar o olhar da dama. Ao princípio tratou de fixá-lo nas colunas e nos animais ali esculpidos, nos outros peregrinos, em um sacerdote que passava, mas sem deixar de lançar olhadas repetidas vezes para ela; entretanto, nenhum membro daquele grupo voltou a lhe olhar.

Oculto pela multidão e as pessoas que entravam e saíam pela porta, permitiu-se examiná-la livremente.

Levava no punho, com a mesma indiferença que se o salão do Papa fosse uma reserva de caça, um falcão branco com capuz. A brancura de seu pescoço e seus ombros destacava sobre o vestido de cor verde jade, de uma feitura que ele jamais tinha visto antes: com um decote profundo, apertado à cintura e aos quadris, sem a dissimulação de uma sobre veste em cima, bordado de cima abaixo com libélulas chapeadas, cada uma das quais tinha um par de esmeraldas por olhos, de maneira que as dobras cintilavam cada vez que ela fazia um movimento. Pendurada do cinturão levava uma adaga de marfim lisa com incrustações de malaquita e rubis. Largas mangas chapeadas, que levavam um emblema em verde e prata que Ruck foi incapaz de reconhecer, caíam-lhe dos cotovelos até o chão. As tranças se adornavam com laços verdes com o mesmo emblema, sobre um cabelo tão negro como um céu de tormenta, recolhido no alto como a coroa de um diabo.

Cravou a vista em suas mãos, porque não suportava olhar aquele rosto durante muito tempo e não se atrevia a estudar aquele corpo pelo efeito violento que causava no seu. Na manopla e o capuz do falcão, cobertos de pedraria como o resto de sua pessoa, reluziam umas esmeraldas incrustadas em prata. A dama acariciava o peito do pássaro com seus níveos dedos e, a uma distância de quatro varas, ele sentiu aquela carícia suave e continuada como se fosse uma ferida mortal que sangrasse aberta em seu peito.

A dama se voltou para alguém e levantou uma mão para segurar o véu de gaze verde que da coroa de tranças caía sobre os ombros, em um gesto tão feminino e delicado que Ruck sentiu que se apropriava dele, julgava-o e o condenava a uma autêntica agonia de desejo. Era incapaz de afastar os olhos daquela mão que gravitava nas proximidades dos lábios, e advertiu o tênue sorriso que dirigia a suas damas de companhia, tão fria, tão gélida... Ela era como o gelo; ele estava em ebulição. Era incapaz de abranger seu rosto. Mal sabia se era bonita ou comum. Naquele momento teria resultado impossível descrever seus traços, da mesma forma que não teria podido olhar ao sol diretamente e descrevê-lo.

—Marido! —A voz de Isabelle o sobressaltou. Estava ali, agarrou-o pela mão e ficou de joelhos junto ao banco— O bispo me falou esta manhã, escutou minha confissão e conversamos como dois servidores do Senhor. —Seus olhos azuis cintilavam enquanto apertava um documento de que penduravam selos de lacre— Falei-lhe de ti, Ruck, contei-lhe que foi meu bom e fiel protetor, e te roga que vá também ante ele para confirmar seu solene voto de castidade em nome de Jesus e da Virgem Maria.

Isabelle insistiu em que se despojasse da armadura para sua entrevista com o bispo. Aquele acanhamento que tinha mostrado brevemente, aquele apertar-se contra Ruck em busca de amparo, tinha desaparecido. Passou toda a noite sentada rezando; só se detinha para descrever com multidão de detalhes seu triunfo depois do exame ao que a tinham submetido clérigos e autoridades. Tinham ouvido falar dela, quão longe tinha chegado sua fama! E desejavam fazer certas comprovações, até ficar convencidos de que suas visões eram divinas. Tinham-na submetido à infinidade de perguntas, mas ela tinha sabido qual era a resposta adequada em todo momento, e inclusive tinha chegado a questionar alguma delas e tinha visto um engano em sua ortodoxia no concernente ao Evangelho de Santiago.

Ruck a tinha escutado com um profundo desassossego interior. Era incapaz de imaginar que aqueles arrogantes presbíteros, com suas resplandecentes vestimentas e suas lituânias em latim, deixaram-se convencer por sua esposa. Isabelle atraía certo número de seguidores, mas de mente similar à sua, com inclinação para o êxtase e as torturas espirituais. E ele não tinha visto um só clérigo naquele lugar que desse sinais de estar mais interessado no êxtase sagrado que em um bom jantar.

Ele tinha dormido a momentos, sonhando com falcões e corpos femininos, e tinha despertado completamente excitado. Durante uns instantes tinha procurado Isabelle com as mãos, depois tinha aberto os olhos e a tinha descoberto de joelhos ante a janela, junto a uma almofada. As lágrimas deslizavam silenciosas por suas bochechas. Tinha um aspecto tão radiante e ansioso, com os olhos elevados ao céu do amanhecer e as mãos unidas com força, que se sentiu impotente. Desejou que o bispo concedesse o que ela desejava até a santidade se assim o pedia.

Inquietava-lhe aquela entrevista. Tinha o mesmo medo de quem jamais se viu em uma batalha; sentia-se como se enfrentasse à execução. Enquanto o voto tinha sido privado, entre ele e Isabelle, não tinha parecido de tudo real. Sempre ficava o futuro; havia circunstâncias atenuantes; não tinha pronunciado com clareza as palavras daquele juramento. Ela podia trocar de ideia. Nenhum dos dois era ainda muito velho. As mulheres eram imprevisíveis, e isso se sabia com certeza. Deveria ter aguentado os gritos e lhe haver feito um filho. Deveria haver dito que as mulheres decentes ficavam em casa e não arrastavam a seus maridos pela face da terra em busca de sua canonização. Contemplo aquelas lágrimas piedosas, a seu amor, a sua doce Isabelle, ele também sentiu desejo de tornar-se a chorar.

Ao chegar ao grande salão de audiências o informaram que devia esperar, de que unicamente se requeria a presença de Isabelle. Um corcunda alargou a mão para ele, apoiado em uma bengala, e Ruck depositou nela uma moeda. Em troca obteve um silencioso gesto de assentimento.

Esteve ali sentado toda a manhã, sentindo-se nu em sua veste de couro e sem a armadura, tragando o medo e o desespero. Não tinha forma de descobrir o que acontecia, a não ser que desmentisse suas próprias palavras e se revelasse em público como uma testemunha falsa ante um bispo da Igreja. E o que era ainda pior, tinha medo de que lhe estendessem uma armadilha, de que o confundissem com questões religiosas e lhe fizessem dar mais voltas que a uma penosa, como fazia Isabelle, até o fazer prometer algo que eles desejassem.

Três clérigos vieram buscá-lo. Levantou-se e os seguiu através de corredores, e escada acima, até entrar em uma estadia quadrada de tetos altos. O sangue zumbia nos ouvidos. Antes de seguir os clérigos com a cabeça descoberta e agachada, teve uma sensação de silêncio e intensa cor, de afrescos nos muros e de muita gente vestida com cores vivas. Ajoelhou-se ante o bispo sem olhar sequer ao homem à cara.

—Sir Ruadrik d'Angleterre. —A modulada voz falou em francês. Umas suaves chinelas e a prega dourada de umas vestimentas vermelhas e brancas era quão único

Ruck conseguia a ver— É vontade sua que sua esposa tome os hábitos e o anel e viva em castidade de agora em diante?

Ruck contemplou as chinelas. Os hábitos. Levantou o olhar até a altura dos joelhos do bispo. Isabelle jamais tinha mencionado tomar...

É que ia abandoná-lo? A entrar em um convento?

—Jurou-o. —A voz ardente de Isabelle reverberou nos altos muros. Falou em inglês, mas as palavras em francês do intérprete se ouviram como um eco entre os murmúrios.

—Silêncio, minha filha — disse o bispo— É seu marido quem deve falar.

Ruck notou que todas as olhadas se posavam sobre ele, as de toda uma multidão de estranhos a suas costas. Não se tinha preparado para algo assim. Sentiu como se uma enorme mão apertasse sua garganta.

—Compreendeste-me, sir Ruadrik? É desejo de sua esposa fazer voto de castidade e retirar-se a uma vida contemplativa. Podemos-la enviar ao convento das franciscanas de Saint-Cloud, se é que lhe preocupa seu destino.

—Ao Saint-Cloud? —repetiu mecanicamente. Levantou o olhar e se encontrou com que o bispo o contemplava com ar inquisitivo.

—Entende o francês? —perguntou o prelado.

—Assim é, seu muito ilustre — respondeu Ruck.

O bispo assentiu em sinal de aprovação.

—Como disse são Pablo aos Coríntios: *«A mulher não é proprietária de seu próprio corpo: é o marido; e igualmente o marido não é dono de seu próprio corpo: é a mulher»* — entoou — É necessário que receba seu consentimento para fazê-lo. É sua vontade, meu filho, que sua esposa faça os votos de castidade?

Estavam solicitando sua permissão. Podia dizer que não. Voltou à cabeça e ali estava Isabelle de pé, retorcendo as mãos, soluçando como tinha feito à alvorada, suplicando em silêncio.

Isabelle. Meu amor.

Imaginou negando-se, retendo-a à força; imaginou acessando, perdendo-a para sempre.

Da garganta da jovem escapou um profundo gemido, como se estivesse agonizando, e elevou as mãos para ele em gesto de súplica.

Ruck separou dela o olhar e inclinou a cabeça.

—Sim, seu muito ilustre — disse com voz áspera dirigindo-se às chinelas e à prega dourada.

O bispo se inclinou. Ruck entrelaçou as mãos e as depositou nas do prelado, selando assim seu consentimento. Já não tinha esposa. Não uma verdadeira esposa. Não sabia se seguia ou não casado.

—Pode se levantar, meu filho — anunciou o bispo.

Ruck ficou em pé. Fez gesto de inclinar a cabeça e retirar-se, mas o prelado elevou a mão.

—Sir Ruadrik, crê que as visões desta mulher as concedem Deus? —perguntou com doçura.

—Assim é muito ilustre — Ruck se assegurou de responder com voz firme. A qualquer outra resposta, pensou, poderia dar-se a volta e decidir que as inspirava o Inferno.

—Por essa razão a segue?

—É minha esposa — disse Ruck, e a seguir notou que se ruborizava— O era. Muito ilustre, não podia deixar que fosse tão longe sozinha.

—Não lhe exigiu que ficasse em casa e desse amostras de recato?

Ruck se sentiu envergonhado, incapaz de reconhecer que lhe tinha resultado impossível impor sua vontade a sua própria esposa.

—Suas visões a guiam — disse com desespero— É a esposa do Senhor.

Um profundo silêncio seguiu a suas palavras. Sentiu que riam dele por oferecer aquela desculpa.

—Fez solene voto de castidade ante ela há umas cinco semanas, quando vinham de Reims?

Ruck contemplou impotente ao bispo.

—Em obediência às visões desta mulher — repetiu o bispo com insistência— mantiveste-lhe casto no matrimônio?

Ruck inclinou a cabeça.

—Assim é seu muito ilustre — murmurou.

—Eu não acredito assim — disse uma voz feminina— Não é casto. É um adúltero.

Ruck ficou gelado ante a inesperada acusação.

—Não. Não sou... —A firme negação morreu em seus lábios quando, ao voltar-se, descobriu à dama do falcão a menos de uma vara de distância.

A dama se aproximou e o examinou de cima abaixo com um olhar por cima do ombro, ao tempo que dedicava uma ameaça de reverência ao bispo. Seus olhos eram claros; não de um azul perfeito, mas o reflexo do tom lilás do vestido os favorecia e umas negras pestanas lhes davam sombra. Dava a impressão de não ter uma idade determinada; era tão jovem como Isabelle, e tão anciã como a iniquidade. As esmeraldas cintilavam no capuz do falcão.

Ruck sentiu que o rosto ardia.

—Eu não cometi adultério! —anunciou com voz rouca.

—Não é acaso o pensamento tão pecaminoso como o fato em si, pai? —perguntou a dama, dirigindo-se ao bispo, mas com o olhar fixo em Ruck, sua voz o suficientemente clara para ressonar nos muros.

—Isso é certo, minha senhora. Mas se você não conta com provas reais, é só uma questão de absolvição entre o homem e seu confessor.

—É obvio. —Sorriu com aquele sorriso sereno e indiferente e recolheu a saia para retirar-se— Temo que tenha ido muito longe em minhas presunções. Quão único desejava era evitar a seu muito ilustre o engano de ouvir um solene voto de castidade dos lábios de um homem assim. Ontem, no salão de audiências, olhou-me sem contenção alguma, o qual produziu em minha mente uma grande inquietação.

Um leve som de protesto escapou da garganta de Ruck, mas não podia negá-lo. Tinha-a olhado. Tinha cometido adultério com o coração. Tinha-a desejado de forma excessiva, com uma paixão mortal. O olhar da dama cruzou com o seu quando ela se retirava com

elegância para um lado, e naqueles olhos leu o conhecimento mais absoluto; tinha-o desmascarado e era consciente de que ele sabia.

—Me enche de tristeza ouvir que tenha tido motivo para se sentir incômoda na casa de Deus, minha senhora — disse o prelado sem dar amostras de muita preocupação— O recato no vestir e nas formas, minha filha, atenuará o descaramento dos homens ímpios para você. Mas, no que ao voto se refere, tomarei em consideração suas palavras. Sir Ruadrik, pode jurar sua pureza, não só de pensamento, mas também de obra?

Ruck pensou que devia ser Deus em pessoa quem estava submetendo-o a uma mortificação tal, lhe exigindo um grau de sinceridade que ia além da capacidade humana. Que outra razão havia para que aquela gente importante perdesse o tempo com ele? Ele não era ninguém; para eles não era nada.

Não se sentiu com forças para responder ali, diante de todos, diante dela. Pode ser que fosse a mensageira de Deus para descobrir a verdade, mas em sua opinião nunca uma mulher tinha tido mais aparência de ter sido enviada pelo Maligno para cativar a um homem.

O prolongado silêncio o condenou. Olhou-a, e olhou o rosto coberto de lágrimas de Isabelle. Sua esposa lhe devolveu o olhar.

Ruck fechou os olhos e fez um gesto de negação com a cabeça.

—Sir Ruadrik — disse o bispo com severidade— com esta admissão de impureza, e após outras considerações, o voto dado a sua esposa deve considerar-se inválido.

Quando o intérprete traduziu aquelas palavras, Isabelle prorrompeu em grandes lamentos.

—Silêncio! —ordenou o bispo com voz ensurdecadora, e até Isabelle conteve a respiração, surpreendida ante algo tão inesperado. Na pausa que seguiu, o prelado continuou— Deve ir a seu confessor, sir Ruadrik. A penitência está em suas mãos. Quanto ao outro assunto... —Olhou para Isabelle, que se tinha ajoelhado ante ele e, do chão, agarrava a prega de suas vestimentas— O usual é que se um dos maridos não o consente e não faz a mesma promessa, impeça ao outro de fazer voto de castidade. O consentimento só não é suficiente, já que sem o consolo de um compromisso solene a

viver em celibato e próximo de Deus, as tentações da carne podem resultar muito fortes. —Olhou para Ruck— Ao faltar esse autêntico compromisso, entenderá a necessidade do requisito, Sir Ruadrik.

Ruck mal podia lhe sustentar o olhar. Fez um leve gesto afirmativo enquanto ardia de vergonha.

O bispo elevou a mão.

—Dito isto, esta mulher me parece um caso excepcional. Se receber o dote adequado, inclino-me a permitir que ingresse no convento e viva em obediência às regras de dita casa, apesar de que o marido não tenha feito igual voto. Depois de que a tenha submetido a um exame mais a fundo sobre os artigos da fé e suas respostas tenham sido satisfatórias, e de que se recebeu o dote correspondente para sua manutenção, poderá ser admitida no seio da ordem.

Quando Isabelle ouviu a tradução daquelas palavras, beijou a prega do bispo e deu amostras evidentes de começar a cair em êxtase. O prelado fez um gesto de despedida, e Ruck foi acompanhado até a porta.

Conseguiu soltar o braço que o clérigo lhe segurava e tentou voltar sobre seus passos, mas as pessoas tinham fechado o círculo. Do corredor, quão único conseguiu a ver foi à dama do falcão, que levava uma mão ao ouvido com gesto de sofrimento enquanto a voz de Isabelle ia subindo de tom até converter-se em um alarido. A porta se fechou. Um dos clérigos se aproximou e informou que se fixou um dote de trinta e sete florines de ouro para Isabelle, e que seria aceita imediatamente.

Trinta e sete florines era todo o dinheiro que Ruck levava consigo, o último que ficava do resgate dos dois cavaleiros franceses que tinha capturado em Poitiers. O clérigo tomou o dinheiro, contou-o com cuidado e mordeu uma a uma as moedas antes de as deixar cair na sagrada bolsa.

Ruck foi caminhando como em sonhos até a estalagem. Seus passos o conduziram em primeiro lugar aos estábulos para assegurar-se ao menos da realidade de sua espada e seu cavalo, já que todo o resto lhe parecia uma nebulosa.

—Já não estão — afirmou o hospedeiro.

A nebulosa se limpou. Ruck agarrou o homem pelo pescoço e fez saltar pelos ares sua vassoura.

—Por Deus bendito, paguei-te por isso! —Lançou o homem contra a parede— Onde estão?

—O sacerdote! —O hospedeiro se escorreu a toda velocidade e ficou fora de seu alcance— O sacerdote veio recolhê-los, gentil senhor! Sua Santa esposa... —Deu um tropeção ao tratar de evitar o golpe— Não vai ser monja? Levava o selo do bispo! Uma dádiva à igreja, disse, por sua esposa. Disse-me que assim o tinha querido você. Levava o selo do bispo, meu senhor. Por minha vida que não os teria entregado por menos!

Ruck se sentia como um homem ao que acabavam de golpear com uma tocha, ainda em pé, mas cambaleando.

—Levaram meu cavalo? —perguntou, aturdido.

—E também as suas armas senhor. —De uma distância prudente, o hospedeiro emitiu um grunhido de compaixão— Obrigaram-me a ir lá encima procurar a malha e o elmo. São umas sanguessugas todos eles.

Isabelle lhe tinha feito deixar ali a armadura. Tinha insistido muito nisso.

Trinta e sete florines de ouro. Exatamente o que sabia que levava em sua bolsa. E seu cavalo. Sua espada. Sua armadura.

Entrecruzou as mãos sobre a cabeça e olhou ao céu. De sua garganta escapou um grito, um bramido prolongado que reverberou nas pedras como o rugido de uma besta. Lágrimas de impotência e fúria nublaram a visão. Apoiou-se na parede e deslizou por ela até ficar sentado em terra com a cabeça entre as mãos.

—Poderia reclamar que devolvessem o cavalo se se tratar de um equívoco, gentil senhor — propôs, amável, o hospedeiro.

Ruck soltou uma gargalhada amarga do oco de seus braços.

—E quanto tempo levaria isso?

—Ah. Quem sabe? Dois anos, talvez.

—Há. E custaria o preço de uma dúzia de cavalos — murmurou.

—Isso é certo — concedeu o hospedeiro com pessimismo.

Ruck continuou sentado feito um novelo, o olhar na escuridão que proporcionavam os braços, as costas contra o muro de pedra. Ouviu afastar-se ao hospedeiro, ouviu passar e falar com gente. A dor e a ira se apropriaram dele. Era incapaz de mover-se; não tinha aonde ir, nem esposa, nem dinheiro. Nada. Resultava impossível abranger com a mente a enormidade de tudo aquilo.

Um repentino golpe no ombro quase o fez perder o equilíbrio. Levantou a vista sem ter consciência de quanto tempo tinha passado quão único sabia era que as sombras na rua eram mais alargadas e profundas.

Sentiu um novo golpe, e agarrou a bengala com uma exclamação de ira. Diante dele estava o corcunda mudo ao que tinha dado uma moeda, e seu primeiro pensamento foi que Oxalá tivesse de novo aquele dinheiro.

O mendigo mostrou para ele uma pequena bolsa. Ruck franziu o cenho. O corcunda agitou a bolsa e a aproximou mais. Esperou e olhou Ruck, espectador, quando este a aceitou.

A bolsa continha um papel dobrado e uma pequena moeda. O mendigo continuava à espera. Ruck agarrou um momento a moeda, mas um orgulho absurdo se apoderou dele e a lançou ao mendigo a contra gosto. O homem sorriu, dedicou-lhe uma saudação e se afastou arrastando os pés.

Ruck contemplou como seu jantar e seu leito desaparecia pela estreita rua acima. Desdobrou o papel e fez um gesto de surpresa ao agarrar algo verde e reluzente que caiu de seu interior: *«Suplico-lhe isso, se afaste deste lugar antes que caia a noite. Não deixe de fazê-lo.»*

Examinou aquelas palavras escritas em inglês e as duas esmeraldas que tinha na palma de sua mão. Uma delas era pequena, não maior que o olho de uma libélula. A outra era o bastante grande para lhe permitir comprar uma armadura e um arreo completo, e para pagar um escudeiro por um ano. Era o bastante grande para adornar a arrogante crista de um falcão.

Levantou as esmeraldas e as viu cintilar e refletir a luz.

Sabia o que deveria fazer. Um homem bom, um homem virtuoso, levantar-se-ia e iria sem demora ao palácio para jogar as joias à cara daquela mulher. Um homem piedoso não se deixaria apanhar por alguém como ela.

Ele tinha entregado sua esposa a Deus.

E seu cavalo, e sua armadura, e seu dinheiro.

Ruck fechou a mão sobre as joias que lhe tinha enviado e jurou fidelidade à filha do Maligno.

*O ano que terminou já jamais igual será
estranha vez em seu princípio e seu fim concordará.*

*Passou a Páscoa, depois o ano inteiro passou,
e uma estação à outra com rapidez aconteceu.*

*E assim o ano se converte em um infinito ontem,
e o inverno reaparece em constante renascer.*

Sir Gawain e o Cavaleiro Verde

Capítulo 1

—Queremos os presentes de Ano Novo!

O grito se elevou entre chiados e risadas enquanto as damas de Burdeos se esticavam para alcançar os prêmios que seus alegres torturadores agitavam tentadoramente por cima de suas cabeças. As toucas se torceram, os cintos se soltaram e os estiletes apareceram com o revoo. Em meio daquele redemoinho de sedas de cores e peles, cada um dos cavalheiros foi rendendo-se voluntariamente e entregou seu obséquio de Ano Novo pelo preço de um beijo.

Vinte e dois anos tinham transcorrido já desde a primeira Grande Mortandade, o Segundo Açoite tinha sobrevivido fazia dez natais, mas embora os franceses os perseguissem das fronteiras de Aquitania, e um novo broto dos temidos abscessos negros tinha acabado com a vida da própria duquesa Branca de Lancaster apenas no ano anterior, tais pensamentos tenebrosos caíram no esquecimento quando as trompetistas soaram com força para anunciar a chegada das viandas ao salão, baixo fantásticas formas de naves e castelos, e da figura de um cervo da que brotava vinho em vez de sangue quando se arrancava a flecha dourada cravada em seu flanco.

Uma travessa dama foi primeira em lançar uma casca de ovo cheia de água perfumada a seu senhor, o que provocou umas risadas que fizeram vibrar as vigas esculpidas do teto; imediatamente, todos os homens presentes começaram a enxugar cheirosas gotas das pestanas e a pedir entre risadas outro beijo para compensar seus sofrimentos. Um faminto senhor rompeu a casca de uma enorme empanada e do interior saíram uma dúzia de rãs que ficaram a saltar sobre a mesa em meio dos saltos e chiados das mulheres. De outra das empanadas emergiu um bando de corpos emplumados, aves que voaram para a luz e apagaram as velas enquanto os presentes enchiam a escuridão de gritos de gozo.

Juan de Gante, o duque de Lancaster em pessoa, estava sentado com lânguida elegância à mesa principal de Ombriérc, e o observava tudo com ar crítico quando os timbales e as notas agudas das ocarinas anunciaram a chegada do primeiro prato. À direita do duque, a princesa Melanthe de Monteverde contemplava o escuro e ruidoso salão com fria indiferença. Seu falcão branco, igualmente impávido, cravava as garras cobertas de prata no cabide de madeira esculpido e grafite. As trompetistas adornadas de bandeiras soaram uma vez mais. Todas as velas e tochas brilharam de novo ao mesmo tempo, como por arte de magia, e iluminaram o salão e o estrado quando uns criados de libré levantaram as lhas no alto.

Lancaster sorriu e se inclinou para a princesa Melanthe.

—Acaso não lhe agradam minha senhora, todo este regozijo e estes prodígios?

A dama lhe dirigiu um frio olhar.

—Prodígios? —murmurou em tom aborrecido— Como mínimo, espero a aparição de um unicórnio antes dos doces.

Lancaster soltou uma risada e lhe roçou o ombro com o seu ao inclinar-se para encher de novo a taça de vinho que ambos compartilhavam.

—Isso é muito banal. Têm que nos expor uma provocação maior, princesa.

Melanthe dissimulou seu chateio. Lancaster estava cortejando-a. Não aceitaria um desprezo nem que tentasse impedir-lhe. O duque que tomava sua frieza como um desafio; sua relutância como mero devaneio.

—Então, senhor, quero que seja um unicórnio verde — disse com suavidade e, para irritação dela, o cavalheiro pôs-se a rir sem dissimulação.

—Pois verde será. —Fez gestos a um ajudante e se voltou para trás para falar no ouvido ao servente; depois obsequiou Melanthe com um sorriso inclinado— Antes das sobremesas, minha senhora, terá seu unicórnio verde.

O pesado tecido vermelho e azul de sua manga roçou o braço da dama quando lhe aproximou a taça aos lábios, mas o bispo, sentado no outro lado, reclamou sua atenção. Aproveitando a distração, Melanthe não deixou passar a oportunidade e lhe arrebatou a taça das mãos. Já começava a ver o efeito que os cuidados do duque exercia sobre os ali

congregados. Com a mesma rapidez com a que o aguamel podia intoxicar a um homem, um murmúrio horrorizado começava a estender-se pelas mesas de abaixo.

Melanthe sabia que seria um cochicho silencioso, irradiado ao tempo que se compartilhava uma parte de carne ou um dedo coberto de geleia, que sussurrariam aproveitando um estalo de risada com essa autêntica descrição que provoca o medo. Lancaster tinha trinta anos, era arrumado e vigoroso, e estava na plenitude de sua virilidade. Enquanto seu irmão maior, o Príncipe Negro, estava confinado no leito, com o corpo inchado por causa da hidropisia, era Lancaster quem exercia o lugar de tenente de Aquitania, mas quem poderia reprovar ao filho menor do rei da Inglaterra, sobre tudo a alguém com tanto orgulho e energia como Lancaster, que ambicionava algo mais que estar ao serviço de seu irmão? Todo mundo sabia que tomaria como esposa a outra herdeira de alta linhagem após perder a sua boa duquesa Branca, e ninguém esperava que demorasse muito em fazê-lo. Mas pela muita santa Virgem Maria, Mãe de Deus, por muito que ganhasse com isso, era na verdade Melanthe quem o duque tinha em mente?

Quase podia ouvir aqueles sussurros enquanto estava sentada ao lado dele no estrado e percorria com o olhar os assistentes. Aquela mulher de lá, a do vestido azul que se inclinava para dirigir-se aos da mesa contígua, sem dúvida alguma estava queixando a seu vizinho de que um falcão como o de Melanthe era muito valioso para que o levasse uma jovem como ela. Entre as posses do duque não havia nada que pudesse igualá-lo; nem sequer o Príncipe Negro possuía uma ave de tanto valor. Que insolência, então, a de Melanthe ao exibi-lo daquela maneira na festa do duque! Que falta de recato! Quanta vaidade e arrogância!

Melanthe dirigiu um olhar largo e desapaixonado à mulher e teve o prazer de vê-la empalidecer, horrorizada, ao saber-se objeto de sua atenção.

Sua fama a tinha precedido.

E aqueles outros três, aqueles cavalheiros que se aproximavam tanto à bonita jovem sentada entre eles; Melanthe viu a fruição que se desenhava em seus rostos. Tinha enviuvado de seu príncipe italiano, estariam dizendo os homens, e era herdeira das vastas posses de seu pai na Inglaterra... E a jovem contaria entre sussurros que a

princesa Melanthe tinha mandado afogar a uma donzela em sua própria banheira por ter deixado cair uma pastilha de sabão de Castilla.

De seu defunto esposo, alguém mais murmuraria, tinha recebido as rendas de uma cidade-estado italiana; de seu pai inglês, lorde Bowland, posses igualmente extensas que as de Lancaster; tinha tido quinze amantes, e a todos os tinha assassinado; que um homem lhe dirigisse um sorriso significava uma morte segura — chegados a este ponto, os cavalheiros trocaram sorrisos cúmplices— embora deliciosa, esse era o preço por aquele paraíso do que o homem desfrutaria enquanto ela tivesse a bem entreter-se com sua companhia.

Melanthe tinha ouvido tudo, sabia o que falavam com igual exatidão como se tivesse estado sentada entre eles. Apesar disso, Lancaster fazia a corte com elegância e olhares de Dom Juan, sorrisos e olhos ambiciosos, e apenas se incomodava em dissimular o desejo que sentia por ela. Melanthe também sabia o que estariam dizendo daquilo. Que tinha obtido que caísse em suas redes. Que o tinha enfeitiçado. O duque se despojou dos negros objetos do luto; todo rastro de dor por sua amada Branca tinha desaparecido. Olhava à princesa Melanthe da mesma forma que olhava a seu falcão, com os olhos de um homem decidido a conseguir o que fosse sem importar as consequências.

Oxalá fosse certo que ela tivesse poderes para enfeitiçá-lo: convertê-lo-ia em um sapo.

Tinha que fazer algo essa mesma noite, não podia permitir que aquele galanteio público continuasse sem freio algum. Antes que o banquete chegasse a seu fim, tinha que deixar claro seu rechaço para que nem a ele nem a ninguém ficasse a mais mínima dúvida. Quando percorreu as mesas com o olhar, viu o assassino que a vigiava, de aparência inofensiva e roliço, vestido com a libré verde e chapeada de sua casa, mas que em realidade era outro membro da família Reata, um dos guardas secretos que lhe tinham dedicado. Só graças a uma prática prolongada ela pôde manter aquela aparência de fria serenidade enquanto seu coração pulsava loucamente.

A comida chegou com toda pompa sobre toalhas do mais puro linho, e uma interminável procissão serpenteou entre as mesas. Lancaster lhe ofereceu os bocados

mais deliciosos com seus próprios dedos. Melanthe esteve a ponto de mostrar-se grosseira em resposta. Por Deus bendito, por que tinha que atuar tão abertamente e insistir em persegui-la em público, fosse ao desagrado que ela mostrava, quando poderia ter tido a decência de lhe enviar a seu mensageiro de noite, em segredo, para averiguar até onde estava ela disposta a chegar?

Mas para o duque, pelo que Melanthe via, aquilo era um passatempo agradável, um jogo de apaixonados de que formavam parte a falta de interesse e a afetação dela. Estava completamente convencido de que Melanthe o aceitaria. Em mais de uma ocasião, lhe havia dito que não desejava homem algum, mas nenhum dos presentes jogaria na cara do duque a confiança que demonstrava. Aquele seria um casamento memorável. As terras de ambos estavam situadas no norte da Inglaterra e a soma daquelas posses as faria rivalizar com as do rei. Com aquela aliança o duque a converteria na dama de mais categoria do reino, e ela, a sua vez, poderia convertê-lo em alguém ainda mais importante. Não era só paixão, portanto, o que o empurrava a lhe dirigir aqueles sorrisos e olhares ardentes.

Quando o duque se inclinou muito sobre ela, Melanthe o roçou ligeiramente para lhe recordar que estavam à vista de toda a corte. Ele riu, e voltou para trás, obediente, mas tão só um momento depois voltava a estar inclinado sobre ela e a lhe agarrar a mão com ar possessivo, para mantê-la capturada sobre a mesa, em um gesto que resultava tão claro como alguém proclama. O homem da família Reata se levantou de seu assento e se mesclou com o resto de quão criados iam de um lado ao outro do salão.

Melanthe não fez nada por soltar-se. Entre ela e o sicário dos Reata havia um jogo estabelecido de sinais e insinuações: uma linguagem de ações e respostas. O homem se aproximou mais, advertindo, recordando seu acordo com os Reata e o perigo que corria se pensava em casar-se com outro homem, sobre tudo com alguém como Lancaster.

Melanthe se limitou a olhar os dedos do duque, entrelaçados com os seus sobre a toalha branca, negando-se a dar amostras de medo. O coração batia acelerado, mas manteve sua compostura distante e pediu a Lancaster que aproximasse uma fogaça do delicioso pão branco que acabavam de depositar diante deles sobre uma bandeja

dourada; assim não ficaria mais remédio que lhe soltar a mão para poder atendê-la de uma forma adequada.

Quando levantou os olhos, viu que o homem dos Reata continuava nas proximidades, apesar de que o duque já a tinha soltado. Estava claro que teria que trocar as esperanças de Lancaster ou dificilmente conseguiria ver a luz de um novo dia.

Gryngolet se removeu inquieta sobre seu cabide, junto ao cotovelo de Melanthe; as campainhas de prata do falcão gerifalte¹ tilintaram quando se endireitou ante o voo rasante de um dos pardais, que, presos do pânico, continuavam ali entre as vigas do teto. Garçons de nobre aparência rodeavam o estrado e se moviam ante ela, e a suas costas, para atender ao duque e a seus convidados, cortar o pão e trincar as codornas. Facas, veneno, cor: Melanthe não podia controlar tudo de uma vez com o olhar, por muito destra que se fez em todas aquelas coisas. O homem dos Reata era capaz de matá-la tanto ante o repleto salão como em alguma passagem escura. Sua posição era muito exposta e perigosa e ela não a tinha escolhido; e mais, tinha tratado de evitá-la; mas as ambições de Lancaster tinham superado suas sutilezas. Tinha que sentar-se a seu lado na mesa principal e comunicar sua negativa à cara.

Tinha-o julgado mal. Aqueles ingleses eram temerários. Deu-se conta de que ela estava muito acostumada às intrigas e as sombras assassinas das cortes italianas para lembrar-se da capacidade dos ingleses para a audácia. Podia considerar-se afortunada se conseguisse voltar viva a seus aposentos naquele castelo cheio de rincões desconhecidos e esconderijos secretos.

Tinha sido a má sorte a que a tinha levado até Burdeos quando ia de retorno a Inglaterra. Ela tinha antecipado o desastre de um encontro com Lancaster o suficiente para evitar o lugar de propósito, mas tampouco se atreveu a arriscar-se a que os franceses não lhe dessem precisamente as boas vindas, por isso tinha tomado uma rota mais ao norte. Para evitar Burdeos, tinha dado um rodeio pelo caminho que conduzia a

¹ Na [Idade Média](#), o falcão -gerifalte era considerado uma ave real devido à sua raridade e às dificuldades envolvidas em obtê-lo, assim como à pureza das suas cores. Apenas muito raramente um homem de classe menor era visto portando tal animal. Os falcões -gerifalte eram aprisionados na [Islândia](#) e na [Groenlândia](#) e oferecidos pelos [monarcas](#) do norte aos reis do sul da [Europa](#).

Limoges, só para encontrar-se ao chegar ali com que o exército inglês acabava de reduzir a cidade a cinzas.

Lancaster tinha mostrado a mesma perícia no jogo cortês que no domínio da espada. Melanthe não devia apressar-se a voltar para Bowland, tinha insistido com elegância, já que ia celebrar-se o torneio de Ano Novo e tinha que acompanhá-lo a Burdeos e honrá-lo com sua presença em dito evento. Ele contava com toda a atenção de seu pai o rei, comunicou-lhe com aquele sorriso elegante e faminto de desejo, e lhe escreveria para recomendar que a princesa Melanthe recebesse imediatamente a posse de sua herança inglesa, sem prejuízo algum. Que poderia igualmente, se assim o decidia fazer perigar a relação de Melanthe com o rei Eduardo, não era algo que precisasse expressar tão às claras.

Assim ali estava ela. E Lancaster seguia adiante em seu fatal empenho, lhe fazendo a corte enquanto lhes serviam as carnes brancas e as vermelhas. Melanthe perdeu o Reata de vista um momento, mas depois voltou a descobri-lo ainda mais perto.

Aproximava-se o momento. Lancaster lhe pediria um objeto para levar com ele no torneio de amanhã. Já tinha comunicado que estava inscrito nas listas. Naquele lugar público, maldito fosse aquele homem, Lancaster ia suplicar que lhe entregasse uma amostra de seu afeto, e ia forçá-la a dar uma resposta diante de todos.

Não havia forma de evitá-lo, nem esperança de que ele não o pedisse. Suas intenções para com ela podiam ler-se em cada um daqueles elogios, e nos olhares que lançava de lado. A Melanthe tinha passado pela cabeça fingir que estava desfalecida e retirar-se, mas com isso quão único conseguiria seria atrasar as coisas até a manhã, e passar outra noite alerta por culpa do Reata, assim como despertar novas amostras de solicitude no duque. Além disso, a princesa Melanthe nunca desfalecia. Era uma debilidade. Melanthe jamais mostrava sinais de debilidade.

Ao final acabaria tendo Lancaster como inimigo poderoso; as terras do duque seriam vizinhas das suas, mas vizinhas amargas em lugar de amigas. Um homem como ele não esqueceria facilmente o rechaço público de uma mulher. Entre aqueles nortistas, o

cavalheirismo e a honra eram tudo... Entretanto, ela tinha que demonstrar ao Reata que não aceitava o duque, e devia fazê-lo logo e bem.

Suportou que os cuidados de Lancaster fossem cada vez mais diretos. Começou a lhe dar ânimos, embora ele não necessitasse nenhum estímulo de sua parte para lançar-se no que ia acabar em uma humilhação pública. Sentia-se zangada com ele, mas sorria. Lamentava estar com ele, mas continuava sorrindo sem compaixão, rindo com suas amostras de acuidade e felicitando-o pelo banquete. Não era tenro amor o que movia agora o Lancaster, a não ser ambição e desejo de homem. Ela não podia fazer nada para salvá-lo quando era ele quem não desejava salvar a si mesmo.

Chegou o segundo prato. Enquanto trinchavam ante eles um cisne dourado, o duque se mostrou um tanto embriagado de vinho e êxito. Escolheu uma das guloseimas em forma de casulo de rosa dentre as que adornavam profundamente a fonte e a ofereceu a Melanthe com um olhar em que havia mais afeto que desejo. Melanthe aceitou aquele doce de amêndoa que lhe aproximou com os dedos. Contemplou aquele doce sorriso que lhe dirigia e sentiu uma pontada de pesar por aquela figura sóbria e galharda, por todas as fantasias femininas que tinha ouvido sobre ele, pelo amor que ainda sentia por sua primeira esposa, por todas as coisas que, nem agora nem nunca, poderiam existir entre ela e um homem.

Todo aquele orgulho masculino em troca da vida dela. A Melanthe não pareceu que fosse um mau trato.

Enquanto Lancaster preparava com suas próprias mãos o prato que ambos compartilhariam, Melanthe distinguiu uma esbelta figura com meias azuis e amarelas entre o revoó de lá abaixo. Allegreto Navona se achava comodamente recostado perto da grande lareira; o negro de seus cabelos e as brilhantes cores de suas roupas quase se confundia com as formas e figuras das enormes tapeçarias que cobriam a parede a suas costas. O jovem tinha o olhar posto no estrado. Quando Melanthe aceitou o aprimoramento que o duque oferecia, Allegreto sorriu abertamente.

Era aquele sorriso doce e cúmplice dele; encantador e picaro. Melanthe manteve o olhar cravado nele um momento.

Tinha obtido alguma vitória. Melanthe procurou de novo com olhar rápido ao sicário que vestia a libré verde e prata com suas próprias cores; ali estava o único guardião dos Reata de que ela tinha certeza, ainda contido, observando tudo à distância. Allegreto não tinha acabado com ele, nem o tinha expulsado dali. O que não significava que o jovem não manchou as mãos de sangue de alguma outra maneira. Sentiu ira e alívio de uma vez. Ela tinha alcançado um acordo com os Reata. Face à constante ameaça dos espiões que a seguiam, não queria que morresse nenhum homem dos Reata, no momento não. Mas não podia dizer a um filho da casa de Navona. E um assassinato em meio daquele banquete, no seio de sua própria comitiva... Seria do mais ofensivo; causaria problemas. Naquele lugar não se faziam as coisas da mesma maneira que na Itália, mas isso não podia fazer o Allegreto entender.

Dirigiu-lhe só um breve olhar e guardou para si a alegria. O jovem respondeu com uma careta de fingida desilusão e, continuando, levantou o queixo em silencioso gesto de alvoroço.

Um par de criados passou com enormes fontes de viandas por diante dele. Quando se afastaram, Melanthe viu que Allegreto já não estava.

Ouviu-se o som das trompetistas.

Melanthe levantou a vista com sobressalto. Era impossível que anunciassem já o último prato. Por cima do murmúrio das fofocas e das hospedagens se ouviram gritos de homens no exterior do salão. Instintivamente, Melanthe levou a mão à adaga quando o tamborilar de umas ferraduras de ferro ressonou nas paredes. A gente exalou um grito afogado, os serventes saíram desordenadamente pelas grandes portas de entrada deixando cair às fontes que levavam doces e demais aprimoramentos. Melanthe agarrou a correia de Gryngolet.

Uma aparição irrompeu no salão. Um cavaleiro de armadura verde sobre um verde cavalo subiu escada acima e galopou pelo corredor central; as esteiras de juncos amorteciam o ruído dos cascos, de maneira que cavalo e cavaleiro davam a impressão de voar sobre o chão enquanto as damas gritavam e os cães corriam a esconder-se sob as mesas.

Nada deteve seu avanço até o alto estrado. Nem um só cavaleiro se elevou em defesa de seu senhor. Melanthe descobriu que era quão única estava em pé, apertando com força sua pequena adaga enquanto Gryngolet arrepiava as plumas e desdobrava as asas em amostra de alarme.

O cavalo chegou até o estrado e girou; levantando-se sobre as patas traseiras, mostrou suas ferraduras cor esmeralda e suas patas verdes, enquanto o corno de prata que adornava sua testa assinalava para o alto. As crinas trançadas do corcel pareciam de seda tinta ao receber os verdes reflexos de luz da lustrosa armadura. Os guizos de prata soavam e repicavam nas bridas e nas carapaças. Da ponta do elmo fechado do cavaleiro surgia um penacho de plumas verdes sobre uma base de prata, adornada com uma esmeralda que lançou uma brilhante chama aos olhos de Melanthe antes que o homem detivesse o corcel.

O cavaleiro ficou à altura de Melanthe; das ranhuras para os olhos só emergiam escuridão e essa falta de humanidade intimidatória em que residia a vida e o poder dos de sua classe. A forte respiração do corcel parecia surgir de ambos. O cavaleiro sustentava as rédeas com suas luvas verdes com adornos de prata, e sobre seu escudo havia um falcão com capuz por todo emblema, de novo prata sobre verde. Seu manto estava adornado de rico arminho, e as carapaças do cavalo estavam cobertas de libélulas bordadas, mescladas com flores e pássaros, tudo isso em prata: verde e prata em qualquer parte.

As mãos de Melanthe relaxaram ligeiramente sobre a adaga quando se deu conta de que o ataque não era iminente. De repente, sentiu-se exposta ao ver que erra à única que estava de pé, mas já era muito tarde para sentar-se e ocultar sua reação. Todo mundo tinha o olhar cravado neles e, depois das primeiras amostras de sobressalto, ninguém parecia consternado. Com a extremidade do olho, Melanthe viu que o duque ria.

—Minha senhora — anunciou Lancaster em meio de um absoluto silêncio— chegou seu unicórnio.

—Pela Virgem — respondeu Melanthe— Assim é.

—Minha proprietária e senhora. —A voz do cavalheiro soou oca e áspera do interior do elmo. Inclinou-se sobre a cadeira de montar. O cavalo fez uma pirueta — Meu respeitado senhor.

—Meu fiel e bem amado cavalheiro. —O duque o saudou com um preguiçoso movimento de cabeça— Minha senhora, nós conhecemos com o nome de Cavalheiro Verde ao homem que monta seu unicórnio. Temo que não nos dispensou a honra de nos comunicar seu verdadeiro nome.

—Meu senhor, dono de minha vida — disse o cavalheiro— Tenho feito uma promessa.

—Sim, recordo-o. Até ter provado seus méritos, não é assim? Ao menos tire o elmo, senhor. Assusta com ele às damas, como pode ver. —Fez um gesto com a mão em direção a Melanthe.

O Cavalheiro Verde titubeou. Continuando, levou a mão ao elmo e o tirou. As plumas do penacho se agitaram quando o pôs sob o braço. Melanthe contemplou a esmeralda que adornava a crista, e depois o olhou à cara.

Entretanto ele tinha o olhar baixo e cravara os olhos em algum ponto debaixo da mesa, junto aos pés de Lancaster; quão único deixava à vista era a cabeça coberta de cabelo negro, curto e rebelde. Ia bem barbeado, o queixo era forte e as feições bem definidas, curtidas pelo sol e da batalha, de forma muito distinta a dos homens aos que ela estava acostumada: ele tinha vivido campanhas e justas, aventuras cavaleirescas ao ar livre, em lugar de duelos em espaços fechados, com a astúcia e as adagas por armas. Melanthe sentia um enorme respeito acima de todo tipo de violência; a desta classe contava com a vantagem de ser quase uma novidade para ela. Podia apreciar a teoria do cavalheiro andante... Podia sorrir ante a ideia de um homem que se negava a dizer seu nome até provar sua valia.

Como sentia a necessidade imperiosa de sorrir, aplicou a norma pela que regia sua vida e não o fez. Se tivesse obedecido a esse princípio um momento antes, e tivesse dominado seus instintos, não se encontraria agora em pé daquela forma estúpida e

notória que deixava às claras que tinha sido a única ali a que a espetacular entrada tinha afetado.

—Deseja um unicórnio, e eu lhe entrego — disse Lancaster com o melhor dos humores— A besta está a sua disposição, princesa.

O cavaleiro elevou ligeiramente a cabeça. Seu rosto permanecia impassível. Melanthe sentiu um leve comichão, e por sua mente passou um fugaz pensamento que não conseguiu compreender. Estava claro que compunha uma bela imagem, ali no alto do cavalo, com suas extremidades, e uma combinação de beleza e rudeza no rosto que fez suspirar às damas e despertou comentários maliciosos sobre a vulgaridade nos cortesãos mais elegantes. A vaidade de expressões nos rostos da gente que se achava atrás despertou um enorme interesse em Melanthe, como deste modo encontrou intrigante o gesto tenso do Cavaleiro Verde. Mostrava uma emoção extrema, um sentimento muito mais intenso que o que podia suscitar aquele jogo de prodígios em presença de uma dama.

—Que é o que quer senhora? —perguntou Lancaster— Deseja enviá-los à caça de dragões?

O cavaleiro olhou a Melanthe um instante, e depois afastou a vista como se o contato causasse sobressalto. O cavalo se moveu nervoso sob seu corpo, seus cascos esmaltados golpearam o trançado de juncos. Os guizos tilintaram. Com um movimento brusco, o cavaleiro tirou uma das luvas e a lançou ao chão ante os presentes.

—Isto é um desafio! —gritou e se voltou na cadeira para esquadrinhar o salão, ao tempo que se levantava sobre os estribos— Pela honra de minha dama, amanhã enfrentarei a todos os que o aceitem!

Lancaster ficou rígido ao lado de Melanthe e a seguir ficou de pé.

—Não, senhor — espetou— Não lhe corresponde defender a sua alteza!

O cavaleiro fez caso omissivo das palavras de seu senhor.

—Não é esta a corte do Príncipe Negro e de Lancaster? —gritou com fúria— Quem vai enfrentar a mim pela honra de minha dama?

Sua voz retumbou no meio do silêncio atônito do salão. Olhavam-no como se tivesse perdido a cabeça. De repente, Melanthe entendeu tudo. Aquela era a causa da alegre satisfação de Allegreto..., o jovem tinha criado uma oportunidade para ela.

—Ponha freio a seus desatinos! —rugiu Lancaster em voz baixa— Não lhe favorece absolutamente, senhor!

O Cavalheiro Verde se despojou de seu verniz de submisso respeito. Seu olhar posou em Melanthe, e o afastou de novo. Desmontou e se ajoelhou ante ela, entre o tinido metálico de sua malha.

—Minha senhora! —por cima da borda da mesa, Melanthe viu que levava a mão nua ao coração, com o elmo de plumas sujeito sob o braço— Suplico-lhe isso, me conceda este favor, me entregue um objeto, para que amanhã possa levá-lo como um dom prezado e defendê-la ante todos meus competidores.

—Não fará tal coisa! —declarou o duque, elevando o tom de voz— Sou eu quem levará o objeto de sua alteza, velhaco descarado!

Melanthe aproveitou o momento e lhe dirigiu um olhar de soslaio.

—É isso o que você crê meu senhor? —perguntou com doçura.

Lancaster a olhou enquanto seu rosto avermelhava.

—Eu... —Apertou à mandíbula— Eu estou a seu serviço, se me conceder a honra —disse com rigidez.

Melanthe lhe dirigiu um sorriso. Tomou as coleiras de Gryngolet, afastou as tiras de suave couro branco das garras do falcão e introduziu embaixo delas a adaga para cortá-las e liberar assim à ave dos guizos. Os anéis ficaram pendurando de um extremo: eram dois anéis de prata adornados de esmeraldas e diamantes e gravuras com o nome de Melanthe. A dama inseriu aqueles guizos de Melam nas coleiras, e as atou de tal forma que emitissem o som do falcão: uma nota primeiro alta, seguida depois de outra baixa, com aquela intensidade que nada no céu nem na terra podia igualar.

Lancaster a observava. Melanthe o olhou durante um longo momento, cheio de significado, e depois se voltou para o cavalheiro, que continuava ajoelhado aos seus pés.

—Cavalheiro Verde — anunciou— entrego-lhe como objeto o objeto mais prezado que possuo na terra, para que o defenda por minha honra amanhã.

Lançou as coleiras com suas gemas e guizos sobre a esteira ante ele.

—E eu lhe desafio por ela! —exclamou Lancaster imediatamente.

—E eu, em nome de meu senhor! —Um homem ficou em pé atrás do duque, sobre o estrado.

—E eu!

A aqueles seguiram dois mais, e depois outros quatro; os cavalheiros, de pé no salão, anunciavam suas provocações com tais gritos, que vibravam até as vigas do teto.

—Já é suficiente! —Lancaster levantou o braço— Decidirei quem lutará. —Lançou um olhar indignado ao Cavalheiro Verde— Ponha-se em pé, insolente.

O cavaleiro se levantou, o olhar de novo baixo. Melanthe viu que tinha tido suficiente presença de ânimo para recuperar a manopla junto com as coleiras enquanto estava de joelhos, assim que não era um completo estúpido. Só Deus sabia que ameaça teria utilizado Allegreto para empurrá-lo a fazer aquilo. Com o olhar fixo nos pés de seu senhor, o cavaleiro estava à espera; a luz refletida na armadura esculpia as largas curvas de seus ombros e descrevia arcos chapeados nos distintivos. Lancaster mal era capaz de ocultar sua ira.

—É um unicórnio maravilhoso — disse Melanthe divertida— Meu senhor, deste amostra de sua amabilidade ao me conceder a graça de pô-lo a meu serviço.

Lancaster pareceu recuperar o controle de suas emoções. Inclinou-se ante ela e a obsequiou com um sorriso que não chegou a cobrir do todo o gesto sério de sua mandíbula.

—Parecia-me merecedor de lhe servir eu mesmo, minha senhora. Mas agora considero uma honra ganhar sua avaliação mediante as provas de amanhã, contra este homem que eu acreditava que me tinha feito juramento de fidelidade.

O Cavalheiro Verde levantou os olhos; sua expressão era uma mescla fascinante de saudade e orgulho, de ira contida.

—Meu amado senhor, desejo com todo meu coração lhe agradar, mas estou às ordens de minha dama.

—Toma muitas atribuições, trapaceiro!

O cavaleiro olhou Melanthe; seus olhos, tão verdes como sua armadura, eram agora humanos em lugar de esconder-se atrás do aço e entre as sombras. Em seu intenso olhar se via claramente a consternação que lhe causava aquele enfrentamento com seu príncipe; aqueles olhos suplicavam que o liberasse, que o dispensasse do que tinha prometido.

Melanthe sustentou o olhar, negando. Sua resposta foi um silêncio implacável.

O cavaleiro inclinou a cabeça. Ela viu os tensos músculos de seu pescoço descoberto.

—Exige-me meu senhor que cumpra seus desejos antes que os de minha dama? — perguntou em voz baixa.

Foi uma tentativa inútil, apenas um sussurro forçado. Se a própria Melanthe não o solicitava, Lancaster não podia tornar-se atrás, era impossível, sobre tudo agora que já tinha acessado a lutar.

—Não sei muito bem de onde tiraste a ideia de que sua alteza se rebaixa a dar ordens a alguém de sua índole!

—De mim, talvez — murmurou Melanthe.

O duque lhe fez uma inclinação, com gesto áspero.

—Em tal caso, seus desejos são meus — disse em tom cortante — E minhas ordens é obvio. Este homem ira lutar por você pela manhã, minha senhora, contra mim e contra todos aqueles que o desafiem para obter seus favores.

O Cavaleiro Verde, aborrecido, levantou a vista para Melanthe. Com Gryngolet sobre o pulso, sem prestar atenção a Lancaster, a dama obsequiou com um leve sorriso a seu novo paladino e dedicou uma zombadora reverência de cortesia.

—Espero com emoção tal espetáculo. Parta agora e se refresque, Cavaleiro Verde. Venha a meus aposentos ao terminar o jantar.

—Que Deus lhe pague isso, senhora — murmurou ele.

Incorporou-se e, com um ágil movimento que desdizia o peso de sua armadura, subiu de novo ao cavalo, tomou as rédeas para guiar o corcel e lhe cravou as esporas para que saísse a galope. Obrigou a afastar os guardiões armados que havia na porta, e saiu do salão deixando atrás de si um eco de ferraduras e guizos.

Estava claro que ela não o recordava.

Ruck arrancou um pedaço da fogaça de pão branco e alguns farelos caíram sobre seu torso nu. Imediatamente o mudo Pierre começou a gesticular e a sacudir com rapidez, mas não havia tempo para sentar-se e comer, como queria seu esgotado escudeiro. Sua dama, sua senhora, rainha adorada de seu coração tinha ordenado que fosse a sua presença imediatamente depois do jantar. Quando terminou de acomodar a Haw no estábulo, de pôr a boa cobrança sua armadura e a de seu corcel, de perseguir Pierre, e acossar e subornar o suficiente ao quarto camareiro para que lhe proporcionasse um banho em plena celebração de um banquete, ouviram-se as notas altas das trompetistas que anunciavam que o senhor abandonava o salão.

Sentiu que uma leve náusea subia pela garganta. Aquele pão seco parecia que o tinha engasgado. Resultava quase muito fantástico pensar que era ela; que se encontrava ali, jamais o tinha imaginado. Mal sabia como assimilar aquele fato, ou o que acabava de fazer por ela.

Deus, o rosto de Lancaster... Ruck não suportava pensar nisso.

—Eça! —Separou de um golpe a mão de Pierre quando o escudeiro tratava de lhe enxugar o sabão de barbear. Tinha sido impossível conseguir um barbeiro a àquelas horas— Minhas meias. —Agarrou a toalha, limpou a mandíbula e deu conta do pão antes que Pierre tivesse as meias verdes preparadas.

Não acreditava que ela o recordasse. Não era capaz de fazer a tal ideia. Por um de seus jovens cortesãos, de vestimenta verde e azul, lhe tinha feito chegar à ordem de que lançasse um desafio em seu nome. No salão o tinha olhado com aquele ar frio de autoridade tão dela, como se conhecesse a promessa que ele tinha feito de estar ao seu serviço, como se o esperasse. A Ruck ocorreu a descabelada ideia de que ela estava a

par de tudo o que tinha que saber desde aquele dia em que a viu pela primeira vez, de que todos e cada um de seus movimentos nos treze anos transcorridos após lhe eram conhecidos. Aqueles olhos dela, por Deus bendito.

Ela se encontrava ali. E para ser sincero, parecia-lhe mais um murro no estômago que um motivo de alvoroço.

Seu fôlego gelou em contato com o frio ar quando mordeu uma maçã. Segurando a fruta com os dentes, colocou as meias verdes sobre a roupa interior de linho. Uns quantos cavalheiros, que abandonavam o grande salão para ir aliviar-se, passaram frente à porta aberta da adega a que os criados, a contra gosto, tinham levado o banho para Ruck.

—Olhem, olhem! Viram-no, Christine? —disse uma voz feminina— Não é verde por completo!

Ruck, que estava atando o cinturão sobre as meias, levantou o olhar e descobriu a um par de damas apoiadas na porta. Não conhecia nenhuma delas. Solto a maçã da boca e a colheu com uma mão. Enquanto se inclinava, arrebatando o manto das mãos de Pierre e o pôs sobre os ombros nus.

—Tão só sou um homem normal, senhora.

A dama do cabelo negro soltou uma risada. A outra, a que tinha falado, era loira e bonita, e sabia; aproximou-se para ele com um fluido movimento de seu vestido de festa de alegres cores.

—Suas formas desmentem suas palavras, senhor. É forte e agradável em extremo. — A jovem, sorridente, deslizou o dedo indicador da base do pescoço de Ruck até seu torso— E, além disso, extraordinariamente valente ao lançar uma provocação semelhante.

Ruck tomou a mão com suavidade e a separou dele.

—Em honra a sua alteza — disse sem alterar-se.

O sorriso da jovem se ampliou.

—Uma valentia semelhante — murmurou, aproximando a boca para ele— Ouvimos falar muito de sua ferocidade na batalha. Fique e nos conte mais.

Ruck olhou aqueles lábios que lhe oferecia, a curva suave e sorridente daquela boca.

—Pela misericórdia de Deus, tenta-me a que perca o tempo, mas não posso. — Levantou a maçã, acariciou a bochecha da jovem com a pele lisa e rosada da fruta, e depositou o fruto em sua mão, ao tempo que a afastava dele— Aceite isto, e saberei que compartilhei uma guloseima com uma gentil dama.

A sombra do despeito apareceu no rosto da jovem, mas se tornou atrás e mordeu a maçã com um rangido de seus brancos dentes.

—Conhece a princesa Melanthe? —perguntou com ar displicente.

—Sim, conheço-a.

—Ah. Então saberá que não pode aceitar maçãs de suas mãos. Envenenou a seu próprio marido.

Ruck ficou rígido.

—Senhora... Seria melhor que desses lábios só saísse à verdade.

—É que isto que lhe digo é a autêntica verdade. —A jovem lambeu uma gota de suco da maçã— Pergunte a qualquer um. Levaram-na a julgamento por tais fatos

Ruck a olhou com o cenho franzido um momento, e depois alargou a mão para Pierre para que lhe entregasse sua túnica. O escudeiro agarrou o manto, que Ruck tirou de uma sacudida, e introduziu pela cabeça a túnica de lã verde. Umas quantas damas revoavam junto à porta.

—É uma feiticeira — disse a tentadora loira, e olhou para o resto— verdade que sim?

—Esse falcão —acrescentou outra— é seu demônio familiar. Jamais o tem feito voar à luz do dia.

—Enfeitiçou o magistrado para que a deixasse em liberdade...

—Tomou a seu próprio irmão como amante...

—Sim, e o assassinou com essa mesma adaga que leva a cintura quando ele era um hóspede na casa de seu marido.

—E agora vai de caminho a desfrutar do que por direito pertencia a ele! Mas não há cavaleiro cristão que esteja disposto a escoltá-la até ali, por medo de que perigue sua alma.

—Não — protestou Ruck— é uma princesa.

—Uma bruxa! Sir Jean lhe dirá isso! —Mãos femininas empurraram um cavalheiro para o centro da borda do grupo, onde tinha estado tratando de cortejar a uma das gentis damas.

Pierre ajudou Ruck a colocar a sobre veste e alisou com a mão a malha prateada. Ruck se dirigiu ao outro homem.

—Lhe rogo — disse — o falatório das mulheres carece de importância. Mas pela honra da dama a que jurei servir, senhor, saiba que não tomarei suas palavras com a mesma ligeireza.

—Juraste servi-la? —perguntou a loira dama, dando um passo atrás.

—Assim é. Sou seu servidor.

—Só durante o torneio — disse o outro cavalheiro— Meu senhor o duque não lhe permitiria mais. —Dedicou um sorriso torcido a Ruck— Foi um gesto audaz o seu. Agora ele está furioso, mas amanhã apreciará que lhe permita brilhar.

—Sirvo a ela — respondeu Ruck.

Sir Jean o olhou.

—Não, não fala a sério, verdade?

Ruck devolveu o olhar sem emoção, sem deixar entrever nada.

—Prometi-lhe estar ao seu serviço. Honrou-me com seu objeto. Luto em nome da princesa Melanthe.

Os espectadores começaram a partir, entre olhadas de esguelha e murmúrios. Ruck colocou o manto sobre os ombros e prendeu o broche de prata no tecido. Quando levantou a vista, só ficavam ele e Pierre na adega.

O escudeiro mudo arqueou as sobrancelhas com uma expressão cheia de significado. Introduziu a mão no bolso de seu avental e lhe alargou um amuleto em uma bolsa de couro.

—Não é uma bruxa — espetou Ruck.

Pierre se benzeu e imitou o gesto de um sacerdote ao benzer o amuleto.

—Maldito seja! É minha dama!

Pierre se afastou e fez uma genuflexão. Depois de pôr os olhos em branco e negar com a cabeça, guardou seu dente de santo.

Capítulo 2

—Conta — disse Melanthe em italiano, sem lhe dar importância— Segundo avalio, está do mais orgulhoso de sua astúcia.

Allegreto Navona se apoiou na curva da escada em espiral, com os braços cruzados, e sorriu desde dois degraus por cima dela. Um último raio de tênue luz entrava por uma fresta.

—O homem verde é invencível, minha senhora — sussurrou, inclinando o máximo que se atrevia tendo em conta que ela sustentava Gryngolet no punho— E seu elegante duque de Lancaster amanhã lhe arrancarão as plumas da cauda.

—De verdade? Depois de que a metade de seus cavaleiros enfrentarem a meu pobre... Paladino? —Soltou uma breve gargalhada— Porque suponho que esse é o título que devo lhe dar.

—Não, está supervalorizando seu cavaleiro, senhora. Aqui o conhecem por outro nome. Ele de um desses bárbaros das sagas do norte, Berseba ou algo assim. —Um elegante estremecimento percorreu o jovem— Conforme me contaram é o nome de um selvagem que se cobre com peles de animais. Um guerreiro que mata com a mesma facilidade com a que respira.

—É Berserker² — disse Melanthe enquanto olhava pensativa Allegreto— Não deve dar descanso a seus ouvidos para saber tanto dele. Onde encontrou este grande guerreiro?

² **Berserkers** (ou *Berserk*) eram guerreiros nórdicos ferozes que haviam jurado fidelidade ao deus [viking Odin](#). Eles entravam em fúria assassina antes de qualquer batalha. A origem dos *Berserkers* é desconhecida, [Tacitus](#), porém, faz menção de grupos de guerreiros germânicos com uma fúria frenética. Especula-se que *Berserkers* eram grupos ou bandos de guerreiros inspirados religiosamente. Esses guerreiros entravam em tamanho estado de fúria em combate que dizia-se que

—Pois nos estábulos, minha senhora. Trançava as crinas de seu verde corcel com fios de prata, enquanto se preparava para lutar nas justas de amanhã. É um cavalheiro extremamente puro e cortês, muito apreciado pelos guerreiros comuns. É retraído e só frequenta a capela, e não tem devaneios com as damas. Mas quando lhe ordenaram representar o papel de unicórnio por sua cor... Ocorreu-me chamá-lo à parte alteza, e lhe falar de seus desejos.

—Meus desejos. —Melanthe arqueou as sobrancelhas.

—Você desejava depositar nele seus favores no torneio — respondeu Allegreto com um sorriso angélico— Ou acaso não é assim? Mas temi que ele se negasse a aceitá-lo até que o levei ao salão e o obriguei a lhe olhar. E, pela Virgem, Oxalá pudesse ter visto seu rosto.

—O que havia em seu rosto? —perguntou Melanthe, cortante.

Allegreto jogou para trás a cabeça e a apoiou na curva parede.

—Indiferença. E depois... —interrompeu-se— Mas por que razão ia minha senhora preocupar-se do que pensava ele? Não é mais que um bárbaro inglês.

Melanthe acariciou o peito de Gryngolet. O falcão relaxou as patas e fincou as garras na manopla.

Allegreto não variou sua atitude preguiçosa, mas subiu outro degrau.

—Indiferença, minha senhora — disse com mais respeito— até que lhe viu bem. E então se converteu no apaixonado estúpido que necessitávamos para dissuadir a seu duque, embora o dissimulasse bem.

—Suponho que não lhe terá feito nenhuma promessa — disse ela com frieza.

—Senhora, lhe ver é suficiente promessa para um homem — murmurou Allegreto— Eu não prometi nada, mas não posso responder pelas esperanças de felicidade que possa albergar em sua mente.

Melanthe o contemplou durante um longo momento. Era jovem e formoso, escuro como um demônio e tão bem formado como o Diabo tinha conseguido fazê-lo. Gryngolet

suas peles podiam repelir [armas](#). Alguns eruditos modernos sugerem que a fúria dos Berserkers poderia ter sido induzida pelo consumo de [cogumelos alucinógenos](#). [Lendas](#) mencionam gangues de *Berserkers* com doze membros cujos aspirantes às mesmas tinham que passar por lutas ritualísticas ou mesmo verdadeiras para serem aceitos. Alguns *Berserkers* tomaram como nomes *björn* ou *biorn* em referência aos [ursos](#).

arrepiou as plumas, de um branco puro e sem mácula. Allegreto olhou o falcão um décimo de segundo. Só havia três coisas neste mundo que lhe infundiam terror: o falcão, a peste e seu pai. Gryngolet era o único amparo com o que contava Melanthe frente a ele, já que ela não tinha poder algum sobre a praga, nem tampouco, vive Deus, sobre o Gian Navona.

O príncipe Ligúrio de Monteverde tinha morto três meses, mas durante anos, antes que ele exalasse o último suspiro, Melanthe tinha exercido o poder e ocupou o lugar de seu marido. Enquanto ele caía vítima da enfermidade e se voltava vulnerável, ela tinha se ocupado de defendê-lo com os métodos que seu marido lhe tinha ensinado. Tinha sido ele quem lhe tinha mostrado como guardar as costas; tinha sido um pai para ela desde que, aos doze anos de idade, uma menina aterrorizada tinha abandonado a Inglaterra para contrair matrimônio com um homem que lhe levava trinta anos; tinha sido ele quem lhe tinha ordenado que enfrentasse aos Reata, que atormentasse Gian Navona, já que sempre existiria aquele triângulo formado pelas casas de Reata, Navona e Monteverde, que eram como uma manada de lobos rondando em torno da mesma presa.

Agora o príncipe Ligúrio já não estava. O triângulo de poder desabou e tinha deixado Melanthe entre os lobos e com a fortuna dos Monteverde.

Ela teria renunciado a aquela fortuna em favor deles. Não queria a herança de Monteverde, mas renunciar a seus direitos era igualmente perigoso que lutar por eles. Como uma raposa que busca um território seguro, via-se obrigada a esquivar, enganar e a olhar sempre a suas costas enquanto tentava fugir.

Tinha negociado com os Reata um passo seguro até um convento na Inglaterra, em troca de sua renúncia a Monteverde. Tinha negociado com o pai de Allegreto: tinha enchido de sorrisos ao Gian Navona e lhe tinha prometido acessar de boa vontade ser sua esposa, de tão boa vontade que inclusive viajaria antes a Inglaterra para confirmar a herança que ali a esperava, e assim poder oferecer aquela recompensa, junto com sua pessoa, no tálamo nupcial.

Promessas, uma atrás de outras. Promessas que não pensava cumprir, engano atrás de engano.

Só manteria uma, embora morresse na tentativa. A que fez a si mesma. Ia retornar a casa, a Inglaterra e a Bowland. A raposa escapava a seu território.

—Desgosta-me que interfira — disse a Allegreto— Não compreende os ingleses. Se pensava desanimar o duque com uma provocação assim, não tem feito a não ser empurrá-lo a demonstrar sua devoção para mim, e agora me verei obrigada a rechaçá-lo uma vez mais amanhã.

—Não entendo nada das maneiras destes incultos ingleses, minha senhora — disse ele com ligeira malícia— quando vejo que um homem se acredita na obrigação de impor seus cuidados a uma dama, sem que haja incitação alguma por parte dela.

—Reserve essa indignação para o incauto que se mete nos assuntos de sua senhora. Eu tinha meus próprios planos com respeito a Lancaster.

Allegreto se limitou a sorrir ante a reprimenda.

—Espero que não vá tomá-lo em matrimônio, senhora.

—Se ele não se decidir a me pedir isso não posso tomá-lo, verdade que não?

—Fá-lo-á — disse Allegreto, e dedicou uma irônica reverência— Mas minha gentil senhora não romperia o coração de meu pai, que leva tanto tempo esperando em silêncio.

Melanthe devolveu a saudação com um sorriso afetuoso.

—Não aceitarei Lancaster por nada do mundo. Mas, Allegreto, meu amor, a próxima vez que escreva a seu pai, diga a Gian que a verdade é que, como é um moço tão tenro e gentil, há momentos em que o tomaria por esposo em seu lugar.

O rosto de Allegreto não se alterou. Manteve os lábios curvados em expressão prazerosa, e seus escuros olhos não revelaram nada.

—Eu não seria tão imprudente, minha senhora. Esse preço já foi pago.

Melanthe voltou o rosto. Envergonhava-se de si mesma por ter tentado Allegreto. O que Gian Navona tinha arrebatado a seu filho bastardo, para assegurar-se de que

Allegreto dormiria castamente nos aposentos de Melanthe, estava além de qualquer preço ou pena.

—Vamos. —levantou a borda das saias e começou a subir, mas o jovem deixou escapar um leve som de advertência e levantou o dedo indicador. Em lugar de esperar que ela passasse, deu a volta e foi um pouco por diante; suas botinhas amarelas e verdes se moviam silenciosos sobre os degraus de pedra.

O pulso de Melanthe se acelerou. Aquele era seu ponto débil, como o era o falcão para Allegreto; resultava-lhe impossível manter o coração frio quando o exigia a mente. Enquanto os fortes batimentos do coração ressonavam em seus ouvidos, voltou-se para escutar atrás dela.

—Vamos, me dê um beijo, Allegreto — disse em direção à escada vazia— e vamos daqui.

Não ouviu outra coisa que o ritmo de seu próprio sangue. Depois de um momento, começou a subir para Allegreto, a mão na adaga e os olhos na curva da escada. Aquela escada de caracol conduzia às fortificações no alto, e à capela debaixo, com uma porta que se abria a um pequeno corredor de pedra que levava a seus aposentos. Não tinha gostado, pela falta de segurança, quando a viu, e agora lhe agradava ainda menos.

A porta aberta dava à vazia escuridão. Melanthe titubeou enquanto olhava para dentro e calibrava a situação. Gryngolet se arrumava, tranquila, as plumas, mas aquele falcão fêmea não era um cão que ladrasse ante um perigo. Mantinha-se alheia aos assuntos humanos, igual a todos os de sua espécie. Melanthe tirou a adaga da vagem e voltou o fio para cima. Subiu Gryngolet no alto, disposta a soltar à ave e pô-la a salvo se era necessário.

—Venha senhora.

A voz espectral de Allegreto rompeu o silêncio, animando-a a seguir. Melanthe tomou fôlego sem fazer ruído e transpassou a porta.

Allegreto estava de joelhos atrás dela sobre um vulto escuro. Melanthe viu uma forma branca, uma mão imóvel com a palma meio aberta, e o vulto adquiriu forma: o sicário dos Reata jazia morto na penumbra.

Só havia um rastro de sangue na fina adaga de Allegreto. Melanthe o tinha visto praticar com ela em porcos até obter um corte que detivesse imediatamente o fluxo vital; o escasso sangue que se produzia ia aos pulmões e não saía à superfície, tal como tinha explicado em uma ocasião, cheio de orgulho e prazer ante sua destreza. Naquele momento não sorria, mostrava-se sóbrio e hábil enquanto despojava ao cadáver da libré com as cores de Melanthe.

Ela apertou os lábios com força.

—A meu vestidor — murmurou— Farei que Cara e as demais se vão.

O jovem assentiu. Melanthe baixou rapidamente a escada que acabava de subir e foi para a capela, passou ali um momento fingindo rezar e, continuando, subiu a seus aposentos pela escadaria principal. Uma vez ali, retirou-se ao soalheiro e ordenou que lhe preparassem uma taça de malvácea, perfumada com flores e rosas, e reclamou solidão porque lhe doía a cabeça. Suas damas de companhia sabiam muito bem que quando dava ordens assim, o melhor era que não se apressassem em voltar.

Quando se assegurou de estar a sós, abriu o ferrolho da porta que dava ao corredor. Allegreto esperava na escuridão, sua presa jazia nua a seus pés. O jovem subiu o cadáver sobre os ombros, também com habilidade, embora cambaleasse um pouco sob o peso.

—Porco gordo Reata — murmurou, e dirigiu um sorriso a Melanthe por cima das pálidas pernas do homem morto.

Ela se fez a um lado com expressão implacável, o que provocou a risada silenciosa de Allegreto. Possivelmente fosse uma fanfarronada, ou pode ser que de verdade aquilo o divertisse; era igualmente impossível conhecer os verdadeiros sentimentos do jovem, que adivinhar a emoção que lhe alvoroçava o estômago. Castigá-lo-ia por aquele assassinato, posto que lhe tivesse ordenado que se controlasse, mas isso não diminuía a horrível sensação de triunfo, a euforia de sentir-se a salvo, por muito passageira que fosse; de saber que pôs fim a aquilo.

Allegreto passou ante ela com o cadáver, dependurado nos braços nus, visão que a Melanthe causou desgosto, mas foi ainda pior quando no vestidor — uma pequena

estadia gélida com um frio banco de pedra— teve que assistir ao momento repugnante que Allegreto colocou o flácido torso do Reata e o empurrou cabeça abaixo pelo orifício que servia de fosso, para que não ficasse trancado ao cair. Agarrou-o pelas coxas, um tanto ofegante pelo esforço. As brancas e corpulentas extremidades roçaram a pedra sem sangrar, e opuseram sua branda resistência até que ele conseguiu introduzi-lo além dos ombros, até a cintura.

Soltou-o. Os pés desapareceram. Durante um longo momento não aconteceu nada, depois se ouviu o ruído do cadáver ao cair no rio, mas não foi o que ela imaginou, apenas um chapinho, a não ser um estrondo semelhante ao de uma pedra catapultada ao se chocar contra o aço, que ressonou interminavelmente no fétido buraco.

Allegreto se benzeu e se ajoelhou ante ela.

—Vos rogo que reze por mim, minha senhora — disse com humildade— Sei que lhe desgostei, mas o fiz para lhe salvar a vida.

Melanthe não disse nada. O jovem se levantou, agarrou o montão de roupa de cor verde e prata e o dobrou com esmero. Tomou um cabelo solto da ombreira amarela de seu espartilho, sustentou-o sobre o buraco e com um estalo dos dedos o deixou cair à escuridão.

Melanthe o observou. Ela não tinha pesadelos. Jamais dormia o suficiente para sonhar.

A princesa Melanthe celebrou sua audiência entre sedas da Tarsia e exóticos cortesãos, ao calor de um perfumado fogo. E, como era de esperar, não recordava quem era ele.

Ruck tampouco a tinha reconhecido a primeira vista no salão, à distância, irritado como estava pela repentina ordem do duque de que aparecesse vestindo a armadura de torneio para dar gosto a uma dama de alta linhagem, e distraído por um jovem estrangeiro que ia pisando nos calcanhares. Não tinha se preocupado dos convidados do duque, molesto pela insistência daquele mucoso em que se detivesse na porta e desse uma olhada. Quão único tinha distinto era uma figura feminina com ar aborrecido

no estrado, até que ela deu a volta, tinha posado aquele olhar frio e irônico em Lancaster e tinha elevado os dedos para acariciar o peito do falcão branco. Até aquele preciso instante no que seu rosto e as cores prata e verde tão similares aos seus, fizeram que a reconhecesse de repente.

Agora que a via de novo, não podia acreditar que não se deu conta imediatamente de que era a dama de sua vida. Estava exatamente como ele a recordava; todos seus sonhos, todas suas aspirações, os treze anos de fidelidade e devoção tinham cristalizado com o resplendor de uma pedra preciosa... Só que ele tinha acreditado que seu cabelo não era tão negro, e que o azul de seus olhos era mais claro.

De fato, em sua mente tinha sido mais parecida com Isabelle, embora mais bonita.

E certamente que era bonita; de uma beleza gloriosa, magnífica, que ninguém podia rebater, mas com um ar de atrevimento que fazia um pouco mais acreditáveis as fofocas das damas. Seu camareiro o anunciou:

—O Cavalheiro Verde, alteza.

Mas nem sequer levantou o olhar do estojo de joias que uma de suas damas de companhia sustentava ante ela para dirigi-la a Ruck; limitou-se a assinalar com a mão para um dos lados de seu leito.

Ruck se dirigiu ao lugar. O esbelto jovem que tinha pedido a Ruck que combatesse em nome dela não mostrava o mesmo respeito. O moço jazia sobre uma arca coberto por um tapete, vestido com meias que tinham uma perna amarela e a outra azul. Com a extremidade do olho, Ruck viu que aquele cachorrinho o olhava. Com o olhar fixo à frente, o único que oferecia ante sua vista era sua dama, e era como uma visão de ébano, incrustada em ouro.

Tinha trocado de traje. Agora já não vestia o decotado vestido de seda verde que levava no salão; era uma túnica de brocado dourado, de mangas largas, rodeada ao corpo, debruada em negro, de corte aberto e unida por cordões a ambos os lados. Levou-lhe um momento dar-se conta de que não levava nada debaixo. Viu claramente sua pele branca e nua do torso ao tornozelo.

Fez um esforço para manter uma expressão imutável. Não se atrevia tão sequer a piscar. A sufocante estadia fez que se sentisse acalorado sob o manto de arminho. Enquanto ela escolhia um colar e um cinturão de cobre dourado e esmalte negro, o jovem se moveu, dirigiu um sorriso de lado a Ruck e rodou sobre o leito para agarrar as joias das mãos dela.

Melanthe inclinou a cabeça enquanto o jovem lhe grampeava o colar na nuca e deslizava os dedos por seu pescoço. Tinha uns dezesseis anos, pode ser que menos, apenas a metade que ela ou Ruck, o cabelo negro e a pele tão suave como a dela. Acariciou-a como faria um amante e se inclinou para lhe rodear o cinturão em torno da cintura, lhe beijando o ombro enquanto o fazia.

Ela inclinou a cabeça, negando-se a olhar-se no espelho que uma das damas sustentava. O jovem observou Ruck por debaixo das pestanas.

—Permita que lhe solte o cabelo, senhora — disse enquanto se movia para fazê-lo. Introduziu os dedos entre a coroa de tranças, soltou-as e as desfez. Agarrou uma das mechas e o levou aos lábios enquanto ria em silêncio e olhava Ruck através dos cabelos— Olhe meu amor — disse falando com voz perfeitamente audível enquanto fingia fazê-lo a seu ouvido— O homem verde vos deseja.

—Pois pior para ele — respondeu ela com indiferença.

—Olhe um momento, senhora! —O jovem, satisfeito, dirigiu seu sorriso a Ruck— O encantaria lhe abraçar como faço eu. Assim. —E deslizou os dedos em torno de sua cintura sem afastar nem um momento seus negros olhos de Ruck.

A dama lhe afastou as mãos.

—Para, deixa de fazer travessuras. Acaso você gostaria de exercitar suas garras com ele, Allegreto? Então brinca, se isso for o que quer, mas lembra que para mim é de utilidade. —voltou-se um instante e olhou o jovem nos olhos— Te assegure de que não o matem ou lançarei sobre ti Gryngolet.

Aquela ameaça produziu um efeito calmante sobre o jovem cortesão, que olhou para o falcão, subido a um alto cabide ao pé do leito.

—Senhora — disse com ar submisso, afastando-se dela.

—Me recolha o cabelo — pediu ela— Com a rede para cabelo de crespo, possivelmente.

Em silêncio, Allegreto agarrou um pente e a reluzente rede da dama de honra e começou a lhe pentear a larga cabeleira e a recolhê-la com dedos hábeis.

Enquanto ele se empregava em sua tarefa, a princesa Melanthe levantou uma mão e fez um gesto a Ruck, que se aproximou até os pés do leito e fincou um joelho no chão.

A dama soltou uma gargalhada.

—É inegável que é um cavalheiro extremamente cortês! Levanta. Prefiro ver os rostos de meus servidores antes que o cocuruto de suas cabeças.

Ruck ficou em pé.

—Amanhã conduzirei seu corcel ao campo de batalha — comunicou ela— Te assegure de que os arautos saibam. Deve levar meu objeto sobre a lança ao fazer a entrada, e depois quero que me seja devolvida.

Ruck fez uma reverência.

—Fala inglês — disse ela de repente.

—Assim é, senhora.

—Excelente. De vez em quando dirigirei a ti em inglês. Quero recordar de minha infância. Que seja uma lição para ti, Allegreto, sempre terá que preocupar-se de entender um pouco a língua dos criados e servidores, para que assim não possam tirar imerecido proveito de ti.

Allegreto lhe prendeu o cabelo e colocou com cuidado a rede para cabelo sobre ele. Em tom apagado, disse:

—Você é a fonte da luz e a sabedoria, alteza.

—Encanto de moço, não permitirei por nada que Gryngolet te ataque.

As sombras de seu rosto se limpavam e começou a lhe dar uma massagem nos ombros. Ruck baixou o olhar até os pés do leito, deu um passo atrás e começou a retirar-se.

—Cavalheiro Verde — disse ela com voz imperiosa ao tempo que rechaçava os cuidados do jovem com um movimento impaciente do pulso— chegou a meus ouvidos que é implacável nos combates e nos torneios.

Ruck guardou silêncio. Pela primeira vez, ela o olhou diretamente, percorreu-o com a vista dos tornozelos ao torso e os ombros, da mesma maneira que um hospedeiro calibraria a um cavalo. Um leve sorriso flutuava sobre seus lábios quando o olhou nos olhos e sustentou seu olhar com suas pupilas azul púrpura, escuras e misteriosas.

—Excelente — murmurou— A violência me diverte. E que gloriosas façanhas de armas tenho que esperar que se execute ante meus olhos em minha honra?

Ruck meditou cuidadosamente e durante longo momento a resposta, conhecedor do número de competidores que enfrentariam a ele.

—Dez lances com a lança — disse sem alterar-se— cinco com a tocha e cinco com a espada será minha proposta a qualquer cavaleiro que golpeie meu escudo. E toda glória que com o favor de Deus obtenha pertencerá a minha dama.

—Isso está muito bem. —Em seu sorriso apareceu uma faísca de humor— Minha imagem pública sempre necessita um pouco de brilho.

No instante no que riu de si mesma apareceu um brilho em seus olhos que se desvaneceu no meio do movimento ágil e elegante com o que se reclinou sobre as almofadas e o gesto que fez a uma das damas para que aproximasse a taça de vinho. Ruck quis afastar o olhar, mas resultou impossível: a ironia, a escuridão e o sombrio resplendor que dela emanavam o retiveram.

Lancaster tinha poder sobre Ruck por ser seu príncipe e suserano, mas Melanthe não deu sinal algum de pensar nisso. Tinha posto Ruck ante o dilema mais difícil ao que pode enfrentar um homem: o de ser vassalo e servidor de dois senhores enfrentados entre si, embora não fosse declarar a guerra nem nenhuma outra coisa importante pelo que lhe ordenava desafiar a seu príncipe e senhor em seu nome, ao menos Ruck não via nada que o indicasse.

Ele cumpriria aqueles desejos. Era a dama a cujo serviço se pôs. Sem a menor dúvida a obedeceria e não haveria motivo que o impedisse. Não era sua coisa perguntar as razões, nem sequer quando ela não o recordava.

Estava claro que não o fazia. Quando o olhava com aquele ar negligente, estava seguro, ou quase seguro, de que não se lembrava dele.

Duas esmeraldas e treze anos. Mas para alguém como ela as esmeraldas não significavam nada, como tampouco teria significado nada a ele naquele tempo, tão só tinha sido um moço insignificante, um João ninguém.

Usava no elmo aquela gema verde; no escudo, seu falcão. Por que tinha solicitado sua presença se não recordava quem era?

Melanthe inclinou a cabeça para tomar um sorvo da elegante taça, mas se deteve antes de fazê-lo. Contemplou o vinho durante um longo momento, suas pestanas negras destacavam sobre uma pele de penugem e rosas. Quando elevou a vista, dirigiu-a ao pequeno grupo de damas de companhia junto a seu leito, uma olhada inflexível que se deteve em cada uma delas. Ruck observou como respondiam uma após outra com o silêncio pétreo dos coelhinhos encurralados.

—Vai mostrar valentia em meu nome amanhã, Cavalheiro Verde? —murmurou a princesa, levantando o olhar sobre a borda da taça.

Ruck respondeu com um ligeiro gesto de assentimento.

—Assegure-se de que assim seja.

Com um sinal, despediu-o. Ruck deu a volta e afastou o olhar de Allegreto, que brincava com um dos anéis dos dedos dela.

Ao chegar à porta, deteve-se e olhou para trás.

—Alteza — disse em voz baixa.

Ela o olhou, arqueando as sobrancelhas.

Ruck indicou com o gesto Allegreto e falou em inglês.

—Alguém como ele jamais poderia me matar.

—O que há dito? —exigiu saber o jovem imediatamente— Olhava-me!

A princesa Melanthe se voltou.

—Pois há dito que com a devoção que sente por mim, Allegreto, vê-se capaz de vencer a qualquer homem. Muito útil este Cavaleiro Verde, não acha?

Quando o cavaleiro partiu, Allegreto continuou dando voltas ao anel de ametistas no dedo de Melanthe. Inclinou-se sobre seu ombro e apoiou a cabeça junto à dela. Melanthe elevou a taça de vinho até a boca do jovem e disse:

—Compartilhe-o comigo.

Allegreto tragou um pouco de ar e ela notou em seus músculos o movimento quase imperceptível com o que se separava dela.

—Minha senhora — murmurou — prefiro a doçura de seus lábios.

Melanthe jogou a cabeça para trás e deixou que os lábios dele lhe percorressem o pescoço. Com um lânguido movimento afastou a taça e se estendeu sobre os almofadões. Cara a recolheu de sua mão com uma profunda reverência, com aquele sorriso sereno como um quadro da Virgem Maria. Embora Melanthe fechasse os olhos, percebeu o ligeiro frufu das roupas e os murmúrios de suas damas, boas conhecedoras de suas inclinações, enquanto se retiravam.

Allegreto aproximou a boca a sua orelha quando ainda as damas não tinham abandonado o aposento

—Dona Cara — disse — já lhe hei dito que se desfaça dela. Faça que parta esta noite.

Melanthe jazia com os olhos fechados. Suportava as mãos dele sobre seu corpo, os sentidos alerta para captar o último instante no que aguentaria seu roce. Tão logo esteve segura de que se encontravam sozinhos, afastou o braço do jovem e se sentou.

—E eu te disse que não matasse a ninguém. Amanhã suas costas se ressentirão de havê-lo feito.

Allegreto se moveu com descaramento até colocar-se sobre a pilha de almofadões.

—Não, senhora, sabe bem que nenhum de seus homens me tocará. Apreciam muito meu pai.

—O duque adorará me ceder seus homens para esta tarefa, asseguro-lhe isso. — Abandonou o leito e ficou junto à arca, examinando o conteúdo da taça de vinho

aromático. A vela junto a ele tremeu e refletiu uma sinuosa meia lua no escuro líquido— Isto é uma advertência.

—Não pode ser outra coisa, Alteza. —O jovem deu um giro e ficou apoiado em um cotovelo, intimidado o suficiente para dirigir-se a ela com deferência— Amêndoas amargas. —Tomou uma profunda baforada de ar— Daqui o percebeo.

Melanthe sorriu sem humor.

—Não é tão perceptivo. Nem eu mesma fui capaz de detectá-lo até cheirar o interior da taça.

—Tem que ter sido Dona Cara. Vendeu-se aos Reata e a traiu. Pode ser que não tivesse intenção de lhe fazer uma advertência, que tenha sido uma pífia. Miúda estúpida esta puta dos Monteverde para fazer as coisas tão mal. Faça que se vá, repito-lhe isso.

—Cara! —Melanthe pôs-se a rir burlando-se de suas palavras— Está obcecado de forma irracional com essa moça. Segundo você, um momento é sutil como uma víbora e ao seguinte o suficientemente estúpida para me pôr veneno no vinho, como se eu fosse incapaz de cheirá-lo!

—É idiota. Me entregue ela, e eu farei que lamente sua traição, de forma que jamais esqueça a lição. Nem sequer vale a pena matá-la.

—Que não vale a pena matá-la? Meu Deus, Allegreto, deve se encontrar mal.

O jovem riu.

—Não, só lânguido de tédio. Eu adoraria torturar um Monteverde. Seria algo novo frente a estes aborrecidos Reata que morrem tão facilmente.

—Sua maldade domina seu cérebro. Não se esqueça de que é minha prima.

Allegreto girou até ficar de barriga para cima e cruzou as pernas, o olhar fixo no dossel.

—A maldade me foi inculcada. Um Navona tem que odiar a qualquer Monteverde. —Dirigiu o olhar para ela com um seco sorriso— Exceto você, minha senhora, é obvio.

Melanthe examinou de novo o vinho envenenado, e com um movimento da cabeça indicou que se levantasse.

—Leva a taça ao fosso, afundar-se-á. Não quero voltar a utilizá-la.

—Está bem, minha senhora. —Com agilidade juvenil, Allegreto saltou do leito e a obsequiou com uma elegante reverência— Um Reata ao inferno e uns quantos peixes ao céu, isso é o que eu denomino um bom dia para um desocupado

Entre as chamadas dos trompetistas dos arautos que ressonavam no ar claro e frio, o Príncipe Negro e seu séquito partiam na cabeça da comitiva; estava muito doente para cavalgar, mal era capaz de assistir aos fastos, conforme tinha ouvido Melanthe. Ela ocupava seu lugar entre as damas e sustentava Gryngolet, coberta com um capuz de esmeraldas e provida de um novo jogo de guizos e sinos, enquanto observava como o bulício que reinava no pátio se transformava em ordem ao formar a comitiva.

O duque, que tinha superado seu mau humor, ficou atrás e saudou Melanthe; dava amostras de ter o melhor dos ânimos enquanto segurava as rédeas do cavalo para ficar à altura do palafrén da jovem.

—Bom dia, minha senhora. —Resplandecia de azul e escarlata, o escudo, dividido em quatro partes, blasonado com os leões da Inglaterra e a flor de Liz da França. A seu lado, um soldado mouro, com turbante branco na cabeça, segurava a um leão com um cordão de seda— O dia promete ser adequado para nossa diversão. Há um cômodo lugar disposto para você no camarote se deseja nos conceder a honra.

—Que Deus o recompense por sua bondade — respondeu Melanthe— Irei ali quando assim o desejar.

—Vos rogo que seja logo, pelo prazer que obtenho de sua companhia.

—Quando o desejar — repetiu ela com suavidade.

O duque mostrou os dentes com um sorriso.

—Espero com deleite a chegada de dito momento, senhora. E também estas justas.

Melanthe conteve a nervosa tentativa de seu palafrén por roçar o focinho do cavalo zaino de batalha que montava o duque.

—Vai armado para tomar parte no combate, meu senhor. —Fez um gesto de aprovação— Nunca até este momento tinha visto um príncipe de sangue real entrar nos campos de batalha. Felicito-lhe por seu valor.

—Se Deus quiser, romperei uma ou duas lanças. Minha gentil senhora recordará que há uma provocação exposta em sua honra.

Melanthe sorriu serena.

—Recordo-o.

—Seu paladino goza de grande renome por sua destreza. —Fez um gesto despreocupado com a cabeça— Tentarei vencê-lo, mas tenho poucas esperanças de ganhar algum prêmio em uma justa contra o celebrado Cavalheiro Verde.

Melanthe viu que queria surpreendê-la ao utilizar aquele tom de despreocupação, já que o olhar que lhe dirigia não se ajustava a aquela jocosa indiferença.

—Mas meu senhor é seu amo, ou acaso não é assim? —disse— Maravilha-me que vá enfrentar a ele.

—Só será um enfrentamento breve. Uma justa para sua diversão. Com armas cegas, não tem por que ter medo de enfrentar a seu senhor. —Girou o cavalo e a saudou— Abrirei as justas e voltarei para seu lado logo que me seja possível, minha querida princesa. —Com uma revoada de brilhante cor, rodeou-a e cavalgou veloz para diante; seus homens, seus escudeiros, e inclusive o leão, saíram atrás dele a toda velocidade para não ficar atrás.

Com passo tranquilo, o cavalo de Melanthe, conduzido por um jovem pajem, iniciou a marcha até ficar na cabeça do grupo de damas e atravessou as sombras da torre de entrada e as ruas da cidade. Cidadãos e espectadores se alinhavam ao longo de todo o percurso, e gritavam e corriam acompanhando à comitiva. Melanthe os olhou receosa daquelas janelas no alto com seus estandartes ao vento, da multidão formando redemoinhos, mas sobre tudo receosa de Cara e suas outras damas de companhia a suas costas.

Não confiava nos maliciosos conselhos de Allegreto, mas tampouco podia confiar por completo em Cara, por muito bonita e crédula que fosse a aparência que lhe conferiam seus olhos escuros e suas feições suaves e regulares. Qualquer dos membros de seu séquito podia sucumbir em qualquer momento à traição e a perfídia; Os Reata eram mestres em ambas.

O cadáver do sicário tinha sido resgatado do rio e o tinha levado a um cemitério de pobres, onde seria enterrado sem lápide. Em troca de seus esforços, Allegreto tinha passado o dia exposto ao público no pelourinho, depois de que os homens do duque o tirassem a rastros dos aposentos de Melanthe, coisa que ela tinha organizado para lhe dar uma pequena lição.

De todas as formas, o assassinato não lhe tinha proporcionado mais que um alívio passageiro, um momento de graça; logo, o vinho envenenado o tinha recordado. Ainda a vigiavam alguém a salário dos Reata, e agora a ameaça era maior, já que não sabia de quem se tratava.

Qual único sabia com certeza era que a queriam morta antes de casar-se de novo e depositar seus direitos em mãos de outro homem que reclamaria Monteverde para ela. Alguém como Lancaster, ambicioso e poderoso, ou ainda mil vezes pior para os Reata, alguém como Gian Navona.

A ameaça iminente de Gian era o que Melanthe tinha utilizado para negociar com eles. Jurou que não se casaria com ele, que retornaria a Inglaterra para entrar em um convento se deixavam que partisse sem impedimentos. Uma vez ali, cederia seus direitos sobre Monteverde aos Reata, com o que renunciaria a sua perigosa herança como viúva e ao direito de berço que por linha materna teriam quatro gerações de descendentes, algo que era muito difícil de conquistar das mãos de um homem, e muito débil para defendê-lo em mãos de uma mulher.

Além da adaga de Allegreto, aquele acordo que ainda não estava posto por escrito era quão único preservava sua vida. Servia para reforçar as reclamações dos Reata, e lhes concedia vantagem sobre as dos Navona. Os Reata queriam o documento por escrito, mas Melanthe não era o suficientemente incauta para pensar que não a matariam e se esqueceriam dele se suspeitavam que os estivesse traindo.

A verdadeira casa de Monteverde tinha morrido com Ligúrio. Não lhe tinha proporcionado um herdeiro, somente uma filha de cabelo negro, e inclusive aquela remota esperança desapareceu quando a asfixiaram no berço. Ligúrio fez tudo o que estava em sua mão para proteger Melanthe. Tinha-lhe ensinado tudo o que ela sabia: o

subterfúgio e a corrupção, latim e grego, astrologia, o carisma e a astúcia, a força. Tinha-lhe ensinado sobre o leão e a raposa; sobre o camaleão que troca e se adapta a qualquer cor.

A qualquer cor menos ao branco. Ligúrio a tinha formado para que não confiasse em nada nem em ninguém, para mentir a respeito de tudo e a todos. E por isso, ao final, também tinha mentido a ele. Tinha morrido com a crença de que ela ia procurar refúgio nos hábitos, que se retiraria à abadia que ele tinha baseado nas colinas da Toscana, que estaria a salvo em um cômodo retiro após pôr as terras e a fortuna dos Monteverde em mãos da mãe Igreja e invocar os poderes celestiais e a avareza terrestre dos homens de Deus. Melanthe sabia a amargura que ele tinha sentido ao ver que sua casa se extinguia, mas era melhor que passasse às mãos do Céu que às de seus inimigos.

Seu último presente a Ligúrio tinha sido a promessa de cumprir seus desejos. O último presente e a última mentira. Tinha-o querido como a um pai, mas já não estava ali. Melanthe tinha traído o Céu e seu marido. A Igreja não obteria Monteverde, nem Melanthe, mas tampouco o fariam os Navona nem os Reata.

Ela não podia viver como uma monja. Não podia passar os dias rezando por seus mortos. Eram muitos, e o mais provável era que não recordasse os nomes de todos eles, por isso manteria uma grande discussão com Deus sobre o assunto, e expiraria sumida em uma negra melancolia.

Não, tinha que rodear-se de muros para proteger-se, que desta vez fosse ela quem os escolhesse.

A comitiva do torneio chegou à alta pradaria em que um colorido acampamento flanqueava a entrada aos campos de batalha; tendas de vivas cores, umas laranja, outras azuis e escarlates, algumas em forma de pequenos castelos com grande número de bandeiras ondeando em uma multidão de bicos. Em cada uma das tendas as armas do dono apareciam sobre um escudo pendurado à entrada. Ao som das fanfarras, a comitiva avançou, deixando atrás arma e armaduras, cavalos com carapaças e escudeiros que faziam profundas inclinações em honra ao príncipe Eduardo e seu irmão.

Melanthe também foi objeto de comemoração, mas as vivas perderam intensidade a seu passo. Quando se deteve ante uma tenda verde, com cós em prata, as vozes próximas se apagaram por completo, criando um vazio, um espaço de silêncio em meio da música e a barafunda reineante.

Seu Cavalheiro Verde se encontrava junto a seu corcel de combate, coberto pela armadura, e o verde metal despedia faíscas chapeadas sob os raios do sol. Quando Melanthe se aproximou, ele fincou um joelho em terra, com a cabeça descoberta inclinada de forma que ela somente viu o arbusto de cabelo negro, a cota de malha ligeira e o silvestre recoberto de couro curtido do gibão sobre o pescoço.

—Minha senhora — disse.

—Eleve-se, amado cavalheiro — respondeu ela formalmente.

Com um ruído pouco musical formado pelas notas metálicas da armadura, o cavalheiro se ergueu. Melanthe estendeu a mão livre. Sem levantar os olhos aos dela, ele se aproximou e voltou a fincar o joelho em terra para oferecer-se para desmontar. Melanthe desceu da sela e roçou ligeiramente a mão nua dele um instante antes que Cara se apressasse a oferecer sua ajuda.

O cavalheiro se elevou. Melanthe tranquilizou Gryngolet com um dedo enquanto ele tomava as rédeas do cavalo de mãos de seu criado. Cara desapareceu quando o cavalheiro conduziu seu enorme corcel para onde elas se encontravam, com sua carapaça de verde esmeralda e as libélulas que ondeavam sobre a borda ao mover-se.

Depois de ela ter provocado aquela cena teatral, Melanthe viu com irônico alívio que o retorcido corno do unicórnio, de uma vara de longitude, tinha sido substituído por um cone bicudo muito menos ameaçador. Os olhos do garanhão estavam ocultos atrás de umas viseiras de aço. O animal soprou brandamente e mordeu o bocado quando atou um cordão de seda às bridas e o estendeu a Melanthe com uma nova reverência cortês.

Ela não esperava ter que fazer cargo de uma besta de tais dimensões, mas o escudeiro dele se afastou para ajudar seu amo a colocar o elmo e a viseira sobre a cabeça, e alisou com presteza as dobras dos elos entrelaçados da malha que cobria os ombros. Melanthe se deu conta com surpresa de que, pelo que parecia, ele não tinha

mais criados que aquele. O cavaleiro elevou a viseira com o punho e manteve um cauteloso olhar sobre o cavalo ao tempo que calçava as manoplas.

Aquele momento incômodo passou sem incidentes. O cavaleiro agarrou as rédeas frouxas e as sustentou juntas à altura dos cotovelos do garanhão enquanto se situou junto ao estribo. As manoplas de metal eram tão grossas que dava a impressão de que os dedos estavam meio retorcidos, torpes e hábeis de uma vez.

Pela primeira vez olhou diretamente a Melanthe. Não disse nada, mas transmitia uma sensação de força, de tranquilidade e nobreza sem evasivas. Parecia esperar, sem expectativas, com paciência infinita e firme em seus olhos verdes. Tão impenetrável e atraente como as sombras silenciosas de um bosque e, de uma vez, com brilhos de uma vivacidade secreta, com misteriosa vida e vontade própria.

Inesperadamente, Melanthe foi consciente de que não tinha uma palavra pronta, nem olhar enganoso que devolver. Sentiu como se tivesse estado caindo ao vazio... E sob seu olhar calmo se interrompeu aquela queda sem fim e a houvessem devolvido a terra firme.

O cavalo jogou para trás a cabeça e soaram os guizos. Melanthe afastou o olhar, foi primeira em fazê-lo, e fez um gesto de assentimento ao cavaleiro.

O homem girou para montar. O escudeiro agarrou as rédeas sob o bocado para segurar o cavalo. Depois de subir ao banco para montar, o cavaleiro se colocou sobre a sela de torneio e acomodou o corpo contra a alta curva do arreio. O pequeno escudeiro levou a lança. Com um movimento que revelava a habilidade após inumeráveis repetições, o corcunda riscou um arco no ar ao levantar a pesada haste. A arma se chocou contra a mão que o cavaleiro tinha à espera, deslizou até a palma aberta e ficou no suporte. Na ponta de metal ressonaram os guizos das coleiras de Gryngolet com sua música de predador.

O cavaleiro tomou seu escudo com a imagem do falcão com capuz e olhou Melanthe. A luz do sol se refletia na grande esmeralda na base do penacho de plumas verdes.

—Diga-me seu verdadeiro nome — disse Melanthe em tom baixo.

Ouviu a si mesma perguntando, escutou a intensidade de sua própria voz em meio da multidão de espectadores, sem saber tão sequer por que resultava importante sabê-lo.

A armadura agora o mantinha oculto; quão único ela distinguia era o rosto entre sombras sob o casco e a viseira. Pensou que não ia responder, já que tinha jurado manter o anonimato, mas não havia nele o menor vislumbre de subterfúgio; era um contraste impossível, novo para ela e inquietante pelo estranho. Sentiu um singular arrebatamento de acanhamento por aquela insistência dela, e baixou o rosto.

—Ruck — disse ele.

Melanthe levantou os olhos, sem entender muito bem a palavra inglesa.

—Como a chamada dos corvos negros — murmurou ele em seu próprio idioma. As comissuras de sua boca se elevaram em um meio sorriso— Ruck, minha senhora. Não se trata de um nome tão belo como o seu, mas sim de um ordinário.

Não havia presunção nele, nem artes amorosas descaradas nem oferecimento de certo tipo de prazer. Só aquele sorriso, estranho e doce, que se desvaneceu ao momento, mas então Melanthe viu nele o que Allegreto tinha assegurado vislumbrar: o anseio de um homem atrás de toda aquela reserva.

Estava sobre a sela com o escudo e a lança, um guerreiro preparado para o combate. Pode ser que seu nome fosse áspero e rústico. Mas aquela figura coberta pela armadura despertou nela um pensamento que a deixou aniquilada por sua novidade.

Já não estava casada. Podia tomar um amigo ou um amante, se assim o desejava.

No mesmo instante em que o pensou, deu-se conta de quão impossível resultava. Nada tinha trocado. Gian Navona, de forma sutil, tornou-se cada vez mais desumano durante todos aqueles anos nos que tinha esperado seu troféu. Não tolerava que ninguém a fizesse objeto de sua galanteria, e se um homem não se deixava dissuadir para cessar em seus cuidados, o destino saía a seu encontro utilizando meios iníquos, tão sutis que unicamente as fofocas e os comentários maliciosos seguiam Melanthe. Tão sutis que ela tinha aprendido a não dar a ninguém sua amizade e a não sorrir a homem algum; seu coração era agora frio como o inverno.

Dirigiu um gélido olhar de desaprovação ao cavaleiro, de maneira que todos os presentes a vissem.

—Traz sem cuidado seu nome de batismo vulgar — disse, como se ele não tivesse luzes suficientes para entendê-la— De que corte vem?

Ele não mostrou reação alguma, limitou-se a fazer um movimento com a manopla que segurava as rédeas.

—Minha corte é a sua, minha senhora — respondeu em francês— E a de que rege o palatinado de Lancaster.

—Se me amar como senhora — disse Melanthe— hoje sua corte é unicamente a minha. —Olhou-o para assegurar-se de que captava o significado de suas palavras, durante um longo momento seu olhar foi tão imperioso como foi capaz.

—Que assim seja então — disse ele lentamente— Só a sua, minha senhora.

Capítulo 3

Davam-lhe o nome nortista de berserker com toda razão. Melanthe estava acostumada aos jogos de combate, às inumeráveis justas e torneios aos que tinha assistido, para celebrar distintos acontecimentos, desde bodas até a chegada de delegações estrangeiras. Uma justa, uns jogos cortesies, como tinha prometido Lancaster. Mas com suas armas de combate cegas, o Cavaleiro Verde lutava como se sua intenção fosse matar.

Melanthe o tinha acompanhado ao último lugar nos campos de batalha e tinha esperado até que se formaram duas fileiras enfrentadas de corcéis e cavaleiros, com suas armaduras ondeando sobre as cristas fantásticas dos elmos, adornados com galhadas de cervos, grifos e demais bestas fabulosas, como se cada um daqueles homens procurasse exhibir sobre sua cabeça um ser de pesadelo mais terrível que o de seu

vizinho. Pelo espaço vazio entre as duas fileiras conduziu seu Cavaleiro Verde; quando chegou ao centro se deteve para receber uns mornos aplausos dispersos. No momento no que soltou as rédeas do cavalo, um par de pajens com librés da casa de Lancaster se apressaram a aproximar-se dela, tiraram-na da mão e a acompanharam até seu assento no camarote, debaixo de onde se encontrava o príncipe Eduardo em um divã coberto de vermelhas colchas no alto dos degraus. Melanthe dedicou uma profunda reverência ao príncipe e à princesa, e a seguir tomou assento junto à cadeira vazia do duque.

Não ia ser uma refrega à antiga. Junto ao grosso portão que dava passo ao inclinado campo, sobre um monumento de pedra avermelhada, estavam às insígnias dos participantes. Ao entrar, cada um dos cavaleiros tinha golpeado o escudo eleito para deixar assim constar seu desafio; o escudo verde blasonado com um falcão prateado mostrava tantos golpes de espadas e lanças, que a madeira era visível através da pintura. Nem todos os cavaleiros haviam marcado aquele escudo; muitos tinham elevado as armas para golpear o falcão, mas no último instante se refrearam, inclinaram-se lentamente ante Lancaster e tinham acabado golpeando as armas de outro cavaleiro.

Mas inclusive assim, havia ao menos uma vintena de rivais, além do próprio duque, que também tinha deixado sinal de seu desejo de brigar para obter o favor de Melanthe. Os trompetistas soaram, e os campos de batalha ficaram vazios, com a exceção do enxame de serventes de Lancaster e do paladino da princesa com seu único acompanhante. Quando o Cavaleiro Verde levou o cavalo até sua posição, começaram os gritos. Talvez não se atrevessem a burlar-se abertamente de Melanthe, mas, pelo que parecia, seu paladino resultava uma presa fácil.

A multidão, sem exceções, estalou em frenéticos vivas quando o duque passou a cavalo para colocar-se em posição, rodeado de pajens e escudeiros. O Cavaleiro Verde não deu sinal algum de perceber nem os aplausos nem as mofas; apoiou a lança em terra e deslizou as pulseiras de Gryngolet da ponta. O marechal de campo aceitou a responsabilidade do objeto de Melanthe e voltou cavalgando para o camarote. Quando entregou as pulseiras à dama, os dois cavaleiros levantaram as lanças em saudação.

Melanthe obsequiou seu paladino com uma inclinação, e fez caso omissos de Lancaster.

Soaram as fanfarras. As lanças apontaram a terra. Ambos os cavalos entraram em movimento; o do Cavalheiro Verde se tornou um pouco para trás para voltar a plantar as patas com força sobre o terreno quando o de Lancaster se aproximava já ao trote. O cavalo levantou a garupa e saiu ao galope. O corcel zaino de Lancaster igualou suas pernadas e o som dos cascos se elevou sobre os degraus e a multidão.

Um instante antes de produzir o impacto, o Cavalheiro Verde se desfez de seu escudo. O rugido da multidão apagou o som das lanças ao entrechocar-se. A de Lancaster ricocheteou e saiu pelo ar, junto com as lascas rotas da de seu oponente. O Cavalheiro Verde se deteve no final dos campos de batalha com uma lança de torneio meio destroçada na mão.

Atirar a um lado o escudo foi à única amostra de consideração ao seu príncipe. No transcurso de outros cinco lances, rompeu cinco lanças contra o duque e o elmo de Lancaster no sexto, momento no que o marechal de campo lançou ao chão sua seta branca para indicar o fim do combate. Para desgosto de Melanthe, Lancaster aceitou imediatamente a decisão e nem sequer exigiu que continuasse o enfrentamento em pé na terra.

Entre murmúrios com os que a multidão expressava seu desacordo, o duque saudou Melanthe e seu irmão, e abandonou os campos de batalha com seu séquito.

A ela não tinha passado pela imaginação ter que presenciar um espetáculo tão mesquinho. Nem sequer os espectadores mais partidários podiam acusá-la de carecer de razões para negar seus favores ao duque. Mas quando Lancaster se uniu a ela no camarote, não parecia absolutamente envergonhado; ao contrário, estava alegre e falou favoravelmente das artes de seu competidor com seu irmão Eduardo um momento antes de tomar assento junto a Melanthe. Os músicos atrás deles começaram a tocar melodiosas canções.

—Um combate limpo, senhora — disse Lancaster— embora seu paladino parecesse não distinguir um campo de batalha de um torneio. Quão único espero é que não acabe com a vida de nenhum de nossos hóspedes.

Melanthe sentiu que a irritação a empurrava a responder:

—Enfrentou a você sem escudo — disse cortante.

—Há, isso me hão dito, mas a verdade é que eu não me dava conta até que me despojou do elmo, ou teria feito o mesmo. —Levantou a mão para que lhe servissem um refresco. Tomou a taça que ofereceu o escudeiro e bebeu a grandes goles— Ou talvez não, vive Deus que não sinto desejo algum de morrer em umas justas nem de que me enterrem em terreno sem consagrar.

Soltou uma gargalhada, mas viu nele o brilho de uma emoção mais profunda. Melanthe o observou enquanto apurava o vinho, atirava ao chão a taça e voltava à vista aos campos de batalha com satisfação. Sua atitude era fingida, percebeu ao examinar sua estudada indiferença. Aquilo não tinha terminado, absolutamente. Lancaster não tinha a menor intenção de concluir com uma exibição tão pobre.

Olhou-o de melhor humor.

—Não acredito que você corra semelhante perigo, senhor. Ides combater de novo, não é assim?

O vislumbre de hesitação confirmou tudo o que precisava saber.

—Pois... Não, senhora. Se for tão amável, descansarei a seu lado. Olhe, aí vai seu paladino de novo aos campos de batalha.

Um opositor, com armadura negra e ouro, coberto com um elmo coroadado com a cabeça dourada de um leopardo, era conduzido ao seu posto por dois escudeiros, enquanto que o cavaleiro de Melanthe dava a volta ao campo sobre o corcel e o levava de novo a seu lugar. Havia tornado a agarrar o escudo de combate. As lanças se inclinaram; um escudeiro de libré negra e ouro proferiu um grito e fincou um pau na garupa do outro cavalo. O animal deu um salto para diante ao ser assim açulado, iniciou um amalucado galope e pegou um meio escoiceio quando o garanhão de seu paladino lhe jogou em cima.

A lança verde foi dar de pleno no peito de seu objetivo. Com um espasmo, o cavaleiro saiu despedido da cadeira enquanto o cavalo caía. Saltaram pelos ares em distintas direções, o corcel se levantou entre um redemoinho de cascos e carapaças e iniciou um trote desenfreado pelo campo de batalha, em uma tentativa de fugir de quem queria capturá-lo.

—Mal montado — murmurou Lancaster com secura.

O opositor dourado ficou em pé a tropicções, arrancou o elmo e reclamou a tocha. O Cavaleiro Verde desmontou, trocou o elmo por um mais leve e fechou a viseira com um golpe enquanto o cavaliço retirava ao cavalo. O competidor foi para ele, brandindo uma tocha que emitiu um zumbido sobre o ombro de Ruck quando este se fez a um lado; depois, levantou a arma e dirigiu um golpe à parte traseira dos joelhos de seu oponente. O outro homem caiu e outro corte mais avesso, direto ao elmo, que fatiou uma boa parte de metal, foi suficiente para que gritasse que se rendia. Quando seu escudeiro lhe tirou o elmo, tinha a têmpora ensanguentada.

Não passaram ao combate com espadas.

Enquanto os músicos entoavam harmoniosas melodias e Melanthe seguia tranquilamente sentada ao lado de Lancaster, seu paladino deu ao traste com as pretensões de três novos competidores. Duas de suas lanças acabaram destroçadas, mas nenhum dos opositores chegou até o enfrentamento com espadas, e a gente abandonou com uma mão quebrada o primeiro lance com tochas.

No exterior dos campos de batalha, ali onde os homens de armas comuns se mesclavam com pajens e escudeiros, estava se formando um grupo de espectadores que celebravam as vitórias do Cavaleiro Verde com um coro de tímidas vivas. Melanthe não expressava nenhuma emoção, mas uma agradável sensação de respeito começava a embargá-la ao vê-lo combater. E tanto que estava acalorada! Só ficava por ver se Lancaster se inflamaria o suficiente para enfrentar de novo a ele.

Melanthe suspeitava já das intenções do duque. Permitir que um bom número de competidores enfrentassem a seu rival, esgotasse e, ao mesmo tempo, demonstrassem que era invencível... Logo algum «amigo» lhe faria uma visita secreta para lhe advertir

do desgosto de seu príncipe, com a intenção de pô-lo nervoso... E Lancaster, completamente fresco após horas de descanso nos degraus, encontraria um motivo para enfrentar ao Cavaleiro Verde ao final da jornada.

Não podia negar a astúcia de Lancaster. Era necessário calcular com muita finura. Melanthe sorriu para si quando o duque levantou um dedo para comunicar-se com o marechal de campo, que imediatamente anunciou a chegada de um novo grupo de combatentes, o que permitiu que o Cavaleiro Verde tomasse seu primeiro descanso. Não teria que deixar que parecesse muito fácil, mas também era vital deixá-lo exausto antes do coup de grâce.

Melanthe se dispôs a conseguir que o duque calculasse mal seu momento.

Brincou com as luxuosas pulseiras e dirigiu um olhar aborrecido aos novos opositores.

—Fale-me de meu paladino — disse— É certo que não tem nome?

—Assim é, minha dama. É um desconhecido. Rende-me homenagem e jura que está ao meu serviço, mas não contribui com homem algum além desse disforme escudeiro.

—Não tem terras, então? Entretanto, conta com um rico equipamento, e um fantástico cavalo de batalha. Imagino que terá ganhado muitos prêmios em torneios.

O duque pôs-se a rir.

—Muito poucos, já que me é de mais utilidade em batalhas autênticas, mas é verdade que quando entra em campo de batalha, sempre ganha. Às vezes o enviei à caça de dragões, por diversão, mas ainda não me trouxe troféu algum.

—E ainda não provou ser merecedor de um nome?

Lancaster girou a mão com gesto indiferente.

—São as fortunas da guerra e os dragões, minha dama. Todos devem esperar sua grande oportunidade de obter honras, se é que chega alguma vez. —encolheu-se de ombros— Pode ser que não tenha nome algum. Só Deus sabe onde roubou sua equipe. Eu tenho para mim que não é outra coisa que um cidadão livre.

—Um homem livre! —exclamou Melanthe, atônita.

—Se não, por que esconde sua linhagem? A insígnia do falcão, segundo os arautos, não aparece desenhada em nenhum registro de armas. Mas o Cavalheiro Verde tem talento para dirigir aos soldados de pé. Os homens que comanda acabam por adorá-lo, e os franceses tremem ao ouvir seu nome. Não é que seja muito cavalheiresco, mas resulta muito útil. —recostou-se no assento e sorriu— Por isso tolero suas peculiaridades, sua insígnia ilegítima e seu cavalo verde, princesa. E se em sua fantasia decide nomear a você sua dama, desfrutaremos do jogo.

Melanthe balançou brandamente as coleiras entre os dedos e lhe roçou a mão com elas.

—Um jogo bastante pobre até o presente, meu senhor. Não conhece nenhum homem que conte com força suficiente para lhe arrebatrar meu objeto a esse estranho cavalheiro?

Lancaster tomou as pulseiras e as beijou.

—Não tema, minha senhora. Encontrarei alguém.

Uns gritos furiosos sossegaram a música; iniciou-se uma briga a murros entre um soldado de pé e um jovem do séquito de um opositor vencido. Lancaster o observou até que os guardas os separaram, e depois se voltou de novo para Melanthe.

—Deseja beber uma taça de vinho, minha dama? Cada vez há mais pó.

Ao ouvir aquelas palavras, Cara se elevou da banquetta que ocupava atrás deles e colocou uma bandeja entre seus assentos com uma jarra e umas taças. Quando o duque alargou a mão para servir o vinho, Melanthe se tornou para trás no assento, com uma ligeira careta de impaciência.

—Não, senhor, não o desejo. —Despediu-se de Cara com um gesto— Este espetáculo é muito inofensivo. Juro-lhe por San Juan, meu senhor, que nada, nem alimento nem bebida, provará minha boca até que um novo paladino ganhe minha admiração.

Lancaster arqueou as sobrancelhas, a mão apoiada na jarra.

—Tão grande é seu desejo, minha dama? O dia é longo e a terra está seca.

—Assim é — conveio ela e brincou com as coleiras, fazendo soar os guizos— Mas isso não me arreda. E mais, vos provoco a que faça o mesmo, e sacrifique seu prazer em

altares deste empenho. Certamente não é lhe pedir muito — o olhou entrecerrando os olhos— já que não têm intenção de lutar de novo por meu objeto.

Na boca de Lancaster apareceu um ligeiro vislumbre de tensão. Melanthe viu como se debatia entre o orgulho e a astúcia, mas ao final sorriu e lhe dedicou um gesto de assentimento.

—Se esse for seu desejo, minha dama. —Depositou a jarra sobre a bandeja— O juro por San Juan. Não tomarei alimento nem bebida até que se sinta satisfeita com um novo paladino.

Passou o meio-dia e Melanthe, no alto dos degraus, não cessava de abanar-se de forma visível com um penacho de plumas verdes. O dia era tão apazível que as vestimentas invernais resultavam cansativas. O duque, que vestia um espartilho azul e carmesim, tinha o pescoço ligeiramente congestionado; a cabeleira sobre a que descansava a coroa aparecia úmida e encrespada, e as têmporas escuras. O Príncipe Negro, incômodo e se queixando de dor nas extremidades, retirou-se em companhia de sua esposa; tinham-no levado em beliche dos degraus até a sombra de um grande pavilhão, que se elevava um tanto afastado do ruído e a sujeira.

Quando cada novo lance das justas elevava ao ar uma nuvem de pó, Melanthe cobria a boca com um lenço e tossia levemente para mostrar seu desconforto. Olhou com avidez e desejo como passava uma bandeja de bolos de nata e doces que levavam a outros convidados. O duque não deu mostra alguma de interesse, mas lhe satisfez ver que tragava saliva quando uma jarra de vinho passou ante eles.

O Cavalheiro Verde se dedicava a deixar fora de combate a quantos o desafiavam. Melanthe exalou um suspiro ao observar um cavalheiro meio caído com um elmo adornado com a cabeça de um javali que se levantava depois de uma queda, com as presas do javali quebradas e penduradas retorcidas do casco.

—Aborrecem-me estes lances — disse— Será que ele tem algum poder mágico ou é que todos seus cavalheiros são fracos quanto os ramos de um salgueiro?

—Não é questão de magia, minha senhora, mas sim de destreza e força consideráveis — disse Lancaster— Também me pertence — acrescentou com frieza para que não o esquecesse.

Melanthe respondeu com um sorriso provocador e fez soar os guizos sem alterar-se. Os gritos dos espectadores aumentaram com uma mescla de vivas e escárnio; ao parecer, as paixões afluíam à medida que aumentava o apoio ao Cavaleiro Verde e se estendia entre a multidão lá embaixo. Ao outro lado da grade que bordeava o campo de batalha, jovens criados formavam redemoinhos junto a homens de armas, e se apertaram para aproximarem-se tudo o que podiam quando já o seguinte opositor e seu séquito atravessavam a entrada.

O Cavaleiro Verde tirou o grande elmo e se inclinou com estupidez para enxugar os olhos com a aba de sua túnica. Um homem de armas deu um grito e se agachou para passar por debaixo da grade e lhe entregar um pano limpo. Aquela intrusão ao outro lado da barreira foi recebida com um enorme rugido.

Nos degraus, as damas nobres expressaram com chiados sua desaprovação; de abaixo, obtiveram em resposta gritos desavergonhados de alguns dos soldados de pé. Iniciou-se uma nova escaramuça, que pouco se estendeu. Melanthe notou que o duque ficava tenso ao seu lado, mas seu corpo de guarda se moveu com celeridade, jogou mão de paus e levou a rastros aos bagunceiros.

Lancaster fez com discrição um novo sinal ao marechal de campo, e o seguinte lance que anunciaram as trompetistas não contou com a presença do Cavaleiro Verde. Melanthe observou seu paladino enquanto transpassava a entrada. Ele e seu escudeiro se viram imediatamente rodeados de soldados e vassalos, que formaram uma comitiva ao redor de seu cavalo e o escoltaram através da multidão até as tendas.

—Mas se permitir que descanse ainda mais, senhor, que possibilidade terão esses jovens de barbas ralas de vencê-lo?

Lancaster, acossado, dirigiu-lhe um olhar. Melanthe agitou com suavidade as plumas.

—Ficam outros combates aos que enfrentar, princesa — disse— Contamos com cem cavaleiros que desejam entrar em campo de batalha.

—Suponho que meu paladino não terá tempo de enfrentar a todos eles — murmurou ela— Embora, juro que jamais tenha acreditado que ele fosse o melhor de todos. Acredito que tanto meu pai como meu irmão já o teriam feito morder o pó várias vezes.

O duque conseguiu pôr um sorriso acreditável.

—Talvez isso seja certo, minha dama. Mas o dia ainda não terminou.

—A estas alturas, já não espero surpresas — disse Melanthe, negando com a cabeça— Os tempos gloriosos dos torneios são coisa do passado. Quão único agora ficam estes jogos infantis. Seu pai o rei, que Deus o benza, pensaria que isto não é mais que uma pálida sombra dos esplêndidos espetáculos que ele tinha presidido.

O rubor se estendeu pelo pescoço de Lancaster, mas, apesar disso, limitou-se a assentir com rígida formalidade.

—Não há nada que possa superar os torneios de nosso amado senhor o rei.

Melanthe dirigiu uma olhada a aquele par de cavaleiros que se lançavam ao galope um contra o outro. Para seu prazer, e ante as risadas da multidão, não se encontraram, algo bastante comum em qualquer passo de armas, mas era a primeira vez que ocorria nesta ocasião. Melanthe soltou uma gargalhada nostálgica.

—Suponho que aos italianos preocupa mais sua honra neste tipo de assuntos — comentou— Quando estão de feriado escolar, fazem-no sobre o tapete ante a lareira, não no campo de batalha, e brigam com galhardia ante suas damas.

Lancaster, com um brusco movimento, endireitou-se no assento. Um pajem se aproximou veloz a ele. Durante um instante, ambos falaram com as cabeças baixas e a seguir o duque se elevou.

—Rogo-lhe que perdoe minha descortesia, alteza. —Dedicou-lhe uma profunda reverência— Meu irmão o príncipe me reclama. Sinto ter que prescindir um momento de sua companhia.

Melanthe acolheu suas palavras com elegância.

—Vos rogo que acuda sem demora — disse— que minha saúde e minha estima lhe acompanhe, e que Deus guarde a nosso estimado senhor o príncipe Eduardo.

Lancaster girou com um pouco menos de elegância do habitual nele e desceu a grandes passos os degraus atrás do pajem. Os músicos continuaram tocando sua alegre melodia. Melanthe o seguiu com o olhar, abanando-se devagar e sorrindo.

Um perigoso nervosismo foi se apropriando da multidão enquanto presenciava os combates de menor envergadura, e Lancaster seguia sem retornar ao camarim quando os arautos iniciaram uma escandalosa fanfarra com as trompetistas, com a que silenciaram a música e o ruído. O marechal de campo levantou os braços e se encaminhou ao centro do campo de batalha; através das mangas abertas de sua túnica se via a cor azul sob o carmesim, e atrás dele ondeava a capa.

—O que vem agora subirá a fita de seda! —anunciou a gritos— O vencedor chegou!

Enquanto entoava as palavras rituais, tão antigas como as lendas do rei Artur e Lancelot, o clamor se voltou frenético. O ruído golpeou os ouvidos de Melanthe com a mesma intensidade que o estrondo dos trompetistas.

Dentre as tendas surgiu um cavaleiro com uma vestimenta da mesma cor vermelha que o crepúsculo; ia ao galope, a negra lança hasteada sobre a cabeça com uma mão, e com uma armadura de ouro avermelhado. Cavalgava um corcel negro recoberto do mesmo metal resplandecente. O escudo era de cor azeviche, escuro como a lança e o cavalo, sem adorno nem cor algum.

O cavaleiro deteve a montaria ao chegar ao monumento de pedra. Fez silêncio entre os espectadores, e contente; uma espécie de prazer carnal no meio do dramatismo. A negra lança se elevou e desceu sobre o escudo do falcão prateado, que estremeceu com a força do golpe. Ouviu-se o ranger do escudo de madeira, que ressonou entre gritos de paixão desatada.

A morte.

A lança negra não tinha amparo algum de segurança que lhe subtraísse perigo, a não ser uma ponta afiada. O escudo que tinha golpeado não era o do falcão com capuz agora tão maltratado, a não ser o pendurado mais acima, com o pássaro depredador descoberto, que oferecia combate a outrance, sem limite algum.

Uma justa de guerra, para lutar até a morte com armas autênticas.

O séquito apareceu atrás do cavaleiro; estava formado por uma vintena de homens, com os rostos cobertos, vestidos como bufões com as cores do arco íris, que faziam soar flautas e chifres de caça. As ponteiras retorcidas de seus escarpans eram tão largas e bicudas que foram atadas ao joelho por cadeias com guizos. Formava um quadro grotesco atrás do cavaleiro de sangue e ouro, um contraste assombroso com o hostil silêncio que ele mantinha.

Em meio dos gritos e o tumulto, o Cavaleiro Verde de Melanthe saiu cavalgando a seu encontro, armado com uma afiada lança. A jovem uniu as palmas e saboreou o sal das pontas dos dedos, depois dobrou as mãos e sustentou as coleiras de Gryngolet imóveis sobre o colo.

Os chifres de caça mesclaram suas claras notas com as das trompetistas, que se elevaram mais e mais no ar. Um a um foram emudecendo; o único som que se manteve foi o do corno do arauto, que se elevou e reverberou nos degraus, o rio e os muros da cidade, até desvanecer-se como a voz de um anjo.

Os cavaleiros saudaram Melanthe. O dourado o fez com um grande floreiro.

Quando colocaram suas montarias frente a frente, o Cavaleiro Verde tirou o braço das ligaduras de couro e jogou o escudo ao chão.

Ele sabia a quem enfrentava. Melanthe também. A multidão o adivinhou e estalou em um autêntico furor de exaltação quando o homem oculto atrás da avermelhada armadura de ouro jogou seu escudo sem adornos em resposta.

Quando as lanças se colocaram em posição, um instante de silenciosa espera se fez entre os presentes. O corcel negro elevou a cabeça e se lançou à carga. O Cavaleiro Verde esporeou seu cavalo. No meio do silêncio reinante, o ensurdecido golpear dos cascos dos animais fez que vibrasse a madeira sob os pés de Melanthe.

As lanças se chocaram com o ruído de um osso ao romper-se, como se cem martelos golpeassem o aço. Ambos os cavaleiros foram deslocados para trás e para os lados, sem soltar suas lanças feitas pedaços, meio pendurados de suas montarias por causa do peso da armadura enquanto os espectadores estalavam em um autêntico clamor.

Os coloridos criados se apressaram a colocar a seu amo de novo em seu lugar e proporcionaram uma nova lança. Já ia de novo à carga antes que o Cavaleiro Verde se endireitasse e pegasse a nova lança de mãos do corcunda. Quando a lança verde se elevou, a ponta para o céu, Melanthe se deu conta de que a levava na mão equivocada para enfrentar com seu competidor.

Da multidão saiu um enorme gemido. A montaria deteve suas cambalhotas e ficou cravada no chão. O oponente, ao dar-se conta de sua vantagem, apontou a arma ao lugar mais vital, e dirigiu a lança negra à cabeça de seu adversário. O Cavaleiro Verde nem sequer tentou forçar o cavalo para diante, mas sim enfrentou o cavaleiro e à lança que se aproximava como se estivesse em transe. O clamor da multidão se converteu em um voluptuoso alarido.

Então, o Cavaleiro Verde pareceu desabar; um instante antes que a lança golpeasse seu elmo, caiu a um lado sem soltar a sua lança em perpendicular. Quando a ponta da lança negra lhe roçou o elmo, a verde virou para baixo, de modo que atravessasse o caminho de seu adversário.

A manga deu de pleno no ventre do cavaleiro dourado. Entre o rangido do metal, pareceu voar e ficar dobrado um instante sobre a lança enquanto o corcel verde se sentava sobre seus quartos traseiros e se levantava dando um tropeção, por causa da força que fazia a lança embutida entre a coxa do Cavaleiro Verde e o pomo.

Melanthe ficou de pé como todos os outros. Olhou o cavaleiro caído que jazia de barriga para cima no chão. Quando se moveu e se levantou cambaleante, com o brilho da dourada armadura escurecida pelo pó, Melanthe voltou a sentar-se. O corcel verde girou e saiu o galope depois do cavalo que tinha ficado solto; os criados se dispersavam a seu passo como se de folhas se tratasse.

Depois de inclinar-se para fazer-se com as rédeas, seu paladino as passou sobre a cabeça do cavalo negro justo no momento no que sua montaria fazia uma cambalhota para evitar um feroz coice. Os cavalos trotaram juntos até onde se encontrava o corcunda, que agarrou o negro como se em lugar de um cavalo treinado para o combate, não fosse mais que um palafrén. O animal agachou à cabeça e se submeteu

imediatamente, sabendo provavelmente que um homem sem armadura não constituía um inimigo. O escudeiro tirou do cercado o cavalo capturado. Melanthe afastou o olhar do sujo cavaleiro dourado enquanto este, bamboleando sobre os pés, afastava um ajudante que oferecia assistência.

O Cavaleiro Verde, imóvel sobre seu cavalo, tinha o olhar cravado nela.

O combatente anônimo desembainhou a espada e lançou um grito por debaixo do elmo. O Cavaleiro Verde seguia sem mover-se, mas não afastava a vista de Melanthe. O impressionante elmo tinha um aspecto ameaçador, com as ranhuras dos olhos negras e vazias, mas Melanthe, que soube ver além, viu um homem de joelhos no grande salão, que lhe dirigia uma intensa súplica com o olhar. Não deixou que seu rosto demonstrasse a mínima emoção e lhe devolveu o olhar.

O cavaleiro de ouro avermelhado voltou a gritar. Seu paladino girou e desmontou do cavalo ao tempo que desembainhava a espada e correu para o competidor com o escudo na mão e coberto pelo elmo, mas o outro já se aproximava correndo e o ameaçava brandindo uma espada em cuja ponta se refletia o sol e cujo aço reluzia com brilho assassino.

O corcunda se afastou, levando com ele o corcel. Seu cavaleiro recebeu o golpe com uma estocada para cima; as armas entrechocaram com estrépito e a multidão lançou vivas. Nenhum dos dois homens se afastou enquanto choviam cutiladas que trincavam elmos e armaduras. Lutavam como autênticos bárbaros, sem piedade.

O cavaleiro dourado lançou estocadas uma e outra vez ao pescoço de seu paladino; dava golpes mortais e retrocedia para voltar a atacar. Conectou uma estocada que fez que o Cavaleiro Verde cambaleasse para um lado, mas seu paladino parecia inclusive melhor quando se encontrava em desvantagem, que quando tinha a sorte de seu lado e, com um golpe para baixo da espada, arremeteu para o lado de seu adversário e deu um talho sob o braço que cortou as ligaduras que seguravam o distintivo. O amparo ficou pendurando e deixou ao descoberto a vulnerável malha metálica que cobria o braço por cima do cotovelo.

O cavaleiro não pareceu precaver-se e voltou a atacar com a espada o elmo do seu competidor. Acertou e causou um profundo racho no aço. Sob a força do golpe, a espada do Cavaleiro Verde deu a impressão de sair disparada de sua mão, mas a seguir apareceu na esquerda como se ele a tivesse apanhado no ar. Elevou-a sobre a cabeça e descreveu um arco para baixo; o fio ia dirigido ao braço estendido de seu oponente com suficiente força para atravessar de uma vez a cota de malha e o osso.

Os raios do sol reverberaram na parte larga da folha. Melanthe fechou os olhos. Ouviu o golpe. O grunhido de dor do cavaleiro dourado foi audível um instante antes que estalasse um autêntico vozerio em ruidosa reação.

Melanthe piscou e abriu os olhos. O competidor se levantava com esforço do chão, mas parecia incapaz de concentrar força alguma em sua espada. O Cavaleiro Verde, erguido sobre ele, olhou de novo a Melanthe. Ela tinha esperado encontrar com o braço dourado seccionado e coberto de sangue autêntico.

Mas o membro seguia unido ao seu dono, só que completamente inutilizado. O cavaleiro dourado tratava de agarrar a espada com a mão esquerda, enquanto que a outra, inútil, pendurava junto a seu flanco.

O marechal de campo tinha entrado no campo de batalha, provido de sua flecha branca, mas o opositor abatido começou a lhe gritar com fúria. O homem titubeou, a mão tremeu, e a seguir fez uma inclinação e se retirou.

O cavaleiro dourado deu a volta e ficou em pé com ajuda do braço bom. O paladino de Melanthe deu um passo para ela, com as negras ranhuras dos olhos ainda dirigidas para onde se encontrava a jovem. Melanthe distinguiu sua respiração entrecortada sob a borda da garganta.

O Cavaleiro Verde elevou a mão, a palma para cima em atitude de súplica.

Melanthe observou como o competidor de ouro avermelhado conseguia ficar em pé e dava um grito. Suas palavras ressonaram incompreensíveis sob o elmo; logo levantou a espada com a mão esquerda.

Melanthe fez caso omissa da súplica de seu paladino enquanto o olhava com frieza.

O oponente se aproximou correndo para ele. O Cavaleiro Verde deu a volta, recebeu a sua o golpe da outra espada e a lançou pelos ares. Golpeou com a ponta do estoque o elmo do cavaleiro dourado, deu contra a borda da viseira e levantou todo o elmo que ficou arrancado pela metade. Cego, o outro homem se afastou, movendo o braço ferido e a espada para voltar a colocar o elmo, mas um novo golpe o tirou por completo.

O elmo rodou por terra. Um enorme clamor brotou da multidão. Lancaster, cambaleando, ficou no centro do poeirento campo de batalha. Um de seus ajudantes agarrou o elmo e correu para ele.

O Cavaleiro Verde se voltou uma vez mais em direção de Melanthe. Levantou a espada, tirou com ambas as mãos o elmo da cabeça e o jogou longe de si. Tornou atrás a touca de malha. O suor escorregava pelo rosto, manchado do óxido do casco, e rodeava o nascimento de sua negra cabeleira, agora meio esmagada. Não olhava Lancaster, seguia olhando a ela enquanto tragava enormes baforadas de ar.

Melanthe contemplou como os ajudantes voltavam a cobrir a cabeça de seu senhor com o elmo, e depois recebeu o silencioso olhar de súplica de seu paladino com tranquila indiferença. O Cavaleiro Verde fechou os olhos e elevou o rosto ao céu, como um homem submetido à tortura.

O duque se equilibrou sobre ele. Sem elmo, o Cavaleiro Verde ficou em guarda. Esquivou a estocada que seu dono e senhor deu com a mão esquerda e se situou ao alcance do duque para assim anular a ausência de casco. Lancaster tratou de atendê-lo com ambos os braços, mas foi incapaz de levantar o ferido além da cintura. A espada do duque se cravou com estupidez na parte de trás da cabeça do Cavaleiro Verde e a malha e os negros cachos se cobriram de vermelho carmesim. As folhas se uniram cruzadas, sobre os punhos, dirigidas para o céu, trementes sob a força daqueles dois homens.

Lancaster, com um potente movimento, voltou à espada para baixo e a introduziu entre eles, tratando de golpear o rosto desprotegido do Cavaleiro Verde. A ponta fez um corte na bochecha de seu paladino, mas ele aproveitou o repentino movimento para jogar o cotovelo atrás e para cima com um selvagem gesto e descarregar o punho sobre

o punho do duque, com o que o obrigou a soltar sua arma. Lancaster fez um movimento desesperado para tratar de conservar o estoque. A espada caiu e a ponta ficou um instante cravada na terra justo quando o duque voltava a agarrá-la. Quando cambaleou, a larga folha do estoque do Cavalheiro Verde desceu sobre seu elmo.

O duque caiu de lado sobre a espada cravada; sua exclamação de dor foi audível por cima do ruído quando deu contra o chão com seu lado ferido e rodou até ficar de barriga para cima.

O Cavalheiro Verde se situou sobre seu dono e senhor, com a ponta da espada lhe roçando o pescoço. Lancaster jazia desarmado, ferido, derrubado e ainda não se rendia. A multidão conteve o fôlego de tal forma que a respiração entrecortada de ambos os cavalheiros se converteu no som mais audível.

Seu paladino olhou a Melanthe, a espada imóvel na mão. O sangue do rosto e o cabelo era cada vez mais escuro ao acumular o pó nele; tinha o aspecto de um diabo que tivesse saído de um poço e lhe implorava que o salvasse.

—Minha dama! —Suas palavras foram como um suspiro desesperado.

Melanthe levantou o penacho de plumas e se abanou. Solto uma forte gargalhada no meio do silêncio para que todos os presentes a ouvissem.

—Sim, pode mostrar-se clemente com ele — disse ao tempo que fazia uma zombadora inclinação com a cabeça.

O Cavalheiro Verde retirou a ponta da espada do pescoço do duque e a lançou pelos ares ao centro do campo de batalha. Quando Lancaster se sentou, o Cavalheiro Verde caiu de joelhos ante seu príncipe, com a cabeça inclinada, e tampou os olhos com as mãos cobertas pelas manoplas.

—Paz, meu temido senhor. —Em sua voz apagada havia uma nota de angústia— Que a paz esteja com você.

Com grande dificuldade, Lancaster ficou em pé e se apoiou em um de seus ajudantes. Ainda com o elmo posto, deu a impressão de dominar o homem ajoelhado no chão ante ele. Procurou com o olhar a Melanthe no camarote, e a seguir lhe deu as costas e saiu

com passo vacilante do campo de batalha, rodeado de serventes que formavam redemoinhos a seu redor.

Melanthe ficou em pé e desceu os degraus. Enquanto se dirigia para a entrada, jovens, homens de armas e curiosos se afastaram para lhe deixar passar. Dirigiu-se ao centro do poeirento campo de batalha, onde o Cavalheiro Verde seguia ajoelhado, rosto em terra, com o cabelo condensado e o pescoço manchado de sangue.

—Cavalheiro Verde — disse Melanthe com voz suave.

O homem se sentou e ficou um longo instante com o olhar fixo na borda do vestido de Melanthe. Depois passou a manopla pelos olhos, mesclando sangue e óxido, e voltou o rosto para ela.

Todo rastro de adoração e cavalheirismo tinha desaparecido de seu semblante. Sua respiração seguia sendo entrecortada e fechava com força os dentes para controlá-la.

Melanthe se ajoelhou e lhe agarrou o braço direito para atar as pulseiras em torno dos distintivos e a malha. O calor de seu corpo irradiava da armadura de metal. As argolas de prata de Gryngolet soaram ao se chocar contra seu braço e as pedras preciosas emitiram brilhos de luz que titilaram sobre o aço para fundir-se em verde e branco ao cessar o movimento das argolas.

À mesma altura que ele, Melanthe o olhou aos olhos ao terminar sua tarefa. Teria resultado impossível descrever o que viu neles: ódio, desespero ou talvez desconcerto, mas, certamente, não havia amor no olhar que devolveu atrás das sujas pestanas negras.

Do interminável fluir da memória, estalou de repente em sua mente uma lembrança clara.

Em uma ocasião, fazia já muito tempo, movida pelo capricho, ela tinha arrancado um espinho que cravou nas garras daquele leão. Recordava-o bem, recordava o momento e o lugar, uma imagem desencadeada mais por seu porte e altura, pela dor e a frustração daquele rosto, que pelas feições em si. Eram os mesmos sentimentos que tinha mostrado quando, sem defesa alguma a que recorrer, tinham-no despojado de sua mulher e de seu dinheiro.

Hoje, então, tinha correspondido ao obséquio daquela esmeralda que adornava seu elmo. Qualquer que fosse o oco precário que, depois de muito esforço, ganhou no coração de Lancaster com sua destreza no combate, sua capacidade para ficar à frente de seus homens e seu desejo de alcançar a glória, agora tinha se esfumado. O homem ajoelhado ante ela estava totalmente aturdido.

Os lábios de Melanthe estiveram a ponto de lhe suplicar perdão, de expressar arrependimento por sua honra manchada, pela perda de seu príncipe. As palavras rondaram sua língua.

—É um néscio — murmurou em seu lugar— por pensar que um homem pode servir a dois senhores. —Elevou uma das pulseiras e, com um sorriso, deixou-a cair sobre a armadura— Um esplêndido néscio. Venha e ponha-se a meu serviço, se é esse o seu desejo.

Ele a olhou. Uma espécie de soluço escapou de seus lábios, uma respiração profunda e áspera entre os dentes.

Melanthe se levantou. Estendeu a mão e roçou o ombro em um gesto para a multidão.

—Levante-se — O escudeiro apareceu com o corcel. Melanthe agarrou as rédeas chapeadas. Cheiravam a pó, suor e aço ardente, tanto o cavalo como o amo, perfumados de sangue e combate. Quando já esteve montado, Melanthe levantou o olhar para ele. —Convertera-se em meu vassalo — disse— eu o amarei e valorizarei como jamais poderia fazê-lo Lancaster.

Depois de colocar aquele cevo ante ele, voltou-se de costas sem dar tempo a responder, e deixou que fosse o corcunda quem levasse as rédeas para tirá-lo do campo de batalha.

—Vamos, vamos! —Melanthe sustentou Gryngolet sobre o pulso enquanto urgia aos confundidos falcoeiros de Ombrière para que se apressassem— Quero partir!

Fez girar seu palafrén no vazio pátio do castelo, onde unicamente a observava seu próprio séquito e uns quantos criados estupefatos. Além dos muros, o ruído do torneio subia e descia em intensidade ao estalar as tensões entre soldados, senhores e gente do

povo. Para Melanthe aquilo não preocupava absolutamente: era problema do duque controlar a sua gente. Quão único ela queria era escapar do tumulto, liberar suas próprias tensões cavalcando desenfreada pelos campos com Gryngolet ao voo por diante dela.

Allegreto permanecia com expressão áspera sob o arco de entrada ao salão, enquanto esperava que lhe levassem o cavalo; um olho negro era a única lembrança de sua estadia no pelourinho do povo. Não tinha tido excessivas dificuldades; a emoção do torneio superava com acréscimo a de torturar um desconhecido, mas, apesar de tudo, olhava Melanthe com hostilidade.

O galgo da jovem puxava a correia, da mesma maneira que o coração de Melanthe a puxava para campo aberto. Tinha visto garças e patos junto ao rio. No dia anterior, Lancaster lhe tinha dado permissão para que caçasse o que pudesse, e se agora se arrependia de havê-lo feito, já lhe trazia completamente sem cuidado. Os falcoeiros, dois criados que tinha deixado ali para encarregar-se das cavaliças, asseguraram por fim o animal e subiram ambos ao lombo de seus esqueléticos arreios, com uma bolsa em que levavam um frango se por acaso a caça não tinha êxito.

Melanthe conduziu o cavalo até a entrada, até o outro lado da ponte e através da barbacana. Podia afastar-se de cortes, torneios e multidões e fingir que estava sozinha, com o céu por única companhia. Sozinha, enquanto Gryngolet voava, a não ser pelo séquito de caçadores e falcoeiros que seguia à ave em seus amalucados deslocamentos.

A Melanthe também seguiam. Allegreto, Cara e um dos Reata cavalgavam atrás; Lancaster, Gian Navona e o espírito de Ligúrio a acossavam; e outra presença se abatia agora sobre ela: a imagem de um homem de armadura verde que se dobrava devagar até o chão enquanto cobria os olhos com as mãos.

Todos eram seus constantes companheiros, sempre em sua perseguição, sem perdê-la de vista jamais. Por muito que esporeasse seu cavalo, somente era livre enquanto fosse o falcão: até que matasse sua presa ou a chamassem para fazê-la retornar às joias e plumas de seu chamariz.

Capítulo 4

Uma feiticeira, isso era ela.

Ruck estava nas sombras junto a uma das colunas da catedral e olhava sem ver o andaime sob uma das vidraças recém instalada.

Sentia-se roubado. Sentia-se completamente espoliado.

Onde estava sua dama, sua brilhante dama sem mácula, seu objeto mais amado, a que fazia suportar o sangue e o aborrecimento de seus solitários dias? Não lhe tinha pedido que estivesse com ele. Jamais tinha pensado ser merecedor de tal honra, mas tinha estado a sua altura: quando riam dele, quando o desejo do corpo de uma mulher o punha a borda do desespero, ele tinha feito o impossível para chegar ao nível que ela tinha estabelecido com sua própria perfeição.

Tinha sonhado com ela no leito e sobre o frio chão; tinha-a visto ao lado da Virgem nas Igrejas. Até a tinha imaginado em companhia de Isabelle no convento, rezando por sua alma, as duas juntas, as duas tão iguais, com seus preciosos olhos azuis, suas formosas tranças loiras e um rosto muito belo para pertencer a uma mulher terrestre...

Voltou à cabeça e apoiou a têmpora enfaixada no pilar. O corte do crânio ardia. A bochecha ardia apesar do unguento de Pierre.

A realidade da princesa Melanthe tinha sido como um jarro de água fria que lhe tivessem jogado no rosto. Estava indignado consigo mesmo, mas reservava sua fúria e sua repugnância mais intensas para ela, a feiticeira, que provavelmente o tinha enfeitiçado com algum encantamento. De que outra forma se não, tinha podido esquecer-se de quem era ela em realidade?

A rameira do Maligno, isso era ela, escondida como um sedoso tigre sobre o leito, com seu satânico cachorrinho acariciando-a. Agora já não era capaz de ver imagens de sua beleza. Apagaram-se de sua alma, varridas pela visão de uma cabeleira azeviche e

uns olhos da cor de um crepúsculo celestial, com o tom profundo e estranho das flores do inferno. Agora os reconhecia, mas não tinham aquela vivaz tonalidade escura em sua lembrança, nem ela essa frieza tão paralisante.

Ela tinha rido. Ainda podia ouvir sua gargalhada, como um eco no frio ar e a nudez da catedral, flutuando sobre os intermináveis salmos do dia dos sacerdotes. Aquele som o tinha marcado a fogo. Quando ele tinha apontado com a espada ao pescoço de seu galhardo senhor, que apesar de estar ferido tinha continuado lutando, sem render-se, sem vislumbre de submissão, ela tinha posto-se a rir.

A vidraça resplandeceu com a última luz do dia e projetou sua cor radiante sobre o chão e as colunas, sua sutil calidez sobre a crescente escuridão. Do outro lado dos muros da catedral chegavam até Ruck os débeis sons de uma celebração. Uns quantos cavalheiros entraram, dirigiram-se à nave central e se prostraram de joelhos para desencardir-se através da prece; um jovem levava horas de solitária vigília na capela da Virgem Maria. Ruck permanecia à margem, e utilizava o pilar como apoio, já que o almofadão para os joelhos resultava muito incômodo.

Fora das horas de serviço e do exercício no pátio, passava a maior parte do dia em capelas, catedrais ou Igrejas de um ou outro tipo. Ao princípio tinha resultado o mais difícil da vida cavaleiresca — era tão tedioso que às vezes tinha estado a ponto de ficar a dar gritos de dor — mas depois de treze anos se acostumou aos frios espaços de pedra e a que seus joelhos não suportassem estar sobre uma almofada durante horas. Agora passava mais tempo de pé que ajoelhado, para reservar seus ossos para o campo de batalha e a luta, e limpava sua alma daquele pecado mortal através da confissão regular. E tampouco impunham nunca uma penitência severa, já que os sacerdotes se mostravam pormenorizados com seu problema.

Estranha vez rezava durante àquelas horas na igreja. Pensava que Isabelle o estaria fazendo por ele muito melhor do que o faria ele mesmo. Frequentemente a tinha imaginado em plena prece, com o rosto iluminado e derramando lágrimas por ele, com o resto das religiosas alinhadas atrás dela. Nas Igrejas e capelas se sentia mais perto dela, ali podia livrar do débil temor de que nunca pensasse nele. Às vezes a imaginava

com os hábitos de monja; embora com mais frequência a via vestida com um reluzente traje verde e prata, e, quanto mais solitário era o caminho e mais sangrento o combate, mais bela e resplandecente era a imagem dela, e quase tão real como se estivesse entre as sombras segurando seu falcão.

Com repugnante claridade, deu-se conta agora de quão frequentemente as tinha confundido daquela forma. Sua esposa e sua inominável dama e senhora, através dos anos, na nua solidão de seu coração, fundiram-se até formar uma única imagem feminina; e ele passou a maior parte de sua vida adulta encadeado a aquela devoção, celibatário, piedoso, cortês, negando-se a cair na desonra e a subornar a quem fosse com dinheiro para obter o favor de seu príncipe.

Jamais o tinham convidado aos aposentos privados de seu senhor, mas ele tinha esperado pacientemente a que Deus lhe concedesse a oportunidade. Tinha ascendido pouco a pouco no serviço de Lancaster, e tinha feito um oco apesar das brincadeiras mal dissimuladas. Dirigia os homens de armas contra os franceses; disfarçava-se de unicórnio se era necessário; saía à caça de dragões quando seu senhor assim o ordenava. Sabia que o resto dos cavaleiros preferia o ter longe, afastado da corte, ocupado naqueles outros misteres. Asseguravam que se comportava como um demente quando estava em ação, que era perigoso, imprevisível. Com isso, o que queriam dizer era que não dava trégua e que exigia a rendição quando os irritava que o fizesse, mas era a única maneira de combater que o tinham ensinado. Apesar de tudo, ele sempre tinha tido a certeza de que acharia a forma de provar sua valia e de ganhar o favor de seu senhor.

A vidraça sobre ele era uma ogiva, de cor azul e rosa, e nela brilhava a imagem da Virgem com o Menino. Ruck elevou a vista até o rosto pensativo da Santa Mãe que contemplava ao Menino Jesus. Em seu interior não havia a não ser ira e dor.

Horrorizava-o pensar no que tinha feito, em como tinham transcorrido os anos, em como se enganou e tinha chegado a confundi-la com sua doce e pura esposa. Tinha manchado sua lembrança, a única conexão com Isabelle, que inclusive naquele momento estaria dedicada a suas solitárias preces. Sozinha, como estava ele. Estava

seguro de que ela tinha feito voto de clausura e silêncio no convento, já que embora ele fizesse chegar dinheiro e tenras missivas todos os anos a Saint-Cloud, Isabelle jamais respondia. Só recebia confirmação da chegada de seu donativo através da abadessa, sem mensagem alguma de Isabelle, nem sequer através de uma terceira pessoa.

Agora sua perda parecia uma ferida recém aberta, que ardia tanto como os cortes da bochecha e a cabeça. Sentia falta dela, e mal era capaz de recordar seu rosto. Quão único via com clareza eram uns olhos violeta e um brilho de pele branca; tudo o que sentia era ira, angústia e o desejo ardente e degradante de seu corpo apesar de tudo. Esforçava-se por recordar Isabelle, por consagrar-se de novo à imagem mais pura, mas era incapaz. Agora, por culpa de sua loucura, ela tinha desaparecido, estava igualmente perdida aquela ilusão fulgurante que tinha sido seu sustento.

No exterior soou o sino que anunciava o toque de silêncio. Ruck se inclinou e recolheu do chão sua almofada, olhando com o cenho franzido os fios brancos e desgastados do falcão bordado que tinha como adorno. Pensou em fazer que o arrancassem e o substituíssem com o campo azul e o lobo negro da insígnia dos Wolfscar, mas assumir a estas alturas as autênticas armas de sua casa, movido pela desilusão em lugar da honra, pareceu-lhe a profanação total de seus sonhos.

Deixou o falcão em paz. Deixou também seu traje verde e prata tal como estava, decidido a utilizá-lo como aviso constante de como uma mulher, aquela mulher, era capaz de retorcer a mente de um homem e deixá-la enredada nas armadilhas do Maligno.

Quando com a cabeça dolorida empurrava o grande portão de madeira que se abria ao átrio de pedra, uma mão lhe aplaudiu com força o ombro. Três guardas com o uniforme de Lancaster estavam ao seu lado. Em silêncio, fizeram o esboço de uma saudação, e um deles indicou com a cabeça a porta exterior.

Pierre estava em um rincão do átrio com aspecto aterrorizado. Ruck lhe dirigiu um olhar e depois olhou aos guardas.

—Só requer sua presença, meu senhor — disse um deles. Seu tom era cortante, mas sem hostilidade.

Ruck assentiu. A porta se abriu à última luz do crepúsculo que cobria os telhados da cidade. As ruas já estavam sumidas em profundas sombras, mas brilhavam as tochas e havia alguns grupos de cobradores. Não davam amostras de que fossem apagar suas fogueiras e retirar-se a seus aposentos em resposta ao toque de silêncio. Era o habitual em dias de torneio, e normalmente havia mais presença de guardas armados, mas essa noite todos os homens que cruzavam estavam armados e se mesclavam com os encarregados da vigilância da cidade. Grupos coloridos de cavalheiros que tinham participado do torneio iam ébrios de um lado a outro com as espadas ainda ao cinto.

—Deus nos guarde — murmurou Ruck — Isso tem pinta de ficar feio.

O guarda que ia a seu lado expressou seu assentimento com um grunhido. Mas não fez nada para insistir a ninguém a ir para casa, limitou-se a dar pernadas maiores e a agarrar Ruck pelo cotovelo para conduzi-lo a uma ruela. Quando entraram nela, uma voz rouca gritou do outro extremo:

—Alto! —Apareceu um soldado inglês bêbado, que se aproximou deles cambaleando — É nosso senhor!

Apareceram seus companheiros atrás dele; seus passos erráticos se animaram ante o novo objetivo. De repente, Ruck e sua escolta se viram rodeados por homens de armas descontrolados; todos resultaram rostos familiares a Ruck, mas agora sua expressão era raiva e zanga por causa da bebida.

—Tira suas mãos de nosso amo e senhor, cão! —Um dos soldados tratou de separar de Ruck o guarda de Lancaster— Não lhe vai levar.

As mãos dos guardas se moveram instintivamente para suas armas, mas Ruck afastou o soldado de um tranco.

—Não sou seu dono e senhor! —espetou— Cuidado com o que diz néscio, a cerveja te ofusca.

—Não vai deter-lhe meu senhor — gritou um homem de trás— meter-lhe-á na prisão por orgulho!

Ruck os olhou iracundo.

—Vão a suas casas! O toque de silêncio soou faz um quarto de hora.

—Não lhe deterá! —Tinha aumentado o número de homens, atraídos pelos gritos, e formavam já um grupo intimidante— Antes terá que abrir passo entre nós!

—Tornaram-se loucos? —gritou Ruck— Dispersem-se! Ordeno-lhes isso!

Alguns dos mais próximos fizeram gesto de partir, como se obedecessem a suas ordens, mas a muralha humana atrás deles fechava o passo. Os guardas de Lancaster haviam desembainhado as espadas e formavam um tenso triângulo em torno de Ruck.

—Dispersem-se! —ordenou Ruck com voz ensurdecadora— O duque requer minha presença! Fora de meu caminho, filho da grande puta! —Empurrou com raiva o soldado mais próximo. O homem caiu para trás e abriu um momentâneo oco. Entre grunhidos de desagrado e deixando clara sua intenção, Ruck jogou a um lado outro soldado. O caminho iniciado à força começou a abrir por vontade própria. Os guardas de Lancaster seguiam a seu lado, mas Ruck se colocou à frente para deixar claro que não o levavam a força.

Ante ele se limpou o caminho. Embora não olhou, era consciente de que os homens não se dispersavam, que simplesmente se tornavam atrás para logo seguir a sua escolta lhe pisando os pés. Amaldiçoou-os para si e, deliberadamente, escolheu uma rota através de estreitas ruelas e ruas fechadas para que tivessem que dispersar-se e assim debilitar sua força.

Mas no exterior das casas com as insígnias da alta nobreza, o toque de silêncio se respeitava tão pouco como nas ruas de menos categoria, apesar de que agora a escuridão já era total. Cavalheiros e ajudantes de câmara entravam e saíam pelas portas iluminadas; jovens senhores entoavam canções de batalha e protagonizavam escaramuças. Ruck avançou com o olhar à frente, mas sua sorte não durou. Um jovem vestido de azul e branco agarrou sua capa. Soltou-a de um puxão, mas já o tinham reconhecido. Ouviram-se gritos, e os homens de armas que saíam do estreito beco a suas costas puseram-se a correr e a agrupar-se ao redor de Ruck, afastando a cotoveladas aos nobres. Pelas portas das casas apareceram mais homens, e a rua se encheu de sombras que davam gritos entre as tochas e o brilho do aço.

Ruck agarrou uma tocha e saltou sobre um tonel caído. Levantou-a no alto e a agitou, de maneira que saltaram faíscas dela.

—Que loucura é esta? —rugiu— Silêncio!

Por um instante, sua voz atraiu a atenção de todos.

—Quem são? — gritou — Os soldados do duque. Os cavalheiros do duque e seus escudeiros. Eu sou um homem do duque! Ele me chama a seu lado. Acaso me ides impedir de ir? Briguem entre vós. Se forem assim de néscios, mas como me impedem de obedecer a meu senhor, encarregar-me-ei de que as tripas de casa um de vós pendurem das muralhas da cidade!

O silêncio se prolongou em anti-social assentimento. Fosse certa ou não a ameaça, o que procuravam a cima de tudo, bêbados como estavam, era um motivo para brigar, tanto nobres como plebeus. Ruck não ficou para presenciar como chegavam a essa inevitável conclusão, mas sim atirou a tocha a um bebedouro que havia ao seu lado. O gesto lhe proporcionou um momento de vantagem enquanto ficavam repentinamente cegos. Aproveitou para saltar ao chão e escapulir entre a multidão e o muro de uma casa, aproveitando-se das sombras para escapar.

O duque de Lancaster levava o braço em tipoia. Em qualidade de primeiro-tenente de Aquitania, encontrava-se recostado em um trono, em uma câmara com os muros e o chão cobertos de tapeçarias com as armas da Inglaterra e França. A abundância de colchas de vivas cores esfumava a forma da estadia até o ponto que Ruck teve a impressão de que o duque e os homens que estavam frente a ele flutuavam em uma espécie de terrina vermelha, azul e dourado. Ao lado do duque se encontrava seu irmão o conde de Cambridge. Ruck reconheceu aos conselheiros de ambos: sir Robert Knolleys, Thomas Felton e o conde de Bohun, homens de destreza militar, veteranos das sangrentas campanhas na França e Espanha.

—Levante-se, cavalheiro — disse Lancaster com um profundo suspiro.

Ruck ficou em pé e lhe dirigiu um olhar furtivo. O duque parecia alerta, mas em torno de seus olhos se apreciavam os mesmos rastros de insônia que Ruck tinha visto antes em homens que sofreram um golpe na cabeça. Os conselheiros do duque mal tinham

dirigido um olhar a Ruck desde sua entrada, mas tinham toda sua atenção posta em Lancaster. Sir Robert franzia o cenho, de pé junto a uma mesa em que havia comida e vinho.

O duque o olhou fixamente durante longo momento, com os olhos meio entreabertos.

—Foi —disse com lentidão— uma boa briga.

Uma grande onda de alívio alagou Ruck. Queria prostrar-se de novo de joelhos e suplicar perdão, mas se manteve em pé e se limitou a dizer:

—Pela honra da princesa, meu respeitado senhor.

Lancaster jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Seus olhos voltaram a posar com mais firmeza em Ruck.

—Deixou a ambos em ridículo, não é assim? Puta infernal.

—Meu senhor, vos rogo... — disse sir Robert em tom de advertência.

—Ah, mas minhas palavras não sairão desta câmara, se este indivíduo verde quer evitar meu desgosto mais profundo e as consequências que algo assim lhe traria.

—Minha vida está à disposição de meu senhor — disse Ruck.

Lancaster se endireitou, apoiando-se no braço são, e apertou os lábios para conter a dor que o movimento produziu.

—Se assegure de não esquecer isso. Como definiria o ambiente no exterior?

Ruck titubeou. Depois disse:

—De inquietação, meu senhor.

—Limpe as ruas, meu senhor — recomendou Felton.

Lancaster dirigiu um olhar zombador ao militar.

—Com o que? Com seus homens de armas? São eles os que estão nas ruas, causando problemas em nome deste dom ninguém verde.

—Não receberam seu pagamento, meu senhor — disse Felton, sem embaraço algum.

—E tenho eu acaso a culpa? —gritou Lancaster, que a seguir fechou com força os olhos e jogou a cabeça para trás— Minhas arcas ficaram vazias por defender a seus malditos barões de Gascuña.

—O príncipe seu irmão...

—O príncipe meu irmão está doente de morte. Não tem que inteirar-se de nada disto! Não lhe ocorra incomodá-lo.

Fez-se um breve silêncio. Continuando, o capitão disse com cautela:

—Acredito que... Que se meu gracioso senhor aparecesse em companhia deste cavalheiro — fez um ligeiro gesto indicando Ruck— eles obedeceriam a este homem, meu senhor, se ele lhes ordenasse obedecer ao toque de silêncio.

—Deus me atira! —exclamou Lancaster— Me derruba do cavalo, põe-me a espada ao pescoço, e agora tenho que estar ao seu lado enquanto dá ordens aos homens de armas? Por que não o nomeio primeiro-tenente e acabo de uma vez?

Ruck, consternado, apertou os lábios. Havia sentido a ameaça que se abatia sobre ele; agora, dita ameaça se convertia em um perigo real.

Jamais tinha acreditado que Lancaster fosse colocá-lo na prisão por uma questão de orgulho, mas de repente se abriu ante ele um panorama novo e aterrador.

O duque pareceu captar sua silenciosa resposta, já que voltou a posar de novo o olhar em Ruck. Contemplou-o um longo momento com olhos especulativos, como o sopesando, algo que fez que gelasse o sangue de Ruck.

—O que pensa você, Cavalheiro Verde? —perguntou com voz séria— Acredita-se capaz de controlá-los?

—Meu gracioso senhor tem o direito a fazê-lo — disse Ruck— Não me parece apropriado.

—Mas se acredita capaz?

—Não seria apropriado, meu senhor — repetiu Ruck, tratando de impedir que uma nota de alarme aparecesse em suas palavras— Não seria acertado.

—Mas se eu não posso me impor a eles, e tampouco pode seu capitão aqui presente, e é você o único capaz de evitar que se produzam distúrbios e lutas?

Ruck negou com a cabeça.

—Suplico-lhe isso, meu senhor, não me peça que o faça.

—Peço-lhe isso. Ordeno-lhe que faça com o mando da guarnição e dos homens de armas e os controlem.

No dia anterior, uma ordem como aquela teria sido um milagre para Ruck, uma vitória. Hoje significava pô-lo a borda de um abismo, de uma guerra entre nobres e soldados a pé, de uma rebelião com ele no centro.

—Meu senhor — disse de repente— Pense! Sua dor de cabeça o empurra ao desvario. —Tragou saliva. Foi como se quisesse retirar aquelas atrevidas palavras nada mais as haver pronunciado.

Lancaster esfregou o rosto com a mão sã e olhou sir Robert.

—É certo que me dói à cabeça — disse com algo parecido a um sorriso— O que pensa você dele?

Knolleys se encolheu de ombros.

—Será uma perda para nós.

—Uma perda — repetiu Lancaster com voz aveludada, sem deixar de olhar Ruck por debaixo das pestanas— Bem por você, por não ter saltado imediatamente para cumprir minhas ordens. Alguns dos aqui presentes tinham me advertido de que é um rebelde, Cavaleiro Verde. Que guardou seu nome em segredo, não por uma questão de honra, mas sim por algo mais rasteiro, e que obtiveste um posto por meio de subterfúgios e ganhastes o respeito de meus homens com o único fim de provocar a deslealdade e a rebelião com o espetáculo de hoje. Que conspirou com a princesa para nos debilitar, enquanto se preparava um ataque dos franceses hoje ou amanhã.

Ruck se prostrou de joelhos.

—Não, meu senhor! Juro-o por Deus todo poderoso!

—Quem está atrás da princesa Melanthe, traidor? —exigiu saber Knolleys.

—Eu não sei! —exclamou Ruck— Eu não sou traidor a você, meu senhor. Juro-o sobre a tumba de meu pai. Seu homem me disse que ela queria que eu lançasse uma provocação em seu nome.

—Contra meu amo e senhor? —insistiu sir Robert— E você aceitou sua proposta?

—Meu amado senhor, jamais tive a intenção de lhe insultar. Eu tinha que desafiar a todos os participantes. Jurei lealdade à princesa faz muitos anos, e longe daqui. Nem sequer soube qual era seu nome até ontem. Ela foi... —Fez uma pausa— Eu prometi

estar ao seu serviço. Não sei por que razão. Foi há muito tempo. —Fez um gesto de impotência com a cabeça— Não posso explicá-lo, meu senhor.

Lancaster arqueou as sobrelanceiras.

—Não pode explicá-lo? —Soltou uma gargalhada cáustica e ergueu a cabeça— É que nos enfeitiçou ou encantou aos dois?

—Faça vir ao inquisidor — disse seu irmão— Se for uma feiticeira, ele o descobrirá.

—E enquanto isso? Não há tempo para o inquisidor. —Lancaster descansou a cabeça no trono— Por mais que gostasse de vê-la arder na fogueira. —Tragou uma profunda baforada de ar e suspirou— Mas, bem, não poderia mandar à cela nem executar meu verde companheiro de armas, apesar da dor que me produz a cabeça e o braço deslocado. Sinto simpatia por ele, o asno apaixonado. E, além disso, provocaria um motim.

—Mas tampouco pode permitir que saia livre — apontou Knolleys.

—E tampouco posso deixá-lo em liberdade, porque o queira ou não, os homens se agruparão a seu redor, e dado o caráter dos nobres, teremos suficiente desordem para deixar esta cidade reduzida a cinzas. Eu não quero rivais sob meu mando. Necessito que meus homens combatam contra a França, não uns contra os outros.

Ruck seguia de joelhos em silêncio, esperando que se decidisse sua sorte, vendo como o futuro se esfumava ante seus olhos.

Lancaster o olhou com olhos dormitados e especulativos.

—Me diga Cavaleiro Verde, o que era o que você esperava obter de mim? Formar parte de minha corte?

—Meu dono e senhor... —A voz de Ruck se apagou. Não tinha imaginado que sua oportunidade com Lancaster surgisse daquela forma.

—Uma boa posição? Terras? Um matrimônio adequado? Conforme ouvi, as damas o admiram.

—Não — Ruck baixou a cabeça— Não peço nada de você, meu senhor.

—E eu nada lhe ofereço — respondeu Lancaster— porque já não quero nada de você. Obriguei à princesa Melanthe a deter-se na porta da cidade, de maneira que todos

vejam que se encontra vivo e bem para escoltá-la até o interior da cidade. À alvorada, deverá partir junto com a princesa e todo seu séquito. —Sorriu com amargura— E me busque com o olhar no mole, que ali estarei para lhe dar uma cordial despedida.

A mensagem dizia que era por sua própria segurança. Melanthe se encolheu na capa na fria da escuridão do outro lado da porta de entrada à cidade. Seu pequeno séquito de caça estava agrupado diante dela. Lá atrás, na distância, viam-se as fogueiras e as tendas dos participantes no torneio que não contavam com alojamento no interior das muralhas. O fato de que a porta de entrada estivesse aberta a àquelas horas era estranho. Os guardiões eram homens vestidos com o uniforme de Lancaster e o príncipe, não os habituais. No interior se viam tochas e se ouviam os gritos dos bêbados.

Se tivesse tido a oportunidade, teria dado a volta, já que tanto a mensagem recebida como aqueles sinais de que havia distúrbios na cidade pareciam maus presságios. Não acreditava que se produziram ainda brigas sérias, mas em qualquer momento poderiam desencadear-se. Sua presença, sem ir mais longe, poderia bastar para acender a faísca. Duvidava muito de que aquela mensagem de Lancaster, onde pedia que esperasse a chegada de uma escolta junto à porta, estivesse motivado pelo carinho e a preocupação por sua segurança.

Gryngolet, que estava em silêncio posado sobre o cavanhaque da cadeira de montar, arrepiou as plumas para proteger do frio. Os galgos, sentados no chão, tiritavam. Melanthe não ia vestida para a noite. Face às manoplas, tinha os dedos gelados. Dirigiu um olhar às fogueiras que brilhavam atrás dela e disse para si com ironia que não havia nada naquele momento que a impedisse de desvanecer-se nas sombras, ser tão livre como sonhava, se não fosse pela incógnita de como viver sem ser ela mesma.

—Senhora. —Um das sentinelas saiu do enorme vulto escuro que era a torre de entrada sobre a ponte e se aproximou a grandes pernadas— Sua escolta.

Inclusive enquanto falava, o arco se iluminou com a luz de numerosas tochas. À cabeça de uma vintena de homens, seu Cavaleiro Verde se aproximava cavalgando para ela por debaixo da entrada.

As tochas atrás dele iluminaram o fôlego do cavalo e o seu próprio em geladas baforadas transparentes. Agora não levava armadura, só um elmo leve sobre uma bandagem cuja brancura resplandecia sobre sua testa. A ponte ressonou com o golpear de cascos e botas.

Ele não a olhou diretamente em nenhum momento. Depois de uma rápida inclinação, indicou com um gesto a seus homens que ficassem ao redor do cavalo de Melanthe e situou a metade deles diante, e à outra metade atrás; esporeou seu cavalo até levá-lo a altura do da dama, desembainhou a espada e gritou ordens para que se iniciasse a marcha.

Melanthe passou sob o arco junto a ele. Dentro dos muros da cidade, as ruas estavam lotadas de homens que ficaram olhando, deram gritos e puseram-se a correr a seu lado. Melanthe manteve o olhar reto e em alto. Seu palafrén parecia muito pequeno ao lado do corcel, e a vintena de homens uma defesa muito frágil frente a uma possível violência. Em algumas das ruas laterais havia cavalheiros sobre suas montarias, espadas em mão, que contemplaram malevolamente o passo de seu séquito. Nas soleiras das portas se viam corpos inertes, não sabia se estavam mortos ou bêbados. Produziu-lhe um grande alívio vislumbrar a alta silhueta da torre de comemoração, até que viu a multidão que se agrupava e se apertava debaixo dela. Quando seu séquito apareceu se ouviram vivas, mesclados com insultos, tudo isso temperado pela bebida.

O Cavalheiro Verde gritou uma ordem. Os homens que iam a cabeça se detiveram. Ele elevou a espada e os homens de armas hastearam suas afiadas lanças e obrigaram à cabeça do grupo a lhes abrir passo. As lanças se detiveram quando as pontas roçaram os peitos, o que lhes concedeu um mínimo amparo.

As portas do castelo se abriram lentamente entre o ruído e a desordem. O Cavalheiro Verde lançou uma nova ordem e os homens de armas começaram a abrir passo com as lanças entre a multidão. À luz das tochas, a comitiva de Melanthe passou entre a aglomeração, rodeada dos homens com as lanças. A multidão que ocupava a rua não parecia ter claro se o que queria era aclamá-los ou lhes opor resistência: ora retrocedia, ora avançava confundida e presa do mau humor; brigavam entre eles, afastavam a

tropicões ao passo das lanças e hasteavam suas próprias armas em meio de ameaças desenfreadas e frustradas aos que tinham ao lado.

O palafrén de Melanthe corcoveava junto ao cavalo de combate. Dava saltos assustado e esteve a ponto de encabritar quando um dos homens caiu ao chão entre as lanças diante do animal. Melanthe cravou imediatamente as esporas no cavalo, que se levantou sobre os quartos traseiros e de um salto passou por cima da figura estendida em terra. O animal atirou um coice, mas Melanthe não deu a volta para ver se tinha dado ao homem. O cavalo de Allegreto ia atrás dela. A porta de entrada ao castelo por fim apareceu ante eles; transpassaram-na para alcançar o pátio interior. As portas se fecharam com estrépito, e ficaram isolados do crescente clamor.

O cavaleiro desmontou e se aproximou dela para lhe oferecer o joelho e o braço. Melanthe agarrou sua mão para ajudar-se a desmontar. Um tremor que não podia controlar se apoderou da sua. Quando seus pés roçaram o chão, disse:

—Tomaste seu tempo em vir. Estou gelada

Não queria que ele pensasse que estremecia de medo. Tampouco o agradeceu. Sentia muita gratidão; possivelmente o único que desejava era estar muito perto dele, que parecia tão seguro e tão firme, como as muralhas que rodeavam a torre de comemoração: um lugar no que refugiar-se no meio da desordem. Por essa razão, olhou-o de cima abaixo com ar de desdém e se dispôs a lhe dar as costas.

—Minha senhora — disse ele— sua excelência o duque lhe envia saudações e uma mensagem, e deseja saber se sua caçada teve êxito.

Melanthe se deteve e o olhou.

—Não esteve mal — respondeu ela— Dois patos. Mandá-los-ei imediatamente às cozinhas. Há dito que havia uma mensagem?

—Sim, minha senhora. —Olhou-a com uma expressão tão inescrutável como o olhar frio e imutável do falcão— Tenho que lhe escoltar em sua imediata partida. Partiremos na alvorada, com a maré.

—Ah. —Melanthe lhe dirigiu um sorriso porque o que ele esperava era que se mostrasse horrorizada— Assim que nos expulsam? É um tanto áspero, mas o que sabe

um inglês de sutilezas? Asseguro-te que são excelentes notícias. Encarreguesse de fazer os preparativos para nossa partida para voltar à Inglaterra e te apresente em meus aposentos duas horas antes que rompa o dia.

A expressão no rosto do cavalheiro era sombria. Inclinou a cabeça em silencioso assentimento.

—Então, o duque renegou a ti? —perguntou com indiferença e estendeu as mãos para ele sob a luz oscilante das tochas— Cavalheiro Verde me jure lealdade como proprietária e senhora, e te mostrarei um amor muito superior.

O gesto de sua boca se endureceu, como se as palavras de Melanthe causassem ofensa.

—Minha senhora, faz muito tempo que me pus a seu serviço. Sou seu homem, agora e para sempre. —Sustentou o olhar de Melanthe sem hesitações— E quanto ao amor, não necessito mais do tipo de amor que minha graciosa senhora me demonstrou.

Melanthe levantou o queixo e olhou atrás dele; Allegreto estava ali, observando-os com ar zombador.

Obsequiou seu cortesão com um radiante sorriso e baixou as mãos.

—Allegreto, venha, meu querido... —Um novo estremecimento a percorreu e, amassando-se na capa, deu a volta— Quero que haja calor entre meus lençóis esta noite.

Os navios deslizaram rio abaixo, empurrados pela corrente e a maré saliente, com os remos levantados e silenciosos. Quando se afastavam das ribeiras cada vez mais separadas do rio Garona, um frio sol apareceu a costas da pequena frota de Ruck e atraiu a brisa do mar até o estuário. Não o agradava fazê-lo, mas considerou que era seu dever ir a bordo do mesmo navio que a princesa Melanthe.

Tinha trabalhado toda a noite junto com o mordomo da princesa para organizar a partida. Ao ver o beliche grafite em que a princesa Melanthe se deslocaria durante o trajeto por terra, viu-se obrigado a utilizar a patente do duque para ordenar um navio adicional para o transporte da carruagem de quatro rodas, estofado de couro, e dos cinco cavalos necessários para puxá-la.

Ruck estava convencido de que teria que passar horas de espera ao capricho de sua proprietária e senhora, já que ela não parecia muito propensa a esforçar-se sem necessidade, mas os criados da princesa Melanthe tinham superado inclusive aos homens de armas na diligência que mostraram na hora de fazer a bagagem e carregá-la. Não houve nenhuma volta atrás a toda pressa para ir procurar um pente perdido ou um almofadão mais. Nenhuma das damas escapuliu para uma larga despedida com um amante com o coração quebrado. Ruck suspeitava que temessem muito sua ama para lhe fazer perder tempo.

O duque, tal como tinha prometido, apresentou-se para vê-los partir, e tinha representado uma grande farsa ao lhe dar o beijo da paz e oferecer seus mais cordiais bons desejos. Na fria madrugada de sua marcha, Ruck tinha sido objeto de um maior desdobramento de cortesia por parte de seu amo e senhor que a somada em todos os anos que tinha estado ao seu serviço. O número de presentes tinha sido escasso, tão só alguns mendigos e comerciantes, e um par de soldados que dormiam sobre o mole aos que tinham despertado; mas quando chegasse a mar, a notícia haveria se estendido por igual entre nobres e plebeus por toda a cidade: o Cavalheiro Verde tinha abandonado Aquitania ao serviço da princesa Melanthe, vivo e sem que o tivessem forçado a fazê-lo. Não era uma ameaça ao poder de Lancaster, nem tinha caído vítima de seu orgulho, nem tinha feito saltar a faísca que iniciasse a rebelião.

O Cavalheiro Verde já não era ninguém, nem para Lancaster nem para os outros.

Ruck tragou ar lentamente e o soltou. Tinha perdido a seu príncipe, a seu senhor. Tinha amado a uma dama que não existia, mas que lhe tinha parecido absolutamente real, e tinha sido tanto o tempo que tinha permanecido devoto a ela, que se sentia como se a morte tivesse arrebatado uma parte de seu coração.

Estava sentado na coberta, em cima da única cabine de popa, muito consciente da presença da princesa. Perguntou-se se ela se enjoaria, mas não pôde imaginar. Pierre havia se aconchegado na ponta da popa e roncava brandamente. O vento açoitava o rosto de Ruck. Seus homens se repartiam a ambos os lados da coberta, sentados ao

casco da amurada. Ruck se aproximou e agarrou sua flauta do amplo avental de Pierre. O escudeiro abriu um olho, mas voltou a encolher-se de novo em sua capa.

Com as primeiras luzes do dia, Ruck começou a tocar uma melodia doce e triste das Cruzadas, de uma amante que fica sozinha, sumida na dor e a preocupação. Pareceu-lhe apropriada para aquela cinza madrugada, lenta e nostálgica, com o balanço da água e o brilho opaco da luz nos elmos e os arcos. Adequada para seu estado de ânimo: partia sem deixar nada atrás, rumo a nenhuma parte.

Debaixo de onde ele estava a cortina que cobria a entrada da cabine se moveu. As notas da flauta titubearam um mínimo instante, e a seguir Ruck baixou a vista e continuou tocando. Não era mais que Allegreto, o pequeno mulherengo, que subia os escassos degraus com uma capa de cor carmesim rodeada ao corpo. Para surpresa de Ruck, que ele ocultou, o jovem se sentou na coberta a seus pés, com o rosto voltado em direção ao vento.

—É uma canção de amor, não é certo? —perguntou o jovem cortesão.

Ruck fez caso omissivo dele e se deixou envolver pela melodia.

Allegreto permaneceu em silêncio uns instantes, depois exalou um suspiro e se voltou para Ruck.

—Estiveste alguma vez apaixonado, inglês?

Fez a pergunta com ar de cansaço, como se tivesse mais de um século de idade. Ruck continuou com sua melodia por resposta.

Allegreto esboçou um sorriso que, apesar do olho arroxado, conferiu-lhe um ar inequivocamente encantador. Retirou da testa o cabelo alvoroçado pela brisa e prosseguiu:

—É óbvio que sim. Tantos anos como minha senhora, e ela sabe mais do amor que a própria Vênus. —recostou-se sobre a amurada— Como sabe, utiliza a magia para conservar-se sempre igual. Possivelmente tenha mil anos. Talvez se pudesse contemplá-la em um espelho, não visse outra coisa que uma caveira com buracos negros em lugar de nariz e olhos.

Ruck arqueou as sobrancelhas com ceticismo sem perder a cadência de suas notas.

Allegreto soltou uma gargalhada.

—Ah, é muito ardiloso para mim. Não o crê. —Com uma repentina intensidade se inclinou até ficar mais perto dele— Não vai me arrebatrar isso.

A flauta de Ruck falhou uma nota.

Allegreto fechou os olhos com força.

—Tem algo que eu não posso lhe dar — disse em voz baixa— Não sou tão jovem como aparento.

A Ruck levou um longo momento encontrar significado em sua mente para aquelas palavras; depois baixou a flauta.

Allegreto cobriu a boca com a capa vermelha e afastou o rosto. Ruck ficou com o olhar fixo naquela lisa bochecha avermelhada pelo vento.

—Quando eu tinha quinze anos de idade — disse Allegreto, embaçado, como se respondesse a uma pergunta— ela me preferia. —amassou-se na capa e o olhou com ira por cima do ombro— Mas eu ainda a amo! —exclamou com ferocidade— Ainda sou capaz de amar!

Ruck o olhou. Não lhe ocorreu nada mais que fazer um gesto de assentimento ante uma devoção tão desmedida. Allegreto lhe sustentou o olhar durante um longo instante, e a seguir baixou a cabeça e a apoiou nos braços. Em meio da impressão recebida, Ruck se sentiu envergonhado de si mesmo. Todos os sacrifícios que tinha feito em honra de sua falsa dama tinham sido honrados, e por decisão própria. Ele era um homem dos pés à cabeça. Umedeceu os lábios e tomou de novo a flauta para procurar refúgio na música.

Não havia tocado mais que um par de notas quando ressonaram dois fortes golpes que vinham de debaixo da coberta. Allegreto elevou o rosto.

—Ah. —voltou-se para Ruck e sorriu com doçura— O esquecia. Tinha que te ordenar que deixasse de tocar essa música tão fúnebre e interpretasse algo mais divertido.

Capítulo 5

O ancião rei da Inglaterra já não era mais que a sombra gasta e bêbada daquele alto guerreiro que Melanthe recordava. As conquistas e os torneios reais de Eduardo III brilhavam como gemas entre as lembranças de sua infância, recobertas de brilho, brilho resistente e deslumbrante majestade: o vermelho e ouro de seu pai resplandecendo entre outros estandartes, as faíscas que saltavam de seu elmo depois de um forte golpe; os dedos de sua mãe que apertavam um instante a mão de Melanthe.

O rei Eduardo tomou um longo sorvo de vinho, mas deixou rapidamente a taça a um lado e fez um gesto ao criado que estava atrás de seu assento quando Melanthe entrou nos aposentos reais. A cabeleira cinza do rei caía em desordem sobre aqueles largos ombros que em outros tempos tinham estado cobertos pela armadura, e o crescido bigode se confundia com suas longas barbas. Tinha o nariz e as bochechas avermelhadas pelo excesso de bebida, mas sua postura sobre o assento seguia sendo majestosa.

Um dia em Londres tinha sido mais que suficiente para que Melanthe descobrisse que era escravo de sua amante, uma mulher elegante com uma figura que Melanthe entendeu perfeitamente que seduzira tal ponto. Ninguém se aproximava do rei sem o consentimento da temida e odiada lady Alice, e Melanthe não foi uma exceção. Alice Perrers entrou atrás nela no aposento, lhe pisando os calcanhares.

—Trago alguém que o agradará, amado meu — disse lady Alice arrebatando ao criado a taça das mãos. Inclinou-se sobre o rei e depositou um beijo em sua testa enquanto lhe servia mais vinho. Ele sorriu com ar sonhador ao ver tão próximo aquele abundante peito que se abatia sobre seu rosto— Aqui está lady Melanthe, a filha de lorde Richard de Bowland, que Deus o tenha em sua glória. Traz presentes para você, e cartas de Burdeos. É o duque quem lhe escreve.

—Juan? —Os olhos do rei se iluminaram. Alargou as mãos, com dedos trementes.

Melanthe lhe fez uma profunda reverência. Ergueu-se e dirigiu a lady Alice um olhar carregado de significado antes de aproximar-se para entregar suas oferendas.

A amante real tinha aumentado seu poder oficioso até tal ponto que, conforme se dizia, chegava inclusive a sentar-se nos tribunais de justiça e a ameaçar os juízes. Mas Melanthe sabia jogar aquele jogo. Tinha repleto de elogios e presentes aquela pessoa excessivamente amadurecida e opulenta, de uma vez que lhe tinha dado a entender que os interesses de ambas eram totalmente compatíveis. Lady Alice não tinha o menor desejo de que nenhum homem poderoso, especialmente alguém como Juan de Gante, duque de Lancaster, contraísse matrimônio com Melanthe e, com a união das imensas posses de ambos, formasse domínios que pusessem em perigo os do rei.

Melanthe tampouco sentia o menor interesse em casar-se com um homem assim, tinha assegurado a lady Alice. Não ambicionava outra coisa que a herança de seu pai. Seu maior desejo era pagar seus impostos ao rei para que este se enriquecesse e pudesse ser ainda mais generoso na hora de encher de presentes a seus favoritos. Como amostra de sua boa vontade, a própria Melanthe faria um generoso obséquio aos íntimos do rei no momento no que lhe conseguissem uma audiência privada.

É obvio se era impossível uma audiência em privado, se lady Alice não confiava em sua nova amiga, a desilusão de Melanthe seria tão imensa que, muito temia, ver-se-ia obrigada a voltar ignominiosamente a Aquitania, onde seu gracioso senhor o duque a tinha feito objeto de cuidados dos mais adúladores.

Lady Alice dirigiu um breve sorriso a Melanthe ao endireitar-se após haver-se inclinado sobre o rei. Depois de muitas carícias e um sem-fim de palavras carinhosas, fez gesto de retirar-se. Reteve-lhe a mão de uma maneira que resultou lamentável e fátua, mas quando por fim ela partiu e o deixou em companhia de somente o camareiro (um dos homens de Alice), e do servente, Eduardo deu a impressão de esquecer-se dela; tornou-se para diante e mostrou sua ansiedade por receber a carta de seu filho.

Melanthe, depois de uma nova reverência, fez-lhe entrega da missiva de Lancaster. Poderia havê-la recitado de cor, já que, antes de abandonar Burdeos, tinha manipulado o selo do lacre. Observou o cenho franzido do rei ao inteirar-se da má saúde de seu filho

mais velho, que se fazia mais evidente ante a notícia de que o príncipe voltaria para casa para recuperar-se. Viu como Eduardo apertava os lábios ao informar-se de quão vazias estavam às arcas do tesouro em Aquitania, e do temperamento instável dos nobres gascões.

A carta não fazia menção alguma do torneio, nem tampouco do Cavaleiro Verde, o ombro de Lancaster ou o frustrado cortejo deste a Melanthe. Lancaster se limitava a solicitar o favor de seu pai para com ela, como filha que era de um súdito leal e apreciado, e recomendava que sua herança fosse confirmada o antes possível, feito este que evitaria a todos, ele incluído, um abafado considerável. Melanthe, no presente momento, dependia quase por completo da caridade do duque.

—Richard de Bowland, Deus o tenha em sua glória! —exclamou Eduardo com uma voz cheia de prazer. Indicou a Melanthe que se levantasse e a obsequiou com um abraço perfumado de vinho— Criatura! E nosso Juan lhe enviou a nosso lado! Contem-nos dele. De verdade, como se encontra? —Depois de exalar um triste suspiro levantou a carta— Aqui não diz nenhuma só palavra de si mesmo.

—Meu muito querido e respeitado senhor, seu filho, que Deus o proteja, gozava de excelente humor quando me despedi dele — disse Melanthe.

O rei assentiu, agradado, e depois pareceu perder o fio de seus pensamentos enquanto olhava para um rincão. Depois de uma larga pausa inclinou para ela a cabeça, como se fosse um menino que tivesse um segredo.

—O príncipe é nosso orgulho — sussurrou— mas Juan é nosso coração.

Melanthe murmurou:

—O duque se parece muito a sua amada mãe a rainha, que em paz descanse. —Não tinha ideia se aquilo era verdade, já que só guardava uma imprecisa lembrança da rainha Felipa como um personagem gordinho e sorridente, mas acrescentou— Tem seus mesmos olhos, meu senhor. Uma figura masculina muito formosa. Não é de se estranhar que sua majestade o queira de todo coração.

A Eduardo tremeram os lábios.

—Isso é muito certo, muito certo. —Deu um profundo fôlego— Você é uma criatura preciosa e encantadora. O que podemos fazer por você?

Melanthe se inclinou e depositou um volume ricamente encadernado sobre seu leito.

—Meu senhor me faria uma grande honra se aceitasse este pequeno obséquio. Trata-se de uma obra sobre a arte da falcoaria, escrita por um professor do país do norte.

Ante o gesto impaciente de Eduardo, o criado aproximou o livro. O rei passou as páginas e assentiu com deleite.

—Assunto este que bem merece um tratado. Excelente. Excelente. Sentimo-nos encantados.

Melanthe o incitou a um breve debate sobre aves de presa. Transcorrido um quarto de hora, eram já grandes amigos. Era bem conhecida por todos a paixão que o rei sentia pelos falcões e a falcoaria.

—E isto, senhor — disse, quando percebeu que o momento era o adequado— depositá-lo-ei em sua mão, se me outorgarem seu consentimento.

Alargou-lhe um pacote selado. O rei Eduardo aceitou o pergaminho e o abriu com mãos torpes.

—O que é isto, querida minha?

—É meu direito às posses de meu marido, ao que renuncio em seu nome, meu amado senhor. Sou uma débil mulher; não tenho poder que exercer por minha conta, mas esse direito é muito valioso. Meu marido era o príncipe de Monteverde. Não deixou herdeiros varões a sua morte, e eu sou possuidora de dito direito por linha sanguínea materna. Tudo o qual cedo a meu respeitado e apreciado senhor, para que sua majestade faça com ele o que deseje.

Melanthe notou o leve movimento do camareiro ante aquelas novas. Aproximou-se do rei e se inclinou ante ele.

—Permitem-me que vos leia o documento, senhor?

A avara mão do camareiro se abatia já sobre o pergaminho, mas os dedos do rei Eduardo se fecharam e não o soltou.

—Monteverde? —O vago olhar de seus olhos pareceu cobrar acuidade— Nós estamos em dívida com Monteverde por certa soma.

—Meu senhor, eu não tinha conhecimento de tal coisa — mentiu Melanthe, de uma vez que o fazia uma profunda reverência. Eduardo estava em dívida com os bancos de Monteverde por uma quantidade impossível, como o estava também, e sempre o tinha estado, com os comerciantes de dinheiro italianos— Nesse caso, posso albergar maiores esperanças que meu humilde presente seja de valor para meu rei.

O sequaz de Alice fez uma nova tentativa, não tão sutil, de despojar Eduardo do documento de renúncia, mas o rei o apertou com força.

—Não reclamastes seus direitos? —Franziu o cenho— Não, mas... Nossa mente nos confunde. Bowland... É que não têm um irmão que atue por você? O amigo de Lionel... — deteve-se e sua voz se apagou até converter-se no tremor de um ancião.

Melanthe viu que o recordava. Tinha posto a seu segundo filho, Lionel, ao serviço dos Visconti de Melam, como pagamento pelas dívidas da Inglaterra, mas nem as bodas mais esplêndida da época, com presentes de armaduras, cavalos e cães de caça, com colares de pedras preciosas e capas de arminho e pérolas, um banquete de trinta pratos, cobertos todos eles com lâminas de ouro e um dote tão exorbitante que tinha levado dois anos de negociações, tinham conseguido comprar uma vida larga e feliz a Lionel, que tinha morrido seis meses mais tarde em Piamonte de umas febres desconhecidas.

E junto a ele Richard, de seu círculo mais íntimo, Richard o irmão de Melanthe, que só contava cinco anos quando ela saiu da Inglaterra e era um desconhecido de vinte e um quando chegou à Itália e morreu. As fofocas tinham assegurado que tinha morrido por engano ao compartilhar a bebida com Lionel. O rumor também apontava que a intenção de Richard tinha sido matar a seu próprio príncipe e que ele tinha morrido acidentalmente. As más línguas tinham propagado que Melanthe tinha assassinado seu irmão para ficar com sua herança, sem lhe importar que o príncipe morresse com ele. O rumor era capaz de inventar o que fosse. Melanthe olhou ao rei enquanto o coração pulsava com força.

—Que Deus tenha piedade das almas de ambos. —Eduardo tinha os largos ombros caídos, o lábio inferior tremente. Procurou com a mão a taça de vinho e bebeu.

—Amém. —Melanthe fez o sinal da cruz e respirou fundo— Meu senhor, dada minha fragilidade de mulher, não tenho o valor necessário nem o desejo de reclamar meu direito sobre Monteverde. Quão único desejo é retornar a Bowland e viver ali minha viuvez sem problemas, com sua aquiescência. Mas um homem com maior energia e inteligência que minha pobre pessoa, senhor, um homem da altura do duque de Lancaster, digamos, alguém com os dons naturais de seu filho poderia converter esta reclamação em algo grande e útil.

—Muito certo. —O rei secou os olhos— Muito certo.

—Sua majestade deve sentir desejos de dar muito ao duque, em troca de sua dedicação na defesa dos interesses de seu irmão em Aquitania — murmurou Melanthe.

O rei Eduardo começou a chorar ante aquela menção da lealdade incondicional de seu filho. Deus sabia que Lancaster era na verdade fiel a sua família, que tinha esvaziado suas próprias arcas na tentativa de manter a unidade de Aquitania em seu nome. Por um momento, Melanthe temeu ter ido muito longe e que tanto falar de seu filho sumisse Eduardo no pranto e na confusão. Mas o camareiro soube aproveitar o momento para pôr suas garras de novo sobre o documento de cessão de direitos. O rei saiu de seu torpor, afastou a mão de seu servidor a um lado com real desprezo, dando mostras de seu antigo espírito, e fixou os olhos no pergaminho com olhar escrutinador.

«Não será para eles, Ligúrio. —Melanthe sorriu para si enquanto apertava com força os dentes — Nem para a Alice Perrers, nem para os Reata, nem tampouco para os Navona.» Deus mediante, e com a ajuda da fortuna, o rei Eduardo conservaria ainda suficiente resolução para entregar a renúncia de Melanthe a seu filho predileto, em lugar de à prole de Alice, e aqueles lobos italianos se encontrariam depois de tudo com Juan de Gante, duque de Lancaster, entre eles. Para ele seria um justo pagamento, pensou, pelo ombro deslocado e a humilhação que lhe tinha causado. Pode ser que inclusive algum dia o agradecesse.

O rei a olhou com os olhos avermelhados.

—O que podemos fazer para lhe mostrar nossa avaliação, criatura?

—Senhor — respondeu ela com a cabeça baixa— meu único desejo é poder viver sozinha em Bowland. Meu matrimônio está no presente que entreguei a sua majestade.

—Não sente desejos de se casar de novo?

—Não, senhor, com sua permissão. Possivelmente, passado o tempo, entre em um convento e dedique minha vida à oração.

O rei fez um gesto de assentimento, agarrando com força o documento de renúncia.

—Que assim seja. Conta com nossa promessa, criatura; movidos pelo afeto que sentimos por você, não lhe exigiremos que se case de novo. Deste modo é nosso desejo que assuma a herança de seu pai com o título de condessa de Bowland e todos os outros títulos a ele outorgados. —Fez um sinal com mão tremente ao camareiro— Se Encarregue de que todas estas disposições se vejam rubricadas por nosso selo.

Depois de inclinar-se até o chão, Melanthe abandonou o rei à tenra avareza de Alice. Era vital abandonar Londres imediatamente, antes que Allegreto ou os Reata descobrissem o que tinha feito. Tinha seguido os ensinamentos de Ligúrio: ter claro o objetivo, embora o caminho até alcançá-lo trocasse em uma fração de segundo.

Sentiu que a liberdade estava próxima. Viveria nas altas colinas nuas que recordava de sua infância nortista, e não pertenceria a ninguém mais que a si mesma. Entre todas as ricas e cômodas mansões de seu pai, elegia o frio castelo de Bowland como cidadela, igual tinha feito ele. Se tinha sido capaz de governar Monteverde durante os seis anos que passou Ligúrio no leito de morte, também seria de reger as terras de seu pai, por muito vastas que fossem, rodeada daqueles ingleses tão simples.

O caminho que ia seguir para alcançar seus fins era ainda incerto, mas vivia o momento como tinha que fazê-lo. Allegreto estava muito distraído para exercer sua vigilância habitual, assegurou-se disso antes de sua audiência com o rei, mas desconhecia quanto ia durar o medo que o atendia. Ela sempre se mantinha alerta à espera de uma oportunidade, jogava mão de um novo estratagema, dava-lhe a volta e a trocava conforme via a ocasião ou sentia o perigo. Tinha traído todas as promessas e

votos com sua cessão de direitos. Agora vivia sobre areias movediças, momento a momento, até que pudesse livrar-se de seus cães guardiões.

Os rumores sobre a peste corriam por toda Londres. Seguindo as ordens da princesa Melanthe, Ruck se dedicou a comprovar a verdade dos falatórios pelas ruas cobertas de lodo. Quando se apresentou para informá-la no palácio de Westminster, Allegreto o assaltou no hall.

—O que acontece? —quis saber o jovem, que tinha seguido a pista de Ruck até o mordomo da princesa.

Allegreto tinha um medo insalubre à peste; falava sem freio disso e tinha pegado o costume de pegar-se a Ruck sempre que este se encontrava no palácio, como se o Cavalheiro Verde tivesse um talismã que o protegesse.

—Pelo que sei, não acontece nada — respondeu Ruck.

—Nada? —inquiriu Allegreto preso da ansiedade.

Ruck assinalou com a mão para a porta quando o mordomo o anunciou.

—A quem devo informar, a sua senhora ou a ti, cachorrinho?

—A mim, sem dúvida. —A voz da princesa soou elegante e firme. Deixou o livro de poemas que estava lendo sobre o colo.

—Minha proprietária e senhora. —Ruck se inclinou ante ela, enquanto Allegreto continuava pego a ele como um menino inoportuno.

—Cavalheiro Verde — o saudou ela com cortesia.

Rodeada de ingleses, tinha uma atitude mais tranquila e vestia com mais propriedade e elegância em azul e branco, com tão só uns quantos diamantes como adorno na gargantilha e o cinturão. Um camaleão que adota o aspecto de seu entorno. Ruck foi consciente de sua própria debilidade ao sucumbir a aquela aparência de falsa virtude quando conhecia bem a verdadeira corrupção que havia nela.

—Que notícias traz? —perguntou Melanthe.

—Não vejo indícios de nenhuma epidemia aqui, alteza.

Melanthe assentiu.

—Está bem. Vê-o, Allegreto, como de costume não é mais que um rumor. —Deixou a um lado o livro e se esticou um pouco— Mas temo que agora tenha que me deixar para que descanse. Ainda me sinto fatigada pela viagem pelo mar.

Ruck fez gesto de retirar-se, mas Allegreto seguia agarrado a seu braço.

—Não, a verdade! —exigiu Allegreto— O que é o que sabe?

Ruck o olhou com o cenho franzido.

—Hei dito a verdade. Não há peste na cidade.

—Não o oculte! —Allegreto se lançou sobre a cama— Minha senhora... Tem que falar.

—Acaso oculta algo, cavalheiro? —perguntou Melanthe com secura.

Ruck fez um esforço para não olhá-la diretamente. Longe era possível sentir desagrado, mas ao vê-la perdia a prudência. Sua imagem o tinha açoitado durante treze anos; mas a realidade, como uma faca, tinha talhado de raiz seu impuro apetite. Aquela nova atitude de decoro piorava as coisas. Sabia mais dela, mas não o suficiente. Temia que tampouco bastasse saber tudo.

—Não há peste — repetiu— Não é mais que um rumor.

A princesa Melanthe inclinou a cabeça.

—Mas crê que chegará?

—Como posso sabê-lo? Diz que o alinhamento dos planetas assim o indica.

Ao ouvi-lo, o rosto de Allegreto empalideceu.

—Minha senhora!

—Mas isso significa muito pouco — disse Ruck— Asseguro-lhe que os planetas predizem a peste uma vez ao mês. Os astrólogos ganham a vida com esses negros presságios.

—Não! —Allegreto se voltou para a princesa Melanthe— As cartas de minha senhora predizem o mesmo!

—Tem que ser precavido, querido — disse Melanthe— Muito precavido. Consultei de novo seus astros. Agora pressagiam maus tempos.

—Em Burdeos diziam que a peste tinha voltado para o sul! —exclamou Allegreto.

—Mas não a Melam — disse ela para que se acalmasse— O que ali se dizia era que assolava aos dinamarqueses.

—Possivelmente não sejam mais que falatórios — disse Ruck.

—Os comerciantes a trarão do norte! Em navios de morte! —Allegreto se atirou da cama— Fujamos senhora!

—Que fujamos aonde? —perguntou Melanthe sem perder a calma.

—Longe! —A voz de Allegreto tinha um tom desesperado— Fora da cidade!

—Suponhamos que nos segue fora da cidade. —Melanthe lhe dirigiu um sorriso— Possivelmente tenha a sorte de te reunir com o Pai Celestial enquanto ainda é jovem e inocente.

O jovem fez um leve som e caiu de joelhos ante ela. Escondeu o rosto entre as dobras de sua saia. Ruck tinha começado a sentir certa lástima de Allegreto. A maneira indiferente com a que ela se burlava de seus medos mortais poderia parecer casual, mas Ruck tinha notado como seus olhos se entrecerravam com crueldade quando contemplava seu jovem amante. Naquele instante era como se o odiasse, mas depois o gesto de sua boca se suavizou e lhe alvoroçou o cabelo.

—Foge, então, se isso for o que deseja — disse— Retorna a seu lar em Monteverde. Allegreto elevou o rosto.

—Alteza... Retornamos a casa?

—Eu não. Mas te mandarei para que esteja seguro. Seu pai te refugiará em sua vila no campo.

Allegreto a olhou, os dedos agarrados às dobras de seu vestido.

—Não... Senhora...

Melanthe deslizou os dedos pelo rosto do jovem.

—Volta para casa. Não resistiria ver sua doce pele torcida e enegrecida — murmurou— Não seria capaz de suportar seus gemidos.

A respiração de Allegreto se acelerou. Umedecendo os lábios com a língua.

—Retornaremos juntos a casa, senhora. Meu pai dará refúgio a ambos.

—Celebrei audiência com o rei. Vai me negar as terras que ele me entregou?

—Mas a peste...

Melanthe soltou uma ligeira risada.

—A idade tem seus privilégios, meu precioso moço. Acaso não ataca com mais força aos jovens e arrumados como você?

Allegreto negou com a cabeça, com a prega bordada apertado contra sua boca.

—Não posso lhe abandonar, alteza.

—As estrelas têm maus augúrios para ti. É que vai obrigar-me a te seguir em sua desgraça?

Allegreto deixou escapar um soluço sem lágrimas.

—Sabe que não posso lhe abandonar, minha senhora. Mas fuja de esta cidade. Rogo-lhe isso.

Melanthe se recostou e interrogou Ruck com o olhar.

—Logo que sua alteza deseje iniciar a marcha — disse ele — Mas o tempo está adverso. Fomos muito afortunados ao cruzar as águas. No norte, conforme dizem estão no mais cru do inverno. E seria mais aconselhável tomar um tempo para reunir uma escolta numerosa que sirva de amparo a minha senhora.

Allegreto elevou o rosto e enxugou com fúria as lágrimas que deslizavam por suas bochechas.

—Suplico-lhe isso, senhora, sem demora!

—Quanto terá que esperar para um tempo mais clemente?

—Digamos que uns três meses.

—Três meses! — gritou Allegreto. Agarrou a mão da princesa Melanthe e a estreitou entre as suas— Dentro de três meses estarei morto! Pressinto-o!

Melanthe baixou o olhar para ele durante um longo momento. Os olhos de Allegreto pareceram aumentar até mostrarem quase atemorizados enquanto lhe sustentava o olhar.

—Eu não tenho nenhuma urgência por partir — disse Melanthe com indiferença— A viagem me resultaria das mais incomoda.

Allegreto soltou suas mãos e se separou dela de repente.

—Tortura-me! —gritou— Se não vamos deste lugar, escreverei a meu pai!

—De pouco te servirá, se for estar morto dentro de três meses. —A princesa Melanthe agarrou o livro que tinha estado lendo e passou uma página com frouxidão— Com um pouco de sorte, pode ser que chegue a tempo de rezar sobre seu sepulcro.

Allegreto arrebatou o livro. Rasgou pela metade a encadernação de vitela e esparramou as valiosas páginas sobre os tapetes como se não fossem mais que palha. Ao ver que a princesa Melanthe não mostrava a menor reação, o rosto do jovem pareceu transfigurar-se: sua beleza sem mácula se tornou em uma máscara demoníaca cheia de ira. Inclinou-se sobre ela, agarrou-lhe as bochechas entre as palmas das mãos e a beijou, lhe esmagando os lábios com sua boca. Ruck viu que as mãos dela ficavam brancas ao apertar os braços da cadeira enquanto o jovem lhe jogava atrás a cabeça com força contra o respaldo de madeira esculpida.

Ruck agarrou Allegreto pelo ombro e o afastou sem olhares. De um tranco o lançou para trás até que foi dar contra a parede coberta de tapeçarias.

—Te domine! —Tinha Allegreto pego pelo pescoço e o esmagava contra a parede— Ou por Deus que antes do que pensa estará em um sepulcro!

Allegreto tragou saliva sob sua mão; respirava com dificuldade. Olhou Ruck com uns olhos negros que tinham perdido toda expressão, como se o medo e a ira se anularam entre si.

O som de uns leves aplausos chegou de trás dele.

—Uma atuação da mais cavalheiresca, grande senhor! A pobre criatura quão único precisa são melhores maneiras. Possivelmente possa lhe dar uma lição quando te agradar.

—Lhe diga a minha senhora... —Allegreto disse com respiração entrecortada— Lhe diga a minha graciosa dama quanto sofrerá se eu morrer.

Ruck o soltou e se afastou.

—Isto é teu assunto e de sua senhora. —Dirigiu um duro olhar a Melanthe e a seguir fez uma inclinação— Fico à espera de sua decisão, senhora.

Melanthe elevou a mão para lhe rogar que ficasse.

—Isso não será necessário. Vamos nos mostrar civilizados, não é assim, Allegreto? Inicia os preparativos para partir imediatamente a Bowland, cavalheiro.

—Amanhã! Por rotas pouco transitadas — acrescentou Allegreto imediatamente, com voz rouca— Se minha graciosa senhora tiver a bondade.

Melanthe fez um gesto de impaciência com a mão.

—Seja, se esse for seu desejo! Levaremos só os homens de armas com os que conta neste momento, cavalheiro. O resto de meu cortejo pode nos seguir com minha bagagem. Será mais seguro evitar os lugares povoados, em caso de que a peste nos leve a dianteira.

—Só porque ele tem este capricho? —perguntou Ruck com indignação— Não, alteza, seria um grupo muito pequeno. Não contaríamos com suficiente amparo!

—Allegreto deseja evitar a praga.

—A praga não é o único perigo que espreita a sua alteza — respondeu Ruck com severidade— nem tampouco o mais iminente!

Melanthe abriu os olhos.

—E o que outro terá que seja mais iminente? É que não é capaz de enfrentar os bandidos que infestam a campina?

Ruck franziu o cenho.

—Minha senhora, não estou pensando unicamente nos bandidos.

—No que, então?

—Sua alteza conta com enormes riquezas e propriedades — disse bruscamente.

—Ah. Teme que me raptem. Bem pensado, Cavalheiro Verde, mas eu não sinto nenhum temor de que isso aconteça. Nossa partida será rápida e secreta, e se utilizarmos rotas pouco conhecidas, mais probabilidades teremos de frustrar esse tipo de planos. —Melanthe lhe dirigiu um sorriso— E, é obvio, pode te encarregar de difundir o rumor de que o homem que me obrigue a me casar com ele o lamentará durante o resto dos dias de sua curta existência e sofrerá uma larga agonia antes de morrer.

Ruck a olhou. Era tão bela e tão malvada... E estava rindo dele atrás daquele sorriso inocente. Funcionaria, pensou com uma mescla de admiração e ressentimento; com a fama que tinha e aquele seu plano para escapulir dali, sua segurança seria quase tão completa ante o perigo de uma captura ou um ataque como se viajasse acompanhada do meio milhar de homens.

Inclinou a cabeça.

—Senhora — concedeu a contra gosto— como você queira.

Allegreto exalou um profundo suspiro e fechou os olhos. Apoiado na parede, de novo as lágrimas brotaram de seus olhos e deslizaram por suas bochechas. O pulsar acelerado de seu coração era visível no pescoço.

O coração de Ruck reagiu golpeando com força em seu peito. No que levavam de viagem, mal tinha visto a princesa Melanthe e a seu cortesão, e albergava a esperança de não vê-los muito, se as coisas fossem daquela maneira. Aquelas cenas e desvarios lhe produziam um profundo desagrado.

Capítulo 6

—Um... Dois... Três... Vamos! —gritou Ruck, obrigando Hawk a avançar e puxando a brida do cavalo que ia a cabeça da cordada quando se esticou a soga sobre o cavanhaque da cadeira. Os animais elevaram a cabeça e lançaram ao ar enormes baforadas de fôlego gelado enquanto se levantavam e lutavam contra o barro e a água que os cobria até os joelhos.

Era fácil para a princesa Melanthe prescindir de fazer parada e hospedaria em sua rota para o norte. Ela e seu cortejo iam sentados na carruagem — que era uma monstruosidade— sem tão sequer levantar a cobertura de couro para olhar. Ruck afrouxou a corda e obrigou de novo Hawk a retroceder; girou na cadeira para olhar,

além da corda formada pelos cinco cavalos ofegantes, a seus homens, que lutavam para que a carruagem avançasse sobre os ramos de árvores que colocaram sob as rodas.

A flamejante pintura e o tropel do carro tinham agora um triste aspecto, coberto como estava de barro, fundo até os eixos nas rodas. Seu sargento de armas se encontrava a um lado e, depois de esquadrihar a parte inferior do veículo, fez um gesto de negação com a cabeça e se endireitou. Levantou o braço em sinal de que fizessem uma nova tentativa. Ruck voltou sobre seus passos.

—Um... Dois... —Quando a carruagem se moveu ao contar três, os homens em coro se somaram ao grito de Ruck com decisão e entusiasmo, para não deixar-se vencer pelo abatimento— Pu-xe!

Hawk inclinou sua cabeça cinza e esticou o corpo. O animal, sujeito pelo arnês, levantou-se contra a força do jugo e ao cair levantou uma cortina de água gelada que salpicou a perna de Ruck. Atrás dele se ouviram gritos. A carruagem se elevou com força no ar, mas não se moveu.

Ruck deu a volta e viu que dois dos homens estavam sentados, sua nádegas afundadas na água gelada. Soltou um juramento para si e afastou a corda da borda de sua cadeira de montar. Depois de obrigar Hawk a dar a volta, cavalgou através do barro até a parte dianteira da carruagem e alargou a mão para separar de um puxão a coberta de couro.

Allegreto, com um aspecto lamentável, estava agachado à frente, amassado em peles. A única dama de companhia de Melanthe estava sentada atrás dele, quase invisível na manta. Ruck introduziu mais a cabeça. A princesa Melanthe estava reclinada sobre uma poltrona colocada na metade do veículo.

—Senhora — disse Ruck— a meu parecer, se baixassem, ajudaria a que fosse maior sua comodidade.

—Encontro-me da mais cômoda, amável senhor — respondeu Melanthe em inglês sem alterar-se.

—Nesse caso, espero que este lugar lhe resulte agradável, alteza — replicou ele no mesmo idioma— já que não veremos nenhum outro por causa de minha graciosa senhora e seus acompanhantes e de seus mais de cento e trinta quilogramas.

—Cento e trinta! —disse Melanthe com ligeira surpresa— Tanto pesamos?

—Mais.

Dada a escassa luz que havia dentro da carruagem não poderia assegurar, mas lhe pareceu ver flutuar aquele meio sorriso, metade inocente, metade malicioso, sobre seus lábios.

—Allegreto baixará — disse Melanthe em francês— Foi ele quem se empenhou em viajar.

—Sim, claro que o fará — disse Ruck— Mas duvido que esta carruagem chegue muito mais longe, carregada ou não.

—Deve pôr mais empenho, inglês! —Allegreto estremeceu de frio e se amassou nas peles.

—Pobre Allegreto — disse a princesa Melanthe— Tem frio, meu doce cachorrinho sulino? —Soltou uma gargalhada e voltou a falar em inglês— Cavalheiro Verde, te encarregue de dar a ordem de que me tirem o beliche.

Allegreto elevou a cabeça.

—O que há dito, minha dama? —perguntou com urgência.

Melanthe se limitou a sorrir com ar zombador. Ruck se afastou a cavalo ao tempo que dava ordens. Enquanto seus homens se ocupavam do arnês, ele levou Hawk à parte de trás da carruagem e calculou como teriam que inclinar o beliche de Melanthe para que ela não tivesse que meter-se nas lamacentas águas ao trocar de meio de transporte.

—É que não sabe montar a cavalo, cachorrinho? —perguntou Ruck a Allegreto.

O jovem soltou um gemido.

—Foi você o que pôs empenho em que seguíssemos rotas afastadas das habituais — recordou Ruck.

—Para evitar a peste!

Ruck examinou a erma e desolada paisagem que os rodeava. O caminho discorria pela borda de um bosque, e não havia à vista nenhuma só morada. Um vento duro e gelado soprava da sombria fileira de montanhas que se estendiam para o oeste e lhe queimava o rosto.

—Acredito que nos encontramos bem protegidos do contágio — disse sem ênfase.

Allegreto se levantou a tropicções e apoiou na portinhola do carro as largas ponteiras de suas elegantes chinelas, uma amarela e a outra azul, ao tempo que se deixava cair a um lado sem muito entusiasmo.

—Tenho um formoso cavalo para você, cachorrinho. —Com um gesto do polegar, Ruck assinalou para um dos cavalos, coberto de barro e unido pelo arnês. O sargento o aproximou. O animal se deteve, chapinhou no lodo, soltou um espumoso bufo e aproximou um focinho esperançoso ao azulado pé de Allegreto.

O jovem o afastou de repente. Levantou a vista ao beliche que se aproximava e depois olhou por cima do ombro ao interior da carruagem.

—Minha senhora, minha gentil e deliciosa senhora, eu lhe adoro. Vivo para você. É mais formosa que o sol, mais bela que...

—Não, não vai subir ao beliche —disse Melanthe de maneira cortante— Gryngolet não suportaria te ter tão próximo.

Allegreto deu a volta. Ruck sustentou as rédeas de Hawk, quase convencido de que ia produzir-se outra daquelas cenas, mas o jovem pareceu resignar-se a sua sorte e escolheu montar antes que arriscar-se à ira do falcão, ou a de sua dama. Quando acabaram de transferir à dama de companhia a uma mula e o beliche esteve em seu lugar, Allegreto se encontrava já em meio da récu, e puxava com insistência as rédeas de seu cavalo para afastá-lo de um burro que carregava com a forragem.

A princesa Melanthe apareceu na portinhola da carruagem, envolta em um manto de cor azul debruada de arminho. Ruck desmontou do cavalo. Apesar de todos os esforços, ficava ainda um espaço de uma vara de comprimento sobre o lago gelado entre a carruagem e o beliche. Ao não ver outra forma de salvá-lo, tirou as luvas cobertas de barro e fez gesto de meter-se na água para lhe prestar ajuda.

—Rogo-te que não o faça — disse ela, ao tempo que alargava a mão até agarrar a parte superior do beliche. Dedicou-lhe um sorriso e, com um ágil movimento, passou ao outro lado.

O beliche se inclinou perigosamente, e Melanthe soltou um ligeiro chiado sem deixar de agarrar-se à coberta. Ruck se aproximou com um chapinho e a agarrou com os braços. O contato com aquele corpo lhe produziu um sobressalto; apenas um ligeiro peso, uma forma branda e ágil sob o volumoso manto. Nem se deu conta de que estava metido até os joelhos em água gelada. Quase no mesmo instante que a agarrou, Melanthe se soltou de suas mãos, agachou-se para meter-se no beliche e se recostou de novo sobre as almofadas.

Ruck tinha as mãos dela entre as suas. Desprendiam tanto calor que provocaram ardência na pele. Pensou para si: «Bruxa têm que ser para queimar assim», mas nesse instante lhe agarrou os dedos um momento e murmurou em inglês:

—O que frio tem as mãos!

—Mais frios estão meus pés, senhora - disse ele. Apoiou-se na borda para sair da água e se afastou com as pernas gotejando.

Quando conduziram o beliche ao lugar que devia ocupar a ela dois cavalos, um diante e outro atrás, Melanthe voltou a reclamar a presença de Ruck junto a ela. Apesar de estar envolta em peles e coberta pelo capuz, a Ruck resultou difícil olhá-la ao rosto. De pé junto ao beliche, deixou que a cortina pendurasse de maneira que quão único ficasse à vista fossem as almofadas de damasco e a capa que a cobria.

—O que aconselha? —perguntou Melanthe em inglês.

Ruck não sabia por que lhe pedia conselho, já que até esse momento não o tinha seguido jamais, nem tão sequer em algo de tão pouca importância como que rota escolher.

Tinham evitado passar por Coventry, tinham evitado Stafford, e agora se afastavam tudo o que podiam de Chester. Nos dez dias transcorridos, ela tinha desejado umas vezes ir para o norte, outras para o oeste, igualmente errática que o morcego de um campanário. Afastaram-se tanto do caminho que conduzia até suas posses no norte que

Ruck tinha começado a duvidar de que tivesse a menor idéia sobre onde se achavam. Isso, ou é que tinha perdido a cabeça por completo.

—Aconselho a minha graciosa senhora que nos aproximemos do feudo mais próximo e solicitemos refúgio. —Aquilo já o havia dito antes. Era o que tinham que ter feito de princípio, se não fosse pela indulgência que ela mostrava ante os exagerados terrores de Allegreto— Yewlow fica ao este segundo a queda do sol, deveríamos nos dirigir para ali sem demora.

—E o que temos por diante?

—Um braço de mar. As areias movediças de Dee e Wyrle — respondeu— É um autêntico páramo.

—Conhece esse território?

—Muito bem, alteza.

—De ir caçar dragões? —perguntou ela brandamente.

Ruck não concedeu o benefício de uma resposta, apesar de que era certo.

Sua voz chegou de trás da cortina em tom divertido.

—Assim não temos por que ter medo de que nos ataque nem um feroz verme se seguirmos adiante.

—Unicamente dos bandidos, minha senhora — respondeu ele com secura.

Melanthe não disse nada por um momento. Depois a ouviu suspirar.

—Allegreto ficará insuportável. Poderiam ser pior os bandidos?

Ruck olhou para Allegreto, que golpeava com veemência as costelas do pobre cavalo de gancho.

—Pelo que me parece, minha graciosa senhora não teve muitas experiências com bandidos.

Ela soltou uma risada seca.

—E você muito poucas com Allegreto. Mas seus dedos estão arroxeados de frio, cavalheiro. Agradar-me-á ver-te no leito em Yewlow esta noite — murmurou Melanthe e acariciou de trás da cortina o lugar onde ele apoiava a mão.

Ruck se afastou imediatamente. Recordou a quem estava escoltando, que nela ardia um fogo impuro e que ele, a sua vez, inflamava-se com muita celeridade.

—Não sinto frio algum, senhora — disse com rigidez, sem levantar a vista do chão.

—Nesse caso, sigamos adiante sem demora, Cavalheiro Verde.

Não apreciou em sua voz pesar algum, só autoridade, e Yewlow, com seu leito, passou a ser uma greta aberta de iniquidade, uma promessa com possibilidades desconhecidas, ou pode ser que somente um camastro de madeira junto à lareira da armaria em companhia de seus homens. Possivelmente ela não soubesse que alguém de sua categoria não podia aspirar a que lhe oferecessem um leito próprio, e muito menos o de uma dama promíscua. Possivelmente ela não tinha querido dizer nada com suas palavras, e o roce de sua mão se devia à casualidade.

Não voltou a olhá-la, mas sentiu em sua carne o rumor profundo do desejo, o fogo sob a pele. Enquanto se afastava, uns loucos pensamentos assaltaram sua mente: que ela alargava aquela viagem para seduzi-lo, ou para torturá-lo.

Wyrale se estendia ante eles, um território inóspito infestado de bosques e desolação; o melhor era evitá-lo e retroceder para Chester, mas se não fosse assim, levar-lhes-ia um par de dias cruzá-lo. Contava com uma dezena de homens, bem armados e com montarias passáveis; sem a carruagem poderiam ir a muita mais velocidade. Voltou-se para o sargento de armas e lhe encarregou que descarregasse o veículo enquanto o resto do grupo continuava a marcha.

Depois montou sobre Hawk e voltou cavalcando até a récua. Agarrou as rédeas do cavalo de Allegreto e de um puxão o obrigou a dar a volta enquanto não deixava de dar ordens à companhia para que formassem uma fila. Com Allegreto agarrando-se e expulsando sobre seu arreio, Ruck obrigou a ambos os cavalos a adotar um trote ligeiro entre o barro e a colocar-se em cabeça.

Montaram o acampamento à borda do estuário do rio. Um manto de vapor misterioso cobria com tanta intensidade o amanhecer que os homens de Ruck se reduziam a sons sem formas. Ouvia os suaves murmúrios com os que davam voz a uns medos que não teriam atrevido a manifestar se soubessem que ele se encontrava perto.

Cobertos pela máscara da disciplina militar, Ruck não tinha sido totalmente consciente de quão dispostos estavam a abandonar sem remorso algum à princesa Melanthe. Aquela paisagem inóspita fazia que suas mentes sucumbissem com facilidade aos rumores sinistros que acompanhavam à dama e a seus próprios temores se soubesse um grupo de amparo excessivamente reduzido. As montanhas de Gales eram invisíveis, mas se percebia sua presença ominiosa, infestadas de rebeldes inclusive naqueles tempos de paz. Ruck não podia ter a certeza de que seus homens não fugiriam, mas ele tinha em seu poder um recurso simples, mas eficaz, já que não os tinha pagado ainda mais que uma parte mínima dos soldos prometidos.

Enfrentou antes a situações assim e obteve que deixassem a um lado as dúvidas após dar a ordem de que recebessem para tomar o café da manhã pão branco em lugar de centeio. A isso seguiu uma pequena reunião a certa distância da tenda que ocupava a princesa Melanthe, em que com voz suave apelou primeiro a sua vaidade: dez deles valiam por vinte de outros com os que ele se encontrou; e, continuando, a sua avareza: era evidente que uma herdeira da categoria da princesa Melanthe se mostraria generosa com sua escolta, e eram poucos para repartir a soma. Guardou-se de nomear uma cifra, e se limitou a lhes transmitir a modesta opinião de que seria mais dinheiro do que nenhum deles tinha visto jamais em sua vida.

Ao ouvi-lo, os homens recuperaram o ânimo e ele lhes ordenou que limpassem o barro de suas armas como preparação para passar por aqueles territórios. Apesar de que a névoa não dava sinais de dissipar-se, Ruck enviou Pierre com umas peles de presente para o ermitão de Holy Head, quem fazia de guia através dos areais a aqueles que eram muito pobres ou muito insensatos para utilizar o transportador do rei para cruzar até Chester.

A bruma ocultava a água, mas a cercania do mar proporcionava uma umidade gélida, um frio mais cortante que uma autêntica geada, que se filtrava através do manto de Ruck e lhe umedecia a pele. Já tinha baixado até a praia para calcular a maré. Tinham que estar dispostos para partir tão logo chegasse o ermitão, mas sua proprietária e

senhora, quem, como já tinha descoberto, não era muito madrugadora, ainda não tinha dado indícios de haver despertado.

Viu que a dama de companhia saía da tenda da princesa Melanthe, mas, antes que pudesse chamar sua atenção, a jovem desapareceu entre as brumas. Ruck titubeou ante a tenda de cor esmeralda. A donzela tinha deixado retirada para trás a tira de tecido que cobria a entrada e se via o forro escarlate, o único estalo de cor naquele panorama cinza.

Ruck tossiu para revelar sua presença, entrechocou as mãos cobertas pela malha e golpeou com o pé um montão de conchas sem obter resposta. Tornou-se um pouco para trás, voltou-se pela metade e deu uma olhada ao interior para ver se ela já se levantou.

Mas não era assim. Jazia dormida entre um montão de almofadas de plumas e peles, com o braço do cachorrinho rodeando-a. Allegreto dormia com a bochecha apoiada sobre os cabelos de Melanthe, cobertos por uma rede para cabelo, e seus lábios se curvavam em um sorriso.

Ruck girou por completo e seu olhar se perdeu na bruma que ocultava o mar. Sentia-se estranhamente zangado, e sozinho. Não era um sentimento novo; tinha-o experimentado já durante meia vida, desde que tinha abandonado seu lar e não tinha encontrado seu lugar no mundo, mas tinha passado muito tempo da última vez que havia sentido tanto desejo e tanta inveja.

Estava enojado. Ele preferiria lançar-se sobre a lança de um inimigo antes de viver como o fazia Allegreto. Mas não era aquele calor, nem aquele brando lugar na tenda de seda, nem sequer possuí-la fisicamente o que mais desejava. Nada da realidade da princesa Melanthe. O que ele queria era aquela imagem falsa e cativante: o lento despertar conhecido, dormir perto de alguém, a confiança; os sorrisos fáceis e a união.

Desejava sua esposa.

Durante treze anos tinha acreditado que Deus lhe tinha arrebatado Isabelle por razões boas e suficientes. Às vezes se tinha descoberto desejando que a tivesse arrebatado de verdade, que estivesse morta em lugar de em um convento, para assim poder voltar a casar-se e deixar de vagar por aquela espécie de limbo no que seu corpo

o torturava e seu coração estava faminto de alguém, inclusive de alguém da índole da princesa Melanthe. Não poderia afirmar que estivesse se convertendo em alguém melhor por essa razão; estava piorando: sentia que se afundava para um beijo em lugar de uma maçã compartilhada, para aquele sutil oferecimento de um leito em Yewlow.

A imagem sem mácula da dama a cujo serviço se pôs lhe tinha proporcionado sustento uma vez, mas já não era assim. Não, agora ela o empurrava à infâmia. Só a imagem de Isabelle nunca tinha sido suficiente para amarrá-lo; tinha necessitado servir a sua proprietária e senhora do falcão para controlar-se em sua honra. Agora, quando em seu lugar tratava de colocar Isabelle, encontrava-se com que um abismo de ira se abria a seus pés; ira para Isabelle, para o arcebispo que lhe tinha permitido abandoná-lo, para o próprio Deus. Sem sua proprietária e senhora, suas defesas desabavam ante a eterna questão de por que, por que razão, por que causa tinha que viver sem esposa.

Elevou o rosto para o céu cinza e não achou resposta. O arcebispo tinha declarado que o voto que tinha feito ante Isabelle carecia de validade, mas de todos os modos a tinha arrebatado, tinha deixado Ruck em um ponto morto no que a única explicação era que Deus tinha a intenção de que mantivesse sua castidade, com arcebispo ou sem ele.

Resultava muito miserável que só lhe tivessem concedido umas poucas semanas de amor na vida e que não lhe permitisse encontrá-lo de novo. Ele não tinha vocação religiosa, disso estava completamente seguro. Não sentia desejos de pregar aos habitantes de Nínive, e não teria sabido o que lhes dizer se tivesse. Não ouvia voz alguma que lhe dissesse que tinha que colocar o hábito sobre a pele ou isolar-se de tudo como um ermitão.

Não era mais que um homem normal, e aos homens normais lhes permitia casar-se em vez de consumir-se, ter filhos e filhas, ter um leito, um fogo na lareira e uma esposa que os esperasse ao final do trajeto.

Sem sua proprietária e senhora para lhe dar forças em sua decisão, o único que ficava era manter aquela perfeição amarga, odiar Isabelle e a Deus... Ou renunciar à honra e odiar a si mesmo. Antes jamais tinha pensado de verdade em deixar-se vencer pela

tentação, mas agora sim que o fazia. Percebia a presença da tenda e as grossas peles as suas costas, e o sussurro do fogo do inferno na nuca.

Melanthe sentiu que talvez aquele fosse o dia famoso. Ou pode que o seguinte. Esperou que Allegreto despertasse, ou possivelmente já estivesse acordado. Acreditava que ele não dormia muito mais do que o fazia ela, sempre em demovê-la, consciente de cada um de seus movimentos como ela era consciente dos dele. Tinham alcançado um acordo entre eles: dormiriam tão juntos que nenhum poderia mover-se sem que o outro se inteirasse. Pela força com a que a rodeava com os braços, ela percebia que as suspeitas do jovem aumentavam.

A Cara, Melanthe havia dito que aquela viagem tinha como meta final um convento inglês, mas que tinha que mantê-lo em segredo ante Allegreto. A Allegreto tinha comunicado que se dirigiam a seu castelo de Bowland, e que a Cara tinha que ocultar-lhe. Mas o que de verdade esperava Melanthe era o momento de desfazer-se de ambos. Eles não conheciam o país; não podiam dirigir-se em inglês aos homens de armas, e, a consciência, tinha-os mantido afastados de seu cavaleiro andante. Tinha levado o Cavaleiro Verde por uma rota caprichosa e tinha recorrido ao exemplo da raposa para fazer difícil seu seguimento: não deixar rastro em lugares tais como povos e cidades, dar mil voltas até alcançar o refúgio em um território forte e isolado.

Jogava com o medo de Allegreto à peste. Igual seu terror ante Gryngolet, era algo irracional. Allegreto, que tinha matado um homem antes de cumprir os dez anos, era capaz de soluçar a seus pés para proteger-se da praga.

Ou ao menos isso acreditava. Às vezes temia que não fosse mais que uma ilusão, e pensava que tanto ele como seu pai lhe levavam vantagem em questões de intrigas. Gian Navona, impulsionado como sempre o tinha estado pela paixão e o mistério, albergava suas próprias intenções.

Mas o território seguro de Bowland estava quase ao seu alcance. Ela já tinha se encarregado de deixar todo seu cortejo em Londres, algo que eles não tinham previsto, posto que Melanthe viajasse sempre com grande pompa, por muito veloz que fosse seu

deslocamento. Ainda não podia desfazer-se de todos os italianos de sua comitiva sem levantar suspeitas, mas para organizar a viagem deles a Bowland por separado tinha jogado mão dos criados mais manifestamente incompetentes e inúteis; deste modo se assegurava de que não chegassem antes dela, se é que alguma vez conseguiam fazê-lo, tendo em conta a maravilhosa falta de eficiência de Sodorini.

Só ficava Allegreto. E Cara. Aquela Cara de olhar inocente, que dormia na tenda de Melanthe e se encarregava de lhe levar a comida; que não consentiu em ficar atrás ao ser tão ardente a devoção que sentia por sua ama. Aquela mostra repentina de teimosa lealdade confirmou todas as suspeitas que tinha da jovem. Allegreto estava certo: a família Reata a tinha corrompido.

Não importava. Melanthe ia livrar-se dela; ia livrar-se de Allegreto; ia ficar livre das ameaças dos Reata, os Navona ou os Monteverde. Entre os muros de Bowland nenhum estrangeiro poderia passar inadvertido, nenhum sicário italiano poderia transpassar a entrada. Quão único tinha que fazer era chegar ali antes que algum de seus inimigos, e viver rodeada de um contingente de ingleses que só fossem leais a ela.

Cara retornou à tenda. Melanthe fingiu despertar naquele momento, deu a volta e despertou. Sentou-se sobre o leito, e Allegreto se moveu instintivamente, meio dormitado um instante e completamente espaçoso ao seguinte, igual a um gato. Separou-se dela, resmungou um gemido de desgosto ao dar-se conta do mau tempo que fazia no exterior, agarrou o saquinho de ervas que utilizava para proteger-se da praga e, apertando-o contra o nariz, saiu da tenda.

—Tenha um bom dia, minha senhora — disse Cara com voz agradável, de joelhos junto à arca enquanto estendia os objetos de vestir de Melanthe— O homem corcunda trouxe moluscos frescos de um ermitão do lugar. —Com um gesto lhe indicou uma terrina no que estavam já abertos e limpos— É seu desejo tomar o café da manhã enquanto estão ainda frescos?

—Traz-me isso aqui — disse Melanthe— Não tenho pressa alguma por abandonar o leito em uma manhã assim. Onde está minha água? Ainda não está quente? Vá e traga imediatamente.

Cara, ainda de joelhos, fez-lhe uma reverência e saiu a toda pressa da tenda. Melanthe examinou os moluscos.

Embora Melanthe fosse prima irmã da mãe de Cara, a donzela de voz suave representava para ela um perigo muito maior que Allegreto. Cara podia esconder muitas aptidões atrás de suas doces mostras de cortesia; a acuidade visual e uma mente perceptiva eram como mínimo duas delas. No dia anterior lhe tinha perguntado em voz baixa se lhe seria permitido ficar e cuidar de sua ama no convento inglês. Melanthe tinha respondido sem lhe dar importância, mas, pensando-o bem, não deveria ter mostrado Cara mais curiosidade sobre o lugar e o nome daquela morada religiosa? Em todo o tempo que levavam de viagem não tinha perguntado nem mais nem menos que aquilo.

Melanthe cravou o olhar nos moluscos. Depois agarrou o saco de areia que Cara tinha deixado a um lado e esvaziou a terrina nele. Depois de retirar a seda que cobria o chão da tenda, afundou o saco na areia. Ouviu que Allegreto voltava e, a toda pressa, alisou a malha até deixá-lo em seu lugar.

Não se incomodou em mencionar aqueles suspeitos moluscos. Estava farta de suas acusações malévolas contra Cara, e tampouco desejava despertar um dia e encontrar à donzela morta por causa de um veneno ou uma navalhada. Allegreto, pelo menos, estava empenhado em que Melanthe vivesse para converter-se na esposa de seu pai, a custa de qualquer vida que não fosse a sua.

Vive Deus que era bastante estranho que não tivesse acabado já com Cara.

Uma vez atravessado o vão do rio, Ruck manteve ao Allegreto perto dele enquanto cruzavam os areais; obrigou a que o paciente cavalo de tiro avançasse à altura de seus joelhos e seguisse as pisadas do arreio que ia por diante dele. Em cabeça, imediatamente atrás do asno do ermitão, perdidos entre a névoa, iam os cavalos que levavam o beliche da princesa Melanthe, que o seguiam sem sair do estreito caminho para evitar as areias movediças. Cada um dos homens tinha estritas instruções de não perder de vista ao que levavam diante e atrás ou de dar aviso imediato.

Ruck e Allegreto formavam a retaguarda, mas a marcha era tão lenta que não houve em nenhum momento perigo algum de que Hawk ficasse atrás, apesar do carregado que ia. O cavalo de combate mostrava seu descontentamento ante a escassa velocidade saltando de arremata a arremata em cada um dos riachos formados pela maré em lugar de vadeá-los, coisa que incomodava muito a Allegreto e a seu cavalo de tiro. O jovem já se queixava de ter chagas pela cadeira de montar. De contínuo levava aos lábios o cheiroso saco de pós e ervas para evitar a praga. Com voz em surdina Allegreto mantinha Ruck constantemente informado de seus sentimentos com respeito à posição que ocupavam no último lugar da comitiva e da loucura que era permitir que qualquer desconhecido entrasse em contato com o grupo. Debatia-se, sempre infeliz, entre o medo à companhia do ermitão e o desejo de atravessar as areias movediças pego a seus pés.

Quando Ruck viu que havia grandes conchas soltas embaixo dos cascos de Hawk e ouviu o rumor do suave fluxo que anunciava a firme costa de Wyrle, soltou as rédeas do cavalo de tiro e as lançou a Allegreto. O jovem proferiu um grito afogado quando o cavalo imediatamente começou a ficar atrás. Obrigou-o a sair ao trote e aproximou as rédeas a Ruck com a mão livre.

—Não me abandone! —A ordem soou com uma mescla de arrogância e temor, meio apagada pela bolsa aromática— A bruma! É mais espessa a nossas costas? Destila veneno... Não o nota?

Ruck não expressou nenhuma opinião sobre a bruma, mas voltou a segurar as rédeas. Subiram um montículo arenoso com esforço e a tropicões, e se viram a salvo ao outro lado da boca do estuário, com as restingas e o sombrio bosque de Wyrle ante eles. Ruck fez uma recontagem rápida dos componentes do grupo enquanto se aproximava do lugar onde estavam Pierre e o ermitão, e seguiu fazendo caso omissso das ruidosas objeções de Allegreto.

Pierre tinha se apropriado de algo. Ruck soube ao ver aquele sorriso beatífico nos lábios de seu escudeiro e olhou com expressão de ira e com o cenho franzido a seu criado. A risada benévola se apagou do rosto de Pierre. Estava claro que tinha

encontrado alguma bagatela esquecida quando levantaram o acampamento e pregaram as tendas, mas Ruck sabia, já que o tinha feito em uma ou duas ocasiões, que embora o pendurasse cabeça abaixo e o sacudisse pelos pés, não haveria forma de encontrar o botim escondido.

O ermitão ficou de joelhos e uniu as mãos para uma bênção. Ruck desmontou e se ajoelhou junto ao resto. Inclusive Allegreto se deixou cair sobre o montículo coberto de conchas e apertou com ambas as mãos o saco de ervas sobre a boca. No transcurso da larga prece em ação de graças por ter cruzado sem problemas, Ruck fez uma nova recontagem com a cabeça baixa; enquanto observava como cada um de seus homens de armas recitava Pai Nossos, decidiu a ordem da marcha para o dia. Em uma ocasião em que seu olhar vagou até o beliche da princesa Melanthe, viu que a cortina estava ligeiramente retirada e sentiu seus olhos sobre ele em lugar de estar fechados em prece.

A cortina caiu e a ocultou de sua vista. Ruck notou que seu corpo ardia e se endurecia ao sopesar quais podiam ser os pensamentos dela. Tinha-o estado olhando, sem pestanejar. Ruck perdeu o ritmo das rezas e quando pronunciou seu amém se ouviu por cima de outros e muito tarde.

—Você — disse Allegreto autoritariamente de trás de seu pomo de aroma— Ermitão! Ouviste falar da praga nesta região?

O homem não mostrou sinal algum de ter entendido. Ruck repetiu a pergunta em inglês de forma mais respeitosa e obteve uma resposta negativa.

Allegreto não se deu por satisfeito.

—O ambiente está corrompido neste lugar. Percebo-o.

—Sigamos adiante — disse Ruck para impedir que se alargasse aquele tema tão preocupante.

Deu as ordens oportunas, situou-se uma vez mais em cabeça da comitiva, e fez que o beliche fosse para a metade e estivesse protegida por ambos os lados. Com as rédeas do cavalo de Allegreto e as de Hawk sujeitas com força em uma mão, Ruck elevou o braço e gritou:

—Avante!

Quando deixaram atrás os areais e penetraram entre as árvores, Allegreto se tornou para diante, agarrou-se às grossas crinas do ruço sem soltar o saco de ervas com o que se tampava nariz e boca, e avançou dando botes.

—Esse eremita não tinha sangue nas veias, não opina o mesmo? —perguntou através do saco— Está doente.

—Eu não vi nada disso — disse Ruck com deliberada falta de interesse.

—Está doente. Via-se pálido. Quando cair a noite terá morrido.

Ruck lhe lançou um olhar.

—O que é isto? Acaso agora é médico, cachorrinho?

—O miasma é contagioso! —insistiu Allegreto. Soltou as crinas do cavalo e rebuscou sob seu manto até tirar outro saco de ervas cheirosas. O ofereceu a Ruck— Tenho três. O outro o dei a minha graciosa senhora.

Ruck arqueou as sobrancelhas com gesto de surpresa.

—É que você não o necessita?

—Toma-o — disse Allegreto— Quero que o tenha cavalheiro.

Ruck lhe dirigiu um sorriso malicioso.

—Não. Fique para ti. A praga nunca me afeta.

Allegreto se benzeu.

—Não diga isso! Fará que a ira de Deus caia sobre ti!

—Não digo mais que a verdade — foi a tranquila resposta de Ruck.

O jovem trocou de mão e segurou o saco com a esquerda.

—Te cansa o braço? —perguntou Ruck, que teve dificuldades para evitar um sorriso.

—Assim é — respondeu Allegreto com toda seriedade— Resulta muito cansativo levar esta coisa.

Ruck elevou a mão para que a comitiva se detivesse.

—Onde está seu cachecol? —inclinou-se para Allegreto e rebuscou sob as peles que cobriam o jovem até tirar o cachecol de seda com alamares que lhe cobria os ombros. Com uns quantos nós fez um laço no meio e alargou a mão para agarrar o saco de ervas de mãos de Allegreto— Contenha a respiração.

O moço soltou o saco à contra gosto e emitiu um leve som de protesto quando Ruck deixou cair algumas ervas. Com toda a rapidez da que foi capaz, Ruck colocou o saco no laço e alargou os braços para atar o cachecol ao redor da boca e a cabeça de Allegreto.

—Já está. Agora está a salvo dos ares pestilentos, cachorrinho.

Allegreto o olhou por cima daquela máscara azul brilhante e guardou o outro saco de ervas.

—Deus te benza — disse este atrás do cachecol, e aquelas foram às palavras mais corteses que até esse momento tinha dirigido a Ruck.

Ruck fez uma leve inclinação de cabeça por toda resposta. Allegreto tinha um aspecto ridículo com aquele lenço de cor safira; ridículo e juvenil. Ruck se perguntou se era possível fazer que um eunuco se convertesse em um cornudo, sua mente se dedicou a sopesar esse paradoxo até que foi consciente do que estava pensando. Golpeou forte Hawk com as rédeas e gritou a ordem de continuar a marcha.

—Então, você viu a praga? —perguntou Allegreto debaixo daquela espécie de mordação.

—Sim — foi à resposta de Ruck.

—Eu não era a não ser um menino quando voltou a aparecer. Meu pai me levou a campo, longe dos ares malignos.

—Deve agradecer por isso.

—Como é que está tão seguro de que não o afeta?

Ruck seguiu adiante em silêncio, esquadrinhando as árvores que havia diante deles em busca de qualquer sinal de perigo.

—É que possui um talismã?

—Não. Não é nada que seja de fabricação humana.

—Então, o que é? —insistiu o jovem— O que é o que te protege?

—Nada — respondeu Ruck com o cenho franzido e o olhar fixo à frente, no caminho de areia.

—Tem que ser algo. Diga-me —Ao não obter resposta, elevou a voz— Me diga isso inglês!

—Só sei que todos ao meu redor morreram, e eu sobrevivi — disse por fim Ruck— Durante a última praga, meu criado caiu doente. Eu fiquei ao seu lado quando o sacerdote se negou a vir, mas nunca me afetou.

—O corcunda? Caiu doente e sobreviveu? É que também conta com amparo?

Ruck se encolheu de ombros.

Allegreto obrigou o cavalo a aproximar-se um pouco mais.

—Possivelmente sua presença confira certa imunidade.

—Talvez. —Ruck o olhou com um leve ar divertido— Não te separe, cachorrinho.

Obrigou à comitiva a avançar a passo ligeiro, já que não tinha desejos de permanecer muito tempo longe do som dos sinos e das zonas habitadas. Mas ao final da manhã a bruma seguia sendo espessa, e a princesa Melanthe exigia frequentemente descansar do vaivém do beliche. Ruck manteve a postura exteriormente, mas por dentro jogava faíscas. Arrependia-se de sua decisão de atravessar Wyrle com um amparo tão escasso. Aqueles vapores persistentes podiam esconder muito. Dava a impressão de que a bruma, salgada e imóvel, impregnasse-os, de que se aferrasse a eles como Allegreto se aferrava a Ruck. O resto da comitiva mal falava, mas Ruck percebia seu nervosismo, e Allegreto estava tão tenso como as cordas de um alaúde. À única que parecia não afetar aquele ambiente pernicioso era à princesa Melanthe. Ruck quase chegou a perguntar-se se teria sido ela a que tinha invocado à bruma.

Saíram do bosque para atravessar a restinga muito mais tarde que o que ele tinha planejado. Lá diante, o páramo se estendia entre eles e um nada branco. O brumoso vapor se fechou atrás da comitiva. Quando a donzela lhe fez chegar o recado de que o falcão dava amostras de inquietação e de que sua alteza queria deter-se uma vez mais, Ruck passou as rédeas do cavalo de Allegreto ao sargento de armas e retrocedeu até situar-se à altura do beliche.

—Alteza, suplico-lhe — disse, dirigindo-se à cortina fechada do beliche— se é que não lhe supõe muita moléstia... Meu conselho é que nos apressemos a continuar.

—Assim seja, façamos — concedeu, em inglês, uma voz imaterial de trás da cortina— Encarregar-me-ei de que Gryngolet se acalme o suficiente.

Que aceitasse com tanta facilidade não era o que Ruck tinha esperado. Aquilo lhe deixou uma sensação de impaciência difusa, uma inquietação que parecia requerer que se dissesse algo mais.

—O que me importa é sua segurança, senhora — disse como se ela tivesse discutido sua proposta.

As gemas de seus dedos, cobertos de arminho, apareceram entre as dobras da cortina, mas não a retirou a um lado enquanto o beliche se balançava e continuava sua marcha.

—Submeto a sua vontade, Cavalheiro Verde — respondeu ela com humildade.

Ruck contemplou a fina elegância daqueles dedos e olhou para sua própria mão coberta pela manopla de malha, que estava apoiada no borrem da cadeira de Hawk. O contraste entre a delicadeza da mão dela e a sua, coberta de metal e rodeada de frio couro, fez que uma sacudida de agitação carnal lhe percorresse o corpo.

Em tom de voz baixo, apesar daquela rocha dura que havia em sua garganta, Ruck murmurou:

—Mostra-se excessivamente justa, minha senhora. —Ruck olhou fixamente as rédeas que tinha na mão— Minha vontade está me consumindo.

Nada mais pronunciar aquelas palavras, desejou poder as retirar, enojado e excitado de uma vez por seu atrevimento.

Os dedos de Melanthe desapareceram de vista.

—A minha fé, senhor — disse ela em tom muito distinto— que não me agradam os homens rudes como você. Deveria te comparar com meu gentil Allegreto e reservar esse tipo de bate-papo amoroso para sua montaria.

Durante um longo instante quão único Ruck escutou foi o insistente tamborilar dos cascos de Hawk sobre a areia. As palavras dela pareceram passar por cima dele: frias, irreais.

A seguir despertou nele a vergonha, brotou a repugnância. Fechou o punho com força sobre as rédeas; aquele punho enorme, rude e tosco, coberto pelo verde e prata de suas cores, enegrecido pelo barro por servi-la, atendido de frio, de vergonha e de paixão.

—Estou a suas ordens, alteza — disse com rigidez e cravou as esporas em Hawk para voltar a situar-se em cabeça.

—Agradou a minha graciosa senhora os moluscos desta manhã? —perguntou Cara enquanto se ocupava de preparar o leito.

Melanthe levantou a vista da pintura chapeada com a que cobria os pés de Gryngolet. O bote de metal cintilou à luz da lha.

—Não. Esta manhã não tinha estômago para moluscos. Os enviei de presente a nosso cavalheiro.

Cara o deixou tudo claro, tudo, no instante de horror que se refletiu em seu rosto. A expressão desapareceu ao momento, mas já era muito tarde. Ambas sabiam. Cara ficou imóvel, como se tivesse se convertido em uma estátua de mármore.

Melanthe sorriu.

—Crê que gostará?

—Minha senhora... —A donzela parecia ter perdido a voz.

—É uma moça insensata — disse Melanthe com doçura— acredito que deixarei que Allegreto se encarregue de ti.

Cara umedeceu os lábios.

—É por minha irmã — disse entre sussurros— Os Reata têm a minha irmã.

Melanthe ocultou o sobressalto que a notícia produziu.

—Em tal caso, sua irmã está morta — disse— Preocupe-se agora de sua vida.

—Minha senhora... A servi fielmente durante dez anos.

Melanthe soltou uma ligeira gargalhada.

—Não é necessário a não ser um momento para converter-se em traidor. —Deu uma pincelada com cuidado— Sim, acredito que encarregarei Allegreto que lhe mate. Não será esta noite. Não estou segura de quando ocorrerá. Mas será logo. Serviste-me fielmente durante tantos anos que me mostrarei generosa. Não terá que suportá-lo muito tempo.

Cara tinha se sentado sobre seus joelhos, com a vista cravada no almofadão que tinha entre as mãos, e ofegava a causa do medo. Melanthe revolveu a pintura chapeada e prosseguiu sua tarefa.

—Quer muito a sua irmã — disse em tom suave.

Cara tremia a olhos vistos. Assentiu. Uma única lágrima de terror brotou de seus olhos e deslizou por seu rosto.

—Um amor assim conduz à ruína. Puseste em perigo a sua própria irmã ao fazê-lo evidente. Agora ambas estão condenadas.

As mãos de Cara cavaram os travesseiros com movimento rítmico. De improviso, voltou-se e enfrentou Melanthe.

—É filha de Satã, você e todos eles — sussurrou entre dentes— O que poderia saber de amor alguém como você?

—Nada, é obvio — disse Melanthe enquanto dava outra cuidadosa pincelada chapeada— Ponho todo meu empenho em não saber nada absolutamente.

Capítulo 7

O terror de Allegreto à praga era tal que o jovem renunciou a seu lugar junto à princesa Melanthe e se deitou tão perto de seu talismã vivente que sua mão, com gesto infantil, rodeava a parte superior do braço de Ruck. O que sua proprietária opinasse de semelhante deserção ficou sem dizer. Ruck não a viu. Como de costume, só abandonou o beliche quando sua tenda esteve levantada; trocava assim uma jaula de seda por outra sem deixar-se ver.

Enquanto Ruck jazia na escuridão, só rota pelas débeis chamas da fogueira, com o olhar perdido no alto, em busca do esquecimento que proporciona o sono, assaltou-o o amargo pensamento de que poderia ter tirado proveito de que Allegreto tivesse

abandonado a tenda, se tivesse sido o bastante providente e tivesse posto travas para impedir aquela incômoda transferência da devoção do jovem para ele, e se o agradessem os homens rudes como ele. Mas não era assim; além disso, Allegreto tinha ficado rapidamente dormido sob a máscara azul, agarrado com força do braço de Ruck, com a mesma eficácia que se uma proprietária estivesse protegendo a sua dama.

E não era que ela necessitasse amparo algum, além daquela língua afiada e aquela risada zombadora.

Ruck tentou dar forma a uma prece para solicitar o perdão de Isabelle e de Deus por seu desejo carnal. Mas suas orações nunca tinham sido muito inspiradas; não era capaz de manifestar seu completo arrependimento e fazer propósito de emenda.

Mas nunca se emendava; em cada confissão, impunham-lhe uma penitência por albergar em seu coração desejo para as mulheres. Às vezes, também pelo pecado mortal de agradar a si mesmo, algo que faria naquele momento, ao preço de excluir-se da comunhão e em troca de rezar um sem-fim de ave marias e passar muitas horas de joelhos ante o altar, se Allegreto não o tivesse agarrado com tanta força do braço direito. Não era um homem pio; sua mente se aventurava por onde gostava e seu corpo punha limites a sua retidão, mas aquele dia desonrou a si mesmo, e também tinha desonrado Isabelle.

Tinha que agradecer à princesa Melanthe que o tivesse salvado de cometer realmente adultério, e isso só porque não a agradavam os homens rudes. Não era sua própria virtude o que tinha salvado. Se ela se levantasse nesse momento e o chamasse a sua tenda, ali iria.

Sentiu-se triste e envergonhado ao pensá-lo. Deveria afastar-se dela. Deveria voltar para casa, já que naquele momento não se via obrigado a ir a nenhuma outra parte.

Dormiu muito mal e sonhou com a peste, sonhos antigos nos que vagava perdido e procurando algo. O uivo de uma raposa o despertou e o tirou daquela inquieta sensação. Levantou a cabeça. A fogueira se extinguiu, não ficavam mais que uns carvões apagados e não havia nenhum guardião à vista. Levantou-se um vento que tinha dissipado a

bruma. A julgar pela altura da lua sobre o páramo, faltavam três horas para a alvorada. Pierre já deveria havê-lo despertado para fazerem juntos a última e mais pesada guarda. Com uma maldição silenciosa, Ruck abandonou seu quente rincão. A mão de Allegreto se despreendeu dele.

Ficou de pé na gélida escuridão e deslizou os pés no interior das botas geladas. Tinha ordenado dupla vigilância, mas à luz da lua viu os juncos do páramo agitados pelo vento e comprovou que toda a comitiva dormia profundamente. O relógio de areia reluzia fracamente ao lado de onde se encontrava Pierre. Uma tira solta batia as asas na tenda da princesa Melanthe.

Deu um ligeiro chute ao montão de peles sob o que se achava Pierre. Não houve nenhum movimento. Ruck se inclinou e afastou a um lado as cobertas.

Um aroma de vômito o assaltou. Pierre jazia com as retorcidas costas curvada em um horrível arco, seus olhos sem vida mostravam as brancas conchas sob a tênue luz da lua, uma capa de suor lhe cobria o rosto e sua boca aberta estava coberta por uma escura saliva. Ruck conteve as náuseas e o cobriu de novo com as peles.

Voltou-se e permaneceu imóvel um minuto inteiro, tragando a sorvos a limpa brisa noturna. O medo à peste o deixou gelado a borda do desespero; o terror de toda sua vida: ficar sozinho, ser o último, morrer de semelhante maneira...

A lua brilhava no alto, fria e imperturbável. Contemplou-a enquanto lutava consigo mesmo.

Allegreto estava sentado, sua silhueta se desenhava contra a ligeira bruma que ainda se abatia sobre a erva. Ruck notou o olhar do jovem sobre ele.

De repente começou a tremer enquanto soltava o fôlego.

Não era a peste. Esse fedor não era o da peste.

Ruck tinha cheirado a pestilência até que esse negro e fétido fedor ficou gravado com fogo em sua mente, e não era aquele. A horrível fetidez da praga fazia que os humores que desprendia Pierre resultassem quase agradáveis. Ruck baixou o olhar até aquele vulto e viu algo que sua mente não tinha registrado um momento antes: as manchas brancas de duas conchas de moluscos abertas sobre o chão escuro.

Embora fosse horrível que Pierre se fez com moluscos podres e se afogou em seu próprio vômito, incapaz de pedir ajuda, não o era tanto como a peste. Ruck inalou profundamente. A realidade da morte de seu criado começou a abrir caminho em sua mente. Pierre, que tinha estado treze anos ao seu lado, que furtava bagatelas que nunca valiam mais de um peni, que tinha aprendido a ser escudeiro graças a Ruck, que sempre tinha sido um enigma, mudo, fiel como só podia sê-lo um cão, mas que jamais tinha dado mostra alguma de afeto.

Ruck voltou o olhar para Allegreto. Já não se via o jovem sentado entre a névoa. Ruck desejou que voltasse a ficar dormido. Agachou-se e juntou as peles ao redor de Pierre até deixar envolto nelas aquele corpo, passaram pela mente distintas possibilidades enquanto tratava de encontrar a maneira de ocultar aquilo e evitar que estendesse o pânico. Os medos e a máscara com a que se cobria Allegreto tinham ao resto da comitiva em brasas; agora se dava conta de que não deveria ter mimado que se falasse absolutamente da peste.

—Está morto?

A voz sufocada do jovem o sobressaltou ao lhe chegar de algum ponto distante a suas costas. Outro homem começou a despertar.

—Por culpa de moluscos podres — disse Ruck em voz baixa— Não pôde nos pedir ajuda. Afogou-se. Que Deus o acolha em sua glória.

—Memore! —sussurrou Allegreto— Eu o vi quando levantou o manto; retorcido pelas dores da morte. Tem os inchaços?

—Não. Vem e comprova-o por ti mesmo. —Ruck deixou o cadáver de novo no chão e afastou a coberta. Agora que estava seguro do que não era, o aroma resultava suportável.

Allegreto desequilibrou e se tornou atrás com um pequeno grito, o que despertou outro dos homens.

—Silêncio! —ordenou Ruck com um sussurro— Escute-me. Não há erupção negra. O aroma não é o da peste, mas sim de simples vômito. Não faz nem seis horas que estava

em forma e andava como o resto de vós. Roubou os moluscos do eremita e os comeu. As conchas estão aqui no chão. Ninguém mais os comeu, não é verdade?

Ninguém respondeu. Ruck sabia que agora já estavam todos acordados. Voltou a cobrir o rosto de Pierre com a manta.

—Afogou-se até morrer. Muito rápido para tratar-se da peste.

—Não. Eu vi como acabava com um sacerdote em meia hora — disse uma voz trememente de algum ponto da escuridão— Não tinha pústulas negras. Caiu morto sobre o homem que tinha ido confessar.

—É inverno — disse alguém mais — os moluscos nesta época estão em maturação.

—O aroma é distinto — declarou Ruck.

Limitaram-se a olhá-lo.

—Henri — espetou Ruck em voz baixa— você abandonou a guarda antes que o seguinte homem tivesse despertado. —Deu uma pernada e tirou o culpado de debaixo de sua coberta, agarrando-o pelo pescoço. Antes que Henri tivesse tempo de esquivá-lo, Ruck o deu tal bofetada que caiu ao chão sobre seus pés— Tom Walter! — Esquadrinhou a escuridão em busca de seu sargento. O homem ficou de pé a tropicções— Ate-o, e também ao John, que estava de guarda com ele. Dez chicotadas tão logo amanheça. Acendam de novo o fogo. E se alguém fala tão alto que acorda a sua alteza, ate também e lhe dê vinte. —Fez um gesto com a mão em direção a Allegreto— E vigia a este.

Deteve-se para ver se alguém desafiava suas ordens, mas Walter já se aproximava de John para lhe obedecer. Allegreto não era mais que uma silhueta imóvel na escuridão.

Ruck olhou para a tenda e viu um pálido rosto entre as tiras de tecido que cobriam a entrada. Baixou a voz até convertê-la em um mero murmúrio.

—Minha senhora não despertou?

—Claro que o tem feito — respondeu a voz divertida da princesa— Como poderia dormir com semelhante escândalo? O que acontece? Onde está Allegreto?

Seu cortesão respondeu com um débil som, quase inarticulado.

—Alteza, não é nada — disse Ruck— Rogo-vos que volte a descansar.

Em lugar de fazê-lo, Melanthe jogou uma capa sobre os ombros e saiu da tenda sozinha, sem a companhia de sua dama.

—O que acontece? —perguntou em tom mais cortante.

—Meu escudeiro morreu durante a noite.

Melanthe tragou ar e o olhou fixamente.

—Minha senhora! —O gemido de Allegreto era de dor, como se suplicasse clemência, como se ela pudesse salvá-lo— Foi à peste.

—Não morreu de peste, alteza — assegurou Ruck— Não é o mesmo aroma.

—O aroma! —repetiu ela sem compreender.

—Sim, minha senhora. Cheiraste alguma vez o fedor da peste?

Melanthe ficou um momento em silêncio e a seguir elevou a mão.

—Descubra-o — ordenou.

—Não, não é necessário. Intoxicou-se com uns moluscos —disse Ruck— e se afogou até morrer.

—Descubra-o — repetiu ela em tom imperioso.

Ruck apertou a mandíbula e se agachou para fazê-lo. Que o visse, se isso era o que queria, e que vomitasse de asco.

Mas ela não se afastou do cadáver. Ao contrário, aproximou-se e fez um gesto com a mão.

—Luz.

Nenhum dos homens se moveu. Finalmente, Ruck ficou abaixado e se encarregou ele mesmo de acender a lenha. Aproximou a tocha ao cadáver. A princesa Melanthe baixou a vista para ele. Ajoelhou-se e levantou a mão rígida de Pierre.

—Pobre homem. Temo que tenha sofrido.

Por um momento Ruck acreditou que aquela compaixão era autêntica, que o eco de pesar que havia em sua voz era uma emoção verdadeira. Depois ela se levantou e se voltou para Allegreto.

—Venha à cama, meu amor. Não há nada que se possa fazer por ele. —aproximou-se de seu jovem cortesão. Allegreto emitiu uma espécie de gorjeio e se separou dela.

Melanthe lhe fez um gesto para que se aproximasse— Venha, não seja insensato. O homem morreu por comer moluscos. Vem e te deite a meu lado agora.

—Senhora... —era um sussurro de terror.

Ruck a olhou enquanto avançava lentamente para o jovem; permitiu a propósito que a histeria se apoderasse dele. O fazia movida pela crueldade; estava claro que tinha a mesma certeza que Ruck de que não era a peste, do contrário não haveria tocado Pierre.

—É que não me ama, Allegreto? —murmurou com voz ferida sem deixar de aproximar-se dele com a mão estendida— Mas eu ainda te quero.

Allegreto gemeu como se tivesse perdido a razão e se afastou a tropicões dela.

—Não me toque! —gritou— Se afaste de mim!

Melanthe se deteve. Na distância que ele tinha marcado entre eles, à luz da lua, olharam-se.

—Não vou — declarou Allegreto com voz sepulcral— Não vou.

A princesa Melanthe cambaleou ligeiramente e se voltou para Ruck.

—Me ajude... Ajude-me a voltar para minha tenda. Sinto-me sem forças.

Antes que Ruck pudesse responder, Melanthe caiu de joelhos. Ruck se moveu instintivamente e segurou com seus braços aquele corpo flácido antes que desabasse. Levantou-se com ela em braços, paralisado pela impressão, e contemplou a pálida coluna de seu pescoço nu.

O medo o golpeou como um martelo. Avançou com ela sem ver outra coisa que o braço que pendurava inerte sobre o seu à luz da lua, sem escutar nada mais que os batimentos de seu próprio coração retumbando nos ouvidos, e se dirigiu à tenda. Quando a depositou sobre o leito de plumas, chamou sua dama de companhia; acreditou fazê-lo a gritos, mas só podia ouvir o estrondo de seu coração.

Ninguém respondeu a seu chamado. Na escuridão absoluta da tenda era incapaz de ver algo; apalpou ao seu redor em busca de uma ilha e com mãos torpes fez saltar faíscas da pederneira com o aço. Quando se fez a luz, olhou para ela.

Melanthe lhe sorria. Incorporou-se sobre os cotovelos até sentar-se e levou um dedo aos lábios para indicar silêncio.

Ruck abriu a boca, surpreso, e imediatamente ficou rígido de indignação. Levantou-se de repente do chão e ficou de pé; sua cabeça roçava o teto de seda. Melanthe elevou a mão como se quisesse detê-lo, mas Ruck estava muito furioso. Tomou a tocha, afastou o tecido que cobria a entrada e saiu ao exterior de muito mau humor.

—Minha senhora está bem de saúde — anunciou entre dentes, e assinalou com a cabeça o cadáver de Pierre— Necessito dois homens para enterrá-lo.

À luz proporcionada pelo sebo que ardia ninguém se moveu. Allegreto desapareceu entre as sombras, e até o sargento deu um passo para trás.

—Seu espírito nos perseguirá — murmurou alguém.

—Que a maldição caia sobre todos vós! —gritou Ruck— Não necessito a ajuda desta partida de covardes. Encarregar-me-ei eu mesmo de levá-lo até os monges. —Levantou de novo o corpo de Pierre e se encaminhou para Hawk— Desengancha-o — ordenou ao homem mais próximo, que cobriu o nariz e a boca com o capuz antes de obedecer.

Ao cavalo não agradou a carga e, cheio de suspicacia, alargou as narinas e tragou ar com ruidosas baforadas, mas Hawk estava já muito acostumado ao aroma da morte e, portanto preparado para transportar aquele fardo. Ruck tomou as rédeas e o guiou para o caminho iluminado por um fio de luz de lua que caía sobre ele, em direção a uma difusa fileira escura de árvores que havia na distância enquanto, em seu interior, pedia perdão a Deus e a Pierre pelo que estava a ponto de fazer.

Não havia nenhum monge perto, já que, apesar de saber que existia um priorado no cabo, este ficava ainda a tanta distância que não se ouviam seus sinos. Mas queria acabar de uma vez com todos aqueles medos e lamentos de maldições e pragas. Preso da ira procurava um lugar isolado para enterrar Pierre e que descansasse em paz. Necessitava o consolo de afundar a pá profundamente no chão até esgotar-se, que fossem os músculos e não o espírito o que doesse.

Não tinha medo aos fantasmas; tinha enterrado a toda sua família em terreno sem consagrar e quão único deles o rondava eram suas vozes doces, perdidas entre aqueles pesadelos com a peste. O pobre e mudo Pierre nem sequer tinha uma voz para lhe

perseguir em sonhos, a menos que sua alma encontrasse uma entre os lobos selvagens que corriam livres — como nunca pôde fazê-lo o criado em vida— naquele ermo.

Melanthe dormia. Tentava se livrar do torpor e sair à superfície, mas o cansaço a vencia e voltava a cair naquela doce calidez que os sonhos não interrompiam. Sua mente acordada dizia que não devia deixar que o sono a vencesse, mas tinha perdido a vontade de lutar e se deixou cair de novo no abandono, no prezado descanso e a segurança que o sonho lhe proporcionava.

A luz alagava a tenda e cobria tudo com uma tintura rosada quando por fim se obrigou a despertar. Aquela luz a desconcertou e teve que fazer um esforço para emergir das profundidades. Resultou-lhe muito difícil, como nunca antes o tinha sido. Tinha dormido tão profundamente que o torpor ainda a atendia.

Pouco a pouco descobriu o que tinha mudado. Deu-se conta de que estava sozinha. Sem a presença inquieta e pegajosa de Allegreto. Sem o suave frufu do vestido de Cara.

Em todo o acampamento reinava um silêncio estranho. Sabia que seu Cavalheiro Verde fazia sempre tudo o que podia para controlar seus homens, que tratava de servir a sua indolente senhora mantendo a quietude pela manhã, por muito pouco que lhe agradassem seus hábitos preguiçosos, mas esse dia o tinha obtido com muito mais êxito do habitual. Só se ouvia o débil estalo do arnês, não lhe chegava o rumor das conversas em voz baixa nem o ruído de arrastar vultos para carregá-los antes da partida.

Devia ter dormido mais que ninguém. Ou ainda se achavam confundidos pelo acontecido durante a noite e estavam sentados, desconcertados. Melanthe suspirou, esticou-se e desfrutou da suavidade e a liberdade que as peles proporcionava.

O rosto se iluminou com um sorriso ao pensar em seu cavaleiro, na forma em que tinha arqueado uma de suas escuras sobrancelhas para transmitir seu absoluto desdém enquanto se dirigia a ela nos termos mais corteses. Desprezava-a; aquele homem verde a desprezava, mas seguia desejando-a.

Era uma mescla nova para Melanthe. Não estava acostumada ao desdém, ao menos a que o mostrassem os homens que a desejavam. Já podia ter feito algo com respeito a essa questão, se não fosse por Allegreto. E por Gian.

Sentou-se no leito e cobriu os ombros com o arminho para se proteger do ar gélido. Seguia sem chegar nenhum som do exterior, nem o aroma de pão torrando-se na fogueira, nem tão sequer aroma de fogo.

Aquela normalidade a sobressaltou. O coração começou a pulsar com força. O corcunda tinha sido único em comer os moluscos envenenados? Os pensamentos mais irracionais se apoderaram de sua mente. Allegreto, um sonâmbulo, um sicário capaz de qualquer açougue, tinha sido empurrado quase até a loucura pelo medo que ela tinha feito despertar nele. E aquele era um território sem lei, havia dito o cavalheiro, um lugar que escapava ao controle do rei, um refúgio de bandidos e malfeitores.

Olhou rapidamente a seu redor, mas ali estava Gryngolet coberta com o capuz, sentada tranquilamente sobre seu cabide. Melanthe deslizou a adaga de debaixo do travesseiro e, tremendo, afastou as peles a um lado. Abriu um das arcas e rebuscou em seu interior até encontrar um objeto com o que cobrir sua nudez. A lã azul de uma grossa túnica irritou sua pele através do linho. As mãos tinham começado a tremer um pouco quando imaginou o tipo de pesadelo que poderia encontrar ao sair.

Já vestida, ajoelhou-se ante a abertura da tenda e escutou. Um cavalo soprou brandamente e mordiscou seu bocado, mas não havia nenhum outro som que proviesse de um homem ou uma besta. Agarrou a adaga e afastou um pouco a cortina.

A uns quantos pés de distância viu o sapato ferrado de malha de um dos homens, antiquado e com um buraco nos dedos. Uma perna. Através de uma fresta mais ampla, divisou um par de pernas cobertas por uma armadura: um homem estava sentado imóvel sobre um tronco meio podre a tão só umas varas da tenda. Fechou os olhos e dispôs a mente para enfrentar a qualquer horror: um morto colocado de tal maneira que desse a impressão de estar vivo, um torso decapitado. Levantou um pouco a cabeça e viu a borda de um escudo verde e prata.

Um dos dedos do pé se moveu e afastou uma concha de molusco um pouco mais à frente, primeiro para um lado e depois para o outro.

Um estremecimento de alívio percorreu Melanthe. Quase esperava um banho de sangue e cadáveres sobre a areia, nem sequer tinha acreditado em que aquelas glebas e joelheiras pertencessem a um homem ainda vivo até que tinha visto aquele movimento tão ligeiro e normal.

Assim era seu cavalheiro, inquieto por ela. Depois de experimentar o alívio de encontrar-se a salvo, Melanthe sentiu que surgia em seu interior um estranho broto de bom humor. Ficou dormida até tão tarde que ele tinha enviado o resto adiante e ficou para repreendê-la?

A ideia a agradou, até que se deu conta de quão absurda era. Ele jamais faria coisa semelhante, não estava em sua natureza repreender abertamente a sua proprietária e senhora, e isso que lhe tinha dado motivos de sobra. Procurou seus sapatos e os pôs, agarrou um manto e afastou a um lado a cortina para sair da tenda.

O cavalo de combate do cavalheiro, com a barda verde desbotada fazia tempo e agora de um tom cinza mais atrativo, levantou as orelhas em direção a ela do lugar que ocupava ao lado do tronco. O cavalheiro continuou sentado um momento sem expressão alguma no rosto, o fôlego gelado, o elmo no colo; logo, levantou os olhos.

Era a primeira vez em sua vida que um homem, além de seu marido ou seu pai, não ficava em pé para saudá-la. Aquilo a surpreendeu, e fez que o claro coberto pela erva da restinga, agora vazio e pisoteado, resultasse-lhe ainda mais estranho, inquietante em meio daquele silêncio, como inquietante era o olhar distraído que lhe dirigiu.

—Fugiram — disse. Depois pareceu recuperar o sentido e ficou em pé com um som metálico— Minha senhora. Suplico-lhe que me perdoe.

—Fugiram? —repetiu Melanthe— Todos eles? — Percorreu com o olhar o acampamento deserto. O único cavalo à vista era o dele. Tinham arrasado as provisões, pego os animais e deixado atrás bolsas e fardos abertos. —Allegreto? —perguntou Melanthe sem fôlego.

Ruck franziu as sobrancelhas.

—Foi-se, senhora.

Melanthe apertou a adaga com ambas às mãos.

—Foi-se.

A expressão do rosto de Ruck se fez mais intensa. Assentiu e a observou.

—Partiu? — Mal era capaz de falar— Faz quanto tempo?

—Não sei. Estive ausente durante as duas horas anteriores à alvorada. —Fez um leve gesto assinalando o chão— Os sulcos... Estão separados uns dos outros. Sua donzela também partiu. Todo esse falatório da peste desatou o terror.

Estava sozinha. Livre. Tinha-o conseguido. Mas sua intenção não tinha sido tão radical.

Olhou aqueles olhos verdes e leu neles tudo o que pensava dela. Deixou que seguisse pensando-o. Estava completamente imóvel sob a armadura, em silêncio, com sua negra cabeleira; era uma figura sólida e poderosa em meio daquele páramo deserto.

Allegreto tinha ido de verdade. Tinha-a abandonado.

—Aonde foi? O que vai ser dele? —Tinha o olhar fixo no horizonte.

—É-me impossível dizer quais são seus rastros, alteza. Podemos esperar aqui. Possivelmente o medo se apodere dele e retorne.

Melanthe continuou olhando para o horizonte, para aquele horizonte vazio.

—Eu iria em sua busca por você —disse Ruck— mas não posso lhe deixar aqui sozinha.

—Não me abandone!

Ruck inclinou a escura cabeça.

—Não o farei, alteza.

Melanthe olhou de novo a seu redor. Era tão estranho... Jamais na vida tinha estado sozinha, nunca sem criados, jamais com a única companhia de um homem, nem sequer nos aposentos de seu marido onde os pajens dormiam em camastros junto ao leito. De repente, o céu lhe pareceu maior, de uma imensidão vertiginosa, e o páramo vasto.

—Deus me ampare — murmurou. Que belo aquilo era, que silencioso, com tão só o vento e as aves deixando-se ouvir na distância, naquela franja de luz chapeada onde o céu se juntava com a terra.

—Possivelmente todos recuperem o sentido e voltem para nós — disse Ruck.

Melanthe se deu conta de que tratava de tranquilizá-la e se voltou para ele.

—Não. Não o farão. O impedirá o medo à peste e às represálias.

—Em tal caso, viverão fora da lei — disse ele com simplicidade.

Sua forma lisa e plana de ver as coisas parecia estranhamente apropriada para o lugar no que se encontravam, mas ela respondeu:

—Sou incapaz de imaginar Allegreto como um bandido.

Não lhe devolveu o débil sorriso. Na expressão de seu rosto Melanthe viu o que de verdade pensava a respeito das possibilidades que teria Allegreto naquele território indômito.

—Que perigos espreitam? —perguntou imediatamente.

Ruck titubeou.

—Pântanos e areias movediças — disse ao fim— Bandidos. Águas envenenadas. — Trocou de postura e ela ouviu aquele leve som metálico— E ouvi que uivavam lobos na noite.

Melanthe mordeu o lábio.

—Eu não quero permanecer neste lugar — disse, trocando ao inglês porque de alguma forma a tranquilizava ouvi-lo falar em sua própria língua, um magro fio de união entre eles.

—Tampouco me agrada absolutamente — concedeu ele, e também trocou de idioma na resposta como sempre fazia— Mas permaneceremos aqui o dia de hoje, para que possam retornar a nós se assim o desejarem.

Melanthe estremeceu com o vento e colocou as mãos sob o manto.

—É muito clemente — disse— Os traidores não merecem tanta indulgência.

Ruck a contemplou enquanto ela rodeava o corpo com os braços.

—Não receberão indulgência alguma, alteza. Mas foi seu A... —esteve a ponto de dizer «amante», mas a palavra ficou na ponta da língua— seu cortesão foi quem semeou neles a inquietação. —Tinha sido ela mesma a que tinha posto seu selo no pânico do grupo, ela com seus malvados jogos, mas não o disse— Longe de Allegreto, é possível que recuperem a prudência.

Melanthe seguiu com o olhar fixo no horizonte. Por alguma razão, assim amassada na capa, a Ruck deu a impressão de que sua figura era de menor tamanho que antes, menos elegante e sem tanta autoridade.

—Allegreto — repetiu ela, como se sua língua fosse alheia. Soltoou uma espécie de gargalhada histérica, e depois a afogou, mordendo com força o lábio inferior. Os joelhos pareceram fraquejar. Sentou-se no chão e seguiu olhando o horizonte enquanto se balançava de um lado a outro. Continuando, voltou a ficar em pé de um salto— O estou vendo!

Ruck se voltou imediatamente. Entrecerrou os olhos para esquadrinhar o páramo e distinguiu algo amarelo que se movia.

—Não, alteza. Não é outra coisa que um veado.

Voltou a olhá-la, mas ela já se deixou cair de novo ao chão. Uma mecha de seu negro cabelo escapou da rede para cabelo dourada que o segurava e revoava sobre sua bochecha, movido pela fria brisa. Temeu que sua mente estivesse desvairando por causa de seu amante, parecia estar tão perdida e consternada...

—Não permaneceremos aqui — disse Melanthe— Não esperaremos por eles.

—Como vamos nos arrumar sem escolta? Minha senhora nem sequer conta com sua dama de companhia.

—Hei dito que não esperaremos! —gritou ela, mas quando o olhou, havia confusão em seus olhos, não havia autoridade neles— Jamais pensei... Nunca foi minha intenção que partissem todos.

Ruck não disse nada em resposta. Com aquela reação se mostrava tão irracional como Allegreto com a sua da noite anterior, como uma menina má e caprichosa que se dedicou a atormentar seus companheiros de jogos até fazê-los fugir, e que agora não era

capaz de decidir se recorria às lágrimas ou se deixava se levar pela ira. Os fugitivos levaram todos os animais, mas ao sair com tanta pressa não se incomodaram em carregar com nada pesado. Tirou uma terrina de madeira e a encheu com cerveja do tonel. Como ela seguia sentada no chão nu, Ruck ficou em cócoras ao seu lado.

—Deseja minha senhora tomar o café da manhã?

Melanthe aceitou a cerveja, tomou uns quantos sorvos e a passou a ele de novo. Ruck viu como tremia sob o manto de pele. Fazia frio, mas não tanto para que ela tiritasse daquela maneira.

—Não será muito difícil que nos encontrem — disse ela com preocupação, indicando com o olhar a tenda, com aqueles tons tão chamativos e pouco naturais.

—Vive Deus que somos fáceis de distinguir. Em um lugar como este é melhor não fazer tal desdobramento de cor; devemos passar inadvertidos e estar vigilantes.

Levantou-se e se aproximou da tenda. Estava a ponto de meter-se em seu interior quando Melanthe ficou em pé de repente e lhe adiantou.

Enquanto ele segurava a cortina, ela voltou a sair com o falcão sobre o pulso coberto pela manopla. Seus gestos eram mais lentos; seus movimentos foram muito suaves ao transportar a ave.

—Traz o cabide. Gryngolet se encarregará de vigiar.

Ruck, que aprovou a ideia, obedeceu e cravou o extremo bicudo do cabide de forma cônica com força na areia.

Melanthe situou ao falcão e lhe falou com doçura enquanto tirava o capuz.

—Vigia se por acaso vem seu favorito — disse entre murmúrios— Vigia se por acaso vem Allegreto.

O falcão abriu as asas, de cor branca como o leite, e os guizos repicaram. Seus olhos brilhantes e escuros posaram um instante em Ruck, e depois ficaram fixos na distância.

—É uma ave nobre — disse ele a seu pesar.

—Agradeço suas palavras, cavalheiro. —Melanthe parecia ter recuperado a compostura, já não a via tão agitada como há um momento— Foi o presente de um

normando. —Dirigiu o olhar a Ruck— Era quase tão alto como você, mas com o cabelo loiro.

Aquele olhar de canto parecia querer transmitir alguma mensagem. Ruck supôs que o normando alto e loiro tinha sido outro de seus amantes. Sentiu-se tosco e irritado. A ele não tinha ocorrido lhe fazer um presente de tanto valor.

—Morreu enquanto dormia, por causa de uma navalhada. —Melanthe pronunciou aquelas palavras como se não fossem mais que uma intriga inocente— Eu acredito que sua alma passou a Gryngolet.

Ruck se benzeu instintivamente ao ouvir aquela blasfêmia, mas não a rebateu.

—Se Allegreto retornar, Gryngolet saberá — acrescentou com ar enigmático.

—Isso está bem. —Assim que o falcão não era só um espírito maligno que acompanhava a sua feiticeira, mas também um amante ciumento. Agarrou a asa da arca no interior da tenda e a arrastou até tirá-la fora— Nesse caso, eu me encarregarei do trabalho manual e o prepararei tudo para partir quando o desejarmos.

Ruck, de muito mau humor, realizou as tarefas sem perder de vista o horizonte. Dobrou as peles de Melanthe e as dispôs em um montão sobre a arca; depois arrancou a chutes, uma atrás de outra, as estacas que seguravam a tenda. Quando o brilhante pavilhão caiu ao chão, tirou as luvas com os dentes e as colocou sob o braço ao tempo que fazia gestos de asco pelo sabor a areia e a metal. Ficou abaixado e começou a desatar as cordas.

Quando elevou o olhar, viu que a princesa Melanthe estava abaixada ao outro lado e realizava a mesma tarefa.

—Se detenha senhora — disse atônito— Já o farei eu.

Ela tinha dificuldades com um nó muito apertado. Ruck se levantou, agarrou a corda e tirou a estaca dentre as mãos.

—Alteza, isto não é correto — disse ofendido. A tomou pelo cotovelo e a obrigou a levantar-se. Fazendo uso de um pouco de força, afastou-a da tenda e a soltou imediatamente.

—Eu não gosto desta espera — disse ela, com as mãos apertadas— Quando poderemos partir?

—Se não tiverem retornado quando for de dia, partiremos. —Estendeu as peles dela sobre o tronco, rebuscou no interior da arca, encontrou um livro e o estendeu— Passar uma noite a sós em Wyrle será suficiente.

Flexionou o joelho brevemente ante ela, e a seguir se incorporou e voltou para a tarefa. Solto as estacas e pregou os cantos da tenda sobre o centro para dobrá-las em um apertado monte. Com a extremidade do olho, enquanto assegurava os laços, viu que ela continuava sentada sobre as peles. De vez em quando, seus calafrios faziam que o livro tremesse.

—Não esperaremos mais — disse ela de repente— Se por acaso tivessem perdido o medo à peste, seu temor ao castigo seria tão grande que os impediria de retornar.

Ruck se elevou após atar a tenda.

—Seguro que sentem temor. Mas à fria luz da manhã qualquer homem recorda que tem esposa e filhos, e se dá conta de que não deseja viver afastado de Deus e de seu lar. —As comissuras de seus lábios se elevaram quando se ergueu e levou a mão à cintura— E, continuando, senhora, ideará uma história segundo a qual foram os outros os que fugiram, e unicamente ele foi o suficientemente valente para ir atrás deles e trazê-los de volta. Mas que perdeu seu caminho na escuridão, e que só agora pôde voltar até nós, a toda velocidade, para nos encontrar.

A sombra de um sorriso relutante se desenhcou no livro de Melanthe.

—O duque afirmou que era um autêntico mestre com os homens.

Ruck se encolheu levemente de ombros.

—Isso seria o que eu faria se fosse um deles.

—Não — disse ela— Você não o faria, Cavaleiro Verde, porque, para começar, não fugiste. —Deixou a um lado o livro— Mas possui um autêntico dom: o de ler os pensamentos de homens de menos categoria.

Ruck não confiava em seus elogios.

—São soldados — declarou— Muito mais parecidos comigo que a minha graciosa dama.

Melanthe voltou os olhos para ele, aqueles olhos da cor violeta do crepúsculo, e o olhou como se acabasse de vê-lo pela primeira vez. Já o tinha olhado assim em outra ocasião: quando tinha disposto a acompanhá-lo ao torneio, com um olhar que queria transpassá-lo até o mais profundo de seu coração. Aquela vez lhe tinha perguntado seu nome, como se lhe importasse qual fosse.

—Talvez assim seja — disse com outra estranha risada— Ou talvez não. Eu tenho alguns talentos em comum com os mentirosos e os covardes, mais dos que acredito que tem você.

Seus dedos brincaram entre eles, os anéis cobertos de pedras brilharam. Afastou a vista para posá-la além dele, nas distantes árvores ao outro lado da restinga. O vento soltou mais mechas de cabelo escuro de debaixo do capuz de pele. Ela jogou para trás sem elegância.

Ruck se deu conta de que a estava contemplando, e de que se encontrava ali de pé, imóvel, como se não soubesse o que fazer consigo mesmo.

—Sempre minto homem verde — disse ela sem afastar os olhos da distância— Sempre. Não esqueça que o adverti isso.

O Cavalheiro Verde não tinha nada mais que dizer; limitou-se a acabar sua tarefa e se sentou no chão, apoiado no montão de vultos que tinha preparado, de costas a ela e a Gryngolet, e dirigiu o olhar para o norte. Seu cavalo já estava carregado como se fossem partir a qualquer momento, o que era uma amostra evidente de quais eram suas intenções.

Melanthe fingiu não lhe prestar nenhuma atenção, como fez ele após daqueles breves momentos de conversa. A circunstância era do mais singular; ela suspeitava que nunca houvesse visto só em companhia de uma dama, igual a ela jamais o tinha estado com nenhum homem.

No transcurso das largas horas de espera, despertou nela uma estranha curiosidade. Perguntou-se qual seria sua idade, se teria filhos, irmãos, uma comida favorita. Mas não

fez perguntas. Ela jamais perguntava tais coisas, descobria-as de forma secreta se surgia à necessidade. Eram armas poderosas aqueles mínimos detalhes, a vida e os amores de um homem, coisas que podiam explorar e manipular. Ela não queria utilizá-lo dessa forma. Tão só desejava saber.

Esforçou-se em afogar um impulso tão alheio a ela, e deixou que o trato com ele fosse tão formal como se estivessem em um palácio com reis. Já havia dito mais do que era necessário. Não se explicava por que o tinha advertido de suas mentiras. Simplesmente o tinha feito e se escutou pronunciar aquelas palavras completamente atônita.

Ao meio dia ele se aproximou, ajoelhou-se e procurou entre as bolsas. Sem pronunciar palavra, aproximou-lhe uma laranja, um queijo tenro de ervas e vinho, junto com cinco amêndoas e uma barra açucarada de cor violeta. Colocou-os no chão sobre um pano, tirou um guardanapo e uma terrina de água de rosas que tinha enchido de um barril de prata. Melanthe afundou os dedos na água gélida e os secou a toda pressa. De joelhos, ele cortou uma pequena porção de cada um dos mantimentos e, antes de passar-lhe provou-os ele mesmo.

Ela aceitou aquele solene ritual. Foi um momento estranho, havia entre eles uma distância majestosa, mas, apesar disso, ele sabia o que acostumava a tirar de almoço ao meio dia com a mesma precisão que se o tivesse compartilhado com ela centenas de vezes anteriormente. Quando lhe chegou o momento, em meio da cerimônia ritual, de provar a barra de açúcar, deteve-se e contemplou aquela guloseima tão delicada e custosa.

—Não me parece oportuno desperdiçar uma porção de algo assim em mim, alteza — disse.

—Desfrute-a toda você, cavalheiro — disse ela— É tua para saboreá-la. E me agrada também te dar à laranja.

Ruck levantou a vista para ela. Durante um breve instante, Melanthe viu com clareza a chama do desejo naqueles olhos verdes que percorreram cada parte de seu rosto, seus lábios, suas bochechas, sua testa; era quase evidente, vivaz como o poderoso bater de asas de um falcão, ligeiro como o roce das asas da ave de rapina.

Ruck afastou de novo o olhar.

—Com sua vênia, minha senhora — disse, e se retirou com uma reverência para ir ocupar seu lugar junto à bagagem.

Como se aquela curta distância o liberasse das maneiras cortesãs, sentou-se de forma relaxada, com as pernas dobradas para deixar lugar às esporas rematadas por estrelas e o fulgor das peças de sua armadura mitigado pelo brumoso sol. Tinha o elmo em terra ao alcance da mão. Mechas de cabelo negro cortados sem muito cuidado eram visíveis entre as dobras do capuz de malha sobre a nuca. Quando jogou para trás a cabeça e apurou a jarra de cerveja, Melanthe sentiu o forte impulso de alargar a mão e lhe acariciar o cabelo que o vento tinha alvoroçado.

Uma estranha reticência a fez conter-se ante tais pensamentos, e nem sequer foi capaz de olhá-lo às escondidas. Em sua mente reinava a desconfiança; seu coração se negava sequer a albergar o pensamento de que Allegreto não ia voltar, de que Cara se foi, de que ao fim se livrou de todos.

De repente ocultou o rosto entre as mãos. Durante um longo momento contemplou a escuridão atrás das palmas das mãos e sentiu como o frio invernal lhe cortava a pele enquanto, presa da agitação, respirava com baforadas curtas e cálidas.

Não se atrevia a fazer planos que fossem além daquele instante, deixava as decisões em mãos de seu cavaleiro. Ouviu-lhe ficar em pé, o chiar da armadura e as esporas, e mesmo assim não afastou as mãos do rosto, incapaz de deixar que a luz chegasse aos olhos.

—Alteza — disse ele em voz baixa— Solicito sua vênia para dormir agora, para assim poder ficar de guarda a noite.

Melanthe baixou as mãos e elevou o olhar até ele. Estava só a uns passos de distância, com o vaso na mão e uma expressão de cautela no rosto. Sentiu um novo impulso amalucado de tornar-se a rir ante a forma em que riscavam círculos um em torno do outro, encontravam-se e voltavam a afastar. Em lugar de fazê-lo, assentiu e baixou os olhos.

Sem pronunciar palavra, ele se ajoelhou ante ela e lhe ofereceu o vaso. Quando ela teve introduzido cerimonialmente na água as pontas dos dedos, Ruck recolheu da toalha os restos da comida que tinha deixado pela metade. Melanthe afundou as geladas mãos entre as peles e o observou enquanto se dispunha a dormir com a armadura posta junto ao elmo e a espada. Ruck se voltou de costas para ela, com a cabeça apoiada em uma cadeira de montar.

Invejou sua facilidade para dormir. Ela tinha a impressão de não ter dormido nunca o suficiente.

À luz da lua e com as vozes dos lobos de fundo, Ruck comeu a laranja que ela tinha rechaçado. Podia ver a chama das três fogueiras que tinha acendido no acampamento original, a uma centena de varas e ao qual retornava a intervalos para alimentar o fogo e fazer uma breve guarda. Estava convencido de que seus homens voltariam essa noite, ao menos aqueles que tivessem a possibilidade de fazê-lo. As fogueiras tinham a finalidade de tranquilizá-los e dar a qualquer outro a impressão de que o acampamento estava bem vigiado.

Ele teria se afastado ainda mais daquelas chamas, que não eram mais que um ímã e um chamariz, mas os lobos espreitavam nas imediações. Tinha preparado o leito à princesa Melanthe ali na escuridão. Possivelmente passasse frio, mas era mais fácil que não a descobrisse se era um ser humano o que os atacasse. Os lobos a encontrariam aonde se escondesse.

Saboreou a fruta e deixou que o intenso suco amargo percorresse a língua. Tinha provado as laranjas em Aquitania umas quantas vezes, em ocasião de festas ou do Natal, mas tomar uma todos os dias como fazia ela era algo que superava sua experiência. E aquela iguaria... Ele só tinha provado o açúcar branco uma vez, mais de vinte natais atrás, quando não era a não ser um menino e estava em uma celebração em companhia de seu pai e de sua mãe.

Aproximou a frágil barra ao nariz, cheirou a fumaça e a laranja em seus dedos, e um aroma muito sutil a flores no açúcar. Fechou os olhos e roçou a guloseima com a língua.

Era mil vezes mais doce que a fruta, e sua boca se encheu de um sabor intenso, tão erótico como o pecado e a primavera.

Afastou-o, afastou o olhar das fogueiras e o dirigiu à escuridão. Ela estava ali, muito próxima, apesar de que não visse outra coisa que a escuridão.

Voltou a elevar as mãos. Não comeu a barra de açúcar, sustentou-a junto à boca enquanto vigiava as fogueiras e as sombras, e respirou o aroma de um mundo que ficava fora de seu alcance.

Capítulo 8

A Melanthe pareceu ter dormido apenas um instante quando uma voz premente começou a lhe sussurrar ao ouvido em meio da escuridão.

—Alteza temos que ir. —Ruck apoiou uma pesada mão sobre seu ombro— Senhora desperte, depressa!

A urgência de suas palavras lhe chegou através de ondas de torpor. Melanthe se voltou para ele e deixou que o gélido ar lhe golpeasse o rosto. À luz da lua, viu-o inclinado para ela, muito perto, e sentiu como seu fôlego gelado lhe rodeava o rosto. Distinguiu vozes em meio da noite.

—Têm-nos descoberto — murmurou ele com aspereza enquanto lhe agarrava o braço coberto pelas peles e a incorporava de um puxão— Vamos!

Melanthe se sentou, mas nem sequer lhe deu tempo a ficar em pé. Colocou os braços entre as peles e a levantou como se fosse um fardo. Melanthe deixou escapar um pequeno grito de surpresa. Ele apertou com mais força e vaiou para que calasse. A manta se deslizou ao chão, mas Ruck não se deteve para recolhê-la. Levou-a até o cavalo, e Melanthe despertou de tudo ao dar-se conta da situação. Agarrou-se à cadeira, colocou bem as peles sobre os ombros e tratou de encontrar um espaço entre

as volumosas bolsas enquanto ele a subia de um empurrão. Logo Ruck montou diante. Melanthe procurou febrilmente o cinturão com o que ele atava a espada sob o manto, e conseguiu sujeitar-se no momento que Ruck esporeava o corcel. Quando o cavalo saiu disparado para diante, ele pôs sua mão sobre as dela.

Cavalgaram na escuridão como se os Cavaleiros do Apocalipse lhes pisassem nos pés. Melanthe não via nada; com o rosto fundo na capa de Ruck enquanto o vento gelado a golpeava, agarrava-se com todas suas forças para aguentar o ritmo frenético. Ele tinha carregado o cavalo de modo que por muito que saltasse e se movesse, as bolsas formavam uma barreira que a impedia de cair. Mas como não havia lugar para o recato nem o acanhamento naquela corrida desesperada, introduziu ambas as mãos sob o cinturão de Ruck. Sentiu que a mão dele as segurava com força e que o rígido couro e o frio metal esmagavam seus braços contra as duras placas que cobriam o ventre do homem.

Seu queixo e seu rosto se chocavam contra a armadura dos ombros, acolchoados unicamente pelo manto. As peles que a cobriam deslizaram, mas Melanthe soltou uma mão o tempo suficiente para agarrá-las e voltar a pô-las em seu lugar, com tão só o agarre por ele como âncora. O cavalo dava voltas e giros na escuridão em uma amalucada marcha, mas o cavaleiro montava como se se apropriasse da mente do animal, e a segurou contra ele quando começaram a falhar as forças de Melanthe.

Uma repentina sacudida a lançou contra as costas de Ruck. O cavalo desequilibrou e esteve a ponto de deter-se, os cascos afundados na restinga. Com uma onda de terror, Melanthe sentiu que as ancas do animal começavam a afundar-se debaixo dela, mas antes de encontrar forças suficientes para dar um grito de aviso, o cavaleiro a soltou e elevou ambos os braços. Sentiu o impulso daquele corpo; ele deu um forte grito, e o cavalo se encabritou, deu um salto e escorregou para diante. Melanthe lutou para não perder o agarre, cortou os dedos e os beliscou de forma dolorosa com o afiado cinturão de metal quando Ruck se dobrou pela cintura para dar impulso ao corcel e obrigá-lo a pegar outro salto para trás.

Depois de uma nova sacudida e um empurrão, o cavalo conseguiu ficar livre. Melanthe deixou escapar um leve gemido e se agarrou com força enquanto o animal saía uma vez mais a galope. A mão do cavaleiro se fechou sobre a sua, aprisionou-lhe os dedos com a luva e os esmagou entre os seus. Melanthe afundou a cabeça nas costas dele e se concentrou na dor; celebrou-a como se fosse o único que lhe garantia que não ia cair.

Depois de uma eternidade naquela corrida amalucada, Melanthe se deu conta de que a resistência do cavalo começava a fraquejar. Ouviu sua respiração laboriosa e notou que afrouxava o passo. Abriu os olhos de repente e viu um pequeno vislumbre da luz do amanhecer, que quase desapareceu quando se internaram na penumbra de umas árvores altas. Mas quando voltou a cabeça para olhar atrás, pôde distinguir as silhuetas dos troncos que se desenhavam em meio da bruma cinza.

O cavalo escoiceou e pegou um grande salto para um lado que quase a fez perder assento. O cavaleiro a segurou, lhe agarrando o braço com tanta força que a obrigou a soltar um gemido desesperado. Ruck a endireitou e forçou o animal a diminuir o passo. O cavalo se deteve de repente, e ele amaldiçoou em voz baixa à Virgem Maria.

Melanthe ofegava tanto como o cavalo. Era incapaz de obter que seus dedos a obedecessem. Estavam congelados, pegos ao cinturão e à armadura dele; não podia abri-los, só podia seguir recostada nas costas dele e contemplar apaticamente a luz apenas perceptível do amanhecer.

Ouviu-se o grito de um pássaro entre os nus ramos das árvores, e de repente seus dedos voltaram a recuperar o movimento.

—Gryngolet! —exclamou, e se separou dele com um torpe empurrão.

—Eu deixei livre o falcão — disse ele com voz suave— Não se mova.

Ruck tinha a vista cravada diante deles. Melanthe se deu conta de que o cavalo tinha erguido as orelhas. Voltou a agarrar com as mãos o cinturão de Ruck, mas ele as afastou e desmontou; logo soltou as rédeas do cavalo, que caíram por cima da cabeça do animal e ficaram pendurando sobre o chão.

—Não faça nenhum movimento — murmurou e desembainhou a espada.

Melanthe viu como abandonava o atalho e se metia entre a espessura das árvores; cada um de seus movimentos ia acompanhado do leve som dos metais ao entrechocar.

Depois, na crescente luz do dia, viu-o. Entre os ramos que o inverno tinha despido distinguiu uma mancha brilhante azul e amarela.

Allegreto.

O coração começou a pulsar como se estivesse a ponto de explodir. Rodeou o estômago com as mãos ensanguentadas e se aconchegou sob as peles.

Ouviu os passos cautelosos do cavaleiro ao outro lado do matagal de ramos. Allegreto estava absolutamente imóvel, escondido; ela não o via, só distinguia aquela mancha de cor entre os ramos e a bruma. Sentiu um medo terrível de que seu cavaleiro fosse vítima de uma emboscada assassina.

—Não o mate! —gritou com fúria em francês— Ou me encarregarei de que lhe esfolem vivo.

Os passos se detiveram.

—Muito tarde, senhora — disse o cavaleiro com voz fria— Está morto.

Melanthe ficou gelada, incapaz de afastar o olhar daquela mancha azul e amarela.

Depois deslizou até o chão, abriu caminho entre os ramos, às afastando a um lado quando golpeavam os olhos e lhe rasgavam as bochechas. Mas o cavaleiro lhe saiu ao passo, situou-se ante ela e, de um forte empurrão, a obrigou a dar a volta.

—Não quer vê-lo — disse em inglês.

Melanthe voltou a girar e tentou passar a seu lado.

—Vou vê-lo!

—Não, senhora. —Segurou-a com firmeza— Foram os lobos.

A respiração ofegante de Melanthe gelou entre eles enquanto o olhava aos olhos com fixidez. Ruck desviou a vista e inclinou a cabeça para assinalar algo junto a ela.

Melanthe dirigiu o olhar ao ponto indicado. De um ramo baixo, roçando com sua saia, pendurava um matagal de cabelo negro cheio de sangue e de folhas caídas.

—Sua donzela — disse ele em voz baixa— Sua roupa também está aí.

Melanthe voltou à cabeça ao outro lado e a agachou. Teve náuseas. Soltou-se das mãos do cavalheiro e se afastou a tropicões através dos arbustos e a malesa. Depois de apoiar-se no flanco suarento do cavalo, dobrou o corpo pela cintura entre estremecimentos. O matagal de cabelo tinha ficado preso às saias e tentou desprendê-la a sacudidas enquanto, a borda da histeria, tragava grandes baforadas de ar. Mas seguiu ali preso. O ar frio pareceu lhe acariciar as bochechas com dedos pegajosos, como se os cabelos cobertos de sangue lhe estivessem roçando o rosto. Soltou um chiado e agitou a malha de lã azul com sacudidas cada vez mais fortes, mas aquele matagal negro seguia preso a ela. Deu a volta para tentar fugir e se deu de bruços contra o cavalheiro.

—Fora! —gritou com voz estridente— Tire-me isto!

Afastou a saia do corpo com mãos trementes. Ao ver que ele titubeava, gritou-lhe:

—Aí! Aí! É que não o vê?

Ruck se agachou e arrancou de sua saia àquela massa negra, depois deu um passo atrás e a atirou longe. Melanthe não quis saber onde tinha caído.

—Fica algo ainda? —Levantou o vestido para ele com um gesto frenético— O noto!

O cavalheiro se despojou das luvas e lhe pôs uma mão no ombro. Inclinou-se um pouco, e com a outra alisou o vestido. Deu-lhe a volta e percorreu com as mãos descobertas todas as dobras da malha de lã, seus lados, suas costas e seus quadris.

—Não, senhora. Não há mais.

Melanthe, entre arcadas, deixou-se cair sobre os joelhos com as mãos sobre o estômago.

—Ai, Deus — gemeu, e pôs-se a rir— Allegreto!

As histéricas gargalhadas ressonaram entre o nu arvoredo. Ruck contemplou do alto o pescoço e a nuca branca e vulnerável sob a rede para cabelo deslocada que mal segurava o cabelo. Recolheu as peles que ela tinha deixado cair ao chão, ajoelhou-se a seu lado, envolveu-a nelas e a subiu ao lombo de Hawk como tinha feito antes. Melanthe não opôs resistência alguma e alargou as mãos para ele enquanto ainda estava montando o cavalo. Deslizou os braços em torno de seu corpo e abraçou a ele com força sem deixar de rir entre secos soluços.

Ruck temia que as imagens de Allegreto e a donzela o perseguiriam. Decidiu não perder tempo em enterrar seus restos, ansioso como estava por aumentar a distância entre eles e o acampamento. Seus homens sim que haviam retornado a noite, ao menos alguns deles, atados e a ponta de faca, depois de terem sido capturados pelos bandidos que acampavam por aquele território selvagem, mas não se deteve para observar. Não seriam necessárias muitas torturas para fazer confessar a quem pertencia aquele acampamento e que resgate poderia conseguir-se se capturavam a princesa Melanthe, em caso de que a encontrassem. Não podia fazer nada por seus homens, agora reféns, como tampouco tinha podido fazer por Allegreto e Cara. Sua única missão agora consistia em salvar à princesa.

Ela continuou rodeada a sua cintura, agarrada a ele com força, enquanto Ruck guiava Hawk através do bosque. Por cima do suave golpear dos cascos do corcel sobre o terreno brando, coberto de folhas, ouvia sua respiração, ainda salpicada por pequenos ofegos e estremecimentos, restos da profunda tristeza que tinha sofrido por seu jovem amante.

Cavalgaram entre os ramos nus de abetos, carvalhos e abedules enquanto o gélido sol da manhã desenhava raias de luz e sombra sobre o caminho de Hawk. Ruck se mantinha muito alerta e voltava à cabeça constantemente para inspecionar os arbustos e a maleza procurando sinais de uma emboscada. Em uma ocasião, um cervo saiu de seu esconderijo e se afastou a toda velocidade deles, o que o deixou com o coração pulsando acelerado.

O fôlego gelava sobre o rosto e se desvanecia a seguir. Com a esperança de confundir seus perseguidores, tomou a direção do priorado junto à boca do estuário, em lugar de dirigir-se para o este para sair de Wyrle. Entretanto, no transcurso da manhã, despertou em seu interior o temor de ter tomado a direção equivocada, já que seguia sem ouvir os sinos.

Perto do meio-dia, saíram bruscamente do bosque e se encontraram a borda de uma rocha de pouca altura, onde a brisa do mar lhe açoitou o rosto. A seus pés, o bosque

perdia densidade para dar passo a pântanos e claros cobertos de samambaias que terminavam em uma série de montículos de areia; mais à frente, para o oeste, via-se o mar corado pelos brancos penachos das ondas. Para o sul, na distância, ao outro lado do estuário de Dee, as cúpulas de Gales desenhavam uma linha cinza e brumosa.

Fez que Hawk trocasse de direção e se dirigiu para o norte seguindo a ponta da rocha. A Ruck inquietava o silêncio da inóspita paragem. Ao descer a ladeira da parte de trás da colina, chegaram à enseada de outro caudaloso rio. Entre os abedules sem folhas apareceu a silhueta quadrada do campanário de pedra de cor rosa que indicava que o priorado se encontrava a menos de uma milha de distância. Mas ele seguia sem ouvir nada.

Chegaram a um estreito atalho arenoso que levava até o pé da colina. Obrigou Hawk a avançar ao trote e tentou evitar os ramos quando o caminho os introduziu de novo no bosque. A princesa Melanthe seguia agarrada a ele, em silêncio.

Fez que Hawk se detivesse ao chegar às últimas árvores. Com grande estrondo, um bando de gansos selvagens elevou voo dentre os canteiros abandonados.

Além da terra baldia estava o priorado; seus angulosos muros de arenista se elevavam no meio do ermo, Deus anunciava sua presença naquela inóspita paragem. A torre do campanário se elevava firme e altiva, rematada nas quatro esquinas por agulhas, e sua sombra dava proteção às edificações habitadas pelos monges. Fazia mais de doze anos e meio que Ruck não via o priorado, e naquela ocasião só se hospedou ali uma noite, à espera que os monges o levassem em barco à manhã seguinte até o outro lado do rio. Dezesseis irmãos com hábito, e uns quantos leigos, residiam ali naquela época, em uma pequena casa, mas ao menos se ocupavam de manter os campos limpos e cultivados, e de alimentar o gado.

Agora um ganso branco, de asas recortadas, era tudo o que ficava no campo vazio. Aproximou-se se bamboleando de onde estava Hawk, grasnando com impaciência.

Ruck examinou o espaço aberto ante eles e toda a extensão que bordeava ao arvoredos.

—Espere aqui com o cavalo — disse com voz suave.

Desmontou e lançou as rédeas de Hawk sobre um ramo para que o corcel se visse obrigado a permanecer em pé. Na metade do campo, o ganso se deteve e olhou Ruck com seus brilhantes olhos.

Amparando-se na espessura dos arvoredos do pântano, Ruck descreveu um círculo em torno do terreno espaçoso do priorado e se dirigiu ao rio. O atracadouro estava vazio. Só se via uma das maciças barcas dos monges no lugar, atada com um grosso cabo de cânhamo, como uma serpente entre a areia, ao ancoradouro situado à altura que alcançava a água no mar.

Ruck esquadrinhou o priorado. Era possível que atrás dos grossos muros e as pesadas portas os monges se estivessem se dedicando a orar como de costume, que não fosse mais que a casualidade, ou o medo aos bandidos, o que os mantinha no interior, a eles e aos leigos, naquele dia invernal.

Mas não se ouvia o tangido dos sinos.

Durante um longo momento, ficou estendido em um claro, vigiando. O ganso branco bicava e escavava no campo aberto em busca de alimento, perto do lugar onde se encontrava Hawk. Uma vez que esteve seguro de que tinha passado a hora das nonas sem que tivessem divulgado os sinos nem se escutado som algum de vozes humanas, Ruck decidiu por fim arriscar-se a cruzar até a entrada que se abria sob os aposentos destinados aos hóspedes. O ganso foi a tudo correndo atrás dele, exigente e atrevido, e tentou lhe dar bicadas nos pés. Ruck o separou de um chute, mas a ave seguiu atrás dele e apelou a sua caridade com fortes grasnidos.

Ao chegar à entrada se deteve com a mão em alto, para a seguir puxar o cordão da campainha com lentidão três vezes. O som resultante deu a impressão de ser muito claro e terminante, apesar de não ser a não ser o do sino da entrada e não o da torre.

Não obteve resposta. Deu um empurrão à grade, mas estava fechada por dentro.

O ganso voltou a grasnar com entusiasmo. Ruck deu a volta, rodeou o muro e dobrou a esquina até chegar ao átrio da igreja com o ganso seguindo-o com obstinação. Pegou um tranco à porta de fora, que se abriu sem esforço e chiou sobre as dobradiças até ficar de par em par. Ao outro lado, as portas de entrada à igreja estavam abertas e

permitiam ver um espaço vazio sob uma série de fileiras de arcos duplos, os quais guiavam o olhar até a alta vidraça que filtrava a branca luz através de seus painéis adornados com pequenas figuras de Santos.

Ruck percorreu com olhos cautelosos o santuário, que ficou em silêncio uma vez que se apagaram os ecos de sua entrada.

Pareceu-lhe um sacrilégio entrar armado em uma igreja, mas fez uma breve genuflexão, benzeu-se e pediu perdão por sua falta de respeito à santidade do lugar. Foi até a nave lateral. O ruído de seus pés sobre o chão recoberto de pedra reverberou a cada passo, rematado pelo tinido das esporas.

Abriu a tranca que segurava a porta lateral e saiu ao claustro. Ninguém fazia uso dos cubículos nem dos armários dos livros, mas um dos volumes estava aberto sobre um suporte de livro, com uma folha de pergaminho e um tinteiro ainda cheio junto a ele, como se uma figura com hábitos negros acabasse de deixá-lo um momento antes. Umas galinhas soltas bicavam no jardim central.

—Há alguém? —gritou Ruck— Salve Santos monges!

Ninguém respondeu; tampouco esperava que alguém o fizesse. Com rápidos movimentos, cruzou a galeria do claustro e se agachou para entrar em um corredor com abóbada de canhão que o conduziu até o pátio dos estábulos atrás do albergue de hóspedes e o refeitório.

Não havia rastro dos animais, mas tampouco viu sinal algum de luta. Ainda se apreciavam sulcos do gado no barro, e como muito teriam uns poucos dias. Sobre um banco havia um jarro de leite de vidro verde, cheio de leite coalhado.

Ruck amaldiçoou para si a são Julián. Percorreu a grandes pernadas a estreita passagem abobadada e se deteve; olhou atentamente cada uma das janelas que havia sobre os arcos do claustro. Iniciou o exame dos metrôs, apesar de que as portas estavam fechadas e as frestas entre as madeiras só deixavam ver a escuridão do interior. O pergaminho abandonado sobre o suporte de livro rangeu ligeiramente no ar silencioso.

Ruck se encaminhou ao pódio e apoiou a mão sobre o pergaminho. Não era um erudito que tivesse estudado latim; sabia ler inglês e francês, mas pouco mais. Apesar de tudo, percorreu com o dedo enluvado o que claramente era uma carta e olhou com o cenho franzido cada uma das palavras ali escritas. Passou rapidamente pelo cabeçalho, que indicava que a missiva ia dirigida ao bispo de York. Graças às liturgias reconheceu os termos que significavam «este humilde rebanho lhe suplica» e «nos escutem», e uma referência a «depois do Natal». Com dificuldade decifrou uma passagem que falava de um irmão, pareceu-lhe que se referia ao encarregado das adegas, a uma viagem, ao vilarejo de Lyerpool, e a algo que tinha a ver com porcos e cadelas.

A seguinte frase dizia que toda Lyerpool estava morta ou doente.

Ruck o leu de novo, assinalando com o dedo cada palavra. *Mortuum*, isso o entendia com certeza. *Omnis* e *invalidus* também eram palavras que conhecia. Não foi capaz de pensar em uma tradução diferente.

Um terror começou lentamente a apropriar-se dele quando seu dedo alcançou o final da página e chegou a *Miasma malignus. Pestis*.

Deu um salto tão rápido e brusco que fez cair o suporte de livro. Estrelou-se contra o chão de pedra e o tinteiro se fez pedacinhos. As galinhas começaram a cacarejar e a revoar pelo susto. Ruck percorreu o claustro com passo rápido. O cemitério estava situado junto a esta asa. Encontrou a entrada junto à sala capitular, de onde saía uma nova passagem sombria que se abria a um recinto coberto de erva, agora com os rastros do inverno.

No espaço aberto havia dez sepulturas novas. No outro lado da sala capitular, além de um muro, contou outros dois mais no terreno reservado aos leigos. Doze no total, e o resto fugidos. Ficou imóvel junto ao muro e apoiou a testa nos punhos unidos.

Tratou de conjurar o rosto resplandecente de Isabelle, tentou lhe pedir que rogasse a Deus que preservasse seus filhos. Ou que se a peste retornava para castigar a humanidade, que desta vez levasse Ruck, para que assim não tivesse que ser uma vez mais testemunha de como todos morriam ao seu redor. Ele era igualmente pecador que qualquer outro; merecia o castigo como todos os outros.

Mas, apesar de tudo, não era essa sua intenção. Não podia formar mentalmente a imagem de Isabelle, já não, e o desejo obstinado de viver ardia com uma chama insistente em seu interior, fazendo ouvidos surdos ao medo e alimentado pelo desejo carnal. Em meio do desespero, Ruck se deu conta de que estava faminto. Tinha a seu cargo à princesa Melanthe, um vínculo mais que o unia ao barro humano. Ela representava a paixão mundana, o desejo ardente, e o mais provável era que também ela se alegrasse de comer.

Agarrou as rédeas de Hawk e as desenredou da malesa.

—Vamos, não há razão alguma para nos deter aqui.

Não mencionou a praga. Não lhe fez perguntas, só o olhou do alto do animal com expressão de estranha inocência, como se ainda não compreendesse de todo a verdadeira situação em que se encontravam. Sustentou as peles com mão torpe sobre os ombros, com os dedos pálidos e manchados de sangue debaixo daquela profusão de anéis. Seus olhos pareciam opacos, como sujos, em lugar de limpos; junto a eles se apreciavam umas rugas diminutas que ele não tinha visto antes. O frio lhe avermelhava as bochechas e danificava sua lisa brancura. Com o assombro, deu-se conta de que agora não era tão bela como ele tinha acreditado.

Já não era uma princesa, a não ser simplesmente uma mulher. E nem tão sequer bonita, a não ser gelada de frio e cheia de apreensão. Entretanto, em lugar de lhe provocar repulsão, aquilo fez que todos seus sentidos despertassem de repente em resposta, que o invadissem um desejo incandescente de protegê-la e possuí-la, coisas que estavam além da honra e as promessas.

Com um movimento brusco se voltou para não ver o rosto dela. Agarrou as rédeas de Hawk e, deixando as árvores atrás, conduziu-o até o atracadouro. Ao outro lado do rio Mercy, a uma milha de distância, via-se a sombra cinza e silenciosa do castelo de Lyrpool; não havia nenhum barco amarrado a seus pés; não se apreciava sinal algum de vida na outra borda.

—Devemos cruzar enquanto a maré está subindo — disse ao mesmo tempo em que obrigava o cavalo a deter-se.

Elevou os braços para ela. Melanthe agarrou as saias e deixou ver por um instante um retalho de suas meias brancas e as botas verdes de ponteira larga. Apoiou as mãos nos ombros de Ruck, mas ele apenas as notou através da armadura; sua mente ficou cravada naquela breve visão de seus tornozelos e suas botas, com cós de prata, delicadas como as sapatilhas de um elfo.

Soltou-a imediatamente, mas ela não se afastou; limitou-se a agarrar o cinturão de sua espada e a ficar junto a ele. O manto de peles caiu ao chão.

Ruck alargou as mãos e desatou os laços que fechavam as bolsas em busca de sua capa. A malha de lã cor esmeralda ondeou por um golpe de brisa quando ele puxou para tirá-la.

Melanthe seguiu agarrada a seu cinturão, como se resistisse a soltá-lo. A impressão que a morte de seu amante tinha causado, e aquela brusca mudança ao passar da comodidade e o luxo ao frio e o perigo: Ruck teria compreendido que qualquer mulher sucumbisse à tristeza naquelas circunstâncias, mas desde que tinha estado à borda de um ataque de histeria, parecia apagada, inclusive dormitada, indiferente ao momento e ao destino.

Ao ver que não fazia gesto de afastar-se dele, Ruck deu um passo para trás e, com toda a delicadeza de que foi capaz, com cuidado para não lhe esmagar os dedos entre suas manoplas de metal, soltou aquela mão que se aferrava a seu cinturão.

—Não tema nada, senhora — disse— Ponha a capa e suba à balsa.

Ela pareceu não ouvi-lo. Ruck lhe rodeou os ombros com a capa e tomou em seus braços.

A barca estava quase a flutuando com a ascensão da maré. De uma pernada cruzou a água pouco profunda e subiu à balsa. Depositou-a sobre as pranchas de madeira e segurou aquela figura feminina envolta em tecidos para que não perdesse o equilíbrio enquanto a embarcação balançava.

—Minha senhora — disse sem soltar seus ombros— encontra-se mau?

—Não — respondeu ela distante— Aonde vamos?

—À outra borda do rio, alteza.

—Os monges... —Levantou até os seus uns enormes olhos escuros— Estavam mortos?

Ruck titubeou durante um longo instante.

—Sim, senhora. Mortos ou ausentes.

Pareceu desconcertada ante aquela resposta, como um menino ao que lhe tivessem feito uma pergunta incompreensível. Deu a volta e se deixou cair escondida sobre as pranchas.

Ruck a contemplou um momento.

—Eu a cuidarei, senhora. Juro-o.

Saltou a terra para agarrar sua escassa bagagem e lançá-la sobre a barca. Acostumado a cruzar rios, Hawk não opôs resistência quando o conduziu através da água pouco profunda para subi-lo a aquela plataforma instável. O cavalo apoiou os cascos sobre a madeira e os voltou a afastar, para a seguir pegar um salto sobre a barca que a fez inclinar-se e a deixou cheia de água sobre uma esquina. Ficou ali com as patas separadas e os olhos totalmente abertos, até que Ruck cobriu o animal com o cobertor, e as peças do frontal limitaram seu campo de visão.

Hawk se acalmou imediatamente, como se o que não via não existisse. Ruck o afastou uns passos, e refletiu se a jangada era forte o suficiente ao transportar o peso do animal.

A princesa se sentou junto às bolsas da bagagem. Ruck soltou o cabo de cânhamo, agarrou uma vara e empurrou com ela para sair da borda. A barca se moveu brandamente. Foi para o outro lado e empurrou dali.

Deslizaram até as águas mais profundas. Uma vez ali, desamarrou o longo remo que servia para impulsionar e dirigir aquela rígida balsa, e deixou que pendurasse sem ataduras entre os escalamos. Quando levantou a vista para assegurar-se de que a princesa estava bem, descobriu que se acomodou junto às bolsas, envolta na capa, e que olhava para a água.

Segurou o grosso remo com ambas as mãos e dobrou as costas para remar com ele. Quando voltou a olhar Melanthe, ela tinha dormido.

A barca deslizava com lentidão sobre a água, impulsionada às vezes rio acima pela maré, e às vezes rio abaixo arrastada por uma corrente caprichosa. Ruck não era capaz de guiar a balsa com a mesma destreza com a que o faziam os monges; apesar do grande remo, a plataforma de madeira se movia a mercê da água, assim que levou muito tempo cruzar. A maré entrante e a brisa procedente do mar se impuseram à corrente e os empurrou estuário acima, longe de Lyrpool e a propriedade. A Ruck pareceu ver uma figura que se movia na aldeia, mas não estava completamente seguro, e muito em breve inclusive o castelo desapareceu de vista.

Atracou ali onde pôde. Depois de passar junto a um bosque bordeado de juncos, a balsa tocou o fundo. Aproximou-a com a vara tudo o que pôde a terra, e ainda teve que vadear um pouco até sair da água.

A princesa parecia não ter desejo de despertar, e se aconchegou ainda mais quando ele se ajoelhou a seu lado e lhe falou. Ruck tirou uma das luvas e posou a mão sobre sua testa, mas estava fria; a pele estava avermelhada pelo frio, não pela febre.

—É que não posso dormir? —murmurou ela queixosa quando a tocou— Quero dormir um momento.

Ruck não se opôs; limitou-se a agarrá-la e a levá-la de novo em braços. O movimento pareceu revivê-la um pouco. Ficou sentada no claro coberto de areia que ele tinha escolhido para acampar, rodeando os joelhos com os braços e o contemplou em silêncio enquanto ia de um lado a outro para levar as bolsas à borda.

Depois, quando se ajoelhou para atar Hawk, ela se voltou bruscamente em sua direção, os olhos sobre a ribeira de Wyrle.

—Escuta!

Ruck se levantou de um salto e agarrou a espada. Uma vez em pé, ouviu o ligeiro e irreal som de uns guizos; e de uma vez, distinguiu a branca mancha sobre as escuras árvores.

—Gryngolet — sussurrou Melanthe, a vista cravada na distância.

Como se tivesse escutado a saudade em sua voz, o pálido falcão se elevou no alto, girou sobre o escuro céu e se precipitou descrevendo uma vertiginosa curva para eles. Sobrevoou o rio com um forte bater de asas, voltou a elevar-se e desenhou uma espiral no alto sobre eles até que não foi mais que um átomo nas invernais alturas azuladas.

—Está nos esperando! —A princesa ficou em pé de um salto— O chamariz antes que se perca na distância!

Ruck atirou a espada ao chão. Os dois ao mesmo tempo se lançaram sobre as bolsas e rebuscaram nelas os utensílios do falcão. Ruck encontrou o embornal e o tirou enquanto rezava uma oração mentalmente para agradecer por havê-lo levado consigo. Melanthe lhe arrebatou o troféu das mãos.

Era de couro branco, bordado em prata e adornado com pedras preciosas como o resto de suas posses. As esmeraldas refletiram a luz do sol e reluziram sobre a pesada manopla quando ela introduziu a mão nele. Inclusive o próprio chamariz estava decorado com gemas diminutas no anel que segurava os canhões das plumas de garça, com um diamante esplêndido que refulgia em seu centro.

Melanthe elevou o olhar. Ruck a contemplou enquanto seguia o curso do falcão. A reveladora luz do dia não a tinha encontrado tão bela, mas viu que de novo se confundiu. Como uma bruxa, transformou-se de novo em uma beleza, igual o falcão trocava de um salto sua natureza de estar ancorado à terra a perder-se no céu em liberdade.

Voltou-se para procurar o pássaro, mas não foi capaz de vê-lo. A mancha negra tinha subido tanto que tinha desaparecido de vista. Melanthe elevou a mão em alto. O sol se refletiu no chamariz ao descrever um arco sobre as cabeças de ambos e projetar a brilhante luz. Hawk ergueu as orelhas ao ouvir o leve rangido do cordão e o som das asas ao mover-se no ar. A princesa seguiu com o rosto voltado para o céu, o braço estendido para o azul, as manoplas resplandecentes, um fogo verde e prateado desprendendo-se de seu punho.

Chamou o falcão por seu nome enquanto fazia girar o chamariz; era como um canto amoroso, quase como uma risada. E o pássaro apareceu e se deixou cair do céu.

Ruck ouviu a descida antes de vê-lo. Os guizos tilintaram com uma nota larga e aguda quando o falcão se precipitou das alturas, um ponto no céu que se converteu em um borrão, em uma lança, em uma flecha, em uma foice, com as asas pregadas em uma queda de dois mil pés. O chamariz, reluzente de esmeraldas, elevou-se para ele.

No momento do encontro, um leque branco se abriu, as asas se desdobraram com toda sua envergadura sobre o brilhante chamariz. O choque provocou um ruidoso estalo que reverberou sobre a água; o chamariz caiu para baixo e o falcão saiu despedido pelo ar com as correntes pendurando. O chamariz se chocou contra o chão, levantando a areia, e separou de novo quando a princesa Melanthe puxou do cordão.

A mulher e o pássaro iniciaram uma espécie de baile, uma dança vertiginosa que desafiava o compasso da terra, pontuada pelo fulgor das esmeraldas, os guizos e a branca majestade do voo circular do falcão ao lançar-se em picado à caça da reclamação. Uma e outra vez girou o chamariz, o convidando e fugidio, volátil, para cima e para baixo para voltar de novo para começar. O falcão era agudo e destro na perseguição, que parecia durar toda uma eternidade, e, entretanto, antes que Ruck tivesse tempo de afastar a vista deles, antes de ser capaz de gravar aquela imagem em sua mente, antes que conseguisse sufocar o irresistível entusiasmo que despertou em seu coração a dança do falcão, esta chegou a seu fim.

Melanthe lhe pôs término de uma forma que ele jamais tinha visto. Em lugar de deixar que o chamariz caísse ao chão para que o falcão o apanhasse, mostrou-o em alto, colheu-o com sua outra mão e o elevou como se fosse uma sacerdotisa pagã que o oferecesse ao sol. A ave o perseguiu e enganchou aquele artifício de plumas uma vez com as garras. Depois se afastou no ar, lançou-se de novo para ele em voo enviesado e freou com força.

Com as asas abertas, o falcão chegou até a manopla e estendeu as garras com adornos de prata para agarrar-se. Depois de descrever um majestoso arco, acomodou-se, pregou as asas e alargou o bico com anseio para a reclamação.

—Pobre Gryngolet! —A princesa sem fôlego ria e chorava de uma vez— Pobre Gryngolet, minha preciosidade, meu amor! É um vil engano, reconheço-o. Não temos bocado algum para te recompensar.

O falcão estendeu as asas, chiou com indignação e golpeou o chamariz, sem a parte de carne, ao dar-se conta da injustiça, mas sua ama agarrava com firmeza as correntes que Ruck tinha cortado para deixar à ave em liberdade. As queixas do pássaro cessaram assim que a princesa, com destreza, cobriu-lhe a cabeça com o capuz.

Agora que o momento tinha passado, Ruck sentiu que o coração pulsava com força. Resultava-lhe incrível o que acabava de presenciar, aquela queda em picado de semelhante altura e a dança que se iniciou a seguir. O falcão ficou imóvel e não opôs nenhuma resistência quando a princesa agarrou as ligaduras do capuz, adornada com plumas de alegres cores, e as atou. Utilizando só uma mão, atou deste modo as recortadas correntes os resplandecentes anéis e à trela e se ajudou com os dentes para rematar os nós.

Ruck recolheu o chamariz. As plumas estavam desordenadas; uma delas inclusive estava quebrada. O enorme diamante caiu e as esmeraldas penduravam dos fios de metal. Olhou ao seu redor em busca da gema perdida. Quando viu um resplendor branco no chão, despojou-se da luva e alargou a mão para agarrá-lo.

—Fique é teu — disse Melanthe quando ele se ergueu com o diamante seguro entre os dedos— Uma lembrança para que não esqueça o voo de Gryngolet. —Sorria. Tinha o rosto resplandecente e seus olhos brilhavam com lágrimas de júbilo.

Ruck tinha a pedra preciosa na palma da mão, era como se abrisse um golfo entre eles, uma distância que ficava além de toda compreensão. Com que indiferença ela utilizava aquelas gemas, arriscava-as ao pô-las de adorno no chamariz do falcão, as dava de presente sem pensar como lembrança, com a mesma generosidade que o mais importante dos senhores que Ruck pudesse imaginar. Não sabia se o próprio rei faria semelhante coisa.

—Minha senhora, eu não necessito uma lembrança para não esquecer tão incrível espetáculo. Com a ajuda de Deus nas alturas, jamais se apagará de minha memória.

—Seja como for, fique — Melanthe voltou a centrar sua atenção no falcão e o deixou com a mão estendida.

Ruck se sentiu vagamente insultado apesar de que na atitude dela não havia o menor rastro de menosprezo, nem tampouco no obséquio em si. Era a primeira vez que ela tinha deixado transparecer que lhe devia algo por seus serviços.

E ele não a servia para obter uma recompensa. Nem esperava nem desejava compensação alguma por aquela honra. Mas ela não o recompensava por sua fidelidade; só lhe dava uma lembrança como faria qualquer dama gentil, e isso ainda lhe produzia mais ressentimento, porque era óbvio que ela não esperava nada em troca. Por que ia fazer quando sabia que ele não tinha nada em seu nome que estivesse à altura de uma dama?

Contemplou-a enquanto se dedicava a mimar o falcão e se lembrou daquele normando alto e loiro que lhe tinha presenteado a ave. Um homem sensato haveria se sentido inquieto; aquele formidável voo poderia ser o fruto da bruxaria, mas em lugar disso se sentia ordinário. Pensou no que tinha: o cavalo, a espada, os guizos e as correntes engastadas de pedras que eram presente dela. A armadura de combate que levava. A outra, aquela tão elegante dos torneios que tinha conseguido em troca dos resgates e prêmios de seus primeiros cinco anos de participar de justas e que tinha como adorno a esmeralda que lhe tinha dado... Essa tinha ficado atrás, abandonada como botim para os bandidos.

Não possuía nada que merecesse sua atenção, nada que não lhe tivesse chegado através dela, e por isso se sentia furioso com Melanthe.

Com ar cortês, mas forçado, disse:

—Não anseio nenhum presente seu, juro-o ante Deus, e não aceitarei nenhum. Minha única preocupação é seu bem-estar. Amanhã iremos a um lugar seguro.

Melanthe deu as costas ao falcão, mas não o olhou aos olhos. Durante um momento, contemplou as largas ondulações que o vento desenhava no rio. A expressão de seu rosto trocou, a calidez deu passo a uma intocável quietude.

—Havia um castelo — disse — E uma população.

Dado o estado de inquietação espiritual no que se encontrava, Ruck tinha acreditado que não se deu conta de nada.

—Lyerpool — disse em tom baixo.

—É ali aonde nos dirigiremos?

Sob a superfície do rio, além do resplendor dos raios de sol, descansavam as profundidades, insondáveis e escuras, como os medos antigos.

—Não, minha senhora. Acredito que ali não.

—Morreram por causa da peste, não é verdade? —A voz de Melanthe sofreu uma estranha quebra— Os monges.

—Assim é, minha senhora.

A dama se sentou sobre um montículo de areia, a vista cravada no falcão.

—Fui eu quem a trouxe — disse— Eu a trouxe de volta.

Todas as suspeitas despertaram de repente na mente de Ruck uma vez mais. Aquela bruma pegajosa, seus segredos, a escura cabeleira e os olhos cor violeta, marcas infernais todas elas, que o atraíam e repeliam de uma vez. Era um demônio. Uma bruxa.

—Tanto martirizei e torturei Allegreto com ela... —Com o falcão sobre o punho, mordida o lábio inferior e balançava o corpo brandamente— E agora ele está morto e chegou à peste. É um castigo divino sobre mim.

Ruck distendeu os lábios ao transformar sua desconfiança em exasperação.

—Alteza, eu não acredito que Deus envie uma praga sobre toda a humanidade só por sua estúpida maldade.

Durante um longo momento ela continuou balançando-se, cada novo movimento um pouco mais longo que o anterior, até que assentiu com a cabeça e começou a sorrir de novo.

—São meus pecados tão corriqueiros? Pode ser que então não tenha que me culpar da peste, a não ser unicamente de que este inverno haja um excesso de lêndeas.

—Pelo que sim é culpada é de que agora nos encontremos nesta situação — murmurou Ruck— minha proprietária e senhora.

Melanthe se levantou com o falcão na mão.

—E você é um insolente, cavalheiro.

—Se minha senhora falar de pecados e pragas tem seu servente que mostrar-se menos atrevido?

—A minha fé que não é outra coisa que um descarado trapaceiro, escondido sob a aparência de servente leal!

Ruck já se sentia envergonhado daquele momento de rebeldia e derrubou todo seu interesse em pôr as cadeias a Hawk.

—Senhora, isto de divertido não tem nada. Não contamos com escolta alguma, minha dama, nem temos mantimentos suficientes que comer, nem lugar seguro ao que nos dirigir.

—Pois então —disse ela— eu empregarei o nome de Ruck para me dirigir a ti, senhor, e você pode me chamar Pequeno Ned, seu criado e escudeiro. Gryngolet se converterá em «Cavalo», e o cavalo seguirá sendo Hawk, e assim estaremos equilibrados. E todos juntos nos dedicaremos a caçar dragões.

Ruck apertou os lábios. Pelo tom empregado, não sabia se estava lhe fazendo burla. Alargou para ela a mão com o diamante.

—E tampouco aceitarei isto. Minha senhora deveria pô-lo a salvo, de todas formas. Melanthe fez caso omissso dele.

—Sim, Ruck e o Pequeno Ned e Cavalo e Hawk.

De repente sorria, de novo era bela, bela e vulgar de uma vez com seu sorriso. Ruck se perguntou se alguma vez descobriria qual das duas coisas era.

—Minha senhora tem a mente febril — afirmou.

—Ned, se não te importar. Tem que pôr algo mais de desprezo em sua voz: «Ned, caipira inútil, seu estúpido cérebro está enfebrecido!».

—Minha senhora...

—Ned.

—Não posso lhe chamar Ned, minha senhora!

—Por que não?

Ruck elevou o olhar ao céu, incapaz de pensar em uma resposta a semelhante pergunta. Recolheu o embornal do falcão e depositou o chamariz e o diamante em seu interior.

—Pois então serei Tom — disse ela— Responderei ao nome de Tom, e à caça de dragões iremos. Você será nosso amo e guia Ruck, por sua experiência com vermes ferozes e outros monstros diversos.

—Não caçaremos dragões, senhora — disse ele com impaciência.

—Não temos lugar seguro aonde nos dirigir. Não há outra coisa que paragens inóspitas e páramos desertos. —Fez uma pausa, ainda com o falcão na mão, e seu corpo estremeceu de novo com aquele tremor que era muito profundo para dever-se ao frio. Mas sorria, com os olhos secos, ferozes como os do falcão de seu espírito— Assim me diga a verdade, Ruck, acaso tem assuntos mais importantes aos que te dedicar pela manhã que me acompanhar a matar dragões?

Capítulo 9

Cara não podia controlar os calafrios. Não era pelo frio, apesar de que o ar no interior da ferraria abandonada era o suficientemente gélido. Era porque vestia as roupas de uma mulher morta, e porque o filho bastardo de Gian Navona a olhava com insistência como se esperasse que deixasse de estremeecer. Allegreto a tinha aterrorizado; desejaria que a tivesse abandonado com os bandidos... Não, não desejava isso, que Deus a protegesse, estava perdendo o julgamento. Vagaria pela campina, arrancando o cabelo a mechas e uivando à lua. Era sua penitência, a vingança por ter tratado de envenenar sua ama.

Chorava por si mesma e por Elena. Sua pequena irmã Elena, travessa e tranquila por igual, Elena, com aquelas orelhas muito grandes e aquele queixo muito bicudo, mas

bonita apesar de tudo. Cara a queria e ela estava sentenciada, como havia dito a princesa, já que Cara não tinha tido êxito em sua missão. Mas Allegreto lhe havia dito que, em qualquer caso, a princesa devia estar morta por causa da peste. Aceitariam isso os Reata?

Não, não seria suficiente. Jamais seria suficiente. Agora o via com clareza, via o que sua ama tinha querido dizer. Por que iam os Reata afrouxar o laço sobre ela quando podiam reter Elena, quando tinham uma arma tão poderosa como o amor com o que obrigar Cara a cumprir seus desejos?

—Deixa de chorar — disse Allegreto com tensão.

Olhou-a de novo e se levantou do bloco de ferro sobre o que tinha estado descansando. Apesar de vestir a áspera roupa de cor cinza dos bandidos, tinha a nobreza arrogante de seu pai e a graça de um anjo caído. O barro lhe cobria as pernas até os joelhos após ter chapinhado no pântano.

—Sinto muito. Tento-o. —Cara apertou com força o punho contra a boca para controlar o pranto. Escapou outro soluço.

—Estúpida puta Monteverde — disse ele.

—Sinto muito! —gritou Cara— Sinto ser uma Monteverde! Sinto não poder deixar de chorar! Não sei por que te incomodaste em me salvar dessas bestas ladrões!

Allegreto a olhou com aspereza. Depois entreabriu as largas pestanas escuras e desviou os olhos.

—Descansaste? Quero continuar.

A Cara a fome roia as vísceras, tinha as pernas intumescidas e doloridas e os pés nus sangravam por culpa do tosco calçado da mulher morta.

—Vai então. Não me importa.

Allegreto se inclinou sobre ela e a obrigou a levantar o queixo.

—O que é isto, acaso choraminga de novo, Monteverde chorosa? Por Cristo, pergunto-me como seu pai reuniu o suficiente vigor para que sua mãe te concebesse. Embora talvez não o fizesse, pode ser que deixasse que fosse um Navona quem rematasse a tarefa.

Cara afastou o queixo de seus dedos e se levantou pegando um tropeção.

—Não me toque. E eu não alardearia tanto do vigor dos Navona se estivesse em seu lugar, castrado!

Na meia luz da ferraria, Allegreto mostrou os dentes com um sorriso selvagem.

—Cuidado, Monteverde, ou te demonstrarei que estou intacto. Quanto você gostaria de ter um bebê de um Navona?

—Ameaça inútil! —espetou-lhe ela.

—Quer que demonstre isso? —Allegreto fez gesto de soltar as meias.

Cara não pôde reprimir uma expressão de horror.

—Embusteiro! Maldito Navona! Seu próprio pai jamais teria permitido que te aproximasse de minha ama se estivesse inteiro. Dormia com ela!

O gesto da boca de Allegreto se endureceu.

—Meu pai conta com razões suficientes para confiar em mim. —encolheu-se de ombros e deixou cair à mão— E a princesa Melanthe era tão dura como esta bigorna. Jovem estúpida, ela era maior! Não fizemos outra coisa que uma paródia de amor, ela e eu, para preservá-la dos Reata e das imbecis garras Monteverde que fazem as coisas em seu lugar.

—Não acredito.

—Não é a ela a quem eu desejava. —Baixou o olhar até Cara, apenas um pouco mais alto que ela; tinha o rosto liso e jovem, mas a promessa da maturidade escurecia suas maçãs do rosto— Quantos anos crê que tenho?

Cara se encolheu de ombros.

—Não sei, nem me importa. Suficientes para qualquer maldade.

—Dezesseis o dia da Santa Ágata — disse ele.

—Não — foi à resposta dela. Tinha acreditado que tinha mais de vinte, apanhado para sempre na cúspide da idade adulta. Sua voz era a de um homem jovem, seu corpo ainda o de um moço, mas já crescido de tudo, com uma maturidade que tinha deixado atrás ao desajeitado adolescente.

Mas ao olhá-lo, apreciou-o. Como por um efeito da luz, o aspecto de Allegreto trocou ante seus olhos, e viu um moço jovem, um ano menor que ela, bem desenvolvido para sua idade, com uma figura que ia se convertendo rapidamente na de um adulto.

—Não acredito — disse, mas sua voz soou duvidosa.

Allegreto soltou uma breve gargalhada.

—Bem, não importa o que você crê. Se dentro de um ano ou dois segue viva, gansa Monteverde, coisa que duvido, poderá vê-lo com seus próprios olhos. E este jogo logo chegará a seu fim, já que aos eunucos não cresce a barba. Vejo que terei que deixar que a minha chegue aos joelhos só para dar provas de meu sexo.

—A barba ficaria fatal — disse ela com ironia.

Dirigiu-lhe um estranho olhar. Tocou a mandíbula e a percorreu com os dedos como se já sentisse a aspereza na pele.

—Pavão Navona! Claro que você não gostaria de esconder sua beleza!

Os olhos escuros de Allegreto procuraram os seus um instante. Depois, o jovem sorriu; a doçura daquele sorriso se mesclou com uma estranha melancolia cuja origem só ele conhecia.

—Não — disse com lentidão — pode ser que não gostasse. Vamos fraca Monteverde, vejo que conseguiu te pôr de pé. Caminha comigo e, se gostar, pode ser que te encontre algo que comer. —Seu sorriso foi como um resplendor na escuridão— Embora para obtê-lo tenha que matar outro bandido por ti, e também a sua dama.

Ruck só havia trazido manjares delicados por alimento — laranjas, nozes e açúcar com especiarias— ao dar por feito que no priorado encontrariam refúgio e comida. Sua intenção tinha sido oferecer aqueles luxos como presentes à comunidade, mas em lugar disso, agora era tudo o que tinham para jantar. A penumbra já era muito profunda para caçar, e seu estômago vazio não parava de queixar-se.

Fez ornamento de umas maneiras esquisitamente formais em seu trato com a princesa, em uma tentativa de recuperar a distância adequada entre ambos, mas ela parecia ter adquirido um caprichoso rechaço às cerimônias. Sob a luz do crepúsculo que

tingia o rio de cor dourada e fazia que o arvoredor que bordeava o rio parecesse de encaixe negro, Melanthe se negou a tomar assento e que a servisse como correspondia a uma dama. Depois de assegurar-se de que o falcão estava cômodo sobre um cabide feito com um ramo de aliso verde cravado em terra, insistiu em recolher lenha para o fogo e erva seca para o cavalo.

—Minha senhora suja as luvas — disse Ruck em tom de desaprovação quando a viu pôr punhados de erva ante o focinho de Hawk— Rogo-lhe alteza, que tome assento, se não for uma grande moléstia para você.

O corcel se endireitou ante o oferecimento de Melanthe, levantou a cabeça e lhe deu um golpe no ombro. A dama se desequilibrou com o forte empurrão e sacudiu as fibras de erva que se aderiam às luvas.

—O cavalo tem que comer.

—Está preso com uma cadeia e pode afastar-se até uma distância curta para encontrar a mesma forragem que você traz minha senhora.

Hawk já tinha baixado a cabeça e começava a farejar e arrancar os tenros brotos brancos invernais que cresciam em torno de um montículo de areia. Melanthe olhou o cavalo.

—Ah — disse como se uma ideia tão nova jamais lhe tivesse ocorrido.

—Sua alteza também tem que comer — disse Ruck— Se tiver a bem se sentar, eu a atenderei.

Abriu a mão para indicar o lugar onde tinha preparado um assento com sua cadeira e umas peles, ao resguardo da fumaça da fogueira. Aquela era a terceira vez que fazia a mesma petição, mas com algum esforço conseguiu que não lhe alterasse a voz.

Melanthe lhe sorriu com a luz dourada iluminando o rosto.

—Eu não desejo sua assistência, valoroso cavalheiro, mas te rogo que me conceda o prazer de sua companhia à mesa.

Ruck inclinou a cabeça com rigidez.

—Não seria uma grande honra para você jantar com seu servente. Tome assento se a agradar.

—Sentar-me-ei se o faz você.

Ruck manteve sua postura.

—Não considero que seja o adequado minha senhora.

Melanthe apertou os lábios com teima. Inclinou-se e começou a puxar a erva e a juntar mais em suas mãos. A areia se pegou a borda úmida de sua capa e de sua saia. Suas luvas brancas se mancharam de verde. Levou a forragem a Hawk e, continuando, agarrou um pau do montão de lenha. Jogou-o no fogo e escolheu outro, tentando romper um ramo que era muito grosso para ela.

—Me... Sentar-me-ei! —Ruck cruzou as pernas e se deixou cair ao chão.

Aquela nova mania dela, aquela forma de atuar como se não tivesse muita mais categoria que ele, incomodava-o e o confundia. Em lugar de lhe provocar lágrimas e terror como a qualquer outra mulher, o perigo parecia voltá-la insensata.

Quando deixou o pau e tomou assento a seu lado, Ruck se arrependeu de sua capitulação, já que ela fez caso omissso da cadeira de montar e se situou muito mais perto, tanto que seus joelhos dobrados quase roçavam os de Ruck. A capa sim que o roçava, e um de seus extremos de arminho, agora empapado, caía caprichosamente sobre a meia que lhe cobria o joelho.

—Minha senhora dispus um assento mais apropriado para você — protestou Ruck.

—A areia é suficientemente branda. —Melanthe agarrou a faca— Vamos, conferenciaremos entre nós. Suplico isso, o que outra coisa melhor poderíamos fazer?

—Caçar dragões, imagino — murmurou Ruck— Aonde se não poderíamos nos dirigir, se sua alteza se empenhar em recolher forragem e sentar-se no chão como se fosse a esposa de um servo?

Melanthe lhe alargou a metade de uma laranja.

—Está bem, caçaremos dragões de fogo, por que não?

—Porque eu não estou louco, por muito que você sim o esteja — disse Ruck. Mordeu a laranja sem pensar, mas a seguir se deu conta de que ela não estava nem sequer servida. Afastou a fruta rapidamente, horrorizado de si mesmo e furioso com ela por havê-lo impulsionado a fazê-lo ao não prestar a menor atenção a sua falta de cortesia.

Melanthe cortou a laranja e ofereceu o resto da fruta como se esperasse que Ruck comesse antes que ela.

Ele se negou a fazê-lo, e ficou imóvel com o alimento na mão, à espera.

—Me diga, cavalheiro, está ao meu mando?

—Pertença-lhe por direito, senhora — respondeu ele rapidamente— para o bom e para o mau.

Melanthe sorriu.

—Isto é mau.

—Qual é sua vontade?

—Que coma até que te sacie e que me deixe o resto, porque é meu desejo que não desfaleça de fome neste inóspito lugar. Sem dúvida te desabaria justo no momento que um dragão se equilibrasse sobre nós, o que seria muito inoportuno, já que eu não domino a arte da espada.

Ruck deu voltas à laranja que tinha na mão.

—Convenho com minha senhora que não é nenhum espadachim — deixou de novo a fruta sobre a toalha— mas tampouco considero muito oportuno que seja minha dama a que sofra um desmaio, e que eu me veja obrigado a levá-la em braços.

—Para alguém que assegura ser meu servidor — lhe roubou a laranja— é mais obstinado que uma mula.

Os brancos dentes de Melanthe se fincaram na fruta. A comeu inteira. Enquanto ele a observava, deu conta de uma segunda e cortou a terceira, comeu a metade e por cima do ombro atirou o resto, que fez ruído ao cair à água e afundar-se nas profundidades do rio. A seguir ficou a mastigar amêndoas até dar conta delas. Provou o doce de açúcar, fez uma careta e enterrou o resto na areia.

Ruck baixou o olhar à toalha vazia. Comeu ou tinha destruído tudo.

—Se o que deseja é ter uma princesa consentida, isso é o que vai conseguir cavalheiro. Eu sou perita nessas artes.

Ruck não disse nada. Olhou com gesto anti-social o arvoredor cada vez mais escuro que bordeava a borda.

—Se o que deseja for uma companheira de mente sensata — continuou Melanthe— reserva sua entristecedora indulgência para quando te encontrar na corte. Está em suas mãos escolher.

Ruck olhou por cima do ombro para as sombras do crepúsculo que cobriam o lugar onde ela tinha jogado a laranja.

—Senhora serei sincero com você. Ainda não me deste nenhuma prova de que tenha sentido comum.

Ao ouvir aquelas palavras, Melanthe tragou saliva. Ele esperava uma explosão de ira, mas em seu lugar o silêncio se expandiu entre eles. A escuridão era já tão grande que quão único ele distinguia era a forma de seu rosto, não o contorno.

Uma suave gargalhada o surpreendeu.

—Sim, imagino que assim é — murmurou ela— Pobre cavalheiro, deve te sentir horrorizado de ter que me proteger neste deserto.

A Ruck não ocorreu uma resposta que combinasse a verdade e a cortesia, e se limitou a dizer:

—Jurei-lhe homenagem, minha senhora.

—E tampouco concebo como ocorreu tal coisa, mas de verdade... Acredita que minha fortuna é maior do que mereço. —Soltou uma leve exclamação de arrependimento— E como te correspondo? Deixando-te faminto por um ataque de ira. Sinto-o seriamente.

Ruck franziu o cenho. Recolheu o pau que ela tinha atirado ao chão e o partiu em dois.

—Não lhe dou nenhuma importância, senhora.

—Amanhã, se Gryngolet caçar um pato, é teu.

—Me produz menos preocupação meu estômago que sua segurança. —Com os paus entre os punhos, baixou o olhar até eles— Estamos muito afastados do caminho que conduz às terras de minha senhora, ou de qualquer albergue do que eu tenha conhecimento após minhas aventuras por este território. Está quase abandonado da Grande Mortandade, sem almas suficientes para impedir o avanço da malesa. —Titubeou, e a seguir voltou a partir os paus sobre o joelho e lançou as partes à

fogueira— De lugares fortificados, o único que existe é Lierpool, se é que fica alguma alma viva ali. Para ser sincero alteza, temo mais à pestilência que a qualquer deserto.

—Allegreto me disse que é invulnerável a ela.

—Sim, sou-o. —Ruck elevou o olhar— Pode minha senhora afirmar o mesmo?

A escuridão já era total. A luz das chamas se refletia na curva do rosto de Melanthe, e ocultava suas pestanas.

—Mas você me protegerá — disse ela com doçura— eu deposito em ti toda minha confiança.

—Faria melhor em depositá-la nos intuitos de Deus, minha senhora — replicou Ruck em tom brusco.

Melanthe sorriu, a pele rosada pelo fogo, o cabelo uma sombra escura.

—E me diga santarrão, que outra coisa é você a não ser uma parte dos intuitos de Deus?

Ruck se sentia algo menos um santarrão; ali sentado a seu lado, todo rastro de reserva respeitável entre eles se fez pedacinhos. Parecia-lhe que os intuitos de Deus para ele eram lhe fazer viver uma existência de tentações, e a metade delas se condensavam naquele momento, quando com um leve movimento teria podido tocá-la.

—Pode ser que eu também forme parte do esquema divino — refletiu Melanthe— embora o certo seja que não desprendo muito aroma de santidade.

Ruck afastou o rosto da luz das chamas, incapaz de mostrar seu desconforto ante aquelas palavras, sequer por cortesia.

—Bom, eu dotei de recursos uma abadia, mas deixemos que esse seja um segredo entre nós — disse ela, como se Ruck tivesse assentido a viva voz— As monjas têm escrito um relato eloquente de minha fé e minhas boas obras. Não queiramos jogar dúvidas sobre um documento tão adulator.

Ele tratou de pensar em seu estômago vazio, que estava assim por causa da perversidade de sua dama, e ao não consegui-lo, no perigo que ela representava para sua alma. Tratou de desejar que se separasse dele, mas em seu lugar não pôde deixar de

olhá-la, de olhar qualquer parte dela que ficasse à vista enquanto voltava o rosto, embora só fosse a borda de arminho de sua capa.

Com a extremidade do olho viu que bocejava com força. O arminho se separou de seu joelho quando ela se amassou na capa.

—Estou esgotada — murmurou, e se reclinou sobre o assento coberto de peles que lhe tinha disposto.

—Prepararei um leito para você, alteza — disse ele, mas não se levantou incapaz de se afastar do feitiço de sua cercania. Também ele estava exausto, e faminto. E quando ela fechou os olhos, o queixo apoiado nas dobras da capa, teve ocasião de contemplá-la sem que se desse conta.

—Você também tem que se sentir do mais sonolento, cavalheiro — murmurou Melanthe— é meu turno de permanecer acordada.

—Não — disse Ruck com voz suave— Eu a guardarei, senhora.

Um leve sorriso curvou os lábios de Melanthe, que exalou um longo e profundo suspiro.

Melanthe dormiu sem problemas sobre o duro respaldo da cadeira de montar, como se jamais tivesse descansado entre plumas e sedas. Foi vagamente consciente de haver despertado na escuridão e de que o cavalheiro a agasalhava com as peles e colocava uma almofada mais branda sob sua cabeça. Soube que era ele pelo ligeiro som metálico de sua armadura e o aroma de laranja, couro e metal quando lhe pôs algo suave sob a bochecha. Ruck pensou com vaporoso carinho, e se sentiu satisfeita e segura.

—Mil obrigados — disse, mas se ele a ouviu, não respondeu.

Durante uns instantes o viu através de seus pesados olhos, abaixou a seu lado, um joelho afundado na areia e a luz das chamas iluminando a curva de suas meias.

«Você me guardará»... Sonhou com a escura silhueta dele ao seu lado durante toda a noite, e dormiu profundamente no meio do páramo.

Despertou sem sobressalto, nem temor. O primeiro que viu foi Gryngolet, e a seguir a seu cavalheiro que, agachado na borda do rio com o torso nu, estava lavando o rosto com água. De costas a ela, estremeceu de frio como um cão molhado e sacudiu as gotas

dos dedos enquanto exalava uma larga baforada de ar entre os dentes. O fôlego gelou em uma voluta curva sobre o reluzente rio e se desvaneceu no ar.

Levantou uma navalha de barbear até o rosto, e a seguir soltou uma maldição em voz baixa. Melanthe viu uma mancha de sangue de cor escarlate que deslizava até mesclar-se com a água na borda de sua bochecha.

Incorporou-se bruscamente.

—O que faz?

Ruck se sobressaltou e agarrou sua túnica, que colocou pela cabeça enquanto se voltava para ela. A malha de linho se pegava a seu peito e deixou entrever a escura forma de um amuleto que tinha pendurado. Um fio de sangue que saía do corte caía até a banda de cor vermelho alaranjado em torno de sua garganta, ali onde o suor tinha feito oxidar a malha e manchado o linho e a pele.

—Minha senhora... Suplico que me perdoe... Acreditava que estava adormecida e alheia a tudo.

Melanthe esquadrinhou o céu e se surpreendeu ao ver a altura do sol.

—Quanto dormi!

Ruck deu a volta e agarrou a armadura e o espartilho.

—Retirar-me-ei imediatamente, minha senhora, e prepararei o cavalo.

Melanthe se deu conta de que estava oferecendo um momento de intimidade respeitosa. Ao dar a volta e afastar-se, enxugou o corte da mandíbula e deixou as marcas ensanguentadas dos dedos na borda de sua camisa de linho.

—Pelo que verdadeiramente tem necessidade, sir Ruck— murmurou Melanthe de debaixo das peles— é de uma esposa limpa e honrada que te queira. —Sorriu e se aconchegou sob a cálida coberta— Eu vou me encarregar de lhe encontrar uma.

Do rio lhe chegou à distante troca entre patos e gansos. Tirou o nariz de debaixo das peles e agradeceu o gélido ar da manhã que fez que aquele momento adquirisse realidade, que fosse um despertar à vida depois de um profundo pesadelo. Aquilo era tangível, a manhã fria, o rio e o arvoredo, a areia enlameada, a pequena chama fumegante em meio de um círculo de cinza, as retorcidas cascas de laranja sobre a

toalha estendida no chão. Ali não tinha criados dos que desconfiar, nem Allegreto, nem finas adagas, nem veneno, nem Navona, Reata ou Monteverde. Só tinha perto a seu cavaleiro para protegê-la do perigo.

Agasalhada por aquela cálida sensação de segurança voltou a cobrir o nariz com a pele e fechou os olhos. Seu corpo relaxou naquele brando refúgio. Deixou-se levar, meio em sonhos, por aquele rio silencioso que lhe proporcionava segurança.

Ruck colocou a armadura, deu de beber a Hawk, comprovou o estado dos cascos do cavalo e as patas. Tomou seu tempo; bocejou e se entreteve em sua tarefa até estar seguro de que não poderia envergonhar a nenhum dos dois se retornava enquanto ela estava ainda na metade de seu asseio.

Enquanto levava o cavalo de volta, assegurou-se de que ambos fizessem ruído e que os juncos mortos ransassem a seu passo. Chamou-a com voz suave, já que não queria anunciar muito sua presença, nem aos bandidos, nem aos enormes bandos de patos que flutuavam na água e procuravam alimento perto da borda. Estava ansioso por pôr fim a seu jejum.

No banco de areia onde tinham acampado entre a água e o bosque de alisos não havia rastro dela. Uma faísca de alarme se acendeu em seu interior. Solto as rédeas de Hawk e se aproximou veloz.

Quando tomava fôlego para gritar seu nome, baixou o olhar e ficou imóvel a meio passo do lugar onde ela jazia ainda, envolta em peles e rodeada de almofadas.

Olhou-a incrédulo. Voltou a dormir! Ali, naquele lugar desolado, sobre uma cadeira de montar, como se não corresse o perigo de que a qualquer momento os atacassem seres humanos ou irracionais.

Tomou assento em um montículo. Jamais na vida tinha conhecido um homem ou uma mulher capaz de dormir tanto como a princesa Melanthe.

Apoiou a mandíbula nos punhos e esperou. Quando as sombras começaram a cortar-se, os patos tomaram voo: ao princípio unas quantos casais, depois grupos e ao final a banda inteira, como se fossem a uma chamada distante e silenciosa. O bater das asas ressonou sobre a água, como uma tormenta de plumas. O falcão se ergueu ansioso

primeiro sobre uma pata e depois sobre a outra, no alto da curva do cabide, mas sua ama não despertou.

Ao cabo de um bom momento, Ruck agarrou uma pedrazinha e apontou para um lugar a uns poucos pés de distância da cabeça de Melanthe. O calhau fez um ligeiro ruído ao se chocar contra a areia. Melanthe não se moveu.

O estômago de Ruck protestou. Provou com um calhau um pouco maior a uma distância menor.

Melanthe sonhou que estava começando a chover. Ouviu que caíam gotas isoladas e sentiu o impacto sobre as peles que a cobriam. Uma gota lhe deu um golpe no cabelo e a arrancou de seu torpor.

Incorporou-se, procurou o capuz para cobrir a cabeça e olhou ao seu redor em busca de proteção.

Sobre um montículo de erva a curta distância de onde ela se encontrava, viu que seu cavalheiro ocultava rapidamente a mão. Estava completamente vestido e coberto pela armadura; ficou em pé e lhe dirigiu um olhar tão culpado como o de um menino ao ser descoberto roubando pêras no alto de uma árvore; logo fincou um joelho em terra e inclinou a cabeça em sinal de respeito.

No frio céu não havia nenhuma nuvem. As dobras curtidas das peles que a protegiam estavam cobertas de diminutos calhaus, como se tivesse chovido pedras.

—Velhaco! —exclamou, rindo do atrevimento— É que pensava te ocultar atrás dessa reverencia total? —Afastou as peles e agarrou um punhado de areia que lhe lançou.

Ruck se tornou para trás e levantou o braço para proteger-se daquele toró. Melanthe se ajoelhou e escavou no chão com ambas as mãos. Sua segunda tentativa deu de pleno sobre ele e o obrigou a baixar a cabeça. Melanthe aproveitou sua vantagem, entre risadas e gritos, e levantou com as mãos uma nuvem de areia enquanto ele tentava levantar-se e afastar-se, com os braços elevados para proteger-se. Dificultado pela armadura, se desequilibrou sobre as esporas e caiu sentado com um grunhido de surpresa.

Ela lançou um grito de vitória e tentou ficar em pé para lançar sobre ele uma saraivada triunfante com ambas as mãos. Enredou-se os pés na capa e caiu para diante, perdendo o equilíbrio e pisando na capa com os pés enquanto cambaleava sem remissão. Solto à areia e caiu sobre ele com um grito de alegria, com areia na boca e na palma das mãos, e se golpeou contra o duro metal. O impacto derrubou Ruck sobre o montículo, onde caíram um sobre o outro.

O golpe cortou a respiração de Melanthe. Piscou os olhos até abri-los e se apoiou nos ombros dele para levantar-se.

Nos olhos do cavaleiro se via um olhar de autêntica consternação; seu rosto estava muito próximo ao dela. Não havia nem rastro de humor em resposta à alegria dela. Estava completamente imóvel sob suas mãos.

Melanthe sentiu como seu peito se elevava e descia ao respirar debaixo dela. Tinha a bochecha e as sobrancelhas salpicadas de suja areia. Seus olhos verdes, tão perto, negavam-se a vê-la. Olhava ao longe e apertava os lábios, como se ela fosse um inimigo decidido a acabar com sua vida.

Uma imensa sensação de abandono se apoderou de Melanthe. Naquela paragem solitária podia fazer o que quisesse; não tinha que mentir...

Inclinou-se e o beijou na boca, com a ferocidade de Gryngolet, inconsciente e violenta como Allegreto em pleno ataque de fúria, impondo sua vontade pela força. Ruck deixou escapar um som desesperado e tratou de afastar-se; mas o seguiu, depositou todo o peso de seu corpo sobre a rígida curva do peitilho sob a túnica e deslizou as mãos até sua cabeça.

Ele respirava com dificuldade em sua boca, beijava-a e se afastava de uma vez, em uma tentativa de opor resistência a sua própria ação. Poderia haver se liberado dela com tão só uma força mínima, mas Melanthe só teve que segurá-lo com os dedos sobre seu cabelo.

Suavizou o roce e seus lábios o acariciaram leves como plumas, onde tão só um minuto antes o tinham apertado com rudeza, e exploraram sua mandíbula, saboreando

areia, pó e um ligeiro gosto a sangue oxidado. Ruck estava totalmente rígido, imobilizado pela tensão.

Melanthe se tornou um pouco para trás. A boca dele estava tensa. Seus olhos brilhavam úmidos, as negras pestanas estavam pegas entre si. Levantou a mão e lhe afastou o capuz. Acariciou-lhe o cabelo com suavidade, apertou-o com o punho e o soltou.

—Suplico-lhe — disse do mais profundo de sua garganta e fechou os olhos— Suplico-lhe senhora. Quero uma trégua.

—Façamos um trato — disse ela— Beije-me... E te deixarei ir.

—Não. —Ruck umedeceu os lábios— Eu não posso jogar a esses jogos cortesãos. — Mantinha o olhar separado dela— Não posso senhora, pelo amor de Deus.

—Por que, santarrão? Porque está ao meu serviço? Um beijo. Ordeno-lhe isso.

—Um! —Ruck soltou uma risada amarga e voltou a recostar a cabeça. Apertou os olhos com força e mostrou os dentes como um homem em pleno sofrimento. Uma gota deslizou por suas pestanas e desceu pela têmpora— Mate-me neste momento, minha senhora, e deixe que queime no inferno, assim me faria um favor muito maior.

Melanthe se separou dele e tomou assento. Imediatamente, Ruck rodou pelo chão e ficou de pé. Sem olhar para ela, aproximou-se das peles e tirou sua cadeira de montar de debaixo. Carregou-a sobre os ombros e a levou para o cavalo.

Melanthe olhou suas palmas das mãos. Havia areia pega a elas, a mesma areia que tinha enchido sua língua com o sabor dele e desenhado toscos arcos sobre a parte de trás de sua túnica ali onde ele tinha estado apertado contra o chão.

O rubor lhe fez arder o rosto.

Lançar-lhe areia, apertar sua boca contra a dele como se pudesse converter-se em sua parte ao fazê-lo, impor-se a semelhante estupidez de sua parte a deixou horrorizada.

A paisagem ao seu redor de repente lhe pareceu estranha, e sua própria pessoa ainda mais.

Tinha sido consciente de que ele a desejava. Centenas de homens a tinham desejado e ela tinha brincado com eles elegantemente. Havia ouvido doces galanterias que elogiavam sua beleza, elogiavam seu cabelo, mostravam adoração por seus lábios e comparavam seus olhos com estrelas e pedras preciosas. Haviam-na coberto de todo tipo de presentes e objetos, e a tinham ameaçado pondo fim a suas vidas se lhes retirava seus favores. Ela jogava, sorria, recusava e os atava a ela com uma correia de veludo.

Mas não se atrevia a olhar-se ao espelho; nunca tinha estado completamente segura de ser de verdade tão tentadora por si mesma, a não ser só como um símbolo irresistível de seu poder e sua posição.

E não tinha sabido que ela também o desejava.

Até agora, que se olhou em seu rosto, outro tipo distinto de espelho e pensou que todo o anterior não tinha sido a não ser uma mera sombra daquele desejo.

Ficou em pé, tremente e cheia de vergonha. Ele não a olhou; seguiu concentrado em sua tarefa com séria concentração, como se o absorvesse tanto que o impedisse de pensar.

Melanthe sacudiu a areia da capa e se afastou em direção aos altos juncos e a necessária intimidade.

Ruck ficou quieto ao ouvi-la partir, abaixou-se sobre as suaves peles nas que ela tinha dormido, e inclinou a cabeça.

Parecia que sua alma estivesse a ponto de saltar feita pedaços em seu interior. Com aquela risada dela, ela tinha feito em pedacinhos sua couraça. Tinha jazido sobre ele, inconsciente como um menino... Imprudente como uma rameira.

Levou a mão ao ponto da mandíbula que ela havia tocado, deslizou o punho pelos lugares de sua pele que sua boca tinha acariciado e depois fixou o olhar em seus nódulos.

Enquanto ela se manteve distante e desdenhosa, tinha estado a salvo. Seus caprichos e sua arrogância eram uma defesa para ele; sua posição era um muro entre eles inclusive naquele deserto, e quando se sentia débil, não tinha mais que recordar que não lhe agradavam os homens vulgares e rudes.

Mas nada poderia salvá-lo se ela o enfeitiçava com aquela risada. Ali era onde residia seu poder, pensou, e não em amuletos nem em encantamentos. Riu ante Lancaster e tinha feito ficar de joelhos o filho de um rei; riu agora e Ruck estava perdido, impotente como uma das bestas de Cerque.

E estava desejoso de que se produzisse sua queda. O mal-estar que sentia no estômago não era nada comparado com a tensão da espera, com a intensa dor do apetite amoroso. Uma lança que lhe atravessasse o corpo não significava nada ante aquilo.

Fechou os olhos. Tinha jurado fidelidade à filha do Diabo. Treze anos, número de mau agouro, e tinha voltado para por ele.

Capítulo 10

Tinha que alimentar ao falcão. Não foi necessário expressá-lo com palavras. Todas as pedras preciosas das manoplas da princesa e do chamariz, todos os livros que tinham ficado atrás em suas arcas, todas suas peles e vestidos bordados com pérolas não valiam o preço da ave de rapina. O estômago vazio de Ruck, a questão de onde havia um lugar seguro para eles, a consciência de seus sentimentos e a situação violenta criada entre ambos, tudo aquilo diminuía em importância ante a necessidade primitiva de cuidar do falcão.

O pássaro levava dois dias sem comer; estava em condições de elevar voo, inquieto, e demonstrava estar preparado para a caça com as plumas arrepiadas e as garras em contínuo movimento. Ruck guardava a esperança de que ficassem restos uma vez o falcão tivesse recebido sua recompensa, embora a essas alturas pensasse que também a princesa já tinha que estar de novo faminta. Esperou em silêncio enquanto ela preparava as coisas, trocava as correntes e comprovava a correia e o capuz.

Os enormes bandos que tinham passado tão perto com as primeiras luzes da alvorada se desvaneceram, exceto alguma ave atrasada. Apesar do domínio que ela tinha do chamariz do falcão, Ruck não estava seguro de qual seria sua perícia quando se tratava de conseguir comida de verdade. Aquela indolência que mostrava pelas manhãs não prometia grande experiência nem habilidade, além da que é normal nas damas com os arcos e a caça do cervo. Mas ele não era nenhum falcoeiro perito. Ao pensar na situação em que se encontravam junto ao largo estuário, assaltaram-no muitas dúvidas. Parecia-lhe que teria que afastar às aves da borda, e que indevidamente o ataque teria que fazer-se sobre a água.

Uma vez, encontrava-se em um pátio quando Lancaster e seu irmão o príncipe retornaram depois de um dia de lançar uma vintena de falcões bem treinados à caça de grouse e garças. Entre aquele grupo grande e cheio de cor tinha visto criados jorrando, cortesãos molhados, cães empapados, e muito bom humor ao ter tão perto o castelo e um fogo para esquentar-se.

Aqui não contavam com criados nem cães para recuperar a presa se lhe caía ao falcão do alto. E ao ser o único cortesão ali presente, Ruck pensou que seria extremamente afortunado se não se via obrigado a nadar.

Ao melhor ela tinha artes mágicas com as que encantar à presa. Aparentava ter confiança suficiente enquanto ia sorteando juncos e bosques diante dele com o falcão nas mãos. O embornal da ave pendurava de seu ombro e as pedras brilhavam sob sua capa ao abrir-se, de maneira que parecia uma Valquíria que tinha saído de sonhos antigos, uma silenciosa donzela que se encaminha à batalha. Ruck se movia em silêncio atrás dela. Tirou as esporas e se despojou da cota de malha e a couraça para não fazer ruído; unicamente levava o gibão de couro e a espada.

Ao chegar a um banco coberto de matagais, ela se deteve e olhou além de um denso grupo de alisos sem folhas. Ruck viu um casal de patos que flutuava a uns cinquenta pés da borda. O que não vislumbrou foi o modo de fazer que elevassem voo na direção adequada.

—Esses servirão — murmurou Melanthe em voz tão baixa que apenas a ouviu, e o olhou de esguelha— Vá até aqueles juncos lá ao longe e espera meu sinal. Desta vez não esperaremos que Gryngolet suba tão alto.

Ruck estudou o arbusto de juncos e procurou a maneira de chegar sigilosamente até eles.

—Que sinal?

—A chamada de um melro.

—Senhora... —esquadrinhou através dos ramos e sussurrou aquelas palavras com tanta suavidade que apenas se distinguiram do som de sua própria respiração— têm algum feitiço para dirigi-los?

O olhar dela foi tão desaprovador que se sentiu mortificado e acrescentou a toda pressa:

—Se me visse obrigado a nadar, poderia me afundar ou me sentir mal e deixar a minha dama desprotegida.

Os olhos de cor violeta o olharam de tal forma que teve a impressão de que o perfuravam.

—Ou poderia molhar-se! —disse ela com brincadeira.

Não lhe pareceu que aquilo tivesse graça alguma e murmurou com tensão:

—Os objetos que visto são quanto tenho minha senhora.

Melanthe fez uma careta com os lábios.

—Pois eu não olharei quando te despir se por acaso te causa desgosto, santarrão.

Tinha menos recato que um arminho. Ruck apertou a mandíbula e sentiu o comichão da vergonha, ou o que era ainda pior, notou a reação instantânea de seu corpo ante aquelas palavras. Inclusive ela pareceu notá-lo e afastou bruscamente o olhar dele.

Assinalou com um gesto uma fileira de calhaus e pedras que havia em meio da areia.

—Em nosso pequeno grupo você é o perito em atirar pedras. Joga uma para que caia atrás dos patos, pode ser que assim venham para nós.

Ruck pensou que até um pequeno amuleto resultaria mais eficaz que aquilo.

—Senhora... Só um pouco de magia natural. Um pouco. Deus nos perdoará isso.

Melanthe arqueou suas finas sobrancelhas.

—Tenho a impressão de que só te comporta como um santarrão quando te convém.

—Eu não sou nenhum santo — murmurou Ruck, que tinha se cansado do qualificativo.

—Como eu não sou nenhuma bruxa. —Olhou-o fixamente com olhos impassíveis— Estou esperando a que esteja preparado.

Ruck apertou a mandíbula, abaixado sobre a areia e agarrou um par de calhaus redondos e pesados que lhe encheram a mão, capazes de produzir uma grande salpicadura. Com o corpo agachado, afastou-se do bosque e se introduziu entre os juncos, que afastou devagar à medida que passava. Seus pés se afundaram na areia enlameada; teve que levantar um e depois o outro para evitar fazer ruído. A água fria começou a filtrar-se rapidamente em suas botas.

Melanthe compreendia em seu interior o desagrado que a Ruck produzia meter-se nas frias águas do rio, mas antes teria se asfixiado com um cilício que dizê-lo em voz alta. Ela não contava com outra magia que sua inteligência e a de Gryngolet para contentar Ruck. O falcão tinha experiência suficiente para esperar até que sua presa estivesse terra adentro antes de lançar-se ao ataque. Os patos, entretanto, com toda probabilidade seguiriam na direção do vento que soprava ao largo do rio e, se eram precavidos e sábios, voariam a seu compasso, sem abandonar em nenhum momento o amparo da água debaixo deles. A deusa Fortuna tinha posto ao seu alcance patos, aves de grande tamanho que confiavam em sua envergadura e velocidade, mas deviam esperar que escolhessem sobrevoar terra firme para escapar. Em tal caso, estariam à mercê de Gryngolet, já que em pleno voo aquela ave era capaz de superar a qualquer outra sob os céus de Deus.

Resultava impossível adivinhar nesse caso a que distância se produziria o ataque. Em circunstâncias normais, com uma partida de caça bem provida de falcoeiros, batedores, criados e sabujos, seguir ao falcão campo a fora era do mais prazeroso. Mas nesse caso se tratava de um esporte; a caça propriamente dita despertava menos admiração que o elegante voo do falcão e seu valor. Agora a caça era de verdade. Gryngolet tinha que ser

veloz ou ficariam sem jantar e pode ser que inclusive também sem falcão, se afastava-se muito da vista e do som do chamariz.

Melanthe dividiu sua atenção entre os patos, que seguiam placidamente procurando alimento longe da borda, e o leve ondular dos juncos que assinalava o passo do cavalheiro. Era um momento muito delicado: se esperava muito, os patos poderiam partir e perder-se antes que o falcão estivesse preparado, mas se tirava o capuz de Gryngolet e a soltava muito cedo, o falcão, nervoso e faminto, poderia perder a paciência enquanto esperava que pusessem a presa a seu alcance para empreender a caçada.

Os juncos tinham deixado de balançar-se. Melanthe viu que o pato macho olhava alarmado para a borda e começava a chapinhar para afastar-se. Segurou com os dentes a fatia de Gryngolet e levantou o capuz. Elevou um pouco o braço de cara ao vento e, com delicadeza, arrancou o capuz agarrando-o pelo penacho de plumas verdes.

O falcão gerifalte começou a mover-se lentamente, cavou as asas e cessou de emitir som algum. Melanthe não afastou a vista dos patos, mas com a extremidade do olho viu que Gryngolet esquadrihava o horizonte, apertava as plumas e se movia de novo. Melanthe abriu a manopla e soltou as correntes.

Gryngolet desdobrou as asas e se elevou no ar.

Os patos começaram a nadar mais depressa. Logo estariam fora do alcance das pedras e os gritos; já estavam o bastante afastados da borda para sentir mais temor pelo que ali tinha, que pela morte branca que se abatia sobre eles. Melanthe olhou para cima, viu que Gryngolet descrevia um amplo círculo e retrocedia uns quantos centímetros de pés. Nesse momento, emitiu um assobio baixo imitando o canto do melro.

O cavalheiro tinha que haver ficado imediatamente em movimento com gritos e dramalhões, deveria ter jogado pedras ou feito qualquer outra manobra que assustasse aos patos e lhes fizesse empreender o voo.

—Agora! —murmurou Melanthe.

Em lugar do estardalhaço, só se produziu uma silenciosa e suave ondulação dos juncos, em paralelo à borda até chegar justo diante de onde ela se encontrava e ficar oculto a sua vista no bosque, depois do vigamento de ramos e caules.

—Por Deus bendito! —exclamou ela entre dentes, e voltou a assobiar.

Gryngolet descrevia preguiçosos círculos; descia empurrada pelo vento enquanto seguia à espera e perdia sua posição. Os patos seguiam nadando e se afastavam cada vez mais. Melanthe emitiu um leve gemido de consternação e baixou a mão até o chamariz que tinha enganchado ao cinturão, disposta a chamar o falcão antes que se perdesse na distância.

Houve um forte bater de asas entre os juncos. Como se fosse um enorme fantasma, uma garça cinza, o rei da caça fluvial, elevou-se no ar com um chiado; atrás apareceu o cavaleiro gritando e movendo os braços enquanto o pássaro avançava com estupidez ao longo da fileira de juncos e corria com as asas desdobradas tentando retornar à proteção da espessura. O cavaleiro jogou para trás o braço, lançou a primeira pedra e atrás dela, com um potente movimento, a segunda; a garça elevou voo e subiu ao céu descrevendo enormes círculos.

Gryngolet reagiu ante a provocação; imediatamente começou a desenhar uma espiral paralela. Durante o tempo que demorou o coração de Melanthe começou a dar cem pulsados, ambos os pássaros voaram em círculo para conseguir vantagem e descreveram arcos sobre a borda e depois de novo sobre o rio enquanto giravam para cima, com Gryngolet sempre por diante, superando à desesperada garça, subindo cada vez mais alto.

De repente, o gerifalte pareceu desabar quando girou e caiu em picado sobre sua presa, impulsionado por três poderosos golpes das asas. Golpeou contra a garça como um raio; voltou a ascender e se lançou sobre um atrevido pato que tinha elevado voo antes que Melanthe houvesse sequer se dado conta; continuando, voltou a subir e se equilibrou de cabeça sobre um segundo pato, quando aquele tratava de desaparecer no horizonte. Quando chocaram se ouviu um ruído como de duas pedras ao encontrar-se, e o pato explodiu entre um redemoinho de plumas.

Os dois patos caíram mortos rio dentro, mas a enorme garça cambaleou e se escorou enquanto caíam plumas a seu redor; precipitou-se entre os juncos enquanto Gryngolet a perseguia em vertiginoso voo. O falcão e sua enorme presa desapareceram em plena luta, em meio dos chiados desafiantes de Gryngolet, que se enfrentava à superioridade em tamanho e força da garça. Melanthe ouviu um forte golpe na água e saiu correndo do bosque.

Recolheu a saia, afastou juncos e ramos a um lado a cotoveladas e foi a toda velocidade ao resgate de Gryngolet. Dentre os juncos saíam agudos chiados e chapinhos. Ao ver como caíam os caules, como se uma foice os segasse, perdeu a esperança de que o falcão sobrevivesse a um combate tão desigual.

—Aqui, aqui, falcão! —gritou para que Gryngolet voltasse para ela, como se assim pudesse salvá-la.

Tropeçou com as ponteiros bicudas de suas botas e escorregou no espesso barro. Voltou a levantar-se e tentou pôr-se a correr, sem prestar atenção à água que lhe entrava pelos tornozelos. Os juncos frente a ela se moviam com um violento compasso. De repente cessou o chapinho e houve um instante de silêncio que lhe parou o coração. Depois Gryngolet voltou a chiar com amalucado frenesi. Melanthe afastou os juncos e se encontrou com o campo de batalha.

O falcão gerifalte tinha as asas desdobradas e pegava chiados encarapitados sobre a garça sem vida. O cavaleiro estava estendido quão comprido era na água, com um braço sobre a garça e com o pescoço quebrado da ave no punho.

A Gryngolet tinha parecido as garras no cotovelo e o tinha agarrado entre gritos de indignação; uma garra cravada em sua presa e a outra naquele braço coberto de couro como se quisesse afastá-lo. Ruck tinha o rosto oculto, escondido atrás do outro braço enquanto soltava maldições com gritos em surdina em resposta aos chiados do falcão.

Melanthe cobriu a boca com a mão e afogou o irreprimível desejo de tornar-se a rir.

—Levante-se — disse com voz não muito firme— Afaste-se de seu jantar e te deixará partir.

Com lentidão, ocultando o rosto, Ruck ficou de joelhos enquanto o falcão continuava com seus chiados. A água que caía por diante molhou ao falcão, o que provocou que ficasse um minuto em silêncio. A seguir bateu as asas com ferocidade e se lançou sobre ele ao ataque com ambas as garras. Ruck se ergueu com a ave pendurada cabeça abaixo de seu cotovelo; chiava e batia as asas como se se tornasse louca. Melanthe apertou os dedos com força sobre a boca para conter-se e reprimiu sua hilaridade com firmeza.

O cavaleiro lhe dirigiu um olhar tão malévolo como a ira do falcão. Parecia saber que não havia nada a fazer até que o falcão decidisse a soltá-lo, coisa que fez com surpreendente prontidão para lançar-se sobre seu botim com um delicado bater de asas. Voltou a colocar-se com as asas desdobradas sobre o corpo sem vida da garça e olhou com suspicacia ao cavaleiro.

Ruck se afastou imediatamente, abriu caminho entre os juncos e se afastou sem pronunciar palavra. Melanthe tirou a faca do cinturão e levantou a saia. Sem fazer ruído introduziu a mão na água fria para levantar o pescoço da garça e cortá-lo de um talho. Gryngolet, recuperadas suas maneiras, aceitou o gesto como algo merecido, e subiu à manopla de Melanthe como se de uma dama se tratasse.

Enquanto o falcão estava ocupado arrancando plumas e pele, Melanthe se ergueu e arrastou à garça pelas patas. Era a maior que tinha visto, e pesava como uma pedra enquanto a puxava para a borda.

Uma vez ali a despedaçou e deu a Gryngolet o coração e o tutano. O falcão comeu com apetite; depois se deteve e desdobrou as asas de novo com cobiça sobre os restos da garça enquanto cravava os olhos atrás de sua ama.

Melanthe deu a volta. O cavaleiro avançava descalço entre os juncos, empapado, coberto tão só pela túnica de linho que se amoldava a ele tão perfeitamente que parecia que não levava nada. Cada um de seus músculos se marcava ao caminhar, cada característica, as costelas e o torso, a cintura, as musculosas panturrilhas e as coxas, tensas e duras como pedras. Seus ombros molhados estavam reluzentes, largos e retos sob as pontas molhadas das negras mechas alvoroçadas.

Melanthe estava acostumada a que os homens diminuíssem um terço de seu tamanho ao tirar a armadura, mas Ruck parecia quase maior, erguido sobre ela enquanto se ajoelhava junto a Gryngolet. Levava os patos agarrados pelo pescoço em uma mão, a espada e o gibão enrolado sob o outro braço. A pequena bolsa com o amuleto pendurava do pulso, com o couro escurecido pela água. A expressão de seu rosto não era muito alegre.

Atirou os patos junto a ela e ficou ali, gotejando água. Melanthe olhou seus pés nus, cobertos de barro, e viu que um estremecimento lhe percorria todo o corpo. Elevou cautelosa o olhar.

Ruck ficou abaixado ao seu lado, seus olhos se detiveram um momento em Gryngolet, que atacava sua comida com energia renovada e dirigia frequentes olhares ao cavaleiro como se estivesse empenhado em dar boa conta dela antes que ele tivesse oportunidade de arrebatá-lo.

Um sorriso lento elevou as comissuras de seus lábios.

—Pequeno guerreiro — disse ele com aquele sorriso seu tão pouco frequente— Três em um só voo!

Melanthe o contemplou e sentiu algo em seu coração que a assustou, uma emoção contra a qual a advertiam todos seus instintos e experiência.

Baixou o olhar de seu rosto e o posou sobre o corpo, tentando afogar seus sentimentos na contemplação da sujeira que o cobria e em quão molhado estava, mas nem tão sequer isso pôs fim a aquela loucura. Era um prazer para qualquer mulher contemplá-lo, elegante e fino de corpo como era elegante um imponente cavalo, sem adornos nem arreios, impressionante por sua graça e seu músculo. se tinha se casado aos doze anos com um príncipe que lhe levava trinta, tinha vivido a vida cortesã nos salões de mais alta fila, mas até aquele momento não tinha entendido a beleza poderosa e simples de um homem empapado e coberto de barro.

Ruck parecia sentir-se cômodo, como se pensasse que a malha de linho o cobria por igual molhado que seco. Não tinha mais que baixar o olhar e ver-se para dar-se conta de seu engano, mas, sorrindo para si com lástima, Melanthe pensou que nem sequer a

evidência de seus próprios olhos serviria para convencê-lo, já que ele tinha sua fé depositada em coisas tão débeis como a honra, a cortesia e o linho, aqueles princípios com tendência a evaporar-se sob a força da realidade igual uma malha se voltava transparente com a água.

Um novo estremecimento o percorreu. Melanthe se levantou, desatou o manto e o entregou.

—Toma, cubra-se com ele. E não resista nem discuta minhas ordens! — acrescentou— Te molhou até os ossos com o frio.

Ruck ficou em pé e rodeou os ombros com a capa.

—Está bem, senhora — disse submisso.

Melanthe titubeou, e a seguir perguntou:

—Não o terá ferido Gryngolet?

Ruck lhe assinalou com o polegar o couro endurecido.

—Antes de ganhar a luta, pus-me isso como amparo. Couro bovino da melhor qualidade, capaz de vencer ao duro aço.

—Mas não de evitar um catarro — disse ela— Venha e se seque junto ao fogo, ou começará a tossir e a falar com voz rouca.

Melanthe sabia como cortar o osso da asa de uma garça para tirar o tutano, mas ignorava que a lenha verde não ardia. Tinha tirado os corações às aves, mas não sabia como as limpar sem instruções, e acabou com plumas de pato pegas ao nariz, espirrando e tratando de tirar-lhe a tapas. A necessidade de ter um espeto para poder assá-los não lhe ocorreu até ter depenado aos dois patos.

Ruck estava sentado com seu manto e o dela sobre os ombros, com os olhos entrecerrados pela fumaça da fogueira que ela tinha preparado, e oferecia conselho quando recorria a ele. Quando chegaram ao lugar de acampamento, já era incapaz de controlar seus tremores e se tinha visto obrigado a despojar do linho molhado. Enquanto estava entorpecido pela necessidade de segurar ambos os mantos rodeados ao corpo para cobrir-se, Melanthe se voltou do mais caseira, apesar de sua estupidez.

Ele duvidou que houvesse uma dona-de-casa que fosse tão inepta ao realizar alguma daquelas tarefas como o era ela.

Depois de convencer-se de que logo se cansaria de um jogo tão árduo, Ruck calou suas objeções. Mas enquanto os patos assavam em meio de uma nuvem de fumaça, queimando-se por um lado e ficando crus pelo outro, ela parecia estar do melhor dos humores. Pendurou à garça pelos pés do ramo de um aliso, sem que parecesse lhe importar que, ao ser incapaz de alcançar mais acima, o pescoço talhado da ave se arrastasse pelo chão. Agarrou outro ramo e tratou de dobrar as patas do pássaro sobre ela.

Ruck contemplou sua luta uns momentos.

—Minha senhora... —começou a dizer.

Melanthe voltou o rosto. O ramo que sustentava se partiu em sua mão e as asas da garça lhe golpearam o rosto. A ave saltou pelos ares, descreveu um arco, deu contra o ramo e caiu na areia.

Ruck manteve o rosto imperturbável, como se nem sequer se desse conta.

Melanthe exalou um suspiro e se agachou para agarrar o pássaro pelo pescoço.

—Para que esteja tenro, pensei no ter pendurado um dia ou dois.

—É uma ideia engenhosa — reconheceu ele— mas hoje iremos. Eu o atarei à bagagem.

Melanthe deixou cair à garça ao chão, como se houvesse alguém mais para recolhê-la, e foi sentar-se junto a ele. Ruck se moveu para afastá-lo mais possível sem ter que ficar de pé. Estava receoso, temia que ficasse de novo a lhe fazer amor. Não queria ser objeto de suas brincadeiras nem sentir-se tentado. Não poderia resisti-lo. Ela era uma dama rica e nobre. E provavelmente adorava divertir-se e gozar dos prazeres que os homens proporcionavam às mulheres na corte, mas Ruck jamais tinha tomado parte em tais passatempos. Era consciente de seus limites.

Quando tomou assento a seu lado, com as pernas cruzadas como um moço deu-se conta de que ela tinha sido sempre seu escudo frente à sedução. Sua autêntica dama.

—Aonde nos dirigiremos? —perguntou Melanthe, voltando os olhos para ele, uns olhos belos como as flores, uns olhos bruxos.

—A um lugar seguro.

—Como podemos saber onde estar a salvo? Até meu próprio castelo de Bowland... —Franziu o cenho— Até é possível que a peste tenha chegado ali, ou ao caminho que conduz até o lugar. Como podemos sabê-lo?

Aquela amostra de incerteza tão feminina fez que se sentisse protetor e suspicaz há um tempo. Não podia confiar em suas reações ante ela, como poderia fazê-lo se apesar de olhá-la e ver que era absolutamente normal, encontrava-a de uma beleza indescritível?

Com o cenho franzido, olhou para o chão diante dele.

—Ouvi senhora, que há gente capaz de voar de noite... Até lugares distantes, onde podem inteirar-se do que os interessa, e depois pela manhã estar de volta no mesmo lugar.

A expressão do rosto de Melanthe se alterou, voltou-se fria e dura.

—Por que me diz tais coisas?

—Porque frequentemente pensei que é uma bruxa. —Disse-o sem refugos. Estava decidido a saber se era ou não assim, inclusive se ela o matava por fazê-lo — De que outra forma poderia me haver tido segurado durante tanto tempo, e seguir fazendo-o? Se for por um encantamento, rogo a Deus que dele me libere.

Melanthe apertou os lábios. A seguir elevou os braços e gritou:

—Pai nosso divino, irmão de são Pedro, abre as portas do Céu e golpeia as portas do Inferno e deixa que esta criatura lastimosa retorne ao seio de sua mãe, Pai nosso divino, amém! —Abriu os dedos, deu três palmadas e deixou cair às mãos— Já está, meu pesado santarrão, já está livre dos encantamentos.

Com uma chuva de areia ficou de pé e se afastou. Ruck se amassou na capa, apoiando-se nos joelhos e a observou. Melanthe girou o espeto — era a primeira vez que o fazia— e olhou com consternação a pele enegrecida dos patos.

—Pela Virgem e são José! Estragaram-se! —Soltou o pau e as aves mal trespassadas caíram de novo no fogo pelo lado queimado. Depois lançou a Ruck um olhar cheio de veneno e alargou os dedos para o fogo, retorceu-os e ficou a entoar um estranho cântico de palavras sem sentido.

Tirou o espeto da instável base que tinha construído, e um dos patos caiu à fogueira.

—Bom, não importa— disse com ligeireza enquanto tirava a ave dentre as brasas e o fazia rodar sobre a areia. Empurrou-o com um pau até o pano que os servia de toalha e o agarrou. Colocou a ave meio carbonizada ante Ruck, estendeu a toalha com muito cuidado e se tornou atrás com um floreio— Conjurei a três demônios e tenho feito um grande encantamento para obter que este se cozinhasse até estar perfeito.

Ruck o olhou um longo momento.

—Teria sido melhor dar voltas ao espeto — comentou com secura.

—Deveria me haver dito isso. Poderia haver ordenado ao Belzebu que se encarregasse de fazê-lo.

Ruck levantou os olhos. Ela o olhava de frente, sem disfarce algum ao pronunciar o nome do Diabo, a boca firme, os olhos brilhantes de desafio.

—Allegreto disse que minha senhora era uma feiticeira. E também os conselheiros de Lancaster. Toda a corte o dizia.

Melanthe apertou os lábios em um gesto cheio de perigo.

—E você o que diz cavalheiro?

Ele a olhou. Olhou à imperiosa dama a que tinha prometido fidelidade, formosa e vulgar, com as manoplas adornadas com joias e o cabelo desordenado, e uma grande mancha de fuligem negra na bochecha. Ele tinha sobre os ombros seu manto, e o pato que ela tinha caçado estava colocado diante. Seu gerifalte albergava a alma de um amante morto, e seus olhos, aqueles olhos seus o atravessavam como uma lança e se enrugavam na extremidade quando ela ria.

—Eu não sei por que a amo! —exclamou atendo os mantos em torno do corpo enquanto se levantava— Como tampouco sei por que lhe jurei fidelidade; por que nunca aceitei a provocação de um homem para me liberar de dita promessa. Nunca quis

ficar livre dela. Nem tampouco agora, embora me custe à alma. E não tenho mais explicação que pensar que me enfeitiçaste com algum poder infernal.

—Adulador! —murmurou ela, zombadora, mas seu rosto era terrível e frio.

Ruck se voltou para não vê-la.

—Conheço um lugar seguro — disse— Ao amparo da peste e de todo perigo. —Olhou para o rio com o cenho franzido— Mas não levarei uma feiticeira ali comigo.

—Nesse caso, não há nada mais a dizer. —Sua voz soou fria e ativa— Quando uma mulher cativa a um homem tem que ser uma bruxa.

—Se me disser que não é, minha senhora... —interrompeu-se. O frio vento levantava ondas na água e lhe açoitava o rosto— Eu acreditarei.

Esperou, contemplando a água e a escura fileira de árvores que marcava a longínqua borda de Wyrle. O vento girou, provocou novas ondas enfrentadas às anteriores e cobriu de aroma de fumaça o ar a seu redor.

Deu a volta. Melanthe rodeava o corpo com os braços, as negras sobrancelhas arqueadas unidas em um frio e desdenhoso gesto, delicadas como as pontas das asas infernais de uma ninfa.

—Possivelmente seja uma bruxa — repôs— Direi-te a verdade, Cavaleiro Verde, burlei a demônios, e continuo viva.

A Ruck não resultou difícil acreditá-la. Pensou que se ele fosse um demônio menor, com tão só olhá-la sentiria terror. Ela emanava poder; se dava rédea solta a sua imaginação podia ver uma espécie de puxo a seu redor, inclusive naquele lugar, apesar de estar despojada de suas joias e adornos de prata.

—Enganar aos demônios não é nenhum pecado — disse, zangado— Só ficar ao serviço deles.

—Meu marido me ensinou muitas coisas. Leituras do grego: astrologia, alquimia e demais, questões de filosofia natural, mas nunca que recorde apelamos a poder algum que não fosse à misericórdia de Deus. Comprova meus conhecimentos, se o desejar.

—Eu não tenho nenhum domínio desses saberes. Sei de espadas e batalhas, mas nada de filosofia natural.

Ela ergueu o queixo.

—Eu não faço conjuros que me protejam.

Ruck não queria que ela fosse uma bruxa. No fundo de seu coração o que desejava era provar sua inocência, mas insistiu com teima:

—Por lógica, quão único prova isso é que não sente desejo de fazê-los.

Melanthe estreitou os olhos.

—Então, se for tão prudente, que prova quer? Atar-me com uma corda e me jogar no rio, ou fazer que agarre um ferro ao vermelho vivo? —Assinalou para sua espada— Esquenta-a no fogo em tal caso e me ponha à prova! E depois pode ser que eu faça isso a ti; sir Ruck de Nenhum Lugar, porque eu também desconheço por que motivo me fixei em ti e entreguei as joias em Aviñón quando não era mais que um estranho esfarrapado a meus olhos! Possivelmente foi você quem empregou um encantamento comigo e roubou minhas joias com artes mágicas!

—Eu não! —gritou ele— Eu não sou... —deteve-se e apertou as mãos ao dar-se conta de repente.

Ela não o tinha esquecido. Notou o rubor da vergonha ao pensar no jovem inexperiente que tinha sido, em como tinha permitido que o arrebatassem Isabelle, na dama desconhecida do falcão e em sua acusação de desejo adúltero contra ele.

—Prodigiosa memória tem minha senhora — disse com gravidade.

—Lembro cada ação malvada que realizei na vida — disse ela— Não me resulta, portanto difícil recordar uma boa.

—Uma boa ação, senhora? Envergonhar-me ante a Igreja? Dizer que era um adúltero em meus pensamentos?

Melanthe se deteve e, continuando, seus lábios se curvaram ligeiramente, como se a lembrança a agradasse.

—Sim... Aquela lembrança. Eu te salvei.

—Salvou-me! —Com uma aguda risada Ruck atou os objetos de lã— Minha senhora me salvou de uma esposa e uma família, isso foi o que fez, e me condenou a viver em solidão. —Obsequiou-a com uma rígida reverência— Que Deus lhe pague o favor!

—Por Deus bendito, que homem mais triste e mais santarrão.

—Não sou nenhum santo! —exclamou irritado, e lhe deu as costas.

—De verdade que me alegra ouvir que sabe. —O tom de sua voz era mais quente—

Se te causei semelhante ferida ao te obrigar a viver sozinho, sir Ruck, compensar-te-ei e procurarei a meu redor, entre meu entorno, para te encontrar uma esposa adequada que te reconforte.

Ruck se voltou com ímpeto para lhe dar a cara.

—Não se burle de mim, minha senhora, suplico-lhe isso!

Melanthe arqueou as sobrancelhas ante tanta veemência.

—Não é minha intenção me burlar. Esta mesma manhã pensei que devia te buscar uma esposa que te aprecie.

—Esqueceu —disse ele com aborrecimento— que já tenho esposa, minha senhora.

Durante um instante a surpresa de Melanthe foi evidente. Depois lhe dirigiu um elaborado sorriso, do tipo de que são peritas as damas da corte.

—Mas como é possível? Acreditava-te um homem solteiro.

Parecia impossível que o tivesse esquecido, se recordava o resto. Mas em seu rosto havia uma expressão de desconcerto e atenção, a leve sombra de uma interrogação na forma em que inclinava a cabeça.

—Minha esposa fez os votos de monja. —Ruck inalou uma baforada de ar frio e seu fôlego congelou ao seu redor ao exalar— É... Uma irmã no convento de Saint-Cloud. — Um vestígio de dor e surpresa sempre aparecia em sua voz quando falava de Isabelle, quando pensava naquela imagem radiante que imaginava sempre rezando ajoelhada.

—É isso certo? —A voz de Melanthe soou distante enquanto se ajoelhava junto ao cadáver meio queimado do pato— E está bem ali?

—Sim — disse ele— Muito bem.

—Congratulo-me de que tenha escrito boas coisas sobre sua saúde — disse ela com leveza enquanto puxava a asa do pato entre o índice e o polegar, e examinava a parte carbonizada.

—Ela não me escreve nunca — acrescentou Ruck, tenso— já que tem a mente dedicada a Deus.

—Estou segura de que sua mulher é uma pessoa da mais Santa — disse, inspecionando o pato com intensa concentração— Se casou contigo, não é certo? — murmurou.

O gesto da boca de Ruck se endureceu.

—Eu envio dinheiro todos os anos para sua manutenção. A abadessa se encarregaria de me avisar se algo não fosse bem.

—Certo. Sem dúvidas. —Melanthe levantou para ele o olhar— Agora me diga a verdade, sir Ruck... Crê que se pode aproveitar este pato?

O homem se afastou dela e se inclinou para recolher a garça do chão ao passar.

—Agora tenho que me vestir. Quando estiver preparado, lavarei isto e o assarei, para que possamos comer e não morrermos de fome.

Com aquelas roupas ligeiras de camponesa, sem peles nem cobertores, Cara mal podia mover os dedos. Tinha passado toda a noite deitada no chão, gelada. Não tinha sido capaz de cobrir-se o suficiente para entrar em calor. Parecia que deveria ter morrido, mas era pior estar viva naquela paragem tão horrível, com seu espantoso acompanhante, vestida com aquelas roupas horrorosas e sem nenhuma outra possibilidade da que jogar mão.

Se Allegreto sentia o frio igual a ela, tinha alguma forma de escondê-lo. Nunca tiritava. Perguntou-se se seria um demônio.

As árvores nuas e os arbustos espinhosos aproximavam suas garras para arranhá-la. Ainda não tinham visto uma alma com vida, nem tampouco uma morta, só uma aldeia deserta em ruínas, mas, disse-se, o atalho coberto de maleza que dela saía tinha que ir a alguma parte. O que faria uma vez ali, não tinha nem ideia, mas a esperança de conseguir comida e entrar em calor era suficiente para impulsioná-la a seguir adiante.

No dia anterior tinha desejado morrer, mas o processo parecia tão longo e espantoso que tinha descartado a ideia. Com as primeiras luzes do dia, muito gelada para dormir,

tinha ouvido Allegreto levantar-se e se pôs em pé e pôs-se a andar atrás dele sem pronunciar palavra, sem tão sequer uma prece, até que a suspeita de que podia estar seguindo a um autêntico demônio ao abismo a impulsionou a recitar ave marias com silenciosa diligência.

Allegreto não trocou de forma nem desapareceu, embora se detivesse e a esperou quando ela ficou atrasada. Cara chegou coxeando até ele, que a recebeu com uma careta. Com ódio renovado para o jovem, ela ergueu a cabeça e se adiantou.

Allegreto a segurou por trás. Antes que Cara tivesse tempo de gritar, segura de que aquele era o fim, de que ele se transformaria em um ser maligno e a faria pedaços, lhe tampou a boca com a mão.

Uma voz de mulher falava em murmúrios, e depois deu uma ordem cortante. O som inconfundível da folha de uma espada ao roçar contra o duro chão lhes chegou através do frio ar da manhã.

Cara suspirou aliviada. Pelo visto não se tratava de um bandido, mas sim de um camponês comum. Esperou que Allegreto se desse conta e a soltasse, mas notou como o corpo do jovem ficava cada vez mais tenso. Agarrou-a com mais força e Cara notou que começava a tremer.

Ficaram ali, imóveis, durante um interminável momento.

Finalmente, Cara levantou a mão e afastou a dele, que não opôs resistência alguma; soltou-a imediatamente e ficou olhando para as árvores.

O terror o tinha aturdido. Cara o viu com clareza. Ofegava como um coelho que tivesse um falcão descrevendo círculos sobre ele no alto, ficou imóvel em seu lugar e as brancas baforadas de seu fôlego eram o único sinal de vida visível nele.

Cara pôs-se a rir.

Não pôde reprimir-se. Sua frenética amostra de hilaridade ressonou a seu redor, um som a meio caminho do soluço, um eco como se alguém a respondesse.

Allegreto tinha pânico à praga. Quase se compadecia dele.

—Irei primeiro — disse— Não me preocupa de que forma morra.

Pôs-se a andar capengante, mas ele a segurou de novo.

—Não, Cara, espera.

Havia tal urgência em sua voz que se deteve. Allegreto lhe sustentou a mão entre as suas e depositou uma bolsa em seus dedos.

—Fique aqui. Usa isto.

Deixou-a sozinha com o saquinho de ervas. Com movimento silencioso e as meias cobertas de barro, ele pôs-se a andar. A espessura o tragou igual tragava tudo o que estivesse a tão só umas varas de distância daquele frondoso bosque inglês.

Cara olhou o saquinho. Era uma daquelas bolsas de ervas contra a pestilência que ele sempre levava; devia havê-la recuperado antes de matar ao bandido que os vigiava e a sua mulher. Atirou-a ao chão. Tão só pensar naquilo a repelia, a fazia recordar como tinha tropeçado na escuridão com o corpo da mulher enquanto Allegreto a insistia a ir com ele; o asco e a vergonha enquanto a despojava de todos os objetos que levava postas para deixá-la só com a anágua; o terror há algo ainda pior, mas graças a Deus a mulher do bandido o tinha impedido ao esbofetear seu homem e cobrir Cara com seus sujos farrapos.

Aquela camponesa a tinha tratado com arruda amabilidade, tinha-lhe falado em seu horrível inglês, sem deixar de acariciar a seda uma e outra vez enquanto se pavoneava de um lado a outro entre os matagais à luz do abajur, usando o traje de Cara, quase bonita tanto era seu prazer e admiração. Se tivesse parado para olhar os negros olhos de Allegreto, pensou Cara, teria descoberto neles que a morte a espreitava.

Com uma gargalhada meio histérica, Cara voltou a agarrar o saquinho perfumado. Que divertido que a morte tivesse medo da praga. Que galante que ele deixasse o amuleto para protegê-la. Que valentia a sua ao enfrentar a uma pobre camponesa que só queria cavar no gelo terreno!

Guardaria-lhe aquilo, aquele pequeno amparo. Com muito cuidado limpou o saquinho dos restos das folhas. Voltou a rir, mostrando os dentes. Pelo corpo de Cristo, uma amostra mais daquele cavalheirismo impulsivo e começaria a pensar que o Navona estava apaixonado por ela.

—Monteverde!

A voz que lhe chegou procedente do atalho diante dela tinha um deíxe triunfal. Cara pôs-se a andar rapidamente para ali apesar de que doíam as duas bolhas piores, as que tinha nos pés. Em um claro havia um arado e um boi abandonados e Allegreto lhe mostrava sorridente um embornal com comida.

—Puseram-se a correr antes que eu aparecesse — disse— Pode ser que sua risada lhes soasse como se um ser demoníaco saísse do bosque. Foi o suficientemente espantosa para que fugissem.

Cara não prestou atenção a sua brincadeira.

—Tem que haver uma aldeia nas proximidades — disse— Podemos pagar um alojamento, se te lembrou de recuperar das mãos dos ladrões algo mais que seu saquinho contra a praga e lhes tirou minha prata.

—Há prata suficiente — disse Allegreto olhando dentro do embornal— Mas não vamos nos arriscar a ir a uma aldeia.

—Como queira, Navona descarado, mas me devolva o dinheiro. Eu não tenho tanto medo à pestilência para querer dormir sobre o chão outra vez esta noite, nem para roubar comida a uns caipiras. Vou à aldeia.

Ele a olhou.

—Não, não o fará.

—Claro que sim.

—Asseguro-te que eu não vou aproximar-me das pessoas!

—Pois não o faça, vive Deus. Aqui nos separaremos, e com muita alegria. Então me dê minhas moedas.

Allegreto se voltou de costas com gesto áspero.

—Gansa Monteverde! Não sobreviverá nem um dia sem mim.

—E que mais te dá Navona? —espetou-lhe ela— Nem tão sequer tenho que te agradecer por me liberar, você e os teus me têm feito muito dano para que possam repará-lo!

—Vá então! —Allegreto deixou o embornal no chão e se afastou sobre a terra gelada— Não me importa nada que o faça! Nada!

—Minha prata!

Ele se deteve e a olhou por cima do ombro.

—Eu não trabalho de graça, caríssima. Agora me pertence.

Cara escondeu atrás dela o saquinho de ervas.

—Façamos uma troca justa. Seu amuleto contra a praga em troca de minha prata.

—Já comprarei outro.

—Sem se aproximar das pessoas?

Allegreto se voltou para ela lentamente, com um olhar que lhe gelou o coração.

—Gansa Monteverde — disse em voz baixa — posso lhe arrebatrar isso sem te dar sequer tempo de tomar fôlego.

—Então me corte o pescoço se não tiver mais remédio! —gritou desafiante Cara— E que te afunde no inferno por isso! A praga ou o assassinato me traz sem cuidado. Estou morta, faça o que faça. —A voz de Cara se voltou tremente ao pronunciar as últimas palavras, fechou a boca e ergueu o queixo.

O rosto de Allegreto era inescrutável; seus olhos negros a observavam.

—Trabalha para os Reata, não é certo? —perguntou devagar.

Cara tratou de obrigá-lo a afastar o olhar. Durante um momento, ele simplesmente se dedicou a estudá-la, depois houve uma mudança em sua expressão e seu escrutínio se voltou mais penetrante.

—Não te vi quando encontramos o corcunda morto — disse com o tom de que acaba de fazer um descobrimento. Sua mão se curvou sobre a adaga— Já tinha abandonado o acampamento.

Cara conseguiu manter a respiração. Se sua vida tinha chegado a seu fim, encomendaria a alma a Deus, mas naquele momento de perigo unicamente foi capaz de pensar em que ele era muito jovem e muito formoso para ser o que era.

—E levou o dinheiro contigo. Sabia o que estava fazendo. Preparava-te para a fuga. Ai, Maria, mãe de Deus... —Deu um passo para ela— Por quê?

Cara não respondeu. Limitou-se a fechar os olhos e esperar que a matasse.

—O que foi o que fez? Veneno? —Uma nota de pânico se refletiu em sua pergunta— Tentou envenená-la?

Aquela preocupação por sua malvada ama fez que uma labareda de ira abrisse passo no interior de Cara.

—Claro que sim, a sua rameira... Tentei envenená-la. E se ela não tivesse caído doente com a mortal praga como me contaste, a teria tentado de novo, que Deus me perdoe, para salvar a minha irmã!

Com tão só três passos Allegreto chegou até ela e a agarrou.

—Foram os moluscos? — perguntou em voz tão baixa e suave que a Cara fraquejaram as pernas.

Assentiu tremente. Allegreto a olhou com horror, com o mesmo espanto que lhe causava a praga.

—Deus me ampare. —Soltou-a e deu a volta, ofegando como um cervo ferido— Não está morta. Virgem Santa; Deus e Jesus, fingiu. Não está morta. —deixou-se cair de joelhos, os punhos apertados a ambos os lados da cabeça. Enquanto Cara o contemplava atônita, arranhou o rosto com as unhas e fez brotar o sangue — A deixei escapar, não morreu, não morreu, não morreu! Meu pai! —Com um gemido de agonia levantou o rosto para o céu— Que Deus tenha misericórdia de mim!

Capítulo 11

Umas cadernetas de ouro seguras às ligas sustentavam as largas ponteiras enlameadas das botas de Melanthe. Não estavam feitas para caminhar; notava cada calhau e cada ramo através dos suaves revestimentos, mas mal era consciente disso. Estar livre era muito formoso.

Não sentia medo. Não era uma reação muito racional, sabia; seu cavaleiro tinha a firme convicção de que havia muitas coisas que produziam alarme, mas essa era a atitude normal de todo protetor que valesse a pena. A Melanthe agradava ir caminhando ao lado dele, sorteando montículos de erva e afastando os ramos a um lado, recolhendo as saias para saltar sobre charcos e riachos pequenos. Apesar de sua vestimenta, seus movimentos não eram muito mais torpes que os de sua armadura. Calculou que devia pesar uns vinte e cinco quilogramas e que à força tinha que frear sua marcha e obrigá-lo a levar um ritmo que ela não tinha dificuldade alguma em igualar.

Não falavam entre eles mais que o estritamente necessário. Apesar de que a caça pareceu ter criado um momento passageiro de intimidade entre eles, ele a tinha ferido com sua suspicácia. Imaginava que não ia encarregar-se de lhe encontrar esposa.

A malha de metal ressonava com um ritmo que lhe incrustou na mente durante àquelas horas de silenciosa marcha. Os cascos do cavalo passaram de dar com suavidade no chão a golpear com força à medida que a restinga se convertia em terra firme. A pradaria deu passo a arvoredos abertos, cinzas e negras, de retos abedules jovens que, como milhares de colunas de uma catedral, brotavam de um chão estranhamente ondulante, cobertos de matas de espinheiro e de verde erva invernal.

—Campos lavrados — disse Ruck, rompendo o silêncio, e assinalou com a mão coberta pela malha os sulcos e bordas que cobriam o terreno em enormes ondas, fantasmais de arados, com abedules que cresciam nos ocos e colinas.

—Virgem Santa — disse Melanthe com voz tênue — Abandonados?

—Assim é. Faz talvez uns vinte anos, a julgar pelo tamanho das árvores.

—A Morte.

—Sim, minha senhora. Nunca foi um lugar muito povoado, acredito. As poucas almas que ficaram vivas... —encolheu-se de ombros— Por que iam mantê-los quando podiam encontrar uma vida melhor ao este, onde se necessitavam homens para trabalhar terras menos dificultosas?

Melanthe fez um gesto de assentimento. Isso mesmo tinha acontecido por toda parte: as terras pouco produtivas tinham ficado desertas quando mal havia gente suficiente

para lavrar os terrenos mais férteis. Ela tinha nove anos naquela época. Sua mãe havia falecido e Melanthe e seu irmão Richard, menor que ela, ficaram órfãos. Seu pai chorou e não se casou de novo, nem voltou a sorrir com a mesma alegria e, uns anos mais tarde, derramou lágrimas uma vez mais quando Melanthe partiu para a Itália, acompanhada do rico séquito que o príncipe Ligúrio tinha enviado.

Não havia tornado a ver seu pai após. Mas ele não a tinha esquecido, como tampouco a tinha culpado da morte de Richard. Em seu testamento a tinha confirmado como herdeira de Bowland. Era incapaz de recordar seu rosto, interpunha-se a cara juvenil e alegre de Richard, daquele Richard de sorrisos afetuosos e canções para as damas. Durante os poucos meses que o tinha tido a seu lado, Melanthe tinha se deleitado com aqueles sorrisos. Tinha-o querido com tanta facilidade e conhecido tão a fundo como se jamais tivessem se separado.

Outra vida. Outros lugares.

Tinha tido medo. Sempre tinha sentido temor; cada minuto, cada hora daqueles dezoito anos transcorridos desde que tinha abandonado o lar.

Sentiu o incontrolável desejo de que a peste matasse a todos eles, aos Navona e aos Reata, enquanto ela morava naquelas terras isoladas e inóspitas. Possivelmente não retornasse jamais, nem sequer a Bowland. Ela e seu cavaleiro se dedicariam a caçar dragões e a lutar com os bandidos dos bosques, e jamais retornariam ao mundo dos humanos.

Aqui, ao que parecia, não havia a não ser paz, e combate contra qualquer perigo que pudesse existir era missão de seu cavaleiro e não dela. Queria paz. Desejava-a inclusive mais que retornar a Bowland.

Contemplou os silenciosos bosques ingleses. Quando Ruck havia dito o que significavam aquelas ondulações peculiares, havia sentido um medo supersticioso ante esses rastros inquietantes de homens mortos fazia muito tempo. Mas ao olhá-los agora, pareceu-lhe que representavam a debilidade do poderio do homem naquele lugar, onde as árvores brotavam sem esforço do centro dos mais esforçados trabalhos humanos.

—Em um deserto tão remoto poderíamos nos encontrar com uma moça em apuros, Cavaleiro Verde, e resgatá-la.

—O que temos que encontrar é uma proteção segura, senhora — disse ele enquanto fazia avançar o cavalo.

Melanthe recolheu o vestido e o adiantou. Subiram um montículo que tinha formado o arado e desceram pelo outro lado.

—Não, melhor uma moça de beleza aceitável e em apuros.

—Eu acredito que minha dama já está em suficientes apuros. Não necessitamos mais. Melanthe puxou a saia para soltá-la de um espinheiro.

—Por Deus, cavaleiro, é que fica satisfeito com uma aventura de tão pouca importância? Onde está nossa serpente venenosa? Nosso feroz réptil?

—Minha dama tampouco quer encontrar-se de verdade com um dragão.

—Isso me fere! Pois claro que quero.

Ruck negou com a cabeça.

—Não sabe o que diz.

Melanthe o olhou surpreendida pela segurança que havia em sua voz.

—Você viu algum?

—Assim é, minha senhora.

Disse-o no mesmo tom carente de paixão que se tivesse anunciado que ia chover. Melanthe fez uma careta com os lábios.

—Não pode me enganar, sir Ruck. Meu marido me disse que todas essas bestas tinham morrido afogadas no Dilúvio.

Ruck deu um pequeno bufo e olhou para ela.

—Acreditei ter ouvido minha dama dizer que gostaria de lutar contra um.

—Ai, é que não sou a não ser uma mulher — disse ela com leveza— cheia de fantasias femininas.

—Sei — foi toda sua resposta.

Continuaram caminhando em silêncio e Melanthe teve que soltar-se de outro espinheiro.

Escutou o ruído contínuo que fazia a malha de Ruck. Subiram novos montículos e baixaram de novo, acima e abaixo, e acima e abaixo uma vez mais. Melanthe o olhou de esguelha.

—Então, cavalheiro, onde foi esse encontro com o dragão?

Ruck assinalou com a cabeça na direção que levavam.

—Ao norte. Não longe daqui.

—Maldito seja! Trata de me assustar!

—Há! Minha dama não deu amostras de ter medo, nem dos lobos nem dos bandidos. Por que ia eu pensar que um dragão lhe aterrorizaria?

—Nesta ilha não há dragões — insistiu ela— Meu marido me disse isso. Os que agora existem se encontram todos na Etiópia, na Índia e em lugares quentes.

Ruck seguiu adiante sem deter-se.

—Possivelmente eu tenha acabado com o último — disse— embora seja possível que não fosse o último, apesar de que após não tenha visto nenhum. Não compreendo como seu senhor marido podia saber tanto deles, a não ser que passasse tantos anos como eu dando caça a essas bestas.

—Ele lia muito. Pode ser que seja você quem se equivoque de animal. Conforme dizem, pode-se confundir a forma de um dragão com a de uma raia de grandes dimensões.

Ruck se deteve e deu a volta com uma exclamação de desgosto.

—Não era um peixe!

Melanthe também parou, picada pela curiosidade, e o olhou à cara.

—Descreva-me isso

—Não o farei — respondeu ele, e se voltou para seguir a marcha.

Melanthe apoiou a mão em seu braço.

—Sir Ruck, se te agrada fazê-lo — disse com toda a persuasão de que era capaz— me conte como era o dragão que matou.

Ele pôs-se a andar, mas a olhou de esguelha e não se separou de seu roce.

—Foi um cru inverno — disse— Das cúpulas malignas baixavam touros e ursos, e javalis. Só um homem proscrito habitaria paragens desoladas como aquela. Mas o combate não me resultava tão molesto como o inverno. As nuvens soltavam granizo e eu, minha dama, dormia sobre a dura rocha, agarrado a ela, com as geladas estalactites pendurando sobre minha cabeça como dentes de serpente. Era muito espantoso para descrever tão sequer uma décima parte daquilo. —Assinalou com a cabeça a erva que cobria o chão do bosque— Não como agora.

—Mas me fale do dragão. —Melanthe ia a seu lado e se balançava sobre um montículo, enquanto que ele estava já abaixo no sulco, com a mão apoiada em seu ombro— Como ocorreu?

—Minha senhora, se o que deseja é saber que tipo de besta era, não terá que saber antes onde habitava e o tempo que fazia? Por essa razão o conto.

—Ah. Solicito seu perdão. O inverno era cru e empurrava às bestas selvagens a descer dos montes. Os dragões, tal como eu tenho lido nos bestiários, habitam em lugares sufocantes.

—Eu não me sufoquei absolutamente aquela noite, minha dama. Para me cobrir me meti em um terreno baixo ao pé de um escarpado, em um lugar escarpado no que as rochas corriam perigo de desprender-se. Atei Hawk para poder ir procurar forragem para ele, se é que tal coisa era possível, mas eu não tomei nem uma parte de pão duro como sustento. A negra noite desceu sobre nós, sem vislumbre algum de claridade. —Dirigiu o olhar à frente e estreitou os olhos como se o estivesse vendo— Tal como me sentia, dolorido e nas circunstâncias mais adversas imagináveis, jazia em terra, inerte, como se não ficasse nem uma fresta de vida, a não ser pelos tremores e espasmos de frio que sacudiam meu corpo.

Melanthe se amassou sob o manto quando alcançaram o final da curva da montanha. Ali, havia um muro em ruínas quase coberto de espinheiro, e mais à frente, havia sulcos perpendiculares aos que eles tinham atravessado. Ruck seguiu o muro, agarrando Melanthe do braço e obrigando-a a andar diante dele sarjeta abaixo.

—Digo-lhe, minha senhora, apesar do esgotamento, o sono não chegava. Sopravam ares maléficos que vinham daquela atmosfera negra, com sons espantosos capazes de atemorizar a um caçador. —Uma brisa refrescante moveu os ramos nus sobre suas cabeças, e Ruck elevou o olhar para elas— Acredito que era o fôlego da besta.

Melanthe olhou ao céu. As sombras de novas nuvens se abatiam sobre o arvoredor e faziam que o ar fosse ainda mais frio. A seus pés viu que havia um apagado atalho de terra, no fundo do sulco, como se os deles não fossem os únicos pés que tivessem passado por ali.

—Havia relâmpagos? —perguntou— Possivelmente houvesse uma tormenta pouco habitual para a estação, a grande distância.

—Sim, minha senhora, havia relâmpagos — disse atrás dela— Relâmpagos e trovões no transcurso daquelas largas horas. Meu leito de pedras me fez insuportável. Sentei-me, com a pele coberta de bolhas e com a ardência do aço ali onde a armadura me roçava a pele. E então ouvi um vaio minha dama, tão horripilante e intenso que me caiu à alma aos pés.

—O vento poderia ter sido o causador desse som.

—Saiu do escarpado, de uma profunda caverna, e com ele, acompanhando-o, um vento nauseabundo.

—Como aroma de enxofre queimado, por ventura?

—Não... —deteve-se, para logo acrescentar pensativo— Era mais bem como o aroma de um assédio em pleno verão, quando os cadáveres dos mortos se enchem e ardem durante o saque da cidade.

—Muito agradável, vive Deus — murmurou Melanthe.

—Tem lido minha senhora a respeito de alguma besta com fôlego semelhante? — perguntou Ruck.

—Há várias que poderiam o ter — respondeu ela— a mantícora, o grifo, que se pode encontrar na Etiópia. A alfavaca da Índia pode matar sem outra arma que seu aroma.

—Não caí morto pelo aroma daquela serpente. Tirei a espada da capa, minha senhora. As rochas caíam como chuva a meu redor, a própria terra se estremecia. O ar

se voltou sufocante, e da fenda, retorcendo-se e enroscando-se como um cabo, saiu uma enorme serpente de uma bela cor azul que se confundia com o céu.

Melanthe se deteve, a saia recolhida, enquanto se voltava para olhá-lo.

—Por cima do muro, minha dama, se lhe agrada — disse Ruck em tom normal e com uma ligeira inclinação de cabeça.

Melanthe baixou o olhar e viu que o difuso atalho de terra dava a volta em um lugar onde as pedras se desprenderam. Ruck a puxou pelo braço para sustentá-la enquanto passava ao outro lado, e depois puxou o cavalo para que saísse pelo oco atrás deles.

Quando os cascos do animal golpearam as últimas pedras e começaram a pisar em um leito de folhas úmidas, Melanthe disse:

—Era da cor do céu?

—Sim, minha senhora, mas brilhante. Resplandecia na escuridão da noite.

—Brilhante! —Franziu o cenho— A serpente conhecida como *Anilius scytale* reluz, de forma que pode deixar à vítima paralisada ao deslumbrá-la com seu resplendor.

—Eu fiquei deslumbrado ao vê-la, minha dama.

—E o ar se tornou quente ao seu redor?

Ruck respondeu com um som de total assentimento.

—Um calor como o que poderia despedir o Inferno. O metal de minha armadura me queimou como se estivesse em chamas. Desconheço que força impulsionou a brandir a espada. As marcas que ficaram na palma de minha mão duraram meses.

Melanthe mordiscou o lábio.

—Uma alfavaca poderia as haver produzido. Sabe-se que deixaram a gente calcinada. Mas não tenho lido nunca que sejam de cor azul. Têm franjas brancas, mas têm asas e podem elevar voo.

A inclinação do terreno aumentou enquanto continuavam caminhando. Melanthe seguiu o atalho através de uma nova ondulação e outro sulco.

—Asas sim que tinha — disse Ruck— mas ondulavam como se o ar as levantasse, como folhas no outono, porque era um vulto muito grande para pôr-se a voar com a

ajuda das asas, e soltava um chiado agudo como... —interrompeu-se durante um longo momento, para depois acrescentar— Não sei. Não encontro a palavra. Como o som de...

Melanthe continuou andando, rebuscando na memória o que tinha lido dessas coisas nos bestiários, e não lhe prestou atenção quando ele voltou a repetir a frase em voz baixa.

—Como o ruído de... De uma foice contra a pedra de afiar! —exclamou, com o entusiasmo de que resolveu um enigma— Chiava com o chiado da foice ao afiá-la na pedra.

Melanthe tropeçou com uma raiz, mas conseguiu parar a queda. Ao levantar o olhar viu que as cristas e sulcos do terreno terminavam naquele ponto. Frente a eles se elevava um bosque escuro, de troncos mais antigos, grossos e retorcidos. Ficou hesitante ao vê-lo.

O ritmo regular dos cascos do cavalo se deteve as suas costas.

—Quer minha dama montar agora? —perguntou Ruck.

Melanthe não estava muito segura de querer internar-se a pé naquele bosque e assentiu. Ruck lhe rodeou a cintura com as mãos e a subiu até sentá-la de lado sobre a cadeira de montar junto a Gryngolet. Durante um momento, olhou-a e a sombra daquele sorriso seu tão pouco frequente se refletiu em seus olhos.

Resultava impossível resistir a ela. Melanthe sorriu a sua vez, mas ele baixou o olhar e se afastou para conduzir o cavalo ao interior da espessura do bosque.

Avançaram sem problemas, seguindo um atalho enlameado que rodeava pântanos e raízes, tão sinuosos como o dragão de Ruck. Agora o ritmo era mais rápido porque, depois de tudo, Melanthe comprovou que a armadura não impedia que Ruck avançasse a grandes pernadas, a um passo muito mais veloz que o seu. Ela se agachava para evitar os ramos, sumida em profundos pensamentos, enquanto escutava suas palavras, incapaz de descobrir que animal era em realidade o que Ruck tinha matado. A descrição que ele fez era suficientemente minuciosa: o tamanho era enorme, as escamas que o recobriam de cor azul, o fôlego fétido e o ar ao seu redor sufocante; seu aspecto era o de

uma grande serpente, mas com uma cabeça larga e esmagada, mais semelhante a um lagarto com dentes de leão, e com umas asas muito pequenas para mantê-lo no ar.

Embora tivesse que dar por feito um componente de exagero — que caçador não aumentava o tamanho e a ferocidade do javali caçado?— quanto mais insistia ela em que descrevesse determinados atributos, mais se inclinava a pensar que o que tinha matado era uma enorme alfavaca. Até que mostrou as cicatrizes sob a pelagem de Hawk: três largas ondulações com duas polegadas de separação entre elas, que o monstro tinha feito ao cair sobre o cavalo desde sua impressionante altura. A partir desse momento, sua ideia já não foi tão firme.

—O grifo odeia os cavalos — refletiu— mas disse que sua cabeça era parecida com a de um lagarto? Não a de uma águia?

—Não, minha dama, não lhe assemelhava em nada. Mas meu cavalo sim que tinha o coração de uma águia e saltou com um relincho, disposto a matar. Tanta foi à força que empregou que rompeu a corrente que o segurava e fez sumir os grilhões soltos como se fosse uma arma. Lançou-os contra a serpente e lhe deu em um dos espantosos olhos. O dragão respondeu com um bramido e lhe rasgou a pele com suas garras. —Apoiou a mão sobre as velhas cicatrizes no ombro do cavalo e acariciou a pelagem com a palma sem deixar de caminhar— Eu me lancei para cravar a espada no ventre que tinha deixado exposto, mas penso que naquele momento a Virgem Maria guiou minha mão e me brindou sua ajuda, já que minha espada deu nas escamas e deslizou entre elas. Saiu um enorme jorro de sangue brilhante, mas aquela criatura se enroscou a minha couraça e me cortou a respiração enquanto me espremia até deixar minhas extremidades sem vida e meus olhos sem luz. Senti que me arrancava à espada da mão. Percebi seu ar fétido quando seus dentes se fecharam sobre meus pés, como faz a serpente quando devora a um rato de campo.

Cessou de falar. Melanthe se deu conta de que tinha as mãos agarradas à cadeira e as apertava como se fosse ela a que lutasse contra aqueles anéis mortais.

—O que fez então? —perguntou, ao tempo que afrouxava seu agarre.

—Encomendei minha alma a doce misericórdia da Virgem Maria. —Olhou atrás, para ela— Quão seguinte recordo é que jazia em terra meio morto. A meu lado estava à besta desabada, com minha espada cravada no peito e seu sangue derramado ao meu redor. Tinha-me arrancado os sapatos dos pés e engolido minhas pernas até os joelhos. Soltei-as de entre seus dentes, afastei-me e me ajoelhei para dar graças a Deus todo poderoso. E assim foi como aconteceu esta aventura — disse— E eu, minha senhora, dou fé do acontecido.

—Em nome de Deus! O que foi daquela criatura?

—Mostrar-lhe-ei isso, minha dama.

—O Senhor nos ampare! Vais-me mostrar isso?

Ruck assentiu.

—Vê minha senhora aquilo que há entre as árvores? É uma capela. Deus mediante os ossos da criatura seguirão ali.

Melanthe se deslizou da sela antes que ele tivesse tempo de ajudá-la a desmontar. Entre as sombras da tarde, a pequena capela era uma mancha escura em meio do pantanoso arvoredor, um retângulo antigo e sem adornos de piçarra, carente de janelas. O som da madeira ao arranhar a pedra reverberou no interior quando o cavaleiro abriu a porta de um empurrão e se fez a um lado para deixá-la passar.

Viu-o imediatamente. O crânio se encontrava sob o raio de luz proveniente da porta, colocado sobre um largo banco ao pé do tosco altar. Era gigantesco e não guardava semelhança alguma com a cabeça em forma de águia de uma alfavaca. Era exatamente tal como ele o havia descrito: de largas faces bicudas, com grandes vazios para os olhos e o focinho, e uns terríveis dentes que ela jamais tinha visto em nenhuma criatura viva. Os restos de sua espinha dorsal jaziam disseminadas sobre o banco, onde formavam uma larga linha. Um leque de ossos mais finos como pertencentes a uma mão ou a uma asa enorme aparecia colocados com cuidado sobre uma mesa próxima.

—É um dragão. —Melanthe avançou a passo rápido pelo interior da igreja enquanto tirava as luvas, e deixou o cavaleiro apoiado na porta para que a mantivesse aberta. Ao chegar, inclinou-se sobre o crânio.

Na meia luz, os ossos se viam esbranquiçados, as fendas dos olhos eram umas profundas cavernas escuras. Mas ao roçá-lo com a mão, Melanthe tragou ar com um assobio.

Era pedra. Não era um esqueleto real, a não ser pesado e duro, sólido em seu interior, ali onde teria que haver uma caveira oca. As conchas dos olhos, a espinha dorsal, os brancos dentes, todos eram de pedra calcária, impossível de confundir.

Deu a volta para enfrentar a ele. Seguia apoiado na porta, com os braços cruzados e a leve sombra de um sorriso na comissura dos lábios.

—Mentiste. —Olhou-o com o cenho franzido— Não é mais que uma pedra!

A boca de Ruck tremeu.

—Mentiste!

—Minha senhora desejava um dragão. —Seu dissimulado regozijo se converteu em um amplo sorriso.

—Sabe que eu te acreditei. Desfrutaste com isso. Mentiste! —Aqueles palavras cheias de veemência se escutaram de novo, os murmúrios cheios de fúria reverberaram nos muros e no chão: «mentiroso-mentiroso-mentiroso».

—Mentiroso? —A porta roçou contra o chão quando ele se tornou para trás ante o repentino avanço de Melanthe— Foi um conto, inventado para lhe agradar, minha senhora. Em verso... —encolheu-se de ombros com modéstia— O que seja.

—Em verso! Eu... —Melanthe se interrompeu. Recordou como tinha procurado as palavras para descrever o dragão, como tinha repetido a frase em voz baixa até encontrar a maneira de refletir os mesmos sons em suas frases, com uma espécie de rima ao princípio, que não ao final, das palavras, como na poesia antiga. Ela apenas o tinha notado ao ser tão arrevesado o inglês que ele normalmente empregava.

Ruck seguia sorrindo ao chão. Encontrava-o do mais divertido. Com voz tão fria como a pedra do dragão, Melanthe disse:

—Se descobrir de novo que está mentindo para mim, cavalheiro, farei que o lamente até o dia de sua tenra morte.

Ruck elevou os olhos, o humor se evaporou. Melanthe estava branca, olhava-o com fixidez e o desafiante queixo tremia.

—Enquanto viva — disse entre dentes— nunca me mentirá, embora seja para te divertir. Jura-o agora mesmo.

—Senhora... —Sua intenção não tinha sido outra que rir um pouco. Ela não o entendia.

—De joelhos! —ordenou-lhe.

Ruck titubeou. Acreditou que ia sorrir-lhe. Pensou que diria que estava fazendo mofa dele e que se poria a rir como quando lhe atirou a areia.

—De joelhos, velhaco! —Melanthe assinalou o chão. A mão tremia— Humilhe-se ante mim!

A surpresa se apropriou de Ruck, e o ressentimento, enfrentados à honra que o atava a ela e que o obrigava a lhe render homenagem. Com movimentos lentos, separou-se da porta.

—Em nome do que mais aprecia — gritou ela— e ante Deus!

Ultrajado em sua dignidade, Ruck golpeou entre si os punhos enluvados e o som metálico vibrou no interior da pequena capela; violência e submissão unidas enquanto se agarrava as mãos e se prostrava ante ela. Uma sacudida de orgulho o fez manter a cabeça levantada. Viu os dedos dela apertados com força, por medo ou ira, ou por outra emoção que ficava fora de seu alcance.

—Jamais lhe direi falsidade alguma, minha senhora — disse em poucas palavras.

—Jura-o! —A voz dela se elevou até converter-se quase em um alarido— Jura-o por aquilo que amas mais que a sua vida!

Ruck se levantou de repente.

—Então, juro-o pelo coração de minha dama! —gritou— Ante Deus. Jamais enquanto viva lhes mentirei! Nunca lhe menti, nunca! Não foi a não ser um conto. Uma lenda, por pura diversão, nada mais que por isso!

Melanthe o olhou furiosa. A seguir se voltou e se afastou em direção ao dragão de pedra, com seu comprido manto roçando o chão. Tomou fôlego e, lentamente, abriu as mãos como se tivesse que as forçar a fazê-lo.

Quando falou, fez com voz mais suave.

—Confio em ti para que me diga a verdade. —Olhou de novo para ele. Seus olhos de cor lilás eram intensos, acentuados pelo negro das pestanas— Só há uma pessoa sobre a terra em que confio, e é você.

Se tivesse pronunciado um encantamento, um poderoso murmúrio satânico se tivesse derramado sangue e cozido sapos, se tivesse roubado seu cabelo e moldado sua figura em cera, não poderia havê-lo encadeado a ela de forma tão terminante e definitiva. Ruck sentiu um amor que doía, um amor para ela apesar de desconhecer quem ou o que era.

Em um tom de voz mais baixo, Melanthe disse:

—Não me advertiu de que se tratava de um poema.

—Minha senhora... —Ruck soltou uma risada amarga e triste— Não era um poema autêntico, a não ser algo desbotado, saído de minha cabeça. Jamais serei falso com você, minha dama, jamais, e não inventarei mais nem voltarei a lhe mentir.

OuvIU-se o frufu de sua capa de pele. Ruck a contemplou enquanto ela deslizava o dedo pelo crânio do dragão.

—Foi um conto bastante agradável — disse— Pode inventar outros assim, mas me diga isso —Levantou os olhos até ele— Não deixe de me advertir de que o que me conta não é verdade.

Ruck inclinou a cabeça, brevemente, em reconhecimento. Estava furioso com ela, consigo mesmo, e se sentia ainda mais humilhado. O esgotamento das duas noites que levava sem dormir tinha nublado a mente. Não sabia por que se aventurou a falar em brincadeira diante dela, ou meio em brincadeira.

—Foi uma estúpida brincadeira, minha senhora.

—Só me diga isso. —Parecia quase arrependida— Só me advirta isso.

—Sim, minha senhora.

Com um radiante sorriso forçado, Melanthe acariciou o crânio do dragão.

—Esta é uma monstruosa criação. Como chegou até aqui, sabe você?

—Eu a encontrei. Em um lugar do sul, na ladeira de uma rocha, depois de um desprendimento. Levei-a comigo como penitência. Seu peso é insuportável, minha senhora. Mas naquele tempo havia aqui um sacerdote; ele me deu a absolvição e a colocou nesta capela a maior glória de são Jorge, a quem me disse estava dedicada.

—Como penitência! —Melanthe utilizou o tom ligeiro e sem arestas de uma dama cortesã— Quando pecou você, santarrão?

Ruck apertou os lábios. As brincadeiras lhe desagradavam particularmente quando ridicularizava a virtude que tanto trabalho custava preservar em sua companhia. Ela era o pecado, a desonra e a tentação encarnados, com aquelas botas de elfo e o negro cabelo que escapava ao controle da rede para cabelo dourada.

—Diariamente, minha dama — disse entre murmúrios.

—Diariamente! —repetiu ela olhando-o, para depois baixar a vista de novo até o dragão.

Ruck seguiu com o olhar a lenta carícia da ponta de seu dedo sobre a pedra, um gesto carnal, singelo e cativante.

—A cada hora, minha senhora — disse em voz baixa— e a cada instante.

Melanthe deu um golpe no crânio do dragão.

—Por ventura que penso que poderia tratar-se de um autêntico dragão, afogado no Dilúvio. Ou talvez raptasse a uma moça muito feia por equívoco, pobre criatura, e ficasse convertido em pedra ao olhá-la. Algumas de nós não necessitamos que um cavaleiro vá a nosso resgate.

—O mais provável é o do Dilúvio, minha dama.

Melanthe contemplou sua mão como se despertasse nela um grande interesse.

—Sóbrio e casto santarrão. Isso é o que dizem de ti. —Um sutil sorriso brincou em seus lábios— De que dama era o coração pelo que juraste Cavaleiro Verde?

—De minha esposa — disse. Não era uma falsidade. Ele estava seguro de que era a verdade. Tinha que ser a verdade.

—Ai! —Melanthe arqueou uma sobrancelha— Não tenho então mais remédio que lamentar que não fosse o meu.

—Para lhe dizer a verdade, minha senhora, suas palavras não fazem que me sinta adulado — disse com teima.

Melanthe tinha as bochechas tintas de rosa.

—A fé que mereço essa resposta por minha falta de delicadeza ao te perguntar.

Ruck não tinha falado em falso. Devia havê-lo jurado em nome de Isabelle, posto que fosse sua esposa. Mas quando olhava o rosto da princesa Melanthe, era incapaz de recordar o de Isabelle. Fazia anos que lhe resultava impossível recordá-lo.

—O que é o que quer de mim, minha graciosa dama? —perguntou com dureza— Devaneios e beijos?

—Sim — respondeu ela sem levantar os olhos— Sim, acredito que quero essas coisas de ti, de outra forma não teria me comportado com tanto atrevimento. Eu não sou assim. Mas não estou segura.

Ruck jamais tinha conhecido a uma mulher que fosse tão aberta a respeito, nem tão enlouquecedora. O coração pulsava com lentidão, mas o sangue ardia nas veias.

Ela sorriu de um modo especial.

—É muito estranho. Hei-me dito para mim que agora sou livre, que agora não tenho necessidade alguma de engano. Agora posso dizer sempre a verdade, mas descubro que não sou capaz de distinguir o que é certo do que não o é. —Olhou-o sem disfarces— Esqueci como fazê-lo.

A cruz grafite sobre o muro estava as suas costas, singela e sem adornos. Para acalmar seu ardor, Ruck disse:

—Os sacerdotes diriam a minha senhora que rezasse para encontrar a verdade de Deus.

—Isso fariam. E depois iriam desfrutar de seus banquetes e de suas concubinas. — Melanthe levantou o queixo e jogou atrás os ombros com um leve encolhimento— Mas... Você é um homem com uma monja por esposa — disse— Vive Deus que não entendo aonde vai chegar o mundo com uns compromissos tão desconjurados.

—Minha senhora — disse ele— O que sim está desconjurado é que alguém tão importante como você sinta inclinação por alguém tão pobre como este seu cavalheiro.

—Ah. —Melanthe se apoiou na mesa e dirigiu o olhar a seu redor, ao pequeno espaço em sombras, enquanto abria a mão— Mas entre estas centenas de pretendentes, você é meu favorito, sir Ruck.

Ele não sabia o que ia fazer. Tinha-a tão perto... Ali, naquela capela, estava se oferecendo a ele como amante. Ele jamais teria se fixado em alguém tão por cima, nem sequer teria sucumbido ao jogo do amor cortês, mas era ela quem escolhia.

Ruck apertou com o punho o fechamento da porta.

—Estas coisas não são a não ser uma insensatez — disse com brutalidade— A noite está caindo com muita rapidez.

—E o que ocorreria se fizesse de ti um homem mais importante? Tenho terras em meu nome que carecem ainda de senhor. Eu lhe entregarei isso como presente.

Aquelas palavras feriram o orgulho de Ruck.

—Eu sou dono de minhas próprias terras, minha senhora, como foi antes meu pai. Não necessito que me pague como a uma rameira.

O rápido olhar que lhe dirigiu fez que se arrependesse imediatamente de ter ido tão longe. Melanthe perguntou com voz suave:

—Que terras são essas?

Ruck abriu a porta de par em par.

—Se agradar a minha dama sair...

—De onde procede? —exigiu saber ela, sem se mover do lugar.

Ruck permaneceu em silêncio, furioso consigo mesmo. Sentiu que seu escrutínio penetrava até seu interior.

—Percebe-se o acento do norte em cada sílaba que pronuncia.

—Assim é, sou um rude e tosco homem do norte, senhora. Quer vir já, por ventura, antes que lhe suba a minha cadeira e a leve comigo a um lugar deserto, para dar assim rédea solta a meus desejos como faria qualquer homem selvagem?

Melanthe pôs-se a rir.

—Não, não enquanto siga todo pés acima. —aproximou-se dele, a capa se moveu e surgiu calor dentre as sombras quando o agarrou por ambos os braços— Sou eu quem te faz prisioneiro, para satisfazer meus desejos aqui e agora, já que não posso subir a um cavalo e te levar comigo; além disso, já estamos em um lugar «deserto».

Inclinou-se e o beijou, toda doçura e alegria, e ele se sentiu impotente, um autêntico cativo. Imediatamente desapareceu de sua mente todo pensamento de embrulhos e encantamentos; o que ela queria era quão mesmo queria ele. Rodeou-lhe as costas com o braço e a elevou para si, faminto daquele corpo apertado contra o seu, desesperado porque a armadura o impedia de senti-lo.

—Minha senhora — murmurou sobre sua bochecha quando ela interrompeu o beijo para tomar fôlego— Estamos em uma igreja.

—Então, me solte santarrão, e te levarei a perdição aí fora.

Ruck relaxou o braço. Ela escapuliu, ainda entre risadas, e ele a seguiu como seguiria um cão de rua a uma moça de bom coração com a esperança que lhe desse umas migalhas de pão. Fechou a porta atrás deles.

Melanthe deu a volta e foi ao seu encontro uma vez mais; ele não a sentia, mas não podia tão sequer pensar em seu corpo sem que o membro crescesse e ficasse ereto. Introduziu as mãos enluvadas sob os braços dela e a levantou de novo para ele. Apoiou todo o peso das costas contra a porta da capela e a apertou com todas suas forças contra si, para senti-la embora só fosse levemente através da armadura.

Os lábios dela ao encontrar-se com os seus eram tão doces que Ruck soube que aquela era uma magia capaz de acabar com ele e de fazer que se sentisse feliz de morrer. Notou que ela deslizava um pouco ao tratar de manter seu lugar. Sem separar sua boca da dela, deixou-se escorregar sobre a porta da igreja até ficar sentado no degrau, com ela segura entre os joelhos.

Melanthe se ajoelhou, rodeou o rosto de Ruck com as mãos e sorriu. Ele recuperou um pouco de prudência.

—Tenho esposa — disse à pele branca e suave de debaixo de sua orelha— Não posso fazer isto.

—Você não faz nada. Foste capturado e é vítima de um cruel assalto. —O fôlego de Melanthe lhe acariciou a comissura dos lábios— Dei-me conta de que é uma princesa disfarçada, Cavalheiro Verde, com enormes propriedades em lugares ignotos. Pode ser que te obrigue a te casar comigo para me apropriar de sua fortuna.

Ruck roçou a porta com a cabeça para evitá-la e respirou entrecortadamente em um esforço por reprimir seu desejo.

—Temo que com esse plano vá levar uma enorme decepção, minha senhora.

Melanthe se tornou para trás, tomou o queixo entre os dedos e examinou seu rosto com gesto solene.

—Por ventura que não é uma bela moça. Mas, conforme dizem, desgraçado é o matrimônio que se apoia na beleza. Eu te desposarei por suas riquezas.

Ruck fez um gesto negativo com a cabeça, com um meio sorriso a seu pesar, afastou as mãos de seu rosto e as sustentou com delicadeza entre as suas recobertas pelas manoplas de malha.

—Senhora, não sabe quão fino é o fio de que atira.

—Possivelmente seja assim como eu o queira — murmurou ela. Entreabriu as pestanas e o olhou aos olhos— Possivelmente deseje que se parta pela metade.

Estava tão perto que Ruck distinguia cada um dos negros traços que formavam suas pestanas e suas sobrancelhas. Nas crescentes sombras da tarde, sua pele era como a neve à luz da lua, seus olhos tinham aquele estranho tom escuro, a cor das flores ao abrir-se na penumbra invernal, e eram mais singulares do que podiam sê-lo um dragão, uma alfavaca ou um unicórnio.

Sentia como se ele também fosse partir-se pela metade; a férrea retidão e a solidão daqueles treze anos impossíveis ficavam arrasados em um instante, reduzidos a cinzas ante o claro convite de suas palavras e seu olhar.

—Vos rogo que pense com maior prudência, minha dama — disse sem olhares— O momento e o lugar são estranhos. Eu estou muito por baixo de você. E você mesma afirmaste não estar muito segura de seus desejos. —Cavou suas mãos sobre as de Melanthe— Minha dama e senhora, meu bem mais prezado, quando voltarmos à corte,

sua honra e seu orgulho se veriam feridos ao saber que tiveste trato próximo com alguém de minha índole.

Melanthe permaneceu em silêncio, as mãos quietas entre as dele. Pequenas mechas de cabelo, que fazia tempo se soltaram das tranças sob a rede para cabelo, flutuavam sobre suas têmporas e suas bochechas. Depois de deslizar as mãos de entre as dele, abriu os dedos sobre as sujas manoplas de Ruck.

—Não, sentiria-me orgulhosa — sussurrou — Transbordaria de orgulho ao pensar nesses outros, muito piores, com os que tive trato. — mordeu os lábios com um leve gemido — Ai, sua boa consciência vai fazer que se ponha a chorar.

Ruck baixou a cabeça e contemplou suas mãos.

—Nunca em minha vida minha senhora, pensei que algo assim poderia acontecer, que poderia lhe tocar.

Melanthe deslizou os dedos por suas mãos e seus braços até chegar aos ombros, sobre a malha e as placas de metal, e seguiu o percurso com o olhar. Ruck se surpreendeu ao ver lágrimas em seus olhos e negou com a cabeça.

—Não, senhora, rogo-lhe isso, não chore por algo assim.

Melanthe se inclinou para ele e o beijou. Uma doçura insuportável o alagou. Rodeou-a com os braços e afundou o rosto em seu pescoço para evitá-la.

—Suplico-lhe isso, minha dama — disse — Isto nos afundará. Será a ruína de ambos.

Melanthe apertou a cabeça contra ele. Ruck sentiu cada uma das baforadas irregulares de ar que ela dava e as lágrimas que molhavam sua orelha e se metiam sob sua garganta. Ficou com ela entre os braços, esperando, já que voltar a negar-se era mais do que podia suportar; agora sua alma e seu corpo estavam à mercê dela, e a um lado ficava a fila, a bruxaria, a honra e também sua esposa.

Melanthe pôs as palmas das mãos contra as suas e o empurrou para trás. Ruck abriu os braços e a soltou.

—Está muito equivocado — disse com paixão — Não seria a ruína de ambos, não, seria somente a sua, e isso não o consinto. Não falaremos mais de outro trato entre nós que o de amigos e companheiros. Pode ser que você o desconheça, mas minha amizade

é bastante valiosa neste mundo. Eu serei sua amiga leal, sir Ruck, aconteça o que aconteça.

Ele levou a mão até sua bochecha e seu pescoço, e a deixou ali quieta, isolado para sempre de seu roce por capas de metal e couro, pelo que ele era e tinha sido, que não era nada.

—Eu sou seu leal servidor e sacrificarei por você minha vida se me pedir isso.

Melanthe fez uma careta entre lágrimas.

—Pois não lhe peço isso! Rogo-te que siga vivo e são sir Ruck, se não quer me causar um terrível desgosto.

Enxugou os olhos com força e tragou saliva. Continuando, separou-se dele e ficou em pé, as mãos colocadas sob os braços, a cabeça baixa. Estremeceu de frio, mas não atou a capa.

Ruck se levantou. Tinha as mãos abertas. A teria tomado entre seus braços para lhe dar calor. Teria passado a noite abraçado a ela, deitado a seu lado, e lhe teria feito companhia, a teria mantido tão próxima que teria se confundido com ele. Mas fechou os dedos, vazios.

—Eu também poderia me jogar a chorar, senhora — disse — tão grande é o desejo do que me oferece.

Melanthe, ainda chorando, pôs-se a rir.

—Ai, honrado e além com um bico de ouro! Grande amante perdi.

—Minha dama... Nada se perdeu. Continuo ainda a seu lado, e para sempre, para lhe servir e dizer sempre a verdade. Juro-o por tudo o que valorizo mais que a minha vida...

—Fez um gesto e a tocou, apoiou a mão sobre o peito dela, sobre o suave feltro verde e o arminho.

Ela levantou os olhos. Inclusive através da grossa manopla, Ruck sentiu seu pulso.

—Pelo coração de minha dama — disse — Minha vida, minha verdade, e minha honra. Por seu coração o juro, e por nenhum outro.

Capítulo 12

Melanthe estava sentada, amassada no manto e com as costas apoiada no muro da capela, enquanto contemplava a queda do frio crepúsculo. Tinha a cabeça embotada após daquelas lágrimas tão pouco habituais e os olhos pesados, mas não se sentia melancólica.

Seu cavaleiro jazia ante a porta, a cabeça apoiada no braço, com a capa como travesseiro. O rítmico som de sua respiração era o único que se ouvia, além do ruído que fazia o corcel ao comer a erva ao outro lado do portal aberto, e do ocasional tinido dos guizos de Gryngolet. Cada vez que soavam brandamente, Ruck respirava com força, para depois ficar em suspense, como se inclusive dormido estivesse alerta ante qualquer sinal de perigo; a seguir trocava a postura do corpo e exalava uma larga e profunda baforada de ar que soava como um suspiro.

Melanthe devia despertá-lo antes que a escuridão fosse completa, para que de novo estivesse toda a noite sentado de guarda. Ficou dormindo de costas a ela, mas muito em breve girou, de maneira que agora seu rosto era apenas visível com as últimas luzes. Seu aspecto era exatamente o que cabia esperar: o de um homem de armas cansado, mal vestido e arrumado, resignado a dormir sobre a pedra. Os marcados traços de seu rosto não se suavizaram com o sono, mas os lábios ligeiramente entreabertos, e ter depravado o gesto severo das sobrancelhas e os olhos ao dormir, davam-lhe um ar mais juvenil, mais parecido ao daquele moço que a tinha olhado e com intenso ardor tantas estações atrás no palácio do papa.

Tinha-lhe divertido, e além lhe resultou muito adulator, que a olhasse daquela forma, tratando-se de um moço que nem sequer tinha nada que ganhar ao fazê-lo. E quando ela viu a tropelia que os bispos e clérigos estavam a ponto de cometer com ele, salvou-o, embora ele parecesse não sabê-lo nem o agradecesse.

Naquele momento se sentiu cem anos mais velha que ele, apesar de que ela não tinha mais de dezessete anos. Agora tinha a impressão de contar mil, e, entretanto se sentia renovada e, por alguma estranha razão, mais jovem e temerária do que jamais tinha sido. Estava, pela primeira vez na vida, apaixonada por um homem.

Ao Ligúrio tinha respeitado, tinha-o amado com a alma e a mente: professor, pai, companheiro e tábua de salvação. E antes de ter tempo para assimilá-lo, tinha descoberto a amizade e uma atração crescente na figura daquele dinamarquês sorridente que lhe tinha presenteado Gryngolet; mas sua lembrança não era aprazível precisamente.

Contemplou os largos dentes, agora em penumbra, do dragão de pedra, ao tempo que afundava o frio nariz nas peles de arminho. Aquele homem nórdico a tinha iniciado na arte da caça, tinha-lhe ensinado a disciplina necessária para adestrar uma ave de passagem apanhada após sua primeira muda de plumas, tinha descoberto as horas de liberdade das que podia gozar o falcão. Não tinha sido infiel a Ligúrio com ele, nem sequer o tinha exposto. Não tinha sido mais que um amor juvenil. Ainda não tinha tido tempo para nada mais quando Melanthe descobriu o dinamarquês assassinado em seu próprio leito. A dama que dormia junto a ele deu um autêntico espetáculo com todos aqueles alaridos ao ver que o homem que tinha a seu lado tinha sido assassinado, como se não tivesse sido ela a que lhe tinha parecido à faca com suas próprias mãos. Naquele momento, Melanthe contava quinze anos e era a jovem esposa ainda virgem do príncipe Ligúrio, não só física, mas também mentalmente. Por isso seu marido teve que explicar-lhe

Aquela foi a primeira vez que entendeu de verdade a paixão fria e demente que sentia Gian Navona para tudo o que Monteverde possuía. Para ela. Antes daquilo, ela só o conhecia porque era um homem inteligente e cortês que jantava às vezes com seu marido, e que em certa ocasião lhe tinha ensinado um truque cheio de astúcia para fazer aparecer uma flor viva dentro de um vaso de cristal.

Em certa forma, aquilo seguia sendo quão único sabia de Gian. E, entretanto, também tinha certeza que ele a tinha convertido no que agora era, de igual forma que o tinham

feito as meticulosas lições de Ligúrio. O príncipe Ligúrio lhe tinha ensinado a nadar; Gian Navona era o mar: marés, correntes e tormentas, profundidades traiçoeiras sob uma superfície plácida, e seres que habitavam debaixo dela e a perseguiam em sonhos. Aprendeu a não descansar jamais, a não permitir-se flutuar em nenhum momento, a não agarrar-se nunca a aquilo que aparentava ser sólido. Aprendeu que ele não ia tolerar que dedicasse sorrisos a homem algum.

O dragão lhe devolveu o olhar com suas negras conchas. A larga fileira de dentes podia ter sido um mortal sorriso. Perguntou-se se a Gian tinha resultado divertido enviar sua própria amante para pôr fim à inocência de Melanthe com sedução e sangue. Perguntou-se até onde tinham chegado seus planos; se naquele momento tinha tido a intenção de que o dinamarquês procriasse um filho bastardo com aquela mulher para encarregar-se depois ele de adestrá-lo e convertê-lo em outra bela víbora assassina, castrá-lo e encarregá-lo de vigiar Melanthe, na mesa e no leito, tingir de sangue até o ar que ela respirava. Perguntou-se se tinha obtido uma morosa diversão com tudo aquilo e, a sós em seu palácio, pôs-se a rir.

Gryngolet, o branco falcão gerifalte presente do dinamarquês, tinha sentido ódio por Allegreto do mesmo em dia que tinha chegado a Monteverde, um moço apenas, mas com a mente e a aparência física do próprio anjo caído. Melanthe também o tinha odiado. Tinha o mesmo olhar —assassino— que sua mãe. Ainda agora, Melanthe podia ver o rosto majestoso daquela mulher, presa de frenesi, enquanto se arrancava os cabelos com enganoso espanto.

Mas Ligúrio tinha ordenado a Melanthe que mantivesse Allegreto perto dela, para preservar sua vida. A saúde de seu marido estava se debilitando e o equilíbrio de forças o era tudo, o eterno equilíbrio entre os Navona, os Reata e os Monteverde. Allegreto era um assassino que lhe evitaria ser assassinada; esse era o acordo ao que tinha chegado Ligúrio com Gian para protegê-la, aproveitando a paixão que Navona sentia para preservá-la de outros inimigos aos que só lhes seria útil uma vez morta. Seu marido tinha aceitado ao moço, inclusive tinha se mostrado bondoso com ele. Melanthe o tinha sofrido, e tinha sonhado frequentemente com o dia em que se veria livre dele.

Tinha sonhado com um dia como o presente, no que poderia deixar atrás todas aquelas lembranças.

Os guizos de Gryngolet tilintaram de novo, e o cavaleiro trocou a postura do braço. Fez um suave ruído e sua boca, apenas visível atrás do cotovelo dobrado, curvou-se em algo que era apenas uma sombra daquele sorriso seu tão pouco frequente. Melanthe apoiou a bochecha na suave borda de seu manto, felizmente absorta na contemplação de Ruck. O homem mais arrumado da terra, o mais honrado, humilde, gentil, o mais forte, que falava melhor, o guerreiro mais valoroso; entreteve-se amontoando méritos exagerados sobre aquela pessoa profundamente dormida.

Ruck soprou, como se negasse aquela exaltada perfeição enquanto dormia como qualquer homem normal, e levantou a mão como se fosse girar o braço que tinha sob a cabeça. O gesto pareceu chegar a seu fim quando estava pela metade. A manopla titubeou na metade do giro, os dedos retorcidos debaixo da pesada malha e o couro se esticaram, e foi pouco a pouco baixando até cair a um lado. Soou um breve estalo quando a parte de trás da luva deu contra a pedra.

Adorava qualquer som que provinha dele. O som de sua armadura, o de sua respiração, o som de sua voz ao falar em inglês. Vive Deus: amava-o.

Depois de ter alcançado aquela conclusão, pensou que teria que proceder com muito cuidado. Sentiu-se um tanto desconcertada; incapaz de conciliar algo tão intangível com todos os planos e projetos que tinha feito.

Tinha muito que pensar. Nem todo mundo ia desaparecer pela praga; não tinha acontecido assim a primeira vez, nem a segunda, e tampouco ocorreria esta. A pestilência surgia agora em brotos dispersos, matava a cinco aqui, a cinquenta lá, e a tão só uma ou duas em outra parte. Não podia esperar que Deus apagasse os sobrenomes Navona e Reata da face da terra só para evitar problemas a ela.

Igualmente, duvidava que a Deus importasse muito sua pessoa, até com suas abadias. Ela não tinha dado amostras de arrependimento. Desfrutava com a contemplação da masculina figura dormida de seu cavaleiro. Desejava-o profundamente da forma mais pecaminosa e terrestre, e não sentia o mínimo pesar por isso.

Sua preocupação mais importante tinha sido chegar sã e salva e sem interferências ao castelo de Bowland, onde, em meio a nativos ingleses, seria muito fácil descobrir a qualquer enviado de Gian ou dos Reata e desfazer-se dele. Mas agora descobriu que aquela ambição se dissipou substituída pelo desejo fervente, surpreendente por sua novidade, de permanecer naquele páramo em companhia de sir Ruck de onde fosse ele, dono e senhor — e seu pai antes que ele — de lugares imaginários.

Sorriu com ironia ao pensar no repentino orgulho que ele tinha mostrado ao rechaçar seu oferecimento de terras. Expressava-se com suficiente correção, como um gentil-homem, mas ela se lembrava de sua esposa — a típica filha de um burguês — e se inclinava a compartilhar a ideia de Lancaster de que, atrás da esplêndida armadura de combate do Cavaleiro Verde, escondia-se um homem de baixo berço. Acaso não era certo que ele quase o tinha reconhecido quando a rechaçou?

Era amostra de sua natureza corrupta, supunha que lhe importasse um cominho à procedência de Ruck. Possivelmente fosse o filho bastardo de um cavaleiro muito pobre para assegurar seu bem-estar, mas Lancaster tinha exagerado ao considerá-lo um cidadão da ralé; nenhum filho da plebe seria aceito como chefe pelos homens de armas, e muito menos tolerado pelos cavaleiros e as damas da corte.

Não, ele tinha maneiras gentis; uma dignidade calada, inclusive agora com seu aspecto descuidado, e a arte de um nobre com seu corcel. Era uma espécie de poeta. Criou-se no seio de uma família de senhores, disso não cabia dúvida, embora ao fim carecesse de importância. Ela era filha do conde de Bowland, esposa de um príncipe, prima de aristocratas e reis. E, apesar disso, podia haver-se apaixonado por um monge, um mercador ou um pastor de rebanhos, como o tinha feito deste escuro e humilde cavaleiro.

Ligúrio lhe tinha ensinado muitas coisas, mas entre elas não estavam nem a ternura desmedida nem a renúncia. Não estava acostumada a negar a si mesma nenhuma riqueza mundana nem nenhum prazer passageiro, a não ser que fossem contra seus próprios interesses. Se não tinha tido amantes, não tinha sido por virtude nem por controle de si mesma, nem tão sequer por não pôr em perigo a vida dos numerosos

homens que lhe tinham devotado, mas sim pela terrível sensação que uma união semelhante lhe provocaria.

O que ela precisava era fortaleza, e não debilidade. Sua intenção tinha sido utilizá-lo, utilizar aquele guerreiro cavalheiresco sem nome. Propôs-se apaixoná-lo se era possível, deslumbrá-lo e cegá-lo, encadeá-lo sem compaixão a seu serviço. Ia necessitar a alguém assim, que a protegesse e atuasse em seu nome.

E isso é o que tinha feito. Ele se tinha mostrado desconfiado, tinha-a acusado de bruxaria, reservou parte de si mesmo apesar de sua promessa de lealdade, mas agora estava segura dele. Trazia-lhe sem cuidado que falasse daquela esposa dele, a não ser porque provava que sua lealdade não tinha limites uma vez que entregava o coração. Ela o liberaria daquela vã aliança quando fosse o momento.

Por agora se mostrava mais caridosa do que nunca tinha sido ao subordinar seus próprios desejos ao bem-estar dele. Não ia pagar lhe seus serviços com dificuldades, sua honra com desonra. Não seria sua ruína, a não ser uma ocasião para ele. E talvez se fosse assim, oferecer-lhe-ia a oportunidade de ascender que Lancaster lhe tinha negado, se mediante sua ajuda ele contraísse matrimônio com uma dama de fila superior escolhida por ela e conseguia assim terras e uma posição mais elevada, e se além ela se encarregava de pagar a educação de seus filhos para que tivessem uma situação ainda melhor...

Olhou o espaço frio e ermo que havia entre eles, aquelas duas varas que os separavam para sempre. Se fizesse tudo àquilo por ele, pode ser que ao final sua existência cobrasse algum valor, e não fosse tão vã nos anos vindouros.

Ruck despertou com o som de chifres de caça. Depois de soltar uma imprecisão, deu a volta e ficou em pé de um salto. Tinha estado tão profundamente sumido no sono que por um momento a luz da manhã lhe fez piscar e olhar a seu redor, incapaz de recordar onde se encontrava.

Então descobriu à princesa amassada em seu manto, dormida e encostada contra a parede. Não o tinha despertado.

—Por amor de Cristo! —cambaleou sobre os pés. Tinha dormido toda a noite a perna solta.

Ouviu-se de novo a chamada de um corno, e depois voltou a soar. Deu-se conta de que aquele som tinha reverberado em seus sonhos desde antes de despertar. Houve uma nova chamada: de aviso, pensou, ao ter avistado a presa. Dois toques mais, para chamar o encarregado dos mastins, e um distante som em resposta.

Olhou através da porta sem ver nada, e escutou para distinguir a direção da que provinham. Durante um longo momento não houve mais que silêncio, e a seguir soou de repente o guizo de um cão de caça na distância, de mais longe que o toque de aviso. Outro mastim se uniu a ele, e toda a matilha os seguiu. Duas chamadas do corno anunciaram a perseguição, soou um grito, ainda mais longínquo, em resposta, e toda a partida de caça se desdobrou em sua mente como se de um mapa se tratasse.

—Né! Senhora! —Não perdeu o tempo em formalismos, sacudiu-a pelo ombro e quase a rastros a pôs em pé.

Ela o olhou desconcertada, como se tampouco soubesse onde se encontrava, e depois a expressão de seu rosto relaxou ao enfocar o olhar nele.

Ruck já estava recolhendo seus pertences.

—Uma caçada — disse— Pegue o falcão e vá rápido ao cavalo. Pode ser que nos encontremos em plena perseguição.

—Que nos encontremos? —Parecia desconcertada— Mas a peste...

—Os homens doentes não saem de caça. O falcão, senhora, cubra com o capuz e saiamos imediatamente. —Lançou-lhe o embornal do falcão— Deve tratar-se de um senhor, ou inclusive dos homens do rei, para caçar aqui com mastins. Solicitaremos boa proteção, em seu nome. Vamos, minha dama, não deseja que percamos os chifres de vista.

Já se ouviam muito longínquos, e o som da matilha quase se desvaneceu. Enquanto ela agarrava o pássaro, Ruck se grampeou a fivela do cinto da espada, agarrou o elmo sem perder tempo em colocá-lo e a obrigou a sair pela porta diante dele.

Melanthe montava escarranchada atrás sir Ruck, já que não teria podido levar Gryngolet sobre o punho e agarrar-se de uma vez à cintura de Ruck. Encontraram-se em primeiro lugar com um atrasado, um áspero caçador, de cuja mão penduravam as correias soltas dos mastins; caminhava como se não tivesse desejo algum de alcançar à matilha, apesar de que os chifres já tinham anunciado que tinha caído a presa. Melanthe olhou por cima do ombro de Ruck quando puxou as rédeas para que o cavalo diminuísse o passo.

—Ave, bom homem — disse seu cavalheiro em inglês quando chegaram a sua altura.

O caçador se voltou como se a saudação o tivesse assustado e se prostrou ante eles de joelhos e com a cabeça baixa.

—Levante-se — disse Ruck e fez um gesto com a mão— Qual é a presa?

—Senhor, o grande veado, senhor. —ficou em pé, mas manteve a vista baixa.

—Veados! —exclamou sir Ruck— Se estamos em época de vedação!

O caçador lhe dirigiu um olhar rápido e agudo, e baixou de novo os olhos até o chão. Encolheu-se de ombros.

—Meu amo se empenha em caçar veados embora estejamos em época de proibição, bom senhor, e não há quem o faça desistir, embora encontremos os rastros e o rastro de um javali excepcional.

—Há — disse sir Ruck com um leve deixo de repugnância. A causa daquele ar ensimesmado do homem ficou claro. Nenhum caçador que se apreciasse poderia sentir-se orgulhoso de que seu amo caçasse um cervo macho fora de temporada.

Sem elevar o rosto, o caçador os olhou de esguelha.

—Bom senhor, vos rogo perdoe-me — disse com humildade, e lançou um sério olhar em direção a Melanthe— mas acredito que não se encontravam esta manhã entre os congregados, bom senhor, para oferecer seu sábio conselho ao escolher a presa.

Debaixo aquela exagerada humildade havia uma leve nota de acusação. Melanthe se deu conta de que o homem acreditava que Ruck era um dos convidados de seu amo, e que, portanto deveria ter estado presente na comida a primeira hora da manhã, para examinar os distintos excrementos recolhidos no bosque e acrescentar sua opinião

sobre qual deles anunciava uma presa mais provável. Sem dúvida aquele caçador pensava que esse homem podia ter dado argumentos de peso contra caçar o veado, e que considerava quase uma traição que Ruck não se encontrasse presente para fazê-lo.

Quanto a aquele olhar hostil para ela, Melanthe mordeu os lábios para reprimir um sorriso e apoiou a cabeça nas costas de Ruck.

—Vê como ficamos no leito até muito tarde, querido? —disse entre murmúrios.

Ruck voltou à cabeça imediatamente, e um intenso rubor o cobriu do pescoço às bochechas. O caçador se golpeou as coxas com as correntes dos mastins e pôs os olhos em branco.

—Desconheço o nome de seu amo, senhor — disse Ruck com brutalidade— Viemos a lhe pedir coberta, se nos conceder isso. Levar-lhe-ia o recado, bom homem, para ver se nos recebe?

O caçador levantou a cabeça e pela primeira vez os olhou diretamente. Melanthe viu que examinava a bagagem e a armadura de sir Ruck. Seus olhos se detiveram em Gryngolet, maravilhados e surpreendidos.

—Por são Pedro que assim o farei, meu senhor — resmungou, e lhes dedicou uma nova reverência antes de dar a volta e sair a passo ligeiro diante deles.

Ruck o seguiu e obrigou o cavalo a ir a ritmo lento. Ouviu-se o início de outra grande fanfarra. Nos bosques retumbou o eco de numerosos chifres e dos uivos e latidos dos mastins. Durou o que dura uma baforada de ar no peito de um homem; depois se deteve e deu passo a um estalo de gritos amistosos e a algumas vivas. Sorteando a malesa por um atalho de ramos partidos após o passo dos caçadores, chegaram até o ruidoso grupo congregado em torno do cervo abatido e a uma fogueira acesa a toda pressa.

A matilha estava em meio de seus corações. Os cães subiam uns sobre os outros movidos pelo desejo de alcançar a mescla de pão e sangue que tinham posto a um lado para eles como recompensa. Havia cavalos e homens por toda parte, caçadores de sóbrio uniforme ocupados com os mastins e o veado, e uns quantos convidados que se distinguiram por suas risadas e os amorosos cuidados que dedicavam às damas do grupo. O caçador tinha ido ao encontro de um jovem forte e elegante que estava junto

ao fogo e o cadáver do veado, e comia os melhores assados que lhe tinham reservado do espeto.

As risadas se sossegaram e só ficaram os grunhidos e gemidos dos mastins quando o corcel se deteve.

O jovem levou a mão à barba e contemplou sir Ruck e Melanthe enquanto seu caçador se fincava de joelhos ante ele. As palavras que o homem lhe dirigia eram em voz muito baixa para poder as ouvir, mas o amo soube ocultar sua surpresa com melhor fortuna que o servente. Deixou o espeto em mãos de um de seus ajudantes e avançou para eles com grandes pernadas.

—Henry de Torbec, senhor, ao seu serviço. —Fez uma reverência cortesã— Sou o amo destas terras. São bem-vindos a desfrutar de minha casa e minha fazenda como melhor lhes agrade. Considerem sua e de sua dama, que Deus proteja.

—Que o Senhor lhe recompense por isso — disse sir Ruck com grande formalidade— Eu jamais lhe causarei desgosto algum, apreciado senhor, mas jurei ocultar meu nome e minha procedência até mostrar minha valia. Razão pela que alguns me chamam pela cor verde que uso.

Um murmúrio de curiosidade se estendeu entre os espectadores. O senhor de Torbec sorriu e olhou a seus convidados.

—Verde! É na verdade maravilhoso que um cavalheiro verde tão excelente venha a nos fazer companhia. É sua missão preservar a esta bela dama do perigo?

Sir Ruck manteve silêncio um momento. Melanthe esperou que ele a anunciasse em tom resolvido, já que sempre se mostrava tão preocupado por sua alta posição. Mas em lugar de fazê-lo, Ruck se encolheu de ombros.

—É minha amante — respondeu.

Todos os presentes estalaram em risadas encantadas. Henry de Torbec disse:

—Vive Deus que temos aqui um homem sagaz, que não renuncia aos prazeres em suas aventuras! —Examinou Melanthe de cima a baixo com ar crítico, como se tratasse de um cavalo ou um mastim— A cobre de ricas vestimentas, cavalheiro.

Tal como Hawk estava situado, Gryngolet ficava oculta aos seus olhos e aos de outros atrás da volumosa armadura de sir Ruck. Melanthe baixou o falcão ainda mais, apoiou a manopla no joelho e jogou devagar o cotovelo para trás até colocá-lo sob a capa, de maneira que as dobras caíssem sobre a branca plumagem do falcão gerifalte. Sir Ruck voltou à cabeça brevemente e, com um olhar despreocupado, tomou boa nota da ação de Melanthe. Aquela inesperada descida de categoria — de princesa a empregada comum— era uma clara advertência de que ele não as tinha todas consigo.

—Da guerra da França lhe trouxe roupas elegantes e presentes — disse Ruck.

—Estiveste na França? —perguntou Henry imediatamente.

—Em Poitiers.

—Poitiers! —Henry soltou uma breve gargalhada— Faz já tanto tempo?

—Sim — respondeu sir Ruck sem mais explicações.

—Então não conhecerá meu irmão Geoffrey.

—A França é um extenso país — disse sir Ruck— e não tenho a honra de conhecer todos os homens bons que ali servem ao rei soberano.

—E onde esteve da batalha de Poitiers, Cavaleiro Verde?

—Por toda parte. Ultimamente tive Lyerpool a minha esquerda, mas não entrei ali por medo à peste. O priorado se acha abandonado. Tiveste notícias disso?

Henry fez uma careta.

—Não... Abandonado? —Olhou a seus ajudantes— Não tornou Downy de Lyerpool ainda?

Fizeram gestos de negação. Henry soltou uma maldição, como se já conhecesse a resposta e se separou do cavalo.

—Assim não entrou na cidade, senhor?

—Como cavaleiro e cristão que sou, asseguro-lhe que não o fiz. A mim a pestilência não afeta, mas temi por minha moça. Ela queria me obrigar a levá-la ao outro lado das portas, porque se deleita exibindo seus ricos objetos ante as singelas moças camponesas. —encolheu-se de novo de ombros— As mulheres não têm cérebro, vive Deus. Demos uma enorme volta ao redor de Lyerpool.

Henry pareceu encontrar acreditável o relato.

—Muito bem feito, senhor. Agradeço-lhe que tenha me dado o aviso. —O aborrecimento tinha desaparecido de seu rosto e parecia haver-se animado bastante— Adiante, homens, atem o veado e retornemos a casa. Cavalheiro Verde, me faça a honra de se unir a meus convidados.

Enquanto os caçadores voltavam para a tarefa, Melanthe sentiu que a mão de sir Ruck lhe agarrava a borda da capa. A puxou e colocou a dobra sob o cinto de sua espada até cobrir por completo Gryngolet. Melanthe se apoiou em suas costas como se ele estivesse acariciando-a, e em voz baixa, em francês, perguntou:

—Estamos em perigo?

Ruck não respondeu, limitou-se a alargar a mão e lhe dar um ligeiro tapa na bochecha.

—Te mostre paciente, moça — disse em voz alta, em inglês— Logo poderá te lavar e ter um leito.

Melanthe se conteve, mas enredou um dedo em um dos negros cachos que lhe cobriam o pescoço e deu um puxão de advertência.

Além de inclinar a cabeça para soltar-se, Ruck fez caso omissso dela enquanto os caçadores atavam os mastins e os convidados montavam em seus cavalos. O resto das mulheres montava de lado, subidas sobre a sela soltavam risadas e davam ardentes beijos a seus cortejadores sem nenhum recato. Entre sorrisos, Henry subiu a seu arreio uma donzela loira e gorda, que não era nenhuma dama. Sir Ruck deixou que Hawk se unisse ao resto dos cavalos. Saíram todos em fila entre as árvores.

Aquela forma de comportar-se era muito camponesa, mas não resultava mais licenciosa que a das muitas caçadas às que Melanthe tinha assistido, nas que os caçadores estavam acostumados a mostrar-se mais interessados nos peitos de suas amantes que nas presas obtidas e se dedicavam a prodigalizar-se carícias uns aos outros sem pudor durante a caça dos mastins. Enquanto cavalgavam, sir Ruck voltou à cabeça e alargou até ela a mão. Melanthe, complacente, pegou-se mais a ele. O cavalheiro cobriu com sua boca as comissuras dos lábios da dama e lhe segurou a

cabeça sobre a orelha com sua mão enluvada. Os cabelos de sua incipiente barba de um dia lhe roçaram o queixo.

—Sir Geoffrey de Torbec está com Lancaster — disse Ruck em francês, enquanto percorria os lábios de Melanthe com os seus.

Melanthe se abraçou mais a ele e apoiou o queixo em seu ombro. Beijou-o na bochecha e sussurrou ao ouvido:

—Seu irmão?

Ruck tomou a mão e a levou aos lábios.

—Geoffrey não tem irmãos — murmurou atrás da palma da mão dela.

Melanthe afastou os dedos.

—Deixe-me, senhor!

—Assim te comporte com humildade, como corresponde a alguém de sua categoria, empregada. —Continuou repreendendo-a em inglês— Agora já não estamos sozinhos no bosque para que siga te dando esses ares de nobreza.

Melanthe viu que Henry elevava a mão.

—Rodeie bem o jugo ao pescoço, Cavalheiro Verde! —gritou de bom humor— O mais sábio é rebaixar os ares às mulheres orgulhosas.

Ouviram-se assobios masculinos em toda a fila como mostra de acordo. Melanthe introduziu os dedos na cabeleira de Ruck.

—Se voltar a me chamar empregada — disse com afeto em voz alta— Encarregar-me-ei de que o ponham no poste e o esfolem.

Ele a olhou por cima do ombro, ao tempo que arqueava uma sobrancelha.

—Que o Senhor me proteja, empregada.

Suas palavras foram recebidas com uma gargalhada geral. Henry beliscou a sua dama e deu uma palmada na garupa do cavalo, que iniciou o trote ao tomar um atalho em melhor estado.

Torbec Manor tinha aterros de construção recente e uma torre de entrada com uma porta de painéis novos, adornada de entalhes de ferro cinza escuro que ainda

conservavam o brilho do martelo. Ao outro lado, edificações de gesso e fitas de seda se estendiam ao longo da antiga muralha de pedra, em torno de um pátio de terra.

Henry fez que tocassem uma nova fanfarra quando transpassaram a entrada; todos os chifres de caça soaram ao uníssonos, embora não parecia que houvesse uma senhora do castelo à espera de receber à partida de caça. Os mastins, livres de seus raspadores, adiantaram-se em turba aos cavalos em direção a um recinto rodeado de uma grade, junto à muralha, que fazia de canil. Ali, na porta de entrada, um dos galantes cavalheiros brincou com as bridas de seu cavalo e o obrigou a dar uma grande pirueta, para oferecer a um cão rastreador o lenço dobrado de sua dama, que a seguir escondeu entre suas roupas. A Melanthe pareceu um jogo sem sentido, já que um cão de caça não devia concentrar-se mais que no aroma de sua presa.

Sir Ruck se fixou naquele canil, e também no andaime sobre o que trabalhavam uns homens. Parecia que estavam reparando a alvenaria. Aquele não era um lugar particularmente fortificado. Ruck se afastou dali.

Em meio da gritaria geral que se formou com a chegada, Henry lhes atribuiu um criado. Quando o homem se adiantou e fincou o joelho em terra ante eles enquanto olhava Hawk com cautela, sir Ruck desatou o manto e o deixou cair para trás.

—Necessito que me costure isso, empregada — disse por cima do ombro a Melanthe— Não quero vê-la até que faça seu trabalho.

Melanthe agarrou o manto, utilizou-o para tampar Gryngolet com ele, e sustentou aquele fardo de falcão e capa contra o peito. As garras do falcão gerifalte se agarraram com força a sua luva e houve um apagado tinido de guizos, mas Gryngolet não protestou mais.

Depois de passar a perna por cima da cadeira, sir Ruck desmontou, deixou-se cair ao chão ao lado dela e levantou o braço antes que o servente pudesse aproximar-se para oferecer ajuda.

—Vem, empregada.

Melanthe apertou o pacote de lã com o falcão dentro contra seu peito quando ele a desceu do cavalo.

—Que saiba que estou contando cada uma delas — disse sorridente quando seus pés tocaram a terra.

Ruck lhe deu um golpezinho na bochecha com os nódulos de sua mão enluvada.

—Contando o que, empregada?

—Seis — respondeu ela com doçura, girando para unir-se ao resto e entrar no vestíbulo.

Ruck apoiou a mão sobre seu ombro.

—Não te separe de mim, empregada.

—Ah! De maneira que crê que brinco? —deteve-se— Sete.

Nos olhos do homem apareceu aquela leve sombra de um sorriso que ela começava a reconhecer.

—Fique perto. A minha fé que é a empregada mais bonita do grupo. Vou sentir-me ciumento de ti.

—Ah — disse ela com voz suave— As quatro extremidades rotas, os dois olhos arrancados e o nariz esmagado. Mas vive Deus, vão oito já, e terei que fazer um esforço e mostrar um pouco de imaginação.

Ruck fincou o joelho em terra e agachou a cabeça.

—É certo, sou um vilão — disse com exagerada humildade— Suplico perdão a minha senhora. É uma autêntica dama e não uma vulgar empregada.

Uma das outras mulheres presentes começou a aplaudir.

—Agora ouviremos palavras nobres! O certo é que sua dama é a mais refinada, senhor, e merece palavras delicadas.

Em meio das aclamações femininas se ouviram os gemidos dos homens.

—Adverti-lhe — disse Henry em tom de queixa da porta de entrada ao vestíbulo— Agora todas estas mulheres se mostrarão do mais altivas e quererão que nos tombemos sobre o leito a lhes escrever poesia!

Sir Ruck se incorporou e deu um empurrão em Melanthe.

—Não, de poesia nada.

Henry se encolheu de ombros e soltou uma gargalhada.

—Talvez não. Vos rogo entrem, minha senhora, e espero que não encontre meu vestíbulo muito singelo para seu gosto.

Ruck pensou que não poderiam manter oculto ao falcão durante muito tempo. Tinha uma história preparada para o momento do descobrimento, mas não viu razão alguma para contá-la antes do devido. Não prolongariam muito sua estadia ali. Desagradava-lhe o que via. Henry estava dispondo-se para a defesa: abria frestas na muralha para disparar os arcos e fortificava a torre de entrada e os aterros. Possivelmente simplesmente pensava nos bandidos Wyrle, mas pelo que ele sabia sir Geoffrey de Torbec não tinha nenhum irmão.

Apesar de tudo, os serventes não pareciam descontentes. A única amostra de desagrado para Henry tinha sido aquela queixa do caçador por matar um veado em época de vedação. Pode ser que aquele homem fosse extremamente hospitaleiro, e afável, mas dizia muito pouco a seu favor que caçasse um cervo fora de temporada em vez de um javali como correspondia.

Seus convidados não pareciam mais que uma turma de elegantes jovens rufiões, filhos ociosos de senhores e cavalheiros rurais. Se a proximidade da peste lhes causava alguma inquietação, sua resposta era a risada e as brincadeiras, e sempre havia alguns dispostos a isso. Entretanto, Ruck os examinou para decidir se poderia fazer uso de dois ou três deles como escoltas. Pensou que talvez estivessem aborrecidos e dispostos a fazê-lo, sempre que ele os recompensasse como mereciam.

Ao entrar no vestíbulo, Henry deu as oportunas ordens para que Ruck, como hóspede de honra, fosse conduzido a uns aposentos privados. A princesa pôs-se a andar diante dele e passou ao lado dos criados que estavam colocando mesas de tripé na câmara; seu arminho manchado de lodo roçou as esteiras de junco trançado, a rede para cabelo de ouro sobre seu cabelo refletiu a luz que entrava pelo orifício de saída de fumaças do teto. Sua aparência não tinha muito a ver com a de uma empregada. Era impossível que parecesse alguém de baixo berço e, estava claro, tinha o bom sentido suficiente para nem sequer tentá-lo. Mas podia mostrar-se tão arrogante como quisesse; Ruck não

tinha temor algum a que a desmascarassem. Era tudo muito fantástico. Como iam acreditar aqueles homens que a herdeira do conde de Bowland era a mulher que tinha saído do bosque, montada escarranchada atrás de um cavalheiro errante? Se a tivesse apresentado por seu verdadeiro nome, estava seguro de que não teriam acreditado.

A Ruck surpreendeu que a ele e a sua amante os tratassem com atenção com uma luminosa estadia, em que o sol invernal entrava através da janela de barrotes e iluminava as cortinas que rodeavam o leito e um par de banquetas. Havia inclusive uma cadeira. O criado ficou de joelhos ante ela.

Ruck foi para ali e se sentou. Enquanto a princesa seguia de pé com o fardo entre as mãos, ele alargou os pés e deixou que o servente lhe tirasse os sapatos ferrados; depois lhe fez um gesto para que se afastasse.

—Minha mulher me despojará do arnês.

O criado fez uma reverência.

—Deseja água para um banho, senhor?

—Sem dúvida alguma! —respondeu a princesa, e fez um gesto de impaciência— É que precisa fazer semelhante pergunta? Nem quente nem fria, temperada e com bálsamos como agrada a meu senhor. Terá que acender um fogo aqui na lareira e colocar o banho diante dela. Traga especiarias, se tiver, com um bom vinho.

—Sim, minha senhora. —O servente pareceu encolher-se ante ordens tão claras e precisas.

Melanthe o seguiu enquanto ele ia para a porta.

—E ricas vestimentas para fazer honra a esta casa. E almofadões para sua comodidade. Pergunte a seu amo, néscio. Se ele se alojou em casas de gentis homens, será conhecedor daquilo que se necessita. Assegure-se de não voltar aqui até que esteja tudo em ordem para um hóspede da categoria de meu senhor!

—Está bem, minha senhora. Imediatamente, minha senhora. —A porta se fechou atrás do criado quando, depois de uma rápida reverência, saiu a toda pressa entre murmúrios de submissão. A princesa Melanthe, com a mão livre, assegurou o fechamento.

—Isso deve o ter entretido um bom momento — disse ao tempo que retirava a capa que cobria o falcão— Se forem capazes de encontrar neste lugar roupas que valha a pena ficar, ficarei francamente atônita.

A ave se espreguiçou e estendeu as asas. Ruck ficou em pé. A princesa Melanthe obrigou o falcão, coberto pelo capuz, a subir ao braço da cadeira que Ruck acabava de deixar livre e depois se voltou para ele com um olhar seco e inquisitivo.

—Tão só ficaremos esta noite, minha dama — disse Ruck em resposta. Despojou-se das manoplas e abriu os botões de sua capa, para depois tirá-la com um movimento de ombros— Se descobrirem o falcão, assegurarei que o capturei no bosque e que me disponho a devolver-lhe ao amo cujo nome está gravado nas correntes. E que não o exibo muito por aí, porque seu valor é muito grande para correr esse risco.

Melanthe tomou a capa de Ruck e a colocou sobre o respaldo da cadeira como se ele a tivesse deixado cair ali de qualquer forma, de maneira que ficou pendurada e formou uma espécie de tenda sobre o falcão.

—O batedor o viu — disse.

—Assim é — Ruck passou a mão por cima do ombro e tentou com estupidez abrir os fechamentos que seguravam a couraça, mas só acertou a soltar o primeiro— mas acredito que não dirá grande coisa a seu amo, já que está muito envergonhado e aborrecido pela questão do veado. E se o fizesse, que importância tem? —Desistiu de abrir os fechamentos, apoiou-se na parede e se inclinou para soltar as glebas.

—Eu não gosto. Vamos logo daqui.

Ruck levantou a vista até ela. Estava em meio da estadia e examinava os muros e a janela com ar de preocupação.

—Minha senhora — disse— é que não se sente cômoda?

—Não. —Levantou os olhos até os seus, e a seguir os afastou— Não, o certo é que me sinto incômoda neste aposento.

Ruck se deteve. Um silêncio embaraçoso desceu sobre a estadia. Melanthe tirou a manopla da mão e a atirou ao chão.

—Preferiria dormir com as outras damas? —perguntou.

—Não! —respondeu com rapidez, e a seguir soltou uma breve gargalhada— Assim que elas são damas. E me chamou empregada.

Ruck percebeu a apreensão que se ocultava sob a seca ironia e fez algo que não deveria ter feito: posou a mão em sua bochecha e acariciou a pele com a ponta do polegar.

—Minha senhora, o fiz unicamente por sua segurança.

—Apesar disso, levo a conta de todas as vezes que essa palavra saiu de sua boca — disse ela, com intencional ironia na curva de seus lábios— Você subiu de categoria.

—Não — sussurrou ele— Sempre a suas ordens, minha doce dama.

—Ai, Deus. —Um leve som saiu da garganta de Melanthe— Este lugar me atemoriza. É necessário que estejamos com gente e rodeados de intrigas? Era melhor no bosque. Prefiro que tenhamos que dormir sobre o duro chão a que nos matem em um brando leito.

—Que fantasia é essa? —Tomou o rosto de Melanthe entre as mãos— Possivelmente este homem não seja muito de confiar, mas o que tiraria nos matando?

Um estremecimento apenas perceptível a percorreu. Durante um momento, olhou-o fixamente aos olhos, depois exalou um profundo suspiro.

—Nada — disse— Nada. Sou uma estúpida.

—Dormirei junto à porta esta noite. Está a salvo.

O desejo urgente de rodeá-la com seus braços quase se apoderou dele. Seu corpo percebeu o mesmo sentimento nela: estava imóvel, e, entretanto parecia que uma força invisível a atraísse para ele, como se se encontrasse à espera do que ele fizesse.

O momento, afiado como a folha de uma espada, não o fez perder a cabeça. Contemplou os dedos de suas próprias mãos sobre a pele dela, sem atrever-se a procurar seu olhar. A visão de sua pele em contato com a dela lhe pareceu uma ilusão, uma desavergonhada confiança, como se ele tivesse direito de fazer algo assim.

Deixou cair às mãos.

—Quer me ajudar, minha senhora? —Depois de fazer um esforço e sorrir, voltou-se de lado— Espero não abusar ao pedi-lo: empregada, as fivelas.

Capítulo 13

Cobrir-se com aquelas vestimentas, por muito ásperas que fossem a malha e os adornos em opinião da princesa Melanthe, era um luxo que para Ruck jamais desmerecia. Eram contadas as ocasiões nas que prescindia de sua armadura em circunstâncias normais; no transcurso da passada quinzena tinha dormido e vivido com ela posta como se estivesse em campanha. Mas no presente momento não tinha que suportar a costura do macio couro em que a borda ficou dura e retorcida ao secar e cravava na axila com cada passo que dava, nem que aguentar o beliscão das correias na parte de trás das coxas, nem que carregar com o entorpecedor peso da cota de malha sobre seu corpo. Sentia-se leve, como se fosse feito de plumas.

Além disso, do corpo, também sentia leve a cabeça após passar à tarde à mesa de Henry. Ruck tinha se unido ao grupo para comer, deixando Melanthe em seus aposentos. Enquanto olhava sua taça de vinho, pensar nela o encheu de calor. Tinha estado presente enquanto o criado o banhava e o vestia, sentada de pernas cruzadas sobre o leito como acostumava fazer, postura aquela mais própria de uma empregada que de uma dama gentil, pensou mordaz. Ela se encarregava de dar as ordens precisas para o cuidado dele e insistia em que tudo se fizesse com a devida pompa, como se ele fosse um príncipe. Até tinha chegado a rechaçar as primeiras vestimentas que levaram para ele, e lhes tinha obrigado a procurar uma melhor seleção, Ruck tinha a suspeita de que a túnica que levava, de lã azul e arminho, e que ela tinha escolhido entre a escassa variedade, era a melhor que Henry tinha para usar no Natal.

Os serventes da casa pareciam divididos entre o ressentimento pelo trato que recebiam da concubina de um desconhecido e um respeito reverencial ante as maneiras de Melanthe. Estava claro que os fatos já tinham chegado aos ouvidos de Henry. Aquele

jovem que se apresentava como senhor de Torbec se inclinou para ele na mesa para comentar que supunha que a dama de Ruck tinha vivido um tempo na corte. Ele se encolheu de ombros por resposta. Henry, com olhar ávido, aventurou a conjectura de que ela estava acostumada a receber os favores de homens importantes. Ruck se inclinou a sua vez para ele, com a taça de vinho na mão, e sorriu.

—Assim é, e me custa um bom dinheiro mantê-la tal como ela está acostumada — disse para lhe fazer desprezar qualquer ideia ambiciosa que lhe pudesse ocorrer.

—E eu bem que acredito — disse Henry, que imediatamente perdeu todo interesse e se voltou com maior alegria para sua moça camponesa sem refino.

Aquela era a sala de um homem solteiro, cheia de cães de caça e armas, sem senhora que impusesse correção e pusesse freio aos jogos mais violentos. Depois de uma comida simples embora abundante, ninguém respondeu ao sino que chamava a reza das nonas nem saiu ao pátio de armas para exercitar-se. Em lugar disso, passaram todo o dia, até bem entrada a noite, falando de caçadas e batalhas, brigando entre eles ou, o que era quase igualmente pouco cavalheiresco, fazendo-o com suas dispostas damas.

Ruck não expressou opinião alguma sobre qual era o melhor aço, apesar de que insistiram em que o fizesse, e se contentou escutando sua conversa. Tinham o vigor violento e inquieto da juventude, e conheciam termos suficientes para aplicar a armas e combates, mas mostravam a mesma disciplina que uma matilha de cães de ruas sem domar; metade lobos e metade vira-latas, sem o sentido necessário para dar-se conta de que, por muito que se sentassem à mesa, bebessem e fizessem discursos ociosos sobre questões relacionadas com a guerra, isso não os convertia em grandes guerreiros. Se ele tivesse tempo, poderia ter feito algo bom deles. Mas no referente à suas necessidades mais peremptórias, descartou-os por inúteis. Estavam muito pagos de si mesmos para poder depositar sua confiança neles.

Por muitas frestas que abrissem nos muros, pouco trabalho dariam a sir Geoffrey de Torbec aqueles jovens patifes quando voltasse de Gascaña. Mas ao estar sozinho e ser responsável pela princesa, Ruck não tinha intenção alguma de alvoroçar o galinheiro.

Não disse grande coisa; procurou ser um hóspede agradável, sorrir com frequência, beber em abundância e não retirar-se muito cedo. Ao chegar a hora da véspera, levantou-se com extremo cuidado para rebater os efeitos do vinho em sua cabeça, e deixou a todos envergonhados quando perguntou como chegar à capela.

Retornou, por fim, ao anoitecer. Melanthe estava furiosa, desenquadrada pela espera. Levantou-se de seu assento e se aproximou quando o criado iluminou a estadia com um feixe de velas para que ele entrasse. Como se fosse a mais carinhosa das amantes rodeou-o com seus braços, ficou nas pontas dos pés e lhe vaiou ao ouvido em francês:

—Há buracos para espiar.

Ele a olhou do alto. Em meio das crescentes sombras, seu rosto era arrumado; seu fôlego carregado de vinho. Não deu mostra alguma de entender a advertência, nem sequer de havê-la ouvido. Suspirou e a abraçou, as mãos agarradas a seus quadris.

—Estou maior — disse com tristeza.

Melanthe ordenou ao criado com um gesto que se retirasse. Sua intenção tinha sido mostrar a sir Ruck as máscaras esculpidas na parede, atrás das que estavam ocultos os buracos, mas titubeou.

—Maior — insistiu ele— Três décadas já.

Melanthe se separou dele.

—Não mais que eu, então — replicou em francês ao tempo que se soltava de suas mãos— Assim não fira meus sentimentos e deixa de falar disso. Vem e toma assento.

Durante todo o dia, a intervalos, tinha havido alguém espiando pelos buracos. Não podia arriscar-se a lhe falar sem disfarces, nem sequer em francês. E nunca o havia visto ébrio; desconhecia quanta acuidade podia esperar que mostrasse. Possivelmente o melhor fosse frear todo discurso e deitá-lo no leito rapidamente.

Os dedos dele se entrecruzaram com os seus sem força, e permitiu que fosse quem o levasse. Não tomou assento, só contemplou o leito como se fosse à tumba de um cão fiel morto há muito tempo. Fez um gesto de negação com a cabeça e alargou a mão para agarrar a espada, que estava junto à armadura.

—Junto à porta — disse em inglês— Para que esteja a salvo, minha dama.

—A salvo! —respondeu ela com ligeireza como se ele estivesse brincando— Onde estaria mais a salvo que entre seus braços? Amado meu, vem sem demora ao leito.

—Ao leito? —Com um olhar mais agudo, Ruck se deteve quando já se dava a volta para afastar-se— Senhora?

Melanthe, sorridente, inclinou a cabeça em direção às máscaras. Ele se limitou a olhá-la com atenção, com a diligente atenção de um homem que é consciente de seu estado de embriaguez.

—Meu amor, meu tesouro... —Melanthe voltou a rodeá-lo com seus braços e se inclinou sobre ele até que deu um passo atrás— Meu querido, meu bem, não percamos mais tempo em palavras e brincadeiras como tanto gostamos. Não posso conter meu ardor por mais tempo. Morro por teu beijo.

Abraçou-o com tal ardor que quase o fez perder o equilíbrio com a intensidade dos beijos que prodigalizou no queixo e pescoço, sem deixar de empurrá-lo passo a passo sobre seus instáveis pés até deixá-lo com as costas contra a parede sob as máscaras.

Antes que tivesse tempo de assinalar o que havia ali acima, ele a abraçou mais estreitamente, com força, e de repente converteu seus ardis em uma farsa. O inesperado daquele abraço lhe fez perder estabilidade. As mãos de Ruck se abriram sobre seus quadris e a atraiu para seu corpo. Com um som baixo e rouco, afundou a cabeça no pescoço dela e fez um movimento de puro desejo ao rodeá-la contra si.

Naquela paixão não havia fingimento nem comedimento santarrão. Através da barreira de suas vestimentas, seu membro viril ereto se cravou nela. Afundou os dedos em seu corpo, obrigando-a a abrir as nádegas, e a acariciou de uma forma que jamais homem algum se atreveu a fazer. Fincou o joelho entre suas pernas e a forçou a abrir-se para ele como se fosse uma rameira complacente.

Melanthe trágica ar agitada enquanto o abraço a conduzia a territórios desconhecidos. Ruck levantou a cabeça e a apoiou na parede, com os olhos fechados. Não a soltou. Moveu os quadris contra os dela, empurrando-a, sem vergonha alguma, e

esfregou o firme vulto contra o ventre de Melanthe, inclusive contra a parte mais íntima de sua anatomia.

Ela sabia de beijos, de jogos e escarcéus cortesãos, mas nada do membro masculino, além do desconforto e a dor sentidas na intimidade física com seu marido, fazia já tanto tempo e de forma tão passageira que não parecia ter nada em comum com aquilo. Uma onda de sensações deliciosas brotou daqueles toques, apesar de sua rudeza; um autêntico prazer nos vícios carnavais. Deixou que se apoderasse dela, que a convertesse de verdade em sua empregada e amante, com a mesma ligeireza que mostravam aquelas moças camponesas cheias de descaramento, cujos namoricos, além do leito, não importavam absolutamente a ninguém.

Ruck tinha o atrevimento que lhe dava a embriaguez; Melanthe era consciente disso, mas não fez advertência alguma nem protestou quando ele procurou seus lábios e a beijou, explorando a boca com sua língua, com sabor a vinho, temerário em seu assalto. Melanthe acolheu sua língua e apertou a virilha contra a sua com prazer, em sinal de aceitação do apetite que havia nele.

As mãos de Ruck deslizaram quadris acima até alcançar a cintura. Melanthe tinha o cabelo solto. Tinha entregado o grosso traje azul após o banho, para que o limpassem e o escovassem, e tinha posto em seu lugar um ligeiro de cor escarlata que era de corte muito apertado e muito pouco decoroso pelo que deixava ao descoberto.

Percorreu-lhe os lados com as mãos, dos quadris até os seios.

—Eu vi isto — disse com a boca muito próxima a dela— Sua branca pele. —Em sua voz havia assombro e adoração— Seu corpo completamente nu, sob seu manto.

Ela sorriu, jogando a cabeça para trás.

—Eu sou bonita?

—É muito bela — disse fechando os dedos sobre sua cabeleira— Por Cristo, é muito bela.

No alto, sobre suas cabeças, ouviu-se uma risada feminina, afogada, mas inconfundível. Ruck afastou imediatamente as mãos de Melanthe; endireitou-se e examinou a sombria estadia, perplexo e confuso.

Melanthe pôs seu punho sob o queixo dele e o obrigou a olhar para cima. Pelos escondidos buracos se filtrava uma luz tênue que projetava estranhas sombras e ressaltava detalhes na penumbra.

Não sabia se ele reconhecia o que estava vendo, mas quando ia aproximar-se para lhe sussurrar ao ouvido, o estranho brilho desapareceu, o espião tinha abafado o buraco. Sir Ruck ficou rígido, girou o ombro contra a parede e olhou para cima.

—Que os enforcem — sussurrou com o lábio torcido.

Melanthe lhe cobriu a boca com a mão e se inclinou para ele para dizer ao ouvido:

—Aqui debaixo não podem nos ver, tão só nos ouvir.

Imediatamente, ele olhou por cima de sua cabeça para a estadia; não estava tão ébrio para não dar-se conta de que haveria outro buraco para cobrir o ângulo cego. Melanthe sabia onde se achava, mas já tinha fechado um pouco a cortina que rodeava o leito, como por acaso, para impedir a visão do lugar onde se encontravam.

Ele entreabriu os olhos, afetado pelo vinho. Olhou-a, e a seguir arqueou as sobrancelhas e piscou como se fosse um homem que tratasse de despertar de uma encenação.

Melanthe lhe afastou um áspero cacho negro que tinha caído sobre a orelha, como empregada atrevida que era.

—Servir-te-ei de camareiro, arrumado senhor, e te prepararei para o leito. Vem.

Se não fosse pelo vinho que lhe nublava a mente, pensou Ruck, teria procurado uma maneira mais razoável de solucionar o problema dos buracos para espiar. Queria fazê-lo. Pensou em cobri-los, mas ela o distraiu quando apagou as velas e deixou só a luz da lareira que se refletia em arcos de cor carmesim nas dobras de seu vestido. O objeto tinha decote baixo nos ombros e costas; contemplou a curva de seus seios quando se inclinou para agarrar um manto que tinha estado esquentando junto à lareira, o negro cabelo que caía em cascata sobre o ombro, e então recordou que estava tentando idear algum truque para pôr fim à espionagem.

A escuridão o faria, mas ficava o fogo da lareira. Poderia apagá-lo e ocupar seu posto de guarda junto à porta. Ela parecia uma chama viva com aquela cor carmesim.

Não era capaz de manter a mente fixa em algo por muito tempo, impossível quando fazia gestos para que se aproximasse do fogo. E assim o fez, ligeiro de corpo e mente, com a suave malha de lã lhe acariciando a pele. Tomou assento no tamborete e deixou que lhe tirasse as vestimentas. Seus objetos de linho estavam secando ao calor do fogo após ter sido lavadas; sob a roupa não levava outra coisa que meias três-quartos e sapatos nos pés. Ela o tinha visto enquanto se banhava, tinha visto seu corpo e as cicatrizes da batalha que o marcavam, mas agora se sentiu de novo envergonhado ao ficar nu com as cicatrizes e o desejo à vista, indigno dela.

Tampou-lhe os ombros com o quente manto. Ruck puxou os extremos e se cobriu com ele quando Melanthe se ajoelhou, tirou-lhe as meias três-quartos e começou a fazer uma massagem nos pés como a mais devota das esposas. Suas mãos subiram pelas panturrilhas até as coxas. Sentiu-se impotente, subjugado ao pensar no que a seguir podia fazer. Era inegável que tinha bebido muito vinho. Não era capaz de pensar com clareza.

—É muito pouco frequente que beba tanto — murmurou.

—Espero que não te tenha deixado incapacitado. —Acariciou-o por debaixo do manto e deslizou a mão com atrevimento sobre seu membro.

Ruck segurou seu pulso com os dedos, ao tempo que tragava ar.

—Pelo que vejo, está em perfeitas condições! —disse ela entre risadas, esfregando a palma da mão contra a rígida protuberância apesar de sua resistência.

—Minha dama... —disse ele.

De joelhos sobre a esteira de junco, rodeou-lhe o pescoço com o braço livre.

—Esteve todo o dia me tratando como a uma empregada vulgar, assim agora me converterei em uma de verdade. —Inclinando-se sobre seu ouvido, sussurrou— Esses espiões têm que ver brincadeiras amorosas, não? E que eu não sou nada mais que sua amante.

Que tinham que vê-lo? Ruck pensou que havia alguma falha naquele raciocínio, e que era pura iniquidade, mas a maneira em que ela o acariciava fez que perdesse a pouca razão que ficava. Não o fazia com ternura, manipulava-o sem arte alguma, até o ponto

de resultar doloroso, mas era sua mão a que estava sobre ele, e seu corpo o que se inclinava sobre o seu, e o único que ele era capaz de fazer era levar o ar ao interior de seu peito com um ruído rouco.

—Não têm vergonha — disse com esforço— Ah... Maria e Jesus.

Melanthe escondeu a cabeça em seu ombro, mas não deteve seu indecoroso comportamento. Depois, moveu a mão para soltar-se dele, tomou a sua e a levou até seu ventre enquanto ficava completamente imóvel, espectador.

Ruck perdeu todo controle sobre sua vontade. Ficou em pé e a levantou em seus braços. Seu corpo se movia livremente. Levou-a até o leito. O manto deslizou de seus ombros, e sentiu o ar frio sobre a pele quando ambos caíram sobre o leito.

Depois a soltou e se incorporou. Puxou as cortinas para impedir a visão aos espiões, rodeando e isolando aquele leito com as grossas e acolchoadas cobertas invernais. Ficou sentado na cama. Esperaria até que se apagasse o fogo e não ficasse luz alguma, pensou com desespero, e depois tomaria a espada e se estenderia junto à porta. Rezaria. Tratou de fazê-lo nesse momento, com os braços apertados em torno dos joelhos e a cabeça apoiada sobre eles, mas a cabeça não deixava de dar voltas à causa do vinho e a paixão.

Pensaria em outras coisas. Em coisas importantes: aonde se dirigiriam a seguir, em se teriam descoberto a existência do falcão, em quanto se teria estendido a praga além de Lierpool, se é que o tinha feito. A perna dela descansava junto a seu quadril. Sentiu que ela se sentava a seu lado e percorria com os dedos a tira de couro que rodeava seu pescoço e lhe acariciava a orelha com a boca, e então já não pôde pensar em nada.

—Vou levantar — sussurrou isso ele— Senhora, estou ébrio; não me beije.

—É que não te agrado?

—Você me mata com isso, minha dama. —Afastou o rosto dela— Acaba com minha razão. Estou bebido. Desonrar-lhe-ia.

Ela apoiou a cabeça em seu ombro nu e deslizou os dedos por suas costas.

—Desejo-o — disse em voz tão baixa que mal pôde ouvi-la.

—Não — disse ele— Não o farei.

A mão dela se fechou sobre seu braço. Balançou-o, o rosto ainda apertado contra sua pele, como a um menino que tratasse de convencer.

—Ah, senhora. Avalio-vos muito.

Os dedos se afastaram. Ficou em silêncio, a testa ainda apoiada nele.

—Quem ia inteirar-se? —perguntou com voz apagada— Uma vez. Só uma vez. Esta noite unicamente.

Ruck respirou fundo e falou em voz baixa:

—Minha doce dama, há em seu interior um demônio do inferno que fala por sua língua às vezes e me prova mais do que eu possa suportar.

—Não é nenhum demônio. Sou eu. —Subiu a mão e entrelaçou os dedos com os dele— Estive tão sozinha... Não sabe quanto. —Apertou-lhe a mão— Eu tampouco soube até que te encontrei.

—Minha adorada, minha dama preciosa, eu tenho esposa.

Melanthe ficou quieta um momento. Depois disse:

—É por essa razão pela que me rechaça? Por sua esposa?

—Por minha esposa. E por sua desonra.

—Ainda a amas?

Ruck riu com amargura.

—Transcorreram treze anos. Não sou capaz de ver seu rosto em minha mente. Mas é minha esposa, senhora, ante Deus e ante os homens, porque contraímos santo matrimônio.

—Acreditei que era uma monja.

—Assim é.

Melanthe levantou a cabeça. Na escuridão atrás dos grossos cortinados, Ruck não distinguia nada, unicamente a sentia.

—Eu nunca cometi adultério nem profanei meus votos. —interrompeu-se e lhe agarrou a mão com força— Não com meu corpo.

Acariciou-lhe o cabelo e as costas.

—Deus, o que têm feito de ti esses sacerdotes? —murmurou com tristeza— Viveste com o pensamento de que estás casado e, portanto obrigado a ser casto desde aquele dia em que te vi pela última vez?

—O certo é —disse ele— que vivi pensando em você. —separou-se dela e permaneceu de barriga para cima na cama, os olhos cravados na escuridão— Acordado e dormido, pensei em você. Teria morrido de desespero centenas de vezes se não a tivesse tido em minha mente para me obrigar a ser virtuoso. —Negou com a cabeça— Eu não sou nenhum santarrão, asseguro isso, senhora.

Melanthe soltou uma risada, desconcertada.

—Asseguro-te que não te compreendo. Sou eu quem faz que conserve a pureza? Burla-te de mim.

—Eu lhe prometi fidelidade, minha dama, em Aviñón. Quando me enviou as pedras preciosas. Nesse momento o pensei, mas estava confuso e não o recordo bem, quão único sei é que prometi lhe servir com minha vida. Vendi a esmeralda menor em troca de armas e um cavalo, e me dediquei a combater em torneios pelos prêmios, e quando contava já com algum dinheiro e meios adequados para me exhibir, fiz por minha proprietária e senhora. Fiz de seu falcão minha insígnia e adotei o verde de suas esmeraldas como minha cor. E quando meu corpo me tentava, pensava em você e em minha esposa Isabelle, pensava no puras, boas e irrepreensíveis que eram, muito melhores que eu, e em que tinha que viver com honra pelas duas, porque era o marido dela e seu cavalheiro.

—Deus nos ampare — murmurou Melanthe— Sua esposa e eu? Irrepreensíveis e puras? É um cego.

—Não sabia o que outra coisa fazer. — apertou os olhos com a palma da mão— Mas é impossível, já não é o mesmo, agora que...

Interrompeu-se e exalou todo o ar acumulado em seu peito com um forte suspiro.

—Agora que me conhece tal como sou — disse ela em um tom que ele não saberia dizer se era divertido, triste, amargo, ou as três coisas de uma vez.

—Eu vos amo, minha dama — disse com voz baixa— Essa é a única certeza que tenho. Com meu coração, com meu corpo, embora não tenha direito a pensá-lo, embora você seja alguém muito superior... É a verdade, embora me condene a arder no Inferno por isso. —Tragou saliva— Que Deus me perdoe por dizer semelhantes coisas. Bebi suficiente para me afogar.

Melanthe estava estendida ao seu lado, meio corpo sobre o dele e o braço rodeando seus ombros.

—Ama-me? — sussurrou com uma intensidade tal que fez que Ruck voltasse o rosto para ela na escuridão.

Levantou a mão, impulsionado pelo rogo que percebeu em sua voz, e lhe acariciou a bochecha com o dorso dos dedos.

—Além da razão.

—Ah — disse ela. Afundou a cabeça em seu ombro e se atou contra ele— Ontem eu era uma feiticeira em seu pensamento.

—Sim, e agora é uma licenciosa, e dentro de um momento será uma altiva princesa, e desconheço o que virá depois a me obcecar e me assombrar.

—Sua amante.

—Isso não, senhora.

Tratou de incorporar-se, mas ela o impediu, segurando-o com força.

—Não. Não vá.

—Farei guarda junto à porta.

—Não. Eu não poderei dormir se não estiver perto de mim, onde possa te tocar.

—Senhora — disse ele— com tantas horas que passa dormindo, acredito que uma noite não será uma grande perda.

Ela seguia sem soltá-lo.

—Não posso dormir. —A voz era suave, mas a força com a que o segurava mostrava autêntico desespero.

—Por Deus bendito, é que tenho que fazer a seu lado toda a noite? —perguntou ele— Tenha piedade de mim.

—Não posso. —Não cessava em seu empenho; empurrou-o para baixo lentamente— Não posso ter piedade. Suplico-lhe isso... Fique.

—Já está bem! —disse Ruck com aspereza. Seu ombro se afundou no leito de plumas e voltou o rosto para o travesseiro— Em tal caso, não me toque, minha dama, rogo isso.

Melanthe o soltou, e ele notou como girava para afastar-se. Estava zangada, pensou. Seus estados de ânimo os ditavam os impulsos infantis, como só ocorria às pessoas de alta linhagem. Mas o que pedia era muito; jazer a seu lado ali, no leito, nu, como se estivessem casados. Ele já estava fundo na lama do desejo pecaminoso; agora ela faria que sua alma se condenasse pela fornicção. Que Deus tivesse piedade dele se morria aquela noite, porque estava destinado às chamas eternas.

Entretanto, ela jazia imóvel na escuridão, sem pronunciar palavra nem exigir nada dele; pouco a pouco, deu-se conta de que estava chorando. Aguçou o ouvido, tratando de apagar o ruído de sua própria respiração. Não ouvia nada.

Ela dizia que tinha estado sozinha até encontrá-lo. Ruck fechou os olhos. Ele sim que tinha vivido em solidão toda sua vida, ao que parecia, alimentando-se com sonhos de coisas vindouras. Agora todas elas se fizeram pedacinhos, tinham desaparecido por culpa de seus caprichos. Tinha-a odiado por isso, e seguia odiando-a, mas o amor e o ódio estavam tão próximos em seu coração que pareciam fundir-se e deslumbrá-lo com uma única paixão. Era incapaz de distingui-los, como se via incapaz de decidir se ela era bela ou vulgar, porque não era nem um nem o outro, a não ser ambas as coisas de uma vez; era seu próprio ser, algo que podia amar ou odiar conforme lhe agradasse, mas ao que não podia renunciar a não ser que se fosse à tumba.

Alargou a mão. Posou-a sobre seu cabelo, que estava solto, esparramado sobre o travesseiro. Ela jazia em silêncio. Com muita suavidade, vacilante, mediu na escuridão até encontrar seu contorno com as pontas dos dedos, a têmpora, a testa. Roçou-lhe as bochechas e as pestanas, e tropeçou com cálidas lágrimas.

—Não te dei permissão para que manuseie ao seu desejo, trapaceiro — disse ela com irritação.

Ruck se moveu e a envolveu em seus braços.

—Já sabia que se converteria em altiva princesa sem demora alguma — disse com uma risada compassiva. Inclinou-se sobre ela e a balançou contra seu peito— Minha rainha e senhora, suas lágrimas são como flechas que se cravam em meu corpo.

—Ora! —disse ela— Santarrão.

Ruck a esmagou contra ele e esfregou a bochecha em seus cabelos.

—Deseja minha honra? Eu lhe entrego isso. Enganarei e cometerei adultério com você, minha dama, e depois, que Deus e o Maligno me atormentem segundo sua vontade.

Notou que ela girava em direção a seu rosto, apesar de que não a distinguiu naquela escuridão. Durante um longo momento, Melanthe permaneceu imóvel.

—Se eu fosse sua esposa, não seria pecado — sussurrou.

Ele emitiu um amargo som de ironia.

—Não. E tampouco se eu fosse rei de toda a Inglaterra e da França, e um homem sem ataduras.

Ela levantou as mãos e tomou o rosto entre as palmas.

—Me escute com atenção.

O tom de urgência de sua voz obteve a completa atenção de Ruck. Esperou, mas ela não disse nada. Seus dedos se moviam inquietos, fechavam-se em um punho sobre o rosto dele, para voltar a abrir-se de novo.

—Ah — disse— não sei como... Assusta-me te ferir. Meu bem amado, meu amigo leal e sincero, é que em todos estes anos não adivinhaste por que te denunciei em Aviñón? Por que fiz que te afastasse dali sem demora?

No mais profundo de seu ser, Ruck sentiu que seu espírito ficava em suspense. Fez um leve gesto de negação com a cabeça.

—Sua esposa, crê que a enviaram a aquele convento em Saint-Cloud? Não foi assim. Aonde a enviaram foi à Congregação do Santo Ofício. A entregaram aos inquisidores, e teriam feito o mesmo contigo se você não tivesse demonstrado que seus desvarios não lhe tinham convencido absolutamente. Não podiam consenti-lo, não o compreende?

Não podiam permitir que uma mulher pregasse, que interpretasse as Escrituras, que te exigisse por sua conta que fizesse um voto no seio de seu matrimônio.

—Não — murmurou ele— Não... O arcebispo... Ele assegurou que lhe tinham feito um lugar em Saint-Cloud. Eu paguei por isso! Pela manutenção de Isabelle... Com meu dinheiro, meu cavalo e minhas armas.

Melanthe não respondeu. No meio do silêncio, Ruck pensou em todas as cartas que tinha enviado, no dinheiro, cada ano, sem receber palavra alguma em resposta.

—Ai, Maria, Mãe de Deus... Onde se encontra Isabelle? —sentou-se de repente e a agarrou dos ombros.

Acariciou-lhe o rosto com as palmas das mãos.

Ruck soltou um gemido. Soltou-se dela e deu a volta, tratando de encontrar o ar que parecia ter abandonado de repente seus pulmões.

—Na prisão?

Mas sabia que não estava prisioneira. Soube por aquele silêncio, pela forma em que a princesa nem se moveu nem o roçou e se limitou a permanecer à espera.

—Eu a abandonei. —O corpo do homem começou a estremecer, as mãos se abriam e fechavam— Ai, Deus, eu a deixei sozinha.

—Me escute. —A voz de Melanthe estalou fria e cortante, como uma chicotada— Ela foi a que te abandonou. Eu a ouvi, se é que o esqueceste. Não era uma Santa, nem tampouco uma mulher sagrada, nem tão sequer era a esposa adequada para alguém como você.

—Suas visões...

—Ora! —soltou ela — Eram igualmente divinas que a vangloria de um pavão. Que saiba senhor, quando eu contrái matrimônio não amava meu marido; entretanto lhe demonstrei a mesma honra e a mesma fidelidade que ele mostrou comigo. Eu não derramei lágrimas nem gritei, nem tampouco anunciei que Deus me tinha feito chegar umas visões muito oportunas para me liberar de minhas promessas. Como tampouco o fazem infinidade de mulheres, das que ao menos a metade vive sem queixa alguma em uma submissão tal que te resultaria impossível imaginar. E por cada dez mil delas não

há tão sequer uma tão afortunada como o era ela! —A voz se converteu em um vaio vibrante— Ao final, cheguei a amar a meu marido o suficiente, mas a vida que tive que levar por sua culpa... Teria vendido minha alma em troca de ter estado no lugar de sua esposa, com um marido bom e irreprovável que me protegesse e com filhos próprios. E ela te repudiou, só por orgulho e vaidade, porque queria ser considerada Santa e pura por uns quantos bêbados insensatos que se dedicavam a falar estupidez sobre sua santidade. Por Cristo que me teria encarregado eu mesma de fazê-la arder se te tivesse caído com ela na queda como era seu desejo!

Ruck, sem deixar de estremecer, tomou uma baforada de fôlego.

—Queimaram-na?

—Sim — disse ela com voz mais calma— O sinto. Não podia fazer nada por ela, já que era a culpada de que isso acontecesse. Declararam que era uma seguidora da heresia do Livre Espírito.

—Isabelle — disse Ruck. O horror se apropriou dele— No nome de Deus, arder na fogueira! —Começou a respirar mais rápido ao ver aquela imagem, ao ouvi-la.

—Não sofreu — disse a princesa com voz tranquila— Administraram-lhe uma beberagem para que perdesse a consciência, inclusive antes que escutasse a leitura da sentença, e nesse estado estive até o final. Não albergue nenhuma dúvida de que quando ficou dormida, seguia estando completamente segura de que a consideravam uma Santa.

Ruck se voltou para ela na escuridão.

—Sabem com certeza, minha dama?

—Assim é. Sei.

Ruck olhou na direção onde ela estava, para a origem daquela voz fria e serena.

—Não acredito.

—Nesse caso te proporcionarei o nome do sacerdote ao que paguei para drogá-la. Naquele tempo era frei Marcus Rovere; agora é o cardeal decano de Aviñón.

—Você?... —O desconcerto se apoderou de Ruck— Por quê?

—Por que! Desconheço o porquê! Porque o imbecil de seu marido a amava, estúpido, e eu sabia que você não podia fazer nada. Porque meus aposentos davam ao pátio, e eu não desejava que nada alterasse meu descanso. Por que se não ia fazê-lo?

Ruck se estendeu de novo e apertou o crânio entre as mãos. As lágrimas não iam a seus olhos. Pensou em todas as vezes que tinha desejado que Isabelle estivesse morta para ficar livre, e na penitência que por isso tinha pagado. Em como ela tinha sido a filha de um burguês, e que por isso jamais teria podido levá-la abertamente a corte de Lancaster, nem sequer antes que convencesse a si mesmo de que estava consagrada a Deus; em que nunca teria podido ocupar ali o posto que lhe correspondia como cavalheiro com uma mulher de baixo berço como esposa. Pensou nos primeiros tempos de seu matrimônio, no gozo que lhe tinham proporcionado seu corpo e seu sorriso; em como lhe tinha parecido que sua solidão se acabou; e no temor secreto sofrido na primeira batalha, o pior, o mais vergonhoso, que não era medo à dor, que já conhecia bem, nem tampouco à morte em si, mas sim a que sua vida acabasse antes de ter a possibilidade de fazer de novo com ela, de copular com ela sobre os almofadões, e de olhá-la.

Isabelle era a única mulher com a que tinha jazido em sua vida, e levava treze anos morta, convertida em cinzas e ossos calcinados.

Foi consciente do som que fez: um gemido seco sem sentido, como o de um homem que chegou ao limite de suas forças. Deveria chorar, mas o pranto e os lamentos se afogaram em sua garganta. Não tinha forças mais que para seguir ali deitado e rodear a cabeça com as mãos, como se assim pudesse conter o tumulto de pensamentos que ali se amontoava, e sentir a tensão dos músculos cada vez que tomava fôlego.

—Sou incapaz de recordar seu rosto! —gritou— Que a Virgem santa me proteja, só vejo você.

—Chis. —Melanthe lhe pôs o dedo sobre os lábios— Cala. —Acariciou-lhe um lado do rosto com suave cadência, com roce firme e decidido— Isso não tem nada de surpreendente. É porque estou aqui ao seu lado, bem amado, nada mais.

Ruck alargou as mãos e lhe agarrou os braços.

—Não se separe de meu lado, minha dama — disse com ferocidade e a atraiu para si— Não me abandone.

—Jamais — disse ela— Se de mim depender, jamais o farei.

Ruck sentiu a leve carícia de seu fôlego no rosto. O corpo de Melanthe quase cobria o seu; a malha de seu vestido tampava a perna e a coxa, e ele a manteve ali.

—Tampouco eu a abandonarei. —Segurou seus pulsos com ambas as mãos— Nunca, senhora, a não ser que me afaste de você.

Estava tão próxima a ele que se elevava sobre seu peito ao respirar. Apesar de que quase não a distinguia, de que não era a não ser uma sombra mais escura na penumbra, sentiu seu peso, sua silenciosa submissão ao abraço dele. Seu cabelo caía solto entre os dois, como se ela fosse uma donzela. Como se fosse sua esposa.

—Senhora — sussurrou Ruck— que Deus me ampare, mas em minha cabeça albergos pensamentos que são pura loucura.

—Qual é seu verdadeiro nome e procedência? —perguntou ela com doçura.

Uma parte muito distante de seu ser pareceu dar-se conta do que se morava, do presente de incalculável valor que lhe oferecia, mas sua língua estava muito intumescida para formar as palavras.

—Ruadrik — disse com a garganta seca— de Wolfscar.

As mãos que a agarravam tremiam. Só a serenidade dela o mantinha imóvel.

—Sir Ruadrik de Wolfscar — disse Melanthe— eu o tomo, se assim o desejar, como marido, para te amar e te respeitar, no leito e na mesa, para o bom e para o mau, na saúde e na enfermidade, até que a morte nos separe, e me entrego. O aceita?

Tão só um ligeiro estremecimento sob suas mãos e uma quebra em sua voz ao lhe fazer a pergunta final demonstraram a Ruck que não se sentia tranquila.

—Minha senhora, é uma loucura.

O corpo dela se apertou contra ele entre seus braços.

—O aceita?

A Ruck faltou palavras, olhou-a com fixidez na escuridão.

—Crê que não é um bom trato para mim? —perguntou Melanthe com um fio de voz tão frágil como o cristal— Hei-te dito o que daria em troca de ser uma esposa para ti. O aceita?

—Senhora, meça suas palavras, e não se burle de mim, porque estou disposto em meu coração a responder com a verdade.

—Eu falei com a verdade. Aqui e agora, eu o tomo Ruadrik de Wolfscar, como meu legítimo marido, se me aceitar.

Ruck entrelaçou os dedos da mão direita com os dela.

—Lady Melanthe... Princesa... —A voz falhou ao dar-se conta da enormidade do que fazia. Tragou saliva— Princesa de Monteverde, condessa de Bowland... Minha senhora... Humildemente vos tomo... Tomo... Ah, que Deus me perdoe, mas tomo com todo meu coração, apesar de não ser merecedor absolutamente de ti, tomo como minha legítima esposa para te honrar e te amar, no bom e no mau, na saúde e na enfermidade, durante o que dure o resto de minha vida. E com tal fim me entrego a ti. —Fechou com força o punho sobre os dedos dela— Não tenho anel. Com esta minha mão direita te desposo, e com esta minha mão direita te entrego todo meu ouro e toda minha prata, e com esta minha mão direita te entrego tudo aquilo que é meu.

Durante um longo momento, nenhum dos dois se moveu nem pronunciou palavra. Ao outro lado dos pesados cortinados se ouviu, como um leve suspiro, o ruído das partes de carvão ao cair uns sobre os outros.

—Tampouco tenho flores, nem grinalda através da qual te beijar — murmurou Ruck, lhe rodeando o rosto. Inclinou-se e posou brandamente seus lábios sobre os dela. Ao princípio ela pareceu inerte, fria como o mármore, e uma sacudida de medo percorreu o coração, aterrorizado que para ela aquilo não fosse mais que um jogo zombador; mas depois ela emitiu um suave gemido e devolveu o beijo, com ímpeto e força, como costumava a beijar. Apoiou as mãos em seus ombros e se apertou com força contra ele, o rosto fundo em seu pescoço.

Ruck olhou para o alto, transbordante de felicidade e terror. O mundo parecia girar muito devagar a seu redor. Não saberia dizer se era por causa da bebida ou do assombro que sentia.

Depois a abraçou, obrigou-a a estender-se de costas, cobriu-a com seu corpo e se serviu das mãos para abrir caminho entre a desordem de suas saias, e de seu rígido membro para encontrar com urgência aquele lugar em seu interior. Montou-a e se afundou nela com um gemido de besta selvagem. Um doloroso prazer brotou em seu ventre e lhe percorreu as extremidades. Seus sentidos ficaram em suspense. De muito longe, sentiu que ela se aferrava a seu corpo, ouviu sua respiração acelerada, mas apesar de toda a força que havia nele, foi incapaz de deter-se e satisfazê-la. Com um violento arremesso derramou sua semente naquele ventre.

Fez uso dela e a possuiu para exercer seu direito ante Deus, e selar assim seu compromisso de esposa sem lhe dar opção a retratar-se. Quando tudo terminou, apoiou a cabeça sobre seu seio e derramou lágrimas por Isabelle, chorou de gozo, e de pânico mortal pelo que acabavam de fazer.

Capítulo 14

Melanthe o abraçou enquanto Ruck se deixava levar pela dor. Seguiu acordada até muito depois de que tivesse deixado de estremecer com os violentos soluços que se apropriaram dele. Chorava como um homem que perdeu filhos, família e futuro. Depois ficou profundamente dormido e, apesar de que aquele peso sobre ela quase a impedia de respirar, não cessou de lhe acariciar os cabelos com os dedos.

Sentia-se ciumenta daquela esposa dele, inconsciente e perigosa, ao ver como a chorava. Mas acreditava que o que doía a Ruck eram os anos perdidos e a imagem distorcida que tinha criado dela ao convertê-la em uma monja pura e inocente.

Melanthe recordava a uma mulher gritã e ofensiva, orgulhosa de si mesma e de suas profecias, e uma parte dela desejava fazê-lo vê-la assim, com minucioso detalhe. Entretanto pensou um tanto surpreendida de si mesma, que fazer patente seu descontentamento não lhe importava tanto se, ao lhe tirar o véu dos olhos, causava a ele uma dor maior.

Estar ali ao seu lado parecia suficiente. Era algo que lhe resultava completamente novo por ser ele tão distinto a Ligúrio, e também a Allegreto, que com aquela constante tensão tinha quebrado todas suas noites. Ligúrio tinha sido mais delicado, sem urgência, cortês no trato com ela. Agora albergava a suspeita de que já estava doente quando tinha consumado seu matrimônio, depois de ir ao leito dela pela primeira vez o dia de seu décimo sexto aniversário, e em muito estranhas ocasiões no transcurso do ano seguinte, até deixar de fazê-lo por completo.

Supôs que agora se sentia igual a outras mulheres, ao ter o corpo quente e pesado de seu amante esparramado sobre o seu, inconsciente e crédulo. Enquanto que Allegreto tinha a forma ágil e ligeira de um jovem imberbe, os ombros e braços de Ruadrik eram poderosos, musculosos, sua bochecha rugosa lhe irritava o peito nu e sua perna era um pesado fardo sobre sua coxa. Inclusive no leito, Allegreto jamais se despojava das meias, que tinham enchimento para dar a aparência de estar intacto e disposto. Sir Ruadrik, ao contrário, jazia com suas amplas costas nua exposta ao frio ar da noite, e era indubitável que estava inteiro e era um homem de verdade, inclusive depois de ter soluçado e haver ficado dormido sem sair dela. Logo, pouco a pouco, tinha ido saindo de seu interior até que Melanthe sentiu o estranho contato de suas partes, cheias de calidez entre os corpos de ambos; onde antes tinha havido dureza, agora notava a carícia de uma pluma, uma pressão suave em lugar de uma verdadeira invasão.

Percorreu aquele corpo com seus dedos, e depois apertou ligeiramente os braços a seu redor. Seu desejo era que o esperma daquele homem tivesse engendrado já um filho em seu seio; e que o rei...

Que Deus os ajudasse, que nem o rei nem a corte se inteirassem até que ela tivesse tempo para meditar. Nunca até aquele momento tão extraordinário lhe tinha passado

pela mente a ideia de celebrar um matrimônio secreto, e com um homem como aquele. Resultava-lhe incrível. Ela teria burlado sem compaixão de qualquer outra mulher tão imprudentemente enamorada com um homem para pôr todas suas posses em tal perigo.

Nem a Igreja nem a coroa poriam em julgamento seu direito a casar-se, mas contrair matrimônio sem a permissão do rei, entregar suas terras vassalas a um homem sem a aprovação de seu dono e senhor, era uma ofensa sem precedentes. Não teria jurado no país que desse por bom seu direito a fazer algo semelhante. A verdade era que, em troca do fato essa noite, poderia acabar convertida em uma mulher casada pobre.

Seguia sem lhe importar. Se pudesse ter a ele jazendo sobre seu corpo todas as noites de sua vida, se pudesse ser a mãe de seus filhos, estava disposta inclusive a varrer as cinzas do lar ela mesma.

Enredou os dedos no cabelo de Ruck e ficou a refletir. Possivelmente não fosse algo tão insuperável o que ela tinha feito. Ao ancião rei, rendido como estava a seus pés, poderia convencê-lo para que acabasse sorrindo-lhe, já que era uma mulher débil e louca de amor. Não era uma união que ameaçasse nenhum poder nem nenhuma prerrogativa real. Ao contrário, oferecia muitas vantagens. Ela jamais tinha planejado umas bodas, porque nunca tinha pensado que lhe interessasse voltar a casar-se. Também era certo que não tinha albergado o áspero pensamento de contrair matrimônio com alguém de inferior categoria, nem de renunciar a seu direito legítimo de negar-se a aceitar a um homem de pior posição que a sua.

Mas agora que pensava bem no assunto, deu-se conta de que umas bodas humilde não era uma má solução. Contaria com o amparo de um homem, e a coroa teria a certeza de que não ia unir suas propriedades às de outro domínio importante para assim ameaçar o trono. Em qualquer lugar que se encontrasse aquele lugar, Wolfscar, ela jamais o tinha ouvido nomear. Seria outro Torbec, sem dúvida, uma casa remota e sem luxos, que lhe alegraria esquecer.

E ficava Gian... Mas Allegreto estava morto, e Gian tinha perdido a capacidade de atemorizá-la ao encontrar-se tão longe. Tinha-o deixado com um sorriso e a promessa

de voltar para ele após recuperar o controle e as rendas de suas posses na Inglaterra, para maior glória de Monteverde. Levar-lhe-ia muito tempo dar-se conta de que não tinha a intenção de retornar, se é que chegava a fazê-lo. Todo homem tem um ponto débil, tinha-lhe ensinado Ligúrio, por muito inteligente que seja. O de Gian era Monteverde. Quando se inteirasse do longe que ela se achava e de sua renúncia aos direitos sobre dito estado, poderia encontrar um novo objetivo para suas obsessões e deixá-la em paz para que se casasse com quem lhe gostasse.

Embora tampouco fosse provável que a deixasse em paz por completo, mas não tinha tanto poder para que a alcançasse a tanta distância. E ele não era um homem que desperdiçasse suas energias em tarefa alguma, nem sequer na vingança, se não o aproximava de seus objetivos.

Sim, uma singela mulher de sua casa na distante Inglaterra, despojada de todo direito sobre Monteverde, teria muito pouco interesse para Gian Navona. Quanto ao rei, era manipulável, e seus favoritos careciam de escrúpulos e se deixavam subornar.

Melanthe sorriu enquanto aparava os cabelos desordenados de seu marido. Brincou com uma das mechas que resistia a ficar em seu lugar; enredou-o e o desenredou do dedo indicador enquanto ficava dormida.

À fria luz que entrava nos estábulos ao amanhecer, Ruck se encarregou do cuidado de Hawk e deu ao moço uma moeda de dois peniques por seu trabalho. O homem tinha limpado o arnês do cavalo, coisa que Ruck agradeceu. Entre a dor de cabeça, os olhos irritados e a inquietação que sentia no ventre, quão único pôde fazer foi inspecionar os arreios. Dobrar-se a examinar os cascos do corcel resultava impossível por medo de que o estômago desse um tombo.

Se não fosse por como se sentia essa manhã, teria acreditado que a noite anterior não era a não ser um sonho. Às vezes ainda pensava que devia haver imaginado entre os vapores da bebedeira, mas não tinha sido uma fantasia despertar aquela manhã com o cabelo da princesa Melanthe sobre a mão e com seu corpo aconchegado entre seus braços.

Tinha saído ao pátio com os dedos frios colocados sob os braços, e dali tinha olhado para a janela da estadia onde tinham dormido. Ela ainda seguia sumida no sono, lânguida e cálida, quando ele tinha abandonado o leito.

Quando contraiu matrimônio com Isabelle, o pai dela celebrou uma festa de esponsais e ficaram a viver com ele em sua casa. Devia haver-se celebrado uma missa e umas bodas no átrio da igreja, mas quando Ruck teve a oportunidade de partir para a França, adiantaram a cerimônia e, em seu lugar, a boda se celebrou na rua, com o fim de que se ele morria, todos seus parentes e suas amizades soubessem que Isabelle era uma dama e sua esposa legítima. O pai estava ansioso para que houvesse um ato público que o confirmasse.

Aquele burguês desejava que seus netos fossem chamados gentil homens e se enfureceu ao inteirar-se de que Isabelle tinha abandonado Ruck para entrar em um convento. O homem arrastou Ruck até a rua e declarou ante todos os viandantes que lavava as mãos com respeito a sua filha. Posteriormente, Ruck foi visitá-lo em outras duas ocasiões, mas resultou muito incômodo. Quando foi pela terceira vez, e descobriu que o homem tinha morrido de umas febres, não lamentou em excesso ficar livre daquele dever.

Todo o concernente ao seu primeiro matrimônio tinha sido aberto e público. Mas era consciente de que este segundo seria igualmente vinculante. Tinha ouvido falar de homens obrigados a divorciar-se de uma esposa quando outra mulher tinha jurado a existência de uns votos anteriores expressos com exatidão, tanto se tinha havida testemunhas como se não, feito-se em um botequim, sob uma árvore ou em um leito.

Eram autênticos e selavam sua união até a morte.

Tal tinha sido sua intenção ao fazê-los.

Essa manhã, entorpecido e enjoado como se encontrava, parecia-lhe incrível que tivesse mostrado semelhante audácia. Jogou o cabelo para trás com dedos intumescidos pelo frio, e se perguntou se agora ela se burlaria e asseguraria que tinha introduzido alguma estipulação que ele não tinha ouvido: que se casava com ele com a condição de

que lhe conseguisse o Santo Graal, ou algo pelo estilo, tal como os camponeses diziam uns aos outros quando participavam dos jogos de maio.

Não importava, pensou ressentidamente. Já tinha vivido treze anos sendo só a metade de um matrimônio. Que mais dava se tinha que passar o resto de sua vida da mesma forma?

Fez um gesto a um daqueles jovens cavalheiros de pouca subida que nesse momento atravessava o pátio bocejando com uma jarra de cerveja na mão. O sujeito lhe dedicou um sorriso e lhe deu um empurrãozinho no ombro ao passar.

—Foi larga a noite no campo de batalha?

Ruck o agarrou pelo braço, tomou a jarra e apurou seu conteúdo, fazendo caso omisso do grunhido de protesto. Ficou imóvel, tratando de decidir se ia lançar-se ou não sobre ele; depois de concluir que não ia fazê-lo, abriu os olhos e devolveu a jarra.

—Agradeço-lhe muito isso.

Aquele era mais jovem que seus amigos, tinha o cabelo loiro avermelhado, o rosto avermelhado, e vestia um espartilho muito curto sobre umas meias cor carne. Respondeu com um despreocupado encolhimento de ombros.

—Não há de que.

Ruck se deteve e olhou ao jovem diretamente aos olhos.

—Siga meu conselho — disse em voz baixa— Não esteja aqui nesta companhia quando sir Geoffrey retornar. — O jovem o olhou com receio. —Haverá uma luta. —Fez um gesto em direção ao salão— E eles sairão derrotados.

—O que você sabe disso?

Ruck levou as palmas das mãos aos olhos e os esfregou.

—O suficiente.

—Pertencem a sir Geoffrey?

Retirou as mãos do rosto e fez uma careta.

—Não. Não é mais que um conselho desinteressado. Uma forma de lhe agradecer pela cerveja.

Seguiu adiante e atravessou a porta de entrada ao salão.

Melanthe tinha posto o vestido de novo. Não o tinha perdido de vista, não com aquelas «damas» tão dispostas a ajudar, que se ofereciam continuamente para levar as coisas a escovar ou arrumar. No dia anterior, para livrar-se de sua insistência, Melanthe tinha dado uma verdadeira representação para convencê-las de seu medo a sir Ruck, que era quem lhe tinha presenteado todos seus objetos e exigia que fosse ela quem se encarregasse de arrumar a capa do cavalheiro com suas próprias mãos. As mulheres tinham mostrado sua compreensão e tinham acessado imediatamente após convir com ela que o mais prudente era não expor-se a sua ira.

Depois de conseguir umas tesouras, Melanthe tinha se sentado na cadeira de alto respaldo e tinha estendido o extremo da capa sobre o colo, fingindo trabalhar nela; arrumou para cortar os guizos de Gryngolet sob a malha de lã. Depois os costurou sobre as pontas do pescoço, depois de comentar que aqueles adornos tinham estado a ponto de desprender-se da capa anteriormente, e que menos mal que ela se deu conta e tinha tido a ideia de arrancá-los de um puxão e guardar-lhe em um bolso.

As damas mostraram escasso interesse nos guizos ou no singelo manto. Estavam muito mais fascinadas pelos arminhos e as manoplas valiosas de Melanthe. Acariciaram-nos com reverência e observaram que deviam ter pertencido a uma grande dama francesa. Mas nem sequer aquilo foi atração suficiente para retê-las ali quando ouviram o grito que reclamava sua presença junto a suas senhorias no salão. Entre sorrisos e risadas desceram em turba pela escada e deixaram Melanthe e Gryngolet em paz, exceto por aquelas miras para espiar.

Melanthe se alegrava de partir daquele lugar, e trabalhou para terminar o pouco que tinha que fazer antes que Ruck retornasse. Gryngolet tinha sujado o chão sob o braço da cadeira, mas ela o ocultou dando a volta à esteira de junco. Não parecia que ninguém estivesse atrás das miras àquela manhã, supunha que jaziam todos em seus leitos, dissipados pela bebida. Estava surpreendida de que Ruck tivesse conseguido levantar-se, vestir-se e abandonar a estadia antes que ela despertasse.

Não temia que tivesse ido muito longe, já que sua armadura e sua espada seguiam ali. Mas o sol já estava bem alto e no pátio ressonavam as vozes dos criados quando ele retornou a seus aposentos.

Quando entrou, ela levantou a vista com rapidez, e sentiu de repente que o coração subia pela garganta. Tinha o sorriso disposto, mas ele não só não sorriu, mas sim nem sequer a olhou. Deu uma olhada às miras, foi até onde estava a armadura e se inclinou para agarrar a couraça.

Uma estranha sensação de alarme se apoderou de Melanthe. Olhou-o com a impressão de ter ido muito depressa. Estava casada com aquele homem, ligada a ele de verdade, unida a ele para o resto do imprevisível futuro?

—Iremos ao momento no que esteja preparada, minha senhora — disse ele à couraça que tinha na mão. Em sua voz não havia sinal algum de alegria ou carinho, só submissão rígida e cheia de amargura.

—Bom dia — disse ela— esposo.

Ele tinha a armadura nas mãos, a cabeça inclinada. Melanthe viu o rubor que lhe cobria o pescoço.

Baixou a couraça. Em voz baixa, com ira, sem levantar o olhar, disse:

—Assim é, marido. Eu não jurei em vão, por muito que você lamente isso esta manhã.

Melanthe apertou os lábios. O medo a invadiu por completo, ao dar-se conta do poder que lhe tinha outorgado sobre ela de que por muito que chegasse a arrepender-se não podia voltar atrás. No mais profundo de seu ser foi consciente da debilidade que ele representava. Tinha-lhe feito um juramento. E algo ainda pior. Ai Deus, o pior de tudo era que permitiu a si mesma amá-lo.

Ruck atirou a armadura ao chão com estrépito enquanto amaldiçoava para si. Voltou o rosto para ela e apoiou o braço na cabeceira da cama.

—Se te disser que... —a voz de Melanthe era entrecortada— que te amo e te respeito, mas que estou assustada pelo que isso suporta, entender-me-ia?

Ruck apoiou a testa na madeira.

—Assustada! —disse com risada apagada— Eu estou tão cheio de amor que sinto um medo mortal de tão sequer lhe olhar.

Melanthe deu um passo silencioso para ele.

—Medo de uma simples empregada... De sua esposa?

Ruck deu a volta. Sem levantar a cabeça, alargou o braço e a atraiu até seu peito. Abraçou-a com força. Melanthe apoiou a cabeça em seu ombro.

—Não sei o que vamos fazer — murmurou ele— Não sei o que sairá disto.

—Vamos daqui sem demora — disse Melanthe.

Ruck a soltou.

—Sim, minha dama. Agarrei provisões da despensa. Iremos e chegaremos a seu feudo de Bowland.

Melanthe não disse que ela preferiria viver a sós com ele no bosque durante o resto de sua vida. Não a entenderia; pensaria que sua relutância se devia a sua pessoa. Contemplou-o enquanto colocava a armadura e o ajudou com as fivelas e as correias às que ele não chegava.

Quando já tinha a couraça e a cota de malha postas, alargou-lhe a túnica. Ele se tornou para trás e introduziu os braços pelas cavas das mangas. Melanthe lhe grampeou os botões do peitilho e depois alisou as rugas do objeto. Pareceu-lhe próprio de uma esposa fazê-lo.

Enquanto sir Ruck se encarregava das despedidas no pátio, com Hawk a seu lado, e dedicava palavras corteses a cada um dos homens, Melanthe ficou nos degraus da entrada ao salão. Levava Gryngolet envolta na capa, e se sentia muito exposta para ir situar-se ao lado de Ruck entre aquele grupo de convidados e serventes.

Não a agradava aqueles cavalheiros, se é que assim podia chamá-los. Mas bem eram rufiões que fingiam elegantes maneiras. Um deles ficou ao seu lado e tentou enrolá-la com palavras amorosas, mas Melanthe, com gesto altivo, fez caso omissivo de suas palavras. Era um arrumado descarado que sem dúvida se acreditava irresistível; tinha o cabelo castanho e encaracolado, e vestia um espartilho acolchoado que lhe dava a

aparência de um pombinho presunçoso. Na Itália o teria lanchado, lhe teria seguido o jogo e teria feito tal escárnio dele que jamais teria se atrevido a voltar a mostrar seu rosto em público, mas agora quão único desejava era estar longe dali.

Ele subiu os degraus e adotou uma postura que lhe permitia exhibir as meias largas que cobriam suas esbeltas pernas.

—Meu coração se fez pedacinhos — disse— ao ver que não baixava ontem ao salão, preciosa. E agora está a ponto de ir.

Melanthe lhe dirigiu um olhar cheio de desdém. Negava-se a subir um degrau para afastar-se dele, não fosse que acreditasse que sua perseguição tinha tido êxito.

O homem se moveu a suas costas, entre as sombras da entrada.

—Um beijo de despedida, querida. —Apoiou a mão no ombro de Melanthe— Olhe, ele não está olhando.

—Te afaste infante.

A mão dele se afastou e Melanthe quis aproveitar o momento para sair à vista dos outros, mas antes que pudesse avançar, ele a agarrou pelo braço. Era o que ela utilizava para segurar Gryngolet. Deteve-se. Não podia soltar-se de repente sem correr o perigo de deixar à vista o falcão. Naquele momento de hesitação, ele a subiu de um puxão ao alpendre e, segurando-a pelos ombros, esmagou suas costas contra o muro.

—Grita se quer — disse— Somos quinze contra um. —Na semi penumbra ele exibiu um sorriso— Possivelmente te dê um melhor presente de despedida que um beijo, encanto. Aqui e agora.

Melanthe já tinha sua mão livre sobre a adaga. Distinguiu uma figura atrás dele, mas o deu um corte para dar uma lição a aquele sujeito. O homem saltou para trás com um alarido e foi cair entre os braços de sir Ruck.

—Seu encanto rechaça o presente, infante — disse Melanthe com frieza.

Ele sangrava por um ligeiro corte que lhe atravessava a coxa. Sir Ruck franziu o cenho com fúria sem soltar o homem, mas as comissuras de seus lábios estavam ligeiramente elevadas.

—Zorra sanguinária! —O galã ferido tratou de lançar-se sobre ela, mas não pôde soltar-se.

—Pode estar agradecido de que não te tenha feito uma poda completa — disse Melanthe, e desceu do alpendre com um rápido movimento.

—Zorra! —ouviu-se o ruído de uma refrega a suas costas— Puta, rameira, zorra... Detenha! Henry! Leva algo oculto nesse vulto!

Melanthe se deteve. Tinham-na rodeada; uns sorriam, outros mostravam gesto sério. Henry a olhou, e depois levantou a vista até o alto do alpendre.

—No vulto? Isso sim que não, senhor. É assim como paga minha hospitalidade? Roubando-me?

Sir Ruck soltou a seu prisioneiro e baixou os degraus com decisão.

—Eu jamais faria coisa semelhante. Só agarramos a comida que nos ofereceu livremente, e que Deus lhe pague por isso. O que ela leva não lhe pertence, asseguro-lhe isso.

—Vejamo-lo, então.

—Eu lhe direi o que sustenta — disse Ruck— É um falcão que eu recuperei no bosque. Levamos a ave a seu autêntico proprietário.

—Um falcão! —Estava claro que aquilo não era o que eles imaginavam. Henry olhou a seu redor, e a seguir insistiu— Não, quero vê-lo.

Melanthe olhou para sir Ruck, que lhe fez um gesto de assentimento.

—Em tal caso.

Ela sentiu certo alarme, mas não tinha outra escolha. Com cuidado, levantou as dobras do manto e deixou à vista a cabeça encapuzada de Gryngolet. Deixou que o tecido cobrisse o resto de seu corpo, com a esperança de que aquilo bastasse. O capuz era singelo, de caça, adornada unicamente com um pouco de prata e com um penacho de plumas brancas e verdes. Não mostrou a branca plumagem que cobria os ombros do falcão gerifalte.

Uma onda de consideração percorreu o grupo. Gryngolet voltou à cabeça e abriu o bico ao ar frio.

—Por Cristo bendito, um falcão peregrino? Por que não o disseram? O teríamos guardado nos estábulos ontem à noite. Quem é o dono?

—Um senhor de Midlands — respondeu Ruck com brevidade— Sem ânimo de lhe ofender, senhor, não queria que a ave se mesclasse com as demais.

Henry se encolheu de ombros.

—Nossos falcões gozam de boa saúde — disse com certa indignação.

—A ave não me pertence — disse Ruck— Tenho que me mostrar cuidadoso em extremo.

—Sim, suponho que haverá uma recompensa... —Henry se interrompeu e sorriu— A quem pertence?

A expressão de avareza em seus olhos não deixava dúvida. Ruck se aproximou de seu corcel e tomou as rédeas.

—Vem — disse dirigindo-se a Melanthe— Senhor, fui eu quem recuperou o falcão, e a recompensa que por isso deem, embora suponha que não será muito mais que uns quantos xelins e obrigado, é para mim a quem pertence.

—É do rei? —exigiu saber Henry— Tom, segura o cavalo!

—Não, não é do rei.

Sir Ruck tomou Melanthe pela cintura e a levantou, mas Henry se equilibrou sobre eles e o empurrou para trás, lhe fazendo perder o equilíbrio. Os pés de Melanthe se chocaram contra o chão, e cambaleou para não perder pé, sem deixar de apertar Gryngolet contra seu peito.

Henry a agarrou pelo braço.

—Quero ver suas correntes com meus próprios olhos.

Melanthe manteve o falcão gerifalte pego ao corpo.

—Aqui estão... —Separou de um gesto a lã de seu pulso e mostrou as correntes de Gryngolet que penduravam de sua manopla— É que não sabe ler, meu príncipe?

Henry lhe lançou um olhar enfurecido, agarrou a trela e a aproximou dos olhos para examinar com detalhe os anéis lisos das correntes nos que estava gravado o nome de

Melanthe. Igual ao capuz, eram as que levava de reposto para a caça no embornal do falcão, feitas em prata mas sem adornos.

—Está em latim. Prin... ah... Mont... verd? —Soltou as correntes— Jamais ouvi falar desse homem. Onde reside? —antes que alguém tivesse ocasião de responder, agarrou de novo uma das correntes e voltou a examiná-la— Princ... I... pessa? É um príncipe, Por Deus bendito?

—Uma princesa — disse o galã ferido— Uma estrangeira.

Henry franziu o cenho.

—Uma estrangeira.

—Me deixem ver. —O galã libidinoso se aproximou, agarrou as correntes e as examinou— Bow... O roce da trela apagou as letras. Conde... Do Bow... Y...

—Me dê a ave, empregada, e suba. —Ruck alargou para ela a mão bem protegida pela manopla— Não fique aí como se tivesse jogado raízes no chão.

—Se detenha! —Henry agarrou o pulso de Ruck— desfrutastes de minha hospitalidade, você e sua amante, Cavalheiro Verde, e não têm a cortesia de me dizer seu nome. É que recusa me dar uma pequena amostra de seu agradecimento?

Ruck soltou a mão que o outro homem agarrava.

—Se o que deseja é o falcão, não é meu para lhe dar de presente.

Henry sorriu.

—Permita-me somente agarrá-lo. O falcão de um príncipe. Quando voltarei a ter tal oportunidade.

Sir Ruck ficou olhando um momento, e depois dirigiu a vista a Melanthe.

—Deixa que o agarre.

Melanthe tragou fôlego e permaneceu imóvel.

—Me dê à trela, empregada, e calada — espetou Ruck— Faz o que te digo!

Ela soltou a trela dos dedos e a envolveu torpemente ao redor do punho.

—Traga-me a manopla! —ordenou Henry— Imediatamente! —Um dos criados pôs-se a correr— Tire o capuz. Deixe que o veja.

Melanthe olhou para Ruck enquanto notava como se aceleravam os batimentos de seu coração.

—Eu não sei fazê-lo.

—Já é suficiente, já aguentei suficientes tolices de sua parte — disse Ruck aproximando-se. Desatou as correias ele mesmo, agarrou o penacho de plumas entre os dedos e levantou o capuz. Ele fez gesto de retirar a malha de lã dos ombros de Gryngolet, mas agora que o falcão gerifalte podia ver, sua paciência chegou ao limite. Pegou um chiado e abriu as asas. Sem pensar, Melanthe deixou cair o manto, por medo de que a ave lutasse, enredasse-se nele e se rompesse as plumas.

A branca plumagem de Gryngolet resplandeceu interrompido unicamente pela negra fúria que brilhava em seus olhos quando sulcou o ar, expressando a gritos seu descontentamento pelo lugar no que estavam e o tratamento ali recebido.

No silêncio atônito que reinou a seguir, o chiado da ave foi o único que se escutou. Até os cães que andavam por ali soltos se detiveram e elevaram o olhar. Sir Ruck foi o único ser humano que se moveu: fechou as mãos sobre o corpo de Gryngolet no momento no que pregava as asas.

—Calada! —disse entre dentes quando o falcão chiava de novo, ao tempo que puxava Melanthe pela mão.

Olhava-a com a mesma veemência com a que o falcão olhava a seus torturantes. Apareceu um moço correndo com a manopla e o embornal de lorde Henry. Melanthe ficou com a trela de Gryngolet, e a deixou ir. Dirigiu um olhar de súplica a Ruck, para rogar que não perdesse seu mais prezado tesouro.

Entretanto ele se limitou a olhá-la com fixidez e assinalou o corcel com um gesto.

—Um gerifalte branco — disse Henry com reverência enquanto calçava a manopla— Que branco tão puro, pelo mais sagrado! —Agarrou as correntes e a trela acolchoada depois de que Ruck depositasse a ave sobre sua mão— Ah... Vive Deus, é uma autêntica maravilha.

—Conforme ouvi, o castigo por roubar uma ave assim —disse sir Ruck— consiste em cortar uma libra de carne do peito do ladrão e dar-lhe à ave como alimento.

Rodeou a cintura de Melanthe com as mãos e a subiu à cadeira de montar.

—Acaso pensa que minha intenção é roubá-lo? —perguntou Henry com falsa indignação. Tentou desembaraçar a trela, mas Gryngolet lhe mordeu com tal ferocidade que quase lhe arrancou o punho. Com uma maldição, Henry afastou a mão.

Sir Ruck seguia olhando para o alto do cavalo, e franzia o cenho intensamente. Melanthe passou a perna sobre o animal e sentou escarranchada.

—Considero-lhe um homem muito sábio para fazê-lo, meu senhor — disse enquanto montava diante dela e olhava do alto a Henry— Agora que já sustentou à ave, a devolveremos a seu autêntico dono.

O senhor de Torbec seguia tentando soltar a trela. Ao não poder arriscar a mão descoberta e aproximá-la ao falcão, abriu os dedos e deixou que a trela caísse ao chão após desatar-se. Melanthe o viu fazê-lo; viu que Gryngolet se batia, inquieta, que agarrava ar nas poderosas asas e, depois de arrancar a frouxa trela das mãos de Henry, soltava-se e se afastava com ela.

Henry moveu as mãos no ar como se pudesse apanhar a ave, mas já se foi; voava sobre os estábulos e a muralha.

—Um chamariz! —gritou— Pelos pregos de Cristo... Aqui... Tragam-no de volta.

Um coro de assobios e gritos frenéticos seguiu Gryngolet. Sir Ruck jogou o braço atrás e agarrou o de Melanthe com tal força que dos lábios dela saiu um gemido de dor em lugar da chamada ao falcão para que voltasse para seu lado que já lhe escapava da garganta.

—Por favor! —vaiou Melanthe.

Gryngolet girava no alto e descrevia círculos sobre o pátio com movimentos preguiçosos, com a emaranhada trela ainda presa. Não estava acostumada a que a soltassem do interior dos muros de um castelo onde cães e homens formavam redemoinhos presa da confusão.

—Atrás, me deixem espaço! —Henry levantou um chamariz de couro com uma parte de carne que haviam trazido a toda pressa dos estábulos. Ficou a dar gritos e assobios e a dar voltas à tentação sobre suas cabeças, de uma vez que o grupo se dispersava.

O falcão desceu brincalhão para o chamariz, mas, a meio caminho, deu um giro e se elevou sobre o telhado do salão. Descreveu um círculo em torno do pátio de armas e se elevou ainda mais nas alturas antes de descer de novo. Henry atirou o chamariz a terra quando a ave se aproximou.

Ruck ainda agarrava com força Melanthe. Gryngolet se lançou sobre o chamariz caído e passou roçando-o, com trela e tudo; depois seguiu sem deter-se até a torre de entrada. Elevou-se em silêncio, sem os guizos. Dava amostras de estar em uma daquelas atitudes alegres que estava acostumada a mostrar: fazia giros e movimentos preguiçosos, e os olhava como se estivesse lhes gastando uma brincadeira.

Henry assobiou frenético e voltou a agitar o chamariz. Melanthe tinha o coração na boca; temia que a carne do chamariz fosse de porco, algo que Gryngolet odiava. Sem guizos que anunciassem seu voo, a trela pendente era uma armadilha mortal para a ave se escapava. Enredar-se-ia em uma árvore e ficaria pendurada cabeça abaixo até morrer.

Gryngolet retornou. Chegou quase a posar na torre de entrada, logo mudou de ideia e a ponto esteve de enredar uma volta da trela em um dos mastros que havia para as bandeiras. Cheio de curiosidade ante os assobios, o falcão gerifalte sobrevoou o grupo, em busca das outras aves de rapina que normalmente haveria nessas circunstâncias, já que a habitual chamada de Melanthe não era um assobio, a não ser sua própria voz.

O chamariz se elevou. Gryngolet brincou a seu redor e desenhou círculos dilatatórios justo sobre as cabeças dos presentes. Depois de uns quantos giros, a ave começou a fazer caso omisso do chamariz e a acelerar o ritmo, centrando-se em Melanthe.

Todos os que estavam no pátio olharam em silêncio enquanto o falcão revoava em torno dela, desdenhava a parte de carne, e passava tão perto da cabeça de Melanthe que ela notava o sussurro do ar. Sir Ruck lhe segurava com força a mão, para impedir que a elevasse.

—Uma princesa! —Era a voz do galã de cabelos castanhos a que gritava— Feche a grade! Olhem, pelos pregos de Cristo, é uma princesa! —Começou a correr para a entrada— Esse falcão pertence a ela!

Ruck lhe soltou a mão. Imediatamente, Melanthe a levantou e chamou Gryngolet com urgência enquanto ele esporeava o cavalo.

Já havia homens que corriam para a torre de entrada, enquanto Henry dava ordens frenético. Produziu-se um tumulto imediatamente ao grito de: «Uma princesa pela que pedir resgate!».

Gryngolet chegou e posou justo no instante no que o cavalo saía disparado. Melanthe moveu as mãos para agarrar a enredada trela; o súbito puxão para diante quase fez cair o falcão gerifalte para trás, em meio de um bater de asas, mas suas garras encontraram onde agarrar-se enquanto Melanthe jogava o braço atrás para rebater a força do choque.

Um par de homens esteve a ponto de alcançar a grade a tempo, mas um jovem loiro de meias cor carne se chocou contra eles, com uma força tal que foi como se o tivesse feito a propósito; saíram todos despedidos pelos ares e caíram ao chão a tão só um pé de distância dos enormes cascos de Hawk, que passou por eles a toda velocidade.

Os cascos ressonaram na ponte com o estrépito das rochas ao desprender-se; ouviu-se um eco prolongado e, continuando, o som do vento quando, já fora das muralhas, Ruck obrigou o animal a trocar as grandes pernadas por um galope.

Sir Ruck guiou o garanhão fora do arvoredado e entrou em um claro do bosque onde, em outros tempos, os carvoeiros queimavam turfa. Tinham galopado pelo caminho principal até deixar atrás o castelo de Torbec, e então diminuíram o passo; assim Melanthe dispôs de uns momentos para desfazer o enredo da trela e as correntes, que tinha estado segurando com força, e pôde adotar uma postura mais segura para ela e Gryngolet. Quando Ruck tirou o cavalo do caminho e o obrigou a retroceder pelo bosque, Melanthe se deu conta de que até então tinham estado fugindo na mesma direção que lhes tinha levado até Torbec.

Percorreram o trajeto sem pronunciar palavra. Melanthe desconhecia se estavam passando de novo pelas cercanias de Torbec; o bosque era muito espesso e o cruzavam numerosos atalhos. Ruck puxava as rédeas para obrigar o cavalo a ir umas vezes para a

direita e outras para a esquerda; de vez em quando se detinha para cobrir os olhos com a mão e olhar através dos ramos nus para o sol invernal. Tinha perdido o manto, que ficou atirado no pátio depois da briga por fazer-se com Gryngolet, e a luz se refletia nas ombreiras da armadura; podiam ver-se os arranhões e os rastros semicirculares produzidos ao brunir o metal de cor verde.

Desmontaram no claro abandonado. Gryngolet estava alterada e faminta, e Melanthe se sentia igual. Sir Ruck agarrou o alforje dos mantimentos.

—Sente-se, minha dama, se te agradar, e toma um refrigerio.

Assinalou com um gesto um toco que tinham talhado em forma de trono. Melanthe depositou Gryngolet no alto do respaldo e atou a trela a um grosso broto que tinha brotado de novo das velhas raízes. Ele se aproximou com a bolsa e lhe passou algo envolto em fustão.

—Sim que roubei algo de Henry depois de tudo —disse Ruck— Dois pintinhos frescos do ninho de uma galinha, para o falcão.

Melanthe tomou o vulto e respirou profundamente.

—Um pouco mais e não teríamos necessidade alguma de comida para ela.

Ruck se encolheu de ombros.

—Se tivesse tido que escolher entre ambas para tirar uma dali... —titubeou— Acredito, de verdade, que uma esposa me proporciona mais calor e prazer que um falcão, minha dama.

Afastou-se imediatamente, para escapar do descaramento de suas palavras. Ficou abaixado e examinou com o cenho franzido o interior do alforje.

Melanthe também sentiu certo acanhamento. Colocou um dos pintinhos sobre a manopla e o ofereceu a Gryngolet, a seguir se sentou na borda do toco e falou refugiando-se em um tom pragmático.

—Se esse ladrão de falcões tivesse conseguido reter Gryngolet o tempo suficiente, teríamos podido recuperá-la pagando um resgate. —obrigou-se a olhá-lo, apesar de que ele seguia com a cabeça inclinada sobre os mantimentos— Sir Ruadrik, estive meditando a respeito de nosso contrato nupcial.

A mão de Ruck ficou imóvel quando já tirava o pão e o queijo. Depois seguiu adiante, sem dizer nada. Levantou-se e fincou um joelho ante ela para oferecer a comida sobre um pano branco. Melanthe a aceitou e a colocou sobre seu colo.

—Há muitos assuntos que estudar — disse— Meu dote e seu obséquio, e... Qual é a melhor forma de conseguir que o rei se reconcilie com a ideia de que tenhamos contraído matrimônio sem sua permissão.

—Minha senhora esposa — Ruck ficou de pé— não pensei em outra coisa durante toda a manhã. Se for seu desejo... —Afastou o olhar dela, com o rosto sério e carente de toda emoção— Não houve nenhuma testemunha que presenciasse nossos votos. E eu tampouco exigirei o cumprimento de suas palavras se, depois de havê-lo pensado, crê que foram pronunciadas com urgência ou que possam te causar dano. Um matrimônio assim carece de vantagem alguma para ti. Todo ganho é para mim, embora eu não a buscasse. Não peço parte alguma de seus bens; não quero nada deles, mas, apesar de tudo, sou conhecedor de que o rei em sua ira poderia te despojar do que é teu por direito. Em consequência, se o desejar, eu te eximirei de todo dever e compromisso para mim. —Levantou a vista para olhá-la aos olhos, a mandíbula firme— No que a mim respeita... Me casado contigo se considera alta traição, morrerei por isso, mas jamais me retratarei.

—Como poderia eu então fazer menos por ti? —perguntou ela com doçura.

Ruck foi para o cavalo e lhe tirou o bocado para que assim pudesse pastar. De costas a ela, disse:

—Que Deus nos proteja.

—Amém — respondeu Melanthe— Mas tenha também um pouco de fé em meu engenho. É maior que o do rei.

Ruck seguiu contemplando o cavalo, e depois olhou por cima do ombro com um ligeiro sorriso.

—Minha senhora, olhe quão baixo tem caído... —Negou com a cabeça e abriu os braços para abranger com eles o claro— Um toco por assento e eu por marido. Deve haver parvas reais que tenham mais engenho que você.

—Com esse comentário, deixa muito mal ao rei — disse ela.

Ruck se voltou para ela com gesto sério.

—Uma vez haja posto a salvo a minha dama, irei e lhe suplicarei, seja qual seja o preço, que não seja despojada de suas posses nem de seu título por minha culpa.

—Não, me deixe o rei. —Melanthe, pensativa, contemplou com o cenho franzido o negro montículo de um antigo forno de turfa— Acredito que se o assunto lhe apresenta com astúcia, há possibilidade de aplacar a sua majestade. E embora não fosse assim, ou se alguém mais causa problemas... Eu meditei o assunto em profundidade. —Tomou uma grande baforada de ar— Decidi que minhas posses carecem de importância para mim. Que varrerei eu mesma as cinzas do lar se me vejo obrigada.

Ruck soltou uma grande gargalhada que retumbou no pequeno claro. Era a primeira vez que Melanthe ouvia semelhante amostra de regozijo.

Voltou-se indignada para ele.

—É que não me crê capaz?

Ele a olhava sorridente.

—O que acredito é que provocaria um autêntico desastre, senhora.

—Ora. —Melanthe estalou os dedos e comeu uma parte de queijo— Tão difícil é?

Ruck se aproximou e tomou o rosto entre as mãos descobertas.

—Não nasceste para varrer cinzas. E eu não sou tão pobre para que minha esposa tenha que encarregar-se da limpeza, mas tampouco aceitarei que perca um só xelim de sua fortuna por minha causa.

—Pensa-o de novo. O favor dos reis não se compra facilmente. Por um delito como este terá que gastar muito em obséquios e presentes que aplaquem ao rei. —Melanthe arqueou as sobrancelhas— A não ser que prefira te retratar de seus votos matrimoniais, para que assim eu conserve íntegro meu patrimônio.

O olhar de Ruck lhe percorreu o rosto.

—Já hei dito que, embora me custe a vida, não o farei.

Melanthe baixou os olhos.

—Não fale de um preço semelhante; desagrada-me ouvi-lo. —Alargou os braços e puxou Ruck para aproximá-lo dela— Já está bem de palavras solenes. Sente-se a meu lado, arrumado cavalheiro, e me deixe que te alimente com leite e mel de minhas próprias mãos.

Ruck se sentou com as pernas cruzadas junto ao toco, e apoiou o ombro nele.

—A mim, mas bem me parece queijo duro e torta de aveia.

—Ah, mas recitei um grande conjuro e o transformei em um favo. —Aproximou-lhe uma parte de queijo e um pedaço de pão.

Com o polegar, Ruck desprende um bocado da seca borda do queijo e o comeu.

—Nada, está tão duro e azedo como sempre. —voltou-se, esticou uma perna e recostou as costas no tronco — É uma bruxaria muito pobre, empregada. —Apoiou a cabeça no quadril de Melanthe— Vi fazê-lo melhor na feira do gado.

—Sabe por que razão te amo?

—A verdade é que não acredito que o faça, e muito menos que haja uma razão para isso.

Melanthe enredou o dedo indicador em seus cabelos, e deu um puxão.

—Pode ser que algum dia diga isso.

Ruck ficou em silêncio. Ela notou que voltava a cabeça e o olhou do alto. Tinha a vista cravada no limite do claro.

—Ouço um cão de caça — disse.

Incorporou-se até ficar de joelhos e ficou imóvel, à escuta. Melanthe também o ouviu: o som de um guizo na distância.

—É aquele sabujo. —levantou-se de um salto— Por Cristo bendito.

Não se detiveram quando caiu o sol nem tampouco a fazer noite. Só se permitiram um breve descanso para que o cavalo comesse, e para tomar eles pão de aveia e queijo duro, junto com água de um arroio pelo meio do qual cavalgaram até que estava muito escuro para fazê-lo sem perigo. Ao princípio, Melanthe não tinha acreditado possível que pudessem incitar cães de caça experientes a lhes seguir o rastro: não eram veados,

nem sequer coelhos... Mas então se lembrou do sabujo e daquele jogo galante com o lenço de uma dama. Tinha sido aquele cavalheiro de salão com o cabelo acobreado, aquele ao que ela tinha feito o corte com a adaga, e podia imaginar perfeitamente o quanto lhe agradaria utilizar contra ela aquele joguinho com o sabujo.

O manto de sir Ruck, abandonado no pátio, a bom seguro estava impregnado do aroma dele, do dela e também do pertencente ao cavalo. E toda a matilha iria depois do sabujo. Inclusive de não haver acreditado, aquele som insistente dos cães de caça, distante, por momentos perdido, mas sempre procedente do caminho que eles haviam seguido teria bastado para convencê-la.

Já fazia horas que Ruck tinha obrigado Hawk a dirigir-se para o oeste e o pôr-do-sol, em sentido oposto à rota que conduzia a seu castelo de Bowland, mas também da que levava para Torbec e a matilha. Encontrar-se-iam com a costa ante eles, não sabia a que distância, mas tampouco o perguntou. E mais, ao cair à noite, estava muito esgotada para, além de segurar-se a Ruck, sustentar Gryngolet e manter o ouvido atento aos sabujos, pensar em algo mais que no medo e em seus doloridos músculos. Ser perseguidos lhe produzia um especial horror. Agarrou-se com força quando chegaram a uma parte de estrada e galoparam por ela. Tentou ouvir por cima da pesada respiração do cavalo quando Ruck permitiu que Hawk diminuísse a marcha e o fez internar-se de novo nos bosques. Dava-lhe pavor chegar ao mar, ficar apanhada entre a água e os cães de caça. Dava-lhe pavor que o corcel perdesse velocidade, que suas forças não resistissem o peso de ambos. Ruck fez um alto para tomar outro descanso e sem pronunciar palavra desatou o alforje.

Deixaram-no, com mantimentos e tudo. Voltaram a montar tão só com Gryngolet e o posto: a armadura dele, o traje e a capa dela, e o embornal do falcão, que Melanthe tinha pendurado em bandoleira do ombro. O enorme cavalo se internou na crescente escuridão da noite com os flancos úmidos e cheirando a suor.

Perdeu a noção do tempo; dormitava e despertava, tudo se converteu em um horrível pesadelo em que os latidos dos cães se confundiam com o rumor do vento, e em um momento determinado acreditou ouvi-los uivar tão perto que se sobressaltou e soltou

um pequeno grito. Permaneceu em uma negra e vertiginosa confusão até que sua mente nublada se deu conta de que tinham deixado atrás o bosque e estavam na costa, varrida por uma tormenta seca. As ondas eram como um batimento de coração lento e imenso, e largas linhas pálidas na escuridão.

Com Gryngolet no colo, ocultou o rosto atrás dos ombros de Ruck para evitar a cortante brisa. Já não ouvia os cães; não ouvia outra coisa que o mar e o vento. O cavalo se movia debaixo dela com ritmo regular. Voltou a ficar dormida, a inundar-se em um pesadelo sem fim cheio de uivos.

Ruck deu graças a Deus por havê-lo levado na direção correta. Quando tinham alcançado a enseada, não estava seguro da distância percorrida nem de se tinham ido para o norte ou para o sul. Mas não parou a perguntar-lhe nem a calculá-lo; só tinha rezado. Depois de afrouxar as rédeas, Hawk tinha avançado cansativamente entre as altas dunas, tornando-se para a direita, e não para a esquerda, para evitar as piores rajadas de vento; portanto, tinham ido para o norte em busca do que Ruck tratava de encontrar.

E o tinha conseguido. Hawk aguçou as orelhas quando ouviram os rangidos e estalos de uma janela com as portinhas fechadas. Era uma noite sem lua, mas a areia e as nuvens se refletiam umas nas outras, e deixavam entrever vagas silhuetas de formas pálidas e sombras negras de grande tamanho.

Desmontou, e a princesa se endireitou e murmurou:

—Ouço-os.

—Não. Deixamos atrás à matilha — disse ele, apesar de saber que podia estar equivocado. Pensava que a areia e o vento apagariam seu rastro, mas não estava seguro— Fique aqui — pediu, ao tempo que depositava as rédeas na mão livre de Melanthe.

Ela tomou. Ruck esperava que ao menos não caísse do cavalo se ficava dormida de novo. Hawk agachava à cabeça e a cauda lhe golpeava os flancos, como se não quisesse dar um passo mais. Ruck os deixou ali e entrou na areia em direção às Salinas, tomando

a precaução de olhar à frente e evitar as poças e as fendas dos secadores de sal enquanto se aproximava da solitária cabana.

Capítulo 15

Melanthe teve a impressão de que tudo acontecia em cenas desconexas: a matilha, o vento e a enseada em meio da gélida escuridão e, continuando, uma estranha figura, de comprimentos cabelos e silenciosa, mal entrevistada, um louco do bosque, um selvagem do deserto, um intenso balanço, água e um robusto barco; e mais e mais frio, salpicaduras de água que a obrigavam a amassar-se em sua capa; não tinha Gryngolet consigo, mas de algum jeito recordava que não ocorria nada; Ruck o tinha assegurado ao perguntar-lhe e depois as primeiras luzes da alvorada, o mundo reduzido a um espantoso vaivém de ondas e vento.

O medo ao mar, a lassidão e o frio a fizeram estar quieta, encolhida no diminuto refúgio durante aquela travessia interminável, enquanto aquele louco gritava ordens incompreensíveis a Ruck e ambos lutavam cotovelo a cotovelo contra o vento e o fluxo, sulcavam as águas, recolhiam os cabos, utilizavam os remos para montar umas ondas que pareciam muito grandes para o barco e a levavam não sabia aonde, embora tampouco lhe importasse. Hawk tinha a cabeça tampada pela armadura, as patas atadas e o focinho roçando o fundo.

Perto do ocaso, amainou o horrível vaivém. Melanthe reuniu forças para abrir os olhos e sair arrastando do pequeno refúgio. Olhou com olhos empanados e viu uma costa que lhe era desconhecida, de águas cristalinas, bordeada de negras árvores que, por alguma razão, cintilavam, e umas montanhas que se elevavam atrás deles até alturas impressionantes, salpicadas de um branco espectral.

Recuperou um pouco mais a consciência quando chegaram a terra. O bote balançava sobre as ondas que rompiam na enseada resguardada de uma pequena baía. Tiveram que desembarcar em um banco de areia que saía da enseada; umas árvores penduravam em cima e os ramos mais baixos quase tocavam a água. Estavam recobertas por uma capa de gelo transparente que lhes dava a aparência de estranhas cascatas brancas sobre um fundo de madeira escura.

Sir Ruck a obrigou a apressar-se; levantou-a em seus braços para depositá-la na areia, sem deixar de lançar repetidas olhadas para o extremo oposto da baía. O cavalo saiu com tranquilidade do bote amarrado, como se saltar do barco e chapinhar na água fosse algo que fazia a metade dos dias de sua vida. Sem abrir a boca, o louco do bosque, cujo aspecto à luz do dia era igualmente tosco e selvagem que na escuridão, entregou Gryngolet metida em uma capa de falcoeiro e afastou o bote com a ajuda de um remo.

Ruck deu uma palmada na garupa do corcel e o fez sair ao trote por diante deles. O cavalo correu para as árvores, uma silhueta pálida na luz decrescente, que se desvaneceu em um abrir e fechar de olhos.

Melanthe olhou por cima do ombro e esquadrinhou com olhos dormitados a outra borda. A uma milha ou mais de distância através da areia, pareceu-lhe divisar umas edificações baixas e campos cultivados. Mas Ruck não lhe deu tempo para parar e estudá-lo com calma.

—São as terras da abadia — disse com um leve tom de desprezo na voz— A casa de Saint Mary. Eu não gostaria que se precavessem de nossa presença.

—Aonde nos dirigimos?

Ruck lhe segurou o braço e a olhou à cara como se fosse lhe falar, e a seguir deu um ligeiro empurrão para que se pusesse a andar por diante dele.

—Ao bosque — disse— Apresse-se, minha dama.

Apesar de que tinham deixado muito atrás, e ao outro lado da água, à matilha de sabujos de Torbec, Ruck decidiu que montariam de novo e não deixou que tomassem uma pausa. Cavalgaram toda a noite, e se deixaram de fazê-lo em algum momento

Melanthe não se inteirou. O pobre e sofrido falcão ia seguro na parte posterior da cadeira, metido na capa de linho de Melanthe, com a cabeça coberta pelo capuz saindo por um extremo e as garras e a cauda pelo outro. Melanthe se agarrava à alta parte traseira da cadeira de montar. Ficava dormida de contínuo e despertava com um sobressalto cada vez que perdia o equilíbrio, até que Ruck disse:

—Me rodeie com os braços.

Ela deslizou os braços ao redor de sua cintura e recostou a cabeça em suas costas. Ruck segurou ambas as mãos com firmeza sob a sua. Fazia frio e era muito incômodo, só a túnica dele se interpunha entre ela e a dura couraça, mas Melanthe devia ter dormido muito e muito profundamente naquela postura, porque quando despertou outra vez, a inclinação do terreno era muito mais pronunciada, e a luz do amanhecer se filtrava em torno deles e convertia o negro em cinza.

O bosque era tão sombrio e espesso que dava a impressão de que o cavalo abria caminho pela primeira vez entre as sarças e os acebos; não havia atalho nem sinais de passagem. Entretanto, não lhes cravou nenhum espinheiro, nem sequer prenderam na capa. O corcel seguiu avançando sem pausa; fez numerosos giros e entrou em escuras cavernas de folhagem invernal, como se de túneis se tratasse, para encontrar a forma mais fácil de subir por uns penhascos dos que penduravam uns pedaços de gelo que quase lhes roçavam a cabeça. A respiração do cavalo era laboriosa, exalava baforadas de vapor e suas ferraduras ressonavam em ocasiões com força ao dar contra a dura rocha, e em outras golpeavam suaves sobre o musgo. À medida que ganhavam altura, o som do vento nos ramos foi aumentando de intensidade. Ao olhar para baixo, Melanthe viu que todas as árvores e arbustos estavam salpicados de flocos de neve, mas não distinguiu rastro algum de seu passo pelo lugar.

Mais adiante, o bosque parecia de cores mais vivas, as árvores eram de menor tamanho e tinham formas caprichosas a causa do vento. Umas afiadas rochas formavam uma espécie de dentes enormes e planos, como se um dragão surgido da terra tivesse as faces abertas. O corcel subiu com esforço uma ladeira e passou entre duas enormes

formações de piçarra, cujas placas cinza caíam em ângulo sobre o chão como uma imensa grade em forma de v.

O ruído do vento diminuiu de repente. As ferraduras de ferro de Hawk retumbaram naquele passo estreito. Saíram a um pequeno arvoredado escuro salpicado de neve, escondido no desfiladeiro. Por fim, sir Ruck deteve o ofegante cavalo junto a uma lacuna cujas águas, de um negro purpúreo, apareciam calmas sob uma capa de gelo transparente.

—Deixaremos que o cavalo descanse e beba — anunciou enquanto a ajudava a desmontar— Tem sede?

Melanthe negou com a cabeça, atou a capa ao corpo e tomou assento sobre uma rocha. Ruck tirou uma torta de aveia de algum bolso escondido e a ofereceu. Enquanto Melanthe a mordiscava com desânimo, ele levou o cavalo até a lacuna e rompeu o gelo com o pé. Ouviu-se um rangido, que o eco amplificou, ao rachar a superfície da lacuna em brancas lascas. Não parecia que a garganta tivesse saída, nem tampouco entrada, por muito que Melanthe olhasse para o lugar por onde acreditava que tinham chegado.

—Onde nos encontramos? —perguntou, ao tempo que sacudia miolos da bochecha.

Ruck levantou os olhos, o cansaço escrito em cada linha de seu rosto, e com um leve sorriso disse:

—Nos páramos altos além dos bosques, minha senhora. Ninguém pode nos seguir até aqui.

O cavalo afundou o focinho na água e bebeu. Melanthe pensou no bosque sem caminhos que tinham atravessado tão facilmente. Levantou a vista até os nus ramos que rodeavam a lacuna, e de repente descobriu um desenho nelas: os troncos retorcidos e as formas entrelaçadas, um ramo para baixo e protegido por outro, um terceiro envolvido ao redor do do outro lado, um par deles abertos, trançados, recortados e cravados na terra para criar um novo broto, todos eles crescendo juntos para formar um muro de madeira e espinheiros.

—Ah — exclamou— É uma paliçada defensiva.

—Sim. É muito antiga, minha senhora. Desde antes que os homens do norte chegassem a estas costas, desde antes que alguém recorde manteve-se assim.

Melanthe o olhou.

—O que é o que protege?

Ruck se aproximou dela e lhe alargou a mão. Melanthe tomou e se levantou. Ele a conduziu até um lugar que parecia impenetrável; só quando entrou nele, Melanthe viu que podia segui-lo. Atravessaram um escuro terreno baixo e sortearam os troncos caídos. Ruck subiu diante até outra fenda entre as rochas e ofereceu a mão.

Melanthe recolheu as saias e deixou que ele a içasse. O vento uivava através da fissura da piçarra e mal havia lugar para os dois. Ele se apoiou contra a parede de rocha, fê-la passar adiante e a estreitou contra seu peito para que ela pudesse ver através da abertura o terreno que se estendia mais abaixo ante eles.

—Ali — disse assinalando.

A ladeira da montanha caía tão em picado de onde eles se encontravam que Melanthe não divisava as copas das árvores mais que lá muito abaixo, onde o bosque invadia o fundo do vale. Cobriam-no retalhos de névoa, que se formavam e dispersavam, elevavam-se em penachos para elevar-se sobre as formações rochosas e dificultavam a visão. Ao princípio acreditou que o vale estava deserto, que o único que havia ali era mais e mais bosque, e o risco de um rio que atravessava o fundo e umas cascatas congeladas no extremo mais longínquo. Esquadrinhou de novo a paisagem com os olhos cheios de lágrimas a causa do vento, tratando de olhar onde lhe indicava.

Fechou os olhos e os abriu. O que tinha acreditado uma cascata parecia ser uma torre. Voltou a piscar e de novo era um salto de água; a cascata inferior ficava oculta pelo pico de uma ladeira, mas havia uma estranha formação de piçarra em sua origem. Era triangular; e outra um pouco mais baixa, cones escuros de pedra, cada um deles com uma cauda branca na base... A névoa se moveu e se dispersou, e de repente, durante um instante, viu um castelo tingido de branco, torre com ameias e telhados cônicos de piçarra azulada, o brilho de umas douradas bases de estandartes... Mas depois voltou a converter-se em uma rocha coberta de neblina e marcada pelo gelo uma vez mais.

—Divisa-o? —perguntou Ruck aproximando a boca a sua orelha.

Melanthe se deu conta de que tinha contido o ar.

—Não poderia assegurá-lo... Há uma fortificação? A névoa me confunde.

—Há uma fortificação. —Ruck apoiou as mãos em seus ombros— Wolfscar.

—Deus me ampare! —disse ela quando a névoa limpou de novo— Agora a vejo!

—Isto me pertence, desde umas seis milhas atrás até aquela segunda cúpula, a costa pelo oeste e os lagos pelo este. Outorgado pelo próprio rei, junto com a licença para fortificá-lo com um castelo. —Em sua voz havia uma nota de orgulho desafiante, como se esperasse que ela o contradissesse.

Melanthe se voltou de costas para gélido vento.

—É um barão, então!

—Sim, nos concedeu uma baronia, em tempos de meu pai e desde antes. Acreditava-me um homem livre, minha senhora?

Melanthe deslizou da fenda até um espaço mais amplo e protegido entre as paredes de rocha. Ele a seguiu, com o familiar estalo de sua cota de malha acompanhado pelo ruído do aço quando, a cada passo, a vagem de sua espada se chocava com a pedra.

Melanthe se deteve e se voltou sorridente para ele.

—Não. O filho bastardo de um cavaleiro pobre. Lancaster acreditava que era um homem livre.

Aquilo incomodou Ruck que entrecerrou os olhos. Mas antes que pudesse falar, Melanthe acrescentou:

—Por que razão íamos considerar-te de mais linhagem, Cavaleiro Verde? Quando nem sequer nos deu seu nome.

—Não podia — disse ele, e a olhou sério, com os olhos obscurecidos pela sombra das rochas. Encolheu-se de ombros— Os títulos de propriedade se perderam. Meus pais faleceram durante a Grande Mortandade. A abadia... —O gesto de sua boca se torceu— Tinham que haver-se encarregado de guardar meus territórios enquanto era menor de idade. E se esqueceram de mim! Fui ali ao cumprir os quinze anos, porque jamais tinha tido notícias nem tinha recebido conselho, nem nenhuma ajuda deles. Mas os monges

disseram que eu era um embusteiro exímio que queria enganá-los, que esta terra tinha sido adicionada à abadia durante o último reinado, e que o rei jamais o tinha revogado. E nem sequer sabiam do torreão... —Apoiou o punho sobre a pedra— Do castelo que meu pai levou sete anos construir! Para eles não é mais que um bosque impenetrável, e se esqueceram de todo o resto.

Parecia sentir mais indignação por aquilo que por ter sido despojado de seus direitos. Entretanto Melanthe viu imediatamente qual era o pior golpe.

—Não pode provar que pertence a sua família?

Ruck se recostou na parede de rocha e apoiou nela o pé.

—Todos morreram.

—Todos eles?

Ele contemplou seu joelho com a cabeça encurvada. Fez um gesto de assentimento, como se se envergonhasse disso.

Melanthe o olhou com o cenho franzido. Eram da mesma idade; se sua família tinha perecido na primeira Grande Praga, não devia ter mais de sete ou oito anos quando ficou órfão.

—Mas... Após e até que aos quinze anos foi aos monges, quem cuidou de ti?

Ruck levantou o rosto, havia nele a sombra de um irônico sorriso.

—Minha senhora, vem e saúda-os se te digna a fazê-lo.

Ao iniciar a descida para o vale de Wolfscar, com Gryngolet de novo sobre o pulso e agarrada a Ruck com o outro braço, Melanthe teve uma espécie de supersticiosa premonição. Tinha percorrido em companhia dele páramos e ermos, ou isso tinha parecido, mas aquele lugar dava a impressão de afastar-se da Igreja e da humanidade quanto mais se aproximavam dele.

Desceram por um terreno escorregadio entre árvores tenebrosas, em cujas copas gemia o vento. Seu corpo se esticou quando ouviu o uivo distante de um lobo, ou era acaso um grito de mulher? O alarido se prolongou e foi subindo de tom e fazendo-se mais forte conforme baixavam, mas Ruck não lhe prestou a menor atenção. Deram um

giro brusco e de repente o lamento se converteu em um rugido; era o vento ao soprar através de um montão de dentes de piçarra, que se transformou de novo em um autêntico chiado quando eles passaram.

—Que Deus nos proteja — murmurou em voz baixa Melanthe.

Ruck lhe apertou o pulso. Melanthe se alegrou de que a segurasse com mais força porque, ao seguinte giro que deram, olhou por cima do ombro dele e retrocedeu na cadeira pela impressão.

Uma enorme cabeça, três vezes mais alta que a do corcel, olhava-a com olhos sinistros das profundidades das sombras das árvores. Da garganta de Melanthe saiu um som afogado, mas nem cavalo nem o amo deram mostra alguma de temor; continuaram a descida sem interrupções e, de um novo ângulo, a cabeça se converteu em uma mescla de rocha, arbustos e ramos, em uma miragem da realidade.

Melanthe recordou aquela estranha fusão de sonho e despertar da noite anterior, o louco do bosque em cuja silenciosa companhia tinham feito a travessia, o bote que parecia muito pequeno para levá-los e ao cavalo sem perigo... E começou a ter dúvidas sobre o tipo de guardiães que protegiam Ruck.

O terreno se fez menos abrupto. Rodeou-os uma fria névoa, uma repentina opacidade leitosa que só deixava entrever o seguinte arbusto, o seguinte tronco de árvore, antes de cobri-los de novo. O cavalo baixou a cabeça como se adivinhasse o caminho, igual faria um sabujo. Melanthe estremeceu e ocultou Gryngolet sob a capa quando a névoa a penetrava até os ossos.

Enquanto se amassava quanto podia com o manto, imaginou que ouvia música. Disse-se que era uma nova ilusão criada pelo vento, igual a aquele grito que ainda podia ouvir por cima deles. Entretanto tinha forma e melodia; era uma canção que ela conhecia, ou que acreditava conhecer, doce, triste e cativante. Os cascos do cavalo golpeavam o chão ao ritmo da música. Ruck não disse nada; sua cabeça parecia marcar também o mesmo ritmo e a mão com a que a agarrava se afrouxou. Melanthe pensou que estava ficando dormido, o descuido mais funesto de todos com aqueles espíritos tão embelezadores.

Agarrou-o pelo ombro e o sacudiu com força.

—Acordada! —vaiou— Pelo que mais queira acordada!

—Hei! —Ruck se endireitou, ergueu a cabeça e a lançou para trás, dando-lhe um bom golpe no nariz ao levar a mão à espada.

Melanthe soltou um gemido e fechou os olhos para conter a dor. Cobriu o rosto com a mão e piscou para conter as lágrimas. Quando recuperou a vista, o bosque estava em silêncio, exceto pelo som do vento no alto e o ruído dos cascos de Hawk.

—Em guarda! —sussurrou— Se ficares dormido, apoderar-se-ão de ti!

Ruck respirou profundamente e agarrou o punho da espada.

—Quem vai se apoderar de mim? —perguntou desconcertado.

Ela voltou a sacudi-lo até que a armadura rangeu.

—As fadas — disse— se é que não o têm feito já. Ouviste a música?

Ruck pareceu voltar para a realidade.

—Ouviste música? —A mão sobre a espada se afrouxou— Que melodia?

—Não sei. Música de fadas, doce e lenta.

Ruck soltou um grunhido e olhou a direita e esquerda entre a névoa. Continuando, para consternação de Melanthe, começou a assobiar a mesma melodia sem lhe dar importância. Hawk ergueu as orelhas e acelerou o passo.

Quando a névoa começava a diluir-se, uma flauta longínqua atacou de novo a mesma melodia. Ao descer, o caminho ficou coberto das rajadas de vento e entrou em uma zona de calma que inclusive resultava cálida depois dos vapores gelados da neblina. A música da flauta parecia retroceder segundo eles avançavam; nunca soava mais próxima, mas tampouco mais longínqua. Melanthe não sabia se se tratava de um sinal estabelecido de antemão, ou se as mesmas fadas tinham metido o assobio na cabeça de Ruck e tinham proporcionado ao exausto cavalo novas energias para seguir adiante. Era uma melodia tão lastimosa e familiar...

Chegou-lhe a lembrança de onde a tinha escutado antes. A bordo do navio, ao partir de Burdeos, quando o homem que ia diante dela estava na coberta em cima de sua cabine.

Durante uns momentos sua mente percorreu a sequência de sucessos incríveis que a tinham conduzido até onde se encontrava agora, e pensou que ele era vítima de um encantamento, que sua intenção sempre tinha sido entregá-la ao poder das fadas, conduzi-la a este território onde elas reinavam.

Uma parte dela considerou que aquilo era uma loucura, outra sentiu temor e uma terceira se viu invadida por uma estranha emoção, pelo desejo de experimentar o que até agora não conhecia mais que pelos livros e o que lhe tinham contado.

Ruck deixou de assobiar de repente, deteve o cavalo e levantou o punho no ar.

—Ave! —gritou com uma voz que reverberou em cada extremo do vale.

OuvIU-se um corno em resposta, a chamada de uma trompetista. A nota se prolongou e subiu até mesclar-se com seu próprio eco, até que pareceu haver uma companhia completa de chifres.

Ruck esporeou o cavalo, e o corcel pareceu esquecer a fadiga. Empreendeu um trote para descer o último lance da ladeira e cruzou a galope uma ponte e um rio gelado que apareceram debaixo deles antes que Melanthe se desse conta de que estavam ali. Agora havia um caminho ante eles, muito utilizado na aparência, que seguia a borda do rio e rodeava a base de uma colina, salpicada de rochas.

Deixaram atrás as formações de piçarra, e um claro panorama se abriu a seu lado. Um vale inteiro se estendia lá abaixo, três vezes mais extenso que o que acabavam de deixar atrás, largo e plano, com terrenos cultivados coberto por franjas de neve, um parque rodeado de uma paliçada e um lago. E, lá no alto, o castelo de um branco reluzente, com as muralhas que desciam até a água, os torreões coroados por arremates de tapeçaria, uma espécie de encaixe esculpido em pedra, intrincado como uma fantasia de papel.

A trompetista soou de novo, clara e próxima; desta vez suas notas formaram uma vertiginosa cascata. Interrompeu-se de repente, e Melanthe dirigiu o olhar a sua esquerda. Junto ao caminho havia um jovem com brilhantes roupas em companhia de um enorme mastim, ambos alegres; o moço tinha os braços em alto como se dispondo a saltar sobre o cavalo quando este passou a galope.

A surpresa do jovem ao ver Melanthe foi quase tão grande como a dela. Vestia o traje de um bufão da corte: meias de cores, guizos, ricos redemoinhos de tecido nas mangas e o espartilho e um bocado adornado de plumas e franjas pendentes. Quando Ruck se deteve ao seu lado, o jovem baixou o corno com expressão de cômica consternação.

—Quem é ela? —perguntou como se tivesse todo o direito do mundo de sabê-lo.

—Seja bem-vindo você também, Desmond — respondeu Ruck com secura.

O jovem Desmond fincou o joelho em terra imediatamente e inclinou tanto a cabeça que estava em um tris de cair de bruços.

—Meu senhor — disse com voz apagada— seja bem-vindo.

Hawk jogou atrás a cabeça, como se estivesse impaciente por aquele atraso, mas Ruck o segurou.

—Minha senhora, este é Desmond, guarda do castelo. Como sua tarefa é impedir que entre em Wolfscar algum estranho sem autorização, não duvido que é por este motivo pelo que se mostrou tão diligente em perguntar seu nome.

—Suplico-lhe perdão, meu senhor — disse Desmond abatido de sua perigosa postura— Rogo-vos que me perdoe minha senhora.

—Adiante-se —disse Ruck— e lhes anuncie que chego em companhia de minha esposa, a princesa Melanthe de Monteverde e Bowland.

Desmond se levantou. Tinha o corno sob o braço, a cabeça encurvada, mas arrumou para dar a Melanthe um bom olhar de lado. Ela só distinguia um nariz proeminente e um rosto avermelhado pelo frio ou pelo esforço de fazer soar o corno; não pôde lhe ver a expressão.

—Meu senhor — disse entre reverências— Minha senhora.

Girou-se e pôs-se a correr com toda a energia da juventude posta na velocidade de seus bicudos sapatos e com o cão dando saltos a seu lado. O caminho se curvava à direita para entrar no vale. Desmond parou ao chegar ali, levantou o corno e fez soar aquele aviso de notas rápidas com um tal vigor, que o som se propagou por todo o território.

—Isso —disse Melanthe— não é uma fada.

Ruck olhou para ela por cima do ombro.

—Não, é um histrião. Acaso preferia que fossem as fadas as que lhe dessem a bem-vinda?

—Vive Deus que, faz tão só um momento, acreditei haver caído com o próprio Tam Lin do conto de fadas.

Ruck soltou uma forte gargalhada; era a segunda vez que ela escutava aquele agradável som.

—Há. Por isso me sacudiu até fazer entrechocar meus dentes!

—E bem merecido o tinha — disse ela com severidade— Agora me leve ao seu castelo encantado, porque estou completamente farta deste cavalo.

Pode ser que não fossem fadas, mas o castelo e a companhia eram realmente estranhos. Ao aproximar-se da fortificação, Melanthe compreendeu por que lhe tinha parecido uma cascata gelada da distância. Enquanto que os arremates de tapeçarias davam às reluzentes torres e chaminés o aspecto de uma suave espuma, os muros não caíram em anos. Ali onde os canos vertiam a água dos telhados azulados, uns regos de pedra escura rompiam o branco. O conjunto dava a impressão fantasmal de estar derretendo-se como um castelo de açúcar em um banquete.

Quanto aos habitantes, cada homem, mulher e menino vestia-se como se tomasse parte em uma representação teatral, dos sapatos bicudos que calçavam seus pés até as abundantes cores e desenho de suas roupas. Apareceram correndo para ficar em fila aos lados do caminho; a maioria deles levava algum instrumento: timbales, diminutas harpas e guizos. Quando Melanthe e Ruck passaram ante eles, iniciaram um alegre coro com altos e contraltos, executado com o mesmo esmero como se levassem semanas praticando-o. Aqueles que não cantavam partiam diante do cavalo, entre piruetas, saltos e malabarismos. Entre os acrobatas havia inclusive mulheres e moças jovens, vestidas com meias masculinas, que davam saltos tão altos como o resto, e até um par de cachorrinhos terrier que caminhavam sobre duas patas para trás, realizavam piruetas e ladravam.

Melanthe não viu camponeses, nem ferramentas agrícolas nem indícios das tarefas invernais, apesar de que, disseminadas pelos pastos junto ao lago, havia ovelhas cinza de cara branca.

—Onde está sua gente? —perguntou com um sussurro, sob o amparo da música e a canção.

Ele abriu a mão e assinalou a animada trupe.

—Estes são os que me criaram.

—Estes histriões e bufões?

Ruck assentiu e se inclinou para agarrar um feixe de trigo trançado de mãos de uma menina que partia ao lado do corcel e que depois saiu disparada entre cânticos e risadas.

Melanthe olhou ao grupo que cantava a seu redor.

—Muito melhor que ser criado por lobos, imagino — murmurou.

Tinham alcançado a barbacana exterior. Ante a torre de entrada, ao pé da passarela, esperava-lhes um sujeito fornido com uma longa barba branca, uma figura cheia de dignidade e cômica há um tempo com suas meias rodeadas e o corpo rechonchudo vestido com as cores do arco íris. Seu acompanhante tinha aspecto mais elegante; era um homem de rosto jovem e olhos castanhos tranquilo e inteligente, embelezado por completo de azul, exceto pelo branco pescoço em ponta e o cinturão de prata.

Quando o mais jovem dos homens se adiantou, calou a música.

—Alteza — disse com uma reverência profunda e perfeita— sentimo-nos honrados de sua presença. Que o Rei dos Céus lhe benza, e que nosso senhor lhe ame e lhe respeite. Eu me chamo William Foolet, e este é William Bassinger. Damos-lhe, gentil senhora, nossas mais sinceras bem-vindas aos domínios e morada de nosso amo.

Ofereceu a Melanthe uma argola com as chaves. Ao olhar do alto aqueles olhos escuros de suaves pestanas, ela pensou que aquele homem não era nenhum parvo, por muito pequena que fosse sua estatura. Aceitou as chaves e assentiu a ele e a Bassinger.

—Deposito em vós minha avaliação, leais e bem amados servidores — disse com voz clara para que todo mundo a ouvisse— Que Cristo lhes proteja, e conceda seus favores a todos quantos neste castelo habitam.

O roliço Bassinger lhe dedicou uma profunda reverência.

—Que se abram as portas! —ordenou com uma voz que ressonou sobre o lago com a força do trovão— Chegam nosso amo e senhor e sua dama!

Um as mãos invisíveis levaram o restelo e baixaram a ponte levadiça. Enquanto Ruck e Melanthe atravessavam a passagem de pedra, caíram sobre eles punhados de sementes de trigo através das frestas do teto. A companhia foi atrás deles entre cantos e vivas.

Ao cruzar o fosso, Melanthe levantou a vista da ponte até os elevados muros. Sobre a grade interior aparecia esculpida a cabeça de um lobo, grafite em negro sobre um campo azul, um contraste de cores frescas sobre o branco desbotado da cal. No interior das muralhas, a confusa mescla de construções de pedra e decadência resultava ainda mais estranha. Um cuidado jardim ocupava o centro do pátio, mas uma hera sem folhas crescia e cobria a metade dos arcos de uma curvada galeria de madeira, em que os últimos vestígios da pintura de sua ornamentação tinham sucumbido à dureza do clima. Várias cabeças de gado comiam o feno esparsa no fundo de uma fonte seca, sem consideração alguma às elegantes e esbeltas lareiras nem às preciosas janelas, cobertas de delicada tapeçaria e cristal, que se abriam no alto.

Ruck desmontou e a ajudou a baixar. Um par de moços se fez cargo de sua espada e escudo, e os levaram junto com o corcel. Deu-lhe a impressão de que ele evitava olhá-la aos olhos. Ficou ali, com sua armadura tinta de verde, em meio daquela ruína élfica, que não o era, de uma torre de comemoração que poderia dar capacidade a dez vezes o número de gente que ela via, que tinha se levantado com muita tardança, e se tinha construído com muito carinho, para deixá-la a mercê do abandono e a deterioração.

William Bassinger fez um gesto e abriram a Melanthe a porta em arco que levava ao grande salão; os hístriões formaram em fileira quando uma harpa jogou uma animada cascata de notas. Ruck tomou sua mão. Com Gryngolet no braço, Melanthe subiu os

degraus a seu lado, enquanto uma música digna dos anjos sossegava o rangido de seus passos ao pisar no gelo.

A música os seguiu ao interior, ao outro lado dos elegantes cortinados, até o salão principal, no que se filtrava um sol líquido através das vidraças de cinco janelas. Os elementos defensivos se reduziam à muralha exterior; o interior era esplendoroso, com uma luz etérea que brilhava sobre o gesso e as tapeçarias, acariciava vigas douradas e envernizadas, e iluminava as largas teias de aranhas que penduravam do teto. As excelentes tapeçarias acumulavam pó entre suas dobras, e os tons mais intensos daqueles iluminados pelas janelas começavam já a perder sua viveza.

Ardia um fogo na enorme lareira, rodeado de bancos e tamboretes e de trabalhos interrompidos, de pilhas de malhas brilhantes e de instrumentos sem cordas e, aqui e lá, amostras de trabalhos mais rotineiros, como um arnês que estavam reparando. No resto do grande salão havia mesas de cavalete amontoadas contra as paredes.

Ruck levantou a mão de Melanthe para guiá-la degraus acima até o alto do estrado. Olhou dali a seus acompanhantes, aos rostos voltados para eles de possivelmente umas cinquenta pessoas, a metade apenas meninos, todos vestidos de cores com caprichosos trajes. A música da harpa era uma doce melodia cheia de fantasia, o pó suavizava todas as cores, e Melanthe se perguntou se seria verdade que se casou com Tam Lin, o rei das fadas, já que tudo lhe parecia quase irreal.

Ruck esperou que a música chegasse a seu fim, como se tivesse preferência. E, entretanto, sua espera atraía uma atenção maior que se um mordomo pusesse a exigí-la a gritos. Em meio da nova quietude, falou com uma voz suave que reverberou com tênues ecos no salão.

—Alteza — disse dirigindo-se a Melanthe— minha senhora, minha amada consorte e amiga, está acostumada a maiores esplendores, é merecedora de muito mais, mas estes são meus domínios, e esta é minha gente. Em nome do amor que para mim sente, peço-te que os leve em seu coração igual a mim. E os rogo e solicito que a sua vez amem, temam-lhe e lhe respeitem; eu te outorgo poder sobre todos eles, para que ordene e exija conforme crê conveniente. Não te direi agora seus nomes, pois a viagem foi longa e

cansativa. —Tinha dirigido suas palavras a algum ponto que ficava por debaixo do queixo de Melanthe, evitando-a ainda, mas nesse momento elevou os olhos e a olhou diretamente— Prometo, por minha vida e minha alma, que aqui, onde nenhum mal poderá te alcançar, estará a salvo durante todo o tempo que te agrada ficar.

Melanthe sustentou sua mão e lhe dedicou uma pequena reverência.

—Em assuntos tais, marido, agrada-me te obedecer com diligência.

Os olhos de Ruck se estreitaram em um breve sorriso, tímidos e zombadores de uma vez, já que tomou boa nota de suas reservas: não prometia lhe obedecer em tudo, a não ser unicamente naquilo. Uma vez mais, dirigiu o olhar ao salão.

—A peste chegou uma vez mais ao mundo que está ao outro lado dos bosques, assim em nome do bem comum decreto que ninguém se aventure fora de nossas terras. Pierre Brokeback morreu, embora não por causa da praga; que Deus o acolha, proteja-o e conceda o descanso a sua alma. E também a minha esposa Isabelle, a quem Deus perdoe, cujo espírito retornou aos Céus, de onde procedia, faz treze anos. Eu... — pareceu perder o fio de suas palavras e disse com brutalidade— estou vencido pelo cansaço, e minha dama também. Falaremos destes assuntos mais adiante.

Soltou a mão de Melanthe e, quando deu a volta, ela viu que tinha aspecto de estar a ponto de ficar dormido de pé.

—Avante — gritou ela fazendo um gesto para que se aproximassem os confundidos serventes que se encontravam mais próximos— Despojem a meu senhor de sua armadura e lhe proporcionem comodidades. Não sabem a distância que percorreu para me trazer até aqui durante as duas últimas noites e todo o dia de hoje.

No quarto do senhor de Wolfscar havia almofadas no chão, e também tapetes, o que era o cúmulo do luxo. A cama tinha cobertores forrados de arminho e as cortinas eram de seda bordada com cordões vermelhos e argolas douradas. O aposento cheirava a fumaça estagnada e a umidade.

A primeira reação de Melanthe foi repreender aquelas mulheres e lhes perguntar se com tanta acrobacia não encontravam tempo para arejar a roupa de cama, mas tanto

William Foolet como Ruck a olhavam com gesto dúbio, como se fossem dois marotos aos que um professor severo tivesse pegado descuidando seus estudos. Ruck, despojado da armadura, passou por seu lado em direção à janela e apoiou o joelho no amplo batente para abrir as folhas da persiana. Do pátio entrou um ar fresco, frio e com um ligeiro aroma de ganho.

—Carvão — espetou William ao grupo de pessoas que se amontoava junto à porta.

—Um momento! —Um histrião com um gorro bicudo abriu passo a empurrões com dois baldes de carvão e ficou a trabalhar na lareira.

—Minha gentil senhora — perguntou William Foolet com acanhamento— e o falcão?

Melanthe não tinha intenção de entregar Gryngolet a aquele grupo tão estranho.

—Irei inspecionar os estábulos enquanto se areja a estadia — disse, mantendo um tom cortês— Uma comida junto ao fogo fará bem a seu amo.

—Estão preparando guisados, e pescado assado em pão, minha senhora. Quererá minha senhora ver a cozinha?

—Acredito que seria aconselhável.

Melanthe olhou para Ruck, que estava sentado junto à janela, apoiado na pedra grafite da ombreira; sua expressão era melancólica e o olhar de seus olhos distante, produto de ter estado acordado muitas horas. Melanthe também se encontrava cansada, mas a curiosidade e o assombro podiam com ela. Aproximou-se dele e tomou suas mãos.

—Não venha, fique aqui descansando — lhe ordenou com doçura.

Ruck franziu o cenho e pareceu querer pôr objeções, mas ao fim se limitou a dizer:

—Assim é como eles o deixaram, e eu não desejo que nada troque. —A nota seca de desafio em sua voz não se correspondeu com a forma em que suas mãos se fecharam sobre os dedos de Melanthe, retendo-a; o roce quase era uma súplica.

—Não farei nada —prometeu ela— sem antes solicitar sua permissão, meu senhor.

Uma nova expressão apareceu em seu rosto, soltou-a e ficou em pé.

—Troque o que lhe agrada, então — disse com brevidade— já que não poderia negar nada que sua alteza me pedisse.

Afastou-se, deu um chute a um pedaço de carvão que tinha caído sobre o tapete e o enviou com estrépito de volta à lareira. De costas a ela, levantou os cavaletes do lugar onde se encontravam apoiados na parede e começou a montar a pequena mesa ele mesmo.

Capítulo 16

Melanthe vagava em meio de uma espécie de sonho de pináculos brancos como o giz e vapores. O ar empurrava retalhos de nuvens sobre os torreões mais altos; as douradas bases dos estandartes e as arestas azuladas dos telhados ficavam ocultas e reapareciam de novo lá no alto. Das ameias penduravam pedaços de gelo sobre a pedra esculpida: um rosto aqui, um ser alado lá, e suas feições resultavam ainda mais estranhas e distorcidas debaixo daquelas máscaras transparentes. Chaminés inteiras e arcos enfeitados se entrelaçavam com agulhas e janelas ogivais de cristal e pedra descolorida.

Aquilo era opulento e frio, e estava vazio, embora um pequeno grupo de histriões a seguisse de um lado a outro, olhando-a como se a encontrassem igualmente incrível do que lhe resultava aquele lugar. Sem afastar-se de seu lado, como um casal de ansiosas babás, os dois William, um gordo e outro fraco, ordenaram repetidas vezes ao grupo de curiosos boquiabertos que se dispersassem, sem conseguí-lo.

Melanthe não se dirigia a eles, era ela quem decidia o caminho a seguir: o pátio interior, a torre de entrada, os aposentos do mordomo e as estadias do guarda; armas de combate e armaduras oxidadas pela falta de uso. Seus diligentes acompanhantes não deram explicação alguma de por que estavam vazios.

«Está tal como eles o deixaram», havia dito Ruck, mas Melanthe mal podia compreender a existência daquele lugar perdido, que, pouco a pouco sucumbia ao

passar do tempo e à ruína enquanto os histriões se entregavam a seus jogos e acrobacias no salão.

Ouviu-se um suave repico que reverberou no pátio de armas. Por uma janela Melanthe viu um clérigo que atravessava o pátio interior; balançava um incensário e uma campainha. Ao menos ele vestia o branco sobre e as vermelhas vestimentas próprias de seu cargo, e não roupagens extravagantes. Seguiu-lhe até a capela, escoltada fielmente por seu silencioso séquito.

Arcos dourados, dourados querubins e serafins, cálice de ouro, muito dourado: aquele santuário era um prodígio de magnificência e estava tingido de inumeráveis tonalidades cálidas graças à luz que se filtrava pelas janelas. Do extremo, com Gryngolet em braços, Melanthe contemplou o capelão, que, acima no altar, oficiava em voz baixa a missa de defuntos. Ao chegar ao memento, ficou a recitar em voz alta uma larga litania de nomes, começando pelos senhores de Wolfscar, que se prolongou sem pausa até que, ao chegar a uma centena, Melanthe deixou de contar. Sobre o altar havia umas tabuletas com inscrições, mas ele não parecia as ler; entoava a lista de nomes com a segurança que se adquire depois de uma larga prática. Quando terminou, os histriões que se encontravam atrás dela se uniram a ele para cantar o salmo *De profundis*.

Abandonou o lugar antes que acabassem os cânticos e desceu escada abaixo, com os dois William apressando-se atrás dela. Por fim, em uma sala menor e nos aposentos dos criados, encontrou-se com um pouco de vida e tarefas normais. O fogo ardia nas lareiras. Havia leitos alinhados nos dormitórios. Inclusive seus silenciosos acompanhantes pareceram recuperar a voz quando começaram a sussurrar e a falar as suas costas. Como se acabasse de livrar-se de um encantamento, William Foolet perguntou após esclarecer a garganta:

—Deseja minha gentil senhora inspecionar os estábulos?

Melanthe permitiu que a acompanhassem até ali. Os lugares reservados às aves não eram tão desastrosos como ela tinha imaginado: tinham areia limpa no chão e altas janelas de persiana que deixavam entrar luz e ar. Apresentaram-lhe, com um pouco de pompa, a Hew Dowl, «filho do defunto falcoeiro do senhor, morto durante a praga».

Hew, ao que parecia, não era mais que um moço que se encarregava unicamente de dois Açores, aves utilizadas para sortir a cozinha, de pouca envergadura, mas resistentes e práticas para ter a despensa sempre bem provida. Ver Gryngolet de perto foi quase suficiente para amedrontá-lo. Ficou mudo e só foi capaz de assinalar as instalações das que era encarregado por meio de gestos e palavras resmungadas entre dentes, com um acento nortista tão pronunciado que com muita dificuldade o entendia.

Apesar de tudo, a Melanthe agradou o aspecto saudável de suas aves, sua plumagem espessa, e que seus desgastados cabides estivessem colocados ao abrigo do vento. Gryngolet não protestou quando o entregou ao falcoeiro, e Melanthe não deixou opção a Hew de expressar sua opinião quando deu ordens para o cuidado do falcão. Gryngolet, contente, cavou-se as plumas com o bico; seus antepassados tinham pairado sobre neves e rios de gelo no país do homem do norte, e o ar gélido de montanha daquele lugar era de seu agrado.

Com Gryngolet acomodada a sua satisfação, Melanthe se dirigiu logo para a cozinha, onde conheceu o cozinheiro e sua irmã, que se fazia de criada, cujos pais tinham perecido durante a Grande Mortandade em Wolfscar. O mesmo tinha ocorrido ao bodegueiro, a uma moça que cortava cebolas e ao ferreiro, todos eles descendentes de honrados serventes do castelo, apesar de que vestissem as chamativas vestimentas dos histriões e a que recordasse ter visto alguns deles com instrumentos na comitiva exterior. Quão antepassados tinham formado parte do pessoal do anterior senhor pareciam ser os únicos parentes que encontravam apropriado mencionar.

Estava claro que William Foolet era o que fazia de uma vez de mordomo e senescal. William Bassinger não parecia ter mais missão que somar sua voz baixa e melodiosa a conversas nobres e galantes, e provar os guisados. Depois de que Melanthe inspecionasse as prateleiras da despensa e a leiteria, ambos a conduziram aos aposentos da senhora do castelo.

Era uma estadia como as outras, gelada e adornada com tapeçarias, armários esculpidos e tapetes. Para uso da senhora havia um luminoso mirante curvo com vistas

ao pátio de armas, com sua própria lareira e três janelas que projetavam raios de luz entre o pó. Melanthe fez um gesto com a mão para se despedir de seu curioso séquito.

—Só quero que fiquem os dois William — disse, e o resto teve suficiente sentido comum para encontrar assuntos urgentes aos que dedicar-se em outra parte.

Melanthe se aproximou devagar ao mirante e examinou o teto, no que trepadeiras pintadas com flores douradas destacavam sobre um fundo de firmamento e estrelas. Com uma esquina do manto limpou uma cadeira junto à janela. Havia um bastidor para bordar abandonado, ainda com o trabalho preso. Deu a volta e tomou assento, ao tempo que fixava o olhar sobre os dois homens, fazendo caso omissivo do frio.

—E agora, meus senhores — disse em francês— vamos falar com sinceridade.

William Bassinger se inclinou, e Foolet fincou um joelho em terra.

—Sua alteza — disse com irreprovável humildade.

—Se levante e me olhe.

Esperou até que a obedeceram, e seguiu à espera, enquanto os observava com atenção. As sobrancelhas de Bassinger se arquearam lentamente e abriu bem os olhos; o redondo rosto se voltou cada vez mais inocente sobre a branca barba, até que nem um recém-nascido poderia ter tido uma aparência mais ingênua. William Foolet ficou em pé sem expressão alguma, uma ligeira tintura em suas bochechas era quão único desdizia sua aparente tranquilidade.

—Me digam o que aconteceu aqui — exigiu Melanthe.

Bassinger agachou o rosto.

—Alteza, que o Senhor me ampare, posso empregar meu pobre talento na tarefa que demanda?

—Com toda celeridade!

—Alteza, suplico ao Salvador da humanidade que me dote do ardor e a sabedoria necessários para lhe proporcionar grande deleite e prazer com meu relato...

—Não quero um relato, a não ser a verdade — disse ela com impaciência— E nenhuma só palavra que não seja certa.

Dirigiu-lhe um olhar ferido, depois levantou o queixo e encheu o peito de ar.

—Então começarei imediatamente a contar a sua alteza a história gloriosa e comovedora de meu senhor Ruadrik, pai do pai de nosso senhor atual.

Melanthe levantou o dedo indicador do braço do assento.

—Não, deixemos atrás a um ou dois pais. Começa por seu senhor.

—Ah, mas alteza, seu pai, lorde Ruadrik, foi um grande homem conforme ouvi contar, muito grande de coração e de corpo.

Melanthe compreendeu que seria inútil lhe obrigar a ir mais rápido do que estava disposto.

—Está bem, mas não me diga nada que seja falso.

Bassinger soprou ligeiramente indignado.

—Meu conhecimento é exato, alteza, de fontes de total autoridade, como é meu senhor seu marido e sir Harold.

—E quem é sir Harold?

Foolet falou:

—Um dos cavaleiros do antigo senhor e professor de armas do senhor atual. Vive na torre posterior. Às vezes dá amostras de... Certa loucura. Suplico que sua alteza se ocupe dele

Melanthe arqueou as sobrancelhas.

—Uma casa do mais interessante. Começa de novo, William Bassinger.

—Alteza, dir-lhe-ei que Ruadrik de Wolfscar, pai de nosso senhor, foi em sua juventude um dos companheiros de nosso nobre rei Eduardo da Inglaterra, que Deus o proteja. Foi durante a menor idade do rei, quando sua insensata mãe a rainha Isabel e aquele vil traidor do Roger Mortimer exerciam o poder no país de forma tal, que todo homem de honra e entendimento deplorava o estado das coisas, até o ponto de chegar a temer pela vida de nosso jovem rei. Pois todos sabiam que o traidor tinha assassinado da maneira mais vil ao anterior rei, seu pai.

Fez uma pausa para assegurar-se de que ela estava atenta. Melanthe assentiu em sinal de conformidade com a antiga história e o insistiu com os dedos a seguir adiante.

—Pela graça de Deus — entoou Bassinger— nosso rei contava com amigos bons e sinceros, e Ruadrik de Wolfscar era um deles. Seguindo o conselho de lorde Montague e outros, o rei estendeu uma armadilha a...

—Sim, em Nottingham, entraram por um passadiço secreto e agarraram Mortimer por surpresa — interrompeu Melanthe para cortar um relato que prometia ser uma larga aventura— Encontrava-se Wolfscar entre aquele grupo de partidários do rei?

A Bassinger pareceu custar muito trabalho aceitar sua brusca interrupção, mas depois de um momento de silêncio ofendido, assentiu.

—Alteza, Ruadrik de Wolfscar ia à frente.

—Bom, acredito que se tivesse ido à frente, eu teria ouvido falar dele, mas sim acredito que formasse parte do grupo. E por tais serviços, suponho, seria recompensado.

—Foi renomado cavaleiro da ordem da Liga, e suas terras se estendiam daqui até a abadia pelo sul, os lagos pelo este, a costa pelo oeste, e duas milhas mais pelo norte.

—Sabe a quem pertenciam estas terras antes dele?

—Alteza, eu não sou letrado — declarou Bassinger com ar solene.

—Foram confiscadas de uma parte da propriedade de Lancaster que não tinha herdeiro, minha senhora, e entregues à abadia — interveio o mais jovem dos dois William— mas o rei anulou o confisco e as entregou a Wolfscar em recompensa.

—E a licença para fortificá-las? Estas terras não parecem o suficientemente ricas para um castelo assim.

William Bassinger se dispunha a iniciar outro relato, de escoceses e batalhas heróicas, mas William Foolet o impediu.

—Há uma mina de ferro nas colinas, alteza. O rei concedeu ao pai de meu senhor as rendas da mesma sem encargo para a construção do castelo, já que não existiam defesas ao norte.

—Ferro? —Melanthe olhou a seu redor, às sedas e almofadões, com gesto cético— Pois muito rica deve ser — disse.

Os olhos inteligentes do homem a examinaram. Ela esperou.

—Há ouro nela, também, minha senhora, e prata — disse ao fim, com relutância.

Melanthe juntou os dedos e apoiou o queixo nas pontas. Durante um longo momento se dedicou a observar o lento movimento das bolinhas de pó em um raio de luz.

—Por que razão —perguntou com voz suave a Foolet— não se ocupou o abade de tutelar lorde Ruadrik, como meu marido me disse que deveria ter feito?

—Eram tempos funestos, minha senhora. Acredito que muitos dos monges morreram. Nenhum veio até aqui.

—Ele deveria ter ido com eles! —Dirigiu o olhar a Bassinger, já que Foolet não podia ser mais que um menino naquela época— Quando a praga chegou a seu fim, deveria havê-lo levado!

—Minha senhora, pode estar segura de que se eu tivesse conhecido as disposições de seu pai, teria removido céu e terra até ver meu senhor Ruadrik em mãos daqueles que deviam guardá-lo e cuidá-lo, porque o queria como a meu próprio filho. A mim não comunicou a quem correspondia à tutela. Acredito que ele não esteve a par da última vontade de seu pai, a quem Deus absolva, até passado algum tempo.

—Quanto tempo?

—Eu encontrei o testamento de seu pai, senhora — disse Foolet— entre os pergaminhos do castelo. Meu senhor Ruadrik contava quinze anos naquele momento, e fomos à abadia, senhora.

—E?

Bassinger fez um gesto como pedindo perdão.

—Os monges não tinham perseverança de que o rei tivesse doado as terras ao pai de meu senhor. Conforme parece, houve um incêndio. Mostraram-se impacientes conosco, minha senhora. E fomos.

—Foram! Sem ver o abade?

—Minha senhora, depois de um recebimento tão pouco amável, aconselhei a meu senhor que nos afastássemos dali, não fosse a lhe revelar coisas que lhe resultassem prejudiciais. É uma abadia cheia de cobiça, minha senhora.

—Grandes imbecis! Entre os pergaminhos do rei estariam às provas, se é que se tinham perdido as da abadia.

—Eu não sou letrado, senhora — murmurou Bassinger— Cumprimos a vontade de seu pai.

—Minha senhora - disse Foolet, ansioso— O tentamos. Mas então tínhamos medo; demo-nos conta de que ele não podia provar quem era...

—E não havia ninguém que o conhecesse do nome batismal? Um servente? Um vassalo?

—Só sir Harold — disse William Foolet com voz apagada.

—Com um é suficiente, é homem de boa posição?

—Acredito que não, minha senhora. Sua mente é... Errática.

—O sacerdote, então.

—Minha senhora, nosso capelão chegou ao vale depois da praga. Houve alguns que chegaram de fora, que vieram nos primeiros anos, e os acolhemos.

Melanthe o olhou com o cenho franzido.

—Por Deus, não podem ter morrido todos os que o conheciam. O que acontece com esses que me hão dito que estavam no vale desde seu nascimento?

—Assim é, minha senhora. Mas você viu; são mais jovens que meu senhor. Eram seus pais os que poderiam havê-lo confirmado, mas morreram após. —encolheu-se de ombros com um gesto de impotência.

—Eu não sou letrado, minha senhora — repetiu Bassinger— de todos os modos acredito que para que uma reclamação sortisse efeito contra esse abade, não bastaria com que cem camponeses pudessem dar fé do nome de meu senhor Ruadrik. E por isso aconselhei a meu senhor. —Tomou ar até encher o peito— Ele apreciou a sabedoria de minhas palavras, e ao ser um jovem de grande coração e espírito, decidiu provar que era merecedor de suas terras por seu próprio esforço. Esqueceu-se destes tabeliães com os dedos manchados de tinta e saiu ao mundo em busca de aventuras e glória, como corresponde a alguém de linhagem de cavaleiros como o seu, minha senhora, e você estará de acordo. Eu deixei perseverança de suas terríveis experiências e vitórias em

um poema, que me agradará cantar para deleite de minha senhora. Não está acabado ainda, porque estamos à espera da grande façanha com a que provará sua valia e que lhe proporcionará a grande recompensa, mas se Deus o quer logo chegará.

Melanthe o olhou. Ao princípio pensou que o que dizia era uma brincadeira. Entretanto lhe devolveu o olhar com expressão agradada.

—Agradar-lhe-ia talvez a minha senhora ouvir o prólogo?

—Deus lhe confunda! —exclamou— O obrigou a percorrer o mundo, coberto de farrapos e sem nome, como se ele não importasse e quão único valesse a pena fosse aquilo que ganha com a força das armas?

—Meu senhor não faz outra coisa que o que ele decide por si mesmo. —A voz de Foolet soou firme, mas seu olhar vacilou de forma quase imperceptível.

Melanthe se inclinou para diante.

—A abadia tinha que haver-se feito cargo de sua tutela! Ou melhor, o rei!

Os dois homens permaneceram em silêncio ante tal veemência.

—Claro que, devia ter sido assim — disse Melanthe com ferocidade— teriam posto fim imediatamente a essa tropa de histriões que habita este lugar! —Fez um amplo gesto com a mão— Lorde Ruadrik teria ostentado a propriedade das terras por direito próprio há muito tempo... Mas em seu lugar, fizeram que renunciasse a seu autêntico direito, e que tente recuperá-lo mediante amalucadas aventuras, por medo de que seus guardiões os expulsem daqui!

—Minha senhora, não está em nossas mãos obrigar a sua senhoria a que faça nada!

Melanthe se levantou.

—Não, o que têm é algum poder nefasto sobre ele! Qual é? Por que ia ocultar seu nome ante aqueles que poderiam o ajudar se não fosse porque tinha algo que esconder? É um barão, por Deus bendito, e se casou com a filha de um burguês como se não pudesse aspirar a algo melhor! Têm-lhes feito fortes neste lugar de algum modo, recrutastes a uma tropa de histriões inúteis, ele lhes protege em sua inconsciência, e não lhes importa que o estejam afundando!

—Senhora — a voz fria e suave de Ruck deixou a todos paralisados— roguei-te que por seu amor para mim estimasse a minha gente. —Estava na soleira da porta, vestido com um espartilho e meias negras, um cinturão dourado apertado aos quadris, o cabelo sem cobrir e o rosto zangado e cansado— Eu não te exijo obediência por ser seu marido — disse em inglês— mas espero que, como princesa que é, honre a promessa que tem feito ante mim a somente umas horas.

Melanthe sentiu que o rubor da vergonha se estendia por suas bochechas. O tinha prometido, mas o estado daquele lugar a tirava do sério.

No meio do silêncio, ele disse:

—Desconhece qual é o poder que têm sobre mim em realidade, e tampouco poderia havê-lo sabido se não tivesse chegado a este seu lar para encontrá-lo convertido em um usuário. A morte assolou este território, minha dama; não se levou a um de cada cinco ou a um de cada três, a não ser a nove de cada dez seres vivos, entre eles ovelhas e ratos, e desconheço por culpa de que pecados. —Seu fôlego se gelava na fria estadia— Retornei a casa do lugar onde me tinham acolhido como pajem, mas a praga nos saiu ao encontro no caminho. —Soltou uma amarga gargalhada— E fala de guardiães... Pois me guardaram bem. Tinha oito anos de vida e conhecimentos, senhora, e me encontrei rodeado de homens mortos. Ninguém que passava pelos caminhos, já fosse frade ou cavaleiro, deteve-se nem me prestou atenção, mas sim me lançou pedras por medo de que os contagiasse se me aproximava, até que me encontrei com esta tropa de histriões inúteis e ordinários.

—Em tal caso — respondeu ela friamente, voltando-se para a janela— desejo a seus histriões as mesmas venturas que a qualquer criatura de Deus, pela grande caridade que lhe mostraram.

O ciúme havia tornado a aparecer, a inveja de que mostrasse lealdade a alguém que não fosse ela. Sentia as mãos geladas, mas não quis agarrar-lhe nem as esquentar, deixou-as a ambos os lados do corpo. Queria explicar, dizer que era seu bem-estar e o posto que o correspondia o que ela queria defender, mas o orgulho freou sua língua, e o temor a que se ofendia a seus homens, poderia ser ela a que enviasse longe.

Não estava acostumada a mostrar-se agradável com os serventes. Empregar sorrisos e artimanhas com eles para ganhá-los, bom, ela tinha fingido por menos, e mesmo assim a necessidade de enganar lhe causava desgosto, produzia-lhe uma angústia antiga e fatal. Naquele momento era incapaz tão sequer de reunir as forças para começar a fazê-lo. Não disse nada. Em seu lugar, se descobriu dando a volta e avançando rapidamente para a porta. Não elevou a vista para o rosto de seu marido ao passar junto a ele. Depois de recolher as saias, baixou a toda pressa a escada de caracol para dirigir-se ao pátio.

Ruck a observou através de uma saída na torre de entrada que dominava os prados e o lago. A primeira ideia amalucada que lhe tinha cruzado o pensamento era que ela partia... Mas é obvio que não, não o faria, não podia fazê-lo ela sozinha. Não teria sido capaz de encontrar a saída do vale embora tivesse ordenado que lhe levassem um cavalo.

Por isso não a tinha seguido. Era consciente, para confusão dela, da presença de Bassinger e do jovem Will; do impossível que devia lhes resultar aquele matrimônio. Do primeiro aviso da praga, tinha pensado em levar Melanthe ali por segurança, embora mais em suas fantasias que a sério. Nenhuma só vez lhe tinha passado pela cabeça que a traria para Wolfscar como sua esposa.

Mas naquele momento de crise, apanhado entre a matilha e o mar, tinha tomado a rota secreta até o único lugar no que podia sentir-se seguro. Agora sabia que a decisão tinha sido tão imprudente como a troca de votos entre eles; deu-se conta ao ver seu castelo e sua gente tal como a ela deviam lhe parecer. E Melanthe já sentia desdém para eles.

Depois de uma rígida inclinação a Will e a Bassinger, Ruck abandonou o aposento das damas, com seus ecos e teias aranhas, em seu papel de senhor, como se não tivesse limpado canais de irrigação, bebido cerveja e levantado cercas cotovelo com cotovelo com Foolet enquanto Bassinger dava conselhos e se queixava das costas. Ruck não queria que parecesse que saía atrás dela, mas tampouco se sentia capaz de enfrentar a

seus velhos amigos, nem de justificar o que tinha feito. Agora, na torre deserta, sentia-se completamente sozinho, como se tivesse executado seu próprio desterro.

Apoiou os braços na fenda angular para dar capacidade ao arco e recostou a cabeça no oco do cotovelo para não perdê-la de vista enquanto ela levava o falcão gerifalte aos pastos das ovelhas. Viu-a cruzar a erva coberta de neve. Um séquito de meninos ia atrás dela, movendo os braços atrás com cada pegada, até que Hew Dowl os obrigou a retirar-se a uma distância prudencial. Melanthe era uma silhueta encapuzada em verde esmeralda no meio da paisagem de terra cinza, e se afastava das cores matizadas dos vestidos dos meninos e do moço das aves. Depois se deteve e Ruck a viu fazer um gesto.

Hew correu para ela, os ombros caídos em atitude de reverente submissão e o olhar cravado no chão. Enquanto Ruck olhava Melanthe falar com o falcoeiro, a cabeça de Hew se ergueu. Seu rosto estava muito distante para vê-lo com clareza, mas o corpo do homem deu a impressão de expandir-se. Tinha a manopla posta e alargou o braço para receber o falcão. Falaram um momento entre eles, Hew com atenção encantada enquanto o fazia entrega do valioso chamariz.

Quando a princesa se tornou atrás, Hew escondeu o chamariz e deu um golpe no capuz do falcão para tirar-lhe. Durante uns instantes, o falcão gerifalte permaneceu imóvel sobre o braço levantado do homem; continuando, empreendeu voo.

Ruck perdeu de vista o gerifalte. Pela janela só conseguia ver Melanthe, que protegia os olhos com a mão para seguir o voo da ave. Parecia uma espécie de brincadeira estar escondido e ter uma visão tão limitada através daquela abertura nos grossos muros de pedra. Quanto mais o pensava, mais o irritava sua própria covardia. Temia o desprezo dela, a seus próprios amigos, e estava envergonhado de sua casa.

Separou-se da borda e percorreu o torreão; as nuas pranchas de madeira do piso reverberaram com seus passos. Ao longo de vinte anos a paliçada vegetal e o destino se encarregaram de proteger Wolfscar; não tinha havido necessidade de contar com uma guarnição ou uma guarda armada, nem de que houvesse vigilância nas torres. Não tinha aberto de novo a mina, não tinha reclamado o caminho; não tinha feito nada que chamasse a atenção, à espera que chegasse o dia em que Lancaster, seu príncipe,

mandasse chamar o Cavalheiro Verde e lhe perguntasse que recompensa queria em troca de alguma prodigiosa façanha, e nesse momento, tal como tinha sonhado, Ruck revelaria sua origem, apresentaria sua reclamação, e Wolfscar seria sua sem disputa, sem abades nem monges altivos, e sem que ficassem em interdição seus direitos.

Aquilo não era mais que a maravilhosa fantasia de um moço, construída a partir das canções que entoavam os histriões, de sir Gawain e Lancelot, de aventuras e glórias, de sinceridade e lealdade entre um homem e seu senhor.

Fazia já muito tempo que tinha aprendido como funcionava o mundo. Mas para então já se comprometer, estava lavrando um nome ao lado de Lancaster, e havia torneios e guerras que, embora não eram tão gloriosas como as aventuras imaginadas, ao menos ofereciam a oportunidade de avançar e ter um futuro, até que Lancaster o tinha obrigado a ir. Por culpa dela.

A princesa Melanthe tinha meios para comprar Wolfscar dez vezes. Ruck teria sido muito mais santo do que era, admitiu, se aquele pensamento não lhe tivesse passado pela mente. Mas mal podia seguir o ritmo de seus próprios sentimentos. Longe dali, havia-se sentido esmagado e cheio de humildade quando ela pronunciou os votos que a convertiam em sua esposa, mas uma vez aqui... Não queria renunciar a seu único domínio, não queria ter que dar explicações de si mesmo nem de sua vida, não queria submeter-se a sua autoridade, não queria demonstrar o quanto ele era dependesse de Melanthe, não queria renunciar a ela, não queria lhe negar nada, não queria voltar a dormir sozinho de novo... E não, não queria que ela o abandonasse.

Voltou para a janela a tempo de ver como Gryngolet se lançava sobre o chamariz que Hew tinha atirado sobre a neve gelada. Era um método singelo, o habitual para fazer descer um falcão das alturas. A simplicidade da cena, o fato de que alguém normal como Hew controlasse a ave igual a qualquer falcoeiro de um senhor rural, trouxe-lhe de novo a imagem de Melanthe levantando a manopla valiosa, e em dolorosa vividez recordou o céu, a ave e o fulgor das esmeraldas e os diamantes quando o falcão posou em sua mão. Ela tinha chorado e rido, formosa e não ao mesmo tempo; um sonho ao alcance de sua mão.

Observou-a enquanto enfeitiçava Hew até convertê-lo em um sabujo com forma humana. O falcoeiro se inclinava ante ela com total devoção, assentia, olhava-a encantado e voltava a assentir enquanto ela falava. Enquanto o falcão gerifalte comia, Hew assinalava a Melanthe distintos pontos do vale; era óbvio que falavam de caça.

Ruck sentiu que se aceleravam os batimentos de seu coração. Se ela pensava em sair à caça com o falcão, é que não partiria imediatamente. Ele não a teria acompanhado embora ela desejasse partir, ao menos até ter podido lhe oferecer maior amparo, mas tampouco o entusiasmava a perspectiva de discutir com ela por esse assunto.

Rodou sobre o ombro e se recostou contra o muro da torre enquanto examinava o raio de luz que caía sobre o chão da sala. A pedra estava tão gélida que o frio penetrava através de seu espartilho e chegava ao corpo, mas não se moveu. Sabia que não pensava com clareza. O cansaço nublava a mente. Se se encontrasse na batalha, teria desconfiado de qualquer inclinação ou desejo que sentisse naquele momento, e teria se dominado para não atuar com precipitação.

Mas, pelo que parecia, não tinha feito outra coisa que dominar-se durante toda a vida. Um hábito custosamente adquirido se apropriou dele: bastava pensar nela para desejar copular de novo, e seu seguinte pensamento era que não devia fazê-lo... Foi somente no curso daquela eterna batalha por dominar as paixões de seu corpo quando se deu conta de que já não tinha luta alguma que ganhar.

Cravou o olhar naquele retalho de luz sobre o chão de madeira com tal fixidez que seus olhos começaram a lacrimejar.

Tinha estudado exaustivamente o pecado da luxúria; tinha exposto com cuidado perguntas aos padres, e tinha lido os manuais de confissão quando, fosse em francês ou inglês, tinha caído em suas mãos. Considerava-se um perito na matéria. Inclusive no que ao matrimônio respeitava os religiosos nem sempre ficavam de acordo, o que significava que havia certo espaço para preferir uns conselhos a outros dentre o matagal de admoestações eclesiásticas. Todos reconheciam que não existia pecado se a intenção era unicamente engendrar filhos, mas alguns sustentavam que nem todo prazer obtido no leito conjugal estava isento de pecado. Outros julgavam que o dever

conjugal era uma obrigação pia dos maridos para impedir a concupiscência, e o ato matrimonial só era pecado mortal se havia uma busca excessiva de prazer; conclusão a que chegavam após ajustados cálculos sobre o que poderia constituir um prazer excessivo.

Ruck sentiu que o cansaço de seu espírito se dissipava. Estava claro que ele era um libidinoso, ou que poderia sê-lo se dedicava tempo a pensar em sua esposa, e só a ideia de engendrar um filho nela o fazia sentir os ardores de uma intensa paixão, perfeita e sem pecado. O ardor não tinha que ser excessivo, mas do que não ficava dúvida alguma era de que se esperava muito, sua alma correria autêntico perigo.

Separou-se do muro e encontrou novas forças em meio da penumbra.

Melanthe não se permitiu nenhuma hesitação ao abrir a porta. Quando retornou aos estábulos, esperava-a uma moça com a mensagem de que sir Ruadrik solicitava à princesa Melanthe que honrasse sua insignificante pessoa indo a seus aposentos. Embora a petição estivesse expressa em termos muito corteses, certo, Melanthe não pôde evitar um ligeiro tremor na mão enquanto acomodava Gryngolet em seu cabide.

Entrou na estadia do senhor esperando ter que enfrentar aos três, a ele e aos dois William, já que era sempre desejo dos favoritos estarem presentes quando se desfaziam de um rival. Mas Ruck se encontrava sozinho. Quando Melanthe fechou a porta atrás dela, ele se levantou de seu assento.

—Minha senhora — disse— desejo que agora coma.

Levou a cadeira junto à lareira, onde havia disposta uma mesa com toalha de linho branco e viandas. Com sua negra vestimenta, Ruck se via alto e formidável, o verde de seus olhos intensificado pelos tons escuros da roupa e o cabelo. O fogo crepitava com viveza e dava calor à estadia, e uns ramos de pinheiro recém cortados dissipavam o aroma de fechado com seu fresco aroma. Ao estar bem entrada a tarde, uma vela sobre a mesa proporcionava um pouco mais de luz.

Melanthe estava faminta, mas a sensação de medo que tinha na boca do estômago tirava o apetite. Soltou o broche que segurava a capa, e a atirou sobre uma arca.

—O que hão dito de mim? —perguntou em tom altivo, atacando de frente para assim contar com a vantagem da surpresa.

Ruck elevou a vista para ela.

—Que hão dito de você?

Melanthe lavou as mãos em uma bacia que havia junto à porta.

—Advirto-lhe isso, senhor, pobre do amo que se deixa governar pelos criados. Mas estava claro, eles diriam outra coisa, que pior era deixar-se dominar por uma esposa.

Ruck a olhou com o cenho ligeiramente franzido. Melanthe se aproximou da mesa, tomou assento e olhou com aborrecimento um prato de papa de trigo, muito consciente de tê-lo de pé a suas costas. Com a extremidade do olho via seu braço, a rica malha de veludo cheia de luzes e sombras na negra curva da manga.

Tragou duas colheradas de papa, que estava quase fria e era apenas comestível, antes que a garganta fechasse e fosse incapaz de comer algo mais. Deixou a colher sobre a mesa.

—Não posso comer até que ouça sua decisão.

—Minha senhora, de que decisão fala?

—Vai enviar-me longe?

Ruck se afastou. Melanthe o olhou às escondidas; estava junto à janela, de costas a ela.

—Te enviar longe? —perguntou em tom severo— Por que razão então me incomodei em trazê-la até aqui, em lugar de asfixiá-la como a um gatinho em uma bolsa e me evitar assim o esforço? Se essa for à decisão que quer escutar, nem eu a levarei longe, nem ninguém daqui vai mostrá-la o caminho. Quando passar o tempo, quando os augúrios sejam bons, encarregar-me-ei de te levar a seu levedo. Portanto, até que chegue esse momento, terá que ficar aqui, por muito que te desagrade.

Melanthe agachou à cabeça e entrelaçou os dedos com força.

—Não, não me desagradará. Eu posso me mostrar amável com eles. É o mais fácil do mundo. Não posso lhes agradecer o dano que lhe têm feito e a seus direitos, mas sou sua esposa e não permitirei que haja desacordo entre nós, porque não traria mais que males

a esta casa. —Tomou de novo a colher e a afundou na papa— E a verdade é que não estou acostumada a dar um discurso tão cheio de humildade, mas te amo, apesar de não sentir adoração por seus caipiras.

Obrigou-se a comer, sentada na borda da cadeira, as costas retas.

Da janela, Ruck disse entre hesitações:

—Então, não sente desejos de ir?

Melanthe se negou a reconhecer quão profundo era seu desejo de ficar.

—Agora mesmo, não morro precisamente de vontade de ir ao lombo de um cavalo de novo — respondeu com ligeireza.

O chão de madeira rangeu sob os tapetes. Ruck se aproximou de suas costas.

—Possivelmente seja então descanso e um leito brando o que deseja, minha senhora, depois do jantar.

Se fosse um educado galã que tivesse pronunciado aquelas palavras, ela teria sabido como interpretá-las. Mas na voz de Ruck não percebeu outra coisa que sua estudada cortesia, embora também fosse certo que se manteve muito perto dela enquanto pegava um guardanapo e servia cerveja quente que tirou do suporte junta à lareira. Continuando, devolveu o recipiente ao seu lugar.

—Não consegui o descanso que precisava. — disse Melanthe, contemplando o vapor que se elevava da taça de ouro e se dissipava sobre o escuro fundo de seda estampada na parede.

—Não. — murmurou ele ainda atrás dela — Não senhora.

Não lhe deu pé a nada, e Melanthe sentiu que sua sabedoria cortesã a abandonava. Todas as palavras que vinham à mente pareciam ingênuas e estúpidas. Ele ficou abaixado ao seu lado e serviu uma maçã assada. Melanthe comeu uns quantos bocados. Ele não se levantou, mas sim continuou naquela postura como se se encontrasse muito cômodo.

Melanthe se sentiu estranhamente intimidada por ele, intimidada por seu tamanho superior, a negra linha de suas pernas, os pesados elos quadrados do cinturão que pendurava sobre seus quadris. Levava-o como se não pesasse absolutamente, embora

cada uma daquelas peças, grossas e ornamentadas, cobertas de cristais de brilho prateado, teria necessitado um paralelepípedo como contrapeso sobre uma balança. Entretanto ele se movia com agilidade com suas roupas de veludo. Quando o olhou, tinha os olhos fixos nela, suas pestanas pareciam muito escuras e seu rosto sombrio, quase severo. Como se tivesse se esquecido de si mesmo ao ajoelhar-se a seu lado, levantou-se imediatamente e se afastou.

Melanthe não estava segura de se tinha feito um convite para compartilhar o leito com ele ou não. Comeu devagar, para atrasar o final do claro motivo pelo que se encontrava ali em seu quarto. Enquanto sorvia a cerveja quente adoçada com mel, sentiu uma sombria espera, insegura de quais eram os desejos dele. Não sabia se ainda estava zangado com ela. Atrás daquela muda cortesia, podia ocultar algo. Não queria ter que dormir sozinha, longe dele.

Ao fim, deixou a taça sobre a mesa.

—Deixarei que descanse então, que desfrute do repouso. — Levantou-se. Com o olhar baixo, aproximou-se dele e apoiou as mãos em seus ombros. Ficou nas pontas dos pés e roçou as bochechas com os lábios, com leveza, despedindo-se dele como se fosse um convidado de honra ou um parente próximo. —Desejo-te uma boa noite, doce cavalheiro — murmurou.

Ele permaneceu imóvel, e só voltou ligeiramente o rosto e o apertou contra o dela como resposta a cada beijo. Melanthe deslizou as mãos pelos braços. Ruck voltou às palmas para cima, agarrou por um instante os dedos dela, e depois os soltou.

Melanthe se voltou com rapidez e agarrou a capa enquanto se dirigia para a porta. Naquele momento teria gostado de poder renunciar a sua nobre condição e rechaçar o frio e os luxos do aposento reservado à senhora do castelo. Ao menos não tinha intenção de dormir no meio do pó; mandaria aqueles histriões inúteis para que acendessem o fogo e proporcionassem as comodidades necessárias, tanto se os agradava como se não. Talvez pudesse encontrar uma ou duas donzelas entre as mulheres para que limpassem a torre sem mover nem um só objeto de seu sagrado lugar, e depois o convidaria a aproximar-se dali pela manhã, quando ele estivesse...

—Melanthe.

Deteve-se com a mão no ferrolho da porta. Nunca antes a tinha chamado por seu nome.

Estava ali, todo de negro, com as pernas separadas como se alguém fosse equilibrar-se com uma espada sobre ele.

—Está tão terrivelmente cansada? —Fez um gesto com a mão para subtrair importância a suas palavras— Eu não sou capaz de dormir enquanto haja luz do dia.

Uma onda de prazer e alívio a percorreu.

—Não? Como é isso? —Cruzou o tapete até ele e lhe pôs a mão sobre a testa— É que está doente? Porque te vi roncar com bastante força a plena luz do dia.

—Não quero que vá tão cedo, se te agrada.

—Se me agrada? —Retirou a mão e soltou um suspiro— Renunciar a uma fria lareira e a um torreão vazio, só para agradá-lo? É um autêntico tirano, esposo meu.

Ele a rodeou pela cintura com ambas as mãos. Melanthe tinha desconfiado sempre de espelhos e adulações, mas naquele rosto que a olhava o que viu foi desejo, nu e intenso, sem artifícios.

—Quererá me ter? —perguntou ele com suavidade.

Quase a assustava, com aquelas mãos tão leves e aquela voz tão tranquila. Era como Gryngolet quando iam de caça: ira silenciosa, violência calada, profundas correntes impossíveis de detectar.

—Sim — disse— Eu adoraria.

Suas mãos pressionaram um pouco mais.

—Então quero ouvir... Qual é a melhor forma de agradá-la.

Melanthe apoiou as mãos nos braços dele com ar vacilante.

—Você me agrada — disse.

Ruck tinha a mandíbula tensa.

—Possivelmente não seja o suficientemente tenro, ou o suficientemente experiente, O... O que te proporcionaria deleite?

Toda a experiência de Melanthe se reduzia a como negar-se aos homens. Sobre o prazer não conhecia outra coisa que os beijos, e fazer debaixo dele como tinha feito. Mas, como ele havia dito, havia mais coisas, experiência e destreza, e de repente despertou nela o temor de que ele esperasse que as soubesse.

Encolheu os ombros ligeiramente, fingindo brincar.

—Tem que adivinhar o que me produz leite.

Ele a olhou, levantou uma mão e desenhou sua boca com o polegar. Em seus olhos verdes havia um resplendor novo, um rastro de alegria.

—Nesse caso, farei experimentos contigo, senhora. Dá a casualidade de que tenho feito um modesto estudo dos prazeres perversos.

Ela murmurou:

—Eu te acreditava casto santarrão.

—Sim, fui-o. —Fechou os olhos e se inclinou para ela para beijar a comissura dos lábios— Mas não sou nenhum monge em minha imaginação, que Deus me perdoe — sussurrou. Seu corpo se aproximou mais, tenso e elegante sob o veludo— Meu confessor me impôs penitências frequentemente, e me obrigou a fazer um estudo de meus pecados em profundidade. Mas como, senhora — disse beijando-a, e a urgência do beijo desceu sobre Melanthe e a atravessou como um cometa ao cair— é o que tenho feito.

Capítulo 17

Melanthe tomou ar, o sabor dele nos lábios, e inalou seu aroma.

—E o que é o que aprendeste em seus estudos, meu versado marido?

Ruck pareceu sentir-se envergonhado e afastou o rosto.

—Minha dama, não são mais que tolices. O melhor seria que me dissesse como agradá-la. O certo é que não sou nenhum perito nas artes do amor.

Melanthe percorreu com as palmas a suave curva aveludada de seu peito.

—Quero ouvir o que aprendeste. Para meu prazer. —Desabotoou-lhe os dois botões superiores do espartilho.

Ele soltou uma gargalhada triste.

—Sei bem que você é mais hábil nesta arte que eu.

Ela retrocedeu um passo. A aquela meia luz, não parecia inocente, a não ser um homem em pleno domínio de seus apetites carnaís, que não era mais casto do que poderia sê-lo um garanhão formoso, forte, e que não era outra coisa que isso: uma criatura feita para a vida e a união.

—Mas eu não sou a não ser uma menina em tais artes — disse brandamente— Você tem que ser meu professor, do contrário não chegaremos muito longe.

Ruck não se moveu; ficou com as mãos abertas, um selo refulgia em seu dedo médio e a luz deslizava por seu dourado cinturão.

Melanthe arqueou as sobrancelhas.

—Ou é que acaso é valente na guerra e um covarde no quarto, cavalheiro?

Não esperava que um sarcasmo tão áspero fizesse racho nele, mas viu que se ruborizava ante suas palavras; aquela resposta tão imediata a fez pensar que devia ter escutado antes algo similar. A expressão severa voltou para seu rosto, à frieza do caçador. Fechou o espaço que ela tinha criado entre os dois e levantou as mãos. Sem pronunciar palavra, começou a lhe desabotoar o vestido.

Melanthe ficou quieta. A túnica não era de estilo elaborado, a não ser singela e abrigada para viajar, forrada de arminho e com botões. Ele a desceu pelos ombros. O cós de pele lhe roçou as mãos e o objeto caiu ao chão.

O Beal de damasco branco ia preso sob os braços e apertado ao corpo. Afrouxou-lhe os cordões. Melanthe notou que o laço se desatava e ficava enganchado em uma das casas. Ruck tratou de soltá-lo, a cabeça inclinada, o rosto próximo ao dela. Uma ruga se formou junto a sua boca. Deu um puxãozinho, a seguir uma sacudida, e o rompeu com

tal força que Melanthe teve que tornar-se atrás para não perder o equilíbrio. Sem sequer soltar os laços do outro lado, Ruck levantou o objeto de damasco por cima da cabeça e a atirou longe.

Através da camisa de linho, sentiu a frieza do ar. Ele abriu as mãos sobre seu corpo, às palmas lhe cobriram os quadris, o fino tecido como única barreira entre os dois.

Melanthe fechou os olhos. De repente, rodeou-lhe o pescoço com os braços e se arqueou contra ele nas pontas dos pés como tinha feito antes, procurando aquela sensação deliciosa que lhe tinha proporcionado em Torbec.

O veludo roçou os seios. Notava a dureza de seu cinturão, a seda e a pressão sobre o ventre, mas, por alguma razão, era incapaz de aproximar-se daquela sensação de prazer. Com um pequeno gemido de frustração, deixou-se cair de novo sobre os calcanhares.

Ruck a atraiu para si.

—Senhora — sussurrou ao ouvido— deite-se.

Suas mãos deslizaram para cima e levantaram o objeto de linho. Sobre o tapete oriental frente à lareira, despojou-a da camisa e a deixou nua salvo pelas brancas meias e as ligas; logo, arrastou-a para baixo, enquanto ele se ajoelhava.

Melanthe elevou o queixo desafiante, apoiando-se nos cotovelos, negando-se a sentir-se envergonhada de sua nudez como teria feito uma noviça entregue ao jejum e as visões. Tinha-lhe chamado desavergonhada; que o comprovasse.

Mas estava aterrorizada, e o coração pulsava a tal velocidade que estava segura de que Ruck tinha que notá-lo. Não era uma delicada beleza loira, frágil e refinada; tinha os cabelos escuros, a pele branca, e já não era uma menina. Por cima das ligas que levava nos joelhos, distinguiam-se duas marcas em uma das coxas, causados por alguma topada no transcurso da amalucada viagem, e outro mais no quadril. Ele não teria podido lhe rodear a cintura com as duas mãos, e os seios eram muito grandes para compará-los com redondos morangos, ou nozes, ou inclusive pêras, como se fazia nos romances dedicados às damas.

Ruck só os olhou um instante; depois afastou o rosto, fechou os olhos e se sentou a seu lado, apoiando o peso em uma mão.

Melanthe perdeu sua atitude de rebelde desafio e encolheu os joelhos, que rodeou com os braços.

—Tão desagradável resultado à vista? —perguntou zangada— Pois sou igualmente velha que você!

—O que? —disse ele com voz angustiada.

Estava estranho e nervoso, imóvel em seu lugar. Por um momento, teve medo de que fosse desvanecer-se ou ser preso das convulsões.

—O que acontece? —quis saber, agarrando-o pelo braço.

Ruck umedeceu os lábios e lhe afastou a mão como se o tivesse ofendido.

—Por Deus! —vaiou ela— Não me diga que está rezando em um momento assim? —Soltou-o e se recostou sobre um almofadão— Santarrão!

—Estou contando — foi à tensa resposta.

Melanthe o olhou fixamente.

—Contando o que?

—As chaminés.

—As chaminés? —perguntou ela.

Ruck abriu os olhos e olhou por cima dela.

—As chaminés, as portas... Por Deus bendito, nem sequer sei o que estou contando. —Tomou fôlego— Já... Estou melhor.

Dirigiu-lhe um olhar, e de novo afastou a vista. Melanthe afundou os dedos na enrugada camisa.

—Vive Deus que me cobrirei para te evitar um sofrimento tão atroz.

A mão de Ruck se posou com força sobre a sua.

—Não... Senhora. Tenha a bondade. —Olhou-a abertamente; seus olhos eram de um verde tão escuro como o das plantas perenes nas que se oculta à vida durante o inverno. Como se possuísse um segredo, um leve sorriso se desenhara em sua boca— De fato, não se trata de nenhum mal, mas sim de um gozo muito grande.

Melanthe o contemplou um momento. Sua cortesia era desmesurada; era capaz de lhe dizer algo.

—De verdade?

Ruck se benzeu, o rosto sério.

Sem poder evitar as suspeitas, perguntou:

—Então, não pensa que meu corpo é pouco atrativo?

Ruck deixou escapar um som afogado da garganta, esticou as pernas e se deitou quão comprido era ao lado dela. Pôs a mão entre os seios e deslizou os nódulos até seu ventre. Entrecerrou as pálpebras. Seguiu deslizando a mão até o joelho e pela meia até o tornozelo, logo para cima, até introduzi-la entre suas pernas e afundar os dedos nos cachos de seu pêlo.

—Minha dama, estou a ponto de lambê-la. —Sorriu e apertou contra ela o canto da mão.

E ali estava o prazer, aquela sensação que Melanthe recordava. Sua respiração se entrecortou. Seu corpo deu a impressão de esticar-se, de mover-se com vontade própria, arqueando-se para sair ao encontro do roce.

—Ah — disse e fez um esforço para controlar o tremor de sua voz— Ah, é uma adivinhação. —Procurou o refúgio em um tom brincalhão— Para me lamber pelo sabor ou por luxúria?

—Por ambas as coisas — murmurou ele— e me considero afortunado.

Dirigiu-lhe um olhar malicioso.

—Isto sim que é galanteio amoroso, vou pensar que estou na corte se sigo ouvindo tais palavras.

Ruck deslizou o polegar para baixo, explorando-a. Melanthe deu um pequeno pulo e fechou as pernas para impedi-lo.

—Senhora, agora está em minha corte, e sou eu quem governa.

Com delicadeza venceu sua resistência e lhe separou os joelhos. Acariciou-a, primeiro o interior das coxas e depois o clitóris; esfregou-o para cima e para baixo, tocou-lhe sem recato e fez que se estremecesse cada vez que seus dedos roçavam aquele ponto.

Melanthe sentiu um comichão nos seios e por todo o corpo.

—Detenha — disse, e tragou ar com brutalidade.

—Não, você me rogou que te ensinasse os prazeres infames. Este é o segundo pecado de luxúria, minha dama. O toque impudico.

Seu polegar se movia com ritmo lento. Melanthe tragou saliva.

—Asseguro-te que acredito que... Que isto seja pecado — disse.

Ruck trocou de postura, levantando-se sobre o cotovelo.

—E este é o primeiro. —Sem interromper as carícias do polegar, inclinou-se sobre sua boca— O beijo impudico. —Saboreou-a com a língua, e depois a introduziu até o mais profundo. Seus dedos deslizaram na fenda, invadiram-na, exploraram-na, alargaram-na. Melanthe começou a gemer ante o duplo assalto, sob o peso do corpo coberto de veludo e o áspero roce de sua mandíbula. Deslizou os calcanhares sobre o tapete e esticou as pernas à espera.

Ruck se afastou e lhe acariciou a têmpora com os lábios. Enquanto Melanthe tratava de recuperar o fôlego, ele se inclinou sobre seu seio. Posou os lábios e o beijou, ao tempo que afundava os dedos no mais profundo de seu interior.

Melanthe sentiu que ficava sem ar; ofegou para recuperá-lo enquanto ele a acariciava com a língua e sugava como se fosse um doce. Elevou seu corpo para ele, para sua boca e sua mão, impudica, como se tivesse perdido toda noção da existência da virtude sobre a terra.

—Beijo impudico... Toque impudico. —O fôlego dele estava muito próximo a sua pele, roçava-a e lhe infundia calidez enquanto falava— O terceiro pecado de luxúria é a fornicção, mas nós estamos casados, senhora, assim não posso ensiná-la a fornicção. Nem tampouco o quarto pecado, a não ser que seja virgem, que é o de seduzi-la para conseguir sua pureza.

—Não — sussurrou ela, afundando os dedos na sedosa superfície do tapete— Não sou virgem.

—Isso é o que eu pensava. —Seus lábios se moveram sobre o ombro dela, explorando-a com ternura. Notou o sorriso dele sobre a pele— Tampouco podemos

cometer adultério, nem simples nem duplo, nem tampouco sacrilégio, a menos que esteja sujeita a votos religiosos.

Melanthe riu sem fôlego.

—É que te pareço uma mulher sagrada, cavalheiro?

Ruck levantou a cabeça.

—Deus não o queira — disse com repentina ferocidade— Não, o que parece é minha esposa, bela e mortal, e nada do que façamos entre nós é pecado, em palavras de são Alberto.

Melanthe jazia sobre o almofadão. Toda a vida tinha se assegurado de que os homens a acreditassem iníqua, letal em seus amores e paixões. A princesa Melanthe não parecia à esposa bela e mortal de ninguém. Mas nunca antes tinha jazido nua junto a um homem, sem nada que a cobrisse, desprovida de todo escudo e máscara, atrevida.

—Nada? —Fez uma careta e esticou os braços por cima da cabeça— Ai, vai acabar com minhas perversas inclinações.

Agarrou-lhe o queixo e acariciou os lábios com o polegar.

—Não me provoque um desejo incontido, empregada, que é um pecado mortal, com matrimônio ou sem ele.

Melanthe baixou os braços para apoiá-los nos ombros dele.

—É que agora seu desejo é comedido, santarrão erudito? Em tal caso, possivelmente possamos interromper estes amores e ir à capela passar um dia com sua noite entregue às preces e ao jejum, para te provar.

—E você possivelmente seja a filha do Maligno, vinda para me perseguir e te apropriar de meu corpo e minha alma.

—Não, não sou mais que sua esposa, bela e mortal — disse ela com ar virtuoso— E hoje também casta, até o momento.

Ruck se apoiou no cotovelo para tirar o cinturão dourado; os elos soaram com força ao cair sobre o tapete.

—E pelo que vejo incomoda em tal estado.

Era agradável trocar palavras e frases amorosas. Mas Melanthe ficou em suspense ao ver o movimento breve e preciso do largo pulso de Ruck e ouvir o ruído do cinturão ao cair. Subiu os joelhos sem saber se ele ia montá-la e acabar com aquilo. Não tinha nada que objetar, e mais, o agradeceria, por que assim, se o quisesse, poderia ter um filho dele, mas sua experiência nas quatro ocasiões anteriores — três delas com Ligúrio e outra com ele — tinha-lhe ensinado que isso marcava o rápido final de todo jogo amoroso.

Havia sentido um enorme deleite com os jogos dele e não tinha desejo de que se acabassem tão cedo. Quando Ruck se inclinou sobre ela, apoiou a palma da mão em seu peito.

—Que tipo de estudo é este, santarrão erudito? Minha educação está ainda incompleta. Somente provei dos dois primeiros pecados da luxúria.

Não respondeu; limitou-se a lhe dar de novo uma exaustiva demonstração do primeiro deles ao tempo que desabotoava o espartilho. Melanthe percebeu a força de sua intenção; impacientou-se com todos aqueles preâmbulos e jogos amorosos. Um tanto decepcionada, relaxou a mão, subiu-a até sua cabeça e deslizou os dedos sem pressa por seu cabelo enquanto ele se situava sobre ela.

Abriu as pernas, em sinal da obediência a ele devida. Seu corpo ficou ligeiramente tenso, em antecipação ao desconforto.

Mas ele não apoiou todo seu peso sobre ela; manteve o corpo separado e lhe beijou a boca, o pescoço e os seios. Melanthe suspirou, saboreou seus beijos e se deixou afogar pelos últimos momentos de prazer.

O tecido da camisa solta e do espartilho de Ruck lhe roçaram a pele. Chupou-lhe com força o mamilo. A sensação a invadiu, metade dor, metade êxtase. Agarrou o veludo e se arqueou, tentando obrigá-lo a descer sobre ela.

—Piedade. —Estava ofegante, contraía todos os músculos com cada puxão e cada sensação de doce dor— Piedade, piedade.

Ruck emitiu um som inarticulado e se afastou, movendo-se para baixo, moldando-a com suas mãos. Ela queria que voltasse e lhe desse mais; tratou de arrastá-lo, puxou-lhe

pelos cabelos, mas ele se afastava, afastava-se apesar de seus esforços, e lhe cobria o ventre de beijos.

Quando Melanthe estava já a ponto de expressar com palavras seu desespero para que ele se afastasse, Ruck posou a boca sobre seus clitóris, agarrou-lhe os quadris e começou a acariciá-la com a língua.

Uma deliciosa sensação de prazer a invadiu. Estremeceu sob seu corpo, tragando ar a baforadas, gemendo entre dentes, o corpo sacudido por convulsões, como possuído com cada carícia lasciva. Jogou a cabeça para trás e elevou os seios, a coluna e os quadris, apertando-se contra ele para resistir à investida daquelas ondas de desejo, rogando-lhe, suplicando-lhe, exigindo-lhe com seu corpo.

Ruck se incorporou. No momento em que ficaram separados, Melanthe começou a choramingar com angústia; queria que ele continuasse beijando-a daquela forma, mas Ruck se sentou e se despojou do espartilho e a camisa, deixando ao descoberto uns ombros de músculos tão marcados e elegantes como os do cavalo. Baixou a mão às meias que deixavam ver o vulto de seu membro ereto através da roupa, apertado pela malha.

Melanthe se sentiu consternada. Agora a utilizaria e tudo acabaria; estava a ponto de chorar por aquela sensação que tinha despertado nela e que ainda exigia mais.

Ruck soltou os cordões das meias. Melanthe levantou os braços para abraçá-lo quando se estendeu sobre ela. Não estremeceu, embora seu tamanho fosse muito maior que o de Ligúrio; abriu-se para recebê-lo apesar ao desejo frustrado.

Ruck se apoiou nas mãos e a olhou à cara.

—Senhora — disse com um rápido sorriso — para sua aprendizagem, esse último que a ensinei está incluído no décimo terceiro pecado: carícias indecentes.

Melanthe soltou uma breve gargalhada amalucada, uma resposta irracional, já que ele descia sobre ela e desta vez utilizava o corpo para desatar aquele prazer impossível, como antes tinha utilizado as mãos e a língua. Surpreendida, sentiu de novo a proximidade daquela sensação quando o membro ereto de Ruck se apertou contra ela, e

fez que se abrisse um pouco mais com cada movimento até que o extremo esteve dentro dela.

Os braços dele tremeram. Contemplou-a do alto; o olhar de seus olhos era distante, carente de expressão, cego. Encheu o peito de ar e seu sorriso se esfumou ao deixar ao descoberto os dentes e penetrá-la.

Embora o contato com seu grande tamanho lhe produziu uma intensa ardência, Melanthe o recebeu até o mais profundo. Em nenhuma de suas experiências anteriores tinha experimentado nada semelhante: os beijos lascivos, os toques indecentes, a respiração que ouvia como um soluço junto à orelha; o peso daquele corpo sobre o seu e a forma em que a penetrava até o mais profundo de seu corpo. Uma e outra vez se moveu com ele, pegando-se com luxúria a seu corpo, e a culminação caiu sobre ela como uma emboscada.

—Deus me ajude! —gritou.

Suas costas se arquearam. Seu corpo foi preso por estremecimentos incontroláveis. Sucumbiu igual a ele ao êxtase, e se agarrou a aquele corpo enquanto era arrastada pela corrente.

Ficou adormecida no chão, sobre o peito de Ruck, aconchegada contra ele, com uma das pernas em cima, os quadris curvados e a mão apoiada com gesto possessivo em sua cintura. Recostado sobre um cotovelo, ele contemplou os reflexos alaranjados e rosados das chamas sobre sua pele.

Desde que podia recordar, sempre que descarregava sua semente, inclusive desde os primeiros tempos de seu matrimônio com Isabelle, ao recuperar de novo a lucidez sentia que seu espírito caía na melancolia. Uma tristeza sem nome se apropriava dele como uma espécie de presságio, e experimentava uma sensação de perda.

Sabia que isso era o que devia esperar, mas a certeza não lhe proporcionava alívio, só a aceitação de algo que Deus considerava oportuno impor. Durante os anos de solidão, quando tinha dado satisfação a seu desejo em segredo, às vezes a tristeza quase não o abandonava no tempo que ia de uma transgressão a seguinte, unicamente a imagem de

sua dama perfeita e a confissão a mitigavam. Umas vezes se prolongava durante dias, outras só durante o tempo que demorava a dormir, mas sempre ficava nele uma profunda tristeza, como acontecia também agora.

Com suavidade deslizou a mão sobre Melanthe em uma tenra carícia. Cada vez que respirava, ele sentia o roce das pontas de seus seios. Podia entreabrir os olhos e olhá-los, era uma maravilha entre outras muitas. Desprovida de trajes e joias, sua silhueta era da mais feminina, cheia de curvas e largas linhas, não tão esbelta e fria como suas rodeadas vestimentas na moda a faziam parecer, a não ser com agradáveis turgidezes carnudas, em plena maturidade da vida.

Em meio de sua tristeza, a beleza de Melanthe o fez pensar em que poderia perdê-la. Tinha que ser impossível; era incapaz de imaginar um futuro no que não se repetisse um momento como aquele.

Seus dedos deslizaram para a zona em sombra. Desenhou com eles uma estranha imperfeição naquela pele acetinada, um risco irregular que subia pelo ventre dos cachos do púbis, e descobriu outro junto aquele, e depois outro mais. Para sua estranheza, pareceram-lhe muito femininos, leves e pouco marcados, de bordas suaves, distintas a qualquer cicatriz que tinha visto em sua larga experiência de feridas de combate. Perguntou-se como teria feito aquelas marcas tão difusas, mas a simples ideia de interrogar à princesa Melanthe a respeito de um defeito o fez sorrir para si.

Deixá-lo-ia preso no lugar. Não o entenderia, não compreenderia que quão único desejava era saber mais dela, nem acreditaria que ele a amava ainda mais por não ser perfeita sob as peles, as sedas e as joias. Arrogância e inesperada imperfeição, e aquela amostra de valentia ao ir só com ele ao lombo do cavalo. Era desavergonhada e muito recatada por momentos. Seus maravilhosos olhos azul violeta se empanavam com o temor de que lhe repelisse sua aparência.

Enquanto seguia o risco daquelas marcas, lhe agarrou a mão e dobrou a perna que tinha sobre ele com um rápido movimento, como se quisesse esconder-se. Seus olhos se abriram de repente.

—O que está fazendo? —perguntou irritada.

Ruck entrelaçou os dedos com os dela, inclinou-se e lhe acariciou a testa com ligeiros beijos.

—Estou inspecionando sua avançada idade e sua fealdade, empregada.

Afastou-lhe a mão e lhe obrigou a apoiá-la em sua própria coxa, onde a imobilizou sobre as meias negras que ele ainda levava postas.

—Já perdi a conta do número de vezes que me chamaste empregada. Terá que se esfolar vivo em expiação de todas elas. É uma grande tragédia.

—Bassinger comporá um sombrio poema de lamentações em minha lembrança.

Melanthe, com o olhar cravado na base do pescoço de Ruck, não sorriu. Ele se arrependeu de ter renomado Bassinger, de trazer o mundo exterior a aquela espécie de retiro. Para distraí-la, soltou a mão que agarrava. Rodeou com ela um de seus seios e acariciou com o polegar a rosada e escura aréola.

Melanthe tragou ar com rapidez. Uma sombra de preocupação se abatia sobre suas sobrancelhas. O olhou de esguelha.

—Mentiu para mim, santarrão. Você não tem feito abstinência de mulheres.

Ruck negou com a cabeça.

—Hei-te dito a verdade, minha dama, ante Deus.

—Não. —Melanthe, agarrada a seu pulso, deu-se a volta até ficar de barriga para cima— O que tem essa forma de... De beijar e acariciar? Por Deus bendito, onde tem descoberto tais coisas?

Ruck arqueou as sobrancelhas.

—Isto? —Descreveu um lento círculo com o polegar— Senhora estive casado. Um marido acaricia assim a sua mulher.

Dirigiu-lhe um olhar igualmente ofendida que se fosse uma abadessa scandalizada.

—O meu não o fez!

Ruck inclinou a cabeça e apoiou a bochecha no punho.

—Não? Não posso explicar o porquê, minha dama, mas me agrada ouvir isso.

—E... Eu não me referia somente A... A isso... Mas também aos beijos antinaturais. Tenho para mim que somente os galãs libidinosos e os cavalheiros de salão conhecem tais perversões.

Ruck interrompeu a carícia e baixou os olhos. Parecia presa de uma sincera agitação ante aquela transgressão. Que fosse, dentre toda a gente, precisamente a princesa Melanthe a que o exortasse o fez pensar que devia haver-se mostrado tão imoral que tinha ultrapassado a soleira dos piores vícios.

—Perdoe-me, minha senhora. —O gesto de sua boca se endureceu— Eu acreditava que alguém como você, perita em artes amorosas... Pensei que conheceria estas coisas, e que a agradariam. Não voltarei a ofendê-la assim, juro-lhe isso.

Melanthe rodeou a mão dele com as suas.

—Não, não, confunde minhas palavras. Eu... Claro que obtive prazer, Por Deus bendito, como poderia te dizer que não foi assim? Mas... —voltou o rosto para ele— onde mais poderia ter aprendido essas coisas, a não ser em companhia de mulheres dissolutas e rameiras?

—Nunca recorri a rameiras — disse Ruck e afastou a mão enquanto cravava a vista no tapete de seda que havia entre eles— O aprendi na confissão.

—Na confissão!

—Assim é, minha dama.

Melanthe se sentou de repente.

—Conheço sacerdotes muito impuros, mas não acredito que ensinem semelhantes coisas na igreja.

—Perguntam-nas... —ficou a brincar com as franjas do tapete e a olhou de soslaio— Não faziam perguntas a você, minha dama?

—É obvio. Se tinha estado ociosa, se tinha me mostrado ativa e coisas pelo estilo.

—Nada mais que isso?

Melanthe abraçou os joelhos.

—Invejosa? Irada? Avara? Golosa? —recitou e se encolheu de ombros— Houve um que sempre montava um escândalo e não me deixava em paz porque dizia que me

adornava com excessiva elegância, até que me fartei, fiz que o despedissem e pus outro em seu lugar.

—Ah — murmurou ele, sem deixar de brincar com a colorida seda.

—Acaso lhe perguntavam outras coisas?

Ruck franziu o cenho.

—Sim, sobre minha luxúria. —Abriu a mão e esfregou os dedos no tapete— Perguntam-me se realizei toques e abraços lascivos e quando digo que não, o confessor faz a pergunta de outra maneira: se toquei a uma mulher os seios, ou o corpo. Mas, igual a você, tampouco confia em mim quando digo que não, e me pergunta de novo, como se o tivesse admitido, se não a toquei na entrada da vagina e no púbis. E não a beijei nesses lugares e nos mamilos, para despertar sua luxúria? E não a montei de forma antinatural, como se aparelham as bestas, ou permiti que ela me montasse? E não o fiz em um dia do Senhor? —Soltou um suspiro cheio de tristeza— E a seguir, asseguro-lhe isso minha dama, uma vez que saio dali, vejo-me incapaz de pensar em outra coisa, que no que poderia fazer se tivesse uma esposa e pudesse fazer uso dela.

—Ai! —disse ela em voz baixa, mas Ruck percebeu a risada em sua voz.

Sua mandíbula se esticou.

—Assim, se é que me crê... Eu não aprendi o vício com rameiras.

—Talvez fosse você quem lhes ensinou!

Ruck se estendeu de novo e exalou um profundo suspiro, colocou uma almofada sob o pescoço e entrelaçou as mãos por trás da cabeça. Melanthe o contemplou e, continuando, alargou a mão e lhe tocou o joelho.

—Isso te ocorre porque se dão conta de sua forma e seu vigor, e são incapazes de conceber que um homem como você se mantenha casto. O mesmo acreditou aquele sacerdote de mim por meu excesso de adornos.

Ele não tinha sido de tudo casto, mas não ia contar nada sobre aquelas autênticas inquisições que tinha tido que suportar pela questão, não quando a pior ofensa que ela se viu obrigada a reconhecer parecia ser usar excessivos adornos.

—É verdade, então — perguntou ela— que essas coisas não são pecado dentro do matrimônio?

—Alguns dizem que não, e outros afirmam que sim. —Ruck tinha o olhar fixo entre as pernas.

—Estudaste muito o assunto?

Assentiu.

Melanthe se balançou e pôs-se a rir.

—Vive Deus que teremos que mandá-lo se confessar muito frequentemente, santarrão, por seus futuros ensinos!

Ruck deixou vagar o olhar até a janela, a lareira... E de novo até ela, sentada feito um novelo, com a cálida luz das chamas refletida na curva de suas costas. Um lento sorriso se desenhou em seus lábios.

—Farei tudo o que Deus e minha proprietária e senhora me ordenem.

Capítulo 18

O primeiro que Melanthe ouviu foi o rugido de uma voz e o tinido das argolas ao deslizar quando as cortinas do leito se abriram de um puxão e uma luz cinzenta caiu sobre ela.

—Rameira mal nascida!

Uma monstruosa silhueta negra cintilou e algo saiu disparado para ela. Através das mantas, recebeu um golpe no pescoço e nos ombros.

Houve outro brilho. Melanthe ouviu um grito e aquilo se lançou sobre ela, mas de repente notou outro peso em cima que se interpunha entre ela e seu assaltante. Um som como o de uma tocha que ao golpear um lenho lhe atravessou a cabeça. O peso que a cobria se sacudiu uma vez e outra sob um novo ataque. Através de uma nebulosa, deu-

se conta de que era Ruck quem estava sobre ela, protegendo-a com seu corpo enquanto alguém lhe pegava e os golpes aumentavam sobre suas costas nuas.

—Está morta! —rugiu a voz— Afaste-se da rameira, filho da puta! Matei-a!

O corpo de Ruck vibrava com cada um dos golpes, e se ouvia sua respiração entrecortada e dificultosa. Mas não se afastou; se fazia de escudo e com o braço lhe cobria o rosto enquanto choviam os golpes sobre ele e sobre o leito, golpes cegos que às vezes caíam sobre seus ombros e outras eram baixos e provocavam violentas sacudidas sobre as pernas de Melanthe.

—Já é bem entrada a manhã! —gritou com fúria o atacante— Levante-se, moço, ou vai ficar sem pele! Essa qualquer morreu; essa suja rameira que tomou por esposa. Eu aniquilarei seus bastardos até deixar limpo o ninho! Era indigna de você! Vamos, que as espadas esperam. —De novo sua arma caiu sobre ele— Levante-se! Será que vai ficar com um cadáver ensanguentado? Que se levante!

Os golpes tinham perdido um pouco de força. Ruck se incorporou e levantou um braço. Melanthe viu um homem de barba cinza junto ao leito, sua espada de madeira golpeou ao cair à palma da mão de Ruck, que segurou a arma, afastou-a e a arrancou dentre as mãos de seu assaltante.

Ruck rodou sobre a cama, separou-se dela, abriu as cortinas do leito e se levantou enquanto lançava a espada de madeira pelos ares. A arma foi dar contra a porta aberta e provocou um estrondo que reverberou na escada de caracol que havia ao outro lado.

—Detenham-no! —Nu, com as pernas abertas e as costas avermelhada pelos golpes, Ruck olhou enfurecido ao iracundo ancião— Assegurem-se de que sua ofensa não chegue mais longe!

O homem nem sequer olhou Ruck.

—Fétida rameira, ainda respira? —aproximou-se de Melanthe, forte e cinzento, sua barba um arbusto emaranhado— Por Cristo que logo te estrangularei!

Ruck pegou um salto para impedir-lhe empurrou-o para trás e o segurou pelo peito com o braço.

—Não, senhor, comete uma loucura! Faça-me conta!

—Que te faça conta! —O homem se revolveu contra ele, com tamanho e força suficientes para, apesar de sua idade, separar Ruck dele; entretanto, por muito que lutou, não conseguiu soltar-se— Que te escute patife, enquanto ofende a memória de sua mãe, que Deus a tenha em sua glória! Enquanto corrompe a linhagem de seu pai com sangue vulgar! —Lançou um cuspe em direção a Melanthe.

—Já está bem! Ponha reserva a seu engano! —Ruck o agarrou pelo ombro. Com um grunhido pelo esforço, obrigou o homem a ajoelhar-se— Inclina-se!

O homem fez esforços impetuosos por ficar em pé, mas Ruck o manteve em seu lugar.

—Não tenho filhos — disse com ferocidade— E você sabe. Hei-lhe isso dito muitas vezes. E agora me escute. Isabelle está morta há muitos anos. Esta gentil dama é a princesa Melanthe, de Monteverde e Bowland. E é minha esposa. Quero que o entenda com clareza e que repita minhas palavras, e asseguro que o soltarei.

O ancião deixou de lutar. Melanthe agarrou o lençol e levou a mão ao ombro dolorido. O homem empalideceu e elevou o rosto para olhá-la.

—De Bowland? —disse com uma voz que se tornou tremente de repente— A filha de sir Richard?

Ruck o soltou. O corpo do ancião estremeceu. Quando agachou a cabeça até os joelhos e começou a soluçar, Ruck dirigiu um olhar rápido a Melanthe.

—Minha senhora, está ferida?

Doía-lhe o braço, mas os cobertores tinham mitigado o impacto da espada. Era maior o susto que a dor. Sem articular palavra, negou com a cabeça. Ruck se voltou e se deixou cair de joelhos para abraçar seu atacante, que agora gemia, e o estreitou com força entre seus braços como se fosse um menino.

—Quem é? —perguntou Melanthe.

—Sir Harold — disse Ruck por resposta, e com muita delicadeza insistiu ao homem a ficar em pé— Vamos, têm que ir imediatamente, senhor.

Sir Harold se separou dele.

—Sir Richard? Casaste-se com sir Richard, moço?

Ruck lhe tocou no ombro e assinalou Melanthe.

—Com sua filha — murmurou— A condessa.

O cavalheiro de barba cinza se retorceu e puxou o cabelo entre frenéticos murmúrios. Pareceu perder forças e se deixou cair até dar com a testa no chão enquanto suplicava compaixão e, entre murmúrios, falava do pai de Melanthe, de Bowland e de matar. Melanthe observou enquanto Ruck tentava sem êxito que partisse dali.

—Aproxime-se, sir Harold — disse com secura— E fale com sentido, ou saia daqui.

Aquela ordem imperiosa pareceu penetrar no maltratado cérebro do homem. Cessou seus movimentos e murmúrios, arrastou-se até o leito com suas mãos sulcadas de cicatrizes e elevou o rosto para ela.

—Minha nobre e gentil dama — disse— um demônio me possui!

—Sim, isso o vejo com clareza, sir Harold.

—Senhora — disse com desespero— acredito que teria que acabar com minha vida para lhe dar morte.

—Não, não fará coisa semelhante. Nem eu nem lorde Ruadrik damos nossa vênua. Vai contra Deus, sir Harold. E privaria a meu senhor de seu direito a receber ajuda e conselho de sua parte. —Sua voz se suavizou— Quando o demônio tente apropriar-se de você, lembre-se de que têm que recorrer a Deus para que o conforte e guie, porque Ele sempre vai em ajuda daqueles que desejam fazer o bem e atuar com fidelidade.

O ancião a olhou com uma expressão de crescente adoração no rosto.

—Bendita seja, minha senhora. Pois é, minha dama, a mais sábia e honrada do gênero humano.

—Tal sabedoria não é minha, mas sim de meu honrado pai, a quem Deus dê descanso eterno. Eu unicamente vos lembro seu dever.

Sir Harold, que não tinha deixado de soluçar, deu um leve suspiro.

—Gentil dama, o Senhor derramou suas bênçãos sobre esta casa o dia que se casou com meu senhor. Era a aquela vulgar potranca a que tinha intenção de matar, para manter a pureza do nobre sangue de meu senhor.

—Deus evitou que cometa um pecado mortal — disse Melanthe— Não esqueça o perto que estiveste.

Sir Harold inclinou a cabeça.

—Minha senhora.

—Lorde Ruadrik se encarregará de impor-lhe o castigo por me haver atacado, mas se for mais duro que passar um dia na carreta, tratarei de interceder por você.

—Agradeço-lhe isso, minha senhora — disse o homem com humildade— Suplico o favor de minha dama.

—Conta com meu favor. Agora me deixe. —Tirou a mão de debaixo dos lençóis para que a beijasse. O homem tomou com tanta rapidez que, por um instante, Melanthe se arrependeu do gesto, mas lhe agarrou os dedos com suavidade, e apenas a roçou com sua calosas palmas enquanto fazia o gesto cortês de inclinar-se sobre sua mão.

—Que Deus proteja a sua mercê. —levantou-se e se separou do leito com a cabeça erguida e os ombros retos. Ruck tinha permanecido todo o tempo ao seu lado, como se estivesse disposto a levá-lo dali a rastros em qualquer momento. Sir Harold o obsequiou com uma profunda reverência, declarou que estaria à disposição de seu senhor quando tivesse a bem lhe impor um castigo justo e saiu da estadia a grandes pernadas.

Imediatamente, Ruck fechou e trancou a porta. Sem pronunciar palavra, agarrou a camisa e a colocou pela cabeça, com o que tampou as intensas marcas sobre sua pele. Pela primeira vez, Melanthe foi consciente da chuva que golpeava os painéis da janela e da fria penumbra da estadia.

—Por Deus bendito! —afundou-se nos almofadões— Que mais pode ocorrer neste lugar?

—Não está ferida, minha senhora?

O tom frio da voz de Ruck serviu de advertência a Melanthe para não fazer nenhuma brincadeira. O ombro doía, mas se amassou na colcha de seda e o olhou.

—Estou viva.

—É vítima da loucura, minha dama — disse Ruck— E não pode fazer nada quando sofre esses ataques.

—Quem é?

—Meu instrutor de armas. Quando estava na plenitude de sua vida, recebeu um golpe na cabeça que lhe abriu o crânio, e após não pode controlar a ira. Mas é um grande cavaleiro, minha senhora, e me ensinou tudo o que sei sobre a luta.

—O segredo de sua destreza. Combate como um lunático porque foi um louco quem o instruiu.

Ruck se encolheu de ombros.

—Pode ser que por ventura assim seja. —inclinou-se sobre a arca para agarrar umas meias, e se vestiu sem ajuda— Sir Harold se considera acima de tudo de sangue nobre e grande linhagem. Desprezava Isabelle, embora eu jamais a trouxesse aqui. O mero feito de ouvir seu nome o enfurece. Ele tinha querido que me tivesse casado com uma princesa.

Torceu um pouco a boca e olhou para Melanthe, como se acabasse de ser consciente de suas próprias palavras.

—Em tal caso, esmagá-lo-ei com minha magnificência, para o alegrar — disse ela.

Ruck tirou a roupa da arca e fechou a tampa.

—Causou grande deleite, minha senhora, com suas nobres palavras.

—É um de meus talentos, a arte das nobres palavras.

—Sem dúvida — conveio ele— Faz que a um dê voltas a cabeça.

—Esse é o propósito das nobres palavras e a nobre conversa. A mais de um príncipe o salvou de uma morte segura.

Ruck apoiou um pé no tamborete profusamente ornamentado para atar as meias. Os objetos eram de seda cinza; uma túnica rodeada bordada em negro com pedras de azeviche e debruada de pele de Martha. A Melanthe agradou ver que entre aquela companhia multicolorida, ele era o único que utilizava tons discretos. Isso o fazia distinguir-se muito mais que se vestisse os objetos mais refinados e fantásticos, e não afetava em nada a sua atitude, mas sim pelo contrário a realçava.

—Quer se levantar, senhora? —perguntou quando terminou de vestir-se— Ou vai passar a vida dormindo?

Melanthe se afundou no leito e tampou a cabeça com o lençol. De debaixo do tecido branco e cálido, ouviu-o mover-se. A tranca da porta deu um chiado.

Melanthe se sentou de repente.

—Espera.

Ele estava junto à porta com a mão no ferrolho. Melanthe se cobriu com as mantas.

—Não quero que vá — disse de repente.

Ruck realizou uma ligeira reverência e ficou junto à porta como esperando ordens.

—Não quero que vá — insistiu ela.

—Minha senhora, esperam-me no grande salão. Estive ausente muito tempo e há muitos assuntos que me esperam. —Franziu o cenho e olhou o ferrolho— Embora te pareça um lugar estranho, eu sou o dono.

Melanthe conhecia perfeitamente os deveres de um senhor. Mas uma espécie de diabo em seu interior, que parecia alheio a sua pessoa, fez-lhe girar o corpo sobre o colchão como uma menina caprichosa e ficar de costas a ele.

—Quando se levantar, minha senhora, estarei abaixo.

Ouviu o estalo da porta e se voltou para lançar um travesseiro. Alcançou-lhe no ombro. Enquanto estava dando a volta, Melanthe atirou outro que lhe deu totalmente no peito.

Deixou-se cair na cama, puxou a colcha para tampar-se e se fez um novelo de barriga para baixo, com as mãos apertadas sob o queixo. Ouviu que a porta se fechava. O rangido da madeira sob o tapete indicou que ele se aproximava do leito e, nesse momento, sentiu-se deprimida e furiosa, sem saber o que dizer, além de que desejava sua companhia e suas carícias indecentes. Seria cair muito baixo se rogava aquilo que ela sempre tinha recusado; e resultaria muito humilhante ver-se rechaçada, que a deixasse de lado e se fosse com aqueles bobos que tanto apreciava.

Era insensato sentir-se assim. Ela mesma teria ido primeiro cumprir com seus deveres. Com a boca afundada no colchão disse:

—É descortês. Nem sequer me deste o bom dia e já vai.

—Bom dia, então.

—Bom dia. E espero que te saia uma erupção e morra.

Sentiu a mão dele nas costas, depois ambas as mãos afastaram o lençol e lhe acariciaram os ombros nus. Ele afundou o rosto em seu pescoço e seu peso fez que o colchão afundasse. Com um gemido de alívio, Melanthe se voltou para ele, fazendo caso omisso da dor que sentia nos maltratados ombros ali onde ele os apertava, desesperada por seus beijos.

—Não espero semelhante coisa — disse com o rosto pego à bochecha dele, áspera por causa da barba incipiente— Claro que não. Pereceria sem você.

—Melanthe. —Apertou-a com os dedos— Minha dama soberana — sussurrou enquanto lhe dava o que ela desejava sem que precisasse pedir-lhe sua companhia, as carícias lascivas e sentir seu corpo no mais profundo de seu ser, até que ela, cega de prazer, sucumbiu a uma morte distinta.

Ruck notou que ela dormia, sempre estava dormindo aquela esposa dele, aquela espécie de milagre sonolento, abandonada entre seus braços como se fosse vítima de algum encantamento. Apoiou a bochecha sobre seu cabelo solto. A melancolia se apoderou dele, a dor e o destino o embargaram enquanto se agarrava a ela.

Esperou que passasse. Escutou a chuva e pensou nela, em como o cegava e o deslumbrava. Não o confundia com sua arrogância nem tampouco com suas ordens nem com sua nobre fala. Estava destinada a ser assim, tinha nascido para isso, e assim devia ser.

Entretanto, lançava-lhe travesseiros. E lhe atirava areia. Uma mulher cheia, da mesma idade que ele, princesa um momento e uma menina ao seguinte. Tinha conhecido damas da corte que se comportavam como meninas, punham detrás e falavam com vozezinhas tontas para atrair os homens, mas ela o fazia de forma tão inconsciente, com tanta estupidez e tão inesperadamente... Ele a tinha acreditado mais desenvolvida e ardilosa nos escarcéus. Postos a ser sinceros, até ele mesmo era mais sutil no jogo amoroso quando o tentava.

Às vezes parecia que havia outra alma dentro dela. Ou talvez só se tratasse de uma atitude enganosa para rir dele. Tinha-lhe permitido entrar em seu feudo, tinha-a levado

através da paliçada de defesa: ela conhecia agora a existência de Wolfscar. Ela podia ir dali, falar com todo mundo daquele lugar, burlar-se dele e despojá-lo do que era dele. Só ficava com vida sir Harold para testemunhar que conhecia Ruck sem sombra de dúvida. Um ancião louco para conseguir que Ruck ganhasse a demanda frente à abadia com mais riquezas do noroeste. E tudo isso depois de ter perdido qualquer esperança de ter Lancaster de sua parte para contar com a estima e o apoio do rei.

Entretanto, ela era tão suave e ligeira quando a abraçava... Rodeava-o com os braços, como se ele fosse sua única defesa ante o perigo. A tinha mostrado o caminho para atravessar as barreiras que protegiam seu coração, mas ela não tinha transpassado impunemente aqueles matagais que ele tinha ido afastando para lhe abrir passo, mas sim lhes tinha acendido fogo para chegar até ele, e depois o tinha deixado reduzido a um montão de cinzas fumegantes.

Era muito tarde. Agora estava ali e o tinha a sua mercê, como o tinha tido do momento em que a tinha conhecido.

—Não fica mais remédio, se ainda alberga alguma esperança com respeito a essa tua irmã — disse Allegreto com voz dura e baixa enquanto se inclinava sobre a mesa— É muito torpe Cara. Não serve para nada. Não tem coragem para atuar sozinha.

No deprimente botequim, a luz que entrava através dos barrotes da janela caiu sobre o rosto do jovem, convertendo-o em uma máscara, em uma antiga estátua pagã à sombra de umas ruínas. A fumaça do fogo que ardia no chão se filtrava por qualquer ranhura e impregnava a cerveja que Cara estava bebendo. Tomou um sorvo e obrigou a si mesma a tragar o amargo líquido sem olhar. Era turvo e estava frio, como tudo o que havia naquelas terras do norte deixadas da mão de Deus. Fora nevava, e quando não era assim, chovia. Deixou a jarra sobre a mesa e voltou a colocar a mão no manguito que lhe tinha comprado.

Levava já uma quinzena em sua companhia. Em uma ocasião, tinha tentado recuperar a prata enquanto ele dormia tentativa inútil e que quase lhe resultou fatal. Tudo o que

tinha conseguido foi um corte no pescoço que ele fez com sua adaga quando esteve a ponto de lhe atravessar a garganta ao voltar-se de súbito contra ela.

—Como poderia entrar ali? —murmurou desesperada— Ela disse que faria que me matasse!

—Se tivesse querido que a matasse, já estaria morta — Allegreto jogou a cabeça atrás e apurou a cerveja— Haveria dito que me encarregasse de fazê-lo.

—Isso me disse que te lançaria sobre mim. Só que se negou a dizer quando, já que queria me fazer sofrer durante a longa espera.

O jovem soltou uma gargalhada.

—Naturalmente. E que fez você, gansa? Fugir a toda pressa, que era justo o que ela queria conseguir.

Cara o olhou indignada.

—Igual fez você, Navona.

Allegreto assentiu, e seu sorriso se converteu em um gesto de desdém.

—Sim. Fiz. E o pagarei muito caro se não arrumar isto.

O jovem afastou o olhar e o posou no escuro rincão. Em duas ocasiões, enquanto, no curso da viagem, dormiam em celeiros e estábulos, Cara tinha ouvido um som apagado em meio da noite. Pareceu-lhe que ele soluçava, mas não estava segura. Pode ser que somente tivesse um pesadelo.

—Bom — disse ele— seus planos se tornaram contra ela. Jamais teve intenção de que sua escolta ficasse reduzida a um só homem, disso podemos estar seguros. Arrumado a que também o homem verde a abandonou ao final, ou mais provavelmente, que morreu para salvá-la quando os bandidos caíram sobre eles, como costumam fazer esses paladinos loucos de amor. Assim que quão único temos que fazer é pagar seu resgate, e nos devolverão atada com laços de seda.

—Possivelmente a tenham matado — apontou Cara, sentindo-se de uma vez culpada e esperançosa.

—Seriam um rebanho de imbecis de havê-lo feito. Ela vale muito mais do que eles jamais tenham podido imaginar, e arrumado a que sabem. Devolver-nos-ão em troca da quantidade adequada.

—Virgem Santa, se tanta vontade tem de salvá-la, deveria ter ido ao príncipe da cidade de Chester e lhe rogar sua ajuda.

—Aqui as cidades não têm príncipes nem patrícios. Não sei o que têm, mas pode estar segura de que, seja quem seja o que governe tão perto desse ninho de bandidos, será cupincha deles. E embora ela tenha me deixado em ridículo com esse maldito conto da praga, ainda é possível que a pestilência se abata sobre as cidades, por mais que tenhamos visto que o campo está limpo. Não, o que faremos será atuar do próprio feudo da princesa, onde poderemos ter algum controle sobre o assunto.

—Eu não posso entrar nesse castelo! —Cara manteve a voz baixa enquanto observava à taberneira, que, a sua vez, estava-a observando. Ninguém naquele lugar falava uma língua civilizada, somente assassinavam algumas palavras em francês, mas não pareciam muito surpreendidos ante a presença de viajantes estrangeiros, e isso o fazia temer que o cortejo que a princesa Melanthe tinha deixado em Londres tivesse chegado já. O castelo de Bowland estava apenas há uma hora a cavalo dali, se é que se podia confiar nos gestos afirmativos e os balbucios da taberneira— E o que acontece se chegaram os outros?

—Ora! A quem pôs ela à frente? A Sodorini, esse bufão velho e indeciso. Far-lhes-á dar tantas voltas que demorarão semanas em chegar aqui. Além disso, por que razão deveríamos lhes ter medo?

—Eu... —Cara se interrompeu bruscamente.

Allegreto sorriu em meio da luz que entrava pelos barrotes.

—Quem é, gansa Monteverde?

Cara deu outro gole à desagradável cerveja.

—Cara — disse ele com paciência— acaso supõe que desconheço que entre eles se encontra um Reata? Não tem escolha, asseguro-lhe isso. Una-se a nós, ajudamos e cuidamos dos nossos, não como esses cães dos Reata... E Monteverde se foi para

sempre. —inclinou-se para ela sobre a mesa— Eu falarei com meu pai. Inclusive poderíamos recuperar sua irmã, se é que ainda vive.

—Isso não pode prometê-lo — disse a jovem.

Allegreto se encolheu de ombros.

—Não, porque pode ser que já esteja morta.

—Não pode fazer promessas em nome de Navona. —Cara franziu os lábios— O destroçou minha família. Meu pai...

—Foi um incauto — disse Allegreto com voz terminante— Se sua família lhe tivesse importado, faria o que dele se pedia. E a sua mãe não foi tão mal quando se casou de novo.

Cara afastou o rosto dele, estava tão cheia de ódio que nem sequer era capaz de falar em defesa de seu pai. Desconhecia o que era o que Navona lhe tinha pedido, quão único sabia era que o tinham torturado até a morte por uma acusação falsa, e que Navona era o culpado.

Separou-se da mesa e ficou em pé, ao tempo que lançava o manguito ao fogo fumegante.

—Minha mãe estava aterrorizada ao ter que casar-se com o irmão de Ligúrio. Passou os últimos dias de sua vida com o temor de ter um filho varão e ver como Gian o matava. Não posso enfrentar os Navona.

Allegreto se levantou igualmente rápido, ao mesmo tempo em que a taberneira se equilibrava sobre o fogo e resgatava o manguito. A mulher ficou com ele nas mãos sem saber o que fazer e, continuando, retirou-se ao rincão mais afastado como um cão de ruas que se fez com umas sobras.

—Cara. —O jovem se interpunha entre ela e a porta.

—Não posso — disse a jovem.

—Cara!

—Não o farei.

—Por favor, tenha piedade de mim.

—De ti! —gritou ela— E quem teve alguma vez piedade de meu pai, de minha mãe, de minha irmã ou de mim? Não, por que eu ia ter piedade de você? Maldito seja dez vezes.

—Cara. —Estava-lhe suplicando— Por amor de Deus! Ver-me-ei obrigado a matá-la!

A jovem ficou imóvel; apesar de sabê-lo, sentiu-se horrorizada. Ele já a tinha apanhada; não podia chegar até a porta sem passar a seu lado. Dirigiu o olhar à adaga que levava no flanco.

—Não o tente — disse ele— Por favor, não o tente.

Um gato se levantou de um montão de trapos e se desesperou. No momento em que ela olhava para a arma, a adaga apareceu já na mão de Allegreto. A taberneira gemeu encolhida em seu rincão.

—Não tem mais que dizê-lo. —O jovem segurava a adaga sobre o flanco com mão relaxada— Só tem que dizer que está de nossa parte e eu confiarei em você.

O fogo fumegou sombrio.

—Não posso. Nem sequer em troca de minha vida.

Allegreto proferiu o mesmo som de dor que faz ao dormir. Seus dedos agarraram a adaga e a fizeram girar em sua mão.

—Tanto me odeia?

—Sim. Tanto, e mais.

—Salvarei a sua irmã. Juro-o por minha alma, encarregar-me-ei de que esteja a salvo.

—Não tem alma pela que jurar. —Os tremores sacudiam Cara— Embusteiro e assassino. —Pôs-se a andar para passar junto a ele — o Inferno te acolherá.

Allegreto fez um movimento. Cara estremeceu, o orgulho deu passo a uma humilhante retirada. Ele a agarrou com a mão; a ponta da adaga lhe roçou as costelas através da áspera lã.

Cara viu o pulsar no pescoço do jovem. Ela tremia com tanta violência que a adaga a roçou e sentiu uma picada como a de um agulhão que fez que os olhos enchessem de lágrimas.

—Adiante, faça-o, Navona! —Mostrou os dentes como um animal encurralado, desafiando-o.

Os preciosos olhos negros de Allegreto devolveram o olhar. A ponta da adaga a roçou de novo, e uma sacudida a percorreu.

—Não! —gritou à jovem— Não me persiga!

—Está de nossa parte — disse ele.

—Nem pensar. Matar-te-ei se puder! —O medo a possuía. Ouviu a si mesma, depois de ter deixado fazia tempo a razão a um lado, lançar aquele desafio insensato, irracional e impossível— Trabalharei para os Reata; cuspo sobre o nome Navona; apagá-lo-ei da face da terra!

Allegreto apertou a adaga contra ela, e as lágrimas brotaram a torrentes. Sentiu uma ardência atroz; imaginou a folha da adaga ao afundar-se e uma dor mil vezes pior. Ficou à espera. No meio do pânico pensou que ia morrer sem confessar-se, mas nem sequer era capaz de fazer mentalmente um ato de contrição; quão único fazia era despedir uma e outra vez de Elena, até que desapareceu qualquer outra percepção.

Quando ele a soltou, foi tão de repente que Cara caiu de costas sobre a mesa, e esta cambaleou sob seu peso ao agarrar-se a borda.

Uma sombra passou ante a janela. Ouviu um cavalo, o ruído de suas patas ao afundar-se no barro. Uma voz gritou de fora.

A taberneira se apressou para a porta. Allegreto lhe fechou o passo, tampou sua boca com a mão e pôs a adaga no rosto. Pouco a pouco, foi soltando-a. A mulher se afastou e voltou a refugiar-se em seu rincão.

—Ave! —A porta se abriu e a chuva salpicou a soleira. Entrou um jovem cavalheiro, que retirou o capuz do rosto e deixou ao descoberto uma loira cabeleira— Ave, bom dia! —Levava sua própria jarra na mão e a introduziu no barril, depois do qual, pôs de novo a tampa de um golpe enquanto perguntava algo à taberneira. O fez em inglês, mas a palavra «Bowland» se ouviu com toda clareza ao final da frase.

A mulher assentiu com a cabeça encurvada e desviou o olhar para Cara e Allegreto. O recém-chegado se voltou para eles.

—Que Deus lhes benza — disse em tom amistoso e, assinalando para a porta, fez outro rápido comentário em inglês entre dentes, que obviamente era uma queixa sobre o tempo.

—Que Deus lhe proteja — disse Cara com atrevimento em francês; via seu salvador naquele homem. Apertou o flanco com os dedos, tratando de acalmar a ardência da ferida.

O cavaleiro lhe fez uma inclinação.

—Agradeço-lhe isso, bela dama, e que o Senhor lhe ampare — respondeu em francês. Embora o acento fosse mau, entenderam suas palavras sem problemas. Fez um gesto de saudação a Allegreto— Bom senhor...

Allegreto se inclinou e indicou a mesa.

—Conceda-nos a honra.

—Com grande prazer. —O jovem sorriu, tirou a capa e sacudiu as gotas de chuva que havia sobre ela antes de pendurá-la de um gancho. Vestia umas meias cor carne com umas sujas ataduras de lã enroladas até o joelho como amparo. Tinham uma cor absurda, mas após passar uma semana em companhia de Allegreto, aquele rosto sincero, de sorriso fácil, foi suficiente para agradar Cara.

—Sou Guy de Torbec — disse o jovem cavaleiro— Mas, agora que o penso, vocês não são inglês, senhor?

—Estamos ao serviço da princesa de Monteverde — disse Allegreto.

—Ah! Monteverde? Então sim que era Bowland, vive Deus! Tal como pensava. —Guy se sentou escarranchado sobre o banco— Por fim estou no caminho correto. Retornou sã e salva sua senhora, com a ajuda de Deus?

Allegreto ficou rígido.

—Retornado?

Guy pareceu dar-se conta de repente de que podia ter sido indiscreto e deixou a jarra sobre a mesa, ao tempo que olhava por cima do ombro.

—A senhora de Monteverde e Bowland — disse entre sussurros— Não esteve... Ausente?

Cara pôs uma mão sobre o braço de Allegreto.

—Foi vítima de um ataque — murmurou— Nós formávamos parte do grupo. Diz que se encontra a salvo?

—Ou acaso vêm em demanda de resgate? —cortou em seco Allegreto.

—Não, não, pelo amor de Deus. Eu não tenho nada a ver com semelhante coisa! — Guy se tornou para diante— Unicamente sou portador de notícias. Meu desejo é ajudar.

—Que notícias são essas?

Guy mordeu o lábio e os olhou cauteloso.

—Dirigia-me ao castelo. Pensei que o Cavalheiro Verde podia me dar um posto em sua companhia.

O braço de Allegreto se relaxou sob a mão de Cara.

—Se for uma recompensa o que procura, fale. Eu me encarregarei de conseguir-lhe um posto se o merece.

Face às roupas de camponês com as que se cobria, Allegreto tinha uma arrogância inata que denotava autoridade. Cara viu que o inglês sopesava sua oferta.

Guy deu uns golpes rápidos com o punho no joelho. Depois exalou um suspiro entre dentes.

—Pode fazê-lo? Embora tema que minhas notícias não sejam muito abundantes. Somente que a vi em companhia de um cavaleiro que chamava a si mesmo pela cor verde de sua armadura, no castelo de Torbec, no condado de Lancaster. —E assinalou com um gesto em uma direção que não significava nada para Cara— Mas saíram fugindo para o oeste com mi... Com o homem que é dono de Torbec lhes pisando os calcanhares. Perdeu-lhes o rastro ao chegar à costa. Nós... Ele pensou que deviam ter tomado direção sul seguindo a costa, mas eu acredito que o Cavalheiro Verde foi o suficientemente preparado para vir para aqui apesar da perseguição. E logo recordei o nome de Bowland, nas correntes do falcão, e que a filha do defunto conde se casou com um príncipe estrangeiro. Assim que me virei para aqui, já que não podia continuar em Torbec. — umedeceu os lábios com a língua— Tinha a esperança de que já tivessem

retornado. Eu fiz... Um pequeno favor ao Cavalheiro Verde, assim pensei que não me veria com maus olhos.

—Quando ocorreu isso? —quis saber Allegreto.

—Faz quatro dias.

—E ela estava sozinha com o Cavalheiro Verde?

Guy assentiu.

Allegreto lhe dirigiu um sorriso.

—Fez bem — disse— Bem feito, Guy de Torbec. Venha conosco. Dirigimo-nos ao castelo. Estou seguro de que conseguirá um posto ali.

Era o melhor leito para dormir que Melanthe podia imaginar. Não o abandonou durante três dias; jazeu nele envolta em seu calor, deixando-se levar pelo sono e a sensação de segurança enquanto a chuva deslizava pelas janelas. Ruck, já vestido, inclinou-se sobre ela e depositou um beijo sob sua orelha.

—Deve estar em poder de alguma feiticeira — murmurou— Da bruxa mais folgazona do mundo.

Ela cobriu o nariz com o lençol; sentia-se lânguida depois da sessão de amor matinal.

—Faz que tragam pão e bebida. E retorna logo a mim.

—Pelo menos sei onde encontrá-la.

Melanthe sorriu com os olhos fechados.

—Eu gosto de seu colchão, meu senhor. Possivelmente não o abandone jamais.

Ruck não respondeu e se separou do leito. Ela o ouviu cruzar a estadia. A porta se abriu e se fechou. Cada manhã, quando ele ia, ela se acomodava no leito, satisfeita e saciada depois da copulação, com o pão de trigo e a cerveja que alguém deixava sobre a mesa a seu lado como único sustento, e ficava dormindo até que ele retornava. Não pensava aonde ele ia. Não pensava em coisa alguma; só sentia um morno interesse passageiro que se convertia em agradáveis sonhos.

Mas uma pequena dúvida se instalou agora em sua mente, ao não obter resposta dele após dizer que possivelmente não se fosse nunca dali. Os dois William deviam estar lá

fora, e era muito pouco provável que se dedicassem a cantar seus louvores ou que o insistissem a que ela prolongasse sua estadia. Abriu os olhos.

Sentou-se e afastou a roupa da cama. O ar frio lhe roçou a pele.

Estúpida. Miúda estúpida! Nenhuma mulher era capaz de reter um homem com somente seus jogos na cama, não quando seus favoritos se dedicavam a lhe falar no ouvido em seu contrário.

Sentou-se segura. Estava segura. Mas se havia uma lição mais importante que todas as que Ligúrio lhe tinha feito aprender, era que conceder a um homem tudo o que ele queria equivalia a perder todo poder sobre ele. Ruck era tão tenro e apaixonado quando estava ao seu lado, que jamais tinha sido consciente do perigo até esse momento.

Saltou da cama. É obvio, não contava com donzela alguma. Tinha que arrumar-se só como fazia ele, mas após revolver nas arcas da estadia encontrou uma camisa de linho, rígida e sem usar. Cheirava levemente a ervas. Também havia trajes, mas se negava a aparecer com os objetos da anterior senhora do castelo como se fosse um fantasma que tivesse ressuscitado. Colocou seu próprio brial azul sobre o linho limpo.

Quão único pôde fazer com seu cabelo foi cobri-lo com um lenço, ao não contar com ninguém que o penteasse. Encontrou um adornado com jaspe e ágatas. Todos os objetos da arca levavam ricos adornos de bordados e gemas. Wolfscar não era o feudo de um cavalheiro pobre.

Pensou naqueles histriões que viviam ali com total liberdade, e franziu o cenho. Poria supremo cuidado no que fazia. Os favoritos de um homem podiam ser um assunto delicado, um assunto sobre o que resultaria difícil fazê-lo raciocinar, tal como testemunhavam as histórias de inumeráveis reis.

A escada que descia dos aposentos do senhor terminava na parte mais elevada do salão principal. Melanthe ouviu vozes, música e risadas antes de chegar abaixo, mas naquele castelo não havia miras pelas que espiar comodamente o que ali acontecia, ou pelo menos ela não tinha encontrado nenhuma.

Estava a ponto de transpassar a soleira, quando se tornou atrás rapidamente. Ruck se encontrava ali, sentado à mesa sobre o estrado, de costas a ela. Tinha a um menino

sobre os ombros, um infante ao meio crescer, que balançava os pés a ambos os lados de sua cabeça e se agarrava com as mãos a seus cabelos quando ele se inclinava sobre os pãezinhos e viandas que cobriam a mesa. No breve momento que durou sua visão, Melanthe pôde ver William Foolet consultando com Ruck, e histriões por toda a sala; alguns deles ao redor do estrado, outros servindo, e a um par que fazia jogos malabares e descrevia um enorme círculo com as maçãs que lançavam para o teto.

Melanthe se sentou na escada a resguardo dos olhares. O aspecto fantástico daquela cena a deixou assombrada uma vez mais. Sentiu-se insegura, como se fosse um escuro corvo em meio da festa. Não parecia muito recomendável, pensou, aproximar-se dele em meio de tantos sorrisos e gargalhadas. Mais adiante, quando o tivesse de volta a seu lado, sozinho, poderia tentar calcular quanto a tinham prejudicado os dois William.

Embora não sentia desejos de retornar ao quarto vazio naquele momento. Ficou sentada na escadaria e escutou o alegre falatório, os murmúrios de alegria. Falavam da cria de cordeiros e dos peixes que havia no lago, assuntos dos que ela sabia pouco. Podia predizer o que ocorreria se entrava pela porta. Voltar-se-iam todos para olhá-la, e então ela teria que adotar seu papel de dama gentil, já que não sabia ser outra coisa.

Soaram uns rápidos e suaves passos sobre o estrado, e uma garotinha vestida de verde gritão apareceu pela porta. Apoiou suas mãos gordinhas nos joelhos de Melanthe e se inclinou para ela. Seus olhos escuros a olharam com adoração, levava os negros cabelos soltos, sem sujeição alguma.

—Por que se esconde? —espetou-lhe.

Melanthe se tornou um pouco para trás.

—Não me escondo.

—Sim que o faz. Eu a vi. Mas a encontrei! —deu a volta, introduziu-se pela fresta que ficava entre Melanthe e a parede e tomou assento no estreito degrau. Rodeou com os braços o pescoço de Melanthe e lhe deu um beijo na bochecha— A quero.

—Não, não me quer — disse Melanthe— Você nem sequer me conhece.

—É a princesa — disse a menina com um suspiro arroubado— Eu sou Agnes. — Apoiou a cabeça no ombro de Melanthe, agarrou-lhe a mão e começou a brincar com seus anéis— Eu toco o timbal e os címbalos. Tenho um falcão branco e muitas joias.

Melanthe contemplou aqueles dedinhos que brincavam com os seus.

—Então, é uma grande dama.

—Sim — disse Agnes— Quando for maior passarei o dia dormindo, embora agora eu não gosto de dormir—acrescentou com sinceridade— E me casarei com Desmond.

—Com Desmond. O porteiro?

—Então ele será rei.

—Ah — disse Melanthe— Um homem com ambições.

—Um homem com o que? —Agnes levantou o olhar até ela— Ah. Acaso se sente triste?

Melanthe negou com a cabeça.

—Está chorando, minha senhora.

—Não, não é certo.

—Eu a quero. —Agnes subiu a seu colo e apoiou o rosto no pescoço de Melanthe— Não chore.

—Não o faço.

—Por que chora? —A voz da menina soou amortecida.

Melanthe abraçou aquele corpinho com força.

—Tenho medo — sussurrou. E tomou ar junto a aquele bonito cabelo negro, como se pudesse bebê-lo igual se faz com um fragrante vinho longo tempo esquecido— Tenho medo.

—Ai não, minha senhora, não o tenha. —Agnes a estreitou— Tudo irá bem enquanto permanecemos aqui como ordena meu senhor, e não saíamos fora dos limites do bosque.

Capítulo 19

A Ruck tinham encantado aqueles dias que Melanthe tinha passado dormindo em seu leito como uma gatinha. Se não soubesse que era uma autêntica professora na arte do repouso ocioso, teria pensado que estava doente, mas bem que despertava quando ele chegava.

Enquanto ela tinha permanecido no quarto, Wolfscar tinha sido somente dele. Passava os dias dedicado aos trabalhos cotidianos; fazia planos para a primavera e uma lista de reparações, a maioria das quais jamais se levariam a cabo, mas não tinha que desculpar-se nem dar explicação alguma a Melanthe. Não tinha pedido nada, limitava-se a requerê-lo na cama com aquele cortejo seu direto e sem dissimulações.

E não é que o desagradasse. E mais, resistia o dia graças a tê-la sempre presente e a pensar na possibilidade de voltar para seu lado. As lembranças mais claras que guardava de Isabelle eram os de compartilhar o leito com ela, e agora já eram muito tênues, sepultados sob anos de fantasias e desejos reprimidos. Mas não acreditava que houvesse mulher sobre a face da terra que pudesse comparar-se a Melanthe, com sua negra cabeleira e seu níveo corpo, seus olhos dormitados da cor púrpura do crepúsculo e aquela forma de senti-la quando fazia uso dele, quando montava sobre seu corpo e cometia o pecado que mais lhe agradava. Por havê-la desfrutado assim valia à pena arder durante mil anos. Se fosse ao Inferno por sua causa, quão único rogava a Deus era que não o privasse da lembrança.

Entretanto, nada do que fazia ela era o que ele esperava. Quando por fim abandonou o leito e apareceu no salão, ele se preparou para enfrentar a suas perguntas e objeções. Viu-a olhar a seu redor, e ficou tenso à espera de sua censura, já que viu sujeira e sinais de decadência nos que não se fixou até então.

Entretanto, uma vez mais sua proprietária e senhora o deixou surpreso ao não mencionar absolutamente o estado de descuido de Wolfscar. Dirigia-lhe sorrisos mais

próprios de uma donzela sobressaltada, olhando-o de debaixo de um lenço. Voltou-se pudica: de noite, separava-se dele e esquivava seus beijos; durante o dia, ia de um lado a outro em companhia de um grupo de meninas de curta idade. Era como se tivesse se transformado após sair daquele estado de sonolento encantamento, como se de princesa altiva tivesse passado a converter-se em acompanhante de uma monja.

Will Foolet lhe tinha autêntico terror. Bassinger não se intimidava ante nenhum ser vivo, e mais, teria recitado seus poemas ao próprio diabo se tivesse tido ocasião, mas inclusive ele se afastava tudo o que podia de Melanthe. Eles três — Ruck, Will e Bassinger— tinham escutado o que ela pensava de Wolfscar e sua história.

Outros se agrupavam a seu redor, depois de que ela os tivesse conquistado com igual facilidade que a Hew Dowl e a sir Harold. Queixavam-se de Will, e diziam que era um chefe muito duro, só porque dava instruções para que se comesse a remover a terra dos prados. Atuar ante a gentil senhora, seu primeiro espectador novo após dezenas de anos, era mil vezes preferível.

Ruck e Will foram sozinhos a cavalo até onde se encontravam os pastores com os cordeiros; tomaram notas, que acabaram empapadas pela chuva, sobre o estado das cercas e a forragem, e fizeram listas dos trabalhos necessários. Estabeleceram uma ordem de prioridades, já que careciam de gente suficiente, ou que tivesse as aptidões necessárias, para arrumar tudo aquilo que o estava pedindo a gritos. Antes, ao menos, havia vontade e mãos dispostas à tarefa. Agora os campos e o pátio estavam vazios, mas ao entrar na sala, Ruck a encontrou transbordando de gente que fazia piruetas e cantava diante de Melanthe.

Ao vê-lo, perdeu os nervos. Arrancou o manto empapado dos ombros, meteu-se a grandes pernadas no meio do espaço que tinham deixado livre e frustrou um par de cambalhotas antes que se iniciassem. A música se interrompeu.

—Acaso hoje é dia de festa? —Ruck olhou furioso ao seu redor, jogou a capa ao chão e salpicou de gotas de chuva o lajeamento— Como é possível que eu tenha a roupa empapada e o cavalo coberto de barro até o ventre enquanto se dedicam a rir e a atuar? Sou seu senhor ou seu criado?

Todo mundo caiu de joelhos. Ouviu-se o som de um timbal no meio do atônito silêncio quando uma menina de curta idade desceu do colo de Melanthe e ficou de joelhos, com o tambor de guizos ante ela.

—Thorlac — ordenou a um dos imóveis histriões— leva o cavalo ao estábulo. Simón, você se encarregue do de Will. Ele está fora sob a chuva e tem a lista de tarefas. Não quero ver ninguém na sala, nem ouvir cantar nem atuar até que passe a Quaresma. Comerão na sala de baixo, e agradeçam de que assim seja.

A enorme estadia ficou vazia imediatamente; ouviram-se passos ligeiros, pés que se arrastavam e a ocasional nota de um instrumento ao se chocar com outro. Só ficou Melanthe, sentada em um tamborete perto da enorme lareira. As pedras que adornavam seu lenço brilharam quando ela baixou a cabeça e esfregou uma mão com a outra.

—Minha senhora, me perdoe por ter posto fim ao seu entretenimento — disse Ruck com voz tensa— mas o trabalho o exige.

—Peço-te perdão — disse ela sem elevar o rosto— Eu não sabia. Acreditava que estavam de descanso.

—Não nesta época, minha dama. A primavera se aproxima.

—Assim é — disse ela.

E isso foi tudo. Ruck estava molhado e ainda tinha as mãos frias, embora o fogo junto a ela crepitasse com madeira e carvão mais que suficientes.

—Ofendi-te, senhora — perguntou com amargura— para que rechace minha companhia?

Não tinha sido sua intenção dizê-lo tão às claras. Melanthe uniu as mãos sobre o colo, com ar recatado.

—Eu não rechaço sua companhia, meu senhor. Estou contigo neste momento.

—Meus abraços — disse ele.

Ela o olhou de esguelha por debaixo do lenço e as pestanas, e depois voltou a baixar o olhar; o vivo retrato da castidade.

Ruck se afastou uns passos.

—É que por ventura se cansaste e deseja partir logo para Bowland?

—Não. Arriscar-me à peste?

Ruck se voltou.

—Poucos sinais tinha dela, minha senhora. Só em Lyerpool.

—Quem te falou isso... De que vá?

—Penso em suas terras, e em suas posses. Não pode planejar uma longa estadia aqui e deixar suas terras no abandono.

Melanthe ficou em pé.

—Quem te falou isso?

—É de sentido comum, minha dama. Eu deveria haver lhe acompanhado a Bowland, tal como era nossa intenção. Não é adequado que haja te trazido aqui e tenha atrasado seus planos.

—Hão-lhe isso dito seus bufões!

—Meus bufões? —repetiu ele, desconcertado. Aquela veemência o deixou parado— Não, eles não hão dito nada semelhante.

—William Foolet te esteve sussurrando ao ouvido, e também Bassinger, eles são os que lhe hão dito que abandono minhas terras. É que a peste não é um perigo para mim?

—Eles não hão dito nada.

—Acaso eu te importo menos que sua gente? A eles sim que ordenaste que não transpassassem o limite do bosque por medo à praga!

—Isso não era o que eu tentava dizer, por Deus bendito! —Ruck viu que estava quase gritando em resposta às amalucadas acusações dela— E, sinceramente, não acreditava que tivesse tanto medo à peste.

—Pois sim que o tenho.

Seus olhos cor violeta o olharam sombreados pelas negras pestanas. A Ruck jamais tinha parecido excessivamente preocupada. E tampouco agora. Com a cabeça levantada, as pedras refulgindo no lenço, parecia mais zangada que alarmada.

—Então não deseja se apressar a partir para suas terras — disse.

—Sinto temor da peste.

Ruck negou com a cabeça ao tempo que soltava uma leve gargalhada.

—Minha senhora, eu não acredito que esteja dizendo a verdade.

—Claro que sim! Tenho medo a sair daqui, pela praga.

Seus lábios descreveram uma estranha curva; foi um gesto que durou um instante e desapareceu, uma sombra lhe cruzou o rosto antes que este recuperasse uma expressão serena e distante. Sempre ocultava algum segredo. Podia tratar-se de um sorriso dissimulado ou de uma ameaça de lágrimas. Mas Ruck não acreditou que fosse precisamente um sorriso.

Ela o olhou de frente.

—Disse que podia ficar aqui, onde nada mau me aconteceria, tanto tempo como quisesse. —Lançou-lhe aquelas palavras como uma espécie de desafio, como se esperasse que ele o negasse.

—Pois então não iremos minha senhora — disse ele— até que esteja segura de que não te espreita nenhum perigo.

—Ah — disse Melanthe, e fechou os olhos.

—Eu acreditei que queria partir imediatamente.

Ela fez um leve gesto de negação com a cabeça.

—Melanthe — disse Ruck— será que alguma vez vou poder entendê-la?

Ela abriu os olhos.

—Quando me agrade.

Ruck se agachou para recolher a capa molhada e a pôs sobre o ombro, ao tempo que subia ao estrado.

—Minha senhora — disse, fazendo uma breve e rígida reverência antes de sair pela porta e subir a escada.

Despojou-se da roupa para colocar algo seco quando ela entrou. Melanthe fechou a porta e lhe dirigiu um olhar que fez ferver o sangue nas veias. Não podia ocultar sua nudez, embora se voltasse de costas, mas ela se aproximou, acariciou-o e colocou as mãos dele ao redor de sua cintura.

Ruck a beijou. Abraçou-a com força e a estendeu sobre o leito, sabedor de que tinha caído em alguma espécie de armadilha, de que a intenção dela era o ter a sua mercê ao entregar-se agora, depois de todos aqueles dias de negar-se a fazê-lo, como boa manipuladora que era. Fosse o que fosse, isso era também o que ele queria conseguir: tê-la ali, amá-la e jazer com ela até fazê-la ofegar, presa do frenesi, sob seu corpo, com o cabelo livre da atadura do lenço agora esparramado sobre o travesseiro.

Ruck afundou o rosto nas sedosas mechas negras, e gemeu com os dentes apertados ao alcançar o prazer. Estava sobre ela e sentia o roce de seus seios ao subir e baixar contra seu corpo, a deliciosa estreiteza de sua vagina, as leves pulsações que das profundidades dela percorriam seu corpo com a doçura dos beijos.

Os lábios de Melanthe se moveram junto a sua orelha.

—Agora me entende — disse.

Ele soltou uma gargalhada, os dentes ainda apertados.

—Não, Melanthe. Quão único conseguiste é que deixe de me importar obtê-lo.

Cara levava cuidadosamente dobradas sobre o braço o pano do altar e as vestimentas que tinha que cerzir. Atravessou a penumbra da buliçosa sala de Bowland e se tornou atrás de um salto para não tropeçar com o feixe de lenha que levava um lenhador quando este parou de repente diante dela e deixou cair sua carga ao chão. A madeira retumbou e quase deu contra os pés de Cara.

—Tome cuidado! —exclamou a jovem, utilizando uma das expressões em inglês que estava aprendendo entre aquele grupo de bárbaros.

O servente se voltou para ela com um exagerado gesto de surpresa, mas por debaixo estava rindo. Nem sequer se inclinou; limitou-se a recolher do chão o feixe amarrado com uma corda.

—Fez de propósito! —gritou a jovem indignada— Idiota desrespeitoso, podia me haver quebrado um pé!

O criado não entendeu seu francês, ou fez como que não o entendia. Cara apertou os lábios. Não levava nenhuma quinzena ali e, pouco a pouco, os desprezos se foram

transformando em autênticas amostras de desdém. Odiava aquele lugar e a aquela gente. Sentiu uma forte ardência nos olhos.

Alguém se deteve seu lado. Ainda com restos de barro da viagem na roupa, Guy, o senhor inglês, agarrou o lenhador pelo pescoço e o arrastou para si. Solto uns quantos rugidos em inglês, e a insolência do criado se evaporou enquanto tratava de pronunciar umas palavras afogadas e inclinar-se de uma vez, com o rosto avermelhado pelo esforço.

Guy voltou a falar conciso e implacável, e separou de um tranco o lenhador, que foi cair sobre o feixe de lenha que tinha ficado sobre a esteira de junco e solto um gemido. Guy fez um gesto em direção a Cara e, como o homem se mostrava lento em levantar-se, o deu um chute com o pé calçado com um sapato ferrado.

O homem solto um novo uivo de dor, ficou a toda pressa de joelhos ante Cara e pediu perdão humildemente em um francês perfeitamente adequado.

Todos os presentes na sala se detiveram a observar. Guy os percorreu com o olhar.

—Para que não haja dúvida de que em toda casa nobre se atende com o devido respeito às damas — disse, e sua voz tranquila chegou até todos os rincões da estadia.

O silêncio reinou na sala. Pouco a pouco, enquanto Guy mantinha sua arrogante postura, um ou dois dos presentes lhe fizeram uma inclinação, gesto ao que se foram somando outros até que, ao final, todos os criados da sala mostraram sua aquiescência ante aquelas palavras.

Guy saudou Cara com uma leve inclinação e, com a capa azul ondeando em seus ombros, caminhou com passo firme para o corredor que havia atrás dos cortinados. Cara dirigiu o olhar ao lenhador, que continuava de joelhos, e às cabeças inclinadas em sinal de respeito a seu redor; apertou as vestimentas contra seu corpo e saiu atrás do jovem.

Alcançou-o no corredor.

—Senhor!

Guy se deteve, olhou por cima do ombro, e ao ver que era ela um sorriso juvenil se estendeu por seu rosto.

—Quero lhe agradecer, senhor — disse Cara, a uns passos de distância e com o rosto baixo.

—Viu? —perguntou o jovem— Funcionou. Não posso acreditar que o tenha feito.

A emoção de sua voz fez que Cara levantasse o olhar. Seguia sorridente e tinha uma mancha de barro no queixo que ela não tinha notado antes. A primeira vez que o tinha visto, o loiro cabelo estava úmido e esmagado sobre a cabeça, e ela não tinha apreciado a cor e o brilho que tinha e que agora reluzia como uma coroa de ouro no sombrio corredor. Não levava já aquelas meias cor carne, mas sim se cobria com a armadura de um soldado. Seu aspecto não tinha nada de ridículo.

—É a maneira de dizê-lo — acrescentou ele— Suave, mas com firmeza. Com segurança.

—Que Deus lhe pague senhor, por sua ajuda — repetiu ela, dando um passo atrás com acanhamento.

Guy se inclinou.

—É uma honra servi-la, minha senhora.

Cara esteve a ponto de retirar-se, mas se deteve e disse:

—Esteve de viagem.

O jovem baixou a voz.

—Fui em busca de notícias de sua senhora. Navona e sir Thomas dividiram a uns quantos em grupos para que a buscássemos e lhes trouxéssemos notícias.

—Têm descoberto algo? —perguntou Cara com ânsia.

Guy negou com a cabeça.

—Sinto muito, minha senhora. Não soubemos nada. Mas não tema não fracassaremos. —Fez um gesto e assinalou a porta— Agora tenho que ir comunicar-lhes as novas. Não é minha intenção lhe ofender, mas devo me dar pressa.

—Não, é obvio, deve ir. —A jovem umedeceu os lábios— Onde se aloja?

—Junto ao portão, com os escudeiros.

—Encarregar-me-ei de que lhe prepare um banho e de que tenha a roupa limpa quando a necessitar. —Envolveu as vestimentas ao redor do braço e se dirigiu com rapidez em direção à sala. Ao chegar aos cortinados titubeou e olhou para trás.

Ele estava olhando-a, sua cabeleira dourada era um leve resplendor no meio do corredor de pedra. Cara sorriu, fez uma pequena reverência e se apressou a entrar na sala.

Mal havia outras mulheres no castelo, e nenhuma da mesma fila que Cara, por isso desfrutava dos aposentos da família para ela sozinha, exceto quando algum criado ia de passagem. Tinha encontrado um lugar junto à janela e estava ali sentada, inclinada sobre as vestimentas à escassa luz que entrava através da chuva, e desfazia a costura com a ajuda de uma agulha.

Allegreto apareceu a seu lado antes que ela tivesse notado sua presença. Cara alargou a mão para as tesouras, levantou os olhos e se sobressaltou ao vê-lo apoiado no suporte da lareira de pedra, com os braços cruzados.

—Virgem Santa! —exclamou, levando a mão ao peito— É mais matreiro que um arminho.

Allegreto inclinou a cabeça como se fosse um elogio. Vestia um traje com as cores de Bowland, inteiramente de cor escarlata exceto por uma franja de ouro em diagonal; poderia ter sido um anjo carmesim ou um demônio, iluminado como estava pelas chamas aos seus pés. Cara cravou a agulha no tecido, fingindo estar ocupada no trabalho. Ele se aproximou em várias ocasiões para observá-la, para voltar depois e retirar-se sem dizer uma palavra, espiando-a, supunha ela, embora se fosse com outro propósito que o de pô-la nervosa, ela o desconhecia.

As notícias desastrosas que haviam trazido a Bowland sobre o desaparecimento da princesa Melanthe tinham caído como uma laje sobre o guardião do castelo e tinham posto fim a sua tranquilidade, coisa que não causou surpresa a Cara. Sir Thomas parecia um homem capaz, e eficiente, a julgar pelo bom estado do feudo e a guarnição, mas era um verdadeiro fracasso no manejo daquela crise. Ela era consciente de que Allegreto era em grande parte culpado da consternação que se apropriou de sir Thomas, ao

semear nele o terror com ideias horripilantes a respeito de quem faria o rei responsável se tais novas se divulgavam e chegavam até seus ouvidos. Allegreto contava com a mesma autoridade inata que seu pai quando queria utilizá-la, e assim era nesta ocasião. Mal tinha dezesseis anos, mas sir Thomas tomava seus conselhos como se tivesse uma centena.

—Deixa a um lado a costura — disse Allegreto com voz suave— Tenho notícias.

Uma sacudida de medo fez saltar seus dedos, e a ponto esteve de cravar-se a agulha.

—Conta!

—Chegou um mensageiro. O resto do cortejo estará aqui antes que anoiteça. —Soltou uma risada carente de humor— E só passou um mês desde que saíram de Londres! Sodorini superou a si mesmo.

Cara se alegrou de não sustentar a agulha, já que com o tremor de sua mão sem dúvida a teria perdido. Allegreto a observou entre as sombras e o resplendor das chamas.

—Já esperei suficiente. Cara. Agora tem que tomar uma decisão.

De repente aquele castelo pareceu exercer uma enorme pressão sobre ela e enchê-la de esgotamento.

—Reata ou Navona — disse ele.

A jovem apertou as vestimentas com os punhos.

—Minha irmã, minha irmã.

—Enganá-los-emos. Mas tenho que saber a quem escolhe.

—Não posso dizer isso.

—Não seja estúpida, me crê acaso incapaz de averiguá-lo por mim mesmo? Saberei segundo quem acabe com sua vida. —separou-se da lareira— Chegamos juntos até aqui. Eu te trouxe. Cara, eu a trouxe!

Cara cravou os olhos naquela figura de cor carmesim. Uma rápida visão a cegou e lhe fez compreendê-lo, viu como o interpretariam os Reata. A princesa seguia viva, fora do convento e do alcance de todos, e Cara e Allegreto tinham sido quão únicos haviam

retornado com tal notícia. Até um menino acreditaria que para obtê-lo ambos tinham conspirado juntos.

—Só tem que me dizer isso. Eu te protegerei. — A jovem fechou os olhos. —Rogo-lhe isso. Suplico-lhe isso. —Ficino — disse ela entre sussurros.

Ouviu-se um suave rangido sobre a esteira de junco e ele apareceu a seu lado.

—Agora está de nossa parte. De minha parte. Salvarei sua irmã com a ajuda de Deus.

Estava ante ela, com a perfeição de um diabo, e invocava a Deus. Inesperadamente, o jovem fincou um joelho, agarrou os objetos, e com eles as mãos de Cara, e apoiou a bochecha no tecido. Tornou-se atrás como se uma chama tivesse roçado o rosto, e pôs-se a andar para o corredor.

Ao chegar ali, deteve-se. Sem olhar para ela, disse:

—Tem que mandar-lhe um recado para que se reúna contigo no porão, junto à cisterna onde armazenam o azeite.

Cara ficou sem palavras, olhando-o, ao dar-se conta do que acabava de fazer.

—Cara! —espetou ele por cima do ombro— Repita isso para que saiba que não te equivoca!

A jovem estremeceu.

—No porão, junto à cisterna do azeite — disse.

Antes que tivesse acabado de falar, ele já tinha desaparecido.

Os sinos soaram em sinal de alerta no mais profundo da noite; seu sombrio rufo ia acompanhado de gritos de fogo. Todas as damas saíram a toda pressa à escuridão, tentando encontrar o caminho entre os vultos de bagagem e as arcas meio vazias. Cara foi primeira em baixar a escada já que conhecia o caminho, e sustentou a vela no alto para que o resto pudesse ver.

A confusão e as sombras que jogavam as tochas alagavam a sala principal. Ela tratou de deter algum criado, mas nenhum lhe prestou atenção, e as damas que a rodeavam não cessavam de gritar e empurrar para alcançar a porta. Saiu ao pátio arrastada por elas, e ali viu à luz da lua uma fileira de homens que se passavam baldes.

Não se distinguia chamas, tão somente um negro penacho de fumaça que saía da base da torre mais longínqua. Enquanto ela observava dos degraus da sala, a fumaça começou a dissipar-se, para a seguir desvanecer-se em meio da noite. Ouviram-se gritos de alegria no extremo do pátio, vivas que se estenderam até alcançar a sala principal. A fila de baldes começou a romper-se e a desfazer-se em grupos de homens, a maioria dos quais empurrava em direção à torre.

Cara respirou profundamente. O fogo parecia extinto. Estava a ponto de dar a volta e entrar no castelo quando uma figura atraiu sua atenção, o fulgor de uma brilhante cabeleira entre os homens. Aquele jovem levava dois baldes na mão e se afastava a grandes pernadas do grupo. Cara viu que se voltava para um pajem e trocava os baldes vazios por uma tocha.

A tocha iluminou o rosto de Guy, a pele enegrecida pela fumaça e a camisa que colocou apressadamente nas meias. Um repentino ataque de tosse lhe sacudiu o corpo; o jovem se inclinou e afastou com estupidez a tocha entre sufocos.

Cara se esqueceu de seus pés frios e de que estava meio vestida. Baixou os degraus correndo, agarrou um balde que ainda tinha água em seu interior e o levou consigo apesar de que o líquido derramava e lhe salpicava a roupa. Aproximou-se de Guy quando ele, ainda entre tosses, tratava de endireitar-se.

—Beba senhor. —A jovem deixou o balde no chão e alargou a mão para agarrar a tocha.

Guy a olhou sem expressão. Por um momento, Cara teve medo de que já tinha se esquecido dela, mas depois seu olhar se limpou e apareceu um amplo sorriso.

—Agradeço-lhe — disse o jovem com voz rouca e ficou abaixado junto ao balde para agarrar água com as mãos. Deu uns largos goles, molhou o rosto e ficou de pé enquanto enxugava os olhos com o braço.

Cara sorriu ao ver que tinha estendido a fuligem pela cara.

—Muito temo que tenha esbanjado o banho, senhor.

Ele se ergueu e lhe fez uma ligeira inclinação.

—Ah, mas bem que me deleitei com ele — disse— minha boa senhora, portanto não o esbanjei.

Olhou além dela e levantou a mão para saudar outro homem enegrecido pela fumaça que passava.

Seu companheiro se deteve e fez uma inclinação de cabeça a Cara.

—Por Cristo, dizem que havia ali um pobre diabo — foram suas palavras.

—Deus nos ampare. —Guy exalou uma baforada de ar entre os dentes e fez o sinal da cruz— Chegou sua hora, que o Senhor tenha piedade de sua alma. Eu não sei o que havia nesse porão, mas ardeu como as próprias chamas do Inferno.

—É onde armazenam o azeite — disse o outro homem— Por sorte, não havia muito estoque. Tome senhora.

Cara tinha deixado cair à tocha ao chão. Era incapaz de recuperar o fôlego.

—Minha senhora. —O rosto de Guy oscilava ante ela— Por amor de Deus!

Cara não se desvaneceu, mas uns horríveis tremores se apoderaram dela. Quis gritar, embora não pôde. Sentiu que fraquejavam os joelhos, mas antes de alcançar o chão alguém a levantou.

—Não deveríamos ter falado disso em sua presença.

Embora a jovem ouvisse a voz de Guy, foi incapaz de pronunciar palavra. O jovem a levou em braços até a sala; quão seguinte viu foi que as damas formavam redemoinhos a seu redor e lhe punham ante o rosto vinagre em um corno de veado quando ele a deixou no chão.

—Não... —Afastou-as com gesto débil— Estou bem. Só... Fiquei sem fôlego.

Guy se ajoelhou a seu lado e a olhou à cara com expressão de inocente preocupação, tinha o nariz e as têmporas manchadas de fuligem. Cara lhe agarrou a mão. Tragou saliva e tratou de recuperar o controle de si mesma. Mas quando elevou o rosto, as forças a abandonaram.

Lá, atrás das damas em camisola e os homens em camisa, destacando sobre os rostos curiosos e o tumulto, estava Allegreto no alto do estrado, com sua roupa de ouro e fogo.

Permanecia completamente imóvel e a observava. Era a única figura silenciosa em meio da comoção.

A jovem gemeu e negou com a cabeça. Guy lhe apertou a mão e deu uns tapinhas. Perguntou algo, mas ela não o ouvia. Afastou-se e foi dando tombos até o banco. Guy a chamou, entretanto ela não podia deter-se; tinha que fugir. Começou a dar voltas e a girar às cegas, como um cervo que tratasse de encontrar uma saída perto do que o rodeia.

Capítulo 20

Havia armadilhas por todo Wolfscar. Eram armadilhas femininas, ligeiras e fáceis de evitar, mas nenhum homem se esforçava muito em fazê-lo. Ao dia seguinte do Domingo de Ressurreição, passada já a Quaresma e com o oneroso interdito de Ruck revogado, os jogos da segunda-feira de Páscoa eram uma excelente ocasião para o regozijo geral.

Ruck se viu na posição de ter que pagar ante a porta do grande salão, já que uma corda o impedia de atravessá-la até que desse uma moeda de quatro peniques às alvoroçadas mulheres que lhe impediam o passo. Ele escapou com facilidade, mas os outros homens, maços de mãos e pés, vociferavam protestos, revolviam-se tentando livrar-se de seus grilhões, negavam-se a pagar e, em definitiva, desfrutavam de tudo o que podiam daquele doce cativeiro enquanto durasse. Depois de comprar sua liberdade, Ruck chegou à torre de entrada e cruzou a ponte sem encontrar nenhum impedimento. O açafrão da primavera florescia ao longo das margens do caminho com uma esplêndida e intensa cor amarela. A sós salvo por quão animais pastavam, e uma vez deixados atrás de si os gritos e cantos do castelo, caminhou junto aos campos cheios de sulcos enquanto o fôlego lhe gelava no claro ar.

Deteve-se e, depois de medir o barro com um pau, ficou satisfeito do funcionamento das novas sarjetas de drenagem. O moinho necessitava algumas reparações, para variar. Tinham arado com os bois quase trezentas quadras de terreno, e até tinham recuperado algum campo que estava coberto de sarças.

Ficou abaixado e observou o vale e as altas montanhas. Aquelas barreiras de cor púrpura e verde significavam amparo. Era muito fácil esquecer-se do mundo que havia além delas. Contemplou a larga sombra matutina que o castelo jogava sobre os campos, às escuras ondas de torres e chaminés sobre a terra vermelha.

Levavam semanas vivendo como marido e mulher, como se não houvesse nada mais além de Wolfscar. Ela não tinha mencionado nenhuma só vez que se aproximava o momento de partir.

Ruck lançou ao ar um punhado de barro que tinha ficado pego no extremo do pau. Caiu com um chapinho. Lançou outro e observou como dava também em terra enquanto pensava por que ela não queria ir, por que levava essa larga temporada ali sem tão sequer querer mandar notícias suas a seu lar. Certo que havia perigos, que sempre havia motivos para estar alerta, mas nunca teria imaginado que Melanthe fosse ficar tanto tempo.

Sabia que deveria falar com ela disso, mas era mais singelo permanecer em silêncio. Era fácil calar-se, e difícil encontrar o momento adequado. Nunca tinha resistido tanto a pensar no que havia além daqueles montes.

A sombra de uma chaminé cobrou vida conforme alguém foi se aproximando dele as suas costas. Ruck não se levantou, mas sim seguiu lançando barro com o pau enquanto esperava a que aparecesse Will para falar da colheita.

Em seu lugar lhe caiu uma corda sobre os ombros que, ao esticar-se, fez-lhe perder o equilíbrio. Ruck se revolveu surpreso e, lançando uma exclamação, deitou-se de barriga para baixo sobre a fria erva.

—É meu! —disse Melanthe, depois que se agachou e lhe ajustou a corda à altura dos ombros. Ruck levantou a cabeça e a olhou.

—Quanto quer? —perguntou.

—Todas suas terras e bens, cavalheiro, se deseja voltar a levantar-se.

—Às demais só paguei quatro peniques.

—Pois eu não faço entendimentos tão míseros — replicou Melanthe.

Ruck a puxou e a beijou, lhe sustentando a cabeça entre as mãos.

—É tudo teu, empregada descarada — disse enquanto seus lábios seguiam unidos—

Mas se cuide do que te darei amanhã, quando for o turno dos homens.

—Primeiro terá que me apanhar.

Ruck girou e se sentou depois do que rodeou Melanthe com a corda.

—Já é minha.

Ela chiou e se retorceu como uma jovem aldeã.

—Matreiro traidor! —exclamou alvoroçada— Nunca! —Seus fôlegos gelados se mesclaram sob o sol enquanto ele segurava a corda para impedir que Melanthe se liberasse, ao tempo que ela tentava empurrá-lo entre risadas— Nenhum trapaceiro descarado vai arrebatá-me minhas terras!

De repente Ruck deixou a luta e, de joelhos, olhou-a aos olhos.

—Melanthe — disse em tom sério— não me acuse disso nem em brincadeira.

Apoiou-lhe as mãos nos ombros e, continuando, o deu um empurrão.

—A que vem tanta seriedade, santarrão? Lamentá-lo-á se me aborrece com pregações.

—Não, minha senhora, já calei muito tempo. —Ruck deixou cair à corda, levantou-se e se afastou uns passos— Deixei que a sorte me sorvesse o miolo. Não pode seguir aqui perdida para sempre.

Voltou-se para olhá-la. Estava ajoelhada e cravava a vista na corda, sobre o colo. Levava a rede para cabelo dourada no cabelo. Dos ombros pendurava uma capa de cor âmbar rematada em visom que caía de qualquer forma sobre a erva enlameada. Ruck não reconheceu o objeto; Melanthe devia havê-la encontrado entre os tecidos e arcas que enchiam os armários dispersados por todo o castelo, abarrotados de um luxo que ele jamais tinha podido usar. E, entretanto, além das montanhas havia cem vezes mais riquezas que eram todas propriedades dela.

—Minha senhora, se for nosso matrimônio o que te retém, recorda que não te peço que o façamos público. Será nosso segredo enquanto você assim o queira.

—Acaso se arrepende, e por isso quer ocultar nossos votos? —perguntou ela em tom intradecente.

—Nunca me arrependerei disso, ponho a Deus por testemunha. Mas acredito que o mundo criticará sua loucura, e por isso permanece aqui, por medo às consequências. Não te desposei para me fazer com sua fortuna e posição. Estou disposto a calar e não ser reconhecido como seu marido até que você assim o dite, inclusive embora larga seja a espera.

—Quanta solenidade, e que pensamentos mais desgraçados! —Melanthe alargou a mão e arrancou uma flor da erva— Aborrece-me.

—Deveríamos fazer frente à situação e levá-la ao lugar que por direito te corresponde.

—Recorda a praga — alegou ela— Não podemos nos aventurar a sair daqui.

Ruck negou com a cabeça.

—Quando passar a Páscoa irei ver como está tudo. Só me levará um dia ou dois descobrir se a praga segue sendo um perigo.

Melanthe enroscou a corda ao redor da mão, amassando a flor.

—Suas palavras me irritam — disse ao tempo que atirava o casulo e ficava em pé— Venha, quero te ouvir falar de risada e amor, e não de partir.

Agarrou-o pelos braços e o puxou para beijá-lo com fúria e afogar qualquer tentativa de raciocinar. Melanthe sabia muito bem como lhe fazer esquecer o tempo e a lógica. Sabia muito bem como fazer que esquecesse até seu próprio nome.

Na quarta-feira depois de Páscoa, Ruck se encontrou no alto da ladeira de uma montanha com Desmond, que tangia tristes ares em um alaúde e contemplava a barreira de névoa que coroava as colinas. Embora em seu estado melancólico o moço não pareceu dar-se conta da chegada de Ruck, situou-se onde pudessem lhe ver bem do atalho: uma figura pensativa vestida de amarelo e verde, um desconsolado príncipe dos

elfos do bosque. Como era bem sabido que esse dia tinha intenção de sair para explorar fora do vale, Ruck observou aquele melancólico jovem com um sorriso irônico, ao entender que se tratava de uma forma de lhe pedir audiência. Acreditou saber o que era o que preocupava Desmond: as donzelas.

Atou à égua zaina e subiu pelas rochas até chegar ao saliente sobre o que o jovem estava sentado com as pernas cruzadas. Desmond fingiu com muito mérito surpreender-se por sua aparição, e até se equivocou em uma nota. Ruck se apoiou no saliente.

—Perdeu algum cordeiro? —perguntou.

Desmond desceu de seu pedestal de um salto.

—Não, meu senhor. —Fez gesto de seguir falando, mas então se refreou e fincou um joelho— Meu senhor estive trabalhando no bosque verde.

Manter a paliçada vegetal como um matagal impenetrável requeria uma dedicação constante: havia inumeráveis ramos que colocar, troncos que destruir, e folhas cortantes e espinhos que distribuir. Era uma boa desculpa para sair do vale e ir além da lacuna, como tinha feito Desmond. Ruck não disse nada sobre a falta de dedicação do moço a essa elogiável tarefa, mas sim se limitou a afrouxar a bolsa.

—Fica comigo enquanto tomo o café da manhã — disse— Hoje vou explorar o exterior.

—De verdade, meu senhor? —disse Desmond como se não soubesse.

Voltou a subir ao saliente e sentou com as pernas pendurando enquanto Ruck compartilhava com ele bolachas de aveia e cerveja. Comeram e beberam em silêncio. A neblina se afastava e deixava as rochas orvalhadas de lágrimas negras.

—Meu senhor — disse de repente Desmond— ontem, e no dia anterior, na segunda-feira de Páscoa...

Interrompeu-se. Ruck bebeu um gole sem olhar o jovem, que tentava encontrar as palavras adequadas.

—Meu senhor - prosseguiu ao fim— nenhuma mulher tentou me atar na segunda-feira. Ontem era o turno dos homens, e como vou cumprir os dezesseis este ano podia

participar, e, entretanto não pude. Você não se precaveu, mas posso lhe dizer meu senhor, que todas as mulheres já contam com casal, e Jack Haliday era tão ciumento de sua esposa que me gritou antes que lhe jogasse a corda, ao que eu não teria ousado se ela não fosse comadre de minha irmã, e, além disso, há vinte e um anos e três brotos. — Tinha ido elevando o tom de voz conforme a injustiça do acontecido se fazia mais evidente— Meu senhor, eu...

De novo pareceu ficar sem palavras. Ruck terminou a bolacha e sacudiu as migalhas das mãos; depois, apoiou os cotovelos no saliente e esperou.

—Não há donzelas para mim, meu senhor!

A desesperada exclamação de Desmond ressonou entre as rochas. O jovem lançou uma pedra, e depois outra. Ruck viu como arrancava com elas as pontas das folhas de um ramo de acebo. Desmond tinha uma pontaria impressionante.

—São todas muito maiores ou muito jovens — murmurou o jovem.

—Trouxe arreio? —perguntou-lhe Ruck. O jovem o olhou desconcertado— Espero que sim, pois eu não gostaria que a égua tivesse que levar nós dois.

Desmond o observou fixamente durante uns instantes, depois do que saltou do saliente com um grito de alegria.

—Ides levar-me? —disse ao tempo que caía aos pés de Ruck— Mil obrigados, meu senhor, mil obrigados! Por acaso trouxe arreios para Little Abbot, assim como muita comida.

Desmond não era em modo algum o primeiro jovem que se aventurava a sair de Wolfscar desejando conhecer donzelas. Seguia à égua de Ruck montado sobre o pequeno asno de brancos cascos, ao que ia açulando para que não parasse, enquanto enlaçava gentil conversa e canções de amor conforme avançavam pelo bosque. Ao escutá-lo, Ruck quase sentiu de novo seu antigo ciúme daquele histrião. Apesar de ser um adulto feito, nunca havia possuído nem a confiança nem a habilidade desse imberbe orador de dezesseis anos. A primeira vez que Ruck desceu das montanhas, sentiu muita vergonha até para saudar uma donzela, e muito mais para lhe dedicar canções de amor.

Mas Desmond perdeu parte de seu arrojo quando deixaram a névoa mais acima e chegaram onde os escuros bosques se faziam menos frondosos. Havia um forte aroma de fumaça, sinal inequívoco da cercania de quão carboníferos trabalhavam na mina de ferro da abadia, e Ruck esperou que também significasse que nenhuma pestilência tinha interrompido seu trabalho cotidiano.

Rodearam por cima das oficinas da abadia e desceram por ladeiras mais levantadas até as terras que estavam além dos domínios do abade, de modo que saíram gradualmente do bosque. Ao princípio os claros eram pequenos e cheios de malesa, apenas uns pequenos pastos para os cavalos que deixavam soltos para que criassem; depois passaram a estar mais cuidados e a ter um exíguo espaço para amontoar a aveia que tinha arrancado algum pobre camponês, e pouco a pouco foram crescendo em tamanho e densidade até que, de repente, os bosques estiveram formados por arvorezinhas plantadas para ser destruídas quando crescessem, e os campos das terras baixas apareceram ante eles. Fazia momento que Desmond tinha cessado sua cantilena, e parecia desejoso de esperar no último vau de águas brancas.

Ruck estava seguro de que o lugar se salvou da praga; apesar disso não lhe importou gastar um penique para inteirar-se de boca de um pastor. O homem não sabia o que tinha podido ocorrer no mundo exterior, mas um grupo de peregrinos tinha baixado à abadia durante a Semana Santa e pareciam perfeitamente sãos, pois, enquanto passavam, queixaram-se dos percevejos e da cerveja azeda. Tinha havido uma incursão de ladrões escoceses, mas o pior problema era o litígio que existia entre a abadia e algum cavaleiro que tinha enviado seus homens de libré para prover-se de fornecimentos, com a clara intenção de zangar ao abade. O pastor opinava que aqueles acalorados nobres eram uma praga pior que os escoceses ou a pestilência.

Ruck olhou mais à frente do rebanho do homem, lá onde as colinas se transformavam em pastos e campos. Não havia nenhuma praga e, portanto, tampouco motivo para atrasar-se mais. Se não fosse pelos desejos de Desmond, teria dado meia volta, pois já sabia o que tinha ido averiguar. Mas o jovem aguardava e, depois de ter perdido interesse no amor, agora ansiava viajar e ver o mundo, por isso açulou o asno para ir

atrás de Ruck. Aquele horizonte muito mais amplo lhe tinha causado uma grande impressão, e desejava fazer perguntas sobre lugares longínquos e cidades que Ruck conhecia.

—Irei a Londres — anunciou Desmond de repente.

—Por todos os Santos, é uma árdua viagem só para encontrar uma empregada — disse Ruck.

—A que distância está?

—Há várias semanas a pé, e a pé terá que ir, pois Little Abbot não te acompanhará.

—Nem tampouco quer meu senhor que vá — supôs Desmond, pesaroso— Nunca irei a nenhuma parte.

Ruck sorriu.

—Nunca. Eu o proíbo.

O jovem suspirou, olhou à distância com saudade e voltou a suspirar.

—Nunca, salvo pela viagem que te encomendo fazer em companhia do homem que vou mandar ao castelo de minha dama para que traga sua guarda — acrescentou Ruck.

O rosto do jovem se iluminou com um sorriso de orelha a orelha.

—Meu senhor! Posso ir?

—Sim.

—Quando, meu senhor? —perguntou Desmond com ansiedade— Quão longe é? E com quem irei?

Um par de vacas levantou a cabeça ao passar a égua e fizeram soar seus guizos. Ruck as olhou enquanto sopesava mentalmente o tema.

—A pouco que voltamos — disse ao fim— Mandarei Bassinger.

—Ao tio Bass? —exclamou Desmond— Mas se ele não pode nem mover-se!

—É claro que sim pode. Só eu conheço o caminho tão bem como ele.

—Isso seria a cem anos, meu senhor! —disse o jovem de uma vez que dava um chute ao asno para ficar à altura da égua— O joelho doer-lhe-á. Incomodar-lhe-á as costas ao ir montado. Agora não cavalga nem para ir da torre de entrada ao redil, meu senhor! Envie Tom comigo, rogo-lhe isso.

—Thomas tem que semear, igual a Jack e o resto das mãos úteis. Já é bastante que alguém tenha que fazer cargo de seus trabalhos.

Desmond franziu o cenho.

—E Will Foolet? —aventurou-se a propor.

—Bem sabe que Will tem medo de sair do vale. Te conforme com que te deixo ir antes que me arrependa.

O jovem deixou rapidamente de queixar-se.

—Sim, meu senhor. Assim o farei meu senhor.

Little Abbot anunciou a chegada de ambos ao plantar os cascos em terra e ficar a zurrar com entusiasmo face aos paus que o deu um ruborizado Desmond para que seguisse adiante. De todos os modos, os zurros do animal mal foram audíveis em meio da gritaria e agitação que reinava no prado comunal. Os cavalos, atados muito juntos, mordiscavam-se entre si ou farejavam em carros carregados a transbordar. Os serventes corriam de um lado a outro levando fardos e caixas. Um casal de monjas, cotovelo com cotovelo, defendiam suas sacas com a ferocidade de um par de mastins, enquanto que um torvelinho de gente passava em ambas as direções sob o longo poste com uma escova que indicava que ali estava o botequim.

—Peregrinos — disse Ruck, mas se tratava de um grupo muito maior que o normal, que inclusive ia guiado por uma guarda armada. Os carros foram carregados de provisões e lã— Levam a mercadoria da abadia.

Desmond contemplava com olhos acesos os soldados.

—Terão que lutar? —perguntou.

Ruck observou à numerosa guarda. Todos iam a cavalo e bem vestidos, e aguardavam pacientes a que seus custodiados desfrutassem do refrigério; eram o tipo de escolta que Ruck queria para Melanthe. Mas levavam a libré da abadia, e ele não tinha intenção de pedir ajuda ali.

—Bem o farão chegado o caso — respondeu ao jovem, depois que afastou o olhar— A dama Fortuna te aprecia, Desmond, pois todas as donzelas do lugar deverão ver semelhante espetáculo.

Enquanto o dizia, três garotas saíram correndo do botequim e começaram a procurar algo em um carro que transportava a bagagem. Uma delas olhou de esguelha a Desmond e, imediatamente, cobriu o rosto com o véu e se aproximou a suas companheiras entre sussurros e risadas; as três se voltaram e olharam o moço. Desmond se ruborizou. Suas roupas verdes e amarelas resultavam normais em Wolfscar, mas neste lugar sua vestimenta destacava em excesso acima do cinza e marrom. Ruck se deu conta de que o jovem parecia encolher-se por momentos. Para cúmulo, Little Abbot escolheu aquele preciso instante para levantar a cabeça e lançar outro retumbante zurro. O vermelho do rosto de Desmond se tornou branco. Parecia como se lhe doesse o estômago.

—Eu em seu lugar — sussurrou Ruck— demonstrar-lhes-ia que tenho todo o direito a levar o traje de histrião.

Mas o jovem parecia tão intimidado que foi incapaz de reagir e fazer algo. Ruck desmontou e agarrou o cabresto do asno.

—É este o rei dos apaixonados que me encontrei esta manhã? Vamos baixa e dá três cambalhotas até a porta do botequim.

Desmond passou uma perna por cima do lombo do asno e desmontou. De um salto ficou de barriga para baixo sobre as mãos e começou a dar voltas para trás como se fosse uma roda verde e amarela que percorria a erva. Deu cinco cambalhotas e outra dupla final, depois do que se ergueu avermelhado, posou os olhos em Ruck e entrou no botequim sem dirigir nenhum só olhar às garotas. Estas estavam boquiabertas de assombro. Uns quantos soldados gritaram e aplaudiram. Ruck os saudou com a mão e fez uma leve reverência as donzelas. Continuando, atou às bestas, agarrou o alaúde de Desmond e também se encaminhou para o botequim.

Desmond tinha se apaixonado. Para sua desventura, a escolhida era a linda donzela ruiva que servia à mulher do sapateiro e viajava junto ao resto dos peregrinos no grupo da abadia. Enquanto Ruck bebia cerveja em um rincão, suficientemente afastado dos empregados de túnicas brancas que levavam as mercadorias do abade, temeu que lhe esperasse um longo lamento sobre o amor fracassado como lance final daquele dia.

Era inútil tentar dirigir a atenção do jovem para as moças de tez morena do lugar. Eram tão tímidas como o próprio Desmond, por isso tinha sido essa empregada de cidade a que com seu persuasivo sorriso tinha enrolado o jovem para que lhes cantasse. Ela mesma tinha elegido uma canção de amor, para cuja interpretação se uniu a Desmond com sua voz clara e sem cultivar. De repente Ruck viu a si mesmo quinze anos atrás, encantado até perder o julgamento.

—Vai vir sua mercê conosco? —estava-lhe dizendo o sapateiro ao tempo que Desmond se sentava no banco junto a seu amor, depois de acabar de demonstrar que podia fazer o pinheiro enquanto contavam até cinquenta— É bom seu moço, e não duvido de que você seja ainda mais, e o caminho a York é tedioso.

—A York? —perguntou Desmond enquanto tentava recuperar o fôlego antes que Ruck pudesse negar que tivessem intenção de viajar a nenhum lado— A que distância, senhor?

Ruck lhe lançou um olhar fulminante. Desmond se escondeu atrás de sua jarra de cerveja enquanto a ruiva lhe sorria com doçura.

—Uns dez dias, ou pode ser que doze. E pouco há no caminho, a verdade seja dita, salvo Lonsdale, Bowland e Ripon, mas esses solitários lugares sempre recebem aos histriões com os braços abertos, pois pouco se veem por ali.

Ruck se dirigiu ao sapateiro com interesse.

—Vieste por essa rota?

—Sim, e por aí voltaremos, pois com esta guarda não tememos aos bandidos escoceses, graças a Deus.

—E como estão os caminhos? —voltou a lhe perguntar Ruck, mas não chegou a ouvir a resposta do sapateiro, já que de repente Desmond se engasgou com a cerveja e começou a mover a cabeça de uma forma muito estranha ao tempo que olhava fixamente a Ruck.

Ao cabo de um momento, levantou-se e, depois de inclinar-se com grande veemência, disse:

—Meu senhor posso falar com você, por favor?

Ruck pensou que devia encontrar-se mau, já que parecia muito agitado. Afastou o banco para trás e seguiu rapidamente o jovem fora.

—Meu senhor! —exclamou Desmond, que se voltou nada mais sair pela porta e levou Ruck atrás dos cavalos— Bowland, meu senhor! —Não parecia doente absolutamente, mas sim dava saltos com o rosto radiante— Bowland é propriedade de minha senhora, verdade?

—Sim, é-o.

—Meu senhor, posso ir? Posso ir com eles até ali?

Ruck soprou com força e negou com a cabeça.

—Não, Desmond. Quero que Bassinger...

—Pense meu senhor! Poderiam nos atacar os escoceses, e faz anos que o tio Bass não percorre esses caminhos. Pode ser que tudo tenha mudado, se é que alguma vez chegou a conhecê-los. Esta gente acaba de chegar de York, assim nem se perderão nem se desviarão da rota.

Quando Ruck ia negar de novo, Desmond se ajoelhou ante ele.

—Suplico-lhe isso, meu senhor! Quando voltará a passar outra comitiva armada nessa direção? Ides enviar tio Bass e a mim sozinhos?

A súplica não causou o menor efeito em Ruck, mas imaginar Bassinger e Desmond viajando sozinhos por aquelas terras desertas a mercê dos bandidos bastou para que começasse a mudar de opinião. Olhou para o prado e viu que tinham dividido a guarda e colocado um posto de vigilância noturna. Os homens que não estavam de serviço nesse momento não se dedicavam a vadiar no botequim, mas sim se ocupavam de seus cavalos e armaduras com movimentos que denotavam sua eficácia e experiência.

Desmond o olhava à luz do entardecer cheio de louca esperança e emoção. Ruck se apoiou na parede e meditou com o cenho franzido. Cabia a possibilidade de que Desmond, em seu estado de embriaguez amorosa, não se detivesse em Bowland, mas sim seguisse sua amada até York. Não obstante, também suspeitava que aquela donzela ruiva se aborreceria de seu rústico caipira muito antes de chegar a York, e provavelmente inclusive antes de que alcançassem Bowland. Certamente não parecia

inexperiente, e isso poderia supor uma lição muito prática para um moço que não sabia nada do mundo.

Mas era precisamente que Desmond estivesse tão verde o que fazia que Ruck fosse tão remisso a enviá-lo. Se tivesse se tratado de qualquer homem de mais idade dos de seu senhorio, não o teria duvidado nem um momento. As vantagens eram óbvias, tal como acabava de manifestar o próprio Desmond. Passaria muito tempo antes que outro grupo tão bem armado e preparado partisse dali rumo a Bowland.

—Meu senhor — disse o moço— se pensar que sou muito jovem, diz que você não contava mais de quinze anos quando partiu pela primeira vez. E mais tenho eu!

Ruck assentiu sem mal o escutar. Em seu interior se alegrava de que Melanthe não estivesse ali nesse momento, pois não poderia lhe haver pedido que ficasse em Wolfscar ao contar com uma companhia tão adequada para levá-la a Bowland.

Esse pensamento terminou por decidi-lo. Estava atrasando-o a propósito; se não mandava nenhum recado a Bowland nesse momento, voltaria para casa e procuraria mais desculpas para seguir postergando o momento da partida. Bassinger se queixaria do reumatismo, teria que controlar os cultivos, faria mal tempo; encontraria mil motivos, mas somente seriam desculpas para evitar o que tinha que fazer. Agarrou Desmond pelo ombro e o levou atrás do celeiro.

—Se te disser que sim, Desmond — sussurrou entre dentes— e me falha por qualquer tolice, por esta donzela ou por qualquer outra, amaldiçoarei seu nome até meu último fôlego. Entende-me?

Do rosto de Desmond desapareceu parte de sua ansiedade. Adotou uma atitude mais sóbria e assentiu com a cabeça.

—E não deve deixar que duas coisas saiam de seus lábios, ante nenhum homem nem mulher. Não pode dizer de onde é, nem mencionar Wolfscar, como tampouco pode falar de meu matrimônio com minha senhora. Jura-me isso,

—Meu senhor, juro pela alma de meu pai que não falarei de Wolfscar, nem do lugar de onde sou, nem tampouco das núpcias de meu senhor e minha senhora.

Ruck desabotoou os botões superiores da cota e procurou algo sob a camisa.

—Escute-bem e aprenda a mensagem. A senhora está a salvo e livre de todo perigo ou coação. Antes do domingo de Pentecostes um guarda e um séquito que contarão com tudo o que requer sua ascendência devem ir à cidade de Lancaster e aguardá-la ali. Tal é seu livre-arbítrio e vontade, como testemunha esta bolsa que lhe pertence. —Tirou a bolsa de couro que levava com os anéis do falcão— Ponha isso no pescoço e proteja-a. Demonstrará que vai de parte da princesa. Repita para mim a mensagem.

Desmond o repetiu imediatamente palavra por palavra, de cor, com a destreza própria de sua condição de histrião. Ruck também lhe entregou todo o conteúdo de sua própria bolsa, suficientes moedas de prata para lhe permitir alcançar seu destino e voltar, e comprovou que o moço pendurasse a bolsa de couro do pescoço. De repente o assaltaram grandes dúvidas e receios enquanto Desmond voltava a ajustar o lenço verde.

—Nunca se separe do grupo — disse— Mantenha-se junto ao sapateiro se houver luta. Não se lance a participar de nenhum combate.

—Não, meu senhor.

—Quando retornar faça um sinal da lacuna. Não se aproxime mais. Irei a seu encontro ali.

—Sim, meu senhor.

—E, Desmond, essa donzela ruiva...

O moço elevou o olhar com uma expressão tão inocente, alheio a todos os perigos do amor, que Ruck só pôde suspirar e encolher-se de ombros.

—Não me falte — disse em seu lugar.

—Não o farei meu senhor — respondeu Desmond com veemência— Não lhe falharei nem por donzela alguma nem por nenhuma outra coisa.

Ruck deu um passo atrás.

—Pois então adeus, e que Deus te guarde.

Desmond se ajoelhou ao tempo que se benzia.

—À misericórdia de Deus me encomendo meu senhor.

Dito o qual, levantou-se de um salto e se foi correndo; Ruck ficou sozinho entre as profundas sombras atrás do celeiro. Agarrou a égua e deixou Little Abbot preso. Quando partia, o asno lançou um lastimoso zurro, cujo eco seguiu soando nos ouvidos de Ruck durante um longo momento. Fez o sinal da cruz e rogou a Deus para que não tivesse cometido uma estupidez que tivesse que pagar caro.

Capítulo 21

—Não sei por que me pergunta — disse Cara— Não posso ajudá-lo.

Allegreto estava apoiado na janela de trevo sem mover-se. Cara teria preferido que não estivesse tão imóvel, apesar de que, entretanto, parecia que ia saltar de um momento a outro.

—Não a agradou o que fiz — disse ele— e por isso lhe pergunto isso.

Cara estava sentada muito reta na cadeira que Allegreto lhe tinha devotado, e tinha o olhar fixo em uma tapeçaria no que se representava a conversão de são Eustaquio. Era uma peça deliciosa e minuciosa, cheia de verdes e azuis, em que o cervo branco que levava a cruz milagrosa entre a gargalhada contemplava com serenidade o caçador.

—Não sei a que se refere — disse.

—A Ficino — sussurrou ele— Refiro a Ficino.

Cara pensou que o cervo devia ter muito valor para consentir estar apanhado em um saliente desse modo, por muito que se tratasse de um milagre.

—Já tinha morrido antes que começasse o fogo — disse Allegreto— se for isso o que a alterou.

Cara fechou os olhos.

—Nem o mencione.

Já tinham passado semanas, toda a Quaresma e a Páscoa e inclusive mais, mas ela ainda podia cheirar o fogo e ver Allegreto vestido de carmesim sobre o estrado. Hoje ia de azul e branco; não tinha posto nada vermelho após, e só graças a isso Cara podia olhá-lo. De repente, o jovem se voltou para a janela.

—Esse mensageiro da princesa, sei que é uma mutreta — disse— Devo fazer algo. Pelo amor de Deus, não posso esperar até o domingo de Pentecostes para descobrir que só se trata de uma artimanha para me fazer morder a isca. —levou as mãos à cara— Por Deus bendito, onde está a princesa?

Cara baixou o olhar. Tinha penugem de lã no vestido, já que estava fiando quando Allegreto a tinha mandado chamar. Tirou alguns fios e começou a fazer uma bolinha com eles entre os dedos.

—Nada diz o mensageiro — respondeu.

—Não — corroborou Allegreto voltando-se rapidamente para ela— Por nada do mundo falará.

—Pode ser que não saiba.

—Sim que sabe. A princesa está com o homem verde. Enviou os anéis do falcão, os que deu a ele. Está utilizando o cavaleiro de algum modo, mas, por Cristo, não consigo decifrar quais são suas intenções. —O tom de voz de Allegreto era muito frio— E não mandei novas a meu pai em todo este tempo. Não me atrevo, nem sequer para lhe rogar que proteja sua irmã. Cara, esse mensageiro...

Deteve-se de repente, como se houvesse dito algo que não queria.

—O que acontece o mensageiro? —exclamou ela ao tempo que se levantava de um salto da cadeira— Quer torturá-lo, não é assim? E me pergunta se eu conheço algum modo melhor, quando sabe bem que não sei o que fazer.

—Talvez se falar com ele... Eu o assusto. É somente um moço, tão inocente como uma donzela.

Cara soltou uma risada.

—Então é mais parvo do que acreditava, se pensar que posso triunfar onde você falhou.

—Ou possivelmente poderia encarregar-se seu amigo Guy — prosseguiu Allegreto fazendo caso omissso de sua negativa— Já retornou de sua busca, e com as mãos vazias.

Cara levantou o olhar enquanto sentia que dava um tombo o coração, mas não percebeu sinal algum de malícia na expressão de Allegreto, somente o débil desejo que já estava acostumada a ver em seus olhos. Não havia tornado a tocá-la desde aquele dia antes que matasse Ficino, nem tinha tentado pressioná-la. Cara até poderia pensar que esse único contato físico tinha sido coisa de sua imaginação, se não fosse porque o via no rosto de Allegreto cada vez que estava perto dela.

—Oxalá me ajudasse Cara... —disse ele em um estranho tom de desamparo— Faço tudo o que posso...

Sem saber por que, os olhos da jovem começaram a encher-se de lágrimas.

—Não te entendo.

Allegreto foi andando ao longo da parede da janela até a tapeçaria.

—Já sei — replicou com ar distante.

Deteve-se ante o cervo da tapeçaria. A figura do caçador o olhava assombrado.

—Não há nada que possa fazer — acrescentou com voz trêmula.

Era tão formoso! Cara nunca tinha visto criatura vivente ou obra de arte tão formosa e, de uma vez, tão terrível. Tragou as lágrimas.

—Allegreto, tentá-lo-ei, se for o que deseja.

—Não, seria inútil — disse ele— Somente cometeria algum engano, e o mesmo ocorreria com Guy. —Sorriu-lhe com a mesma expressão de um anjo de igreja esculpido em madeira— Não tem remédio, nenhum dos dois.

Cara o tentou. Foi à estadia em que retinham o mensageiro para lhe levar comida, embora pusesse muito cuidado em não fazer nada que ele pudesse aproveitar para escapar. O moço estava muito assustado, tal como tinha afirmado Allegreto. Nem sequer quis comer; aquele jovem de nariz largo e largos dedos de músico permanecia curvado no tamborete. Allegreto lhe tinha deixado ali o instrumento, mas Cara duvidava muito que tivesse chegado a tangê-lo. Fazia muito frio naquela habitação da torre.

Allegreto havia dito que o mensageiro só era um moço, mas a Cara ambos pareciam da mesma idade. Embora este jamais chegasse a ser tão mais velho como Allegreto embora vivesse cem anos.

—Fala francês?—perguntou-lhe.

O moço afastou o olhar sem responder. Mesmo assim, Cara pensou que a tinha entendido. Tomou fôlego e seguiu falando:

—Vim explicar-lhe que deve dizer a Allegreto o que quer.

Ele a olhou de esguelha e afastou a vista rapidamente. Em seu rosto se desenhara uma expressão de teimosia.

—Só quer encontrar a minha senhora e saber que está a salvo — insistiu Cara.

—Está-o — disse o jovem.

—Como podemos estar seguros? Por que não podemos ir onde está, ou ela vir a nós?

—Já hei dito tudo o que posso dizer — exclamou ele ficando de pé e começando a percorrer a fria torre enquanto esfregava as mãos— Torturem-me se quiserem.

Cara, sentada junto à bandeja que ele tinha rechaçado, levantou-se.

—Não imagina o perigo que corre — disse com intensidade—como a não sabe o que são as torturas.

—E o que são, tenazes ao vermelho vivo? A roda? Façam-me o que queiram. Dei minha palavra de não falar.

Assombrada, Cara negou com a cabeça.

—Como pode ser tão néscio?

—Prefiro morrer antes que falar! —afirmou o jovem com veemência.

—Isso não parece valor, a não ser mera ignorância. —O irritado fôlego de Cara foi como um intenso brilho de gelo no ar— Sabe por que segue vivo? Por mim, porque Allegreto não quer me desgostar, néscio. Mas quanto crê que durará isso?

O jovem se endireitou e a olhou com desprezo.

—Pode dizer a seu amado que faça comigo o que queira.

—Muito bem! —exclamou Cara ao tempo que dava a volta e dava uns golpes na porta para que abrissem— Dir-lhe-ei que faça com você o que um néscio merece.

O guarda a deixou sair e fechou a porta de novo. Cara baixou correndo a escada de caracol apoiando-se nas curvas paredes de frio gesso. Ao chegar ao primeiro patamar, Allegreto saiu a seu encontro.

Cara não lhe havia dito que iria ver o menino, mas, é obvio, ele sabia. Seus escuros olhos a olharam com expressão inquisitiva.

—Não consegui me inteirar de nada — disse Cara— salvo de que só é um camundongo lerdo rodeado de gatos.

O silêncio de Allegreto e o leve movimento de seus ombros permitiram a Cara dar-se conta de que ele tinha desejado sinceramente que tivesse êxito na tentativa. Mas, ao momento, voltou a converter-se no anjo esculpido em pura pedra vivente.

—Nesse caso deverá voltar a visitá-lo amanhã — disse— E lhe faça saber que a paciência de seu amado começa a fraquejar.

Seguiram representando aquela farsa durante mais de uma semana. Cara temia cada dia chegar à habitação da torre e encontrá-la vazia, o qual significaria que o jovem mensageiro já tinha sido vítima das selvagens práticas de Allegreto. Não tinha que fingir a ansiedade cada vez maior de suas súplicas, pois sabia de sobra que Allegreto não se manteria a margem durante muito mais tempo.

Notava que o jovem italiano se debatia cada vez mais em seu interior. Até o senescal tinha começado a murmurar que tinha que tomar medidas mais drásticas. A sir Thomas não parecia bem que uma dama tratasse com mensageiros cativos, por isso se encolhia de ombros, olhava-a e dizia: «mais do mesmo» cada dia, quando Cara o informava de seu novo fracasso.

—Digo-lhe que tem cativa à senhora — disse aquele a Allegreto— e dentro de nada receberemos a petição de resgate se não conseguir liberá-la antes.

O outro estava sentado na sólida mesa do conselho, com o olhar perdido além da branca cabeça do senescal. Cada dia que passava, Allegreto parecia mais distante, encerrado em si mesmo e ofuscado. Seus olhos só cobravam vida e brio quando Cara descia da torre, mas voltava a perdê-lo quando ela o informava que não tinha conseguido inteirar-se de nada.

Ela sabia tão bem como ele que seus esforços não iriam servir de nada. Mesmo assim, em lugar de pôr ponto final ao jogo, Allegreto tinha se refugiado naquela estranha frouxidão que o possuía. Não tinha nem conselhos para sir Thomas nem insultos para Cara; nada, salvo esses breves instantes de vida e esperança que cada dia despontavam nele.

Cara começava a odiar Desmond. Quanto maior veemência punha ela em suas súplicas, mais petulante se voltava ele, como se as visitas da jovem servissem para alimentar sua valentia. Bem podia ser assim, pensou Cara, já que ouvia aquelas advertências e ameaças da boca de uma mulher; umas ameaças que cada dia deviam lhe parecer mais insignificantes.

—Deve fazer algo mais — disse Cara a Allegreto após outra infrutífera sessão na torre.

O jovem a olhou sem interesse.

—Isso crê? —perguntou em voz baixa.

Cara pensou em Desmond, tão orgulhoso de seu estúpido valor juvenil enquanto tentava proteger alguém que seguro que não merecia receber amparo algum, e menos ainda tratando-se de sua diabólica senhora e suas malvadas mutretas. Pensou em Ficino, que ao menos sim se inteirou da verdade. E recordou Allegreto sobre o estrado vestido de carmesim, da cor do sangue e o fogo.

De algum modo, depois dessa noite, o jovem tinha entregado sua alma a Cara, como se ela pudesse proteger-lhe. Agora ele aguardava sua decisão.

—Deve falar com ele de novo — disse ela.

Allegreto sorriu, depois do qual apoiou a cabeça no respaldo da cadeira e pôs-se a rir.

—Ai, Cara, Cara — murmurou.

Entretanto, disse-o como se estivesse desesperado. Percorreu toda a estadia com o olhar, como se fosse um prisioneiro que procurasse qualquer ponto débil ou greta nos muros. Continuando, afastou a cadeira, levantou-se como movido por uma mola e deixou Cara e sir Thomas sozinhos.

Cara estava acordada quando Allegreto entrou às escuras. Ela tinha ouvido o solitário toque de trompetista que anunciava a chegada de alguém a essas horas tardias, e se incorporou a toda pressa. A silhueta de Allegreto à escassa luz da vela pareceu confirmar seus medos e, de uma vez, aliviá-la de seus pesares.

—Chegou à princesa? —sussurrou.

Allegreto lhe pôs a mão na boca sem fazer o menor ruído, e a urgiu a que se levantasse da cama. Várias das outras damas começaram a mover-se em seus leitos, mas Allegreto tirou Cara da estadia antes que os grunhidos sonolentos das demais chegassem a cobrar algum sentido. Subia um vento frio pela escada. Allegreto a segurou e começou a baixar diante, ao tempo que a arrastava atrás de si. Cara ouviu vozes de homens no pátio, que se faziam mais fortes ao passar ante as janelas por onde entrava o ar da noite.

Ao chegar ao patamar, levou-a a janela aberta a puxando com força. O jovem respirava rápida e descompassadamente junto à orelha de Cara, como se lhe faltasse o ar. Pôs-lhe as mãos sobre os ombros e a empurrou para a ombreira.

Cara apareceu e olhou ao pátio iluminado de tochas enquanto a brisa noturna lhe soprava no rosto. Piscou para ver melhor, ao tempo que tentava reconhecer as vozes que falavam em francês e italiano. Uma ordem dada em voz baixa a uma moço chegou até a janela da torre. Alguém acendeu um farol e iluminou um homem que estava junto a seu cavalo.

Cara levou a mão à boca.

Tudo, o castelo, o mundo inteiro, pareceu dar um tombo. Allegreto se aferrou a ela e afundou o rosto em seu ombro.

—Gian! —exclamou Cara de uma vez que se benzia, aterrorizada— Virgem bendita tem piedade de nós!

—O que me fará? —sussurrou Allegreto— Ai, Cara, o que me fará.

Cara não sabia como Allegreto tinha conseguido recuperar o controle de si mesmo. Gian Navona não dizia nada, limitava-se a ir olhando-os um a um: a seu filho bastardo, a sir Thomas e a ela mesma. E a Desmond, que estava encadeado a um banco da câmara

do conselho, em que só brilhava uma única vela que havia sobre a mesa e iluminava a todos salvo a Gian, que ficava em penumbra.

Allegreto tinha explicações que lhe dar, mas, fossem as que fossem, Cara não as ouviu, já que o único que podia ouvir nesse momento eram os batimentos de seu coração, até que percebeu que se dizia seu nome e se sentiu observada.

—Levante o rosto, Donna Cara — disse aquela voz pausada que saía das sombras— Salvou sua senhora dos moluscos venenosos?

Cara era incapaz de articular palavra. Allegreto lhe dirigiu um de seus antigos olhares, carregado de desprezo e diversão.

—Não porque seja muito acordada, como pode comprovar — disse este— Tão somente pensou que cheirava mal.

Gian soltou uma risada.

—Mesmo assim, é boa garota — murmurou. Allegreto lançou um bufido que fez que seu pai o olhasse durante um instante, depois do que concentrou toda sua atenção em Desmond— Sir Thomas — prosseguiu Gian— sua paciência é digna de elogio. Não tem que lhe surpreender que me interesse por estes assuntos, já que vou desposar à princesa. Possivelmente meu filho não lhe mencionou isso?

O senescal esclareceu garganta.

—Pôs-me a par de seu interesse e devoção por minha senhora, e atuou aqui como seu representante e o dela para me ajudar a resolver esta terrível situação.

—Espero que lhe tenha sido de utilidade, mas seus tenros anos já não deveriam carregar com um peso tão oneroso por mais tempo, agora que estou aqui.

—Todo o castelo está ao seu serviço, meu senhor — disse sir Thomas— Meu único fim é o bem-estar de minha senhora. Não requeri a ajuda do rei por que...

—E bem têm feito — o interrompeu Gian— Apressar-se a comunicar a nova deste infortúnio teria sido o pior engano possível. Fez bem, sir Thomas, e Donna Cara também, cada um de acordo com seu talento. —Em nenhum momento tinha deixado de olhar Desmond enquanto falava— Embora me desgoste um tanto saber que Donna Cara

aplicou suas artes domésticas, por muito valiosas que sejam a assuntos que meu filho deveria ter dirigido melhor.

Allegreto estava sentado com calma e certo descuido enquanto olhava para o escuro extremo da estadia em que se encontrava seu pai. Ainda ficava algo da careta de desdém nos lábios, e tinha os olhos entrecerrados.

—Estou orgulhoso de você, Allegreto, pois tem valor para te encontrar aqui — disse seu pai— É um filho bom e devoto.

—Meu senhor — disse o jovem, e inclinou a cabeça para agradecer o elogio.

—É uma lástima que não me ocorresse mandar recado, e me desculpo pelo descuido. Sem dúvida essa é a razão desta triste recepção.

Allegreto nem falou nem se moveu.

—Leva-o —ordenou Gian assinalando Desmond— onde possa me encarregar dele como você não tem feito.

Desmond tinha o rosto pálido. Umedeceu os lábios enquanto Allegreto se levantava e soltava os grilhões do banco. Cara viu que o moço estava começando a compreender, cheio de terror, a verdade de suas advertências quando já era muito tarde.

—Donna Cara — disse Gian— ocupe-se de que todas as estadias estejam preparadas para sua senhora. Acredito que se achará entre nós dentro de muito pouco.

Cara estava de vigília na capela, pois não podia dormir nem tentar fugir dali. Rezava pelas almas de seus pais e por sua irmã. Também o fazia por Desmond. O sacerdote a olhou com curiosidade quando tocou a campainha para dar a hora. Então Cara partiu, sem chamar a atenção e ajustou a touca à cabeça enquanto abria a porta. O pátio estava tranquilo e em silêncio baixo as frias estrelas naquele momento prévio ao amanhecer.

Uma figura escura se separou da parede junto ao arco da entrada. Era Allegreto, que tremia de frio.

—Espera — disse com voz débil e trêmula.

Cara sentiu um profundo mal-estar.

—Terminou já? —perguntou.

—Não — murmurou ele— Ainda resiste. Ainda é cedo. —Percorreu-o um calafrio. Cara viu à luz da lua que agarrava os punhos com força— O sinto.

Ela mordeu o lábio, depois do que negou com a cabeça.

—Assim é seu pai.

—Eu não sabia. Nunca imaginei que... —Interrompeu-o um novo calafrio— Deve manter-se afastada dele. Jamais acreditei que fosse vir!

Um fraco gemido de medo pareceu escapar sem que pudesse evitá-lo, depois do que tremeu com maior violência. Cara se adiantou para sustentá-lo, pois acreditou que ia cair; ele aproveitou esse momento para lhe agarrar à mão e apertá-la com força contra seu rosto. Ela sentiu a umidade de suas bochechas. As lágrimas de Allegreto eram de gelo, como se fosse uma estátua de mármore a que soluçasse.

—Não chore — disse Cara, a que aterrorizava ver que tremesse tanto.

Aproximou-o e o apertou contra seu peito para que parasse, ao tempo que ela se apoiava na parede e fazia força para obrigá-lo a estar quieto. Allegreto soltou um grunhido e, depois de lhe rodear os ombros com os braços, beijou-a.

—Não — disse Cara, mas os frios lábios e bochecha do jovem tocaram os seus. Absorveu vida com avareza, arrebatou-lhe todo o calor que entesourava— Não! — repetiu afastando o rosto.

Agarrou-o pelo cabelo para detê-lo, mas, de uma vez, seguiu segurando-o como a um menino, enquanto ele afundava a cabeça em seu peito. Deixou que seguisse assim e lhe acariciou o cabelo até que doeu o braço de aguentar seu peso. Os tremores, que ocorriam a ele, começaram a diminuir, mas, antes que tivessem terminado de tudo, Allegreto se separou de um empurrão e lhe deu as costas.

—Zorra de Monteverde — disse, mas sem peçonha na voz, somente angustia.

Sua figura projetava uma sombra tênue e imprecisa na parede junto a Cara. Esta apoiou a mão sobre ela, mas unicamente havia frieza e escuridão, não era mais que uma ilusão. Pensou que não tinha suficiente vida para dar a Allegreto toda a que necessitava, inclusive embora a desse toda.

—Venha comigo — disse ele de repente com absoluta normalidade, como se jamais tivesse estado tremendo entre seus braços— Ideei um plano e necessito sua ajuda. —A olhou de esguelha, o rosto branco como o mármore— Mas se falhar, Monteverde, nos matarão aos três.

Cara não podia olhar Desmond. Dava-lhe medo fazê-lo. Quando se abriu a pesada porta, ele emitiu um som de dor e terror afogado entre gemidos. Não havia nenhum guarda. Allegreto lhe havia dito que vigiasse, e que só falasse quando ele o dissesse. Ela não perguntou o que tinha feito ao guarda, como tampouco queria ver o que tinham feito a Desmond.

Tinham deixado uma vela naquele porão que servia de despensa, mas só iluminava coisas ordinárias. A sombra de Allegreto se moveu entre carne defumada e uma cesta de maçãs.

—Já conhece meu pai, asno teimoso — disse em voz baixa— assim deve escolher entre ele e eu.

Cara umedeceu os lábios sem afastar o olhar da porta aberta e da escada que havia atrás dela. Desmond não emitiu nenhum som salvo os débeis ofegos que fazia ao respirar.

—Só conta com uma esperança de sair com vida daqui — seguiu dizendo Allegreto— e é que me diga onde está a princesa. Se o fizer, o tirarei deste lugar antes que retorne meu pai.

—Não — murmurou Desmond.

—Então me diga onde posso lhe levar uma mensagem. Temos que informá-la de que meu pai está aqui. Ela não o espera como tampouco nenhum de nós o esperava.

—Não, porque o dirá... A ele — balbuciou Desmond, com uma voz que só era um débil chiado.

—Cara.

Esta teve que voltar-se. Só lhe olhou ao rosto, que tinha pálido, mas ainda inteiro, com a cabeça apoiada contra o muro.

—Não quis me fazer caso — sussurrou ela— Escute-me agora, rogo-lhe isso. Allegreto quer te deixar livre. Não pode resistir a Gian, que ou te matará pouco a pouco ou te deixará viver, o qual seria ainda pior. E nós também morreremos se descobrir que viemos te ajudar. Fizemos tudo o que pudemos para tentar liberá-lo disto, mas não nos fez nenhum caso moço néscio. Bem faria em nos ajudar agora que Allegreto está arriscando sua vida ou suas extremidades por ti.

Desmond fechou os olhos, inclinou a cabeça a um lado e murmurou algo em inglês.

—Fala em francês —disse Allegreto com aspereza— ou não lhe entenderemos.

—Não sei o que fazer — murmurou o jovem, depois do que tragou saliva e gemeu— Não sei. Dói-me muito.

—Hei aqui minha adaga — disse Allegreto— A vê? O soltarei com ela e já não te doerá. Assim que me diga aonde mandar a mensagem, o deixarei livre. —Girou a cabeça de Desmond para que visse a faca— Dou-te tempo até que Cara conte até vinte; depois lhe deixaremos aqui a mercê de meu pai, e então que Deus tenha piedade de você.

Fez um sinal com a cabeça a Cara. Esta começou a contar o mais devagar que se atreveu a fazê-lo, com o olhar fixo no rosto convulso de Desmond, que girava a cabeça de um lado a outro entre ofegos. Da escada chegou o arrulho de uma pomba que despertava.

—... Dezoito — disse Cara, e fechou os olhos— dezenove...

—Não posso dizer-lhes —gemeu Desmond— mas posso levá-lo...

Allegreto cortou uma das cordas. Desmond gritou quando o braço caiu livre.

—Nos levará? —exigiu Allegreto brandindo a adaga.

—Levá-los perto. Dão-me a mensagem e esperam resposta. Juro-o. Ajudem-me!

Allegreto terminou de cortar todas as cordas.

Um nuvem de um intenso azul cinzento no alto das colinas ameaçavam chuva. O vento mandava do norte um aviso de geadas: os negros ramos se dobravam e mostravam seus pequenos casulos verdes entre as rajadas de sol.

Melanthe não tinha deixado que Gryngolet voasse durante muito tempo. Estava a ponto de mudar a plumagem e, com o tempo que fazia, qualquer golpe de vento poderia empurrar o falcão além da crista das colinas até que se perdesse de vista. Os cavalos avançavam junto à borda do rio e provavam os novos brotos de erva. Melanthe cavalgava ensimesmada com o manto muito fechado sobre o rosto enquanto tentava idear formas de convencer seu marido para que mantivessem contato físico.

Ao princípio a música pareceu formar parte do vento. Melanthe elevou a cabeça e escutou. Em um instante de calma voltou a ouvi-la, ou ao menos acreditou fazê-lo. Às vezes parecia uma melodia, e outras somente uma série de notas desanimadas. Girou sobre a cadeira e olhou Hew.

—Sim, ouço-o, minha senhora — disse este com o olhar fixo nas cúpulas— Acredito que é Desmond.

Melanthe agarrou as rédeas com mais força.

—Há voltado — murmurou.

Mas ao tempo recordou um antigo presságio ao escutar aquela melodia élfica que trazia o vento, mais quebrada e vacilante, como um triste arremedo da canção original. Hew seguia olhando sobre as copas das árvores para as alturas. Agarrou o corno que levava pendurando do ombro.

—Leve-me a ele — disse Melanthe.

Hew se deteve quando já tinha o corno à altura da boca.

—Minha senhora, lorde Ruadrik disse que...

—Leve-me! —insistiu ela, enquanto obrigava o cavalo a dar a volta— Ou o encontrarei sozinha.

O cavalo entrou no rio e vadeou a corrente entre grandes salpicaduras até chegar ao atalho do outro lado. Hew a seguiu e, sem dizer uma palavra, açulou seu arreio para sair da água por diante dela.

Ruck obrigou Hawk a deter sua última galopada. Ao tempo que o corcel recuperava o fôlego, e ia desprendendo-se durante a marcha da pelagem e a gordura acumulada

durante o inverno, Ruck o tirou dos campos de batalha com os pés pendurando fora dos estribos.

Sorriu ao ver o maio, que já se elevava no meio do prado das ovelhas com as fitas bem presas; o vento primaveril assobiava entre elas quando Ruck fez Hawk dar uma volta ao redor do pau. Temia que o tempo não ia ser propício para os festejos, como quase sempre ocorria, mas a cada novo ano se renovava a ilusão de todos. Se falhava o sol, transfeririam o maio e o festival ao pátio interior do castelo.

Deixou a tocha e a maça apoiadas fora da cerca de madeira dos campos de batalha, para que o estivessem esperando ali quando voltasse após comer, e deixou que Hawk subisse tranquilamente a costa em direção ao caminho. Já havia vinte cordeiros, que corriam ou saltavam ou o olhavam intrigados como se fosse algum segredo que teria que desentranhar. Joany Tumbster o deteve ao chegar à torre de entrada para lhe demonstrar que podia saltar por cima da garupa de Hawk e montar atrás dele. O cavalo o suportou com paciência, pois era indulgente com as meninas e suas saias ondulantes, do mesmo modo que era de tudo intolerante com os homens já crescidos que vestiam armaduras.

Entraram no pátio com Joany de pé sobre a garupa de Hawk e com as mãos apoiadas nos ombros de Ruck. Seu irmão, que estava recolhendo esterco de vaca e jogando-o a um carrinho de mão, gritou-lhe que se soltasse e aguentasse o equilíbrio. Justo quando a menina tentava fazê-lo, soou um corno além dos muros, que recebeu a resposta de outro da torre.

— Desmond retornou! —exclamou Joany ao tempo que desmontava pendurando do pescoço de Ruck, ao que quase afogou.

—Não, espera! —disse este quando a menina já tinha percorrido meio pátio em direção à torre.

Tanto Joany como os outros se detiveram e dirigiram seus jovens rostos queimados pelo vento e cheios de inocência, para ele.

—Que ninguém saia a recebê-lo até que comprove que não traz a peste. —Puxou as rédeas para que Hawk girasse— Joany, você vem comigo e busca a princesa. Foi ao rio com Hew para soltar o falcão. Diga-lhe que espere na ramagem que eu volte.

Até que ouviu o corno, Ruck não sabia o muito que temia escutar seu som. Depois de deixar Joany no cruzamento, deixou que o corcel cruzasse a ponte ao passo, como se ao ir devagar pudesse recuperar todo o tempo que tinha perdido enquanto se desfazia o gelo do rio.

Os cascos de Hawk se afundaram no barro enquanto tomava uma curva do familiar atalho. Não necessitava que Ruck o guiasse, pois conhecia perfeitamente o caminho. Tinham subido pela ladeira até chegar ao alto, onde os casulos de espinheiro ainda estavam fechados e eram de cor arroxeada escuro, quando um forte aroma de deposições frescas fez que Ruck reagisse e saísse de seu estado meditabundo.

Deteve Hawk. Os rastros eram recentes e subiam em lugar de descer. Não tinham chegado pelo caminho mais baixo, mas sim por um atalho lateral.

Só podia tratar-se de Melanthe e de Hew. Ruck franziu o cenho, molesto porque se apressaram a subir até ali para sair ao encontro do moço. Era a primeira vez que Desmond tinha saído ao mundo e, jovem e impetuoso como era, poderia trazer consigo de tudo, já fosse à peste ou qualquer outra coisa.

Ruck assobiou, mas o lamento do vento entre os altos penhascos era muito forte para que o ouvissem. Açulou o cavalo para que fosse mais depressa. Hawk soprou lançando fôlego gelado, e sacudiu as orelhas enquanto chegavam às inóspitas rochas e as ultrapassavam. Os escarpes de piçarra pendiam sobre eles. Ruck esperava ouvir em qualquer momento a flauta de Desmond e encontrar todos descendo; ficou mais nervoso conforme Hawk seguia subindo sem guia.

O corcel agarrou forças para saltar aos salientes de pedra. Desprenderam-se pedrinhas sob suas patas quando alcançou o saliente e iniciou um trote curto sobre um terreno menos dificultoso. O cabelo de Ruck, impelido pelo vento, açoitava-lhe as bochechas. Alcançaram um novo saliente, e outro mais, e Ruck guiou Hawk ao interior da fenda na rocha.

O repentino sussurro da lacuna da montanha pareceu um som distinto, embora além da queixosa greta a água estivesse tão quieta e escura como sempre, ainda coberta de uma fina capa de gelo baixo as frias sombras dos penhascos. Quando entraram, Hawk pegou um violento coice. Ruck levou a mão à espada ao ver surgir uma figura dentre os arbustos.

Era Hew, sem Melanthe nem os cavalos. Ruck controlou o cavalo e se aproximou dele.
—Onde está ela? —perguntou-lhe.

Seu tom de alarme ressonou entre as rochas de piçarra e se mesclou com o som dos cascos de Hawk. Hew fincou o joelho em terra, com a cabeça agachada. Não mostrava rastros de sangue nem de luta. Ruck saltou da cadeira e agarrou o falcoeiro pelos ombros.

—O que ocorreu?

—Meu senhor... Tenho uma mensagem para você, meu senhor.

A Ruck falhou a vista, o coração e o fôlego durante uns instantes. Tinham-na sequestrado. Às cegas procurou Hawk para voltar a montar.

—Quanto tempo faz? Quantos eram?

—Meu senhor — disse Hew, e a tensão apareceu em sua voz— é uma mensagem de minha senhora.

Ruck refreou a ânsia de lançar Hawk ao galope atalho abaixo. Assim que se voltou, Hew ficou em pé e fechou os olhos. Parecia desconsolado e assustado, e não deixava de espremer o boné de lã.

—Meu senhor, a senhora me ordenou que lhe falasse como se fosse ela mesma, e esta é a mensagem. — umedeceu os lábios gretados antes de prosseguir— «Te deixo por desejo próprio. Diz Desmond que Ao... Allegreto está vivo, e que seu pai chegou a este país para me desposar. Amo a esse homem tanto como a minha vida, mais do que jamais amei a você». — Hew tomou fôlego enquanto Ruck o olhava fixamente— «O que houve entre você e eu não foi nada — recitou nervoso— e bem que me arrependo. Não me busque, pois não desejo voltar a ver-te, já que me sinto envergonhada e desgostada de havê-lo conhecido.» — Hew abriu os olhos e caiu de joelhos— E me ordenou que o

repetisse palavra por palavra, meu senhor. Juro-lhe isso, ou jamais teria me atrevido a dizer nada assim.

—É mentira! —gritou Ruck— Os cavalos não estão aqui, assim que a levaram pela força!

Hew juntou as mãos e agachou a cabeça.

—Não, somente Desmond estava aqui, meu senhor, e a princesa o levou à parte e falou com ele, ante meus próprios olhos. E depois o montou em meu cavalo e disse que o levavam para que Desmond o montasse, e que eu ficasse aqui para lhe dar a mensagem e evitar que a seguisse.

—Não! —exclamou Ruck dando um passo adiante— Não o fez!

—Meu senhor, pediu-me que lhe dissesse que, se não acreditava... —levantou seus compungidos olhos— que lhes recordasse que, como uma vez ela mesma o advertiu, a princesa sempre mente.

Capítulo 22

Não recordava ter descido a montanha. Hawk ia ao galope e seus cascos golpeavam o caminho que levava ao castelo. O maio seguia no prado. Açou ao cavalo para que fosse ladeira abaixo a maior velocidade ainda enquanto ele empunhava a espada com o braço esticado.

Golpeou o maio com a espada, cortou as fitas e sentiu o violento impacto na mão. O pau vibrava freneticamente quando passou junto a ele. Puxou as rédeas para que Hawk freasse em seco e, depois de dar meia volta, esporeou-o para que carregasse de novo. Pegou um grito enquanto o fazia retornar ao galope e agitou a espada por cima da cabeça. As brilhantes fitas de seda ondeavam ao vento. O golpe fez vibrar todo seu corpo e deixou um profundo talho na madeira.

Ruck levou consigo tiras azuis e amarelas, que se enrolaram na luva e no punho da espada. Jogou a arma a um lado quando passou junto aos campos de batalha e se agachou para agarrar o punho da tocha de combate. Calibrou com o braço aquele peso maior e, erguendo-se muito reto sobre a cadeira, voltou a carregar contra o pau de maio enquanto de sua garganta saía um alarido de fúria.

A folha da tocha relampejou e mordeu profundamente a madeira. O maio rangeu e começou a cambalear. Quando Hawk se aproximou do pau, o extremo mais alto começava a inclinar-se. Ruck guiou com as pernas o cavalo para que desse voltas em torno do maio enquanto levantava a tocha com ambas as mãos. Começou a dar machadadas ao tempo que esporeava Hawk para que riscasse círculos cada vez mais pequenos ao redor do pau rachado; golpeou uma vez e outra, enquanto infinidade de lascas de madeira passavam voando junto a seu rosto, até que a ponta do poste de madeira caiu a terra com um forte rangido.

Levantou a tocha por cima de sua cabeça e a descarregou com fúria, fendendo como um relâmpago a metade do poste que ainda seguia em pé. Puxou a arma até soltá-la e desmontou entre todas as fitas pisoteadas para prosseguir seu ataque contra o pau caído.

A madeira se estilhaçou sob a folha enquanto Ruck levantava a tocha e a descarregava uma e outra vez entre grunhidos; os pedaços se esparramaram sobre o lodo. Não pensava nem tinha noção alguma do tempo. Seguiu dando talhos até que as mãos intumesceram pelo esforço, até que já não ficaram forças para puxar mais a tocha e desprendê-la da madeira, e se derrubou sobre o chão.

Caiu de joelhos entre farrapos de seda destroçada e pedaços de madeira quebrada. O fôlego queimava na garganta. Cravou a adaga em uma parte de poste sulcado de talhos que era quão único tinha a seu alcance e a afundou na ferida repetidas vezes até fazê-la maior e profunda. Só ouvia sua própria respiração entrecortada e o ruído da adaga ao atravessar a madeira. Enxugou com o anverso da manga de couro uma gota de suor muito salgado que caiu no olho.

O gélido vento abrasou as bochechas quando levantou a cabeça. Toda sua gente se encontrava agrupada no confim dos campos de batalha; massa aleatória, colorida e silenciosa salvo por uma menina pequena que chorava. O poste e as grinaldas do maio que eles tinham levantado jaziam mutiladas e desmembradas ao redor de Ruck.

Ele negou com a cabeça. Agarrou a adaga e a cravou no barro junto a seu joelho. Tirou-a e seguiu esfaqueando a terra com lentos e débeis movimentos do braço. Voltou a negar com a cabeça.

—Meu senhor... —Era a voz de Will Foolet, carregada de medo e dúvidas.

—Não posso dizer nada — disse Ruck com voz rouca enquanto ficava em pé— Não posso dizer nada. Pergunte ao Hew.

Agarrou a tocha e foi para os campos de batalha enquanto limpava a faca enlameada na coxa. A menina, com o rosto coberto de lágrimas, adiantou-se para ele quando chegou a sua altura e lhe puxou a borda da cota.

—Por ventura meu senhor, não vamos então a celebrar o maio? —perguntou-lhe com seus grandes olhos fixos nele— Minha senhora me disse que podia levar suas flores ao pau... —A mãe da menina tentou agarrá-la e levar-lhe, mas ela seguiu agarrada a Ruck com obstinação— E agora já não poderei! —gemeu.

—Tenha misericórdia, meu senhor — exclamou a mãe após conseguir soltar o punho da menina.

Ruck viu na distância uma figura solitária que se aproximava para eles. Era Hew. Logo todos saberiam o acontecido, e o olhariam e compadeceriam por ser um pobre tolo apaixonado, um bufão mais ridículo que o que eles representavam em seus jogos teatrais.

—Destruirei outro tronco — disse ao tempo que dava meia volta e jogava a tocha ao ombro— Mas não quero que ninguém me acompanhe.

Desmond não havia dito nada mais a Melanthe; só que o pai de Allegreto tinha chegado a Bowland. E não lhe fez mais perguntas. O jovem não podia usar a mão

enfaixada e se movia como um ancião, com expressão muito séria em seu juvenil rosto e um olhar sombrio nos olhos.

Desmond tinha conseguido que Melanthe recuperasse a prudência. Ao olhar aquele moço que partiu com uma alegre toada nos lábios sem saber o que era a dor, deu-se conta de que tinha que ir. Não podia permitir que aquilo afetasse Wolfscar, e assim seria se ela ficava ali, com Gian no país. Sofreriam as consequências por muito espessa que fosse a paliçada vegetal. Gian não retrocederia até encontrá-la.

Do mesmo modo que os sonhos e o vapor se desvaneciam, do mesmo modo que um jovem risonho voltava para casa convertido em um inválido, tudo aquilo pereceria se ela se obstinava em aferrar-se ao que não podia possuir. Sempre tinha recordado quem era, mas tinha se permitido esquecer aquilo que sua fila lhe exigia.

Tinha olhado para trás uma única vez, depois de deter o cavalo em um cruzamento de caminhos no que um monge e um camponês trabalhavam em excesso em reparar um restelo. Gryngolet dormia sobre a cadeira, com a cabeça colocada sob uma de suas asas brancas. O vento soprava mais quente ali e trazia do mar nuvens baixas carregadas de chuva. As terras baixas ferviam de atividade primaveril, os campos estavam capinados, brotavam as flores e os meninos afugentavam os pássaros para que não comessem as sementes recém semeadas entre o repicar dos sinos das igrejas.

Atrás de Melanthe se elevavam as montanhas, que recolhiam a chuva em suas ladeiras; sua escura vigilância e malevolência faziam que o olhar ansiasse afastar-se delas para contemplar a nova folhagem e a fresca terra avermelhada. Melanthe observou aquelas barreiras naturais. Viam-se tão altas e inexpugnáveis e, entretanto eram tão frágeis, toda sua impenetrabilidade se esfumava ante alguém conhecedor de seu segredo.

A mensagem que tinha mandado a Ruck era uma barreira ainda mais poderosa; sua intenção era matar toda sua confiança e amor. Ele a teria seguido, e ela tinha cavado esse fosso de fé rota entre eles para impedir-lhe.

Desmond não se deteve nem a olhou em nenhum momento. O cavalo lento e gordo que tinha pegado a Hew o levava com parcimônia. Melanthe o tinha visto afundar a mão

boa nas crinas, e torcer o gesto com cada sacudida. Em ocasiões, quando empalidecia em excesso, lhe pedia que fizesse um descanso para lhe dar tempo a recuperar-se.

Perguntou-se quantos dedos ficariam a Desmond sob a bandagem. Mas, ao fim, alguém tinha tido piedade dele, já que se tratava da mão esquerda, e ainda podia mover as articulações, embora com muita rigidez. Não tinha sido uma tortura muito larga.

Ao estar tão longe de Gian, deixou-se levar por umas fantasias absurdas. Fazia algo imperdoável e irreparável, sem calibrar o perigo. Tinha amado, e tinha deixado que esse amor a dominasse. Se não o houvesse feito, Desmond seguiria inteiro, e ainda estaria em Wolfscar tocando alegremente sua flauta. Mas ela nunca teria imaginado que Gian fosse aparecer ali, e acreditava que Allegreto estava morto. Tinha acreditado que era livre.

Livre! Teria sido muito melhor obedecer a Ligúrio e ingressar no convento, ou haver-se jogado da torre mais alta de Monteverde. Teria sido muito melhor que nunca tivesse chegado a conhecer o que conhecia agora: o débil sorriso de um homem e a profundidade de seu coração e sua fidelidade. Não o merecia, jamais tinha sido merecedora de algo assim. Confundiu a si mesma com outra pessoa. Ligúrio a tinha formado; seu destino era pertencer a Gian, e não havia nada que fazer.

Até o próprio Deus teve piedade dela. Não tinha ficado grávida, e cada mês tinha contemplado com tristeza os sinais que o confirmavam, mas agora compreendia quão misericordioso resultava que fosse estéril.

Atrás ficaram fantasias e seu apaixonado. Só tinha feito uma coisa por si mesma, com a maior brutalidade e crueldade possíveis, para assim ter alguma esperança de voltar a conciliar o sono: fazia que ele a odiasse para que não fosse atrás dela.

Assim que estiveram à vista da enorme torre de entrada e os muros de arenista vermelha que guardavam a abadia, Allegreto saiu dando grandes pernadas. Não manteve o passo durante muito tempo; em seguida pôs-se a correr, evitando os atoleiros e um bando de perus reais, até deter-se ante o cavalo de Melanthe.

—Meu pai — disse. Seu rosto não mostrava expressão alguma, nem sua voz pânico e, entretanto, emanava dele um medo tão intenso que parecia inalá-lo e expulsá-lo cada vez que respirava.

—Está aqui? —perguntou ela assinalando com a cabeça para a abadia.

—Pelo amor de Deus, não! —Pareceu acalmar-se um pouco e negou com a cabeça— Não, minha senhora. Está em Bowland. Fomos em segredo.

—Então entremos. Desmond deve repousar e comer.

Allegreto olhou ao desfalecido jovem. Foi até o cavalo e agarrou as rédeas, assim como a mão boa de Desmond.

—Obrigado por trazer-nos a senhora — disse— Já vê que eu não te segui.

Desmond emitiu um grasnido oco a modo de risada.

—Não porque não o tentasse.

Allegreto deu a volta e estalou a língua para que o cavalo começasse a mover-se lentamente; depois voltou a olhar Desmond.

—E o que dirá se lhe perguntam como se feriu?

—Um percalço com uma roda de moinho — respondeu o outro com um fio de voz.

Allegreto assentiu.

—Não está mal — disse ao cavalo.

Melanthe viu Desmond sorrir fracamente e olhar Allegreto com olhos empanados e cheios de adoração.

—Hei dito que esperamos uma dama penitente — explicou Allegreto— Uma grande dama que viaja de maneira humilde para expiar seu orgulho. Um falcão lhe fez chegar à mensagem em meio de um sonho.

Melanthe suspirou.

—Ai, Allegreto, e pensar que te acreditei morto.

Tampou o rosto com o capuz e levantou o pássaro que lhe tinha levado as más novas de seu orgulho. A seguir, açulou o cavalo para que se dirigisse para as portas da abadia.

Melanthe estava ajoelhada junto a Allegreto no santuário e passava as contas do rosário entre os dedos. Enquanto os monges entoavam os salmos de completas na igreja

iluminada pelas velas, o jovem lhe falou em voz baixa, em um tom que era como um tenso contraponto ao motete.

—Não sei o que quer minha senhora. Não sei o que pretendia ao fugir. Pensei-o muito estes três meses, e sigo sem adivinhar qual era seu desejo.

—Não é nada importante — disse ela.

—Sim, minha senhora, para mim o é. Eu lhe pertenço. Não me acreditará, e não posso demonstrá-lo, mas se tiver que escolher entre meu pai ou você, minha eleição já foi feita.

Ela o olhou de esguelha sem deixar de agachar à cabeça. Allegreto a observava com intensidade, com a suave curva da bochecha iluminada pela luz dourada, e os olhos perfilados entre as sombras como por uma hábil e destra mão.

—Escolheste-me? —perguntou ela com certa incredulidade.

—Você não ama a meu pai. Isso é quão único tiro claro de sua marcha. Não é assim?

Era uma pergunta direta. Melanthe se obrigou a seguir passando as contas do rosário e a pensar. Era um estratagema de Gian, para surrupiar palavras que depois pudesse utilizar de algum modo em seu contrário? Ao fim, Allegreto era filho de seu pai, e tinha sido criado para honrá-lo. O jovem tinha tanto medo a Gian como todos os outros, mas também amava a seu progenitor como um lobinho, com servil adoração.

—Não é necessário que me diga isso — se apressou a acrescentar ele— Bem sei que não confia em mim. O que posso fazer para que o faça?

—Não sei — respondeu Melanthe.

Allegreto calou. As vozes dos monges se elevaram para o escuro teto enquanto cantavam uma aleluia e um responso. A palha que tinha sob os joelhos mal amortecia a dureza do chão, por isso Melanthe se alegrou de poder levantar-se quando o ritual o permitiu.

—Senhora — disse Allegreto quando voltaram a ajoelhar-se— faz dois anos meu pai quis que viajasse com ele a Melam. Recordas-o?

Melanthe assentiu levemente com a cabeça sem afastar o olhar dos dedos.

—Não fomos a Melam. Estivemos todo esse tempo em seu palácio, senhora. Disse-me que devia lhe proteger de qualquer perigo. Ensinou-me tudo o que acreditou que precisava saber. Observou-me enquanto treinava e lutava, e me... Pôs a prova.

Um tenor respondeu ao cântico para tiple. Melanthe voltou a passar as contas com a cabeça agachada.

—Minha senhora, havia um homem que tinha feito alguma afronta a meu pai. Não sei qual. Soltaram-no no palácio, e meu pai me disse que eu tinha que matá-lo, ou ele me mataria — explicou Allegreto sem mover-se— Esse homem era todo um professor, e muito melhor que eu. Já me tinha sob a ponta de sua adaga quando meu pai me salvou. —Sua voz pareceu voltar-se muito distante entre os cânticos— Falhei, e meu pai me disse que me salvava porque era seu filho, mas que não devia lhe falhar nunca mais. Levaram-me a uma estadia junto com o homem que eu tinha que ter matado e ali lhe cortaram o membro e as partes viris.

Melanthe negou com a cabeça e lhe pôs uma mão no braço para que calasse, mas Allegreto seguiu falando. Ela notava como tremia enquanto o fazia.

—Conforme o emasculavam, meu pai se aproximou de mim e me disse que recordasse que eu era seu bastardo, e que ele podia engendrar mais filhos, mas que seria melhor para a casa Navona que eu não pudesse. Pôs-me a folha em cima para que a sentisse e sangrasse, mas, porque me queria, afastou-a. Disse-me que se voltava a falhar, esse seria meu castigo. A próxima vez não me indultaria. —Levantou a cabeça e a olhou enquanto respirava de forma agitada— E não lhe falhei até o presente momento.

Melanthe deixou de lhe apertar o braço e o olhou à cara.

—Foi um engano dizer que me tinha castrado minha senhora. Deixou-me ir inteiro e me disse que tomasse cuidado ou me faria isso seriamente. Assim me deixaria que dormisse junto a você e poderia lhe proteger de seus inimigos. Ele sabia que podia confiar em mim em tudo — acrescentou com uma careta.

Melanthe fechou os olhos e tremeu ao tomar fôlego.

—Deus bendito! E posso confiar em você?

—Minha senhora... —disse ele pondo a mão sobre a sua e apertando-a com força e desespero— Senhora, desta vez sim que o fará. Prometeu-me isso. — Ela negou com a cabeça, como se assim pudesse anular qualquer pensamento. —Não posso retornar sem você, minha senhora.

Melanthe retirou a mão.

—Ah, assim que isso é quão único quer de mim, você e sua grande lealdade?

—Não é tudo — respondeu Allegreto com voz dolorida.

Ela o olhou de esguelha por debaixo do capuz, e viu que tinha as mãos juntas sobre as coxas enquanto seguia ajoelhado. Inclinou a cabeça sobre os punhos e prosseguiu:

—Minha senhora, Cara também está ali. Se contar a meu pai o que ela tentou lhe fazer...

Interrompeu-se sem necessidade de terminar sua frase. Melanthe lhe olhou as mãos. Cara? Cara, a rameira dos Monteverde, a que ele tanto tinha desprezado e que tanto lhe tinha insistido para que a mandasse de volta?

«Longe, muito longe de Monteverde, dos Reata, dos Navona. Muito longe, ali onde teria estado a salvo.»

De perfil, Allegreto parecia maior do que ela recordava, com uma expressão varonil no rosto e uma beleza mais definida. Tinha crescido, e já era um homem com paixões que até o momento tinha mantido ocultas e em silêncio.

—Que Deus tenha piedade de você, Allegreto — sussurrou Melanthe.

—Ela não é para mim. Sei. Há um inglês. —Respirou fundo e continuou falando com frieza— Acredito que vai se casar com ela. Mas se você, minha senhora, acusa-a ante meu pai... — Encolheu-se de ombros e retorceu suas elegantes mãos assassinas. Melanthe poderia ter pensado que estava mentindo. Ele sabia representar muito bem qualquer papel. Allegreto fechou os olhos com força e levantou o rosto para os altos arcos. —Sou seu e só servirei a você — disse— Farei o que me peça para demonstrá-lo. Mas não posso deixá-la ali, nem posso voltar sem você, minha senhora.

Três monges avançavam cantando pela nave do coro em direção a eles. As velas que levavam lhes iluminavam o rosto. Melanthe os viu girar e sair da igreja por uma porta lateral.

—Escute-me, minha senhora. Seu falcão branco estava ali quando meu pai castigou seu inimigo e me lançou sua advertência.

Ela o olhou atônita.

—O que?

—Meu pai lhe deu de comer e disse que o tinha treinado para que me conhecesse.

—Isso é impossível.

—O falcão me odeia minha senhora.

—Seu pai jamais tocou em Gryngolet.

—Disse que se o traía com você, que o falcão... —Olhou-a com expressão implorante— É que não o entende minha senhora? Ele o deu a comer!

Não disse nada mais; isso bastava para que ela compreendesse a monstruosidade a que se referia. Apesar do espanto que sentia, Melanthe disse:

—Embora de verdade tivesse um falcão, estou segura de que não era Gryngolet.

Allegreto lhe dirigiu um intenso olhar cheio de terror.

—Eu levarei a ave — disse— Para demonstrar-lhe minha fidelidade e que não minto.

De repente Melanthe se deu conta de que na igreja reinava o silêncio; as rezas tinham terminado e o santuário estava mais escuro. A pouca luz que ficava endurecia as suaves curvas e o encanto do rosto de Allegreto, apagava dele o último vestígio de infância e revelava o insuportável alcance de seu medo. Teria que ter apelado ao bem-estar de Melanthe, a seus desejos e ambições, se queria enrolá-la. Mas tinha admitido que os desconhecessem. Em seu lugar, tinha-lhe perguntado o que podia fazer de uma forma tão torpe e aberta como a amalucada Cara.

Esse oferecimento de levar o falcão não parecia grande coisa tratando-se de um assassino, de um encantado jovem com alma de demônio. Se lhe estava mentindo e confiava nele, meteria-te de cabeça e sem remédio nas garras de Gian.

Allegreto tinha pavor a três coisas: à praga, a seu pai e a Gryngolet. E aí estava, ajoelhado na igreja, oferecendo-se a desafiar dois de seus medos. Ou mentia ou o fazia por amor.

—Não é necessário que o leve — disse Melanthe— Confio em você.

Allegreto abriu os lábios; foi o único sinal de alívio que mostrou.

—Se for meu — seguiu ela— me atenda bem. Seu pai não tinha Gryngolet, nem jamais o teve. Eu o soltei a voar em Saronno durante toda aquela semana em que te acreditava em Melam. Gryngolet não estava em Monteverde para que ele o usasse em seus repugnantes vícios. Temos que supor que era outra ave que conseguiu para te amedrontar e fazer um uso desprezível de uma nobre besta.

Allegreto torceu o gesto. Melanthe tinha desdenhado a propósito a brutalidade de seu pai como uma mera ofensa à dignidade de um falcão, para que assim ficasse reduzida a algo que o jovem fosse capaz de assimilar.

—Imagino que Gryngolet te odeia porque eu nunca te mostrei muito apego — acrescentou ela encolhendo-se de ombros— Ou pode ser que lhe desagrade seu perfume. Troca-o.

Ele fechou seus escuros olhos e respirou profundamente, de forma entrecortada. Melanthe se levantou enquanto as contas deslizavam entre seus dedos. Deu meia volta e saiu da igreja após deter-se para inclinar-se e fazer o sinal da cruz.

—Allegreto — disse com calma enquanto ele ficava em pé— se nos deixamos levar pelo pânico a seu pai, estamos acabados.

O outro assentiu.

—Sei. Sei muito bem, minha senhora.

Fazia dezoito anos que Melanthe não via Bowland. Recortadas contra as nuvens primaveris de tormenta, as torres não pareciam tão enormes e monstruosas como recordava, mas, mesmo assim, eram formidáveis, com aquela muralha que se estendia quatro mil pés com o passar da borda do precipício até a velha torre de comemoração

na cúpula. De sua imponente altura olhava para o norte através das brechas, desafiando a escoceses e a rebeldes como tinha feito desde há mais de cem anos.

Aquele era seu refúgio, seu amparo, mas Gian o tinha arrebatado. Melanthe não tinha anunciado sua chegada. Apareceu à cabeça de um guarda que lhe tinha proporcionado o abade após lhe revelar sua identidade. Tinham-nos visto aproximarem-se quando estavam a mais de uma légua, disso estava segura, já que de Bowland se dominavam todos os arredores, e havia outras torres de vigilância para fazer ainda mais amplo o raio de ação. A essas alturas ele já saberia que se aproximava uma comitiva.

E já teria se figurado de quem se tratava. Quando estavam a uns três mil pés da torre de entrada, um par de cavaleiros saíram a toda velocidade a recebê-los e, sem fôlego, lhes dar a bem-vinda. Uns momentos depois, uma escolta de vinte lançadores, com sinais evidentes de haver-se organizado a toda pressa, chegou trotando a seu encontro e, depois de dar meia volta, situou-se com galhardia aos lados da comitiva.

Caíram umas gotas de chuva sobre os ombros de Melanthe, mas não colocou o capuz. Atravessou a ponte e entrou nas imensas sombras da barbacana com a cabeça bem alta e ao descoberto, exceto pela rede para cabelo dourada.

A fumaça da madeira e uns gritos de bem-vinda a receberam quando seu cavalo entrou no pátio de armas. O lugar se encontrava repleto de pessoas e animais, como se todos os habitantes do castelo tivessem interrompido seus choros para sair a seu encontro. Melanthe soube que desejavam vê-la, que queriam presenciar a volta de sua senhora.

Entre os ingleses não reconheceu a ninguém, mas isso era o que cabia esperar. Todos seus antigos serventes, os homens de seus pais, teriam mudado tanto que seria impossível identificá-los.

Mas um murmúrio mescla de italiano e francês igualava ou ultrapassava a língua nativa do lugar, e viu alguns dos esbirros de Gian aos que conhecia mais do que teria querido, além do seu próprio séquito que a aguardava: o palafrenero para levar o cavalo, seu capelão... Sim, ali estava Cara, sorridente, embora com olhos de coelho apanhado e assustado.

Melanthe não lhe prestou atenção. Quando desmontou, Gian saiu a grandes pernadas da torre de comemoração. Sorria com os braços abertos. Sua túnica carmesim ondeava chamejante atrás dele, os brocados dourados dos baixos roçavam o chão, e suas botas bicudas atravessavam o ar com elegância a cada passo. Ajoelhou-se e levantou a prega do vestido de Melanthe.

—Louvado seja o Senhor por sua misericórdia — disse benzendo-se e beijando o tecido— Demos graças a Deus.

—Vos saúdo, senhoria — disse ela.

Gian lhe agarrou as mãos após levantar-se e a beijou com ardor nas bochechas e na boca.

—Princesa, pouco imagina pelo que passei.

Cheirava a azeites perfumados, e levava a barba recortada e obscurecida com tinturas vegetais. Melanthe lhe ofereceu a mão.

—Sou eu quem vagou perdida pelo deserto — disse em tom alegre— Eu sim que passei penúrias, vive Deus, pois somente ouvi palavras em inglês estes últimos três meses.

—Grande tortura, na verdade! —disse ele enquanto a puxava pelo braço e a conduzia pela escada para entrar na torre— Contar-me-á isso tudo quando suas damas tenham terminado com você. Venha, ah, venha, minha doce senhora.

De repente a apertou com mais força. Deteve-a e, tomou ambas as mãos e as beijou.

—Gian... —disse Melanthe em voz baixa.

Ele se endireitou imediatamente.

—Que Deus me perdoe por lhe tratar deste modo — disse soltando-a— Vai com suas mulheres e me mande chamar quando assim o desejar.

Deu a volta rapidamente e se afastou. Ao salvar os cortinados passou por diante de Allegreto, que se inclinou até quase tocar o chão com a testa. Gian não o olhou, limitou-se a cruzar o grande salão e desaparecer por uma escada.

Melanthe não se deu conta da magnitude de sua derrota até que se encontrou no banheiro, dentro de uma tina forrada de tecidos brancos de seda, enquanto Cara depositava uma jarra de malvácea sobre a mesa de cavalete. Manteve-se insensível ante seus atos; negou-se a pensar no passado em vez de no futuro, a mover-se com debilidade em vez de com força.

Mas estava derrotada, mais do que tinha podido imaginar em seus piores temores.

Estava em mãos de Gian, como estava Bowland, que deveria ter sido sua proteção, um refúgio no que todos e cada um dos serventes estariam a salvo e teriam rostos conhecidos, sem que nenhum estranho pudesse ocultar-se entre eles. Tinha renunciado a seus direitos para afastá-lo de si, livrou-se de Allegreto e de Cara tão só para tê-los de novo a seu lado, tinha movido o bispo, rainha e o rei naquela partida... Para terminar perdendo. Perdendo Bowland, a segurança, a liberdade e mais... Mas não podia pensar nele porque, se o fazia desmoronar-se-ia, e Gian se daria conta.

Cara lhe estava lavando o cabelo. Melanthe notou o tremor das mãos da donzela, e sentiu uns enormes desejos de lhe dizer a gritos que recuperasse o valor, pois um elo débil bastava para que acabassem com todos eles. Mas, em seu lugar, agarrou o pano e esfregou a boca com sabão, já que preferia esse sabor ao dos lábios de Gian.

—Disseram-me que está arrependida — disse com soma frieza— Que prova pode me dar de que assim é?

—Ai, minha senhora! —sussurrou Cara ao tempo que agachava à cabeça e juntava suas mãos molhadas— Farei o que seja.

Melanthe a olhou.

—Pouco me tranquiliza isso. O que me diz de sua irmã?

A jovem negou com a cabeça.

—Minha senhora, o que tenho que fazer? Daria minha vida por ela se assim pudesse salvá-la, embora não o conseguiria. Allegreto diz... Que conseguiu burlar os Reata durante algum tempo. Não sei como, só sei que eu devia lhes render contas através de Ficino, e quando não fazia nem um dia que ele tinha chegado aqui, antes que tratasse de

reunir-se comigo, deve ter prendido uma vela nas roupas e... Produziu-se um incêndio, minha senhora. Foi um terrível acidente. Isso disseram.

Melanthe ocultou sua surpresa ante o ocorrido a Ficino com uma breve gargalhada.

—Há, parece-me que achaste um bom aliado em Allegreto — disse.

A donzela manteve a cabeça agachada e não respondeu.

—Você será a intermediária entre ele e eu. Allegreto deve estar perto de seu pai e longe de mim — disse Melanthe— Diz que posso confiar em você, e por isso o faço, sem que haja nenhuma outra razão, já que você nenhuma me dá. Mas recorda que Gian está aqui, e a menor indiscrição que cometa a entregarei a ele, e então nem sequer Allegreto poderá te salvar.

—Sim, minha senhora. Não o esquecerei minha senhora.

Melanthe recebeu Gian nos aposentos que tinham pertencido a seu pai. Afrescos de torneios e batalhas cobriam o gesso das paredes a meia altura; por debaixo havia um painel de madeira mais recente que ela não recordava, enquanto que por cima pendurava uma fileira de escudos diversos. De novo, a estadia não pareceu tão ampla como deveria: as cores eram mais apagadas, a cama com dossel menor, e as vigas vermelhas e azuis do teto não tão altas como Melanthe recordava. Mas a cadeira de seu pai seguia junto à lareira, com uma almofada puída quase furada, no que havia um imperfeito bordado do brasão de Bowland que Melanthe reconheceu imediatamente.

Cada ano, desde que se casou, tinha bordado uma nova almofada e a tinha feito chegar seu pai. Aquela foi a primeira. Pela habitação estavam pulverizadas algumas outras, tentativas naqueles tempos nos que havia sentido tanta saudade do lar que passou as horas ocupada no trabalho. Em anos posteriores, tinha elegido motivos mais elaborados para que os melhores artesãos da cidade os confeccionassem com ricos tecidos, mas não via nenhum daqueles suntuosos almofadões pela estadia.

Alegrava-se de que não estivessem ali. Aquela magra e desgastada almofada da cadeira de seu pai a reconfortava mais e lhe infundia mais valor. Não se levantou dela quando entrou Gian, mas sim se limitou a assinalar uma cadeira mais baixa que tinham aproximado da sua.

Ele se inclinou ante Melanthe, que procedeu a cumprir com o ritual de ordenar que levassem vinho condimentado com especiarias e doces. Enquanto um servente aguardava na porta qualquer outro mandato, eles trocaram saudações com deliciosa cortesia, depois do qual Gian tomou assento.

—O pai de minha senhora deixou sua casa em excelente ordem, que Deus o tenha em sua glória — disse em francês— Não vi aqui mais que amostras da melhor administração desde que passou desta para a melhor.

Gian era todo um professor. Não demoraria nada em correr a voz por todo o pátio do castelo de que de seus lábios tinha saído aquele elogio. Melanthe sorriu.

—Diria que até se sente um pouco surpreso, senhor. Talvez pensava que vivíamos como selvagens aqui no norte.

—Querida minha, alguém como você nunca poderia descender de selvagens, nem de ninguém que não tivesse o sangue mais nobre.

—Já está ciente que minhas propriedades inglesas bem valiam a viagem até aqui. Esta fortaleza não é mais que uma pequena amostra. Possuo numerosos feudos ao oeste e ao sul, e cinco esplêndidos castelos, todos eles fortificados. Com eles rendi tributo ao rei, mas ainda fica muito por fazer. Tenho que me reunir com meus vassalos e percorrer minhas propriedades. Ser-lhe-ei sincera, meu senhor, e direi que confio em que não fizesse esta viagem ao norte com a esperança de que eu voltasse imediatamente.

Ele permaneceu em silêncio enquanto a observava com expressão inescrutável. Melanthe inclinou a cabeça e perguntou com o olhar. Pôs-se um vestido de pescoço alto e havia coberto a cabeça com um véu de freira de seda púrpura, para assim ocultar a pulsação do pescoço.

—Haveria dito que já estava o bastante ocupado em casa — acrescentou Melanthe, desdenhando a prudência em altares de outro rápido ataque.

Ele sorriu e arqueou as sobrancelhas.

—E bem diz minha senhora, depois da gentileza que me fez ao renunciar a seus direitos sobre Monteverde.

Parecia bastante tranquilo, e quase divertido, mas atrás daquela aparência podia ocultar-se algo. Melanthe se encolheu de ombros.

—Foi sem dúvida uma travessura, embora espere que não muito grave. Lamento não ter tido tempo de lhe advertir, mas me apressavam em demasia e... Claro, depois esta terrível aventura que vivi...

Deixou-o aí, sem proporcionar detalhes que pudessem comprometê-la.

—Demos graças a Deus que se encontre a salvo — disse ele— Essas outras questões são minúcias. O duque de Lancaster nos honrou mandando um batalhão de soldados e homens de leis a Monteverde, para reclamar o direito que outorgou a seu pai. Conforme me diz meu filho, você conheceu o duque...

Aquela era a medula da questão. Ali residia seu verdadeiro interesse, naquelas palavras que finalmente tinha deixado cair de forma casual. Os exércitos poderiam ficar em marcha e os juristas discutir pelo documento que ela tinha entregado, mas a autêntica ameaça seguia residindo nela e em seu matrimônio. Lancaster era ambicioso e poderoso, e tinha o apoio do trono da Inglaterra. Se já tinha mandado um exército para fazer efetiva a renúncia dela, até onde poderia alcançar sua agressividade se a princesa de Monteverde se convertia em sua esposa?

—Assim é — respondeu Melanthe— Detive-me em Burdeos até o Ano Novo. É na verdade um homem gentil e hospitaleiro. Temo que seu irmão o príncipe esteja muito doente, por isso o duque carrega com toda a responsabilidade de Aquitania sobre seus ombros. Surpreende-me que ainda encontrasse tempo para dedicar-se a seus interesses em Monteverde.

Chegou o refresco, o que lhe economizou ter que dizer algo mais. Gian observou o mordomo inglês enquanto este provava o vinho quente e as massas; depois, seu homem fez o mesmo. Quando tiveram servido a bebida, despediu-se de ambos os serventes com um movimento de mão. Era a primeira usurpação de autoridade que dava amostras, já que não tinha tido o pouco tato de alojar-se nos aposentos do senhor nem de dar ordens ao séquito de Melanthe. Ela não comentou nada a respeito, mas lançou um olhar deliberado à mão de Gian, depois do que dirigiu a vista a seu rosto. Ele sorriu.

—Vos rogo que me perdoe — disse— Fui descarado, mas como não vou estar ansioso de tê-la só para mim? —O fecho da porta soou ao fechar-se como se fosse o ferrolho de uma prisão. Durante um longo momento, Gian permaneceu sentado olhando-a com a taça de vinho entre as mãos— Minha vida foi um triste deserto sem você.

—Vamos, Gian, estamos sozinhos. Não necessita que se esforce em me dizer doces palavras.

O cavaleiro passou o dedo gordo pela borda da taça com a vista fixa nela.

—Não me supõe nenhum esforço — disse ao fim em voz baixa.

Melanthe se deu conta de que queria jogar cortejo amoroso. Recordou seu beijo perfumado de antes, e uma terrível apreensão ante o curso que tomariam as coisas se apropriou dela. Gian não era Ligúrio, não ia deixá-la em paz em seus aposentos. Era o homem que se assegurou por meio do assassinato de que ela não tivesse nenhum amante. Tinha decidido esperá-la, apesar de não contar com herdeiros legítimos, por razões que só ele conhecia e que escapavam à compreensão de Melanthe.

—Para mim sim que o seria, pois me sinto muito esgotada para trocar lisonjas — disse a dama.

Ele levantou o olhar. Sorriu e bebeu um gole.

—Em tal caso não esbanjarei nenhuma em você, se não for me devolver isso como seria de justiça. Fale-me de sua horrível aventura, se se sentir incapaz de elogiar meu varonil atrativo.

—Não, não quero lhe decepcionar, se forem adulações o que procura — replicou ela— Permita-me que diga que nem seu próprio filho poderia usar melhor seu elegante traje?

Gian não se moveu, mas seu prazer foi visível através de toda sua pessoa, do leve movimento do sapato até a profunda expansão de seu peito ao inalar.

—Não o diga minha querida senhora, se tanto cansaço lhe produz.

—Certamente estou cansada, Gian — disse ela mordiscando uma massa com descuido— Não me agrada manter uma conversa larga em excesso.

Ele se levantou com brutalidade e se dirigiu ao oratório, a pequena capela do pai de Melanthe em que a luz que entrava por uma estreita vidraça tingia de cor o altar e o crucifixo. A seu modo, Gian era bastante atrativo: quase vinte anos mais velho que ela e, entretanto, ágil como um jovem; um Allegreto, com a segurança que davam a idade e o poder. A gula não era seu pecado, e vivia com austeridade monacal, à exceção das modas no vestir que gostava de impor. Para aquele encontro tinha abandonado as sóbrias túnicas que lhe chegavam ao chão em favor da única cor dos Navona: meias e espartilho de cor branca. Frequentemente, Gian embelezava o fundo níveo somente com ouro, mas naquele momento usava umas flores primaveris bordadas, e as volumosas mangas eram mais largas que o próprio espartilho, que mostrava muito bem tanto as magras pernas como sua masculinidade.

—Conceda-me somente uma pequena descrição de seu calvário, minha amada — disse com um sorriso— Sua escolta procede de uma abadia, conforme me contam. Então, estiveste todo o tempo a salvo entre religiosos, enquanto nosso Allegreto se arrancava os cabelos, preso do desespero?

—Sim, assim é acaso não lhe contou isso?

—Parece haver-se tornado tímido — respondeu Gian, e se apoiou contra a arcada esculpida do oratório— Esconde-se clandestinamente, como suas raposas inglesas.

Melanthe não soube se benzia Allegreto por ser tão previdente, ou se pelo contrário temesse que Gian o tivesse interrogado e agora queria comparar os relatos de ambos.

—Sente muito medo de desagradar-lhe — alegou ela, o qual era uma descrição tão por baixo da realidade, que teve que devolver a Gian o sorriso com uma débil careta da boca.

—Mesmo assim, um filho não deveria esconder-se da justa ira de seu pai, ou o mundo se converteria na verdade em um lugar cheio de depravação, não lhe parece?

Ela o olhou com surpresa.

—Ira? O que tem feito?

—Falhar, minha querida senhora. Falhou-me por completo quando consentiu que lhe acontecesse essa calamidade, e não soube estar à altura das circunstâncias em outro

assunto que não vale a pena mencionar. Se encontrasse sua toca, não estaria de mais que dissesse a minha pequena raposa que atrasar a caçada só consegue enfurecer ao caçador.

—Se o que diz é que falhou na hora de me proteger, não esperaria que enfrentasse a uma horda de bandidos assassinos.

—Ah, já chegamos aos bandidos — disse Gian enquanto examinava o rosto pintado e dourado de um anjo que tinha esculpido na base do arco— Era uma horda numerosa?

Melanthe se encolheu de ombros.

—Suponho que o seria. Só sei que me despertaram de meu profundo sono e me vi obrigada a fugir.

—Fala sobre isso com muita tranquilidade, minha senhora! Acaso não sentiu medo?

Ela fez um ruído impaciente.

—Pois claro que não. Senti-me tão agradada que fiquei para lhes oferecer vinho e bolos! Seriamente lhe digo que não gosto de reviver essa experiência de novo somente para entretê-lo.

Gian se inclinou ante ela.

—Vos rogo que me perdoe. Mas terei que justicar a esses malfeitores.

—Já se encarregaram disso, acredite em mim.

Gian arqueou as sobrancelhas. Melanthe o olhou com frieza, desafiando-o a que se atrevesse a interrogá-la ou a insinuar que ela não exercia o poder em suas próprias terras.

—Há, chego tarde para resgatá-la e agora tampouco posso lhe vingar. Grande herói insignificante pareço. —bebeu o vinho quente de um gole— Com muita dificuldade posso me comparar com seu misterioso capitão verde, temo.

Melanthe se reclinou na cadeira e lhe dedicou um sorriso irônico.

—Certamente não é nem a metade de santo que ele.

—Santo? Disseram-me que é um cavalheiro de certa força e reputação.

—E o é. Só escolho o melhor para que me proteja.

—E onde se acha agora esse modelo de virtudes?

Melanthe levantou as mãos.

—Desconheço-o. Acredito que há uma grande mão que baixa do Céu e o sobe para que se sente entre as nuvens. Pode ser que ali ore e converse com os anjos, o qual não seria de se estranhar, já que suas palavras são muito puras para nascer na terra, asseguro-lhe isso.

—Inclusive quando compartilha leito com você, como tenho entendido?

—Leito? —Olhou-o fixamente, depois do que se pôs a rir— Suponho que se refere a aquela deliciosa casa de verão. Mas como se inteiraste daquela farsa? Foi ainda mais santo quando compartilhou leito comigo. Suas rezas fizeram que me zumbissem os ouvidos — acrescentou com uma careta.

Gian a observou durante uns instantes e, continuando, rompeu a rir a gargalhadas.

—Minha pobrezinha, que mal o passaste, verdade?

—Não pode nem imaginá-lo. Caí da garupa de seu repulsivo cavalo e me rompi a perna. Três meses tive que morar em um pequeno e frio priorado, rodeada de monjas! A abadessa mal falava francês, e só fazia rezar por mim. Meu cavalheiro e ela se entenderam às mil maravilhas.

Gian voltou a rir.

—Tenho que conhecer esse cavalheiro. E à abadessa também. Tais intercessões poderiam me economizar algum tempo no purgatório.

—Não seja tão acreditado, Gian. Em você esbanja as orações, igual em mim. Assim o disse à abadessa, embora ela não retrocedesse em seu empenho. Asseguro-lhe que Deus estava aborrecido de tanto ouvir meu nome.

Gian se aproximou lentamente à cadeira de Melanthe, e se deteve perto.

—Mesmo assim, algum presente ou recompensa terá que...

Ela se voltou e o olhou com irritação.

—Não esqueça que sou eu a senhora do lugar, e não preciso de seu conselho nem de sua ajuda.

—É obvio que não, minha doce senhora. Embora após ouvir suas tribulações e aventuras, acredito que não me agrada que cavalgue por aí sobre o cavalo de um

cavalheiro sem nome, nem que dele caia. Nem que compartilhe aposento com seu dono, por muito santo que ele seja. Fez sua vontade, e demonstraste seu respeito a Ligúrio e a seu rei, além de visitar suas posses. —Acariciou-lhe a bochecha— Acredito minha amada, que já é hora de celebrar nossos esponsais.

Melanthe contemplou a vidraça do oratório.

—Sim, Gian — disse enquanto se esforçava por respirar com calma— Já é hora.

Retirou-lhe com um dedo o véu de freira de seda, e percorreu com ele a mandíbula e a reveladora veia da garganta.

—Se ele a tocou com desejo, minha doce menina, é homem morto — murmurou.

Melanthe se levantou e se separou dele. Juntou ambas as mãos e esticou os braços para diante.

—Se esse homem alguma vez sentisse desejo, asseguro-lhe que morreria. E agora vos rogo que me deixe descansar, Gian. Dói-me o ombro. —Lançou-lhe um sorriso— E se me amar deixe em paz ao pobre Allegreto, meu senhor. Queria dançar com ele o dia de nossas bodas.

Capítulo 23

Saíram para caçar pássaros estivais com os falcões das damas; formavam um alegre grupo que atravessava os prados entre risadas e elegante diversão. Melanthe usava uma grinalda que Gian havia lhe presenteado. O gavião diminuto que ela levava não pesava mais que qualquer dos casulos do ramalhete, e se lançava com ferocidade sobre os tordos e as becadassas, para depois voltar a posar com eles sobre a luva, como se fosse uma delicada cortesã de olhos amarelos e selvagens.

Melanthe cavalgava junto a Gian com a mesma docilidade com a que o gavião retornava a sua mão. A estadia de ambos em Windsor se aproximava a seu fim. Ele já

tinha terminado de assinar tratados e fazer cessões: a licença do rei tinha ficado selada pelo preço de tão só dois dos cinco castelos de Melanthe, e tinha recuperado das mãos de Eduardo a renúncia a Monteverde em troca de uma soma princepesca. Hoje se entretinham com falcões; três dias depois começariam os festejos dos esponsais, que significariam uma semana mais de diversões, obséquios e trovadores. Continuando, Itália e as bodas. Gian não queria esperar mais.

Irritava-lhe que vivessem em residências distintas, mas Melanthe se mostrou inflexível nessa questão insistindo em que ele mostrasse uma conduta decorosa antes das núpcias. Gian ria e tentava enrolá-la, embora a conhecia muito para acreditar que Melanthe fosse entregar algo sem esperar nada em troca. Isso é o que pensava e dizia dela e, entretanto, desconhecia que em realidade Melanthe estava disposta a entregar tudo em troca de nada. Em troca do convento, que era o único lugar no que poderia livrar-se de fornicar com ele.

Enquanto jazia acordada de noite, como fazia sempre agora, Melanthe ria em silêncio até que a enorme ironia a fazia chorar. Aquele abominável convento, quando tinha atravessado regiões ignotas e até fogo com tal de evitá-lo. Mas não se atrevia a tentar escapar de novo de Gian enquanto seguissem na Inglaterra. Quando voltassem para a Itália, poderia refugiar-se na abadia que Ligúrio e ela tinham financiado. Tinha a promessa de Allegreto de que a ajudaria. Votos e mais votos, mentiras e mais mentiras, até esquecer-se de quem era em realidade, se é que alguma vez tinha chegado a saber.

Entre os presentes de bodas já havia três espelhos: de marfim esculpido, de sândalo e de ébano. Guardava-os no fundo da arca para evitar por descuido olhar-se neles e descobrir que não lhe devolviam nenhum reflexo.

—Que pena que seu gerifalte ainda esteja de muda, minha senhora — disse o jovem conde de Pembroke enquanto outros elogiavam o bom voo que tinha feito o falcão de Gian sobre um melro— Nos poderia ter proporcionado um grande dia.

—É mais leve este — respondeu Melanthe levantando sua pequena ave— E pensem em quão gorda estará Gryngolet quando chegar o outono.

Uma onda de risadas se estendeu por todo o grupo. Os spaniel tinham capturado um bando de codornas e um par de damas se aproximou. Seu triunfo se viu recompensado pelos cortesies aplausos de outros. Depois de discutir o que fazer com seus alforjes cheios, decidiram preparar um bolo de perdizes, cotovias e tordos que era típico dos criadores de gaviões. Separaram-se do sol poente e deixaram que os cavalos se dirigissem tranquilamente para Windsor e seu castelo, cujos estandartes mais altos mal se sobressaíam sobre as longínquas árvores.

A sombra que oferecia um estreito atalho fez que o grupo se desagregasse; Melanthe e Gian ficaram emparelhados à cabeça como se o tivessem feito deliberadamente.

—Parece uma inocente donzela com esses casulos — disse Gian com um sorriso— As flores lhes assentam muito bem.

—Parece-lhe isso? —respondeu Melanthe em tom zombador— Suponho que me adula deste modo para que quando lhe pedir diamantes lhe baste me dando margaridas.

Esperava que ele replicasse com algum comentário engenhoso em resposta ao dela, mas, em seu lugar, Gian inclinou a cabeça e a olhou com expressão séria.

—Jamais consente tributo algum a sua beleza, minha senhora. É pelas adulações ou por quem os faz?

—Por nenhum dos dois, mas sim por mim mesma. Donzela? Margaridas? Temo que seja muito ladina para acreditar em tão agradáveis lisonjas.

—Pois deveria minha senhora, já que são certas.

Ela o olhou de esguelha. A sombra de uma folha passou sobre o ombro coberto de veludo branco e o chapéu de turbante.

—Como, Gian? Acaso é isto amor?

Devolveu-lhe o olhar, que prolongou durante um longo momento, e respondeu com um sussurro:

—É possível que ainda não saiba?

Melanthe sentiu uma intensa angústia em seu interior. Gian não tinha adotado o tom fácil da galanteria.

—Em tal caso, teremos que anular nosso enlace — disse ela— O amor de nada nos serve se formos nos casar. A gente nos acreditará um par de burgueses!

—Expõem-me a uma confusão. Se o amor não for aceitável no matrimônio, tenho que entender que não sente amor algum por mim agora que estamos prometidos?

—Vão aos gregos em busca de lógica.

—E a uma dama em busca de amor. Não me ama querida minha?

Melanthe esporeou o cavalo para que trocasse mais rápido.

—Peça ao Cupido que lhe responda meu senhor — disse ela em tom ligeiro enquanto se afastava.

Melanthe se ergueu sobre a sela. O atalho se curvava ao descer para um vau. A luz do sol se filtrava entre as árvores e brilhava sobre a água, mas também sobre algo mais. Deteve o cavalo bruscamente.

Ao outro extremo do arroio esperava um corcel, todo pintado em verde. Seu cavaleiro levava posta a armadura e desembainhava a espada, que lançava brilhos prata e esmeralda como se fosse um sonho na metade do brilhante fulgor amarelo da tarde.

As negras fendas da viseira a olhavam em silêncio. Gian chegou atrás dela. Melanthe ouviu também aos outros, o ruído de cascos de cavalos que se detinham e as conversas intraccedentes que de repente se interrompiam.

O cavaleiro levantou a viseira. Melanthe sentiu a presença de Gian a seu lado e um forte estremecimento a percorreu.

—Minha senhora esposa — disse Ruck com uma forte voz que ressonou através do arroio que os separava— a teria deixado viver sozinha e afastada de mim. Nunca te teria envergonhado se tivesse renegado de mim por orgulho e posição. Mas é minha esposa, Melanthe, e juro ante Deus que não te deixarei fazer com outro homem nem viver com ele para nossa desonra.

Melanthe pensou em tornar-se a rir, ou a gritar, ou negar que conhecesse aquele homem. Teve as três ideias de uma vez, mas o único que disse foi:

—Que ninguém se aproxime dele. Está louco.

Horrorizou-lhe comprovar que aquelas palavras tinham saído cheias de firme convicção. Notou que os olhos de Gian iam de um ao outro. Ruck não se moveu.

—Diga-o se assim te agrada — afirmou com frieza— mas sabe tão bem como eu que não é verdade. Suplico que honre sua palavra e me obedeça. Deixa este lugar e esta companhia e venha comigo.

—Está louco — repetiu Melanthe, aturdida.

—Abra passo, néscio — disse Gian, que fez gesto de açular seu cavalo, mas ela o agarrou da manga.

—Gian! É perigoso.

Deve ter resultado muito convincente, pois Gian se deteve imediatamente enquanto Ruck os olhava com uma careta de sarcasmo na boca.

—Só quando se trata de defender sua virtude, minha senhora — disse enquanto a luz deslizava pela folha nua de sua espada— Não consentirei que seja sua rameira.

Uma das damas que havia atrás de Melanthe lançou um gemido de assombro. Gian deu um puxão da manga para escapar dela.

—Sujo vilão vou matá-lo por isso, esteja louco ou não.

—Lutarei encantado — respondeu Ruck.

Gian cuspiu sobre a terra.

—Caipira de baixo estofo — disse com ameaçadora tranquilidade— jamais mancharia minhas mãos com alguém como você, nascido sobre um montão de esterco. Afaste-se, louco, e corra tudo o que possa.

O cavalo de Ruck girou sobre suas patas e deixou passo no caminho bordeado de espessos arbustos.

—Pode passar se assim o deseja. E também o resto, salvo minha esposa.

Gian esticou o braço, agarrou as rédeas do cavalo de Melanthe e se meteu no arroio a puxando. Ao chegar à levantada borda, o branco corcel se plantou ante eles, lhes bloqueando o passo. A espada de Ruck caiu entre os dois cavalos, e ficou suspensa sobre o braço de Gian.

—Solte — disse com calma.

Gian fez gesto de rodeá-lo, mas então Hawk deu um violento coice a seu arreio, que pegou um coice para trás. Gian soltou as rédeas de Melanthe ao escorregar seu cavalo e tropeçar na borda do arroio. O gavião que levava pôs-se a voar. Nesse momento o conde de Pembroke cruzou a água ao ver isso.

—Fuja minha senhora! —gritou ao tempo que golpeava a garupa do cavalo de Melanthe.

O animal deu um salto para diante e se chocou com o de Pembroke ao passar, mas o corcel branco seguia bloqueando o estreito caminho. Ruck esquivou da adaga do jovem conde com o ombro, sem fazer uso da espada. O cavalo branco arremeteu com força contra o assombrado arreio de Pembroke, e deixou a arma fora de alcance.

—Passe — disse Ruck, ao tempo que levantava a espada e deixava um pequeno espaço ao conde— Nada tenho contra você, mas não pode levar a minha esposa.

—Louco arrogante, ela não é sua esposa! —exclamou Pembroke— Como ousa dizê-lo?

—Perguntem a ela — respondeu Ruck.

Melanthe notou que todos estavam pendentes dela. Para eles era uma diversão, um jogo mais, exceto para Gian, cujos olhos gotejavam uma silenciosa fúria. Melanthe sabia que ele o tinha suspeitado todo o tempo, mas tinha conseguido acalmá-lo e enrolá-lo. Agora, entretanto, ele já tinha a certeza. Não sobre as bodas, pois isso resultava muito incrível, mas, de todos os modos, seu olhar calculador ardia de ciúmes. Melanthe sabia que Gian não ia consenti-lo.

—Sou seu verdadeiro marido? —perguntou Ruck, que mantinha o cavalo firmemente controlado enquanto a olhava— Diga-lhe minha senhora.

Ela levantou a cabeça e o olhou aos olhos, a seus verdes e frios olhos, e viu que uma última e débil chama de confiança ainda brilhava neles. Estava-lhe pedindo que dissesse a verdade, já que não podia conceber nenhuma desonra. Não sabia quão profunda podia ser a traição. Estava armado, mas de uma vez indefeso ante ela. Melanthe negou com a cabeça ao tempo que soltava uma leve risada de incredulidade.

—É um simples caipira — disse— Nem sequer é um homem, salvo possivelmente em seus sonhos.

Os olhos de Ruck piscaram ligeiramente, e ali morreu o último rastro de fé. Sorriu, deixando seus dentes ao descoberto.

—Não responde a minha pergunta, minha senhora.

—Então deixa que minhas palavras cheguem com clareza a sua mente febril! — exclamou ela— Não sou sua esposa!

—Eu afirmo que sim o é, mas não se atreve a falar de acordo com sua consciência ou com a vontade de Deus por medo a ser vítima de mais maldades —respondeu Ruck com firme convicção— Declaro que estivemos no feudo de Torbec em meados de janeiro, nos aposentos sobre o grande salão, e que ali disse que tomava nesse momento como seu legítimo marido se eu a aceitava, para me honrar e me amar, no bom e no mau, na saúde e na enfermidade, até que a morte nos separasse, e me deu sua palavra de que assim o faria. E eu disse que te aceitava, e fiz a mesma promessa de matrimônio e ainda mais, pois te entreguei tudo o que tenho coisa que você não fez em troca nem eu te pedi. Não tinha anel nem grinalda que te pôr, mas jurei tudo com a mão direita. E fazemos juntos e gozamos um do outro sobre o mesmo leito no que pronunciamos nossas palavras, para selar assim nossos votos, e depois eu pus-me a chorar.

—Um bonito sonho, na verdade! —disse Melanthe.

—Não é nenhum sonho — respondeu Ruck— a não ser a verdade do que entre nós ocorreu. Vivemos como marido e mulher, e a última vez que fazemos juntos foi antes que me abandonasse para ir a Bowland, a véspera dos festejos de maio.

Estava produzindo nas testemunhas o efeito desejado, já que lhes apresentava uma lista detalhada e racional de feitos, e não as alucinações de um louco. Melanthe viu que a expressão de Pembroke passava da incredulidade à surpresa, e que olhava Gian para comprovar como reagia.

—Morrerá! —O grito de Gian reverberou na água e nas árvores— Filho de puta, quem te paga para que diga tais coisas?

Imediatamente, Ruck o olhou como se fosse um lobo que ao fim tivesse divisado sua presa. Fez um varrido sibilante com a espada e ficou em guarda.

—Nem minto, nem falo por dinheiro. E filho de puta não sou, mas te matarei gostosamente por tal afronta.

—Não! —exclamou o conde, ao tempo que esticava o braço para detê-lo— Senhor, dom Gian não vai armado.

Sem duvidá-lo, Ruck deu a volta à espada e a ofereceu a Pembroke. Quando o conde agarrou o punho, Hawk levantou seus grandes cascos e se moveu de lado até roçar o cavalo de Gian. Este não se intimidou, mas sim, pelo contrário, atirou uma punhalada em direção ao olho de Ruck com sua adaga envenenada. Durante uns instantes lutaram, até que Ruck pôde agarrar Gian pelo pulso enquanto os cavalos chapinhavam em círculos.

Hawk se equilibrou de lado contra o arreio de Gian, e seu maior tamanho fez que o outro cavalo cambaleasse em busca de maior segurança, ao tempo que Ruck levantava o braço de Gian por cima da cabeça. Como um lento aríete, o cavalo de combate obrigou ao outro mais leve a mover-se e a cambalear-se no arroio. Gian conseguiu escapar e saltou sobre Ruck, apontando com a adaga para sua cara enquanto seu cavalo caía derramando muita água.

A água salpicou em Melanthe ao tempo que seu arreio retrocedia. As damas gritaram obstinadas às rédeas e a seus falcões de caça. Gian tinha uma perna apanhada sob o cavalo, mas o animal conseguiu com grande esforço ficar em pé, levantando uma brilhante cortina de água ao fazê-lo. Melanthe rastreou frenética a cara de Ruck, temerosa de ver algum arranhão envenenado entre as sombras do elmo, mas não havia rastro algum de sangue. Quão único viu foi sua dura expressão quando devolveu o olhar.

Melanthe se deu conta de que isso era o que Ruck tinha procurado desde o começo. Não se tratava de lhe ordenar que se fosse com ele, mas sim de fazer que Gian terminasse assim, jorrando e irremediavelmente humilhado após haver-se visto desafiado a combater e perder.

—É minha esposa — disse Ruck enquanto Gian ficava em pé no meio do arroio— Não voltará a vê-la nem a tocá-la.

—É um embusteiro e um maldito vilão. —A Gian cedeu a perna e caiu sobre um joelho, mas nem sequer o espartilho empapado diminuiu o orgulho e a fúria de sua resposta— Arrancar-te-ei sua desprezível vida.

—Fale quando, e venha armado.

Gian conseguiu incorporar-se.

—Terá minhas notícias por um mensageiro.

—Espero-o em Ospridge, em Colnbrook. —Ruck atirou a adaga de Gian à água. Fez Hawk dar meia volta e subir à borda; ali se deteve junto a Melanthe— Por cortesia não espero que minha senhora me visite em uma vulgar estalagem.

—Louvada seja a Virgem! Não te visitaria nem no palácio de Westminster, pobre caipira iludido. —O cavalo de Melanthe fez uma pirueta— Vá-se daqui. Gian, sua ave posou nesse carvalho... —Esporeou o arreio ao tempo que fazia gestos aos encarregados dos gaviões que tinham assistido atônitos a toda a cena enquanto seguravam aos cães— Rápido, devemos agarrá-la antes que nos escape.

Todas as cidades e os povos das cercanias do castelo de Windsor se enchiam de gente quando o rei estava nele. Durante uma quinzena, Ruck tinha se sentado em botequins e tinha escutado as conversas de tabeliães, escudeiros e cavalheiros. Tinha ouvido tudo: que aquele nobre italiano ia se casar com ela; os entendimentos que tinha obtido em suas negociações com a voraz querida do rei e os favoritos desta; onde se alojava, e a frequência com que visitava lady Melanthe em seu refúgio de Merlesden. O próprio Navona residia a mais de uma légua de distância, na cidade que havia junto ao castelo. Se não o fizesse, pensou Ruck, já estaria morto. Um ar quente, que cheirava ao pó da rua, entrava na estadia do piso de cima da estalagem. Ruck estava sentado com os pés sobre o batente. De sua habitação podia ver Merlesden, uma esplêndida fortaleza de pedra branca situada na ladeira de uma colina cheia de árvores, ao outro lado dos prados. O sol brilhava em suas numerosas janelas.

Ele odiava aquele lugar. E odiava a ela com uma firme e implacável sanha que enchia seu coração e seu ânimo de frio empenho.

Não ia consentir que Melanthe se burlasse dele, que o desprezasse como se não existisse. Não conseguia imaginar quanto tempo tinha estado planejando-o; só sabia que ela o tinha enganado com suas artimanhas, e que ele tinha estado tão eufórico e feliz que não havia sentido a necessidade de coagi-la. Ou pode ser que não o tivesse planejado, mas sim tão só se inteirou de que seu grande amor, esse dom Gian, esse cavalheiro italiano, pai de seu mulherengo apaixonado, tinha ido por ela, em uma demonstração de vício inimaginável, e ela se esqueceu de tudo, salvo de advertir a Ruck de que não se acreditasse dono de sua pessoa e de que se sentia envergonhada dele.

Baixou as pernas ao chão, ficou em pé e andou por toda a estadia como tinha feito nas torres de Wolfscar. Ela o tinha chamado louco, e na verdade quase tinha enlouquecido quando Melanthe o abandonou, perdido durante não sabia quanto tempo em si mesmo, preso de uma ira feroz, de maneira que nem sequer era capaz de falar quando se dirigiam a ele.

Sabia que ainda não tinha recuperado seu são julgamento, e não lhe cabia a menor dúvida de que ela se sairia com a sua. Já não queria que Melanthe voltasse, nem tampouco a desejava. Nem sequer tinha o mesmo aspecto que ele recordava. A muito bruxa tornou a se transformar: estava mais magra, mais delicada e esbelta, como um espírito fantasmagórico vestido com ricas roupas; quando seus olhos se encontraram viu seu olhar intenso mas morto. Suas flores eram uma grande burla, pois aqueles casulos virginais adornavam a uma rameira.

Ruck pôs as mãos sobre os painéis pintados e apoiou a testa na parede. Ouviu o som de sua respiração.

Queria matá-la como ela o tinha matado, mas teria que conformar-se acabando com seu elegante paladino. Já fosse por mediação da Igreja ou em duelo, liberá-la-ia dessa relação. Sua loucura por protegê-la fazia que tivesse a razão dividida, como se fosse dois homens de uma vez: um que ardia e o outro que era puro gelo, o qual não deixava de ser uma bênção.

Tinha consultado o direito canônico, tinha exposto seu caso ao bispo e tinha jurado solenemente que dizia a verdade. À manhã seguinte, ela teria notícias disso, e possivelmente os grandes preparativos para os esponsais que estava fazendo seu senhor estrangeiro se iriam ao traste. Ruck inclusive tinha encontrado sua armadura verde, que lhe tinham roubado em Wyrle e que tinha recuperado mediante pagamento a um armeiro de Chester. Faltava à esmeralda, mas ainda podia utilizar-se. Tinha ecolhido o momento e o lugar com supremo cuidado, para falar diante de testemunhas que não demorariam nada em contar o acontecido, tanto na corte como por toda a comarca.

Se atrevessem a seguir adiante com os esponsais, já se encarregaria ele de que lhes amargurassem.

O secretário canônico o tinha aconselhado que afirmasse que Melanthe não podia falar livremente por medo a alguém que tinha perto, o qual era um truque para rebater a previsível negativa dela. Ruck duvidava muito que Melanthe tivesse temido alguma vez a algo, nem sequer ao próprio Inferno, mas era consciente de quão útil podia lhe ser aquela mentira. Também tinha entregado um escrito ao secretário para que o pusesse a salvo, se por acaso tentavam detê-lo sob a acusação de engano e falsidade; nele tinha incluído os nomes de algumas pessoas que estariam dispostas a atestar em seu nome. Confiava em Melanthe tanto como em uma víbora que aparecesse em sua cama.

Levantou a cabeça ao ouvir o galope de um cavalo no caminho. Levava dois dias esperando o emissário de Navona. Voltou-se rapidamente para escutar se o cavaleiro se detinha, mas o som dos cascos não diminuiu. O cavalo passou sob sua janela.

Um objeto pálido entrou pelas portinhas abertas, surpreendendo Ruck. Era um pequeno saco de cor branca que caiu ao chão com um golpe seco, enquanto o cavalo seguia sua corrida.

Recolheu-o, soltou a corda e o derrubou sobre a mão, em que caíram várias pedras e uma folha dobrada.

Durante um instante, seu coração voltou a encher-se de esperança, mas se desvaneceu assim que desdobrou a folha e viu que estava escrita em francês. Nunca lhe

escreveria nessa língua se o fazia com boa intenção. Além disso, nem seu nome nem sua assinatura figuravam na nota, que tão só dizia: «*Cuidado com o vinho*».

Esfregou o papel enquanto seguia segurando-o. Não havia indicação alguma de que fosse dela, mas tinha que sê-lo. Quem se não...

De repente caiu na conta. De certa distância tinha visto que Desmond também estava no lugar, em companhia de Allegreto e uma multidão de galãs aduladores e damas risonhas, vestido com uma túnica curta com ricos bordados e arremates em pele. Ela também tinha pervertido Desmond, mas ao moço ainda ficava a suficiente fé para adverti-lo de que ou sua esposa ou o amante desta iam tentar envenená-lo.

Lançou uma pequena gargalhada enquanto rasgava o pergaminho e atirava os pedaços. Quando ao fim apareceu o emissário de Navona, com uma ampola de vinho e a notícia de que, ao haver quebrado dom Gian o tornozelo quando lhe tinha caído o cavalo em cima, este preferia que lutasse um paladino em seu nome em vez de atrasar o duelo, Ruck não bebeu para selar o acordo.

Assim que um paladino. O muito covarde podia esconder-se atrás de seu vinho envenenado e seus paladinos tanto como quisesse, mas não ia conseguir Melanthe.

Ruck deu o vinho a taberneira e disse que o usasse como veneno para os ratos. À manhã seguinte, a mulher lhe agradeceu porque tinha resultado do mais eficaz.

O paladino ia chegar de Flandes. Ruck se inteirou quando foi ao campo de justas exercitar-se e se encontrou com numerosas ofertas para combater.

Esteve brigando nos campos de batalha toda a manhã. Pelo geral, não havia nunca um número tão elevado de cavaleiros que queriam enfrentar a ele, mas se alegrou da frenética atividade. Os festejos pelas núpcias não se suspenderam; iam seguir adiante em Merlesden, depois de realizar uma promessa no pórtico da igreja. O secretário canônico lhe tinha assegurado que o sacerdote diria «*se a Santa Igreja o consente*», precaução em que Ruck podia confiar para proteger seus interesses, mas de todas as formas, derrubou um cavaleiro de sua cadeira com um pau de madeira quando a cara do Navona lhe veio à mente.

Assim, agora tinha que conseguir que proibissem as admoestações. Não teria que levantar-se na igreja ele mesmo e opor-se, pois o secretário já estava trabalhando para apresentar sua reclamação e, ao menos até que tivesse sido investigada, não poderiam seguir adiante com os esponsais. A Ruck irritava ter que apresentar-se ante aqueles bispos e secretários, mas era um ritual pelo que tinha que passar. Embora não esperava sair-se com a sua. Melanthe o negaria tudo ante o bispo, como o tinha negado a ele à cara, e então seria sua palavra contra a dela. Só tinha uma forma de demonstrar que dizia a verdade, e era com a espada.

Desmontou e se dispôs a tomar uma chaleira de água que um pajem correu a oferecer, mas então duvidou e deixou que a água caísse ao chão, depois do que chamou a outro aguador que estava fora dos campos de batalha.

—Um bastardo cauteloso! —bramou um cavaleiro que se deteve ao seu lado, um forasteiro com acento do sul— Até estes vilãos fedidos andam com cuidado.

Ruck não lhe fez caso e se agachou para beber do balde com as mãos.

—Diga-me, miserável trapaceiro, quanto dinheiro espera obter por renunciar a seu ridículo conto? Diga-me isso e levarei a mensagem a dom Gian para te economizar o trabalho.

Ruck se incorporou.

—Se vier em nome de Navona — disse com calma e clareza— lhe aconselhe que economize a prata com a que pagará ao homem que morrerá em seu lugar. —secou o rosto com um trapo— Já que é muito covarde para lutar por si mesmo.

—Está ferido, vilão.

Ruck olhou ao cavaleiro e sorriu.

—Agradar-me-ia esperar, mas temo que seu tornozelo não tenha valor suficiente para recuperar-se logo.

O forasteiro olhou à multidão que se congregou ao redor deles e, com toda intenção, cuspiu a Ruck.

—Luta comigo! Agora!

Ruck limpou a armadura com o trapo, que logo atirou ao chão.

—Com o maior dos gostos, filho de uma cadela de rua.

Dirigiu-se para Hawk e lhe apertou a cilha. Imediatamente, os espectadores se dividiram e os pajens e escudeiros se apressaram a provê-los de elmos e espadas de aço em lugar dos paus de madeira que usavam para exercitar-se. Um escudeiro de gordos dedos lhe ofereceu um elmo, mas caiu antes que Ruck chegasse a tomá-lo. Quando ambos se agacharam para recolhê-lo, o escudeiro sussurrou:

—Seu amigo diz que tome cuidado com a espada.

Ruck levantou a cabeça para olhá-lo. Era um desconhecido que, depois de uma rápida reverência, desapareceu entre a multidão. Uma rápida olhada aos espectadores que se alinharam ao longo dos campos de batalha permitiu Ruck comprovar que nem Desmond, nem nenhum outro amigo estava ali. Não obstante, todos pareciam estar de sua parte, e o animaram com vigor quando montou. Observou a espada que lhe tinham dado e passou a luva pelo fio, que cintilou de cima abaixo. Não podia ver nenhum defeito, mas não era tão parvo para arriscar-se. Assim, pediu outra espada e, quando estava entregando à primeira, viu-o: um leve e quase imperceptível entalhe de outra cor no metal.

—Quem me deu isto? —gritou em inglês. Sustentava a espada por cima da cabeça, refreou ao cavalo o fazendo riscar um círculo e logo o esporeou para o boneco de prática— Quem me deu uma espada imprestável? —acrescentou depois do que golpeou com violência o boneco de práticas com a parte plana da folha. Esta se rompeu, e uma metade voou pelo ar até cair em terra, onde levantou uma pequena nuvem de pó. — Todos são testemunhas de que me incitaram a combater sem que estivesse em meu ânimo fazê-lo, e de que me deram isto para lutar — disse enquanto olhava a todos os rostos que o contemplavam— Hoje estou vivo e inteiro, mas, se morrer antes de demonstrar minha verdade frente à calúnia do Navona, vos rogo que por sua honra esclareçam as causas de minha morte. —Atirou o punho quebrado e fez que seu arreio se dirigisse à cerca— Não penso brigar com um trapaceiro dom ninguém.

Todos vaiaram com força. Ruck supôs que o faziam contra ele, até que chegou ao corrimão e os presentes passaram debaixo dela para entrar correndo nos campos de

batalha. Quem o tinha desafiado não conseguiu chegar à cerca, já que a exaltada multidão o derrubou do cavalo, depois do que lhe arrebataram tanto o elmo como a espada para poder espancá-lo melhor.

Ruck os observou durante uns instantes enquanto sentia o impulso de pôr fim a aquela desordem. Não estava seguro de que aquele homem tivesse estado por trás da espada trocada. Mas então um montão de moços se fez com as rédeas de Hawk, ao tempo que um grande número de escudeiros e pajens o escoltavam até o outro lado da cerca. Recordou o acento estrangeiro e o cuspir intencional de seu rival, e lhe deu as costas.

Deu-se conta de que o escudeiro de largos ombros que lhe tinha dado o aviso caminhava a seu lado com a mão no estribo. Quando desmontou, o homem lhe agarrou o escudo e o elmo com acostumada experiência.

—A quem serve?—perguntou-lhe Ruck em inglês.

O outro se inclinou ante ele.

—Meu bom senhor sir Henry de Grazely morreu em Pentecostes, que Deus o tenha em sua glória. Após não tenho amo.

Ruck franziu o cenho.

—Quem te falou em qualidade de meu amigo?

—Não sei senhor, mas se assim o quer, posso buscá-lo. —Olhou Ruck com uma expressão sóbria que não conseguia dissimular um vislumbre de esperança— Chamo-me John Marking. Minha senhora lady Grazely pode escrever uma carta dando fé de mim se necessitar um humilde escudeiro, meu senhor, ao que Deus guarde muitos anos.

—Que a escreva — disse Ruck enquanto lhe entregava as luvas.

A pedido do arcebispo, Ruck se ajoelhou junto a seu secretário canônico na estadia que o prelado ocupava em Windsor. Escutou o secretário enquanto expunha seu caso, como tinha feito ante o sacerdote, o arqui-diácono e o bispo. Quando teve terminado, o arcebispo permaneceu em silêncio durante uns instantes; depois pediu para falar com Ruck a sós.

—Sente-se aí — disse o prelado assinalando um banco enquanto sustentava todos os dossiês, escritos em latim, e os estendia na mesa que tinha ante ele— Não é esta uma causa em que habitualmente interviria, mas desde que cheguei aqui não ouvi falar mais que do insólito caso do cavalheiro desconhecido que afirma estar casado com a condessa de Bowland, quem por sua parte afirma não está-lo.

Ruck não disse nada. Sentou-se muito erguido enquanto contemplava a mitra bicuda e adornada do arcebispo, que este tirou e tinha deixado sobre a mesa antes de começar a rebuscar entre os papéis.

—Apresenta sua demanda com grande ardor, embora não contribua com prova alguma — murmurou enquanto lia — Claro está que, conforme me informam, a viúva herdou uma grande fortuna.

—Seu muito ilustre — disse Ruck— nem quero sua fortuna nem jamais a quererei.

O prelado percorreu uma linha com o dedo.

—Em efeito, assim o atestaste, que renuncia a suas posses. Entretanto, esse matrimônio não lhe reportaria desvantagem alguma, pois você não tem propriedade ou lugar a seu nome. Quem é, e de que condado?

—Muito ilustre, fiz voto solene de não proclamar ao mundo meu nome verdadeiro até provar minha valia. Pu-lo por escrito, e aí está o documento selado — disse assinalando com a cabeça os pergaminhos— O duque de Lancaster é meu dono e senhor. Seis cavalheiros de bom nome dão fé de que não sou nem um traidor nem um proscrito, a não ser um bom cristão que está disposto a defender a paz.

O arcebispo fez um gesto de irritação com a mão.

—Ao Senhor lhe agradaria muito mais que os jovens cavalheiros como você não fizessem esses votos extravagantes e inúteis tão à ligeira. Não obstante, deve manter a palavra que juraste. Mesmo assim, sua obstinação a não dizer toda a verdade parece razão suficiente para suspeitar que atrás de suas pretensões se ocultem motivos interessados e vis.

—Seu muito ilustre, quão único pretendo demonstrar é que a princesa Melanthe é minha esposa ante Deus, e que nenhum outro homem poderá desposá-la enquanto eu siga vivo.

O arcebispo tamborilou com os dedos sobre os papéis. Um intenso raio de luz entrava por uma janela ogival e, ao incidir na mesa, alargou a sombra da mão.

—Você afirma que a princesa Melanthe lhe desposou sabendo seu verdadeiro nome e lugar de procedência.

—Sim, meu senhor. Morou em meus domínios de fevereiro a maio.

O prelado franziu o cenho enquanto o olhava pensativo.

—Conte-me com suas próprias palavras o que aconteceu.

A essas alturas, Ruck já tinha narrado a história muitas vezes. Relatou-o tudo, do momento em que Lancaster o tinha despedido até chegar ao leito de Torbec. O arcebispo não o interrompeu em nenhum momento para fazer perguntas, tal como tinham feito os outros, mas sim se limitou a escutar enquanto repassava os papéis de vez em quando. Quando Ruck terminou, disse:

—Meu filho temo que tenha sido enganado por uma mulher malvada e lasciva. Se aqueles que estiveram presentes em Torbec pudessem atestar ter presenciado os votos, tudo seria distinto. Não digo que minta, mas não conta com provas.

—Se eu não mentir, ela é minha esposa — disse Ruck— e não pode casar-se com outro.

—Eu a vi. Falei-lhe com toda claridade, e lhe recordei que sua alma poderia condenar-se. Mas nega o que diz com grande veemência, assim como que ambos folgassem.

Ruck levantou a cabeça surpreso. Não sabia que ela já tivesse contado sua versão. Não obstante, não se incomodou em repetir ao bispo que Melanthe falava sob coação. Três vezes em igual número de semanas, Ruck tinha recebido avisos de seu «amigo», e as três vezes tinha vivido para poder apreciar seu valor. Debatia-se entre a crença de que sua esposa tentava assassiná-lo e a esperança de que ela estivesse por trás daquelas advertências que tinham salvado sua vida. Negou com a cabeça.

—Muito ilustre, ela é minha esposa e não pode casar-se com outro. Não minto, juro-o por minha alma ou por qualquer outra coisa que requeiram de mim, embora, por dizê-lo, dom Gian Navona me acuse de falsidade e engano. Defenderei minhas palavras com as armas contra ele no campo de batalha, com a vênua dos juizes da corte do rei, e com a de Deus se você me conceder isso, honrado pai.

O arcebispo arranhou a testa enquanto lia de novo o papel que tinha ante si.

—Ele não vai lutar, mas sim envia a um paladino.

—Tem o tornozelo quebrado, senhor.

O prelado soltou uma ligeira gargalhada.

—Há. Deus em sua infinita sabedoria impede o encontro direto entre ambos, para assim evitar que lhe acusem de um crime que aplaina o caminho para chegar a sua prometida.

—Não é sua prometida, a não ser minha esposa, meu senhor.

—Mostra o mesmo ardor que empregou a princesa para negá-lo tudo —disse o arcebispo— Mas, se disser a verdade, então ela se casou sem a permissão do rei e agora está prometida a um grande nobre. Muitos homens e mulheres, casados como Deus manda têm quebrado seus votos por menos. —reclinou-se e arranhou o nariz— E quando eu lhe perguntei onde tinha estado os meses de fevereiro a maio, teve a impudícia de dizer que tinha estado tão imersa em suas orações que não recordava o lugar. —Arqueou as sobrancelhas— Não estou muito convencido de que uma mulher assim possa resultar benéfica para seu espírito, meu filho em Cristo.

Ruck sabia que não podia sê-lo. Sabia que de seu espírito só ficavam farrapos sanguinolentos. Não obstante, inclinou a cabeça e disse:

—Bom pai, é meu desejo honrar os laços do santo matrimônio.

Não se atreveu a levantar o olhar por medo de que aquele homem de Deus visse quão profundo era o fel que havia nele. Ouviu o roce da pluma quando o arcebispo fez uma anotação na margem do documento.

—Vou proibir as admoestações e atrasar a reunião do tribunal canônico até conhecer o resultado do duelo — disse o prelado— Se Deus tiver a bem decidir que triunfe em

sua defesa ante a acusação de falsidade, ficará claro que entre dom Gian e você o peso da verdade cai de seu lado. O tribunal o terá muito em conta. Mas se resulta vencido, e Deus em sua infinita misericórdia vos conserva a vida, proíbo-lhe, ao ficar provado seu engano, que volte a apresentar demanda alguma ante a Igreja. Em ausência de testemunhas terrestres, que seja o Espírito Santo quem nos guie.

Quando saíram dos aposentos do arcebispo, o secretário canônico ia exultante de alegria enquanto John Marking, com o empenho de um boi, abria-lhe passo entre a multidão que se congregava no pátio. Mas até ele teve que deter uns instantes quando soaram os chifres e um opulento cortejo entrou pelas portas.

O júbilo de Ruck se desvaneceu imediatamente. Atrás das tropas de vanguarda, vestidas de arroxeadado, ia Melanthe cavalgando junto à Navona, a quem não parecia lhe causar muitas moléstias o tornozelo ferido. As roupas dela eram vermelhas e douradas; as dele, brancas. Seguia-os um alto cavaleiro, armado, a cavalo e acompanhado de um escudeiro. Sem dúvida se tratava do paladino flamenco, que não deixava de olhar a seu redor com grande interesse. O resto de seus acompanhantes ia atrás. A Ruck resultou estranho contemplar seus rostos familiares naquele entorno: Allegreto, as damas de companhia, e Desmond, com libré e luvas em apesar de estar em pleno verão, que ia ao lombo de um elegante palafrén em atitude de arrogante aborrecimento.

—Este aí! —exclamou de repente John inclinando-se para Ruck — Esse é seu amigo, senhor, que me advertiu da espada.

Ruck olhou Desmond, tão familiar e de uma vez tão desconhecido com toda aquela elegância.

—Cavalga em quarto lugar — disse John entre as vivas e protestos que foram aumentando— e é o primeiro dos que vão vestidos de branco. Jovem e arrumado.

Enquanto a comitiva se detinha, Ruck olhou a roupa arroxeadada de Desmond e depois ao primeiro cavaleiro com a libré branca do nobre italiano. Era Allegreto.

—De branco? —perguntou.

Justo nesse momento, Allegreto percorreu com olhar lânguido a multidão e olhou diretamente a Ruck. Sem que seus escuros olhos mostrassem nenhuma expressão, desembainhou a espada e ficou a examinar a folha.

Ruck se deu conta de que um espaço se abria a seu redor. Alguém o empurrou de trás. O cavaleiro flamenco tinha desmontado, e de repente ninguém se interpunha entre eles. Parecia morar um enfrentamento e os que os rodeavam começaram a gritar «São Jorge! São Jorge!».

O paladino era alto e vários anos mais jovem que Ruck. Com um sorriso de deleite observou a quão ingleses animavam e fez uma reverência com o toque justo de brincadeira, como se fosse a ele a quem aclamassem, o qual fez que redobrassem os gritos.

Ruck estava sozinho, sem mais companhia que John. O flamenco o examinou e, continuando, saudou-o com uma cortês inclinação de cabeça. Ruck a devolveu e olhou para onde estava Melanthe, sentada sobre seu palafrén negro. Apesar de que todos os olhos estavam pendentos de Ruck e do homem contra o que ia lutar, ela desmontou como se nenhum dos dois existisse e começou a afastar-se em direção contrária a de Ruck. Seu prometido italiano a agarrou pelo braço; tão somente coxeava levemente enquanto a conduzia para a grande torre de entrada aos aposentos reais. O cavaleiro flamenco saudou Ruck e voltou para segui-los.

Ruck tinha se preparado para o primeiro encontro com Melanthe junto ao vau: armou-se de ódio e determinação. E tinha querido ter testemunhas. Mas nessa ocasião, gostava tanto ter testemunhas como que todo mundo visse como um leão lhe arrancava o coração do peito.

Ela o tinha negado. Ante ele, ante a Igreja e ante toda a corte. E Desmond, que em nenhum momento tinha olhado Ruck nem se deteve para dizer algo, tinha presenciado a cena. Isso era o pior de tudo.

—Esse louco me espreita — murmurou Melanthe antes que Gian tivesse ocasião de mencioná-lo.

Ele sorriu e lhe deu uns tapinhas no braço.

—Afaste-o de sua mente — disse.

Melanthe se deteve no passadiço da torre de entrada e baixou a voz, entre ecos de passos e conversas, para dizer em italiano:

—Gian, vos rogo que não faça que o mate antes desse maldito duelo. Nem tampouco depois, ou jamais o deixarão partir deste maldito país.

—Alarma-se sem motivo, querida minha — respondeu Gian enquanto dirigia um rápido olhar a Allegreto— Confie em mim e não diga nada mais.

—Gian, você não entende os ingleses! Se ele morrer de outra forma que não seja durante o duelo, você pagará as consequências. Que os homens de leis se encarreguem de lhe dar uma compensação. Ou do contrário...

—Hei dito que não fale dele — disse Gian lhe apertando o braço e obrigando-a a seguir caminhando lentamente.

—Tão somente...

—Minha querida princesa, se disser uma só palavra mais, ver-me-ei obrigado a acreditar que suplica por sua vida porque ama a esse pobre diabo.

Melanthe suportou o férreo apertão sobre o braço sem pestanejar.

—Meu querido Gian — disse— se não me fizer conta, ver-me-ei obrigada a acreditar que é um grande néscio.

—Seriamente? —replicou ele olhando-a de soslaio— Mas o certo é Melanthe, que eu não acredito assim.

Capítulo 24

Dentro da tenda o ruído dos espectadores ficava reduzido a um murmúrio uniforme acompanhado de música, dos ares favoritos do rei. John se ajoelhou ante os pés de Ruck

para ajustar as esporas. A armadura verde tinha sido polida e arrumada, as amolgaduras alisadas e os tachos de prata renovados.

Ruck levava as cores de sua dama, mas ia à luta sem conhecê-la em realidade. Representava Melanthe o verde e prata de Monteverde, ou o vermelho e ouro de Bowland? Era sua assassina, ou estava tentando salvá-lo? Mantinha sua estadia em Wolfscar em segredo para protegê-lo, ou para descartá-lo como um mero aventureiro sem nome? Tinha enviado Allegreto com os avisos, ou seu garotinho mulherengo a tinha traído?

Não sabia se Melanthe queria que ele vencesse para liberá-la, ou se desejava que morresse para ficar livre. Não sabia.

Negou com a cabeça para afastar todas aquelas fantasias da mente. Claro que sabia. Se o queria, quão único tinha que fazer era dizer a verdade.

Abriu-se a cortina e entrou rapidamente Allegreto, que fechou o tecido de seda atrás de si.

—Só disponho de um momento — disse em voz baixa— Meu pai não pode suspeitar que vim. Hã dito ao flamenco que não suporta os golpes na cabeça. Tome cuidado com o capacete.

Imediatamente John agarrou o elmo. Reluzia com o novo brunido enquanto lhe dava voltas para inspecioná-lo. Não se via nada na superfície. Levantou a viseira para comprovar as dobradiças e depois passou a mão por cima da parte curva de fora. De repente lançou uma exclamação e, depois de agarrar sua adaga, rachou o forro acolchoado e procurou no interior.

—Por Cristo! Olhe meu senhor — disse levantando a folha.

Havia umas escuras aparas retorcidas, de tom azulado, sobre a reluzente superfície. Ruck as fez cair sobre a palma de sua mão.

—É chumbo.

John deu um golpe ao elmo com o punho da espada. Fez uma amolgadura no aço, que era muito brando para suportar nem sequer um tapa. Arrancou o forro de couro de dentro e explorou o interior com os dedos.

—Aqui está — disse, assinalando a parte de dentro— Toque e notará a diferença, meu senhor.

Fizeram o emplastro com grande maestria, e o haviam coberto por fora com uma capa de metal mais fino. A tara era invisível, mas, ao passar os dedos por dentro e por fora de uma vez, Ruck notou a leve diferença de acabamento nas bordas e a distinta grossura. Era muito tarde para encontrar outro elmo.

—Terei que usar o elmo grande e uma touca de malha — disse.

—Meu senhor, isto já é muito! —exclamou John— Comunique ao marechal de campo.

—Não — respondeu Ruck em voz baixa, depois do que olhou Allegreto. O jovem inclinou a cabeça com um sorriso nos lábios que não chegou a alcançar seus escuros olhos— Por que me ajuda?

Allegreto enroscou uma mão no pau que sustentava a tenda e examinou o anel de rubi que levava.

—Foi amável comigo em uma ocasião — disse com uma breve gargalhada, encolhendo-se de ombros— e eu não o esqueci.

—Quem tenta me matar?

—Se empenhar-se em causar problemas, tentá-lo-ão muitos.

—Sua senhora? —perguntou Ruck com voz trêmula.

Allegreto arqueou as sobrancelhas.

—Mostre um pouco de inteligência, homem verde.

Ruck sentiu que se afrouxava uma tensão nos músculos que antes não tinha percebido.

—Então é ela quem te envia.

—Acaso tem que me enviar alguém? —replicou o outro com um sorriso— Estou aqui porque gosto de você, Cavaleiro Verde, por que se não ia fazê-lo? —balançou-se se agarrando ao poste e se deteve— Tome cuidado — acrescentou antes de desaparecer.

O ruído ressonava na cabeça de Ruck. Primeiro sentiu dor, uma espécie de brilhante arco que lhe atravessava o cérebro, e depois o estrondo do metal se converteu em uma

tortura para seus ouvidos. Cada vez que parava uma cutilada, o som metálico se armazenava em suas orelhas e aumentava a pressão em seu interior até que o rugido da multidão e os próprios golpes se converteram em algo longínquo. Só ouvia a si mesmo ofegando, inalando ar quente através das aberturas do elmo. Tudo o via negro, à exceção do adversário que tinha ante ele, e sentia unicamente as violentas investidas quando não podia esquivá-la.

Apesar do cheio acolchoado, seu grande elmo se movia cada vez que recebia um golpe, lhe obscurecendo a visão durante um instante. O flamenco não se aproveitava disso; lançava seus ataques uma e outra vez à cabeça de Ruck, e só em contadas ocasiões trocava o alvo de seus golpes. Aquele intenso arremesso deixava desprotegido o lado de seu corpo que o escudo não cobria, mas descarregava as cutiladas com tal rapidez que Ruck estava muito ocupado parando-as para poder atacá-lo por aquele lado. Se o elmo não o cegasse a cada instante, já teria conseguido sortear aquela inundação de golpes e mandar seu rival a terra, mas não se atrevia a deixar a cabeça desprotegida o tempo suficiente para investi-lo, por medo de que o elmo se movesse muito e lhe tirasse por completo a visão.

Defendia-se com o escudo e a espada, atento aos movimentos do braço do flamenco. Entrecerrou os olhos atrás da viseira para se livrar da ardência do suor. Permitiu que fosse o paladino o que impusesse o ritmo do combate retrocedendo e afastando-se dos golpes. Através do estrondo do metal ao entrechocar, Ruck ouviu que os débeis gritos dos espectadores aumentavam de intensidade ao ceder ele terreno.

O flamenco também os ouviu, e incrementou o vigor do ataque, a força e a velocidade. Ruck esquivava os golpes seguindo a mesma cadência de seu rival, ao tempo que retrocedia. Mentalmente, acompanhava o ruído das espadas ao se chocar com as notas de uma canção de guerra que lhe tinha ensinado Bassinger. O flamenco marcava o ritmo do monótono motete, e Ruck respondia sem perder o compasso.

Mas, de repente, foi ele quem interrompeu a dança com uma mudança de ritmo no contraponto, ao deixar de limitar-se a esquivar golpes e levantar a espada para atacar. Uma intensa dor retumbou no ouvido e houve um brilho de luz quando chegou o

inevitável golpe de seu competidor. Mas, apesar de que estava totalmente às cegas e não ouvia nada, Ruck notou que sua espada encontrava o objetivo. Ao flamenco escapou a nota correspondente do motete, mas Ruck aumentou a intensidade dos agudos e perdeu um pouco o compasso ao levantar a espada com as duas mãos por cima da cabeça e deixá-la cair.

Tinha matado seu adversário. Não o via, mas sabia: tinha notado o impacto ao fender o aço com a espada, e a seguir tinha ouvido o som surdo do metal ao desabar em terra. Ruck permaneceu em uma escuridão asfixiante enquanto ofegava esgotado. A luz que entrava pela viseira era um resplendor branco por cima de seu campo de visão e o amparo da bochecha esmagava o nariz e causava dor. Durante um momento se sentiu completamente desprotegido, com os olhos cegados e os ouvidos ensurdecidos pelos zumbidos.

Mas então apareceu John para lhe tirar o elmo. Não saiu com facilidade, amolgado e entupido como estava, mas ao fim o fez quando Ruck se agachou para deixar que o escudeiro lhe desse um golpe seco por trás. Mal ouviu o impacto; nem sequer sabia se aquele rugido em seus ouvidos provinha da multidão ou de sua própria cabeça. Quando o elmo finalmente se desprende, a cálida brisa de verão foi como um bendito sopro de frescor em seu rosto.

A seus pés jazia o paladino flamenco estendido sobre a erva pisoteada. Seus ajudantes e um médico formavam redemoinhos em torno dele, mas estava morto, com o elmo partido em dois. Ruck se endireitou, levantou a espada manchada de sangue e se voltou para os degraus. O juiz e o marechal de campo estavam sentados sob um pátio. Sobre uma mesa coberta por uma tapeçaria repousavam o crucifixo e a Bíblia ante os que Ruck e o flamenco tinham feito seus juramentos. Junto a eles, em um estrado um pouco mais alto, sentava-se o próprio rei Eduardo, inclinado para diante com a cara vermelha de excitação e a larga barba caindo sobre suas roupas como se fosse uma jubilosa estátua vivente de Moisés. A roliça lady Alice estava de pé atrás dele, e não mostrava recato algum ao apoiar a mão sobre o ombro do rei.

Ruck quase não tinha forças para falar.

—Desejo saber... Se tiver reivindicado... Minha honra — perguntou aos juízes da justa. Sua voz lhe soou estranha, apagada e remota. Quando o marechal respondeu que assim era, pareceu que lhe falava de muito longe.

Ruck entregou a John a espada e se aproximou mais ao rei. Quando se ajoelhou, aquela espécie de borbulha que lhe tapava os ouvidos arrebentou e de novo pôde ouvir. Ainda assim, tudo era silêncio, à exceção dos batimentos de seu coração, de sua respiração entrecortada e do roce das páginas da Bíblia aberta. A multidão aguardava espectadora nos degraus.

—Levante-se, valente cavaleiro — disse o rei em inglês— Defendeste bem sua honra ante nossa corte com a espada. E na verdade foi um grande combate! — acrescentou rindo— Um autêntico prazer para a vista.

Ruck ficou em pé e elevou a vista. O rei sorria talvez de uma forma um tanto infantil como diziam todos, mas mesmo assim tinha um porte majestoso. Acariciou a barba e seu sorriso desapareceu ao baixar o olhar até o rosto de Ruck.

—Por que leva essas cores? —perguntou com uma nota de ofensa na voz— Não nos agradam essas mudanças, Ruck. Não lhe demos a vênua para trocar de armas?

Havia dito o nome sem vacilações nem títulos, como se o outro fosse um velho amigo. Um débil murmúrio percorreu a multidão. Da surpresa, Ruck foi incapaz de dizer algo.

—Por que vai de verde? —perguntou o rei voltando-se para lady Alice— Deveria vestir de azul, e o emblema teria que ser um enorme lobo pintado em negro. Onde está nosso arauto de armas?

Enquanto Ruck permanecia atônito, incapaz de controlar nem as pernas, nem a fala, o arauto se aproximou do rei. As damas dos degraus se inclinaram para diante para não perder detalhe do que acontecia. Todo mundo murmurava.

—Diga a lorde Ruadrik de Wolfscar quais são suas armas —ordenou o rei assinalando Ruck.

O arauto assentiu.

—Majestade, o senhor de Wolfscar, do condado palatino de Lancaster, pode usar brasão azul brilhante, com o emblema de um lobo em puro sabre dentro.

—Vê, nossa memória é exata! —exclamou o rei olhando triunfante a Ruck— Assim, ordenamos a nosso súdito lorde Ruadrik de Wolfscar que se despoje desses objetos e use o emblema e as cores que lhe pertence por direito.

—Majestade — disse o arauto em voz baixa— lorde Ruadrik morreu no ano da grande pestilência, e com ele toda sua família.

—Não — disse Ruck com voz ainda ofegante pela luta, embora alta e clara, e foi ajoelhar-se ante o estrado— Majestade jurei ocultar meu nome e lugar de procedência até que demonstrasse ser digno deles, mas se Deus, cujos caminhos são inescrutáveis, pediu-lhe que revele minha identidade, reconheço que sou Ruadrik, filho de Ruadrik de Wolfscar e de sua esposa lady Eleanor, minha mãe.

Um clamor se elevou entre os presentes. O rei parecia assombrado.

—Tem provas disso, senhor? —disse a aguda voz de lady Alice por cima da gritaria.

Ruck fez caso omissso de sua pergunta. Era a amancebada do rei e, conforme tinha entendido, tinha obtido grandes benefícios das negociações com dom Gian pelos esponsais deste.

—Majestade — disse ao rei— meu amado senhor e soberano, com gosto lhe obedeço, e de hoje em diante voltarei a levar as armas de Wolfscar.

O rei assentiu, e a perplexidade de seu rosto se transformou em pura satisfação.

—Isso nos agrada. Sempre nos alegrou ver seu estandarte desdobrado no campo de batalha ante nossos inimigos. Pode se levantar, nosso querido e leal Ruck.

Lady Alice apoiou uma mão no braço do rei e lhe disse algo ao ouvido. Ele franziu o cenho e negou com a cabeça enquanto a escutava.

—Não, minha querida senhora, não nos equivocamos — disse lhe dando uns tapinhas na mão— O arauto apoia nossas palavras. É o lobo azul e negro. O próprio lorde Ruadrik reconhece nossa verdade.

—Assim é — afirmou Ruck com um amplo sorriso no rosto que foi impossível conter. O rei o tinha reconhecido. Ou o tinha confundido com seu pai, mas de todas as formas era um triunfo e uma alegria, pois não o tinha acreditado possível— É tal como você diz,

majestade —acrescentou ao tempo que notava como lhe caía o suor pelas têmporas e tinha que refrear-se para não enxugá-lo.

—E agora por seu prêmio — disse o rei olhando a seu redor. Um homem saiu de entre seus assistentes e entregou uma bolsa cheia de moedas— Quanto? —perguntou o monarca com um sussurro audível enquanto o servente se ajoelhava ante ele e murmurava a resposta. O rei Eduardo, depois de franzir o cenho e assentir, ordenou a Ruck que se aproximasse— Cem Marcos — disse em voz alta.

Ruck subiu ao estrado e se ajoelhou. A armadura fez um grande estrépito ao golpear a plataforma de madeira. Aceitou a modesta bolsa e se levantou após indicar-lhe o rei, que a sua vez também ficou em pé.

—Uma grande briga, por Deus e por são Jorge! —exclamou Eduardo, que tomou o rosto de Ruck entre suas mãos e o beijou na boca. Continuando, tirou o broche de ouro que usava sobre suas roupas e depositou aquele alfinete adornado de pedras preciosas sobre a luva de Ruck— Aqui tem uma pequena lembrança em amostra de nosso agradecimento pelos serviços que nos emprestou em Nottingham.

Ruck agachou à cabeça e negou com ela ante a menção de Nottingham aquela amostra de gratidão do rei.

—Majestade não posso aceitá-lo. Foi meu pai quem subiu dos porões do castelo de Nottingham com você e os outros. Eu nem sequer tinha chegado ao mundo ainda.

O rei voltou a agarrar o broche e, enquanto o olhava fixamente, passou o dedo gordo sobre a peça de ouro.

—Ainda não tinha chegado ao mundo... —murmurou depois do que lançou um profundo suspiro— Claro, faz já muito tempo disso. —Olhou Ruck com expressão dúbia— Não tinha nascido?

—Não, majestade. Foi meu pai quem lutou junto a você.

O rei pareceu perplexo e um pouco envergonhado.

—E quem era seu pai?

—Ruadrik de Wolfscar, majestade. Ruck o chamava, como também me diz.

—É seu filho! —Um sorriso de agrado se desenhou no rosto de Edward— Como se parece com ele, na cara e nesse tosco acento do norte! Lembro quando... — interrompeu-se e negou com a cabeça— Mas morreu. Todos morreram, Montagu, Bury, os melhores homens. —de repente voltou a agarrar o rosto de Ruck entre suas arrudas e velhas mãos e apertou o broche contra sua bochecha— Toda a memória que nos subtrai a empregarei em você, e em suas necessidades. Fica isto, lhes ordenamos isso.

Pôs de novo o broche na mão de Ruck e partiu antes que tivesse tempo a lhe agradecer. Alice e todo o séquito real correram atrás dele. Pode ser que lhe fraquejasse a mente, mas não assim o corpo. Ruck fez uma reverência tardia e desceu do estrado. Foi cheio de júbilo para John, que estava junto à cerca, enquanto grande número de espectadores nobres saltavam dos degraus e formavam redemoinhos a seu redor para felicitá-lo. John lhe deu um pano para que se secasse. De repente, alguém lhe pôs uma fria taça nas mãos. Olhou e viu que era Allegreto, que lhe dedicou um sorriso de triunfo e piscou um olho. O escuro e estranho salvador de Ruck, o mensageiro de Melanthe.

Além da multidão que o rodeava e do grupo de homens que continuava sobre a erva junto ao corpo do paladino flamenco, um carro se deteve junto aos campos de batalha. Ruck levou a taça aos lábios. Ela seguia ali, ao lado de seu traiçoeiro amante, e o observava com um leve sorriso. Ruck bebeu. Tirou o cansaço e a paixão da garganta seca com um grande sorvo de vinho que serviu para aumentar seu arrojo. Pôs-se a andar para Melanthe para lhe exigir que fosse com ele, como sua esposa que era. O vinho lhe tinha deixado um gosto amargo na língua.

O sorriso dela se fez mais amplo. Roçou Navona no braço e assinalou com a cabeça Ruck.

No momento em que o fez, uma intensa sensação de frio se apropriou dele. Intumesceram-lhe os dedos, os pés e as pernas. Tentou dar um passo adiante e os joelhos falharam enquanto um venenoso frio subia até a cintura.

O vinho o estava matando. Notou como de detinha o coração; como uma mão assassina, estrangulava-lhe a garganta. Gelaram-lhe os pulmões e paralisaram as extremidades. Sua mente se deteve. Sentiu que morria e a terra se elevou para ele.

A princesa Melanthe estava no assento curvo que ocupava o saliente do mirante. Tinha um cotovelo apoiado em uma almofada e olhava fixamente o jardim através do cristal aberto. Cara permanecia de pé a um lado com a vista posta na vidraça, em que dois anjos sustentavam a mensagem «*Amem a Deus e odeiem a desonra*».

—Querida minha — disse Gian inclinando-se ante a princesa— vos rogo me perdoe pelo atraso. —Quando Melanthe se limitou a levantar a mão para que a beijasse, sem incomodar-se em voltar-se da janela, ele a deixou sob os raios do sol e foi servir-se uma taça de vinho— Mas devo dizer que foi farto entretido, asseguro-lhe isso.

—O que decidiram? —perguntou Melanthe sem muito interesse.

Gian deixou o vaso de latão em seu lugar.

—Durante duas horas debateram se, depois de tudo, o homem verde tinha mantido sua palavra. Chegaram a uma questão muito interessante, é claro que sim. Saiu dos campos de batalha antes ou depois de morrer? Se antes, o caso teria sido muito distinto — explicou imitando o rosto solene de um juiz— pois então ninguém poderia afirmar que tivesse morrido à mãos do flamenco, ao não ter marca alguma no corpo. Mas ainda estava nos campos de batalha quando expirou, por isso se pode afirmar que o flamenco o matou com um desses golpes na cabeça de efeito retardado. Vai encantar-lhe o veredicto, minha amada.

—Sim? —perguntou a princesa voltando à cabeça pela primeira vez.

Cara pensou que era fria, tão fria que não parecia haver nela rastro algum de emoções nem vida.

—Como o homem verde não perdeu, sua causa era justa e verdadeira. Assim, não mentiu. —Gian sorriu e se encolheu de ombros enquanto sustentava a taça— De onde suponho que terei que deduzir que você sim o fez, mas passaremos isso por alto dadas às circunstâncias, como decidiram fazer nossos sábios juízes. Determinaram que Deus não podia deixar que perdesse o tipinho verde, mas estava claro que tampouco considerava que a sua fosse uma união acertada, e por isso pôs ponto final à existência de seu defunto esposo com um gesto eloquente, igual a se tivesse feito cair um raio

sobre ele. E que o acontecido sirva de lição a todos os sequestradores e violadores de mulheres inocentes.

A princesa entrecerrou os olhos.

—Não penso seguir aqui nem um dia mais. Amanhã partimos Gian. Não o aguento mais.

Não respondeu e começou a passear pela estadia. O veludo branco de suas roupas tinha cobrado uma tonalidade rosada por efeito da luz do sol poente que entrava pelas altas janelas.

—Assim, prometida minha, passaste de casada a viúva em um breve instante. Demos graças a meu querido filho... —deteve-se junto a Allegreto, que estava apoiado contra a cama. Gian lhe acariciou a bochecha com ternura— Allegreto, tudo fica perdoado. Fez muito bem. Vi seu rosto ao morrer, e que sabia. Foi ao inferno sabendo-o, e ali arderá. Não poderia te pedir mais meu bom filho, não tenho palavras para expressar quanto te amo.

Estreitou Allegreto em um longo e forte abraço. As mãos do jovem se enroscaram no rico tecido da túnica solta de seu pai. Agarrou o veludo como se não quisesse soltá-lo. Já era quase tão alto como Gian, mas se aferrava a ele como um menino. Apoiou a bochecha com força no ombro de seu pai, o rosto contraído por uma careta apaixonada. Resultava doloroso vê-lo assim.

—Como posso recompensá-lo? —murmurou Gian enquanto acariciava o negro cabelo de seu filho— Quer a Donna Cara? Vejo seu olhar quando ela entra no salão. Não é digna de você, Allegreto, e queria que tivesse algo melhor, mas se te agrada...

—Eu estou prometida, meu senhor — disse Cara com aspereza.

Allegreto tinha o rosto oculto no ombro de seu pai. Gian lhe fez levantar a cabeça.

—Quê-la?

Cara começou a tremer. Sabia que não devia fazê-lo, que mostrar seus pensamentos e sentimentos era quão pior podia fazer. Ninguém era sincero ali.

—Quero o que você queira para mim, meu senhor — respondeu Allegreto— Devo-lhe obediência eterna.

—E amor — disse Gian com um sorriso, ao tempo que acariciava a bochecha de seu filho, que o olhou fixamente aos olhos.

—E amor, meu senhor.

Gian lhe percorreu a bochecha com o dedo.

—Herdaste o encanto de sua mãe — murmurou— e minha inteligência. Procuraremos muito mais acima para ti, meu querido filho. Deixa-a com seu fraco inglês, ou a toma de amancebada. —de repente se interrompeu e, com um sorriso, jogou a cabeça para trás— Mas esquecia que ainda é virgem, pobre Allegreto, por mor de representar o papel que te encomendei. E bem que o fez como me informou lady Melanthe com certa ira. Deixa que te encontre uma mulher que primeiro te instrua no prazer, meu encantador moço. Depois já decidirá por você mesmo se esta seria criadinha tanto te agrada.

Deu um passo atrás, soltou-se com suavidade da férrea sujeição de Allegreto e voltou a beijá-lo.

—Que enternecedor — disse a princesa com sarcasmo, ao tempo que ficava em pé. Entre os últimos raios de sol que entravam pela janela, só era uma figura negra com o cabelo rodeado por um halo, a luz do entardecer se refletia na rede para cabelo dourada e nos botões que adornavam suas mangas— Aonde levaram o cadáver?

Allegreto se encolheu de ombros.

—Ao ossuário, suponho.

—Néscio! Por que não o averiguou?

—Minha senhora assegurei-me de que estava morto e o deixei em companhia do médico e de um escudeiro que chorava sem cessar. Não me ordenou que o seguisse até a tumba.

—Está seguro desse veneno? —perguntou ela.

Allegreto arqueou as sobrancelhas em sinal de surpresa.

—Cravei-lhe uma adaga no coração, minha senhora — disse— Não sangrou.

Melanthe emitiu um débil som. De repente, Cara temeu por sua senhora. Temeu que desmaiasse, que Gian o visse e matasse a todos por ciúmes. Mas a princesa tão somente olhou fixamente Allegreto durante uns instantes, e a seguir disse:

—Não consentirei que o joguem na fossa dos indigentes. Deve ser enterrado como é devido, por um sacerdote e em uma igreja. Fará-lhe uma lápide com o nome pelo que o chamou o rei. E quero que se diga uma missa cantada por sua alma. —dirigiu-se para a porta— Encontra-o, Allegreto, e se ocupe de tudo. Esta mesma noite.

Gian a agarrou pelo braço.

—Minha senhora — disse com frieza— honra-no em excesso.

—Era de muito rezar — replicou ela— Não quero que nenhum fantasma tedioso me espreite com salves e aleluias. —soltou-se airadamente— E eu não gosto que me segurem, nem você nem nenhum outro homem, Gian. Não volte a me agarrar assim.

Ele a olhou com um sorriso.

—É uma fera indomável. Tão só queria evitar que escorregasse.

—Agarre-me com amor — disse ela com suavidade— Assim é muito melhor.

—Não, querida minha — murmurou Gian— o medo que produz o amor é muito melhor.

—Então deixe que minha correia seja muito larga — disse Melanthe enquanto seguia avançando— Vamos, Cara, o que faz aí parada como uma tonta? Assegure-se de que Allegreto cumpre meu encargo. —deteve-se o chegar à porta— E não faça caso algum para o de procurar alguém de mais categoria para ele. Case-te com seu escudeiro inglês e, se for inteligente, seguirá tendo Allegreto ofegando atrás de ti como tenho eu ao Gian. Então o mundo será nosso, prometo-lhe isso.

Capítulo 25

Ouviam-se vozes. Estava em um enorme poço de pedra cuja circunferência se perdia na escuridão, entre ecos e sombras que se moviam pela parede curva.

Não tinha corpo. Podia ver e ouvir, mas as vozes careciam de sentido. Tudo tinha trocado em um instante, e tinha passado da multidão, o colorido e a taça envenenada em sua mão a asfixiante morte e a aquele lugar. Invadiu-o um intenso terror. Estava no purgatório, espreitado por demônios. Tinha morrido sem confissão, sem receber a absolvição por ter matado um homem.

Um dos demônios estava contando. Era invisível, mas podia ouvir o repicar de suas garras conforme ia levando a conta. «*Duzentos e cinquenta*», disse a voz com morbosa satisfação.

Era aquela sua condenação? Tantos anos? O medo o afogava. Tentou falar para rogar que Isabelle tivesse intercedido por sua alma, mas não pôde, já que não tinha língua. Então recordou que não tinha havido orações. Isabelle estava tão morta como ele, queimada na fogueira como herege.

No poço se ouviu o eco de temíveis murmúrios, de chiados e passos, e depois um enorme estrépito que ressonou como um trovão a seu redor. Percebeu que alguém se aproximava dele entre chapinhos e sentiu vontade de gritar, ante o medo a que algum monstro fosse rasgá-lo e lhe morder a carne durante duzentos e cinquenta anos.

—Pois sim que parece morto — disse o monstro em mal francês— Sem dúvida se trata de um bom veneno. Eu poderia fazer bom uso dele em meu ofício.

—Para que? Para fazer que seus pacientes caiam em um transe como a morte e devolvê-los depois à vida? Você sonha enganador. Não poderia comprá-lo nem dentro de mil anos.

Surpreendeu-lhe ouvir a reverberante voz de Allegreto. Como se fosse um anjo demoníaco, o jovem flutuava no ar e aparecia de quando em quando para voltar a desaparecer. Não esperava encontrar Allegreto ali.

—Eu despertaria já. — Dessa vez era a voz de seu escudeiro, John Marking— Eu jamais aceitei tomar parte em um assassinato.

Estavam todos mortos? Seus rostos e vozes se desvaneciam sobre ele. Doía-lhe o nariz. Até o surpreendeu um tanto ter nariz. Tentou abrir os olhos para ver se o monstro já a estava roendo, mas somente tinha olhos a momentos.

Pensou que tinham que ser demônios, demônios com vozes e caras conhecidas. Negou-se a lhes responder quando o ordenaram que despertasse. Tinha que ser o próprio Diabo quem o chamava. Se o fazia com a voz de Melanthe, então estaria seguro de que se tratava do Diabo.

O monstro o tocou. Seu tato era frio e úmido. Tentou dar um pulo para trás e golpeou a cabeça contra a pedra. De repente tinha cabeça, porque doía. Nunca teria imaginado que fosse assim. Sabia que sua alma, uma vez morto, seria como um corpo, para que pudessem torturá-lo por seus pecados, mas nunca teria pensado que fosse unicamente em parte enquanto o resto do corpo continuava desaparecido.

Aquela coisa úmida lhe lambeu o rosto com uma asquerosa e fria língua. Caía-lhe água nos olhos e no peito. Assim também tinha peito. E coração. O Diabo lhe falou com voz de donzela:

—Desperte meu senhor. —Era a dama que servia Melanthe. Podia vê-la através dos olhos entreabertos, empapados de água; lamentou que ela também estivesse morta. Lobos, pensou de repente. A tinham comido os lobos— Tente despertar — insistiu ela— Beba isto.

Ele afastou a cabeça.

—Diabo — balbuciou sem que a palavra mal pudesse sair de seus lábios.

—Está vivo — disse Allegreto— Já está contente?

Nada daquilo tinha o menor sentido. Vivo. Morto. O purgatório, e esses eram seus demônios. E o pior ainda tinha que estar por chegar, pois Melanthe não estava entre

eles, mas não lhe cabia a menor dúvida de que apareceria e gozaria torturando-o. Ela tinha sorrido enquanto ele bebia o veneno que tinha mandado, porque sabia que o ia matar.

Allegreto voltou do rio e, da porta que havia ao final da escada, fez um sinal a Cara. A jovem se alegrou de poder sair daquele horrível lugar, que não parecia ter sido só abandonado pelos monges que o tinham construído, mas também pelo próprio Deus. No grande porão circular ainda havia uns quantos barris de cerveja, mas era um poço de água o que dominava aquela destilaria, uma fossa negra tão larga como a masmorra de um castelo.

Depois de deixar o balde de água cheio e uma vela acesa para o prisioneiro, Cara se apressou a subir os degraus de pedra. Uma vez que esteve fora, Allegreto fechou a pesada porta, trancou-a e jogou a chave.

—Acompanho-te ao albergue — disse— Ali espera um guia com um cavalo para te levar de volta.

Cara o seguiu pelo largo e inclinado passadiço. Ao chegar à porta exterior, o jovem abriu o postigo e apagou a vela; agacharam-se para sair. A meia lua estava saindo, e jogava uma tênue luz sobre o vazio monastério. Ao redor deles se elevavam edifícios como vultos negros e cinzas, formas carentes de cor. Cara jogou o capuz sobre a cabeça e recolheu as saias enquanto Allegreto a conduzia por um terreno cheio de erva. Suas pegadas fizeram um ligeiro eco ao entrar no claustro pavimentado.

Meio ano antes, a teria aterrorizado ter que caminhar entre o silêncio e desolação. Mas Allegreto estava com ela, e nem sequer os fantasmas dos mortos poderiam assustá-la. Um velho monastério em uma noite de verão, abandonado simplesmente porque os monges tinham preferido algum lugar melhor, não podia lhe causar tanto medo como o próprio Allegreto.

O jovem andava diante dela sem fazer ruído. Deu um giro para tomar outro passadiço, ao final do qual brilhava a lua como um pálido arco. Seguiram pelo caminho

cheio de malesa que conduzia à torre de entrada; Allegreto lhe deu a mão para ajudá-la a passar por cima das madeiras inclinadas da porta meio desencaixada.

Soltou-a imediatamente, mas se deteve e a olhou à cara sob a luz das estrelas.

—É verdade ou só o disse por meu pai?

Ela se sentiu incapaz de lhe devolver o olhar. Desde que tinham saído de Bowland, como ela estava na casa da princesa Melanthe e ele na de Gian, virtualmente não tinham tido trato; tão só as mensagens que lhe dava para sua senhora e nada mais. Cara sabia que estava a salvo com ele; nem sequer temia aos fantasmas estando ele ao seu lado, mas também era certo que a Guy tinham dado um posto de guarda da princesa, por isso estava ao alcance de Allegreto.

—Não — mentiu ela — Só o disse para...

Deteve-se antes de terminar a frase.

—Para que meu pai não te forçasse — disse ele com um intenso tom de mortificação na voz — Mas eu não haveria... E não o fiz, não é assim? Poderia lhe haver dito que sim.

—Não falemos disso — disse Cara enquanto seguia andando. De repente, sentiu um medo dele que não tinha tido antes, pois estavam sozinhos na escuridão.

—Está prometida a ele?

—Não.

Havia-o dito muito rápido, com muita urgência e ansiedade. Tinha-o feito para proteger Guy, mas não tinha nenhuma mentira para proteger a si mesma se Allegreto decidia obrigá-la pela força.

—Acaso crê que vou matá-lo? —perguntou ele— Não o farei.

Cara se deteve e olhou para trás. Allegreto apoiou um pé sobre a porta curvada e escorada. A luz da lua lhe caía sobre os ombros.

—Só quero saber se vai voltar para casa conosco — acrescentou.

—É obvio. Por minha irmã.

Em tom sibilante ele perguntou:

—E salvará e protegerá Guy a sua irmã?

—Fala como seu pai.

—E como se não? Sou filho dele. E só um Navona pode salvar sua irmã dos Reata.

—O que quer dizer? Far-me-á escolher entre Guy e minha irmã?

Allegreto levantou a cabeça.

—Então é que sim está prometida.

—Jurou que os Navona manteriam a salvo a minha irmã.

—Está prometida. Sim, está-o, rameira de Monteverde.

Não o havia dito como uma imprecação; vindo dele, mas bem se tratava de uma expressão de carinho. Allegreto tomou impulso e, como uma sombra sob a luz da lua, pôs-se a andar e a deixou para trás. Cara o seguiu a certa distância. O apagado atalho atravessava um lamaçal para depois subir a um terreno mais elevado, de onde ela se voltou e viu o brilho do rio mais à frente do escuro monastério. O rocio da noite a fez tremer.

—Ficará seu inglês com a princesa, e você voltará para casa conosco? —perguntou Allegreto.

Cara não respondeu; limitou-se a seguir caminhando atrás dele. Allegreto subiu os degraus pelos que se cruzava uma ponte e a esperou ao outro lado.

—Deveria se assegurar de que ele peça logo um posto à princesa — acrescentou Allegreto enquanto bordeava uns escuros matagais— Já a ouviste dizer que parte amanhã. Não será tão rápido, mas assim que consiga subir meu pai a um navio sem que ele suspeite nada, fá-lo-á. Não poderemos reter o homem verde muito tempo.

—E quem o porá em liberdade? —perguntou de repente Cara, a que tinha assaltado uma espantosa ideia— E se cometer-se algum engano e fica aí abaixo após nós termos ido?

Allegreto se voltou para olhá-la, de forma tão repentina, que ela quase tropeçou com suas saias.

—Eu nunca deixaria que isso ocorresse! —disse com grande veemência— E se tanto se preocupa, fique aqui com seu querido Guy e se encarregue em pessoa. —riu com ironia— Embora tampouco estranhasse que entre os dois caísse a chave a algum poço, assim que o melhor será que eu me encarregue.

Girou sobre seus calcanhares e continuou andando a grandes pernadas, embora tivesse que agachar-se para evitar um ramo.

—Vai ficar aqui? —perguntou Cara enquanto o seguia.

—Devo perder o momento de sua marcha, e alcançá-los em Calais. Suponho que deixarei que meu pai me busque uma boa puta — disse com amargura— alguém que se dedique a me adestrar no prazer até que não fiquem forças para abandonar seu leito e partir de viagem. —Agarrou Cara pelo braço e a empurrou diante dele— Hei aí o albergue. O pai da princesa demarcou todas estas terras para a caça, e só há um guardião ao que gosta muito o bom vinho de Burdeos. A princesa lhe deu de presente um tonel, assim não tema que te faça pergunta alguma. —Voltou a empurrá-la para diante— O guia te levará com ele. Até sempre.

Allegreto já tinha posto-se a andar em direção contrária quando Cara se deu conta do tom definitivo de sua despedida. Voltou-se e ficou olhando-o.

—Até sempre, Allegreto — disse em voz baixa.

O jovem não se deteve, e desapareceu na escuridão.

—Sei que pode me ouvir.

Era a voz de Allegreto de novo. Ruck já tinha recuperado a sensação em todo seu corpo. Ardia-lhe o estômago e tremiam todas as extremidades. Era um purgatório que jamais teria imaginado, mas nem por isso deixava de ser menos terrível. Tinha muita sede e não podia respirar, e aqueles pertinazes demônios não cessavam de atormentá-lo. Tragou saliva e tentou levantar as mãos, mas em uma tinha grilhões e a outra não obedecia, porque era tão só algo que se movia sem finalidade alguma ao final do braço.

—Abra os olhos, homem verde, se pode me ouvir — disse o demônio Allegreto.

De repente, recordou que tinha nome.

—Ruadrik — murmurou, ao tempo que se esforçava por olhar fixamente Allegreto para discernir algum traço monstruoso atrás de seu encantador rosto.

O monstro lhe sorriu com malícia.

—Então o chamarei de Ruadrik, se assim agrada-o. Escute Ruadrik, e não o esqueça. Têm água e comida, e um balde se por acaso precisa usá-lo. Voltarei pela manhã. Recorde, e não perca a cabeça. Ouve-me?

Ruck tentou levantar a mão para agarrá-lo do pescoço e estrangulá-lo, mas não pôde.

—Pisque se me ouve — ordenou aquele ser do inferno.

Ruck fechou os olhos. Quando de novo teve olhos que poder abrir, o demônio já tinha desaparecido.

—Estava despertando, minha senhora — disse Cara em voz muito baixa.

Melanthe apoiou a testa na almofada. Tinha estado esperando longo tempo na janela, e até tinha chegado a pensar que Cara nunca apareceria.

Um pingo a mais do veneno que tinham usado, ou uma gota de vinho a menos, e poderiam havê-lo matado, mas o de Gian, sem dúvida, o teria feito com total e mortífera certeza.

—Falou, embora sem sentido, minha senhora — disse Cara— Allegreto me pediu que lhe dissesse que agora está débil, mas que estará melhor pela manhã.

Melanthe levantou a cabeça. A brisa noturna entrava pela janela aberta. Levou as mãos às bochechas para refrescá-las.

—Minha senhora... —acrescentou Cara em tom dubio— tenho que lhe dizer que... Quando falei, quando disse que estava prometida, não tinha direito a selar trato algum sem sua permissão. Vos rogo me perdoe.

Suas palavras soaram muito remotas a Melanthe, que moveu uma mão para se despedir da jovem.

—Mais tarde. Não posso pensar nisso agora.

—Por favor, minha senhora! Não quero me casar com Allegreto.

Melanthe fez um esforço para concentrar-se nas tribulações de Cara.

—Depois de tudo o que ele tem feito por você? Pobre Allegreto. Afundaste bem suas garras em seu coração.

—Nunca foi essa minha intenção! Dá-me medo, minha senhora, e... temo por Guy.

—Que trágica te põe. Guy? Aquele inglês de Torbec suponho. Está por baixo de você. Não tem nem um florín em seu nome. Não seja néscia, se até seu próprio senhor vive em uma pocilga. Acredite-me, pois eu o vi.

—Minha senhora, eu o amo.

Melanthe soltou uma breve gargalhada.

—Na verdade, isto é o que ocorre quando se deixa que mulheres néscias se sentem frente à janela e fiquem a olhar à rua. Enchemo-nos a cabeça de estúpidos sonhos, e nos apaixonamos pelo primeiro homem que passa por ali, por muito inadequado que seja.

Cara agachou à cabeça.

—Sim, minha senhora.

—Uma vez te falei do amor.

—Sim, minha senhora.

Melanthe fechou a janela. Viu o reflexo das velas no cristal, e uma escura sombra oscilante que era ela mesma.

—O que é o amor? —sussurrou— O esqueci.

—Minha senhora, disse-me que o amor verdadeiro era um autêntico desastre.

—E assim é. —Melanthe levou de novo as mãos a suas acesas bochechas, enquanto observava o escuro movimento refletido no cristal— Assim é.

—Minha senhora, se tivesse a bondade de dar a Guy um posto em seu séquito quando voltarmos...

—Pelo amor de Deus! Tão pouco te preocupa seu prometido que quer jogá-lo em um ninho de víboras? —Melanthe se voltou furiosa para a jovem, que a observava com seus olhos castanhos e uma expressão inocente no rosto— E o que me diz de Allegreto? Espera que cante de alegria em suas bodas?

—Minha senhora, foi Allegreto quem propôs — disse Cara, ao tempo que fazia uma reverência— que Guy encontrasse um posto com você, para que assim eu pudesse voltar para casa.

Melanthe a observou. Não viu naquele doce rosto mais que a estúpida confiança de uma cerva domesticada.

—Cuidado com Allegreto, não o persiga muito — disse ficando em pé e afastando a almofada a um lado— Não. Se tiver que ser desse inglês, ambos ficarão aqui. E agradeça pelo que tem.

Cara se inclinou, para a seguir aproximar-se do leito de Melanthe e começar a arrumar os lençóis. Os sinos tocaram a matinas.

—Vou à capela — disse Melanthe— O certo é que não posso dormir.

Teria preferido ir ao jardim, ou aos estábulos, mas Gian tinha espiões por toda a casa que a vigiavam constantemente e não se atrevia a despertar suspeitas. Tampouco estava de mais que se acostumasse já aos altares e a regeria que separava o coro da nave, já que logo seria toda sua vida.

Pensou que talvez devesse surpreender a todo mundo e converter-se em uma monja austera e estrita. Sempre lhe tinham parecido lamentáveis as damas que se retiravam à vida religiosa e conservavam a pompa e o patrimônio, como se representassem um espetáculo no que não houvesse cenário nem espectadores. Não, ela o daria tudo à Igreja, e se dedicaria ao jejum e a ter visões. E em todas elas apareceria um homem que em certa ocasião a tinha amado.

Agora ele a odiava. Ao fim, ela tinha feito todo o possível para que assim fosse. Mentalmente, cercou uma conversa com ele para explicar-lhe. Tinha-o envenenado, sim, mas tinha sido para lhe salvar a vida. Deixava-o prisioneiro, mas era para mantê-lo a salvo até que Gian e ela partissem. Se tinha negado que fosse seu marido, tinha quebrado seus votos e lhe tinha partido o coração era para não ter que viver sabendo que ele já não existia.

Explicou-lhe que não tinha a opção de matar Gian. Tinha-o meditado longamente. Sabia de esposas que tinham assassinado seus maridos. A uma a tinham esfolado viva, mas as outras só tinham tido que pagar alguma multa. Mas não era uma questão fácil tratando-se de Gian, que tinha conseguido evitar aos melhores assassinos, e se falhava uma vez, não necessitaria que a condenasse nenhum magistrado, pois não viveria tanto. Além disso, Allegreto não lhe daria uma mão para obtê-lo, mas sim se oporia a um plano semelhante.

E se tinha êxito, cairia em suas mãos. Pertenceria ao Diabo por inteiro.

Explicou tudo isso a Ruck, mas não era uma verdadeira conversa, pois ele não respondia. Em sua mente, dedicava-se a olhá-la fixamente em meio de um silêncio ininterrupto. Não a entendia. Não podia entendê-la. A deliberada desonra dela escapava a sua compreensão, igual à escura profundidade do amor de Allegreto escapava a de Cara.

Conheciam-se bem, Allegreto e ela. Ambos sabiam o perto que estavam de cair nas garras do Diabo. Quase sentia lástima dele, que seguia preso por tão só um magro fio a seu misterioso sentido da honra. Se Allegreto tivesse querido livrar-se de seu rival, daquele Guy, já o teria feito e, entretanto, essa sutil sua sugestão de que Cara e seu apaixonado voltassem para a Itália parecia albergar escuras intenções ou, pelo contrário, absurdas ilusões. Allegreto não era tão velho para já não ter esperanças, mas Melanthe não ia consentir que Cara conseguisse exasperá-lo até o limite. Guy e ela ficariam na Inglaterra, longe de Allegreto.

Em troca de tão amável favor por parte de Melanthe, Allegreto se asseguraria de que Ruck a odiasse. Contar-lhe-ia todas as coisas que ela mesma não tinha forças para dizer, e assim acabaria com todo seu orgulho e aniquilaria qualquer esperança no futuro. E Ruck voltaria para seu vale encantado, ao que ela jamais deveria ter ido.

Allegreto e ela eram velhos aliados. Estranhos amigos e familiares inimigos.

—Esta é sua última lição, homem verde. Aprendeste?

—Ruadrik.

—Ruadrik, então — disse Allegreto fazendo uma gentil reverência— Lorde Ruadrik de Wolfscar.

Sua voz ressonou por todos os rincões da velha destilaria, sussurrando das altas frestas de luz em forma de cruzeiros que eram as únicas janelas da parede curva. Ruck tinha gritado até quase ficar sem voz, mas, se é que alguém passou por diante daquelas janelas, não tinha ousado entrar em sua prisão.

Tinha sido ela quem tinha feito aquilo. Allegreto não o tinha ocultado. Ruck tinha que continuar ali até que ela tivesse abandonado a Inglaterra e, se a seguia, morreria de alguma forma tão turva e secreta como aquele veneno adormecedor que tinha subministrado, mas dessa vez seria letal.

Essa era a última lição. Se não fingia havê-la aprendido, jamais sairia daquele lugar.

Allegreto estava sentado na borda do enorme poço redondo, com as pernas pendurando em seu interior. Agarrou uma das laranjas de Ruck e atirou a casca. Ruck ouviu como caía à água com um fraco chapinho. Era estranha aquela prisão, com comida digna de um rei (ou de uma princesa): fruta e amêndoas, queijo fresco e pão branco. A destilaria era antiga, mas as cadeias que o atavam eram novas e fortes. O gancho estava bem fundo no muro, e os grilhões não eram meras bandas que rodeassem seus pulsos e tornozelos; no pé esquerdo levava uma bota inteira de aço, e uma luva de metal sem dedos, acolchoado por dentro subia-lhe pelo braço esquerdo até o cotovelo. Ambos lhe ajustavam tão bem que deviam ter utilizado como modelo, peças de sua própria armadura.

Isso tinha que ter sido coisa de John Marking, sem dúvida. Ruck amaldiçoou sua estupidez por ter chegado a pensar alguma vez que Melanthe queria seu bem, ou por confiar um só instante em Allegreto. O velho sir Harold nunca se mostrou tão louco e simples como ele ao acreditar que tinha vencido. Recordou o rosto de Melanthe sorrindo-lhe naquele breve momento de vitória. Nos sonhos que tinha tido enquanto estava morto, era esse sorriso espectador o que o tinha torturado, muito mais que os demônios.

Allegreto sorveu o suco de um pedaço de laranja e cuspiu as sementes.

—Ela me contou por que o deixou viver — explicou— Disse que rezava muito, e que a perseguiria até aborrecê-la se o matava.

—Lhe diga que a perseguirei até o próprio inferno se se casar com o Navona.

—Então, vá preparando os uivos e os gritos, porque isso é o que vai fazer homem verde.

—Ruadrik.

—Ruadrik. O defunto Ruadrik de Wolfscar.

Allegreto ficou em pé com agilidade e lançou o que ficava de fruta ao poço. O bordeou até chegar ao lado no que estava Ruck para tirar água com a enorme polia. Com ela poderia extrair uma tonelada de água, o balde que tinha enganchado resultava ridículo de tão pequeno. Allegreto não pôs em marcha a elaborada maquinaria, mas sim se limitou a lançar o balde dentro do poço. O ruído que fez ao cair trouxe a memória de Ruck seus sonhos; depois, entre tombos e salpicaduras de água, Allegreto içou o balde e o deixou ao alcance da mão. A seguir o jovem subiu os degraus de três em três e, ao chegar à porta, deteve-se.

—Vos deixo para que medite a respeito de se voltarei ou não. Ela tem a mente muito ocupada com as bodas. Pode ser que se esqueça por completo de você, homem verde.

—Ruadrik.

—Hei-lhe dito que este lugar é um parque amuralhado, meu senhor Ruadrik? Não há mais que cervos em léguas ao redor. E um rio. Acredito que deveria se pôr a dar gritos, e esperar que do rio lhe ouçam. Assim praticaria suas artes de espírito à espreita. — Dedicou a Ruck um sorriso encantador— Na verdade, um lugar como este necessitava um fantasma.

A porta se fechou com força atrás dele. Tênuas cruzes de luz iluminaram o chão de pedra, para depois desvanecer-se no enorme poço.

Cara se manteve em afastada, tal como lhe tinha pedido, enquanto Gian fazia sua visita diária à hora de jantar. A princesa Melanthe havia dito que a jovem não servia para ocultar nada, e ela bem sabia que era certo. Nunca teria podido discutir com tanta frieza com ele como o fazia sua senhora, que insistiu em que partissem imediatamente para a Itália quando Gian comunicou sua nova decisão de que se casassem na Inglaterra.

—Estes idiotas estão convertendo a esse tipo em um mártir — disse Gian— Há mil velas acesas por ele, depois de sete noites. Logo virá um milagre, e venderão os ossos de seus dedos como relíquias na praça do mercado.

—Maior motivo ainda para partir. —A princesa Melanthe observava o provador de Gian, que sempre o acompanhava, enquanto provava um prato— Olhe, há salmão fresco, e dizem que é o melhor do ano. Quase me alegro de que seja dia de pescado.

—Não, não fugiremos dessa enganada chusma. Só devemos esperar um pouco a que saiam as admoestações, e depois faremos uma festa para que todos esqueçam que seu santo Ruadrik chegou alguma vez a sair da guarida dos lobos em que morava. Assim o prefiro minha senhora.

—Gian, diria que este assunto lhe transtornou o julgamento. Muito bem, aqui não é querido por ser estrangeiro. E que mais dá? Voltemos para casa e esqueçamos esta estupidez.

—Antes não tinha tanta pressa. A que se deve essa ansiedade por partir, minha amada?

—Talvez não me agradem os feios olhares que recebo quando saio — replicou ela com acritude.

—Só são uns camponeses — alegou ele— Se alguém se atrevesse a lhe insultar, diga-me isso.

—Preferiria não esperar a que tal coisa ocorra. Repito-lhe que quero partir o antes que possamos. Se de verdade me amar, acessará a fazê-lo.

Gian deixou a taça de vinho.

—Esse é um recurso que faria bem em não utilizar com muita frequência, querida minha.

—A este pescado faltam condimentos — disse a princesa enquanto contemplava a fonte com o cenho franzido— Cara, diga nas cozinhas que fritem salsinha. Mil perdões Gian, não sei por que se esqueceram das ervas.

Cara se alegrou de poder sair da estadia. Enviou um pajem com a salsinha, mas ela não voltou, pois era mais que provável que, estando Gian de mau humor, metesse na cabeça alguma ideia pouco honrada. Acompanhada por uma lavadeira, que o fazia de acompanhante, Cara saiu com sigilo ao pátio e atravessou a porta que dava aos estúbulos.

À luz do entardecer, Guy estava escovando o cavalo de Gian. Cara ficou entre as sombras, incapaz de aproximar-se o por acanhamento. Admirou seu cabelo, dourado sob os últimos raios do sol, enquanto retorcia tanto as saias como o presente que levava nas mãos. Alegrava-se de que Guy ficasse com a princesa, inclusive depois de que aparecesse o Cavalheiro Verde. Esperava que tivesse feito essa escolha para poder estar perto dela, por mais que também poderia ter sido simplesmente porque a princesa podia recompensá-lo com maior generosidade.

Guy seguia passando a escova pela suave garupa cinza do cavalo. Cara sentiu como se toda ela estivesse unida aos seus firmes e singelos movimentos, à forma de sua mão e à largura de suas costas. De repente, um dos moços de quadra disse algo em voz baixa, e todos olharam a Cara e à lavadeira. Guy se endireitou e se voltou. Quando a viu, iluminou o rosto com um sorriso, mas imediatamente olhou a escova que sustentava na mão como se esta escondesse algum mistério de vital importância.

Era a primeira vez que Cara se aproximava dele em público desde seu encontro privado. Os homens de Guy sorriram, e um deles atirou uma pedrinha que lhe deu no ombro. Guy levantou a mão e sacudiu a manga com expressão ausente.

Cara deu o presente à lavadeira. Era um encaixe de seda. A criada foi até Guy e o entregou.

—De Donna Cara — foi tudo o que disse. A jovem pensou que a criada poderia ter embelezado algo mais suas palavras, mas, ao fim, a garota era inglesa.

Guy olhou a todos os homens em vez de Cara, que conteve a respiração ao observar sua séria expressão. Não obstante, ao momento ele agarrou o obséquio e o admirou enquanto o sustentava entre as mãos; logo sorriu a Cara enquanto os outros assobiavam e lançavam brincadeiras.

De repente um dos moços apareceu atrás dela na porta e, depois de agarrá-la pela cintura, empurrou-a para trás. Cara soltou um grito e tentou resistir, mas não se tratava de nenhuma agressão seria, já que ao momento Guy obteve que o atacante se retirasse após dar-lhe uns bofetões. Continuando, agarrou Cara e a apertou contra seu peito.

Acariciou-lhe o cabelo e se ajoelhou ante ela ao tempo que tirava da manga as luvas brancas das ocasiões.

—Donna Cara — disse— dou-lhe isso em condição de que se case comigo. Aceita?

Cara sabia que todos os presentes no pátio a estavam olhando. Um dos homens de Gian lhe disse em italiano que não fosse tola e ofereceu a si mesmo como melhor partido. Depois de lhe lançar um rápido olhar, Cara se apressou a agarrar as luvas.

—Sim, senhor. Aceito.

Enquanto todos rompiam em aplausos, os homens de Gian lançaram alguns feios impropérios. Imediatamente surgiu uma briga e os moços ingleses se juntaram para brigar contra os outros, mas, justo quando Cara estava agarrando Guy pelo braço para retê-lo, saiu um moço correndo da casa.

—Preparem-se todos! Meu senhor parte!

A briga cessou de repente. Guy gritou que agarrassem as cadeiras enquanto se aproximava do cavalo cinza a toda pressa. Era impossível que tivesse terminado já o jantar, e Cara temeu que Gian e sua senhora se encetassem em uma guerra aberta. Agarrou à criada pela mão para retirar-se correndo às cozinhas, mas Gian já estava na porta; avançava com umas pernadas tão largas e violentas que seu manto branco não deixava de agitar-se face aos pesados bordados e cadeias de ouro que levava em cima.

Ao chegar ao arco de entrada, passou junto a Cara sem vê-la, mas, para horror desta, de repente se deteve bruscamente e fixou a vista nela.

Com um ligeiro movimento de mão indicou a seus homens que seguissem. No pátio reinava a confusão. Cara procurou Guy desesperada com o olhar, mas este estava colocando uma das elaboradas cadeiras de montar sobre um cavalo. Justo no momento no que olhou, soube que Gian a tinha visto fazê-lo, e amaldiçoou em silêncio sua debilidade.

Gian lhe sorriu com amabilidade e ficou junto a ela como se de repente não o importasse esperar.

—Há, Donna Cara, faz uma noite muito agradável para estar ao ar livre, não te parece?

Ela se inclinou em uma ligeira reverência, que era tudo o que podia fazer levando em conta o tremor de joelhos que a dominava.

—Sim, meu senhor.

—Uma noite muito agradável para os apaixonados. Mas onde está Allegreto?

Um intenso terror percorreu todo o corpo de Cara, que baixou o olhar.

—Não sei! Não sei meu senhor.

Não teria que havê-lo repetido duas vezes, a não ser dizê-lo em um tom de maior surpresa. Por que teria que sabê-lo ela?

—Por que teria que sabê-lo, meu senhor? —disse em voz alta em uma tentativa de imitar a atitude ativa e fria que a princesa Melanthe estava acostumada a adotar.

—Em efeito, por que teria que sabê-lo? —murmurou Gian. Aquele tom meditabundo alarmou a Cara ainda mais, e fez outra reverência sem atrever-se a olhá-lo à cara— Leva algum tempo um tanto ausente — acrescentou em voz baixa— Disse-me que tinha uma querida. E em minha necessidade pensei, e rogo que me perdoe Donna Cara, se ofender sua modéstia, que devia tratar-se de ti.

Cara não sabia o que fazer. Nunca sabia o que fazer. Quão único pôde pensar foi que não teria que ter deixado que a apanhasse.

—Há, não é este seu jovem galã? —perguntou Gian em francês quando Guy lhe levou o cavalo. A Cara gelou o sangue e não pôde responder. A seguir, Gian disse ao jovem— Felicito-te. Leva-te uma donzela bela e casta.

—Agradeço isso, meu senhor — respondeu Guy com uma profunda reverência— Donna Cara me faz uma grande honra.

Para enorme alívio da jovem, Gian montou. Enquanto se acomodava na cadeira, olhou além de onde se encontrava a moça. O cavalo jogou a cabeça para trás e deu um passo, apesar de que Gian não parecia lhe haver feito nenhum sinal.

Cara deu a volta e viu que a princesa Melanthe cruzava o pátio. Várias damas iam a toda pressa atrás dela, recolhendo a cauda das saias. A princesa se deteve no arco de entrada. À luz do entardecer sua tez parecia branca e fria, e seus peitos se elevavam e baixavam pausadamente sob o profundo decote de seu brial.

—Venho dizer-lhe adeus, Gian — disse— Não quero que nos separemos zangados.

—Tampouco o quero eu, minha senhora, mas esta noite me puseste a prova em demasia.

Ela inclinou a cabeça e esboçou um sorriso.

—Não acreditava que tivesse me escolhido por minha natureza doce.

—Nem eu, embora me agradasse muito que soubesse quem de nós manda.

—Nesse caso, escolha suas lutas com mais cuidado, amado meu. Eu amanhã apresentarei meus respeitos ao rei e partirei para Londres antes do entardecer, e dali seguirei até Calais. Será umas bodas muito solitária sem a presença da noiva.

Não se ouvia nada em todo o pátio salvo as pisadas e o fôlego dos cavalos. Aquela atitude tão abertamente desafiante da princesa escapava à compreensão de Cara. Todo o nervosismo e confusão que devia estar sentindo Melanthe nesse momento parecia concentrar-se nas trementes extremidades de sua donzela.

—Nesse caso, você ganha, minha senhora — disse ao fim Gian— Estarei ao seu lado. Mas cuide-se de não comprar suas vitórias a tão alto preço, ou se encontrará com que só conseguiste uma derrota.

A princesa fez uma profunda reverência ao tempo que alisava as saias. Os anéis de seus dedos refulgiram.

—Como você diz Gian. Ver-lhe-ei no caminho.

Cara estava preparando a bagagem. Tudo tinha acontecido muito mais rápido do que se esperava. Partiam, todos voltavam para casa, e a deixavam ali.

Com Guy, disse para si. Mas mesmo assim tinha medo. Na casa reinava a confusão e uma febril atividade após ter ordenado a princesa Melanthe que preparassem tudo para partir ao entardecer. Os cestos e arcas se amontoavam no mole de madeira que havia sob o edifício. Quando Cara acabasse de esvaziar a estadia da princesa e se ocupasse de comprovar que tudo se carregava adequadamente nas barcaças, teria finalizado sua tarefa.

Não tinha nenhuma vontade de esperar ali até que sua senhora retornasse da audiência com o rei e, além disso, lhe tinha permitido reunir-se com Guy assim que

terminasse. O jovem devia levar os cavalos a algum castelo que Cara não sabia onde estava, mas que não ficava muito longe. Tinha em seu poder uma carta em que lhe ordenava que se fizesse cargo dos estábulos daquele lugar, o qual, havia-lhe dito Guy, era uma grande ascensão e um incrível golpe de sorte. Também havia dito que sua senhora devia tê-la em grande consideração para conceder a ele um posto tão importante, em apesar de levar tão pouco tempo a seu serviço. Poderiam casar-se imediatamente graças à benevolência da princesa, sem ter que esperar que ele se situasse melhor, tal como tinha temido.

Cara não era tão parva para acreditar que a princesa Melanthe a apreciasse tanto. Um favor assim nunca se fazia em troca de nada. Tinha que fazer algo; só uma coisa, e bastante fácil. Tinha que assegurar-se de que, quando a princesa e Gian tivessem deixado o país, Allegreto pusesse em liberdade o pobre louco que estava encadeado na destilaria abandonada. Quando comprovasse com seus próprios olhos que assim era, devia escrever uma carta a sua senhora que contivesse três vezes as palavras «*pela graça de Deus*». Desse modo a princesa estaria segura.

Cara pensou que, quando pudesse escrever o último «*Deus*» dos três, certamente seria por sua graça. Benzeu-se e rezou uma oração para agradecer-lhe e suplicar que também lhe permitisse liberar sua irmã. De repente, teve a estranha sensação de que assim ia ser. Allegreto o tinha prometido e, apesar de tudo, Cara acreditava.

Mas Gian a tinha olhado daquela forma... Sabia que tinha despertado suas suspeitas. Oxalá não tivesse renomado Allegreto, embora, de todos os modos, supôs que Gian só teria pensado que a desgostaria que lhe falasse de amor com outro homem quando Guy estava tão perto.

Terminou de encher a arca, jogou folhas de morango e pétalas de rosa sobre a capa superior de roupa e foi a toda pressa abaixo para procurar um pajem que a fechasse e a levasse. A princesa queria que todas as barcaças estivessem carregadas a sua volta, mas agora que sua parte acabava, Cara não tinha motivos para ficar. Havia ficado de reunir-se com Guy na ferraria, onde estavam pondo ferraduras novas a todos os cavalos antes de partir a seu novo alojamento.

De repente, enquanto baixava a escada, Cara teve uma visão de como seria a vida sem a princesa, sem Gian e sem Allegreto. Sem ter que pensar cada palavra por medo a sua reação, nem esperar ouvir a qualquer momento algo terrível. Amanhã a essas horas já teriam partido. Ela ficaria virtualmente só em uma terra estranha, mas pelo menos eles já não estariam.

Sentiu uma trêmula alegria em seu interior. Tomou fôlego enquanto pensava em Guy com um íntimo e intenso prazer e correu escada abaixo.

Gian esperava ao final da mesma, ante a porta aberta da que contemplava as barcaças e o rio. Sua capa revoou a seu redor quando se voltou para olhar Cara, e as cadeias douradas tilintaram.

—Bem achada, Donna Cara — disse sorrindo— Era você a quem queria ver.

Capítulo 26

Tinha pensado em jogar-se no rio. Também tinha pensado em pedir ajuda ao único bote com o que cruzaram. Inclusive tinha pensado fingir que não reconhecia aquele lugar, para assim não ter que falar. Tinha pensado em fazer muitas coisas, mas ao final quão único tinha feito era tornar-se a chorar.

Não sabia mentir. Nunca lhe tinha dado muito bem, e com Gian não podia nem sequer pensar. Ele só tinha tido que nomear sua irmã para que Cara começasse a balbuciar tudo o que queria saber. Com só nomear Guy, ela tinha ido com ele assim que o tinha ordenado, sem dizer nada a ninguém, sem gritar, nem rogar, como um coelho que é pego indefeso pelo lobo.

Gian ia matar o pobre cavalheiro louco que amava a sua senhora. Cara não queria presenciá-lo, por isso opôs toda a resistência que pôde ao chegar ao velho mole de pedra que estava meio escondido entre os juncos. Mas Gian a agarrou pelo pescoço e o

apertou até que teve que ceder de medo e dor. Enquanto tentava recuperar o fôlego, desceu do bote e o conduziu pelo atalho que atravessava os juncos.

A porta da destilaria não tinha o ferrolho preso e estava entreaberta. Durante uns instantes, Cara pensou que ainda podia haver esperança. Tentou dizer algo, dar um grito ou um aviso, mas Gian lhe tampou a boca antes que pudesse fazê-lo. Com a outra acariciou o pescoço e o apertou devagar.

—Silêncio — disse ao ouvido— Sua única esperança é me obedecer. Esta porta aberta... Acaso escapou?

Cara negou com a cabeça.

—Então há alguém mais aí. A princesa?

Cara voltou a negar.

—Seu inglês?

Outra sacudida, muito mais enérgica. O nariz se enchia do aroma do azeite perfumado que usava Gian. A voz de Allegreto, longínqua e com eco, ouviu-se pela porta com uma fraca e sarcástica risada.

Seu pai não se moveu enquanto seguia segurando Cara, tão só voltou à cabeça. O tom lânguido de Allegreto era inconfundível e, entretanto, Gian apertou mais o pescoço da jovem e sussurrou:

—Quem é?

De repente a empurrou pela porta. Com um grito, Cara caiu de joelhos no passadiço inclinado e arranhou as mãos. Gian já se adiantou, e a arrastou consigo.

—Allegreto! —gritou Gian com todas suas forças. Era um bramido de selvagem angustia que reverberou por todo o passadiço até voltar para eles. Abriu de repente a porta da destilaria e contemplou a enorme estadia. Allegreto estava junto ao poço, e o cavalheiro louco, encadeado de um braço, jazia apoiado contra o muro. O final do grito de Gian ainda ressonava entre as cavidades ocas— Allegreto — repetiu dessa vez com um sussurro.

Em seu desespero, Cara tinha se alegrado de que todas as portas estivessem entreabertas. Mas Allegreto, que era capaz de assustar aos próprios demônios, não se

moveu. Estava sentado na borda do poço com o olhar fixo na água. Uma exumação de laranja deslizou entre seus dedos imóveis e caiu à água com um fraco chapinho, como um retalho brilhante que flutuasse sobre a superfície de uma enorme lua negra.

—Olhe-me — disse Gian em voz baixa. Entretanto, Allegreto não se moveu; só fechou os olhos— Nem sequer pode fazer o que te peço? Nem isto sequer? Meu filho me olhe.

Allegreto voltou à cabeça e a levantou. Ao ver Cara emitiu um débil som, como o gemido de alguém que sonha.

—Levante-se — disse Gian.

—Meu senhor...

—Não me fale. Não desejo ouvir sua voz. Levante-se.

Allegreto ficou em pé. Levava uma espada e uma adaga, mas não aproximou a mão a nenhuma das duas. De repente, como se lhe falhassem as pernas, caiu de joelhos. Gian se voltou para Cara, a que com grande cortesia conduziu pela escada. Ela baixou sem poder conter as lágrimas; seu pranto era o único que se ouvia na enorme estadia. Gian a deteve ante seu filho ajoelhado.

—Donna Cara, hei aqui a seu grande amor — disse— Por você traiu ao seu pai. Por você deu morte a si mesmo.

—Não! —balbuciou ela— Não!

—Não? Não foi por você? Pois deve sê-lo. É muito formosa, embora tampouco uma grande beleza, mas ele lhe olha e sua doçura e inocência fazem que seu coração se torne traidor. E que ganhou com isso? Sua segurança, sua vida, ah, e aqueles moluscos envenenados que, conforme me contou, foi preparada e os separou de sua senhora. Ou acaso não a salvou? Fui estúpido. Amei meu filho e fui estúpido.

Allegreto permanecia em silêncio. Em seus olhos brilhavam a escuridão e o vazio.

—Talvez lhe perdoe — prosseguiu Gian— Possivelmente alguém tenha sido inclusive mais falso que ele. Minha prometida tinha muita pressa para que voltássemos para casa. —Deu as costas a seu filho e foi para onde estava o cavalheiro da princesa Melanthe, que tinha se posto em pé e os observava— Suponho que tenho que agradecer ao engenho que ainda fica por não ser eu quem está encadeado como este pobre cão, que

espera ansioso a agradá-la. Ama-o sua princesa? — Olhou fixamente ao cavaleiro, que lhe devolveu o olhar com expressão áspera. —Ama-te?—perguntou-lhe Gian em francês.

—É minha esposa.

—Mas te ama?

—Pergunte a ela.

Gian inclinou a cabeça.

—Ela renega a você e, entretanto, você está aqui, e não sob um montão de terra como eu queria. Ela perdoa Donna Cara pelos moluscos envenenados porque assim pode comprar os serviços de meu filho. Jazeu contigo, sofreu por ti e mentiu por ti! — levou as mãos à cabeça— Melanthe!

O cavaleiro se moveu. Seus grilhões de aço cintilaram, mas a longa corrente não alcançou para que pudesse golpear Gian na têmpora. O som dos elos percorreu a estadia como se fossem mãos que aplaudiam. Gian deu um passo atrás e permaneceu fora do alcance de Ruck com a mão no punho da espada.

—Está louco — disse Cara com desespero— Minha senhora diz que está louco, e ela vai se casar com você. Não o mate.

Gian voltou a centrar sua atenção em Cara, e a jovem se arrependeu de ter falado. Pensou na escada, tão perto de suas costas, pensou em Guy que a esperava na ferraria, e seus olhos voltaram a encher-se de lágrimas.

—Há, Allegreto, que bom coração tem sua dama. Como pude dizer que não era digna de ti? É muito boa para ti.

Seu filho não disse nada. Seguia de joelhos com o olhar fixo no chão. Gian rodeou o poço e se deteve junto a ele.

—Bem, pois não atravessarei ao cão. Vê Donna Cara? Não posso resistir às suplicas de uma dama. Na verdade é muito boa para o desalmado de meu filho.

Allegreto estava tremendo, e respirava como se fosse chorar, mas não pudesse.

—Olha-o, tão assustado... Perdoo-o, Donna Cara? Sua vida está em suas mãos.

Sim, perdoe-me!

— Vamos, levante meu bom filho — disse Gian lhe tocando o ombro.

Allegreto deu um pulo como se o tivessem cravado algo. Ficou em pé, mas sem expressão alguma de alívio em seu rosto. Parecia incapaz de pensar; tão só fechou os olhos quando Gian o agarrou pelos ombros e o beijou em cada bochecha. Continuando, deu um passo atrás e empurrou seu filho com todas suas forças. Cara gritou enquanto Allegreto tentava sem êxito manter o equilíbrio e caía ao poço com os braços estendidos para seu pai. Desapareceu depois da borda e, ao momento, ouviu-se um grande mergulho de cabeça.

Sem pensar Cara foi correndo até a borda e olhou abaixo. Allegreto apareceu à cabeça e logo os ombros enquanto a superfície da água se agitava em tons prata e azeviche. A jovem agarrou o balde e a corda que penduravam da enorme polia, mas Gian a colheu com uma mão ambos os pulsos, que apertou com força e a puxou para trás.

Allegreto seguia com a cabeça fora das negras águas e afastava o cabelo dos olhos. Olhou para cima, para onde eles estavam, e de repente o vazio tinha desaparecido de seu olhar. Bracejou com suavidade para manter-se flutuando.

Gian se aproximou da borda sem deixar de segurar Cara. A jovem resistia, aterrorizada, se por acaso tentava atirá-la também, mas não o fez. Tão só permaneceu imóvel olhando à água. Allegreto nadou para eles. Seu rosto levantado se via de um pálido mortício sobre o escuro líquido. Com uma mão mediu o muro.

Gian negou com a cabeça e puxou Cara para bordear uma quarta parte do poço sem deixar de olhar abaixo. Allegreto os seguiu, como se um ímã o puxasse. Suas mãos escorregavam sobre o sólido muro de pedra sem encontrar onde agarrar-se.

Cara se deu conta de que Gian estava se assegurando de que Allegreto não pudesse segurar-se a nenhuma parte, para o que percorreu lentamente o poço inteiro. Quando chegou onde estavam o balde e a corda, agarrou o primeiro e o pôs fora do alcance do cavaleiro, que os observava do lugar no que estava encadeado.

Ninguém dizia nada. A Cara tudo aquilo parecia um pesadelo, salvo pela dor que sentia quando puxava e retorcia os braços para tentar soltar-se de Gian. Este a levou até a escada e a obrigou a começar a subir, momento no que a jovem tentou olhar por cima

do ombro. Allegreto parecia um fantasma no enorme poço, e seu rosto molhado já se confundia com as brilhantes lágrimas que empapavam os olhos de Cara. Gian fechou a porta, e a que havia a seguir, e passou todas as trancas.

A brilhante manhã que estava no exterior estalou sobre Cara. Por um momento pareceu que não podia ser verão e de dia, mas sim seguiam no mesmo crepúsculo apagado e frio que acabavam de deixar atrás. O intumescido calor que sentiu nas mãos era como o silencioso horror que alagava sua mente. Era de dia, havia pássaros e erva, e o rio resplandecia. Quando estiveram entre os juncos, Gian se deteve e a soltou.

—E agora, Donna Cara — disse com calma— pelo bem de sua irmã e de seu inglês, esquecerá esta manhã e este lugar para sempre.

Em meio daquele quente dia de verão, a Cara tudo parecia agora um sonho, e a tranquila voz de Gian simplesmente formava parte do mesmo. Era incapaz de falar, como se estivesse sonâmbula.

—Foi uma moça valente, e tem feito um bem a sua irmã. Por ti a salvaremos dos Reata. E ajudaste a seu marido também. —Puxou-a pelas mãos e a conduziu ao embarcadouro— Por vir conosco, fá-lo-ei maior do que pôde jamais sonhar.

O bote esperava amarrado. Cara se deteve sobre o mole de pedra, com os dedos dos pés pendurando da borda. Gian a soltou e aproximou mais o bote. De repente, ela ouviu seu nome: «*Caaaa*»; era um grito débil, rouco e distante, um uivo cheio de medo e súplica.

Gian também o ouviu. Ergueu-se e a olhou com certo interesse, como se se preocupasse com ela.

—Venha— disse— Todos temos que escolher Donna Cara.

A jovem se separou dele de um pulo. Gian a agarrou pela borda da manga justo quando Cara tentava fugir pelo atalho. Notou que o tecido se rasgava e se partia, mas se liberou da sujeição de Gian com uma força que a fez tropeçar. Ouviu Gian gritar, a seguir um grande mergulho de cabeça a suas costas, e de repente já podia escapar. Seguiu correndo com todas as forças, sem olhar e sem pensar.

«Corre, corre, corre», todo o resto ficava escurecido pelo som de sua própria respiração. Não sabia quanto tempo Gian ia demorar em sair da água e subir ao embarcadouro, ou se já ia atrás dela. Levantou mais as saias, escorregou, mas seguiu correndo, «depressa, depressa», com a mente posta no balde e na porta, poderia fechá-la atrás de si? Allegreto devia ter a chave dos grilhões do cavaleiro. Se ele não queria lutar contra seu pai, seguro que o cavaleiro louco sim que estava disposto.

Ruck puxava as correntes de aço com impaciência enquanto via como a chorosa donzela tentava torpemente com o balde e a polia.

—Dê-me isso — gritou-lhe— Dê-me a corda! Pelo amor de Deus, não poderá subi-lo com isso!

Cara cessou em sua tentativa de pôr em marcha o pesado mecanismo e correu ofegante para ele com o balde. Não era o que tinha pedido — a jovem parecia havê-la abandonado todo entendimento— mas como tinha conseguido escapar de Navona e bloquear a porta, Ruck estava disposto a benzê-la até o final dos tempos. Lançou o balde ao poço e enrolou a corda ao redor da bota de aço; depois fez uma laçada nos grilhões do braço.

—Agora! —exclamou.

A jovem estava de joelhos animando Allegreto a gritos. A corda se esticou e escorregou um pouco com o peso do jovem. Ruck ouviu chapinhar a água. Fez força com a bota e o braço para rebater a ascensão de Allegreto.

A escura cabeça do moço apareceu na borda do poço. Agarrou-se à corda e tomou um impulso final para sair. Desabou de joelhos sobre o lajeamento com expressão esgotada enquanto jorrava água por toda parte.

—Onde está? —perguntou frenético ao tempo que olhava para a porta— Onde está?

—Caiu ao rio — respondeu Cara— Eu corri até aqui, mas aparecerá a qualquer momento!

Allegreto ficou em pé sem afastar o olhar da porta.

—Virgem Santa, me ajude! —exclamou.

—Tem a chave? —perguntou Ruck, agitando o braço encadeado.

O moço estava tão aterrorizado que ficou olhando Ruck sem entender o que dizia; logo reagiu e tirou a chave de sua empapada bolsa. As mãos, molhadas e brancas, tremiam tanto que não conseguia colocá-la no ferrolho.

—Calma mucoso — disse Ruck lhe sustentando o braço.

Allegreto assentiu com a cabeça sem dizer nada. Mediu duas vezes na fechadura e, ao final, conseguiu abri-la. Ruck lhe tirou a chave dentre os dedos e abriu a bota ele mesmo.

—Dê-me sua espada — disse de uma vez que jogava mão ao cinto de Allegreto e tirava a ligeira arma de sua vagem. Continuando, dirigiu-se para a porta, tirou a tranca e a abriu de um chute sem importar o que pudesse haver atrás dela. Depois de haver-se liberado daquelas sete noites, nas que tinha vivido uma morte infernal encadeado naquele poço, estava disposto a matar a qualquer com tal de sair dali, e nada o agradaria mais que o primeiro fosse Gian Navona.

Os três o viram ao mesmo tempo, entre os juncos, a borda da corrente. Donna Cara gemeu.

—Ouvia-o atrás de mim — explicou com voz tremente— mas não me detive.

Allegreto não disse nada. Ficou imóvel um instante, logo lançou ao chão a adaga e mergulhou entre os juncos com a água até a cintura. Agarrou a capa branca e a puxou com frenesi.

Mas já era muito tarde. Ruck se benzeu e ajudou a tirar o corpo a terra. Arrastaram pela erva a pálida túnica, que pesava muito pelos medalhões e os botões de ouro. Allegreto caiu de joelhos. Agarrou uma das mãos de seu pai e a apertou de maneira convulsa entre as suas.

Os olhos entrecerrados de Navona não olhavam a nada. Ruck seguia sedento de sangue, e apertava os dentes como se de um momento a outro fosse atacar o inimigo com a espada.

—Leve Cara — disse Allegreto— Têm que partir os dois.

Ruck vacilou enquanto contemplava o corpo. Ajoelhou-se e o empurrou de lado com a intenção de lhe tirar a água dos pulmões. Mas não notou movimento algum, nenhuma luta por sobreviver.

—Vá com a princesa antes que parta — disse Allegreto com a cabeça agachada e voz apagada— Vá com seu inglês.

Cara tocou Ruck no ombro.

—Vamos senhor, rogo-lhe isso — sussurrou— Levar-lhe-ei onde estão escondidos seu cavalo e as armas.

Tudo aquilo era muito repentino, muito breve e fácil para poder assumi-lo. O rio banhava com suavidade os pés de Navona e cintilava entre os juncos. Ruck recordou o poço negro que tinha deixado atrás, olhou o cabelo molhado de Allegreto e voltou a benzer-se.

—Parta! —disse Allegreto com fúria, levantando a cabeça e olhando-os com os olhos cheios de lágrimas— Deixe-me com ele.

Melanthe estava em um corredor da mansão já virtualmente vazia.

—E meus livros?—perguntou.

O ancião Sodorini se puxou as mangas com ar sério.

—Em sua barçaça, excelência, mas não ao seu alcance. Se dispusermos de outra semana, excelência...

—Não dispõe de outra semana, nem de outro dia.

Sodorini se aferrava à ideia de que ele era o encarregado de se ocupar da transferência em lugar de seu sobrinho, mas Melanthe não podia ser tão ingênua para acreditar que teria tudo empacotado para partir quase sem prévio aviso. O grande salão já estava espaçoso e as arcas na carruagem graças a que seu sobrinho, que tinha sido despojado do posto de mordomo durante a viagem a Bowland, havia tornado a recuperá-lo. Mas o ancião Sodorini resistia a abandonar seu momento de glória.

—Temo pelo modo tão precipitado em que se recolheu tudo — sentenciou— Sua excelência não encontrará nada a seu gosto.

Melanthe não escutou aquela sombria advertência.

—Retornou já dom Gian?

—Os botes e a bagagem estão aqui, assim como os serventes de menor fila. Embora sua excelência não viesse com seus homens.

A luz do sol do entardecer que entrava pela porta principal convertia a sombra de Melanthe em uma larga forma distorcida.

—Que toda minha gente esteja preparada no mole. Partiremos assim que me troque. Os serventes de Gian que façam o que queiram, não vou esperar ao passar a hora prevista. Quero estar em Londres à meia-noite. E jantarei a bordo. Encarregue-te de tudo. —Esteve a ponto de dizer a Cara que a acompanhasse, mas então recordou que a jovem já devia haver partido com seu querido inglês— E me mande Lisa.

Deixou Sodorini e subiu a escada para dirigir-se a seus aposentos. A nudez da casa não a entristecia; pelo contrário, alegrava-se muito de abandonar Merlesden. Não tinha lembranças de infância daquele lugar, que somente tinha sido um lugar útil quando a corte estava em Windsor; além disso, a presença de Gian dominava a casa em excesso.

Não obstante, subiu a escada com lentidão. Ao partir dali romperia com o último vínculo. Logo viriam Londres, Dover e o mar, mas o verdadeiro final começava em Merlesden.

Entrou pela porta de arco. A última arca estava aberta para que se vestisse com o traje de viagem. A grande cama tinha sido desmontada e tirada dali; os muros de pedra estavam nus de tapeçarias e o chão de tapetes. Uma intensa luz do entardecer, colorida de verde, ouro, vermelho e azul, entrava pelas vidraças do mirante. De repente, uma sombra entrou na estadia.

—Gian! —exclamou Melanthe, assustada.

Mas aquele homem era muito alto e largo de ombros. A contraluz lhe via todo negro, à exceção da dura curva da bochecha e de umas sombras vermelhas e azuladas sobre os ombros.

Melanthe se voltou e fechou a porta de repente; logo a trancou e se apoiou nela. Então chamou Lisa; sua voz soou perplexa atrás da porta.

—Não preciso de você — disse Melanthe, esforçando-se por parecer tranquila— Vá com os outros e espera no embarcadouro.

—Sim, minha senhora — respondeu a donzela de forma quase inaudível do outro lado da porta.

Quando já era muito tarde, Melanthe se deu conta de que tinha que lhe haver dado alguma instrução para que nem Gian, nem ninguém mais fosse até ali. Mas nesse momento era quase incapaz de raciocinar; o coração pulsava muito depressa e enviava muito sangue a seu cérebro.

—Parece que vai sem tardança — disse Ruck.

—Acaso vai seguir me atormentando, louco caipira? —Deixou de apoiar-se na porta, mas ficou perto dela— Vá, antes que faça que o capturem.

—Minha senhora, você se interpõe em meu caminho.

Melanthe não podia deixar que se fosse, Gian apareceria a qualquer momento. Tão perto, tinha estado tão perto de evitar o perigo... Ainda podia consegui-lo se obtinha que Gian subisse à embarcação e conseguia reter Ruck ali o tempo suficiente.

—De todos os modos, não penso ir — disse ele— Venho por ti, esposa.

—Tem a cabeça cheia de pássaros — replicou ela.

—Isso dizia a mim mesmo enquanto jazia encadeado graças a você minha senhora.

—Porque não se esquece de mim! — Melanthe estava tão alterada que o olhou com autêntica fúria nos olhos— Ignoro por que está aqui, mas por Cristo que estou aborrecida de que me persiga.

—E eu estou aborrecido de suas mentiras e falsidades — replicou Ruck, que se separou do resplendor e se aproximou dela. Seu adorno não se parecia em nada ao de um prisioneiro. Vestia de veludo negro e levava o cinturão dourado, adornado com pedras que eram de uma vez prata e breu, como a superfície da água de noite— É que não tem coração?

—Não. Alguma vez lhe disse isso?

—Recebi sua mensagem, que seu grande amor, esse Navona, vinha desposá-la. Allegreto me falou ao ouvido muito disso: que adora a seu pai e me esquece por amor a ele. Não tem coração.

Ela deu a volta a suas palavras.

—Mataste Allegreto para liberar-se?

—Não, encontra-se a salvo, mas não se encontra aqui para retorcer-se por você, minha senhora. Nem tampouco Navona.

—Gian vai vir logo.

Ruck piscou como se tivesse ouvido algo atrás dela. Melanthe se alarmou e se agarrou ao ferrolho da porta, mas não ouviu nem ruído de passos na escada, nem vozes abaixo.

—Sim, vai vir? Então minha senhora só tem que esperar. Virá e me matará, não é assim?

—Muito lentamente — assentiu ela — te procurando a maior agonia que seja possível.

Ruck esboçou um sorriso.

—O mesmo faria eu se pudesse.

Melanthe comprovou desesperada, que recorrer ao medo não ia causar nenhum efeito em Ruck. Não temia Gian, mas a horrorizava a ideia do que poderia ocorrer se ele e seus homens encontravam Ruck ali. Dessa vez não haveria nenhum rápido veneno. Dessa vez haveria torturas, que ela teria que presenciar. Jogou a cabeça para trás e apoiou na porta. Olhou-o fixamente.

—Seria tão néscio e cego que morreria por mim? —perguntou.

—Sim — disse ele por toda e singela resposta.

—Louco! —exclamou Melanthe apertando-se contra a porta. Tinha que conseguir que partisse dali, mas não lhe ocorria nenhuma forma de fazê-lo— Mas eu te desprezo! Acaso pensa me atormentar até a tumba?

—Sim, se fosse preciso até a tumba. Diga-me tudo o que te agrada, e emprega toda a astúcia e maldade que queira, mas sou seu marido, Melanthe, e minha tem que ser.

—Nunca o desposei néscio. Por que teria que fazê-lo? Foi somente uma brincadeira, uma indolente diversão, para que perdesse sua tão cacarejada castidade de monge.

Ruck a olhou fixamente com seus verdes olhos.

—É tão matreira como uma zorra, minha senhora, mas ficou trespassada a essa tua brincadeira.

Ela riu depreciativa.

—Meu amor é para outro homem. Não é nada para mim.

Ruck pareceu alterar-se ao ouvir essas palavras. Melanthe pensou com desespero para tentar tirar proveito de sua irritação.

—Melanthe...

—Odeio-te e te desprezo!

Ruck baixou a mão que tinha alargado. Voltou-se bruscamente e caminhou devagar até o outro extremo da estadia, onde se perdeu de novo entre as sombras. Os raios de sol eram mais alargados e baixos. Gian poderia aparecer a qualquer momento.

—Não lhe falou de Wolfscar — disse Ruck. Sua voz saía do escuro rincão com um suave eco— Por que não o fez minha senhora?

—E por que teria que fazê-lo? —replicou ela encolhendo-se de ombros— Para que meu amor ficasse ciumento?

Não podia vê-lo, mas teve a impressão de que tinha aberto uma greta na dura couraça dele. De repente soube o que fazer se tinha tempo suficiente. Levou a mão ao pescoço e abriu o fechamento de seu manto de seda; quando caiu ao chão, deu-lhe um chute. Continuando, iluminada pelos raios de sol, esticou os braços luxuriosamente por cima da cabeça.

—Bem pensado, Gian ainda não está aqui. Pode ser que tente sua castidade uma vez mais antes de partir.

Olhou em direção a Ruck, incapaz de ver nada mais que retalhos de luz colorida. Ele não disse nada. Com um sorriso travesso, Melanthe entrou nas sombras.

—Um beijo de despedida, santarrão — murmurou. Ele agarrou sua mão antes que Melanthe conseguisse distinguir algo e a puxou para si.

—É isto ódio e desprezo? —perguntou Ruck em voz baixa.

Ela levantou os olhos, ainda cegados pela intensidade da luz. O rosto de Ruck permanecia escuro e velado, mas quando uniu sua boca a dela era toda paixão. Beijou-a com intensidade. Melanthe inalou aquele calor familiar e o aroma natural daquela pele de homem sem perfumes. O sabor dele em sua boca a encheu de lembranças, de prazer e dor. Aquela era a última vez. A última vez que a apertava com força contra o peito, a última vez que aqueles dedos deslizavam até sua nuca para segurá-la ainda mais perto.

Melanthe esteve a ponto de perder-se naquelas sensações, mas o sol do crepúsculo lhe ardeu nas pálpebras. Subiu uma mão lentamente até o ombro de Ruck e, uma vez ali, pôs-lhe a adaga sob a orelha. Ele deu um pulo ante a espetada, ao tempo que continha o fôlego.

—E agora fará o que eu te diga — disse ela— Junta as mãos às costas.

Às escuras pestanas de Ruck escondiam seus olhos quando a olhou. Lentamente, sem ênfase, negou com a cabeça.

—Não, Melanthe.

Ela respirou fundo e apertou mais a adaga contra sua pele.

—Crê que me falta perícia ou força?

—Acredito que não tem vontade de fazê-lo.

—Néscio! Não me ponha à prova!

A boca de Ruck era uma tensa linha à luz do crepúsculo.

—A prova ponho-te. Faça-o se esse é seu desejo.

Melanthe o agarrou pela manga enquanto girava a folha, apertava-a mais contra sua pele e rezava para si.

—Quer me atar e me encerrar até que parta —acrescentou Ruck com amargura— mas terá que me matar se quer ser livre, pois jamais te concederei essa liberdade enquanto fique fôlego.

Melanthe lhe fez um corte com a adaga. Ele estremeceu, mas não a soltou; ao contrário, abraçou-a com mais força enquanto um brilhante fio de sangue caía pelo pescoço. Melanthe não podia mover-se.

—Louco! Néscio! Se Gian entrar agora, o esfolará vivo.

—O que pode te importar isso, se você me odeia e eu te aborreço?

Melanthe ouviu cavalos, o ruído dos cascos ressonou no pátio, acompanhado de umas vozes de homens.

—Parado aí

Ruck a agarrou pela cintura.

—Decida-se, minha senhora. Agora as mentiras já estão de mais.

—Parado aí! —repetiu Melanthe, ao tempo que conseguia escapar dele— Vá!

—Então, é a ele a quem quer?

Melanthe começou a perder o controle de si mesma.

—Vá! —gritou— Não seja simples, acaso crê que se trata de escolher entre ele e você? Matar-te-á, e não poderei suportá-lo, maldito seja. Deu morte a todos quantos amei nesta vida, somente pelo amor que eu lhe tinha. Vá! Foge pelas cozinhas, pela porta traseira.

Mas ele não se foi. Melanthe permaneceu em meio da intensa luz e apertou a adaga com força, sem afastar o olhar da sombra de Ruck enquanto escutava os sons que chegavam de baixo.

—Ele sabe, sabe — gemeu— O encontrará aqui. Por que vieste? Estava a salvo, eu te salvei. Vá, vá já, se alguma vez me amou. Por favor, não o suporte... —Não podia ver nada, só a luz e a janela. Os últimos raios de sol que entravam passavam sobre ela e derramavam mais à frente as cores do arco íris— Não o suporte...

Ruck a agarrou pelo pulso e lhe arrebatou a adaga. Ao fazê-lo, seu corpo se perfilou contra a luz enquanto os raios se moviam e dançavam a seu redor. Melanthe ouviu que caía ao chão. Ruck lhe levantou as mãos, que estavam manchadas de sangue, e ela sentiu uma ardência ali onde se deu um corte.

—Melanthe — disse Ruck— ele morreu.

—Vá — insistiu ela com um sussurro, mas já era muito tarde. Ouvia-os no salão e na escada.

—Navona está morto, Melanthe.

Ela negou com a cabeça.

—Não o está. Aí vem.

—Não, minha senhora — disse ele, sem lhe soltar as mãos.

Melanthe não podia lhe ver o rosto. Queria vê-lo, mas as lágrimas, a luz e as sombras o impediam.

—Aí vem — repetiu.

—Não.

Bateram na porta. Melanthe estremeceu incapaz de mover-se.

—Minha senhora — disse Ruck— uma vez me pediu que jamais te dissesse nenhuma mentira. Gian Navona está morto. Eu o vi minha senhora, minha proprietária e soberana. Acredite em mim. Não tem nada a temer.

—Meu irmão, Ligúrio — murmurou ela— E minha filha. E todo amigo que tenha acreditado ter alguma vez, salvo Gryngolet. Não era minha intenção te amar. Não o era. Achávamo-nos tão longe... Jamais acreditei que ele chegasse a inteirar-se.

Os raios do sol se moveram ao redor de Ruck quando levantou as mãos até o rosto de Melanthe. Acariciou-lhe o cabelo, seus dedos tropeçaram com a rede para cabelo e deslizaram sobre as pedras que a adornavam.

—Minha filha contava tão só dois anos — prosseguiu ela— minha garotinha. E era tão formosa. Nunca esqueci quão preciosa era... E pensei que... Que contigo... Se Deus assim o queria... — lambeu as lágrimas que caíam sobre os lábios— Mas então tive medo.

—Por que não me disse isso, Melanthe? Oxalá me houvesse dito isso!

—Tive medo. —Seu rosto se contraiu e, de novo, era incapaz de ver— Senti medo por você. E então chegou Desmond, e me dei conta de que eu o tinha trazido até aqui comigo, e que tinha que partir. —Negou com a cabeça— Não queria fazê-lo, mas não podia lhe dizer isso, pois teria vindo a por mim.

—E assim foi. Que outra coisa podia fazer? —Apertou-lhe os ombros com força— Como ia perdê-la? Por Cristo, uma filha... Melanthe, minha senhora, minha vida, até isso

me ocultou, e me fez acreditar que...? —Sacudiu-a ligeiramente e, continuando, apertou-a contra seu peito— Nunca cheguei a te conhecer. Deixou-me cego.

Voltaram a bater na porta. Melanthe se aferrou a ele.

—Gian está morto — disse Ruck— Não é Navona.

Melanthe se soltou dele a contra gosto. Ruck a deixou ir e que se separasse dele. Ela permaneceu imóvel ante a brilhante janela com suas vidraças de cores. As mãos ardiam e palpitavam de dor. Depois dela, alguém murmurou umas palavras em francês. Ruck respondeu com uma voz tão baixa que foi impossível entender o que dizia. Melanthe se voltou e, pela primeira vez, viu-o com clareza; já não se tratava de uma mera sombra no meio do resplendor, mas sim de alguém real, definido. Ruck fechou a porta e voltou junto a ela. Tinha uma expressão sóbria no rosto e suas sobrancelhas e pestanas negras destacavam sob a luz. Acariciou com suavidade as mãos de Melanthe, e depois a bochecha.

—Allegreto está abaixo, e os homens de Navona — a informou e a agarrou pelos pulsos.

Melanthe levantou os olhos, presa de um novo terror.

—Quem deu morte ao Gian?

—Ninguém, salvo que fosse o próprio Lúcifer.

—Está seguro de que morreu?

—Sem a menor dúvida. —Voltou a lhe sustentar o rosto entre as mãos— Minha amada alivia o pesar de sua alma. —Rodeou-a com os braços— Ele se encontra em um lugar do que jamais poderá te alcançar.

Um calafrio percorreu o corpo de Melanthe. Ruck a abraçou ainda mais forte e pousou os lábios sobre seus cabelos. Aqueles doces beijos pareceram absorver todo o medo que a embargava, derrubar todo muro e barreira e transformá-los em irreprimíveis lágrimas que derramaram de seus olhos, caíram por suas bochechas e empaparam o veludo negro da roupa de Ruck.

—Não pode ser. —A voz de Melanthe soou oca, afogada, no ombro de Ruck— Está seguro? Matou-o você?

—Cala, Melanthe — murmurou Ruck— Fica tranquila — acrescentou ao tempo que a balançava entre os braços com ternura— Hei-te dito a verdade.

Melanthe sentiu desejo de afastar-se dele e olhá-lo, para assegurar-se de que estava realmente com ele, mas não queria pôr fim a aquele abraço. Em seu lugar, fechou os olhos para senti-lo, para sentir suas largas costas sob as mãos, a altura de seus ombros e a força de seu corpo. Atraiu-o com mais força para si, como se ao fazê-lo pudesse obter que a rítmica respiração dele suplantasse os convulsivos soluços que a sacudiam.

—Cala — repetiu ele enquanto a sentava ante a janela e a rodeava com os braços. Beijou-lhe a nuca quando ela apoiou o rosto sobre seu peito— Cala minha proprietária e senhora, meu coração. Comigo está a salvo.

Capítulo 27

O murmúrio de numerosas vozes apagadas subiu até eles pela escada. Ruck sentiu a mão de Melanthe na sua, mais fria que os muros de pedra. Deteve-se na escada e tomou entre as suas para lhe infundir calor. Mal podia distinguir seu rosto na penumbra.

Melanthe se apoiou nele durante um breve instante e depois continuou a descida. Ao chegar ao pé da escada, deteve-se e dirigiu o olhar ao grande salão.

Todos os ali reunidos emudeceram imediatamente. À luz das velas, Gian Navona jazia sobre um montão de palha, com somente o chão de pedra abaixo dele. Tanto sua pele como suas roupas eram muito brancas; já o tinham convertido em uma efígie com traços desenhados em negro e adornos dourados. Um sacerdote estava ajoelhado ao seu lado, enquanto que outros tinham deixado espaço ao redor do cadáver e estavam agrupados nos rincões e ao longo das paredes, à exceção de Allegreto.

O jovem estava de pé junto ao corpo de seu pai como um lobo branco que protegesse a seu amo. Ruck não se deu conta até esse momento do grande parecido que guardavam

ambos. Com sua fria palidez, Allegreto era o fiel reflexo de seu pai: mais jovem, mais arrumado e de traços mais perfeitos. Ainda levava a libré branca com rastros de umidade, como se a ninguém tivesse ocorrido que se trocasse.

Sob as vigas pintadas de vermelho e dourado, e contra o escuro chão de piçarra, Allegreto, Navona e o sacerdote pareciam saídos de uma cena de um espetáculo sacramental, salvo que a expressão do rosto do Allegreto não tinha nada de teatral. Seus negros olhos se dirigiram para Melanthe e a observaram quando ela deixou Ruck junto à persiana e atravessou a estadia.

A princesa se deteve ante o morto e o contemplou durante um longo momento. O sacerdote murmurou suas preces. Ruck não podia ver a cara de Melanthe.

Um grupo de homens de Navona aguardava atrás de Allegreto. A maior parte do séquito de Melanthe estava reunido perto de Ruck, no outro extremo do salão. Separado de todos eles havia um inglês, acompanhado de outro homem, que sem dúvida era um tabelião pelo pergaminho e a pluma que levava. Muitos aldeãos se amontoavam ante a porta aberta que levava ao corredor, mexericavam e se mandavam calar uns aos outros, ao tempo que seus olhares se posavam mais em Ruck que no defunto.

Ruck lhes fez um gesto com a cabeça para que partissem. Os de diante trataram de lhe obedecer, mas os que estavam atrás deles os empurravam e não os deixavam. Melanthe se voltou e olhou para todos aqueles curiosos que murmuravam entre si.

—Cubram-no com uma mortalha — disse. Dirigiu o olhar a suas donzelas e falou em italiano. Uma delas fez uma reverência e saiu rapidamente da estadia, passando junto a Ruck.

—Minha senhora — disse em um francês educado o cavalheiro inglês; logo deu um passo adiante, fincou um joelho em terra e se ergueu de novo— apresento-lhe meus respeitos. Sou John de Langley, juiz de paz de sua majestade o rei.

—O que ocorreu? —perguntou Melanthe, erguendo o queixo— Como morreu?

—Senhora, eu...

—Caiu de nosso bote ao rio — disse Allegreto em voz alta e fria, interrompendo o juiz. Continuando, o desespero pareceu apoderar-se dele— Minha senhora, eu tratei de salvá-lo. Tentei-o!

—Senhora, eu... —repetiu o juiz.

—Acaso creem em uma patranha semelhante? —Um dos homens de Navona se aproximou do juiz— O bastardo mente. Meu senhor não caiu do bote. Assassinarão-no. Mataram-no esses três!

Um murmúrio percorreu o grupo de olheiros.

—Senhora — disse o juiz com ar muito sério— levo a cabo uma investigação para esclarecer o assunto e decidir se foi um acidente ou se trata-se de um crime que terá que ser levado ante os tribunais.

Melanthe não pronunciou palavra. Langley inclinou a cabeça ante ela.

—Não há testemunhas à exceção deste jovem, de nome...

—Allegreto — disse Melanthe— É o filho bastardo de dom Gian.

—Assim é, minha senhora. E este cavalheiro...? —perguntou e dirigiu um olhar cheio de intenção a Ruck.

—É meu marido, lorde Ruadrik de Wolfscar.

Os espectadores nem sequer tentaram permanecer em silêncio. Um grande clamor surgiu do seio do grupo. Ruck foi situar-se ao lado de Melanthe.

—Sim, e assim o afirmo eu — declarou, e olhou com zanga a seu redor para fazer que guardassem silêncio— Defendi minha palavra ante o rei. O próprio arcebispo ouviu minha declaração de que minha esposa fugiu por medo a perder a vida às mãos deste Navona, e que teve que ocultar a verdade. —Olhou o juiz— Se não for prova suficiente que agora que ele morreu reconheça ser minha esposa, não terei reparo algum em demonstrá-lo de novo com a espada e enfrentar todo aquele que se atreva a negá-lo.

—Escutem-no! —foi o grito unânime que chegou da porta, e que imediatamente todos os ingleses também fizeram dele.

Os gritos chegavam também do exterior e, a julgar por sua força, provinham de uma considerável multidão.

—Escutem-no! Escutem-no!

—Silêncio! Calem-se e deixem que fale o juiz, meu senhor! —bramou o tabelião.

O clamor deu passo a murmúrios de protestos. Langley fez um gesto cortês em direção a Ruck.

—Escuto-lhe, lorde Ruadrik. Eu estive presente em seu honrado combate. Mas deve entender que sou juiz de paz, e aqui se formulou uma acusação que tenho que investigar. Se eu considerar que não há prova alguma de que se cometeu um crime, o assunto ficará resolvido.

—Mataram a meu senhor Gian, que a ira de Deus caia sobre os assassinos! —gritou o italiano, e assinalou Ruck— Não esqueçam vocês que esse Ruadrik ameaçou meu senhor, atacou-o e queria lhe roubar sua prometida. É de todos sabido! Onde estive o muito distinto lorde Ruadrik, por cuja morte tanto duelo houve e que de repente aparece aqui ao lado dela, quase no preciso instante do assassinato? Juntos conspiraram todas estas víboras: Allegreto para ocupar o lugar de seu pai, e esses dois para folgar juntos a seu capricho.

—Que provas têm, pergunto-lhe uma vez mais? —disse o juiz com calma.

—É que não ides procurar mais testemunhas? Ides acreditar na palavra desse embusteiro de baixo berço?

—Falou sob juramento — replicou Langley— Durante todo o dia procurei outras testemunhas, e não encontrei a ninguém que contradiga sua história.

—Jamais meu senhor cairia de um bote! —assegurou o italiano com ferocidade— Não era tão néscio.

—Pelo contrário, eu sou da opinião de que qualquer um poderia perder o equilíbrio e cair, e ele levava sobre si suficiente peso em ouro para que se afundasse nas águas.

—Ora! —O italiano fez gesto de ir cuspir a Allegreto, mas se conteve— Nada sabe! Pergunte ao bastardo o que ganha com isto. Uma fortuna para si, em lugar de um irmão legítimo que ocupasse seu lugar.

—Eu não matei meu pai — disse Allegreto com voz frágil— Morello, bem sabe que eu o amava.

—Quanta honra e amor quando jaz morto a seus pés! —replicou o italiano.

—Sim que o amava! —gritou Allegreto, com uma angústia que ressonou no teto.

Melanthe apertou durante um instante o braço de Ruck com força. Todo o salão ficou em silêncio enquanto o grito de tristeza do jovem se apagava. Ruck o observava atentamente, temeroso de que Allegreto sucumbisse à dor que sentia e, ao perder a prudência, fraquejasse em seu testemunho. Mas o jovem somente fechou os olhos e, quando voltou a abri-los, fixou o olhar sem pestanejar em Morello, que afastou a vista e murmurou algo desagradável em italiano.

—Sigo sem ouvir provas acreditáveis que o moço minta — disse Langley, que se voltou para seu tabelião para lhe pedir a Bíblia e a cruz— Lorde Ruadrik, estaria disposto a jurar que é inocente?

—Na verdade que sim — respondeu Ruck. Pôs uma mão sobre o livro sagrado e jurou por sua alma que não tinha matado Gian Navona; depois beijou o crucifixo e se benzeu. Quando deu um passo atrás, da multidão ali congregada saiu um murmúrio de aprovação.

—E você, minha senhora?

Melanthe fez uma reverência quando lhe aproximaram a Bíblia. Com voz clara e tranquila, fez o mesmo juramento. O juiz se inclinou e falou no ouvido a seu tabelião, que assentiu duas vezes. Ruck agarrou Melanthe pelo cotovelo e a segurou com suavidade. Os espectadores estavam tão quietos que davam a impressão de conter a respiração.

—Não acho razão alguma para convocar a um jurado — anunciou ao fim o juiz.

Um grito de alegria brotou dos ingleses, enquanto que o dos italianos foi de ira, que contiveram rapidamente quando Langley os olhou com severidade e o tabelião lhes exigiu que calassem.

—Em caso de assassinato, nos aconselha que jamais julguemos pelas aparências nem nos apoiemos em meras presunções, porque nenhuma vida estaria a salvo — prosseguiu Langley— Assim, ao não haver uma testemunha disposta a dar um passo à frente e atestar baixo juramento em sentido contrário, a acusação de assassinato parece

infundada. Não tenho razões materiais que me façam duvidar de que Gian Navona se afogou por acidente, e que Deus tenha piedade de sua alma.

Teve que deter-se uma vez mais até que se restabeleceu a ordem. Dois dos italianos tiveram que segurar Morello, ao que o juiz olhou com as sobrancelhas arqueadas.

—Lorde Ruadrik afirma que apoiará seu juramento com a espada, como já antes fez. Temos que entender então que quer lutar contra ele?

Morello escapou de seus companheiros com expressão muito áspera. Olhou Ruck, mas não abriu a boca.

—Se não é assim — disse o juiz — então declaro que a melhor maneira de preservar a paz do rei é que se dispersem imediatamente todos aqueles que não tenham nada que fazer aqui, e que amanhã abandonem meu condado o par de vintenas de forasteiros italianos que aqui se encontram.

Todos os aldeãos tinham querido tocar com suas mãos Ruck. Face à ordem do juiz, conseguiram formar redemoinhos ao redor dele até que Langley gritou que estavam profanando o cadáver com aquela falta de respeito e usou a bengala com grande habilidade sobre as nádegas de uns quantos.

Agora Navona jazia amortalhado com um tecido de cor escarlate, rodeado de um profundo silêncio, à espera que o levassem a seu país em um ataúde de chumbo para ser enterrado. O sacerdote e Allegreto o velavam, enquanto que seus homens tinham sido obrigados a uma tensa espera à luz das tochas junto ao rio e em companhia do séquito de Melanthe. A princesa não ficou com nenhuma donzela italiana, tinha ordenado a todas que se fossem. Só tinham tirado das barcas o falcão e umas quantas arcas, assim como o leito, que voltava a estar montado em sua estadia sem suas cortinas. As embarcações deviam partir tão logo subissem o ataúde a bordo.

Ruck contemplou o rosto de Melanthe enquanto ela ia de um lado a outro dando instruções a seu emocionado séquito. Estava muito mais magra do que ele recordava, e muito pálida sob a rede para cabelo. Os anéis dos dedos e os botões dourados que lhe percorriam as mangas eram o único brilho perceptível de vida nela.

Quando chegaram os monges franciscanos com o ataúde de chumbo, Melanthe se afastou e foi ao piso superior. Ruck a teria seguido, mas olhou para trás e viu que Allegreto estava sozinho e observava os franciscanos, que começavam a lavar o corpo e a costurar a mortalha. Ruck não se aproximou dele, mas sim permaneceu junto à persiana até que Allegreto o viu ali. O cavalheiro lhe fez um sinal com os dedos para que se aproximasse. O jovem parecia desconcertado; primeiro vacilou, mas, imediatamente, aproximou-se rapidamente a ele, como um cão inseguro que superasse qualquer dúvida inicial, e o seguiu até o corredor em sombras. Ruck lhe pôs uma mão no ombro.

—Está ainda molhado. Não tem roupas secas?

—Nos barcos— respondeu o moço, que levantou o rosto para olhá-lo. Toda aparência de domínio se esfumou, lhe via mais jovem que alguma vez, o qual não deixava de resultar estranho, como se todos tivessem esquecido que estava mais perto de ser ainda um menino que um homem— Deveria me trocar?

—Sim. Direi que lhe tragam algo do embarcadouro.

Allegreto agarrou Ruck pelo braço quando este se voltou.

—E Cara? —perguntou em um sussurro.

Ruck se deteve. O jovem olhou para a luz que entrava no corredor do salão, onde os frades seguiam fazendo seu trabalho entre murmúrios e ruído de água. Pela expressão de Allegreto, com sua boca firme e seu orgulhoso queixo, Ruck se deu conta de que o jovem não tinha nenhum medo a que a garota contasse algo dele.

—Levei Donna Cara junto com seu prometido, como me pediu. Partiram com os cavalos.

O jovem o olhou com expressão inquisitiva.

—Aonde?

—Ao castelo de minha senhora no bosque de Savernake, ou isso me disseram.

Allegreto entrecerrou os olhos e assentiu. Continuando, um calafrio percorreu seu corpo e se apoiou na parede com os braços cruzados.

—Pelo amor de Deus, espero que terminem logo e possamos partir.

—Volta com os outros?

—Agora Navona é meu, homem verde, assim devo tomar posse do lugar, e também de Monteverde e Reata.

Para Ruck aqueles nomes não eram mais que isso, nomes de castelos, de cidades ou do que fosse. Mas o que sim tinha claro era que, naquele momento, parecia como se fosse o próprio Gian Navona quem estava ante ele na penumbra. Depois de um breve instante, limitou-se a dizer:

—Em tal caso, cuide de seu amigo Morello.

—Ora, Morello — respondeu Allegreto com ironia e encolhendo-se de ombros.

—Outros o seguirão se te move com rapidez — disse Ruck— Nomeia um capitão esta noite e divide-os para que não possam murmurar entre eles. — Allegreto o observou fixamente com seus negros olhos, depois umedeceu os lábios e assentiu. —Faz que levem lanças — murmurou Ruck— Assim serão mais lentos na hora de levar a mão à espada.

Allegreto arqueou as sobrancelhas e curvou a boca no que era um ligeiro sorriso.

—Não sabia que era tão matreiro homem verde.

—Você é o matreiro. Não basta com a astúcia e o veneno para governar, jovem cachorrinho. Para que possam te honrar, devem saber que é algo mais que uma sombra e um doce rosto.

Os sinos começaram a dobrar. Algo aconteceu à zombadora curva dos lábios de Allegreto, que contemplou a porta em penumbra que dava ao salão com a boca tremendo. Ruck se voltou e viu que os oito franciscanos levavam o ataúde, encurvados pelo peso. Allegreto deu um passo atrás na escada, sem afastar a vista do féretro de seu pai. O sacerdote ia por último e suas mãos balançavam o incensário. Allegreto começou a baixar os degraus como se fosse segui-los, mas então se deteve, com a mão apoiada ao final do corrimão, e olhou através da porta que havia ao fundo do corredor. Entrava uma brisa fresca que agitou seu escuro cabelo. O jovem lançou um rápido olhar por cima do ombro a Ruck, como se tivesse alguma pergunta que ainda não tivesse recebido resposta, mas não disse nada.

—Cuide de Morello — repetiu Ruck— e ponha roupa seca.

—Morello terá morrido antes que cheguemos a Calais — disse Allegreto separando-se da escada e avançando para a porta.

—Roupa seca — insistiu Ruck.

O jovem se deteve e deu a volta:

—Acaso é minha mãe, homem verde?

—A vida depende dos mais ínfimos detalhes, cachorrinho. Para que morrer de uma febre e pôr as coisas fáceis a Morello?

Allegreto permaneceu uns instantes na soleira, uma rajada de brisa entrou e passou sobre ele. O moço fez um breve gesto de assentimento com a cabeça e entrou na escuridão para seguir seu pai.

Melanthe não recebeu Ruck com lágrimas quando este entrou em seus aposentos. Esperava-o de pé com uma ampla camisa de linho e o cabelo solto, como se fosse um fantasma à luz de uma única vela, com os olhos tão secos como os do falcão branco que permanecia imóvel sobre seu cabide.

—Por que demoraste a vir para mim? —disse zangada— Onde estava?

—Abaixo, minha senhora. Já levaram o ataúde.

—Na verdade que demoraram a fazê-lo. —manteve-se ativa e distante, sem avançar para ele. Ruck fechou a porta e ficou de costas a ela. Melanthe sempre era de trato difícil quando estava daquele humor; ele sabia, mas desconhecia o remédio— Conte-me a verdade do ocorrido — exigiu ela— Quem o matou?

—Ninguém. Donna Cara estava com ele no embarcadouro de sua destilaria. Disse-me que tentou fugir e ele a agarrou da manga, que esta se rasgou e ela ouviu como Navona caía à água. —encolheu-se ligeiramente de ombros— E voltamos até ali para buscá-lo.

Melanthe o olhou fixamente, depois do que se pôs a rir e fechou os olhos.

—É muito absurdo — disse.

—Absurdo foi que me encadeasse a um muro, minha senhora — replicou Ruck muito sério— mas ele está agora em poder de Deus, ou do Diabo, e é muito tarde para minha vingança.

Ela abriu os olhos.

—Tê-lo-ia torturado, Cavaleiro Verde? —perguntou em tom zombador— O teria despedaçado por mim?

—Melanthe, não se comporte assim esta noite.

—Como? —disse ela lhe dando as costas. Foi até a cama e, depois de retirar os lençóis, sentou-se na borda com os pés descalços sobre o chão.

—Como o faria ele.

Melanthe curvou os dedos dos pés para baixo até que ficaram brancos. Seus olhos pareciam muito grandes e escuros para ser humano. Era como um elfo, elegante e transparente, como se a luz pudesse filtrar-se através dela.

—Como quer que me comporte então? —perguntou— Quer que seja brincalhona ou total? Uma esposa respeitável ou uma rameira? Posso ser qualquer, ou todas elas de uma vez, se assim o desejar.

—O que eu preferiria seria te ter de melhor e mais doce humor, minha dama.

Melanthe se tornou de costas sobre o leito e ficou estendida entre os lençóis.

—Só isso? Que singelo. —Esticou as mãos e formou uma teia aranha com os dedos— Feito. Sou doce. Sou como o mel. Vem e me prove.

Ruck desabotoou a túnica e a deixou cair sobre uma arca, junto com o cinto e a espada. Ao ouvir o ruído dos elos de ouro, Melanthe se incorporou sobre a cama.

—Por Deus, um homem de pronta resposta — disse em tom zombador.

Ruck continuou despindo-se. Quando esteve nu, foi à cama e caiu sobre Melanthe. Não podia lhe falar, ou ficaria a dar gritos. Em lugar de fazê-lo, Ruck abriu a boca e a beijou com intensidade. Ela arqueou o corpo sob o seu, ao tempo que o colhia com avareza dos quadris para que a penetrasse.

Ruck experimentou uma deliciosa luxúria, que se mesclou com a ira que levava tanto tempo sentindo. Usou Melanthe sem indulgência, ocupado somente de satisfazer seus próprios desejos. Mesmo assim, ela inalou de puro prazer, cravou-lhe as unhas nas costas e abriu as pernas para enroscá-las nas de Ruck; logo o agarrou pelo cabelo e o puxou freneticamente, com uma força tal que fez mal. Aquela dor tirou Ruck de sua

ânsia cega e apaziguou sua desmedida paixão. Melanthe apertava as pálpebras e seu rosto era uma máscara de fúria, como se estivesse lutando contra ele em lugar de estar entregando-se a ele. Ruck tentou suavizar e diminuir seus movimentos, mas ela não o consentiu. Melanthe lançou um grito cheio de amargura e o obrigou a fundir-se com ela com todas suas forças. Inclusive quando Ruck se deteve, Melanthe se aferrou a ele para consumir seu prazer. Ruck deixou que ela o utilizasse a seu desejo enquanto notava como sua própria ira se desvanecia. Acariciou-lhe o cabelo com os lábios ao tempo que Melanthe se retorcia e gemia entre seus braços com a pele banhada de suor. Ao fim, ela se tornou para trás entre ofegos com os dedos afundados nos ombros de Ruck. A intensa dor que causavam suas unhas foi diminuindo conforme Melanthe o soltava lentamente e começava a lhe percorrer os braços com os dedos e a acariciar o cabelo e o rosto.

Ela não abriu os olhos em nenhum momento enquanto acalmava sua acelerada respiração. Percorreu todo o corpo de Ruck com as mãos e, continuando, estendeu os braços sobre os lençóis, ao tempo que relaxava todo o corpo. Ele apoiou a testa sobre o peito de Melanthe e descansou, embebido de seu aroma e seu mistério. Sentiu que ela se retorcia e começava a dormir. Enquanto jazia sobre ela, dentro dela, ainda ereto e sem explodir, os últimos restos de tensão se dissiparam em Melanthe; sua respiração se converteu em uma pluma que acariciava o ouvido de Ruck.

Ele começou a mover-se de novo para encontrar seu próprio prazer no interior do corpo de Melanthe. Mas, inclusive quando chegou ao clímax de seu desejo e descarregou com um forte tremor e um gemido de êxtase, ela não despertou. Sua princesa perdida e achada estava além de seu alcance, inclusive quando a possuía.

Muito cedo pela manhã, na mansão vazia à exceção de uns poucos serventes, Ruck deixou Melanthe profundamente dormida e, depois de banhar-se e barbear-se na cozinha, saiu ao exterior. No pátio se viu surpreendido por um pequeno grupo de aldeãos que imediatamente alargaram as mãos para tentar tocá-lo. Ruck já tinha descoberto que sua volta se converteu em um milagre; era alguém que havia retornado

da morte, ideia que lhe repelia sobremaneira. Despediu-os com o mordaz conselho de que, em vez de milagres, procurassem a seu excelente médico, com o que conseguiu limpar o pátio rapidamente.

A névoa que pendia sobre a superfície do rio se transformava em bruma e ar espaçoso. Ruck olhou através dela para a borda, em que a erva pisoteada e os negros restos de tochas consumidas eram quão únicos ficava das barcaças, que já tinham partido.

Não tinha esperado essa manhã, esse momento. Desde o dia em que Melanthe se foi de Wolfscar, Ruck nunca tinha acreditado que voltassem a estar como marido e mulher. Inclusive antes daquilo, jamais lhe tinha parecido de tudo real, a não ser uma quimera. Não tinham falado do futuro porque ambos sabiam que não havia nenhum.

E de repente aí estava ele, em um presente que sim tinha futuro, depois de sua luta para demonstrar a verdade de seus votos e as palavras de Melanthe lhe dando a razão ante todos no salão.

Andou despreocupado entre os gorjeios dos pássaros e as úmidas flores em direção aos estábulos vazios. Ouviu alguém atrás dele e se voltou, pensando que ia ver Melanthe, mas não se tratava dela, mas sim de Desmond. Levava as roupas de cortesão, a elegante libré escarlata da casa de Melanthe, empapada pela neblina.

—Meu senhor — disse Desmond ao tempo que fincava um joelho e rompia a chorar— permita-me voltar para casa?

Ruck o agarrou e o abraçou. O moço se aferrou a ele como à vida.

—Meu senhor — prosseguiu enquanto soluçava sobre a cota de Ruck— nunca faltei a minha palavra. Não disse nada de Wolfscar, nem que tinha se casado com minha senhora, nem sequer quando me torturaram. Mas Allegreto me ordenou que não me aproximasse de você, que não devia fazê-lo, por minha vida e pela sua. E lhe vi morrer, meu senhor, e eu...

O pranto afogou suas palavras. Ruck cruzou os braços atrás do pescoço de Desmond e o sacudiu com vigor.

—Meu senhor posso voltar para casa? —soluçou o moço— Sei que cometi enganos, fiz mal e falhei, mas suplico-lhe isso, meu senhor.

Ruck apoiou a cara no ombro do moço.

—Desmond, se tiver forças te levarei a casa montado a minhas costas como penitência. Que Deus me perdoe por havê-lo enviado sozinho.

Ruck subiu a escada a caminho da habitação de Melanthe após haver-se provido na despensa de uma jarra azul e branca de vinho e de uns restos de pão. Um fino halo de luz saía da porta aberta de cima e desenhava uma débil franja dourada em uma curva da parede de pedra.

Esperava encontrá-la dormindo, entretanto ao entrar viu que Melanthe se levantou. Ia vestida somente com a camisa de linho e estava ajoelhada junto a uma arca aberta, contemplando algo que sustentava na mão. Ruck viu que se tratava de um espelho, delicado e pouco comum, já que era feito de cristal em vez de aço gentil. Melanthe, com o cabelo solto sobre os ombros, observava o reverso esculpido em marfim. Quando Ruck entrou na estadia, ela levantou o espelho para que seu cavaleiro se refletisse nele.

—O que vê santarrão? —perguntou.

—A mim, minha senhora. Quer tomar o café da manhã?

Melanthe se levantou enquanto ele punha o guardanapo sobre uma arca e depositava a comida e as jarras em cima. Depois fechou a porta.

—Tenha — disse Melanthe, passou-lhe o espelho e se dirigiu com toda naturalidade ao assento da janela, como se Ruck fosse uma de suas donzelas e tivesse a obrigação de devolver o utensílio a seu lugar.

Ele permaneceu imóvel com o espelho na mão. Sabia que ela o tinha feito de propósito para incomodá-lo, e o tinha conseguido. Ruck era muito consciente da diferença de posição entre ambos, e considerou que, se deixava passar essa ligeira atitude desdenhosa dela, teria que viver como um servente para sempre. Assim, serviu vinho em uma jarra e a passou a Melanthe, junto com o espelho.

—Minha senhora esposa — disse— não necessito deste cristal para me contemplar.

—Acaso não tem vaidade? —disse ela enquanto o deixava de barriga para baixo sobre seu colo— Ah, esquecia-o, seu pecado preferido é a luxúria.

Ruck se serviu vinho.

—Se pudesse escolher, sê-lo-ia — afirmou.

—Na verdade é um arrumado varão. Haveria certa justificação em que fosse vaidoso. Olhe — disse levantando o espelho de novo em direção a ele.

—Ocorre algo com minha cara, minha senhora, para que tanto peça que me olhe no espelho?

Melanthe o observou enquanto seguia com o cristal em alto. Ao cabo de um momento, esboçou um ligeiro sorriso e levantou ainda mais o espelho para ocultar parte de seu rosto atrás dele, como se fosse uma juvenzinha ruborizada.

—Não, não ocorre nada, amado meu — disse ao fim.

O cristal brilhou com o reflexo de Ruck, enquanto que o olhar dela era inescrutável. Mas conseguiu cativá-lo de todos os modos quando sorriu.

—Vi Desmond abaixo — disse Ruck. A alegria se desvaneceu do rosto de Melanthe, que baixou o espelho e esticou seus pés descalços sobre o assento da janela. —Levá-lo-ei a Wolfscar assim que possa — explicou.

—Não, não me deixe aqui. Enviá-lo-ei com um guia, de verdade tem que ir.

—Eu o levarei minha senhora — disse Ruck, e terminou de beber o vinho de um gole.

—Não.

—Acaso vai envenenar-me e a me encadear para evitá-lo?

Melanthe se sentou mais erguida.

—E isso te enfurece? Por Deus, estaria morto se não houvesse feito.

—É graças à misericórdia de Deus que estou vivo, e não graças a você, Melanthe. Que demônio te rondava a cabeça para que não me defendesse frente à Navona e me impedisse assim de te proteger?

Ela voltou à cabeça, encolheu os ombros e olhou pela janela.

—Não podia fazê-lo — disse.

—Bem sei que a verdade é como vinho amargo em seus lábios, mas não há absolvição alguma para sua falsidade.

—Não podia! —insistiu ela.

—Melanthe, tomou-me por seu marido e, entretanto, não podia declará-lo?

—Ele teria te matado.

Ruck se aproximou furioso a ela.

—E para que não o fizesse, abandonou-me e foi a ele para ser sua esposa?

—Ele teria te matado.

—Para ser sua esposa!

Melanthe juntou os joelhos ao corpo.

—É um néscio, um simples, não sabe nada. Ele teria te matado.

—Sim, e mil vezes preferiria morrer a ver-te em seu leito, embora tenha por seguro que não lhe teria resultado tão fácil me matar.

—Não estive em seu leito, e jamais pensei em está-lo. Ter-me-ia retirado a um convento, assim descansa tranquilo.

Ruck negou com a cabeça, atônito ante o que ouvia.

—Tem o cérebro cheio de pássaros. A um convento, pelo amor de Deus, quando só tinha que ir para mim. Minha obrigação é protegê-la e defendê-la, Melanthe. É minha honra fazê-lo.

Ela ficou em pé de um salto.

—É obvio sua honra. E do que serve a honra quando o veneno alcança seus lábios? Hei-te dito por que o fiz, e voltaria a fazê-lo, e mentiria, enganaria e roubaria com tal de te salvar.

Ruck deixou com cuidado a jarra de barro sobre uma arca.

—Então, segundo suas palavras, meu lugar não está ao seu lado. —Agarrou o cinto da espada e o rodeou— Vou levar Desmond a Wolfscar, e dali partirei para cumprir minhas obrigações para com Lancaster.

—Com Lancaster? Não é dele, a não ser meu. Ele não o acolherá a seu lado.

—As coisas vão mal em Aquitania, assim necessitará de homens experientes. Perdoará por que necessita a um capitão com experiência.

—Não! —exclamou Melanthe— Não irá de meu lado.

—Nisso não pode me dar ordens, minha senhora.

—É meu marido. Deve permanecer a meu lado.

Ruck se grampeou o cinto.

—É um periquito mulherengo o que quer a seu lado. Comprar-te-ei um no mercado.

—Ruck!

O desesperado grito de Melanthe fez que ele se detivesse na porta. Ela o olhava com o espelho apertado contra o peito. Ruck esperou. Durante um instante Melanthe pareceu procurar as palavras adequadas com a boca aberta enquanto olhava por toda a estadia, mas então tomou fôlego, fechou os lábios e o olhou fixamente com porte majestoso.

—Não, senhor, não vai à França. Eu assim o ordeno.

—Minha senhora, seu fiel vassalo fui, mas agora me tem feito seu marido e assim o proclamaste ao mundo. Portanto, sou eu quem poderia te dar ordens se quisesse, e ninguém teria nada que objetar.

Melanthe arqueou as sobrancelhas.

—Temos então que lutar entre nós, santarrão, para decidir quem manda? Pois cuidado com minha força nessa batalha.

Ruck pôs a mão no ferrolho da porta para abri-la de um puxão, mas a seguir o soltou e se voltou para Melanthe.

—Bem sei que tenho que tomar cuidado com a força de sua malícia. Bem sei até onde pode chegar, pois tive muito tempo em sua prisão para meditar sobre ela. —Negou com a cabeça, ao tempo que ria com amargura— Na verdade que não sou rival para você. Seria capaz de rondar e enrolar Lancaster, e envenenar seu ouvido para que não me permitisse ir à França. Poderia me arrebatrar Wolfscar se quisesse para que eu não tivesse nada meu. Não duvido que fosse capaz de me dar ordens e de me encerrar para que seguisse a seu lado. Mais valor dá a seu falcão, pois o soltas e confia em que volte para você, por mais que corra perigo. Poderia encerrá-lo na escuridão a perpetuidade, e

assim sempre estaria contigo. Mas vejo seu rosto quando voa e sua alegria e regozijo quando volta. —Voltou a negar com a cabeça— Não, senhora, não há guerra entre nós. Do que serve guerrear contra um homem morto? Pois eu não poderia viver cativo para agradá-la, nem amá-la como o faço agora, com devoção e sinceridade.

Melanthe apertou com força o espelho e o aproximou da boca, antes de voltar-se para a janela.

—Gryngolet volta pela carne que lhe espera no chamariz, não por amor.

Depois de dizer isso, apertou os ombros e os braços contra si e levantou o espelho ante ela. Seu negro cabelo caía pelas costas. A luz que entrava pela vidraça se voltava de um branco brilhante em sua saia e delineava o contorno do corpo que havia debaixo.

—Ocorre que sou um homem, não um falcão — disse Ruck com aspereza.

—Vá então não posso te tentar com uma asa de frango.

—Não, minha senhora, não pode.

Melanthe suspirou. Sentou-se ante a janela enquanto seguia olhando-se no espelho com o cenho franzido.

—Por que não olha em seu próprio espelho — disse ele em tom muito mais amável— e vê o que retornaria?

Melanthe ficou rígida. Fechou os olhos com força e afastou um pouco a cara a um lado.

—E se eu não me visse nele? —disse.

—Como não foste ver-te?

—Pode se que seja uma bruxa, e que careça de reflexo.

—Na verdade que as vezes acredito que é bruxa, minha senhora.

—Por quê? —perguntou Melanthe e lhe lançou um rápido olhar. Seus olhos, cujo imperfeito azul se esfumava até tornar-se violeta, estavam cheios de vida e intranquilidade.

—Porque te amo quando em realidade desejaria te estrangular.

—Possivelmente seja bruxa. Ou pode ser que não seja ninguém. Pode ser que o diabo viesse e me levasse enquanto dormia. Uma vez sonhei que me levava e só deixava algo

feito à base de mentiras que se assemelhava a mim. —Voltou a segurar o espelho com força e, em voz baixa, disse— Ruck quererá olhar nele e ver se estou aí?

Ruck foi até ela, ajoelhou-se a seu lado e lhe tirou o espelho dentre seus débeis dedos. Era um espelho perfeito, do tamanho de sua mão aberta, que lançava luz de sua superfície transparente. No dorso, uma dama de marfim entregava seu coração a um vaidoso cavaleiro. Ruck lhe deu a volta e viu brevemente sua mandíbula e nariz nele, assim como os botões dourados de sua cota.

—Espera! —exclamou Melanthe enquanto Ruck seguia girando o espelho em direção a ela— Espera, ainda não estou preparada. —Fechou com força os olhos; tinha o rosto tenso, e o cabelo caía em cachos despenteados sobre as pálidas bochechas. Manteve presa a mão de Ruck durante um longo instante, e depois a soltou— Agora pode olhar — disse com um fio de voz— O que vê?

Ele nem sequer olhou ao espelho.

—Vejo um agudo engenho — disse— Vejo mais valor que o de nenhum homem que conheça. Vejo mutretas e brincadeiras tolas piores que as de um menino. Vejo uma deliciosa luxúria e um cabelo da cor de uma noite de inverno. Vejo um orgulhoso e altivo queixo, e uma boca feita para dizer nobres palavras e, na verdade, me beijar e me matar com um de seus sorrisos. Vejo sonhos e ardis. Vejo uma princesa, a uma empregada, a uma moça violenta e inculta. Vejo minha esposa. Vejo a você, Melanthe, e não preciso de espelho para ver tudo isso.

—Olhe no espelho!

Ruck lhe rodeou o punho fechado com uma mão.

—Amada, vejo o mesmo nele.

Melanthe respirou aliviada, sem abrir os olhos.

—É assim na verdade? Vê meu rosto aí? Não me engana?

—Temo por minha vida se alguma vez te mentir, minha senhora.

—Estou perdida então! Preciso que me diga a verdade. Preciso que me diga como tenho que ser. Tudo trocou, e desconheço quem sou.

—Então teremos que esperar e ver o que acontece. E se for alguém novo a cada manhã, Melanthe, bem sabe Deus que seguirá sendo minha soberana. Eu não permanecerei a seu lado em todo momento, mas sempre o estarei em espírito, e voltarei para ti de todo coração para ver que novo feitiço me aguarda.

Melanthe abriu a mão debaixo da de Ruck e se aferrou a ele.

—Rogo-lhe isso. Não lhe ordeno isso, mas sim lhe suplico isso. Não me deixe para ir à França. Ao menos não tão cedo. Não será meu cachorrinho mulherengo, mas... — umedeceu os lábios— O certo é que não sei nada de ovelhas. E diz meu senescal que tenho milhares delas. Pode ser que necessite de seus bons conselhos.

—Eu sei tudo sobre ovelhas, minha senhora. Inclusive as tosquiar. E algo sei da aveia e outros grãos, e de dar instruções aos capatazes. Dá-me bem dar ordens às guarnições, e inspecionar castelos e ameias para ver as reparações e ampliações que possam requerer.

Melanthe relaxou a sujeição da mão, mas manteve os olhos fechados.

—Tantas coisas? —disse— Seus méritos são na verdade supremos.

—Dei muitas voltas às diversas formas em que poderia te servir.

—E qual é meu papel, só te dar filhos?

—Penso cada vez que estamos juntos, para assim não cair no pecado.

—Já saiu o santarrão!

—Há estadias em Wolfscar que necessitam que as gradeiem. E sei bem o muito que gosta a minha amada empregada sacudir o pó a uma esteira.

—Empregada? —disse Melanthe com uma falsa nota de irritação.

Ruck lhe acariciou a mão com o polegar.

—Se sua alteza se aborrecer com seus ociosos sonhos, poderia encarregar-se daquilo que a mim não me dá bem, pois não domino o latim, nem sei tratar com advogados, nem me fazer cargo de todas essas negociações que as grandes propriedades sempre exigem.

Melanthe abriu os olhos e olhou pela janela.

—Quantos planos e projetos! Acredito que é um grande embusteiro e que em nenhum momento teve intenção de voltar a dedicar-se às armas na França.

—Se na verdade necessita de meus serviços — afirmou ele com grande dignidade— não voltarei ali a menos que nosso rei me ordene isso.

Melanthe pôs a mão sobre a dele para evitar que o espelho se movesse. Com o rosto afastado, olhou de esguelha e com medo para o cristal, que a seguir girou ligeiramente em direção a ela.

—Olhe-se, minha senhora — disse Ruck— e verá que não menti.

Ela terminou de girar de todo o espelho e se olhou fixamente nele. De repente levantou as sobrancelhas furiosa.

—Por deus! Se não sou formosa! —Deu um golpe ao espelho para pô-lo de barriga para baixo— Sabia que eram patranhas todas essas trovas e louvores a minha beleza. Como pode ser uma mulher rica tão vulgar?

Ruck lhe sorriu.

—Assim não é formosa? Então minha fortuna é ser cego.

—Frescuras! —exclamou ela ao tempo que esticava o braço e lhe puxava o ombro até lhe fazer perder o equilíbrio e cair sentado com um grunhido sobre o chão de pedra— Qualquer mulher te pareceria formosa depois de treze anos de castidade, santarrão.

Epílogo

Cara estava na estadia do piso de cima, sentada ante a lareira com os pés junto ao fogo e uma malha estendida sobre seu colo como melhor podia, já que sua gestação estava muito avançada. Com aquele tecido de seda e ouro tinha que fazer uma colcha para o berço de um menino; não para o seu, é obvio, mas sim se tratava de um presente de lorde Ruadrik a sua senhora para que o levasse quando fossem à igreja agradecer pelo nascimento de seu filho, junto com uma túnica escarlata debruada de arminho. Lorde Ruadrik tinha deixado os tecidos ali, em Savernake, quando tinha passado pelo

lugar justo antes do Natal, e tinha pedido a Cara que enviasse os objetos a Wolfscar um pouco antes da Semana Santa para que chegassem a tempo.

Depois de levar tanto tempo inclinada sobre o trabalho à jovem levantou a cabeça e respirou profundamente. Adulava-lhe ter sido escolhida para bordar aqueles obséquios. Lorde Ruadrik se deu conta de seu bom fazer com as vestimentas de lady Melanthe, e tinha levado os tecidos a ela. Conseguiu levantar-se da cadeira e se aproximou da fria janela para poder inspecionar os intrincados bordados a pouca e cinza luz que por ela entrava.

De repente olhou pela janela ao pátio coberto de neve, e o tecido caiu das mãos.

—Elena! —gritou.

Os movimentos pesados e lentos próprios de seu estado se esfumaram subitamente e, depois de atravessar a porta e baixar a escada a toda pressa, apareceu no pórtico, sem tão sequer deter-se para agarrar uma capa.

—Elena! —voltou a exclamar.

Sua irmã estava desmontando nesse momento; seus pequenos pés se afundaram na neve. Cara a abraçou e enterrou o rosto entre seus grossos objetos de lã enquanto ofegava pelo esforço que acabava de fazer.

—Vamos dentro — a repreendeu Guy.

Mas Cara mal o ouviu. Agarrou-se a Elena quando ele agarrou a sua irmã em braços, e correu ao lado de ambos quase como se estivesse dançando, apesar de seu volumoso ventre. Elena falava em italiano, o qual a Cara soava tão estranho como maravilhoso; não chegou a captar uma só palavra daquele rápido falatório infantil, mas lhe bastou escutando aquela voz aguda e alegre para saber que tudo ia bem, que Elena estava ilesa. Chorava com tanta força que só conseguiu ver a silhueta de Guy na entrada. Havia alguém mais com eles, uma mulher, talvez uma babá. Também havia gente no pátio e parecia reinar uma grande confusão, assim Guy saiu para ocupar-se deles. Quão único pôde fazer Cara foi abraçar muito forte a sua irmã.

—Que enorme está! —exclamou Elena enquanto a olhava com seus escuros olhos azuis, que finalmente Cara conseguiu ver— Tivemos uma grande aventura na neve. O

cavalo de dom Allegreto caiu em um buraco! Vamos viver aqui? Que frio faz! Diz dom Allegreto que me agradará quando me acostumar. Eu lhe atirei bolas de neve, mas disse que não lhe tinha feito mal. Quando nascerá a criatura? Serei sua tia?

Cara soltou à menina.

—Allegreto?

Guy entrou pela porta e sacudiu a neve das botas. Só o seguia outra proprietária, uma dama mais velha que cruzou a soleira com digno ar de ultrajada enquanto Guy lhe segurava a porta.

—Donna Elena, mantenha o decoro! —espetou à menina.

Elena se ergueu imediatamente entre os braços de Cara e fez uma pequena reverência.

—Diz dom Allegreto que, se quero me desposar com ele, tenho que aprender a ser uma dama, porque agora me comporto como um menino — disse a sua irmã, em tom de confidência.

Cara se endireitou enquanto pulsava o coração com violência.

—Está ele aqui? —perguntou em francês a Guy.

—Não — respondeu ele, ao tempo que negava com a cabeça —Este é todo o grupo, salvo pelo moço que enviei aos estábulos.

—Sim, dom Allegreto está aqui! Ele me trouxe até ti — disse Elena em um fluido francês.

—O pátio está vazio — anunciou Guy.

A menina se soltou de sua irmã e foi abrir a porta. Cara saiu atrás dela quando Elena pôs-se a correr pela neve sem levar posta a capa, chamando a gritos Allegreto. Ela não podia mover-se tão depressa, por isso a menina percorreu todo o pátio e saiu pela grade sem que ninguém pudesse detê-la. As duas proprietárias gritavam desesperadas a sua pupila, mas foram Guy e o moço os que conseguiram alcançá-la quando já tinha cruzado a ponte. Para então, a menina já se deteve, e olhava o caminho vazio. Levou as mãos à boca e chamou Allegreto. O nome ressonou pelos campos cobertos de neve. Dois cavalos que pastavam no prado mais próximo levantaram suas descabeladas cabeças.

—Há — disse Elena em voz baixa— Não se despediu de mim.

—Elena, vai morrer de frio aqui na neve — disse Cara, zangada— Guy terá que levá-la dentro.

—Vamos então pequena Donna — disse Guy levantando-a e colocando-a sobre os ombros— Quando a mamãe fala, temos que obedecer.

Elena não protestou, mas voltou à cabeça e seguiu contemplando o caminho até que tiveram cruzado a grade. Cara permaneceu ali e os viu entrar na casa. Continuando, voltou-se para observar o caminho e esperar.

Não apareceu ninguém.

Os sulcos que tinham deixado os carros eram como uma larga e magra sombra na neve, que se desvaneciam lá onde os pastos dos cavalos se fundiam com o bosque.

—Que Deus te benza — disse Cara com o rosto banhado de lágrimas— O sinto, e muito obrigado. Que Deus te benza.

A neve lhe gelava os pés. Permaneceu imóvel durante uns instantes rodeando o corpo com os braços até que o frio pareceu atravessá-la e chegar ao coração. Quando se deu conta de que estava tiritando, deu meia volta e abandonou o caminho a mercê da noite e o gelo.

Fim

* * *

Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Suzanne Parnell por seu livro *Fun with Middle English*. Os leitores devem saber que existe no mundo um manuscrito desta novela no que todos os diálogos aparecem transcritos em inglês medieval sem engano algum, nem ortográfico, nem gramatical, graças ao esforço de Suzanne e a seu amor pela linguagem, embora depois me permitiu aliviá-lo para o consumo moderno. Suzanne, lamento cada um dos *e, non, a queste, agoura, fize e meresce* que se perderam porque a língua atual me obriga a renunciar aos belos *lais*, apropria-se de minha mente e impõe sua própria melodia. Qualquer engano causado por ditas mudanças é unicamente minha responsabilidade.

Em segundo lugar, a Tercel» de Genie Pet-Net e a Dom Roeber do Texas por me introduzir na nobre arte da falcoaria. Através da estranha magia das conexões informáticas, Tercel soube transmitir seu amor pelas aves de caça e por essa antiga arte, além de grandes doses de paciência e de encanto, a alguém que, como em meu caso, era incapaz de distinguir um azor de um falcão. Dom respondeu com generosidade a minhas perguntas, emprestou-me livros e me deu a oportunidade de observar a um falcão autêntico em plena caça. E embora o tempo nessa ocasião não nos acompanhasse, acredito que a questão do barro resolvemos bem. Que a próxima temporada haja menos névoa e mais patos! Qualquer exagero e engano técnico nos que tenha podido incorrer ao criar meu «super falcão» é, uma vez mais, só minha responsabilidade.

Em terceiro lugar, a Mary Wilburn, da biblioteca Zula Bryant Wylie, por sua imensa paciência ao solicitar empréstimos inter bibliotecários em meu nome, e por ir além do que o dever exige e sacrificar parte de sua estadia em Londres para me ajudar.

Em quarto lugar, ao comandante Bill Ashmole e a sua esposa Joan, de Devon, por sua generosidade ao ficarem as minhas ordens e dedicar parte de suas férias a visitar abadias e priorados ingleses, e, como sempre, por fazer que meu pai e minha mãe desfrutem tanto. Sempre retornam a casa com o sorriso nos lábios.

Por último, mas não por isso menos importante, a eles dois, ao meu pai e a minha mãe. Depois de aventurar-se por rotundas e moles e estar a ponto de ser engolido pelo túnel de Liverpool, meu pai conseguiu dar com o priorado de Birkenhead, escondido entre as gruas de um dique seco, quando nem sequer os empregados do posto de gasolina da mesma rua sabiam onde se encontrava. Por uma dessas ironias do destino, ao peregrino normal segue custando localizar aquele pequeno priorado que se elevava no mais profundo dos bosques de Wirral faz uns quinhentos anos (segue-se utilizando como lugar de culto e foi reconvertido recentemente em um agradável centro cívico rodeado de árvores para a cidade de Birkenhead). Só alguém com o empenho de meu pai conseguem chegar até dito lugar. E bem que se alegrou o pároco de que o fizesse, já que, ao que parece, não recebem tantas visitas como seria de esperar, ali, em pleno mole de Birkenhead, onde ninguém consegue encontrá-los.

Além disso, meu agradecimento também aos participantes no jogo da guerra dos cem anos de Genie, que não só me deram a oportunidade de formar parte de um jogo de rol do mais engenhoso, situado no século XIV, mas sim também me ajudaram a conseguir um exemplar das Crônicas de Jean Froissart; a Oxford University Press por publicar o Oxford English Dictionary no CD-ROM; e a Travis, o único homem no universo, pelo que sei, capaz de instalar com êxito um leitor interno do CD-ROM Nec-84.

Finalmente, e por cima de tudo, a um poeta ou poetisa anônimo por Sir Gawain e o Cavaleiro Verde. A todos e cada um de vós, meus mais sinceros agradecimentos.

* * *

MEDIEVAL HEARTS

- 1. For My Ladys Heart (1993) / Pelo Amor de minha dama (2008)**
- 2. Shadowheart (2004)**



Grupo de Romances Históricos

Para entrar neste grupo, envie e-mail para moderacaogrh@yahoo.com.br